



*Uma aposta nunca foi
tão perfeita assim...*

a
aposta
perfeita

Autora best-seller de "A Grande Aposta"

HEAVEN RACE



a aposta perfeita

Uma aposta nunca foi tão perfeita assim...

1ª edição

A stylized, handwritten signature in black ink. The signature appears to be 'L. Ace' with a large, looping 'L' and a star-like flourish above the 'Ace' part.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Copyright © 2017 HEAVEN RACE

A Aposta Perfeita
Série Apostas — Volume 2

1ª Edição

FICHA TÉCNICA E EQUIPE EDITORIAL:

Imagens da capa: Pixabay **Ilustrador:** Heaven Race **Revisão:** Amanda Gomes **Revisão final:** Iohana Miranda **Diagramação Digital:** Heaven Race

Todos os direitos reservados à autora, desta forma é proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, tangíveis ou intangíveis, sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos que aqui serão descritos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Edição Digital | Criado no Brasil

Sumário

[Dedicatória](#)

[Sinopse](#)

[Playlist](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Por Mario](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Capítulo 56](#)

[Capítulo 57](#)

[Epílogo](#)

[Bônus](#)

[O próximo livro da série “Apostas”](#)

[Sinopse](#)

[Primeiro capítulo exclusivo](#)

[Contato](#)

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Para a minha família e, principalmente, para os meus leitores por todo amor do mundo e apoio incondicional.

Este é especialmente para vocês.

Muito obrigada,

A handwritten signature in black ink, featuring a large, stylized 'J' and the word 'Jace' written below it.

Sinopse

Depois de tudo aconteceu entre Pearl e Seth, Spencer e Simon brigaram. Não foi qualquer briga, afinal, brigar sempre foi uma especialidade presente entre os dois.

Ele a culpou por algo fora do controle da morena e ela aproveitou para jogar na cara do loiro o quão estúpido ele estava sendo ao fazer aquilo com ela, ou melhor dizendo, com eles.

Os dois se amavam, mas eram orgulhosos demais para admitirem.

Ele se foi há alguns anos e Spencer ficou.

Simon é um jogador de futebol americano famoso, assim como o seu cunhado e Sculler, um de seus melhores amigos.

Spencer parou no tempo e continuou trabalhando na pizzeria dos pais do seu primeiro e único amor.

Simon é aquele que sai estampado em revistas de fofocas rodeado por mulheres depois de jogos do seu time.

Spencer é aquela que vai se casar em seis meses e tem tantas responsabilidades e medos que não sabe como ainda é capaz de ficar de pé.

Quatro anos se passaram desde a última vez que eles se viram e para os dois ainda parece como se fosse ontem. A melhor coisa que Spencer pode fazer é esquecê-lo de uma vez por todas, mas agora que Simon acabou de voltar para Long Beach para tirar férias depois de uma intensa temporada de jogos, ele se certificará em tornar difícil a missão de sua *Cherry*.

Na sua cabeça, Spencer só precisa manter distância e usar um tom amigável, afinal, eles não são mais adolescentes.

Spencer é uma mulher feita e comprometida. Simon Alexander Wyatt não é mais nada para ela, se não apenas o irmão da sua melhor amiga.

A Aposto Perfeita vem contar uma história de amor e superação de um relacionamento frágil que tenta reconstruir-se e fortificar-se em meio tantas

PERIGOSAS

provações e grandes acontecimentos.

Às vezes você precisa perder para ganhar.

NACIONAIS-ACHERON

Playlist

Aqui vão algumas das músicas importantes tanto para a história de Simon e Spencer, quanto para o meu processo de escrita desse livro. Todas as músicas abaixo foram usadas por mim como inspiração e eu espero que gostem, porque eu tenho grande apreço por cada uma delas: *Jealous* — Labrinth *The Hills* — The Weeknd *Make Me (Cry)* — Noah Cyrus ft. Labrinth *IDFC* — Blackbear *I hate u, I love u* — Gnash ft. Olivia O'brien *Lost Stars* — Adam Levine *Even When It Hurts* — Hillsong *Rocket* — Beyoncé *All That Matters* — Justin Bieber *How To Save A Life* — The Fray *Friends* — Ed Sheeran *Secret Love Song* — Little Mix ft. Jason Derulo *Mercy* — Shawn Mendes *Adore You* — Miley Cyrus *The Heart Never Lies* — McFly *Into You* — James Arthur *Despacito* — Justin Bieber *All The Time* — Jeremih *Wherever You Will Go* — Charlene Soraia *Down* — Jason Walker *White Blood* — Oh Wonder *Safe Inside* — James Arthur *Company* — Justin Bieber *Broken* — Lifehouse *Heaven* — Bryan Adams *A Thousand Years* — Christina Perri *Awake* — Secondhand Serenade *Gravity* — John Mayer *Into Your Arms* — The Maine *Hold Me* — Tom Odell

Epígrafe

A vida pode ser intensa, difícil e cheia de buracos pelo caminho, mas nunca duvide do seu potencial. Deus nunca dará mais do que você pode carregar e ainda que você pense “esse buraco já está fundo demais”, não se surpreenda se as coisas afundarem um pouco mais. A descida é dolorosa e a subida pode ser tão sofrida quanto, mas a vista do topo é incrível e vale à pena todo esforço feito. Viva como se o seu último dia de vida fosse hoje mesmo. Espalhe amor, não ódio. Não desista mesmo se parecer impossível. Você pode. Você é capaz.



Capítulo 1

Simon Wyatt

“E lá vou eu, Long Beach...”

ELA VAI PARA CIMA E PARA BAIXO.

Seguro sua cintura, afundando os meus dedos sem qualquer piedade na carne branca e macia completamente exposta para mim. Nada melhor do que sexo depois de um jogo. Nada melhor do que sexo, ainda no vestiário, com uma fã que está pronta para satisfazer seu próprio desejo e o meu. É assim que eu levo a vida, afinal, qual seria o melhor jeito de levar a vida se não esse?

Ela sorri para mim, eu ignoro.

Ela enrola os dedos em meu cabelo, eu ignoro.

Ela diz que me ama, eu ignoro.

Ela vai para cima e para baixo. Novamente. A desconhecida que será lembrada apenas por esse momento e nada mais. Merda, isso é muito bom. Esse é o auge pelo qual eu tanto esperei. Eu, dono de mim, livre para fazer o que eu bem entender, porque eu tenho dinheiro para isso.

Deixo que ela se guie, enquanto pego um cigarro e acendo.

Nicotina às vezes faz bem. Quero dizer, sexo geralmente tem melhor efeito para me relaxar do que um cigarro, mas também depende com quem eu estou transando. Por exemplo, a garota que está em cima de mim nesse exato momento não chega nem perto do que eu tive no passado, por isso eu preciso de algo a mais para tirar toda tensão de dentro de mim.

Ela tem cheiro de cerveja e de goma de mascar, a mesma que eu costumo dar para o meu sobrinho escondido dos pais dele. Isso embrulha o meu estômago. Eu a empurro para longe, irritado com o seu cheiro.

Nenhuma delas cheira tão bem quanto aquela... aquela...

Foda-se ela!

NACIONAIS-ACHERON

Não vou deixá-la dominar os meus pensamentos outra vez.

— Simon... — a mulher geme, aproximando-se outra vez de mim.

Levanto-me do banco onde estou sentado e, assim que ela me toca, eu seguro as suas mãos e empurro o seu tronco para baixo. A mulher se segura no banco com força, enquanto volto ao trabalho.

Sexo é melhor quando eu não tenho que olhar para a cara de nenhuma delas. Sexo é melhor quando eu sou o único dominador e não o dominado. Sexo é melhor quando eu não tenho as mãos de ninguém em cima de mim, porque isso me lembra *dela* e de como *ela* costumava me tocar.

Seguro o quadril da mulher loira — que fala coisas que, para mim, não há sentido algum — com uma mão e com a outra pego meu cigarro.

Amor, paixão, compromisso?

Não.

Para mim, isso que está acontecendo entre nós é como um serviço, embora, até onde sei, eu não tenho que pagá-la. Mas, ainda assim, ela é uma puta como as outras que se atiram em cima de mim.

— Mais forte! — exige e eu vou mais devagar.

Quem diabos ela pensa que é para querer mandar em mim?

Escuto-a amaldiçoar baixo e fecho meus olhos, cadenciando os meus movimentos e surpreendendo-me com meu orgasmo. Eu não pensei mesmo que ela poderia me fazer gozar.

Paro e ela reclama mais.

Deixo-me cair no banco e a loira me encara incrédula.

— Você pode ir agora — sentencio calmo, assoprando a fumaça para fora da minha boca.

— Isso só pode ser uma brincadeira — ronrona, tentando não parecer tão irritada quanto realmente está. A mulher se aproxima e senta-se ao meu lado. — Vamos, Quarterback, eu precis...

— De dinheiro? — indago, entediado. — Você pode pedir para a minha namorada. Ela está na área VIP com minha irmã e deve estar vindo para cá nesse exato momento. Ela não tem problema com infidelidade, fique

tranquila.

Observo o rosto da mulher ficar dez tons de vermelho. Ela levanta-se e dá um tapa na minha bochecha esquerda, pegando suas roupas do chão em seguida. Jogo o meu cigarro para o lado e passo minhas mãos pelo meu rosto, enquanto a observo vestir as peças que tirou anteriormente e sair do vestiário pisando duro.

— Eu não prometi amor eterno para você, princesa — resmungo mais irritado que antes e vou atrás da minha própria roupa.

Ela foi a única que quis foder.

Eu estava saindo do meu banho quando a mulher apareceu. A culpa não é minha. Visto-me com pressa, bagunçando o meu cabelo com os dedos despreocupadamente. Jogo minha mochila sobre o ombro esquerdo e saco o meu celular do bolso do meu jeans escuro, checando as horas e observando o papel de parede.

Eu tenho que admitir: o estúpido do Seth até que tem bons genes, embora os genes da minha irmã sejam bem melhores. A foto que está no papel de parede do meu celular, é minha e do meu sobrinho, Christian. Ele é a criança mais bonita da face da Terra, eu não vou mentir. O cabelo loiro encaracolado como os da sua mãe e os olhos escuros como os do seu pai, são a mistura perfeita. Ele é absolutamente a melhor coisa que poderia ter acontecido em nossa família nos últimos anos e uma das poucas pessoas que conseguem colocar um sorriso no meu rosto com poucas ações.

Abro a porta do vestiário e, quando vou sair, sou empurrado para dentro por um cara e uma garota. Os dois estão praticamente se comendo na minha frente. Enfio o meu celular no bolso e os empurro para o lado, preparando-me para dizer a primeira coisa que passa na minha cabeça, mas, então, o cara me fita e separa-se da mulher imediatamente.

— Simon, eu estava procurando por você. — Ele puxa a câmera que está pendurada em seu ombro. — Preciso tirar uma foto sua, é o último que falta!

Rolo os meus olhos, tentando entender que porra está se passando na cabeça desse imbecil. Ele veio fotografar ou foder a loira que está em seu pescoço? Não espero e nem falo qualquer coisa, apenas continuo o meu

caminho para fora do vestiário e os deixo fazendo o que eles tinham começado. No instante em que entro no corredor, vejo Pearl com meu sobrinho Christian, ambos acompanhados por Kirsty, a minha namorada.

— Oi, amor! — Kirsty se aproxima de mim e me abraça. — Sua irmã estava me falando que você pretende ir para Long Beach nessas férias. Por que não me contou? — Sua expressão indagadora me irrita.

Eu não dou satisfação para namoradas, mas Kirsty ainda não entendeu isso. Tiro os seus braços do meu pescoço e caminho até Pearl, lhe lançando um olhar irritado, mas suavizo assim que percebo que Christian está me olhando.

— Ei, maracujá azedo — digo, pegando-o dos braços de uma Pearl grávida pela segunda vez.

— *Papa dizi que vai baté no xenhor se continuá me zamando de malacuzá ajedo!* — ele exclama, rindo e me abraçando com força.

Beijo seu cabelo loiro, virando para fitar Kirsty, que continua me encarando, agora com a cara fechada.

— Consegui um apartamento por lá e pensei que dessa vez seria bom passar um tempo perto dos meus pais — retruco, mentindo um pouco e ela cruza os braços. — Acho melhor cada um ir para o seu lado a partir de agora, Kirsty.

— Você não está me convidando e ainda... e ainda está acabando com o nosso relacionamento? — questiona, histericamente. Seu rosto muda de cor e ela está prestes a avançar em cima de mim. — Você é um f...

— Kirsty, ele apenas...

Pearl tenta intervir, mas eu seguro sua mão e a puxo de volta.

— É exatamente isso, Kirsty, agora se você nos der licença, estamos indo — sentencio.

Ela é mais rápida e dá um tapa certo em minha cara.

É o segundo em menos de dez minutos.

Christian esconde o rosto no meu pescoço e começa a rir.

— Simon! — Pearl exclama.

Eu acabo rindo também.

— Você está bem, maracujá azedo? — pergunto assim que ele me encara, com os olhos brilhando e um sorriso contagiante no rosto.

— *Titi Kiki* zangada! — grita, segurando o meu rosto e beijando repetidas vezes o lugar acertado.

— Deixa a tia Kiki, não precisaremos mais lidar com ela no nosso pé — replico.

Vejo Seth no final do corredor, caminhando em nossa direção. Pearl puxa a sua mão da minha e vai até o seu marido. Christian continua abraçando-me e eu bocejo, sentindo os meus ombros tensos e meu corpo cansado. Eu preciso de uma boa noite de sono antes de pegar um avião para sair daqui de New York e ir para Long Beach. Preciso também de presentes, afinal, eu sei que minha mãe adora presente, assim como o meu pai.

— *Titi*, posso dormir com o *xenhor hozi*? — Christian pergunta.

Inclino meu rosto e o encaro, sorrindo de lado.

— Quer dormir comigo porque vou te dar sorvete, não é mesmo? Se ficar com dor de barriga, eu vou levá-lo de volta para os seus pais...

Ele junta as mãos e me olha pedinte.

O garoto tem quase três anos e já é um chantagista de primeira.

— Tudo bem, maracujá azedo. — Ele ri e volta a me beijar.

— O que já falamos sobre esse apelido, Simon? — Seth indaga, abraçando minha irmã por trás.

— Como se eu ligasse para o que você diz — retruco, revirando os meus olhos.

Capítulo 2

Spencer Carter

“Parada no tempo...”

LIMPO MINHAS MÃOS NO AVENTAL AMARRADO AO REDOR DA MINHA CINTURA E OBSERVO DE LONGE O MEU PAI. Ele parece bem melhor do que na semana passada, onde ele mal conseguia ficar de pé. Meu celular começa a tocar e eu o puxo do bolso da minha calça jeans.

Tyler.

Atendo em um piscar de olhos.

— Oi, amor. Como está tudo aí em New York? — pergunto, encostando-me na parede e deslizando até o chão.

— Eu n-não... — A ligação falha. — Eu n-não posso f-fal...

— Ty?

— Linda, a li-ligação está horrív...

A linha fica muda.

Afasto o celular da minha orelha e noto que a chamada caiu.

Tyler provavelmente está em algum lugar ruim para a ligação ter caído. Suspiro, sentindo os meus pés doerem mais do que o normal.

Eu e Tyler nos conhecemos há quase cinco anos. Ele sempre foi um cara que esteve presente para mim quando precisei e vice-versa. Nós dois nos apoiamos depois de término de relacionamentos e acabamos por construir o nosso próprio relacionamento. Não, eu posso nem mesmo dizer que o que tive com aquele pirralho foi um relacionamento. Até hoje não entendo o que tivemos, além da atração que escorria entre nós dois.

O fato é que Tyler e eu vamos nos casar daqui a seis meses e alguns poucos dias. Eu acho que deveria estar mais animada com isso, afinal, é um grande passo entre nós dois e não há melhor pessoa do que ele para compartilhar essa nova fase da vida comigo.

NACIONAIS-ACHERON

Olho para o lado e solto mais um suspiro, completamente nostálgica.

Eu sinto muita falta de quando Pearl estava aqui e das nossas horas de trabalho juntas. Desde que a minha amiga se casou, ela se tornou mais ocupada que antes e eu completamente consigo entendê-la. Em poucos meses eu também estarei no barco dos casais “amarrados”. Entretanto, eu ainda tenho Jenna como parceira de crime, embora ela passe muito mais tempo em Los Angeles com Liam, do que aqui em Long Beach.

Eu sinto vergonha por ter sido a única de nós três que parou no tempo, mas devido as circunstâncias, era a minha vez de me sacrificar por alguém que sempre se sacrificou por mim.

Meu pai.

Desde que a minha mãe morreu, quando eu tinha apenas cinco anos de idade, meu pai foi aquele que me suportou, amou, cuidou e apoiou durante todos os momentos, assim como eu estive lá por ele desde sempre. Somos como unha e carne. Eu nunca pensaria duas vezes entre sacrificar o meu futuro ou ajudá-lo a se recuperar. É claro que ele sempre estaria acima de tudo.

O nosso grande problema é o câncer.

Nos últimos anos, ele veio lutando contra essa doença miserável que atingiu os seus pulmões e que uma vez levou a minha mãe. Nós descobrimos da sua doença uma semana após o aniversário fatídico de dezenove anos de Seth. Claro, os sintomas já estavam lá, mas pensamos que era apenas uma pneumonia, mesmo que o meu pai tivesse o costume de fumar quase que cotidianamente.

Bom, se eu fiquei com medo?

Não.

Eu praticamente pirei.

Não só eu, como ele, tínhamos feito planos para a minha faculdade dos sonhos: enfermagem. Lembro-me como se fosse ontem de estar sentada no seu colo, meu cabelo preso despretensiosamente e meu caderno nas mãos. Nós desenhávamos tabelas, traçávamos planos, fazíamos isso e aquilo. Tudo estava determinado até meu último dia na Universidade da Califórnia. E, então, essa doença perseguidora veio tentar me destruir pela segunda vez,

NACIONAIS-ACHERON

agora tentando tirar-me o meu pai.

Não.

“Foda-se a universidade”, foi a primeira coisa que eu pensei e a primeira coisa que fiz.

Joguei minha carta de aceitação no lixo e peguei todas as minhas reservas para ajudar o meu pai em seu tratamento e assim nós fizemos. Eu falei a ele que pediria ajuda aos pais de Pearl, afinal, somos seus empregados, mas ele negou e proibiu-me de fazer isso. A parte tranquilizadora era que tínhamos dinheiro para o seu tratamento. Todo dinheiro reservado para a minha faculdade havia sido muito bem gasto com o meu pai. Ele veio ao trabalho todos os dias. Não importava o quão ruim ele se sentia, não importava o quanto eu implorava para ele me deixar cuidar das coisas sozinha, não importava nada.

Ele é um guerreiro, um tanto teimoso, mas não deixa de ser um guerreiro.

O meu guerreiro.

Quando o tratamento acabou, por meses pensamos que ele estava bem. Dois anos já haviam se passado desde o casamento de Pearl e nós já tínhamos mais reserva para tentarmos novamente me colocar dentro da faculdade, mas foi em vão. O estúpido câncer voltou e estamos até hoje, quatro anos após o casamento da minha melhor amiga, nessa grande tormenta que não passa de jeito nenhum. Tyler é o único que sabe e que nos ajuda com a parte financeira. Às vezes fica difícil por conta de suas viagens, já que ele é um fotógrafo e viaja a América toda atrás de trabalho e mais trabalho. Eu o entendo. Ele está fazendo tudo que pode por nós e sabe que eu só funciono com meu pai ao meu lado, por isso Tyler me ajuda tanto.

Amor.

Eu, infelizmente, não diria que o amo, mas gosto muito dele. Não tenho os sintomas que uma pessoa apaixonada geralmente sente: coração acelerado, boca seca, mãos suadas. Eu senti isso uma vez e arrependo-me por ter sido com quem foi.

Eu e Simon éramos muito complicados para o nosso próprio bem. Nossa relação era aberta. Ele ficava com quem queria e o mesmo valia para

NACIONAIS-ACHERON

mim. Geralmente um dos dois acabava com ciúmes, mas era contra nossa lei de “quase-amigos-com-benefícios” admitir esse tipo de sentimento. Nós nem mesmo admitíamos alguma amizade entre nós, ciúme não poderia existir de maneira nenhuma. Ele não era meu e eu não era dele. Cada um fazia o que queria, mas no final do dia sempre estávamos juntos dentro da van da pizzeria.

De qualquer forma, o que aconteceu entre Pearl e Seth rompeu tudo que existia entre nós dois. Mesmo que eu quisesse explicar como sentime naquela noite, eu não conseguiria. O que aconteceu foi além da minha capacidade mental. Eu e Simon saímos trocando os pés da casa de Seth.

“Acerto o braço de Simon com um tapa e o empurro, tentando fazê-lo acordar e parar com o seu discurso idiota. Ele está esbravejando sem parar. Eu tento entendê-lo, mas tudo que ele consegue fazer é me culpar. Eu não tenho culpa!”

— Estava fora do meu controle, Simon! Eu não sabia que ele estava... que ele apostou a virgindade de Pearl! Você acha que se eu soubesse, eu a ajudaria naquele dia? Não é minha culpa! — exclamo, chutando meu salto para fora do meu pé.

Bruscamente, Simon joga o carro para o lado e para.

— Sai do carro — sentencia.

Eu o encaro, incrédula.

— Você está brincando comigo, certo?

Ele vira o rosto e me fita de volta. Inclinando-se contra o meu corpo, Simon abre a porta do carro sem desviar o olhar do meu.

— Eu disse para sair, eu não quero mais você dentro do meu carro. Tire a sua bunda estúpida daqui de dentro e dê o fora, porra!

Pela primeira vez desde de que perdi a minha mãe, lágrimas ameaçam escorregar por meu rosto, mas antes que isso aconteça, eu pego o meu salto e saio sem dizer uma palavra. Respiro fundo, conto até três e espero ele dizer para eu entrar outra vez, mas isso não acontece. O carro de Simon some com rapidez da rua escura e vazia onde ele me deixa.

Brigo comigo mesma durante todo o caminho que faço até a minha

casa. Não sei quanto tempo se passa, mas quando chego, meu corpo está esgotado e meu coração bate lentamente, como se soubesse que eu estou me sentindo uma merda. Entro em casa e observo meu pai, que dorme em sua poltrona velha e jogo-me no sofá logo ao seu lado.

Se Simon vier falar comigo amanhã, eu vou acertar um soco nas bolas dele.

Estúpido pirralho!”

O amanhã veio e nós não trocamos mais do que vinte palavras durante todo tempo que passamos em um mesmo ambiente. Às vezes ele jogava alguma piada, mas eu estava disposta a ignorá-lo e assim eu fiz. Ele não me pediu desculpas e eu não seria a pessoa que daria o primeiro passo para resolvermos a nossa situação.

Cada um foi para o seu lado.

Sabe, eu tenho certeza de que foi melhor assim.

Nossa relação não era tão boa quando tentávamos conversar. Eu acabava o insultando e ele me irritando. Depois disso, precisávamos apenas de uma superfície plana para nos entendermos — o que não durava muito. Depois que tínhamos uma dose de sexo, ele me irritava outra vez e eu o insultava mais ainda.

Era um ciclo vicioso e eu *realmente* quero dizer vicioso.

O bom é que ele está bem longe de mim e, mesmo se estivesse perto, eu não ligaria tanto.

Cresci e amadureci. Não sou mais a mesma garota que ficava em pé de guerra com aquele moleque mesquinho. Claro, eu manteria a distância, mas Simon não tem mais qualquer efeito sobre mim. Não nos vemos há um longo tempo e o que eu mais quero é que ele continue no seu canto e eu no meu.

Funcionamos muito bem separados e não juntos.

Capítulo 3

Simon Wyatt

“Lar doce lar...”

SEGURO MINHA MALA E A BOLSA DE CHRISTIAN QUE PEARL PREPAROU, ENQUANTO TENHO MEU SOBRINHO EM MEU OUTRO BRAÇO, DORMINDO CONTRA O MEU OMBRO. Encosto-me na parede do elevador, sentindo-me ainda mais cansado do que antes. Eu pensei que dormir antes da viagem faria bem, mas me enganei. Eu dormi antes, durante e agora quero dormir mais e mais.

Ser famoso cansa, ainda mais quando o seu trabalho é extremamente exaustivo, como ser um jogador de futebol americano. Tudo bem, eu amo o que eu faço, mas não posso negar que férias é a melhor parte, depois das vitórias em uma temporada.

O elevador para e uma mulher entra.

Ela é bonita. As pernas são longas e torneadas e eu diria que ela é uma modelo. Se não for, poderia ser. Ela fita meu sobrinho e depois me encara, sorrindo de lado.

Ouvi dizer que mulheres acham atraente um homem solteiro com uma criança. Eu não vejo o que as atraí nisso, mas se isso acontece, eu posso usar essa arma ao meu favor — só que não nesse momento. Tudo que eu mais quero é entrar no meu apartamento, colocar Christian em seu quarto e me jogar em qualquer canto.

É perceptível o quanto eu amo o meu sobrinho, mesmo ele sendo parte de Seth. Não que eu não goste do cara, mas eu nunca o perdoei pelo o que ele fez com a minha irmã. Nunca perdoei ninguém que contribuiu para que aquela estupidez acontecesse — *nem mesmo me perdoei*. Entretanto, eu poderia dizer que Christian é parte de mim. Ele pode ter quase três anos, mas o moleque é esperto pra caralho, sem brincadeira. Isso ele com certeza puxou ao seu pai idiota, só que eu não me importo.

Embora eu goste tanto do meu sobrinho e me dê bem com crianças, não

NACIONAIS-ACHERON

é como se eu estivesse louco para ter um filho. Isso é algo completamente fora de questão para mim, assim como casamento, relacionamento sério e toda essa coisa de gente “amarrada”. Eu sou uma prova viva de que não consigo parar quieto com apenas uma mulher. Uma mulher nunca será o suficiente para mim e eu não me vejo tendo filhos com ninguém. Eu o fiz uma vez, mas aconteceu o que aconteceu.

Quando comecei a namorar com Kirsty, eu a avisei que fidelidade era algo que nunca ofereceria para ela. Ela queria se promover com o meu nome e dar para mim, não neguei, mas sempre deixei as coisas bem claras entre nós dois. Afinal, o que eu faria quando ela estivesse longe, em algum evento? Esperaria ela terminar suas coisas para vir até mim? Claro que não. Quando Kirsty estava ocupada, eu simplesmente saía atrás de mulheres baratas e fáceis em algum bar de New York.

E essa vem sendo a minha vida desde que virei um astro do futebol americano. Tomo o devido cuidado para não me envolver em escândalos e de longe estou fazendo um bom trabalho.

— É seu? — a mulher pergunta, tirando-me dos meus pensamentos.

— É meu — afirmo, mas não digo o que ele é meu.

— Parece muito com você... — continua, sorrindo de lado.

Se Pearl souber de uma coisa dessas, ela até me mata. Não é novidade que a minha irmã reprova meu comportamento, mas usar seu filho como meu para conseguir mulher seria outro nível, com certeza.

O elevador para e a mulher sai, mas segura a porta.

— Eu moro no 502, qualquer coisa. — Pisca e sai rebolando o seu quadril, deixando-me com um sorriso ladino.

A porta fecha e o caminho até a cobertura é feito sem mais interrupções. Assim que entro no meu apartamento, levo Christian direto para o quarto que instruí para que preparassem para ele. O coloco em seu berço e cubro seu corpo pequeno, pegando um dos ursos da prateleira e colocando lá dentro para ele abraçar se assim desejar. Ligo o walk-talk na mesa branca próxima ao berço e levo o outro junto comigo para a sala, onde caio no sofá sem pensar duas vezes.



“MINHAS MÃOS DESCEM POR SUAS COSTAS, ENQUANTO DEDILHO A SUA ESPINHA ATÉ ALCANÇAR A CURVA DE SUA BUNDA. Aperto as nádegas cheias com força, escutando-a respirar pesadamente em meu ouvido. Spencer beija o meu pescoço e me abraça, juntando nossos corpos com a necessidade mútua que é presente entre nós dois.

Suas unhas afundam em minhas costas e eu mergulho os meus dedos mais ainda em sua carne.

— Eu odeio você — sussurra, fazendo-me sorrir de lado.

— Eu sei, Cherry — retruco e Spencer afunda mais ainda suas unhas em minha pele.

— Pare de me c-chamar disso! — exige entre dentes, enquanto rebola em cima de mim.

— Você prefere Pumpkin? — questiono, lambendo toda extensão de seu pescoço.

— Todos seus apelidos envolvem comida? — retruca, mais irritada que antes.

— Sim.

Spencer bufa, encostando a testa na minha.

O ar entre nós é pesado e estou praticamente respirando-a. É como se faísca saíssem com a junção de nossos corpos. Eu gosto. Gosto mais do que devia, mas seria impossível não gostar, quando Spencer é muito boa uma vez que não estamos brigando.

— Cherry — sussurra, batendo sua boca em cima da minha.

— Cherry, menina bonita.”

Sento-me no sofá suando frio, enquanto minha ereção me incomoda

mais do que pensei que incomodaria. Eu odeio sonhar com aquela garota, que agora obviamente deve ser uma mulher.

Na verdade, costumo dizer que ela é como um pesadelo.

Um pesadelo vivo, andante, pronto para me fazer de idiota outra vez.

Não posso negar que Spencer foi a única garota que me fez querer dar um passo a mais, se assim posso dizer. Contudo, nosso orgulho sempre foi maior do que qualquer atração que sentíamos.

Se ela era boa?

A melhor.

Se ela valia à pena?

Talvez sim, eu não sei dizer.

Spencer e eu sempre colocamos um milhão de empecilhos no nosso próprio caminho; ela mais do que eu.

Nosso relacionamento era aberto e eu odiava isso mais que tudo. Eu não gostava de dividir com outros homens o que eu queria para ser apenas meu.

Se ela se importava com isso?

Não sei dizer.

Falávamos sobre tudo, brigávamos sobre qualquer coisa, mas nunca paramos para pensar em mais do que apenas sexo.

Gosto de acreditar que o que eu sentia por ela era mais sobre querê-la como a minha garota fixa — *sem outros garotos no meio* —, do que sobre qualquer outro sentimento estranho. Mas, Spencer nunca aceitou isso: ser domada ou ser minha. Ela costumava dizer que se eu podia pegar quantas eu quisesse, pois assim ela também faria.

Sim, ela era um desafio para mim e eu nunca recusei qualquer desafio. Eu amava odiar Spencer e vice-versa. No final do dia, sempre estávamos juntos, até quando a merda explodiu entre Pearl e Seth.

Admito, eu estava cego de raiva, mas até hoje não me arrependi das escolhas que fiz. Foi um momento ruim não só para a minha irmã e seu, agora, marido, mas também para todos ao seu redor. Qualquer coisa existente

entre Spencer e eu, rompeu-se e acabou naquela noite.

Se eu errei em algum momento, foi quando eu estava no meu carro com ela. Eu deveria tê-la deixado em sua casa e não no meio da rua. Mesmo com raiva, eu voltei — se assim posso dizer. Lembro como se fosse ontem de socar o volante e virar a esquina, deixar o carro estacionado e esperar, atrás de uma árvore, Spencer virar a outra esquina. Eu a segui até vê-la entrar com segurança em sua casa. Depois disso, tive que fazer todo caminho até o meu carro outra vez.

Eu era um adolescente cabeça-quente.

Impulsivo, destemido, idiota, eu sei. Mas ainda não me arrependo de nada. Estou certo de que estou onde estou por causa das minhas escolhas, então eu não mudaria uma palavra sequer que eu disse nos últimos anos.

Meu celular começa a vibrar no bolso da minha calça e eu o puxo, observando o nome “mãe” piscar na tela. Passo minha mão pelo meu cabelo e bocejo, encostando-me no sofá antes de atendê-la.

— Oi, mãe — resmungo.

— Simon Alexander Wyatt, onde você e o meu neto estão que ainda não apareceram aqui? Sua irmã e Seth já estão aqui na pizzaria, filho! Só falta você e meu pequenino! Eu exijo a presença de vocês dois, agora.

— Será que você não poderia deixar isso para outra hora, mãe? Christian está dormindo e você acabou de me acordar — minto na última parte, já que fui acordado pelas lembranças do passado em forma de pesadelo. — Amanhã nós aparecemos aí e levamos os seus presentes.

— Eu não vou falar outra vez, Simon. Eu o quero aqui e quero agora — sentencio e desligo a chamada sem mais, nem menos.

Porra, mãe...

Jogo o meu celular para o lado e vou até o banheiro tomar um banho e relaxar antes de ir acordar Christian para aprontá-lo para irmos à pizzaria, caso contrário, minha mãe vai vir me buscar e me levar até lá debaixo de tapas — e beijos.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 4

Spencer Carter

“Peek-a-boo!”

AMARRO O MEU CABELO COM FORÇA E VOU ATRÁS DE ACHAR A MINHA CALÇA JEANS, QUE DEVE ESTAR EM ALGUM LUGAR DO MEU QUARTO BAGUNÇADO. A verdade é que nunca fui uma pessoa organizada. Eu admiro quem consegue ter todas as suas coisas no lugar e saber exatamente onde estão, mas eu não chego nem perto desse grau de organização. O máximo que eu faço é deixar o chão livre, mas, fora isso, há roupas e mais roupas por todo lado, além das muitas contas e dívidas que começam a tomar espaço em minha mesa de cabeceira.

Acho o meu jeans debaixo de uma caixa de pizza vazia, que estava em cima de uma das minhas cadeiras reclináveis e puxo a peça fugitiva, vestindo-me rapidamente.

Hoje mais cedo eu recebi uma mensagem de Pearl avisando que estaria de volta com Seth e o pequeno Christian. Mal posso esperar para vê-los, principalmente o pequeno, já que a última vez em que o vi ele tinha acabado de completar dois anos de idade e agora, já na próxima semana, ele estará completando três anos.

O menino parece um anjo. Tenho a foto dele — uma que Pearl enviou-me há algumas semanas — salva no meu celular como papel de parede. De fato, Christian é uma criança apaixonável, ainda mais por seus cachinhos loiros e olhos pretos intensos.

Para ser sincera, também estou muito ansiosa para rever a minha anjinho.

Sinto muito a falta de Pearl e, como meu pai não vai poder ir à pizzaria hoje, pois ele não está se sentindo bem, eu pelo menos terei a companhia da minha melhor amiga. Espero poder passar algum tempo com ela essa noite, mesmo que ela não possa trabalhar tanto, já que está grávida outra vez, notícia que a Sra. Wyatt me deu há algumas semanas e que eu custei a

NACIONAIS-ACHERON

acreditar.

Aliso a minha roupa e calço meu tênis, enquanto me encaro no espelho e sigo para fora do quarto. Vou diretamente à cozinha, onde encontro meu pai sentado em frente à mesa, segurando uma caneca de café e agasalhado com um casaco que comprei para ele na semana retrasada em um brechó muito barato de roupas usadas.

— Eu estou indo, pai. Vou trazer nosso jantar, então, por favor, me espere — digo, aproximando-me e beijando sua bochecha. — Precisa de alguma coisa? — indago.

— Não, querida. Estou bem — afirma, segurando minha mão e apertando. — Bom trabalho, amanhã eu estarei lá. Sabe que não vou hoje porque o tratamento está ficando mais pesado e eu...

— Por mim o senhor não iria mais, pai. Você tem que descansar e não trabalhar, entende? Eu estou dando e vou dar conta das coisas para nós dois. — Aperto sua mão de volta. — Agora eu realmente tenho que ir — murmuro, despedindo-me uma última vez dele.

Saio de casa e enfio o meu celular no bolso da minha calça, correndo até o ponto de ônibus, onde observo — mesmo de longe — que o coletivo está se aproximando. Felizmente, consigo chegar a tempo e entrar, seguindo finalmente para a pizzaria. É um pouco antes das três da tarde, mas quanto mais cedo eu chegar, mais cedo eu me livrarei do trabalho e poderei sair para entregar pizzas na van.

Amanhã vou começar a procurar por mais um trabalho, algo que eu possa fazer no horário da manhã para complementar meu dinheiro e do meu pai. Precisamos de mais dinheiro e eu não quero ter que ligar para Tyler apenas para pedir-lhe mais disso, mesmo que ele nunca tenha negado nada para mim.

Depois de longos quarenta minutos, chego à pizzaria. Entro pela porta dos fundos, tentando passar despercebida pela Sra. Wyatt, mas eu não obtenho sucesso.

— Chegou cedo, Spencer — ela comenta e eu paro, colocando um sorriso amarelo nos lábios e virando-me para encará-la.

— Meu pai teve que ficar em casa para resolver alguns problemas que

NACIONAIS-ACHERON

tivemos de última hora, por isso vim mais cedo para dar conta da minha parte e da dele — explico, enquanto tento fugir de seu olhar avaliativo.

— De novo? Mario está bem? É a segunda vez apenas nesse mês, Spencer...

— Sim, novamente e ele está mais do que bem. Garanto-lhe que foram alguns problemas em casa, nada mais que isso, Sra. Wyatt — afirmo, tentando soar convicta e acho que consigo me sair bem.

— Certo, se você diz... Elijah já chegou — avisa. — Depois eu vou para lá, preciso apenas falar com Pearl antes disso. Ela disse que vai me ligar e eu estou esperando a ligação...

— Tudo bem, Sra. Wyatt. Eu vou indo — comento e ela apenas assente.

Faço o meu caminho até a cozinha e cumprimento Elijah com um aceno e ele acena de volta com o pote de molho de tomate que está em sua mão. Caminho até a pia e faço a limpeza minuciosa das minhas mãos e, logo após, amarro um avental em minha cintura.

Paro em frente ao meu balcão e tomo uma respiração profunda antes de colocar a mão na massa.

Literalmente.



SINTO MÃOS ATRAPALHAREM A MINHA VISÃO E SOLTO UM SORRISO INSTANTANEAMENTE. Há horas eu estou dentro da cozinha com Elijah, trabalhando sem parar para conseguir fazer todas as pizzas a tempo. Mas, agora, eu sei quem está aqui: Pearl.

— Anjinho! — exclamo e escuto sua risada baixa atrás de mim.

Pearl tira as mãos dos meus olhos e eu viro-me imediatamente para ela. Assim que nos encaramos, ela me abraça com força e eu tenho que conter

NACIONAIS-ACHERON

minha vontade de fazer o mesmo, uma vez que minhas mãos estão sujas de tanta pizza que já fiz hoje.

— Spencer! — retruca, beijando minha bochecha e finalmente separando-se de mim. — Senti tanta falta de você, amiga — comenta, com os olhos marejados.

Sinto o meu coração se aquecer e sorrio abertamente, observando-a de cima a baixo e fitando sua barriga levemente grande.

— Quando ia me contar que estava grávida de novo? — indago, incrédula. — É uma menina ou um menino?

— Eu estava esperando para fazer isso pessoalmente. É um menino, amiga, mais um para a coleção de Seth. Ele estava aterrorizado com a ideia de termos uma menina, você sabe...

Rolo os meus olhos, mas acabo rindo.

— Falando em menino, onde está Christian? Vocês andaram fugindo de mim, meu Deus! — reclamo, indo lavar as minhas mãos. — Faz quase um ano que não o vejo, tenho quase certeza que ele já se esqueceu de quem eu sou...

— Ele não esqueceu, amiga — Pearl diz, entre risos.

Enxugo minhas mãos e volto a encará-la. Pearl sorri abertamente e me puxa todo caminho até a porta da cozinha. Grito para Elijah, avisando que eu não demorarei a voltar e saio com Pearl, que continua me puxando por todo percurso.

Assim que entramos no salão principal da pizzaria, observo de longe Seth e Christian juntos. O menino está com um celular na mão e eu posso dizer que o aparelho é de Seth, que está olhando para o que o filho está fazendo. Eu não posso negar, essa imagem faz o meu coração aquecer. Seth realmente mudou por Pearl e é tão bonito vê-lo com seu filho, só que não é mais bonito do que ver os três juntos, como agora.

Eu paro em frente à mesa e Pearl chama a atenção do seu marido e do seu filho. Sorrio para Seth e abro meu sorriso ainda mais quando Christian me fita de volta. Seus olhos pretos brilham e ele estende os braços para mim, soltando o celular na mesa sem se importar com nada.

— *Titi Pence!* — exclama, fazendo-me gargalhar com Pearl.

Pego Christian em meus braços e começo a enchê-lo de beijos por suas bochechas vermelhas. Ele sorri, abraçando meu pescoço com força e tentando me beijar de volta.

— Gordinho! Quanta saudade de você, meu segundo anjinho — digo, abaixando-me até o chão e colocando-o de pé, mas ele parece não querer me soltar.

— *Titi Pence*, eu não sou mais *godinho!* — reclama e eu escuto Seth rir com Pearl.

— Quem disse isso para você? — brinco, beijando a ponta do seu nariz e ele ri, colocando as mãos pequenas em minhas bochechas.

— Peek-a-boo, peek-a-boo! — pede e eu gargalho.

— Você está pronto? — questiono e ele ri, assentindo ansiosamente.

Coloco as mãos em frente ao meu rosto e começo a brincar com Christian de peek-a-boo. Ele me incentiva a cada rodada e, na quinta vez, eu o escuto mais histérico que antes.

— Peek-a-... — Assim que tiro as minhas mãos do meu rosto, sou eu quem me assusto e acabo caindo sentada no chão.

— *Boo* — murmura simplesmente, com um sorriso ladino nos lábios.

O que ele está fazendo aqui?

Capítulo 5

Simon Wyatt

“Noivo?!”

EU A OBSERVEI DO MOMENTO EM QUE ELA SAIU DA COZINHA E CRUZOU O SALÃO ATÉ CHEGAR AO MEU SOBRINHO. Eu realmente não queria me aproximar. Eu queria apenas ficar de longe, mas foi impossível ficar afastado dela, apesar de todo julgamento e raiva que ainda nubla minha cabeça.

Minha mãe não me disse que Spencer ainda continuava na pizzaria, tampouco Pearl. Eu pensei que a garota tinha ido para faculdade. Tudo bem, no casamento de Pearl, Spencer ainda não estava na faculdade, mas não pensei que isso seguiria até o momento presente. É como se eu tivesse voltado no tempo. Spencer parece exatamente igual como há sete anos, quando costumávamos sair juntos para entregar pizzas, dentre outras coisas.

Os olhos esverdeados dela estão arregalados e eu posso perceber a sombra escura logo abaixo deles, marcando as olheiras e denunciando a falta de sono dela. O seu cabelo castanho e longo está amarrado, enquanto os seus lábios avermelhados estão entreabertos, demonstrando sua surpresa em me ver.

Ela estupidamente parece bonita e odeio-me por admitir isso.

— Parece que voltei no tempo, Cristo! Você está exatamente como sete anos atrás — deixo escapar, ainda com meu sorriso de lado.

Spencer engole a seco, fechando a boca e se recompondo rapidamente. Ela sempre foi boa com essa coisa de esconder sentimentos. Eu sempre fui o mais explosivo entre nós dois, mas, quando ela perde a cabeça, a coisa realmente fica assustadora.

Pelo menos era assim...

— S-Simon — gagueja, levantando em um pulo.

Endireito-me e cruzo meus braços em frente ao meu corpo.

NACIONAIS-ACHERON

Os olhos de Spencer me avaliam e eu tenho que sorrir mais ainda. Por mais que eu ainda esteja com raiva, é bom ser observado pela digníssima Spencer Carter.

— Gaguejando? Eu lembro de você mais confiante. O que foi? O tempo te passou a perna? — questiono, tão provocador quanto antes.

Seu olhar escurece e ela respira profundamente.

Eu comecei a irritá-la.

— Você parece bem... — diz, sorrindo e dando alguns tapas em meus braços. — Comparado a um pedaço de merda, você realmente parece ótimo, pirralho — cospe.

— E você parece melhor ainda, Cherry. Comparada a uma idosa pelancuda, você realmente parece ótima! — retruco, sacudindo-a pelos seus ombros, que parecem mais magros que antes.

Posso estar ficando louco, mas lembro de cada pedaço de Spencer e sei que ela está mais magra, muito mais magra. Pensei que a tendência das mulheres que não fazem exercício físico, fosse engordar. Desde sempre ela odiou fazer qualquer tipo de atividade física, então nada mais justo do que ela estar mais forte, certo?

Certo, mas não foi isso que aconteceu.

Posso sentir os ossos salientes de seus ombros cutucarem as palmas das minhas mãos e isso me incomoda.

Sem perder tempo, Spencer se afasta de mim e quase tropeça em Christian, que abraça as pernas de Seth com força.

— Eu vou voltar ao trabalho — Spencer dispara e, antes que Pearl possa abrir a boca, ela sai andando apressada até a cozinha novamente.

— Você poderia ter sido mais gentil com ela, Simon — minha irmã reclama, com a expressão fechada. Ela se aproxima do filho e beija os cabelos dele, puxando-o para cima e colocando-o no colo do pai. — Eu vou ficar um pouco com Spencer e depois volto, amor — avisa e, antes que eu tenha ânsia de vômito, viro o rosto para o lado para não a ver beijar Seth.

Cruzo os meus braços e, no momento em que Pearl está passando por mim, eu entro na sua frente.

— Por que não me disse que ela ainda estava aqui? — questiono.

— Eu pensei que soubesse, Simon. Não venha tentar colocar culpa em mim e ficar com raiva, assim como você fez com Spencer. Supere, mas não supere somente isso, supere todo o passado que eu sei que você continua a culpando. O que aconteceu entre Seth e eu, aconteceu, fim. Foi entre *eu* e *ele*. Nada foi culpa de Spencer. Essa é uma raiva sem sentido algum. — Pearl me empurra para o lado e sai andando.

Bufo.

— *Titi*, vem cá! — Christian me chama.

— Depois, Christian. Depois.

Saio da pizzaria, ignorando o chamado da minha mãe e vou até o meu carro. Entro e soco o volante com força, antes de ligar o carro e dar a volta no estabelecimento, parando ao lado da van da pizzaria. Saio, puxando meu maço de cigarro e isqueiro.

Encosto-me no capô do carro, fumando, enquanto encaro a porta dos fundos da pizzaria. Eu sei que ela vai sair por aqui e eu ainda quero vê-la, ou irritá-la, ou questioná-la. Quero fazer qualquer coisa que seja. Ansiedade percorre meu corpo e eu não gosto dessa sensação. Há muito tempo eu não me sinto ansioso. A última vez que me senti assim, foi no meu jogo de estreia pelo meu time de futebol. Depois disso, nada mais me deixou ansioso até esse momento.

Puxo o segundo cigarro e a porta dos fundos da pizzaria abre do nada, com força e dela sai Spencer. Ela está com o celular grudado à sua orelha e não me notou ainda, uma vez que está andando frenética de um lado para o outro.

— Oi, amor... Não... Eu não estou ouvindo você direito, Tyler — ela começa e eu estreito o olhar em sua direção, tragando com força. — Agora sim, pode falar... — Um minuto em silêncio se passa até Spencer se encostar na parede lateral e deslizar até o chão, levando uma das mãos até sua cabeça. — Tudo bem — sussurra. — Boa viagem, espero que tudo dê certo para você no Hawaii. — Solto a fumaça, atento a tudo que ela diz. — Amo você também, tchau — finaliza.

Ama?

NACIONAIS-ACHERON

Quem é o filho da puta que ela ama?

— Parece que alguém tomou um bolo do namorado — me pronuncio, deixando-a saber que eu estou aqui.

Spencer vira o rosto finalmente e me nota, pulando para cima rapidamente. Ela enfia o celular no bolso da sua calça e se aproxima, descendo os degraus e caminhando de um lado para o outro sem deixar de me fitar.

— Você sabia que cigarros podem matar? — questiona e eu reviro os olhos. — Sabia que eles podem causar câncer e te deixar extremamente doente?

— Cherry, eu me lembro de você menos certinha. O que aconteceu? — retruco, tentando soar o mais divertido possível, mas eu não estou nada divertido depois que eu a ouvi falando com um tal Tyler-filho-da-puta no celular.

— Responsabilidade, algo que você provavelmente não conhece, já que imprudentemente fica fumando para acabar doente algum dia com seus pulmões morrendo e te matando por dentro — diz, mais irritada que antes, puxando meu cigarro e jogando-o no chão para pisar em seguida.

Eu a observo, tentando entender o que há de errado com Spencer.

Que porra está acontecendo com ela?

— Seu namorado não fuma? Qual o seu problema? — pergunto, segurando seu pulso e puxando-a em minha direção.

Spencer coloca sua mão livre no meu peitoral, estabelecendo distância entre nós dois.

— Isso não interessa para você. Eu estou te fazendo um favor e acho que deveria me agradecer — diz, tentando me empurrar.

— Te agradecer? Eu deveria obrigá-la a comprar a merda de um cigarro novo para mim. — Bufo.

Solto o seu braço e ela se afasta, passando as mãos por seu cabelo, enquanto concentro-me em não me irritar com ela mais do que já estou irritado.

— Tudo bem, eu sinto muito. Apenas perdi a cabeça e joguei essa...
NACIONAIS-ACHERON

joguei o seu cigarro fora. Me desculpe, se quiser eu compro outro, é você quem vai morrer mesmo — finaliza, em um tom mais baixo.

— Quem é Tyler? — pergunto, sem entender o que está se passando na minha cabeça e trocando de assunto abruptamente.

Spencer me encara e respira fundo, colocando as mãos de cada lado da cintura.

— Você não se lembra dele do casamento de Pearl? Ele me acompanhou, era meu namorado.

— Eu nem sequer me lembro de te olhar nesse casamento — minto.

Lembro-me muito bem do vestido que ela usou, do penteado em seu cabelo e de que ela estava junto de outro cara, mas não prestei atenção no idiota, apenas em Spencer.

— Se tivesse me olhado ou olhado para ele, saberia quem ele é nesse momento — replica, parecendo não acreditar no que eu disse.

— E vocês ainda namoram? — continuo e nem sei o porquê.

Spencer sorri e abaixa a cabeça, olhando para o seu tênis sujo e negando.

“Menos mal”, penso.

— Ele é meu noivo — sentencia.

Ela disse o quê?

Capítulo 6

Spencer Carter

“Muito, muito estúpido...”

SIMON PARECE NÃO ACREDITAR NO QUE EU ACABEI DE DIZER. Seu rosto está devidamente coberto por uma expressão incrédula e isso me faz querer sorrir, mas é impossível sorrir depois que falei com Tyler.

Meu noivo me disse que teria outra viagem e que ficaria dois meses fora, além de não poder mandar qualquer dinheiro para me ajudar com as contas. Falando assim, parece que eu só penso no dinheiro dele, mas o fato é que eu estou quase que afundando em dívidas. É dinheiro para isso, para aquilo. Eu não faço qualquer ideia de como vou me virar, mas preciso achar uma saída o mais rápido possível.

— Você está falando sério? — pergunta, desconfiado. — Deus, esse cara é estúpido mesmo... Mas, uau, você vai se casar. — Reviro os meus olhos.

— Estúpido? — questiono.

— Sim, claro. Quem diabos iria querer se casar com você? Só um estúpido. — Semicerro os olhos, respirando profundamente.

— O único estúpido que eu conheço está parado na minha frente — afirmo, empurrando-o para trás com toda força que eu tenho. — Ainda bem que vou me casar com alguém como Tyler, já imaginou se nós — dou uma risada sarcástica e alta —, se nós dois ainda estivéssemos juntos e fôssemos nos casar? — Simon me puxa mais uma vez para perto, fora de si.

— Eu com certeza daria tudo que você precisa. Tenho certeza que o seu noivo não tem nem mesmo onde cair morto — enuncia entre dentes.

— Você está completamente errado. Você nunca conseguiria me dar amor ou carinho, Simon. Eu vivi isso e você é incapaz de fazer algo desse tipo por alguém. Engula toda essa sua arrogância, porque ela não funciona comigo. — Puxo meu braço de seu domínio novamente. — E, se você ousar

me tocar outra vez como acabou de fazer, eu vou fazer suco das suas bolas e te dar para beber como refresco.

Sem dar-lhe chance de falar qualquer coisa, viro de costas e começo meu caminho de volta para dentro da pizzeria. Escuto o som de algo cair no chão e viro meu rosto apenas para ver um maço de cigarro ali. Tenho certeza que é de Simon, mas não me importo com isso. Assim que bato a porta, escuto Simon fazer o mesmo com a porta do seu carro.

Entro na cozinha, observando Pearl sorrir com Christian e Seth. Os dois provavelmente entraram quando eu saí para atender a ligação de Tyler. Lavo as minhas mãos, ainda fitando os três.

— Tudo bem? — Pearl pergunta ainda sorrindo assim que eu me posiciono novamente ao seu lado no balcão que estamos dividindo.

— Sim, estou ótima — afirmo, forçando um sorriso e engolindo o bolo que estava se formando em minha garganta.

— Você sabe, eu e Seth estávamos conversando e nós estaremos um pouco ocupados durante os nossos horários matutinos com Cassie e Sculler devido a administração e reuniões dos hotéis. Será que você não poderia cuidar de Christian para nós? — pergunta, balançando as sobrancelhas para cima e para baixo.

— Mas e o *Titi* Simon? — Christian pergunta, enfiando um pedaço de queijo de uma só vez na boca de Seth, que quase se engasga.

— Eu... Bom, eu, na verdade, estava indo em busca de outro emprego nesse horário. Não sei se vai dar muito certo e tem o Simon, certo? Ele não pode ficar com o Chris? — indago.

— Perfeito! Você vai ser a babá por meio período do Chris, amiga! Abortar plano, você acabou de achar um emprego — Pearl exclama, pulando animada e Christian imita a mãe mesmo nos braços de Seth, que recebe outro pedaço de queijo bruscamente.

— Você tem certeza? — pergunto, dando-me lentamente por vencida.

— Toda certeza do mundo — afirma, parando de pular. — Você pode começar que dia?

— Qualquer dia, apenas preciso avisar meu pai sobre isso — comento.

— Oh, certo. Falando nisso, onde ele está? Mario nunca foi de faltar no trabalho... — Ela arqueia uma sobrancelha. — Está tudo bem com vocês? — Cruza os braços e eu viro para frente, colocando minhas mãos na bancada e respirando fundo.

— Sim, ele está bem. Nós estamos bem — falo, tentando soar confiante.

— Vocês duas são terríveis mentirosas — Seth finalmente resmunga, fazendo Christian rir.

— Está insinuando que eu estou mentindo? — pergunto, virando meu rosto para lhe lançar um olhar aguçado.

— Algo tipo isso — ele retruca, despreocupado.

— Se algo estiver errado, eu quero saber sobre isso, Spencer — Pearl avisa e eu a encaro.

— Eu *tombém!* — Christian exclama e eu sorrio.

— Está tudo bem, eu falo sério.

Escuto Seth assobiar e os rolo meus olhos, irritada.

— *Amor...* — Pearl sussurra.

— O que eu estou fazendo? — defende-se. — Quer saber? Vou voltar para o salão, você que se entenda com a sua amiga ment... — Tosse. — *Mentirosa* — completa.

Pego um pedaço de queijo e arremesso na direção de Seth, que pega a comida antes de acertá-lo. Christian gargalha e puxa o queijo da mão de seu pai idiota, enfiando-o na boca.

— Posso ser um Quarterback, mas sou bom como recebedor também, querida — provoca, antes de beijar Pearl, que balança sua cabeça em negação. — Vou falar com seu pai e te espero lá fora — diz por fim.

Seth sai da cozinha com Christian e Pearl continua ao meu lado.

Recomeço meu trabalho e ela faz o mesmo, continuando a montar uma pizza de frango.

— Ele reconhece um mentiroso de longe — Pearl cantarola.

— Você está me chamando de mentirosa também? — indago.

— Longe de mim, mas acho que talvez você esteja escondendo alguma coisa. Eu só quero ajudar, Spencer, somos amigas. Vou apoiá-la em qualquer coisa que esteja se passando com você, sabe disso, certo? Não importa o quê. — Segura a minha mão e eu aceno positivamente. — Então vou esperar você me contar quando quiser.

— Podemos falar sobre meu casamento agora? — escapo do assunto e Pearl ri.

— Céus, sim! Não acredito que vai se casar e que não é com o Simo... — Eu a encaro, cerrando os olhos e ela tapa a boca. — Oops... Desculpa, eu falei sem pensar. — Suas bochechas adquirem um tom avermelhado. — Qual é mesmo o nome do seu noivo? — pergunta.

— Tyler...

— Ele esteve no meu casamento, certo? — questiona e eu concordo. — Quero reencontrar-me com ele, você sabe, para avaliar e tudo mais... — joga e eu dou uma risada.

— Avaliar, Pearl?

— Sim, claro! Assim como você avaliou Seth quando ele veio até a pizzaria, lembra-se? Talvez eu peça a ajuda de Seth para isso também... — diz e eu reviro os olhos, ainda rindo.

— Eu tinha um motivo para avaliar o Seth. Ele era um completo idiota e dava todos os indícios de não querer nada sério com ninguém... Você acha que eu deixaria ele se envolver com o meu anjinho se não tivesse a intenção de namorá-la? Não mesmo! — defendo-me e agora é a sua vez de rir.

— Você tem um ponto bom e o meu é exatamente igual. Eu preciso saber se esse Tyler é bom o suficiente para você, caso contrário, teremos que repensar o seu casamento — diz calma, enquanto balança os ombros.

— Quando ele estiver na cidade, a primeira coisa que vou fazer é apresentá-lo para você — aviso e ela concorda, satisfeita. — Agora vamos terminar essas pizzas, eu ainda tenho uma lista de entregas a fazer — sentencio.

— Eu vou te ajudar com isso — afirma e eu sorrio, agradecendo-a silenciosamente.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 7

Simon Wyatt

“A babá...”

ACORDO COM A PORCARIA DA CAMPAINHA TOCANDO SEM PARAR, FAZENDO-ME AMALDIÇOAR TODO SER HUMANO QUE VIVE NESSA MERDA DE MUNDO POR CAUSA DA ÚNICA PESSOA QUE ESTÁ TOCANDO A CAMPAINHA DO MEU APARTAMENTO INCESSANTEMENTE. Puxo minha camiseta e visto-me com ela rapidamente, levantando-me da cama e fazendo o meu caminho pelo apartamento até chegar à porta. Quando isso acontece, a campainha para de tocar e eu escuto sussurros do outro lado da porta. Coço meus olhos e passo as minhas mãos pelo meu cabelo, amarrando-o com o elástico que consegui ontem com Pearl.

— *Titi* Simon! — Christian grita e eu bufo, abrindo a porta e dando de cara com ele e Spencer.

Meu sobrinho está nos braços da mulher que me assombra quase todas as noites. Ela está usando um vestido azul, que vai até metade de suas pernas e uma sandália simples. Seu cabelo está amarrado firmemente no topo de sua cabeça, enquanto ela tem uma bolsa de alça fina pendurada em seu ombro magro.

— O que está acontecendo aqui? — murmuro irritado e puxo Christian de Spencer.

— *Titi Pence* e eu viemos pegar as minhas *cosas*! — ele exclama e vou até o sofá, jogando-me ali em cima e Christian ri. — *Titi*, pega minhas *cosas*! — continua gritando e eu bufo.

Olho em volta do meu apartamento e constato que Spencer ainda está do lado de fora do mesmo, nos encarando como se não tivesse mais nada para fazer.

— Você vai ficar o dia todo aí? — pergunto a ela, mas não obtenho uma resposta. — Vai pegar a tia Spencer e a conduza até aqui — murmuro

NACIONAIS-ACHERON

para Christian, que acena positivamente.

Ele pula de cima de mim e sai correndo até a porta, onde segura a mão de Spencer com as suas e a puxa para dentro do meu lugar. Ela tenta se soltar de Christian, mas ele não deixa de qualquer forma — não que ele seja mais forte, ele apenas é insistente.

— O que você está fazendo aqui com ele? — pergunto assim que ela se senta no sofá da frente, olhando para tudo, menos para mim. — Será que você ficou muda e surda de ontem para hoje? — indago, começando a me irritar.

Christian sai correndo e rindo por todo lado, ao passo que inclino-me para frente, observando o comportamento irritante de Spencer.

— Eu sou a babá de Christian — ela finalmente fala alguma coisa e essa coisa me deixa surpreso.

— Tem certeza de que seu noivo te dá tudo que precisa? — provoco, fazendo-a finalmente me encarar. — Por que é a babá dele? Os meus pais não estão te pagando bem, Cherry. Precisa de um aumento?

— Será que você pode parar de ser idiota só por um dia? — pergunta, entre dentes.

— É apenas uma curiosidade.

— Você pode me dar as coisas do Christian, nós precisamos voltar para casa de Pearl e Seth... — pede e eu balanço a minha cabeça negativamente.

— Eu não confio em você com o meu sobrinho — atiro, levantando-me do sofá e ela faz o mesmo, mas seu olhar se perde em mim.

Spencer me analisa, demorando mais que o necessário no volume em minha boxer.

O quê?

É normal ter uma ereção logo que se acorda e foi isso que aconteceu comigo, nada demais. Checo Spencer mais uma vez, parando para olhar as suas pernas parcialmente descobertas. Escuto seu pigarro e sorrio de lado, voltando a encará-la apenas para encontrar uma expressão fechada em seu rosto. Christian passa correndo entre nós dois com o seu avião de brinquedo nas mãos, o mesmo que comprei há algumas semanas e volta para onde

estava.

— Você vai ou não pegar as coisas de Christian? — ela pergunta, impaciente como sempre.

— Não. — Dou de ombros, cruzando meus braços e pernas.

— Irritante — grunhe. — Será que dá para você ter o mínimo de pudor e colocar alguma calça? — Fecha os olhos, encostando-se no sofá. — Seu sobrinho não precisa saber desse monstro no meio das suas pernas...

Gargalho e Spencer abre apenas um dos olhos para me encarar.

— Meu sobrinho nem sabe o que isso significa, você é a única olhando o monstro no meio das minhas pernas, então isso é problema seu, Cherry — comento, divertido pela primeira vez, por outra pessoa que não seja Christian, em anos.

— Ridículo — continua.

— Esse é meu lugar, deveria parar de me insultar ou eu vou ter que expulsá-la — ameaço e ela abre os olhos verdes amplamente, cerrando-os em seguida.

— Você é especialista em chutar para fora as pessoas que te irritam, não é mesmo? Eu não me assustaria se fizesse isso. — Ela tenta me provocar, mas eu não caio em seu jogo.

Eu posso ter mandado ela sair do meu carro anos atrás e tê-la deixado voltar para sua casa andando, mas eu estive todo caminho atrás dela. Se eu não tivesse feito o percurso com ela e a deixado por conta própria, talvez eu tivesse algum peso na consciência, mas felizmente não sofro desse problema. Eu me certifiquei de que Spencer estaria em casa segura e ela chegou segura, então isso não funciona comigo.

— Eu não me importaria em chutá-la outra vez também — brinco e ela revira os olhos em resposta, levantando-se imediatamente e saindo atrás de Christian. — Não é educado andar pela casa dos outros se você não tem permissão — falo, tirando a minha camisa e jogando-a pelo caminho, enquanto começo a segui-la.

— Eu não uso minha educação com pessoas do seu tipo — retruca, despreocupada. Christian está estranhamente silencioso e isso faz Spencer

parar e se virar de uma só vez, dando de cara com meu peitoral. — Merda... — resmunga, tocando-me como se eu fosse ácido em suas mãos. — Onde ele está, Simon? Isso é uma casa ou um labirinto? — pergunta entre sua reclamação.

— Cherry, ele está naquela porta ali. — Aponto para a porta do meu quarto e ela me fita, desconfiada. — Acredite em mim...

— É difícil acreditar em você — sussurra, virando-se de costas para mim e encarando a porta.

Em passos largos, Spencer caminha até a porta do meu quarto e eu faço o mesmo, indo atrás dela. Eu gosto de jogar e é exatamente isso que eu estou fazendo: jogando. Assim que Spencer abre a porta, eu a empurro para dentro junto comigo e tranco, puxando a chave em minha mão.

— Abre a porta — diz, tentando soar calma, mas eu sei que ela está nervosa e pronta para me bater.

— Eu não. — Dou de ombros.

— Seu sobrinho, um bebê, uma criança, de quase três anos está lá fora e pode se machucar. Abre. A. Porta. — Spencer joga a bolsa no chão e chuta as sandálias dos pés, exigindo.

— Conte-me mais sobre isso. — Reviro os meus olhos. — Christian sabe o que pode ou não pode fazer quando está comigo.

— O problema é que ele não está com você, mas sim comigo. Ele é minha responsabilidade e eu sou responsável, agora abre a porta. — Spencer se aproxima de mim e eu volto a sorrir.

— Por que você está se casando? — indago, ainda sorrindo.

— Por que você quer saber? — Cruza os braços.

— Nota de utilidade pública, Cherry — desconverso.

— Eu não sou uma figura pública ou famosa, você é o único nesse lugar que é famoso. Isso não interessa para você ou para qualquer pessoa que não seja importante para mim — me corta.

— Parece que você não o ama, ou será que ama? — pergunto novamente.

— O que você sabe sobre o amor? — replica e eu bufo, irritado.

— Se eu faço uma pergunta, eu espero uma resposta e não outra pergunta — reclamo e vou direto para o meu banheiro.

— Simon, abre a porta. — Ela vem no meu encalço, mas eu não me importo.

— Eu não confio em você e não vou deixar você sair com o meu sobrinho — afirmo, ligando a luz e pegando minha escova de dentes. — Quer escolher uma roupa para mim? — indago, fitando-a pelo espelho do meu banheiro.

— Eu quero te matar. Enforcado, de preferência — diz, cerrando os punhos com firmeza e vindo em minha direção. Spencer se prepara para me bater, mas eu desvio e a empurro contra a pia ampla, segurando suas mãos. — Esteve esperando por esse momento desde a noite passada, não é mesmo? — provoco, deixando a chave em cima da pia.

Pressiono com mais força contra Spencer e ela tenta fugir, mas é impossível.

Eu torno isso impossível.

— A sua ereção está me incomodando, imbecil! — grunhe. — Eu sou uma mulher comprometida, Simon, me solta — implora e eu rio, ainda escovando os meus dentes.

Assim que termino de escovar meus dentes, jogo a escova na pia e enxáguo a minha boca com apenas uma das mãos. Logo após, limpo a escova e libero Spencer, que aproveita para me dar uma cotovelada assim que pego a chave.

— Você ainda continua um pirralho irritante — cospe e sai do banheiro sem dizer mais uma palavra.

Solto uma risada alta e tranco a porta do banheiro, deixando a chave em cima da pia e entro debaixo do chuveiro. Se ela me perguntar por que estou a irritando, não vou saber o que dizer, pois nem mesmo eu sei o porquê.

Tudo que eu sei é que é divertido.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 8

Spencer Carter

“Abajur!”

OBSERVO O QUARTO DE SIMON, TENTANDO ACHAR ALGUMA SAÍDA DESSE LUGAR, MAS INFELIZMENTE É IMPOSSÍVEL SAIR SE NÃO FOR PELA PORTA. Calço-me e puxo a minha bolsa do chão, sentando na beirada cama, enquanto espero ele sair do banheiro. Fito o abajur que está em sua mesa de cabeceira e tenho uma ideia. Talvez eu possa ameaçá-lo com o abajur.

Vamos lá, não é uma má ideia.

Porém, devo admitir: estou nervosa.

Odeio Simon e odeio mais ainda estar próxima a ele. A forma que ele me segurou lá no banheiro não poderia ter sido mais irritante, tanto pelo fato dele ser completamente arrogante, quanto pelo fato do frio na barriga que eu senti. Sim, o famoso e estúpido frio na barriga que eu tanto odeio.

— Você pode me trazer uma toalha? — Simon pergunta lá de dentro e eu o escuto fechar o chuveiro depois de alguns segundos. — Quer saber, não é mais preciso...

Levanto em um pulo e agarro o abajur, puxando-o da tomada de uma só vez, pronta para ameaçar Simon assim que ele sair do banheiro. Respiro fundo no instante em que a porta abre e, logo que ele sai, eu dou um grito, atirando o abajur em cima dele. Simon desvia e joga a chave em cima de mim, xingando tudo e todos entre dentes.

O que eu posso fazer se ele está nu?

— Até parece que você nunca viu... — reclama, enquanto eu tento abrir a porta desesperadamente. — Essa não é a chave — completa.

— Você só pode estar brincando! — exclamo irritada. — Sim, Simon, eu já vi, mas felizmente eu não gosto de figurinhas repetidas. Enjoa, sabe? Vi e não gostei, agora vai se vestir e abre a porta antes que eu te enforque com

NACIONAIS-ACHERON

seu pê...

— Isso soa terrível — diz e eu encaro o seu rosto, *apenas* o rosto. — Aposto que não teria coragem de fazer isso comigo, Cherry.

— Christian está silencioso, Simon. Nós precisamos sair, será que não percebe? Seth e Pearl irão nos matar se algo acontecer com o...

— Nada aconteceu com ele — fala, finalmente abrindo uma mala em cima de sua cama e puxando roupas de lá.

Fico calada e volto a fitar a porta, dando-lhe privacidade para se vestir. Não sei quanto tempo passa, mas quando vou começando a perder a minha paciência outra vez, Simon me puxa para trás e abre a porta, saindo como se nada tivesse acontecendo. Observo-o bagunçar seu cabelo longo, que toca em seus ombros largos e logo após ele prende os fios loiros. De tantos visuais que eu poderia imaginá-lo tendo, esse nunca passou por minha cabeça: braços cobertos de tatuagens, cabelo longo e barba por fazer. Isso não passa nem perto do Simon de anos atrás, mas de uma coisa eu sei: a casca pode ter mudado, mas o interior continua podre como sempre.

Simon abre uma das portas do extenso corredor e entra, revelando Christian, que está deitado em uma cama grande e baixa o suficiente para ele subir e descer sozinho. O quarto é maravilhosamente bem decorado e eu estou surpresa pra caramba com tudo que estou vendo. Simon parece verdadeiramente ter um amor e conexão enorme por Christian, muito maior do que eu imaginava.

— Vamos, Chris? Precisamos ir agora — falo, tentando me aproximar, mas Simon está na frente e pega o menino antes que eu o faça.

— *Quelo domi...* — Christian resmunga, abraçando Simon e descansando sua cabeça no ombro do tio.

— Mas nós temos tanta coisa para fazer, lembra-se? — Tento animá-lo, mas eu já o perdi para o seu sono. — O que tem de errado com as crianças? Uma hora elas estão ligadas no duzentos e vinte volts e poucos minutos depois estão caindo de sono... — Bufo.

— O que você sabe sobre crianças?

Encaro Simon e ele levanta uma das sobrancelhas grossas em desafio.

— Nada realmente, mas eu estou tentando aprender — defendo-me.

— Você vai ser a babá dele ou ele vai ser a sua babá? — continua.

Eu ignoro sua pergunta e observo o quarto. Procuro pela mochila que Pearl disse que eu deveria buscar e acho a mesma em cima de uma cômoda grande e azul. Penduro a alça da mochila no meu ombro e viro-me para pegar Christian, pensando em como vou fazer isso.

— Você pode me dar ele? — pergunto e Simon nega.

— Eu disse que não confio o meu sobrinho com você. Vou levar vocês dois de volta e ficarei até Pearl ou o idiota do Seth chegar em casa — sentencia.

— Quanto remorso... — assobio. — Você sabe qual a diferença entre vocês dois?

Ele cerra os olhos em minha direção, mas eu não recuo.

— Ele é um idiota — joga.

— Não. Ele era um idiota, mas agora não é mais. Você era um idiota e agora piorou dez vezes mais. — Dou de ombros.

— Então agora você vai defender o Seth? — rosna, irritado.

— Sim, claro. Ele mudou pela mulher que ele ama e está construindo uma família com ela. Eu não posso deixar de defendê-lo, uma vez que ele ainda pode ser irritante, mas tornou-se um cara cem vezes melhor do que era quando se arrependeu das suas burradas. Isso é o que homens de verdade fazem: arrependem-se, confessam que se arrependeram e correm atrás para tentar substituir o passado ruim com coisas boas e atitudes novas. — Finjo um bocejo. — Podemos ir? Essa conversa está me dando sono também.

Simon não diz uma palavra, apenas passa por mim com uma expressão fechada e eu o sigo. Não me importo se o que eu disse sobre defender Seth o deixou irritado, apenas fui sincera sobre o que acho do marido da minha melhor amiga. Simon seriamente precisa de algumas aulas se não quiser morrer sozinho, ranzinza, com uma garrafa de uísque na beira da praia, enquanto toma gosto com mulheres quarenta anos mais novas.

Balanço minha cabeça, expulsando esses pensamentos de lá e concentrando-me no caminho. Para um apartamento, esse lugar é enorme,

mas eu não esperaria menos de Simon e sua síndrome da grandeza. Sempre que teve uma oportunidade, Simon gostou de ostentar e, agora que ele está rico, ele deve fazer isso o tempo todo.

Saímos do seu apartamento e ele tranca a porta para logo seguirmos para o elevador. Não demora tanto até chegarmos no seu carro e eu entro no banco de trás para ficar com Christian.

O caminho até a casa de Pearl e Seth é tão calmo que eu quase durmo abraçada em Christian. Estou sonolenta quando Simon estaciona ao lado da velha moto de Seth e sai do carro. Bocejo e, antes que eu possa me mover, o loiro já abre a porta e pega Christian do meu colo, juntamente com a mochila do seu sobrinho. Agarro minha bolsa e saio, batendo a porta e endireitando-me para liderar o caminho.

Puxo a chave que Pearl me deu hoje mais cedo e abro a porta, entrando e dando espaço para Simon entrar com Christian. Deixo que ele vá até o sofá antes de pegar o menino comigo e me sentar no outro sofá. Simon fica me encarando e eu o encaro de volta, pensando que se ele continuar a vir me perturbar no trabalho para disputar Christian comigo, vamos acabar nos matando e eu vou acabar despedida, o que não é nada bom.

Capítulo 9

Simon Wyatt

“O passado é presente...”

ENGULO A SECO, OBSERVANDO SPENCER SENTADA DO OUTRO LADO DO SOFÁ. Há pelo menos meia hora que chegamos na casa de Seth e Pearl e desde então estamos nos encarando calados, até que seu estúpido noivo nos interrompeu. Spencer fala, entre sussurros, com o noivo sem parar e isso está levando tudo de mim para não me irritar mais que o necessário. Balanço minha cabeça e levanto do meu lugar, indo direto para a porta e saindo da casa de Pearl. Corro até meu carro e entro, socando o volante com força e desejando um maço de cigarro para acalmar minha irritação.

Giro a chave na ignição e é exatamente atrás disso que eu vou. Saio da propriedade da casa de Seth e Pearl e dirijo por longos vinte minutos até ter meu percurso interrompido por uma figura conhecida. É Mario, pai de Spencer. Ele está sentado em um banco, perto de uma banca de jornais e há muitas pessoas em volta dele. Paro de dirigir imediatamente e saio do carro, indo ao seu encontro. As pessoas perguntam se ele está bem e tudo me assusta. Esse não é o mesmo homem forte e até um pouco gordo, que eu conheci anos atrás.

— Deixe-me passar — repito por um par de vezes até parar em frente a ele. — Mario — o saúdo, abaixando-me para ficar da sua altura.

Ele me fita, parecendo confuso, mas logo oferece-me um sorriso sem mostrar os dentes.

— Simon? — pergunta e eu aceno positivamente. — Eu estou bem, pessoal, eu estou bem — ele começa a dispensar as pessoas que estão ao seu redor e eu sento-me ao seu lado assim que estamos sozinhos. Escuto a sua voz e ela parece fraca, além de rouca e falha. — Quanto tempo, rapaz. Não fiquei sabendo que estava de volta à cidade.

— Eu cheguei ontem — falo, tentando entender o que está acontecendo com ele. — Você está bem? — questiono.

NACIONAIS-ACHERON

— Sim, estou bem. Tudo que tive foi uma leve tontura, por isso aquelas pessoas estavam ao meu redor — explica-se antes que eu pergunte.

— E você está usando casaco e gorro em Long Beach? Deve estar passando dos trinta graus, não está nem perto de ficar frio — comento, tentando pegar alguma dica.

— Eu peguei um resfriado e... — Ele começa a tossir e leva um lenço até sua boca. Eu o observo atentamente, tentando perceber o Mario do passado na sombra que está logo a minha frente. — O que está fazendo aqui, rapaz? — questiona, com o lenço cobrindo sua boca.

— Eu estava atrás de um lugar para comprar cigarros e então eu o vi — confesso, encostando-me no banco. — O que estava fazendo aqui?

— Eu queria comprar um jornal e ter um pouco de café, mas meu corpo não parece ter percebido isso — comenta, divertido e eu olho a rua em que estamos. Realmente, estamos ao lado de uma banca de jornal e do outro lado da pista, tem um Starbucks.

— Quer que eu compre para você? Eu acho que vou passar o cigarro e comprar um pouco de café também — ofereço e ele assente.

Mario pega, com sua mão tremendo, umas moedas do bolso e entrega na minha mão. Levanto-me do meu lugar e caminho até a banca, observando o dinheiro que ele me deu. Nada mais que dois dólares em moeda, o que me faz perguntar se ele me deu todo seu dinheiro ou apenas metade.

De qualquer forma, eu não vou questioná-lo por causa de dinheiro.

Compro o jornal e atravesso a rua para entrar no estabelecimento. Assim que é a minha vez, pego minha carteira e peço dois cafés expressos simples. Pago pelo nosso café e logo que os tenho em minhas mãos, volto e me sento ao lado de Mario. Entrego-lhe um dos copos com o jornal e ele deixa seu lenço em suas pernas, fazendo-me perceber uma estranha coloração vermelho sangue ali.

— E então, rapaz, como vai a vida de estrela? Eu acompanho seus jogos pela televisão quando é temporada e quando tenho tempo e você tem um grande arremesso — comento e eu sorrio de lado, tomando um gole longo do meu café.

— Levou tudo de mim para estar como estou nesse momento, mas não

me arrependo de nada. Futebol é o que eu amo fazer e é bom ser bem-sucedido naquilo que me agrada — retruco. — E você agora é um fã de futebol, cara? Desde quando? — indago.

— Desde essa última temporada... Tive alguns tempos livres e consegui acompanhar você, Seth e Sculler. Nossa Long Beach está bem representada na liga nacional — explica, orgulhoso.

— Eu sou o melhor Quarterback da liga, pode dizer, ficará entre nós esse segredo... — resmungo, presunçosamente e ele gargalha.

— Você tornou-se um dos melhores jogadores, mas seu cunhado ainda é tão bom quanto. — Reviro meus olhos. — Posso dizer que prefiro você a Seth, mas não conte a ele, afinal isso não fará diferença nenhuma em sua vida — joga e eu tomo mais um gole longo do meu café apenas para esconder meu sorriso.

— Sua opinião conta para mim, Mario — afirmo e ele me fita, desconfiado. — O quê?

— Desde quando minha opinião conta para você? — questiona.

— Desde quando eu digo que conta. — Dou de ombros. — Fiquei sabendo que sua filha vai se casar... — troco de assunto abruptamente. — Você confia Spencer nas mãos do noivo dela?

Mario fica calado por longos segundos e eu estranho seu silêncio.

— Eu confio na minha filha e acredito que ela está fazendo uma escolha que afetará muitos. Tyler é um cara bom, pelo menos sempre foi e sempre é quando nos encontramos. Spencer tem um carinho enorme por ele e eu já o considero como parte da família — comenta.

— Carinho... — Bufo, ironicamente. — Você acha que dá para levar um casamento com carinho? — Eu o encaro.

— Por que não? Se eles respeitam um ao outro, isso é o que importa. — Franze o cenho. — Amor não é tudo, Simon. O amor pode ser mais destrutivo do que você pensa ou imagina. — Ele olha para frente e fecha os olhos. — Quando eu perdi a mãe de Spencer, eu fiquei destruído e se não fosse pela responsabilidade de criar a nossa filha, eu teria desistido da vida.

— Quantos anos ela tinha? — pergunto, curioso.

— Ela tinha cinco anos, quase seis. Estávamos planejando sua festa de seis anos, quando sua mãe ficou doente. Câncer. Ela não tinha realmente dimensão de tudo, era apenas uma criança. Tudo que Spencer sabia era que sua mãe estava morrendo e que não estaria no seu aniversário de seis anos que deveria acontecer dentro de quatro meses. — Mario respira fundo e engole a seco. Eu faço o mesmo. — Infelizmente, minha esposa estava no último estágio e nada podíamos fazer, apenas pagar por remédios que diminuíssem sua dor. A metástase a pegou e levou em um mês. Nunca poderíamos imaginar que suas dores e mal-estar se tratavam dessa doença, pois apesar de tudo, gostávamos de levar uma vida saudável. Uma semana antes de sua morte, Spencer decidiu que queria fazer sua festa de aniversário mais íntima, apenas eu, ela e sua mãe e assim aconteceu. Eu tenho uma foto daquele dia, uma enfermeira tirou para nós. — Ele puxa uma carteira velha do bolso e empurra para mim. — Iris era linda, assim como Spencer é hoje. — Abro a carteira e logo observo o que ele narra para mim.

A mulher sentada na cama, com um sorriso sem mostrar os dentes, parece muito com a Spencer que eu conheço hoje. Embora doente, posso perceber sua beleza. E lá está ela, Spencer, ou uma miniatura dela. O cabelo escuro está amarrado de forma desgrenhada, enquanto ela abraça sua mãe, com um olhar cheio de brilho. Talvez fossem lágrimas e eu aposto que eram lágrimas de tristeza. Por fim, observo Mario, que está do outro lado de sua mulher. Nada do que ele era antes, ele é agora. Para ser sincero, olhar para ele agora me faz perceber semelhanças entre ele e a sua esposa. Talvez seu resfriado tenha lhe dado o mesmo aspecto doente que a mãe de Spencer tem nessa foto.

Algo parece igual.

— Spencer realmente parece-se com a sua esposa — afirmo.

— Ela é meu maior tesouro, rapaz. Spencer é tão forte quanto sua mãe era e eu realmente tenho muito orgulho da mulher que ela se transformou. — Mario abre os olhos e nós nos encaramos brevemente antes dele se pronunciar outra vez. — Sua família se tornou algo a mais para Spencer e eu, espero que saibam disso e espero que possam acolhê-la muito bem quando for a hora, especialmente você. Seu temperamento dá um tempo difícil para minha filha e sempre deu, mas espero que possam se entender como amigos

uma outra vez.

— Quando for a hora de quê? — pergunto e Mario dá de ombros, enfiando sua carteira no bolso e levantando-se.

— Eu preciso voltar para casa para esperá-la no lugar que ela me deixou. Spencer não pode nem sonhar que eu saí de casa sozinho, resfriado e tudo mais — anuncia e eu me levanto.

— Eu levo você para casa — sentencio e ele me observa, mais uma vez desconfiado. — Vamos, eu tenho tempo. Sou uma estrela de férias.

— É uma surpresa ninguém ter parado você até agora, rapaz. Você sabe que aqui nós somos loucos por futebol. — Dou uma risada e assinto.

— Talvez isso se deva ao fato de eu estar parecendo azedo pra caralho. Eu não tive um bom tempo essa manhã e isso deve à sua filha, para ser sincero. Ela me tem cuspiendo fogo toda vez que estamos próximos um do outro — confesso e o escuto rir, enquanto fazemos nosso caminho até meu carro.

— Algumas coisas não mudam nem depois de longos anos — afirma e eu concordo mentalmente com ele.

Capítulo 10

Spencer Carter

“Uma aposta perfeita... ou quase isso!”

PUXO MINHA CHAVE DE DENTRO DA BOLSA, RESPIRANDO ALIVIADA POR TER FINALMENTE CHEGADO EM CASA. Depois que meu horário de trabalho acabou e de eu ter deixado Christian com Pearl, segui para comprar alguma comida em um restaurante não muito caro, mas que oferecesse algo bom. Eu não posso simplesmente jogar algo nojento e ruim para meu pai comer, afinal é por isso e outros motivos que eu tenho outro trabalho: tentar oferecer mais conforto e qualidade de vida para ele.

— Pai? Cheguei! — exclamo, entrando de cabeça baixa, enquanto me atrapalho com a sacola e a chave. — Comprei algo no caminho e trouxe nosso almoço. Não foi tão caro, nem tão barato, mas a comida estava cheirando bem e eu acho que de vez em quando podemos comer bem, certo? Mais que certo. — Tranco a porta e viro-me aos poucos. — Você precisa se alimentar melhor, eu sei que não estou conseguindo dar conta tão bem das coisas, mas prometo que as c...

Assim que subo meu rosto por completo, encontro alguém que com certeza não deveria estar aqui: Simon. Ele me fita, calmo, sem expressar nada. Minha boca fica seca depois do monólogo que acabei de fazer e eu temo que ele comece com um interrogatório que eu não consiga responder. Aliás, o que ele está fazendo aqui? O que eu perdi?

— O que você está fazendo aqui? — atiro, jogando minha chave na mesa logo ao lado da porta e deixando a sacola ali mesmo também. — Pai, o que ele está fazendo aqui? — pergunto sugestivamente.

Meu pai foi o único que pediu para eu nunca contar sobre sua doença para a família Wyatt e agora ele está aqui com Simon, em nossa casa, sentados e conversando como se fossem melhores amigos? Fala sério!

— Eu apareci para ver um velho amigo — Simon anuncia e eu levanto uma sobrancelha.

NACIONAIS-ACHERON

— Simplesmente apareceu depois de passar a manhã toda me perturbando? — questiono, cínica.

— Você foi a única que apareceu no meu apartamento, Cherry. — Dá de ombros e cruza os braços.

— Porque sua irmã pediu!

Papai pigarreia e eu não sei se foi para nos parar, ou se ele está começando a se sentir mal. Deixo Simon de lado e me aproximo do meu pai, seguro sua mão e tento notar algo de diferente nele.

— Vocês não vão parar de brigar? — ele pergunta divertido e eu rolo os olhos. — Eu senti falta disso — completa e eu discretamente olho para Simon, que me vê fazendo isso e sorri presunçosamente.

— Você está com fome? — questiono e ele torce a boca. Eu sei que ele não está com fome e por quase um mês estamos nessa fase, a da falta de apetite, mas eu não o deixo ficar sem comer. Sinto-me como uma mãe que empurra a colher na boca do filho e o obriga a comer a todo custo. — Vamos comer! Eu trouxe bastante salada e bife, tenho certeza que vai gostar. — Sorrio, tentando animá-lo, mas não dá muito certo.

— Eu estou convidado? — Simon pergunta e eu cerro meus olhos para ele.

— Sim, você está. — Seu sorriso aparece. — Convidado a se retirar.

— Filha... — meu pai me repreende. — Coloque mais um lugar à mesa, Simon ficará para o almoço.

Eu o encaro com uma expressão de “recue”, mas ele apenas sorri e assente.

— Faça isso, eu estou ficando — ele completa, desafiando-me.

Balanço minha cabeça e sigo para fazer o que meu pai pediu. Eu não vou me rebaixar ao patamar de idiotice do Simon. Eu não vou cair na dele. Pego a sacola onde está nosso almoço e sigo para cozinha, observando dois copos do Starbucks em cima do balcão. Quando Simon deixar nossa casa, eu vou ter uma conversa séria com meu pai.

Pego três pratos e os coloco na mesa, arrumando nossos lugares na mesa quadrada e pequena. Deixo os talheres em cima de cada prato e tiro os

dois potes de isopor descartáveis.

— Vocês podem vir! — exclamo, caminhando até a geladeira e pegando uma garrafa de suco de laranja. Observo os dois entrarem na cozinha e deixo a garrafa na mesa, indo pegar três copos. — Esperem aí... — digo, deixando os copos em cima da mesa e primeiramente pegando o prato do meu pai para servi-lo.

Coloco um tanto considerável de salada no seu prato, sentindo o cheiro bom da comida despertar meus sentidos. Essa salada tem de tudo um pouco e parece deliciosa. Abro o outro pote e deparo-me com apenas dois pedaços de bife. Mordo meu lábio, sabendo que terei que dar o meu pedaço para Simon.

Depois que coloco a comida do meu pai, faço o mesmo para Simon e para mim e me sento. Pelo menos a salada parece deliciosa...

— Você não quer um pedaço? — Escuto Simon perguntar, enquanto remexo minha salada de um lado para o outro.

Subo meu olhar para ele, que segura a carne em seu garfo e eu balanço a cabeça negativamente, sabendo que me arrependerei disso mais tarde. Eu o escuto bater os talheres no prato e depois de poucos segundos, eu pedaço de carne cai no meio da minha salada.

— Você nem me queria aqui, eu não vou pegar sua carne toda, Cherry — Simon atira antes que eu abra a boca e posso ouvir a risada baixa do meu pai.

— Eu disse que não queria. — Bufo, não tão irritada assim, apenas contrariada pra caramba.

— E eu vejo o quanto você quer essa carne. — Dá de ombros.

— Tanto quanto quero fazê-lo engolir essa faca — afirmo.

— Vocês não podem ficar sem brigar por um minuto? — meu pai indaga e nós o fitamos.

— Ele que começou...

— Ela que começou...

Falamos ao mesmo tempo.

— Os dois começaram — meu pai recomeça. — Vocês deveriam

trabalhar nisso, sabiam? Se bem que vocês nunca foram normais um com o outro — comenta, cortando um pedaço do seu bife e eu mudo meu olhar para Simon assim que ele faz o mesmo. — Eu aposto que vocês não conseguem ficar um mês sem brigar.

Simon encara meu pai como se não estivesse acreditando no que ele está falando. Seguro a vontade de rir e observo meu pai, que sorri com o canto de boca. — Uma aposta? — Simon cospe, contrariado.

— Eu sou uma pessoa madura, pai. — Reviro meus olhos e Simon bufa. — O quê? — pergunto.

— Você não consegue ficar um minuto sem me chamar de idiota ou sem me xingar — atira e eu cerro meus olhos em sua direção.

— E você não consegue ficar um minuto sem me irritar ou fazer piadas sem graça — jogo de volta.

— Estão vendo o que eu estou dizendo? — Papai nos interrompe antes que comecemos a discutir.

Respiro profundamente e me controlo.

— Eu consigo fazer isso — Simon afirma do nada e eu arqueio uma sobrancelha. — Eu consigo ficar até dois meses sem brigar com a sua filha. Eu sou um cara controlado quando eu quero — conclui.

— Isso inclui não me desrespeitar — assobio e ele dá de ombros. — Eu aposto que consigo ficar três meses sem brigar.

— Eu aposto que não conseguem ser amigos por esse tempo — meu pai continua e Simon ri, cínico.

— Nós somos como... como... como melhores amigos — diz, abanando a mão no ar e eu gargalho contragosto. — Eu aposto que não só conseguiremos não nos provocar, como conseguiremos ser os melhores amigos que você já viu — Simon afirma, cerrando os punhos em cima da mesa.

Eis o problema de Simon: levar as coisas muito a sério.

— E se nós perdermos, id... — Pigarreio. — E se nós perdermos? — corrijo, cruzando os braços.

Meu pai acena para nós continuarmos.

NACIONAIS-ACHERON

— Se você perder, eu vou tatuar meu nome na sua bunda — Simon diz e eu balanço minha cabeça, incrédula.

— Se você perder, eu vou tatuar meu nome na sua bunda e vou cortar esse seu cabelo de menina — ameaço, mas ele não se deixa abalar pelo que eu disse.

— Você está com inveja que meu “cabelo de menina” é melhor que esse emaranhado no topo da sua cabeça? — indaga e eu o encaro entediada.

— Será que isso foi uma provocação? — meu pai pergunta irônico e Simon bufa.

— Eu quis dizer que o cabelo dela é melhor que o meu, só usei as palavras erradas — ele resmunga.

Ah, esse jogo pode ser mais interessante do que eu imagino...

— Eu sei que quem ganhar não vai deixar isso passar em branco, então eu espero que vocês consigam se entender daqui em diante — papai afirma e eu percebo o movimento sutil que ele deu ao criar essa aposta entre Simon e eu.

Me reaproximar de Simon pode dar muito certo, ou pode dar muito errado. Contudo, eu não gosto de pensar no que seria o *muito certo* e o *muito errado*.

— Podemos continuar esse almoço estranho, melhor amiga? — Simon pergunta e eu assinto.

Céus... Onde eu me meti?

Capítulo 11

Simon Wyatt

“Mini-problemas...”

DEPOIS DO ALMOÇO QUE TIVE COM SPENCER E MARIO, DEIXEI A CASA DELES PARA PENSAR UM POUCO. Eu odeio apostas e isso não é uma novidade. Não consigo ver o lado bom de uma aposta. Confesso que o que se passou entre Pearl e Seth me tem na borda de todos os meus sentidos. Por mais que eu fosse e ainda seja um idiota, machucou ver Pearl destruída por causa da aposta imbecil que Seth fez. Eu me culpei pela dor dela, pois eu deveria tê-la protegido mais; eu culpei Seth por ter feito a aposta e eu culpei Spencer por ter ajudado Pearl — mesmo que ela não soubesse — a ir para o “matadouro”.

Essa merda me irrita muito.

E então, eu estou em uma aposta com Spencer.

Uma aposta onde vamos ter que nos suportar sem xingar um ao outro. Uma aposta onde seremos melhores amigos. Deus, isso é estranho pra caralho. De todas as coisas que um dia eu quis com Spencer, a última delas foi ser seu “amigo”, pois era sempre lá que ela me deixava. Quando saíamos escondidos e acabávamos por encontrar alguém de sua escola, ela sempre me apresentava como seu “amigo”. Não que eu me importe agora, mas antes isso me irritava muito, pois eu tinha quase certeza de que ela tinha vergonha de estar comigo.

Estaciono meu carro na minha vaga e saio, pegando as minhas coisas e indo direto para o elevador.

Pensar em Spencer me faz sentir como se eu tivesse voltado aos meus dezessete anos, onde eu era boca-suja, irritante e irritável, uma bagunça de hormônios e completamente preconceituoso.

Pensando bem e mudando completamente de ideia, se eu pudesse voltar atrás, eu mudaria muitas coisas que hoje eu não tenho coragem de me desculpar por elas. A minha meta era ser um jogador de futebol americano

NACIONAIS-ACHERON

famoso e, desde que eu cheguei nela, não agradeci os meus pais por isso. Apesar de ter algo ruim guardado dentro de mim sobre eles — algo que eu não gosto nem mesmo de pensar —, devo admitir que eles sempre foram os meus principais incentivadores, assim como Pearl, mas eu nunca tive coragem de agradecê-los por tudo que eles fizeram por mim.

Eu finjo que não tem nada de errado e eu sei que eles também fingem e, na maioria das vezes, os meus pais são incríveis, pois mesmo que eu ainda seja uma merda de filho, eles não deixam de torcer por mim e me amar.

Isso é uma das coisas que apenas pais fazem: amar incondicionalmente. Eu os amo também, mas sou demasiadamente medroso, orgulhoso e cabeçaduro para cuspir tudo que eu sinto para fora.

Rejeição é a palavra que mais pisca em minha mente quando penso neles e em Spencer. Tenho medo de ser rejeitado outra vez. Talvez depois de Spencer tudo isso tenha se agravado. Ela me deixou com esse medo de falar o que eu sinto de verdade. Os meus pais me deixaram com medo de falar o que eu sinto de verdade. Eles erraram por terem feito o que fizeram e eu errei por me fechar e deixar que esses pensamentos tomassem conta das minhas ações, mas agora não tem mais volta.

Espero um dia conseguir me desculpar com eles, mas infelizmente — ou não — esse dia não é hoje.

Assim que o elevador para no meu andar, vejo Sculler com Christian e Ryle, a filha dele e de Cassie. Dou um sorriso de lado, pois assim que Ryle me vê, ela corre e grita em minha direção, fazendo Christian fazer o mesmo.

— Oi, menina bonita — enuncio, puxando-a para cima com um dos meus braços e fazendo o mesmo com Christian, ou ele terá sérios problemas de ciúmes.

— *Titi* Simon! — exclama, beijando minha bochecha e me abraçando pelo pescoço.

Aproximo-me de Sculler, que apenas ri da minha situação.

— Ei, cara — o saúdo e ele acena com a cabeça. — O que houve?

— Cassie tem uma consulta na obstetra e por merda nenhuma eu a deixarei ir sozinha, então como eu estava cuidando deles dois, resolvi deixá-los com você, uma vez que Pearl também tem uma consulta — explica e eu

NACIONAIS-ACHERON

assinto, dando de ombros.

— Será que elas combinaram de ficarem grávidas ao mesmo tempo? — atiro, rindo da situação e ele me acompanha.

— Talvez... Pode ser que sim. — Balança a cabeça, divertido.

Eu sei que não. Desde que Sculler se casou com Cassie, meses depois do casamento de Pearl e Seth, eu sei que eles vêm tentando ter um bebê. Ryle é a prova de que eles desistiram depois de muitas tentativas e alarmes falsos, mas que não deixariam se abater por isso. Eles a adotaram assim que completaram um ano de casados. A menina é um ano mais nova que Christian e entrou na nossa família já com quase um ano de idade. Tudo que eu sei é que sua mãe não a quis e deixou Ryle em algum orfanato. Má sorte dela e sorte nossa, pois além de inteligente, Ryle é uma criança bonita pra caralho, assim como o meu sobrinho.

Agora, Cassie finalmente engravidou e Sculler não poderia ter ficado mais feliz com isso, assim como toda família. Embora não aparente, Cassie já está na casa dos quarenta e sua gravidez tem tantos riscos que eu temo que Sculler não durma mais à noite apenas para se certificar que sua mulher está bem.

De qualquer forma, é o sonho de ambos virando realidade.

Todos sabemos o quanto foi difícil para Cassie engravidar e, mesmo que a gravidez tenha seus riscos, ela está levando adiante com um Sculler atencioso e chato como o inferno. Eu não o culpo por isso. Cassie é sua mulher e estamos falando de um bebê e de uma gravidez difícil, é claro que isso é algo que tira o sono de qualquer um.

— Que horas termina a consulta? — pergunto, enquanto Ryle e Christian começam a se empurrar.

— Em duas horas, no máximo. A consulta é em Los Angeles, então o caminho é um pouco mais longo que o normal — comenta, aproximando-se de Ryle e beijando os cabelos escuros da filha. — Valeu, cara. Estamos te devendo essa.

Reviro os olhos, enquanto Sculler segue para o elevador. Olho de Christian para Ryle e de Ryle para Christian, pensando no que eu vou fazer com eles.

NACIONAIS-ACHERON

— Quem quer ver um filme e comer bastante doce para ficar com a barriga doendo e dar um grande problema fedorento para seus papais? — pergunto, colocando os dois no chão para pegar a minha chave.

Eles começam a gritar e competir de quem quer comer mais que o outro, o que me faz rir, porque nenhum deles vai ter doce. Talvez eu dê algum chocolate para eles correrem pela casa toda e se cansarem mais rápido, mas nada muito exagerado, porque senão quem terá problemas será eu e não estou nem um pouco no clima para limpar nenhum dos dois com suas bombas fedorentas.

Abro a porta e dou espaço para eles entrarem juntos. Christian é o primeiro a pular no sofá. Ele fica rindo de Ryle, que não consegue subir porque é menor que ele. Ligo a luz e fecho a porta, trancando-a e virando para observá-los. Christian para de rir quando Ryle fica quieta e provavelmente começa a se preparar para chorar.

Seguro o riso quando meu sobrinho oferece a mão para Ryle e ela aceita. Assim que ambos estão sentados no sofá, Christian beija Ryle.

Christian beija a menina na boca.

Arregalo os olhos e me aproximo deles em passos largos, enquanto eles apenas começam a rir.

Mas que porra eu acabei de ver?

— O que vocês acham que estão fazendo? — falo, sentando no meio deles. — Isso não é certo, crianças. Não podem fazer isso.

— Mas *papa* faz com a *mama*! — Christian exclama e Ryle acena positivamente.

— Mas... — Respiro fundo. — Você sabe a vovó Cassie? — pergunto e Christian concorda. — Ela é mãe do seu pai e mãe da Ryle. Sabe a vovó Alexa? — Ele concorda mais uma vez. — Ela é a mãe da sua mãe e minha mãe. — Christian franze a o cenho. — O que eu sou para você? — pergunto.

— *Titi* Simon! — exclama, sorridente.

— E o que Ryle é para você? — volto a perguntar.

Christian cruza os braços e se joga ao meu lado, completamente emburrado.

— *Titi* Ryle? — indaga, chateado.

— Exatamente. Isso quer dizer que você não pode beijá-la na boca e nem ela pode fazer o mesmo. Só na bochecha — digo e Ryle passa por cima de mim até sentar-se ao lado de Christian. — Será que vocês podem concordar com isso? Beijos na bochecha.

Ryle abraça e o beija na bochecha.

— *Checha!* — Ela concorda, mas Christian apenas dá de ombros, ainda emburrado.

Esse garoto com certeza puxou para Seth.

Não há dúvida nenhuma.

Capítulo 12

Spencer Carter

“Melhores amigos...”

DEPOIS DE QUASE UMA SEMANA SEM VER SIMON, EU ME SINTO COMPLETAMENTE RENOVADA. Todas as vezes que eu fui buscar Christian na casa dele — o que aconteceu apenas duas vezes depois do início da nossa aposta — o menino aparecia sozinho na porta. Eu estranhei muito, não posso mentir. Hoje, entretanto, é um dia que eu espero realmente que ele não dê as caras. Estarei levando Christian e Ryle, a filha de Sculler e Cassie, comigo para o ateliê onde meu vestido de noiva está sendo preparado. Eu perdi as últimas datas por conta do trabalho que estou tendo com meu pai, mas está tudo planejado para hoje: deixarei meu pai no hospital, vou provar o vestido e voltarei para o hospital para pegá-lo. Não devo demorar tanto. Tudo já está muito bem calculado.

— Eu volto daqui a pouco, tudo bem? — pergunto, deixando meu pai sentado na sala de espera e me abaixando em sua frente para checar se está tudo bem com ele.

— Você poderia me dar o dinheiro e eu mesmo pegaria o táxi para ir para casa — ele reclama.

— Não iremos começar com isso outra vez, ou iremos? — sussurro, olhando para os lados e escutando-o negar com um resmungo. — Certo, pai, então é só me esperar aqui. Estarei de volta daqui a pouco. — Eu o encaro e ele assente.

Beijo sua bochecha e levanto, fazendo o meu caminho às pressas até o balcão e deixando o dinheiro para pagar a sessão do tratamento do dia de hoje com Gillian, uma senhora já conhecida minha e do papai.

— Está com pressa, menina? — ela pergunta, sorridente como sempre e eu assinto sem graça.

— Eu tenho que correr para o trabalho, mas voltarei daqui a pouco para buscá-lo — explico, virando para fitar meu pai. — Mantenha um olho nele

NACIONAIS-ACHERON

para mim, por favor? Não o deixe sair daqui sozinho ou com outra pessoa — peço, encarando Gillian e ela assente, segurando minha mão e sorrindo.

— Pode ficar tranquila, querida, nada vai acontecer com Mario — diz.

— Obrigada, Gil. Eu preciso ir agora — digo, empurrando os dólares em sua direção e fazendo meu caminho até a entrada.

Assim que estou do lado de fora do hospital, tenho a sorte de conseguir um táxi sem demora. Passo o endereço do apartamento de Simon para o motorista e relaxo no banco. Um sexto do plano está feito. Agora eu só preciso pegar as crianças e correr até o ateliê.

O caminho até o apartamento de Simon felizmente não é longo. Assim que eu chego, pago o taxista e corro até a recepção, onde minha entrada é liberada sem eu ter que abrir minha boca, assim como foi da outras vezes. Entro no elevador e ele sobe sem nenhuma interrupção, fazendo-me agradecer por isso.

Vou até a porta do apartamento de Simon e aperto a campainha sem parar. Eu posso escutar a zoada lá de dentro e, quando a porta se abre, eu não poderia ter achado uma situação mais cômica: Simon trocando Ryle em cima da mesa de centro da sua sala de estar. Christian segura minha mão e me puxa para dentro do apartamento, batendo a porta atrás de nós e me arrastando até os outros dois.

— Oh, que cheiro agradável... — comento, fazendo Christian rir com a pequena, que balança as pernas e quase acerta Simon no rosto. — O que você deu para ela comer, melhor amigo? — indago.

— Eu dei um pouco de cereal de chocolate com leite, depois uma maçã e um pouco de sorvete — Simon diz, concentrado demais em tentar arrumar Ryle. — Christian comeu mais que ela e não se cag... — Pigarreio e Simon ri, levantando o rosto para finalmente me fitar. — As garotas são mais fracas, Cherry — afirma.

Seu cabelo está caído sobre metade do seu rosto, enquanto ele se exhibe sem camisa e eu juro que minha barriga apenas começou a doer também. Sim, sim, minha barriga está doendo e eu odeio-me por isso, por ser fraca.

— Ela é pequena demais para esse tanto de comida, Simon. Principalmente se envolve chocolate e sorvete, juntos — defendo Ryle.

— *Titi Pence*, a Ryle *dizi* que *gotá* de mim! — Christian grita e eu faço uma careta antes de rir e observar Simon rolar os olhos, balançando a cabeça negativamente.

— Esse garoto está completamente impossível. — Simon termina de arrumar Ryle e coloca a mesma sentada no sofá, enquanto recolhe a bagunça que está ao seu redor. — Você quer saber o que ele fez no outro dia? — indaga e eu concordo, querendo saber.

Puxo Christian para cima, segurando-o nos meus braços, enquanto ele me abraça com força pelo pescoço.

— Ele beijou Ryle. Na boca. — Simon me encara no mesmo momento em que eu arregalo os olhos. — E olha que ele ainda é apenas um bebê — completa.

Fito Christian e ele sorri para mim.

— Céus, Christian... — sussurro, antes de cair na gargalhada.

Pearl e Seth terão tanto trabalho com esse garoto que eu nem quero imaginar. Não há dúvidas de que quando crescer, Christian será muito bonito e agora olhando para Ryle, constato o mesmo. Ela tem o cabelo castanho como o meu e os olhos azuis, além da pele bem coradinha. Ela é linda e ele também.

— Você também está pensando o mesmo que eu? — Simon pergunta, puxando-me dos meus pensamentos e eu o encaro, confusa. — Vamos ser aqueles que escutarão esses dois quando eles estiverem mais velhos e com medo dos pais brigarem com eles sobre as possíveis besteiras que farão...

Reviro meus olhos, balançando a cabeça negativamente.

— Eles são bebês, crianças. Essa é uma das fases da vida que menos são lembradas e logo eles esquecerão da maioria das coisas que viveram. Aliás, eles são da mesma família, Simon. Isso é só carinho, nada demais.

Simon ri, mas não diz nada.

— É só esperar para ver — murmura e eu semicerro os olhos.

É claro que ele sempre tem que encarar as coisas com malícia... Não seria o Simon se ele não o fizesse.

— Tudo bem, então. Eu preciso ir, será que eles já estão prontos? —
NACIONAIS-ACHERON

pergunto, chamando a atenção dele e deixando Chris sentado ao lado de Ryle.

Simon pega uma camisa e se veste, não me dando resposta alguma.

— Como está o Mario? — ele pergunta, virando-se para mim e eu quase dou de cara com ele.

— Ele está bem... Muito melhor do que na semana passada — digo, olhando para os lados, pois infelizmente sou uma péssima mentirosa.

— Minha mãe disse que ele andou faltando na semana passada toda. Eu pensei que o resfriado estava em seu caminho de cura, Spencer — comenta, trazendo uma das mãos até o meu rosto e se aproximando de mim. — Você está mentindo para a minha mãe?

Eu não sei o que me deixa mais nervosa: Simon pensar que eu estou mentindo ou estar perto de Simon dessa forma. Acho que ambos, eu diria, embora eu não devesse me sentir nervosa por estar perto dele.

— Eu não estou mentindo — sussurro, fechando meus olhos antes de ficarmos cara a cara. Se Simon continuar me pressionando, eu vou acabar tendo que lhe contar a verdade. Eu não posso encará-lo enquanto ele me pergunta sobre meu pai, pois ele sabe dizer quando eu estou mentindo. — Meu pai está realmente melhor, eu prometo — completo, porque é assim que eu espero que ele esteja depois da sessão de hoje: *melhor*.

— Eu estou acreditando no que você está me dizendo — murmura, beijando minha bochecha com força e se afastando de mim. — Para onde estão indo? Eu vou com vocês hoje.

Abro meus olhos, ofegante demais para o meu próprio bem. Vejo Simon amarrar o cabelo e pegar sua carteira e chave logo após. Balanço minha cabeça, acordando totalmente.

— Infelizmente você não está convidado ao que faremos essa manhã — eu o dispenso, voltando para perto das crianças.

— Eu não estou pedindo sua permissão ou algo do tipo, isso foi só um aviso — afirma.

Era só o que faltava.

— Você está atrapalhando meu trabalho, Simon. Isso não é algo que melhores amigos façam — tento ameaçá-lo sobre a nossa aposta, mas não

funciona. — Eu falo sério.

— Deveria me agradecer por minha ajuda, pois isso é mais do que um melhor amigo seu provavelmente faria — atira de volta, pegando uma bolsa branca daquelas de bebês. — Aliás, Pearl pediu que eu te avisasse de algo, assim como minha mãe... — Levanto uma sobrancelha. — Amanhã é aniversário do Christian, então a pizzaria não abrirá hoje e nem amanhã, entretanto, Pearl pediu sua ajuda para cuidar do garoto enquanto ela arranca os cabelos tentando fazer tudo dar certo.

— Tudo bem, isso não é um problema — afirmo, fitando Christian e Ryle, que estão brincando e sorrindo juntos.

Pego Ryle nos meus braços, arrumando seu vestido antes de tentar pegar Christian também, mas Simon é mais rápido nisso.

Eu sei que não vou conseguir fazê-lo desistir da ideia de estar comigo e com as crianças nessa manhã, então apenas começo a refazer meus planos, mas o ateliê está fora de questão de ser tirado dos planos. Eu preciso provar meu vestido e nem a presença de Simon me intimidará quanto a isso.

Capítulo 13

Simon Wyatt

“Doador fantasma...”

EU E SPENCER ENTRAMOS COM AS CRIANÇAS NO ELEVADOR. Durante o caminho, puxo Ryle para mim também e agora os dois estão nos meus braços, brincando um com o outro. Encosto-me na parede do elevador e Spencer se aproxima de nós, fitando os dois pequenos com um olhar avaliativo. O elevador para e uma senhora entra, sorrindo em nossa direção, o que é meio assustador.

— Bom dia — Spencer fala, educada como sempre.

— Bom dia — a senhora retruca, lançando-me um olhar. — Família bonita, querida. As crianças são lindas e, vocês, um casal bonito — completa.

Christian continua brincando com Ryle e eles nem prestam atenção na senhora, diferente de Spencer e eu.

— São os genes da minha mulher. Nossas crianças não são bonitas? — começo a falar, sendo acertado por Spencer com uma cotovelada. — Perdoe os modos dela, eu a irritei muito essa manhã — continuo a brincadeira.

A senhora nos fita com um brilho nos olhos que me lembra muito a minha irmã.

— Eu não sou a m...

— Cherry, eu já pedi desculpas por hoje cedo, por favor, não negue as nossas crianças.

Spencer me fita incrédula.

O elevador para e a mulher acena para nós, começando seu caminho para não sei qual lugar. Assim que ela está longe o suficiente, eu começo a rir copiosamente enquanto o elevador segue para o estacionamento.

— Você não tem jeito, Simon Alexander Wyatt! — esbraveja, mas eu não consigo parar de rir. — Aquela mulher saiu achando que nós temos alguma coisa e que as crianças são nossas. — Paro de rir gradativamente.

NACIONAIS-ACHERON

— Você está errada...

— Oh, eu estou errada? — pergunta tão irônica quanto pode.

— Sim, claro. Aquela mulher não saiu achando que temos algo, ela saiu com a **certeza** de que você é minha mulher — rebato e ela semicerra os olhos em minha direção. — Não semicerre os olhos em minha direção, melhor amiga, eu sei que você deseja isso...

— Você realmente não tem mais o que fazer para ter o seu ego massageado, não é mesmo? Estou começando a me irritar e se não parar com isso, eu vou dar um jeito de provar ao meu pai que você perdeu a aposta — ameaça.

— Você me deu uma cotovelada... eu acho que melhores amigos não se batem — ameaço de volta.

— Se você acha isso, então significa que nunca teve um amigo de verdade — atira e eu bufo.

Ela está certa, entretanto. O mais perto que eu tive de ter um amigo depois da própria Spencer, foi Sculler e ainda é ele. Como as pessoas dizem, o meu humor é para poucos. Sou do tipo de pessoa intragável. Ou você me ama, ou você me odeia.

— Você está certa, Spencer... você foi a pessoa que estive mais perto de ter uma amizade comigo, mas te garanto que o que fazíamos naquela van, amigos não fazem.

Spencer balança a cabeça negativamente e o elevador se abre, dessa forma, ela sai em disparada, mas não antes de eu notar o tom levemente avermelhado em suas bochechas magras.

Eu saio do elevador, rindo de Spencer mais uma vez, pois ela não faz ideia alguma de onde está o meu carro. Ela se vira para mim, parecendo tremendamente irritada e se aproxima contragosto. Resolvo ficar calado, mas não escondo minha diversão.

Eu acho que ela precisa de diversão, pelo menos depois do que eu fiquei sabendo essa manhã.

Na última semana eu estive me preparando para a aposta e, quando minha mãe me ligou falando que Mario não esteve indo essa semana para a

pizzaria, eu tive que pedir um favor para uma pessoa que absolutamente ainda me irrita: Seth Sawyer.

Os pedaços vieram se formando em minha cabeça e talvez Mario não esteja apenas resfriado, como ele e Spencer me disseram.

Depois de muita conversa, xingamentos e ameaças, eu consegui o que queria com o marido da minha irmã: o contato de um dos seus melhores empregados.

Há dois dias eu pedi para Quinn — segurança, motorista e um faz-tudo leal a Seth e sua família — descobrir o que há de errado com Mario. Eu recebi sua ligação hoje cedo, minutos depois que Sculler apareceu para deixar as crianças comigo e não pude acreditar no que ele me adiantou ao telefone.

Mario tem câncer.

Mario e Spencer têm problemas financeiros — provavelmente — por conta do câncer.

Spencer recebe dinheiro por transações bancárias do seu noivo, o estúpido Tyler.

Eu não posso acreditar que eles esconderam isso da minha família e não posso acreditar que ninguém descobriu a merda ao seu redor. Eu sei que na maior parte do tempo eu sou um estúpido e falo muita besteira, mas pelo menos eu sou mais esperto que toda minha família reunida. Como eles deixaram isso passar? Mario tem câncer, porra! Ele não devia estar trabalhando nos últimos anos, mas sim se tratando.

E as transições bancárias de dinheiro do noivo de Spencer? Eu não faço nenhuma ideia de como Quinn conseguiu isso, mas ele o fez. O cara manda quinhentos dólares para ajudar Spencer com o pai, sendo que ele recebe mensalmente em sua conta sete ou nove vezes a mais do que esse valor. Há algo de errado com ele e eu não vejo a hora de encontrar e olhar na cara desse imbecil. Provavelmente eu enfiarei meu punho na cara dele, apenas provavelmente.

Eu estou irritado, mas não mostrei isso para ela. Se Spencer e Mario acham que são espertos, isso é por que eles não me conhecem de verdade.

Depois da notícia que recebi, Quinn se ofereceu para me ajudar com o que fosse necessário, então eu logo pedi-lhe outro favor. Fiz um cheque e

NACIONAIS-ACHERON

assinei para o hospital onde Quinn me disse que Mario está se tratando. A quantia doada para o lugar vai ajudar tanto ele, quanto mais algumas dezenas de pessoas que não podem pagar o tratamento. Por que eu fiz isso? Eu gosto demais de Mario para deixar que ele morra de câncer. Talvez eu queira ajudar Spencer um pouco também. Deve ser esse espírito de melhores amigos que está se instalando em mim, me fazendo ser um pouco bom em toda minha parte ruim.

O fato é que eu sei o que os dois estão passando e não posso deixá-los sozinhos nessa, mesmo que eu seja o doador fantasma de dinheiro para um amontoado de pacientes com câncer. Nesse caso eu não faço questão que as pessoas saibam que eu estou doando dinheiro. Sou demasiadamente ruim para elas acreditarem que eu estou fazendo algo de bom para alguém que não seja eu mesmo, então eu prefiro me poupar de comentários duvidosos ao meu respeito.

Eu posso ser bom quando eu quero e eu quero ser bom com Mario e Spencer. Ela não tem família nenhuma além de Mario. Eu sei que a minha família os considera mais do que amigos, mas ainda assim, isso não é como ter familiares de sangue. Mario é tudo que resta para Spencer e eu não estou deixando esse cara partir sem que todas as chances sejam dadas a ele e o melhor tratamento seja oferecido para que ele se cure.

Ela perdeu a mãe para o câncer e eu sei que perder o pai seria mais do que ela poderia aguentar. Eu me sinto levemente mal por Spencer, mas não sinto pena dela. Ela é forte o suficiente para deixar claro que não precisa da pena de ninguém e eu sei que ela puxou isso de Mario. Deve ter sido por *isso* que eles não contaram a ninguém sobre os problemas que estiveram passando nos últimos anos. Seja o que for, eu não estarei de fora a partir de agora, mesmo que eles não saibam que eu estou dando o dinheiro para o hospital.

Eu tenho um plano preparado para fazer com que Pearl descubra sobre tudo que está acontecendo e, depois que minha irmã ficar ciente do problema de sua melhor amiga, ela vai querer ajudá-la de todas as formas. Talvez Pearl doe algum dinheiro para o hospital, juntamente com Seth, dessa forma a minha doação pode ser camuflada pela deles.

Termino de arrumar Christian em sua cadeira e Spencer termina de arrumar Ryle. Eu a fito rapidamente e balanço minha cabeça. Ela é orgulhosa

pra caralho. Se naquele dia Mario não tinha dinheiro para seu próprio café, para o que mais eles não devem ter dinheiro?

Spencer não está se casando por amor, mas sim por dinheiro.



DURANTE TODO CAMINHO, SPENCER NÃO ME DISSE QUAL ERA O NOSSO DESTINO, APENAS AGIU NERVOSA E APONTANDO AS DIREÇÕES PARA MIM. Agora eu entendo o motivo do seu nervosismo: acabei de estacionar em frente a um ateliê. Se eu soubesse que estaríamos vindo para cá, eu mudaria de caminho.

— O que estamos fazendo aqui? — pergunto e ela apenas pega sua bolsa e sai do carro, fazendo-me repetir seus movimentos. — Eu fiz uma pergunta, Cherry — atiro quando já estamos do lado de fora do meu carro, encarando-nos por cima do mesmo.

— Eu preciso fazer uma prova do meu vestido de casamento — retruca despreocupada, ou quase isso. — Não comece a reclamar, não era para você vir conosco. — Ela abre a porta e eu faço o mesmo.

— Você ouviu alguma reclamação sair da minha boca, melhor amiga? — pergunto simples e Spencer revira os olhos.

Nos abaixamos e começamos a tirar as crianças de suas cadeiras em silêncio, enquanto as duas gritam e discutem com suas palavras erradas. Seguro Ryle e pego a bolsa, jogando-a sobre meu ombro e endireitando meu corpo. Bato a porta, observando Spencer já com Christian me esperando do outro lado.

Eu consigo me controlar.

Eu não sou mais uma criança. Eu absolutamente consigo me controlar quando eu quero.

Ligo o alarme do carro e empurro minha carteira e chave no bolso da

minha calça. Caminho até os dois e pego Christian no meu outro braço, indicando com a cabeça para Spencer começar a andar. Logo que ela começa a se mexer, eu a sigo. Entramos no local e eu faço uma careta. Há vestidos por todo lado e para todo gosto, assim como há muitas mulheres para lá e para cá, que começam a me encarar com sorrisos nos rostos.

— Spencer! — uma atendente exclama do nada e as duas se abraçam.

— Ally... — Escuto Spencer falar com menos ânimo.

— *Titi, titi, titi...*

Os dois começam a gritar e a puxar meu cabelo, bagunçando-o para todos os lados, o que chama a atenção de todas as mulheres do local. Inclusive Spencer. A mulher ao seu lado, Ally — *eu suponho* —, me encara com um sorriso bonito e olhos brilhantes. Ela é bonita. Realmente bonita. Loira, visivelmente magra e com uma pele impecável. Embora tudo isso, não é como se ela estivesse na minha lista de prioridades nesse momento.

— Melhor nós irmos nos sentar — resmungo para os dois, que continuam bagunçando meu cabelo como se fosse a coisa mais interessante que eles têm para fazer no momento.

Vejo Spencer conversar com a mulher, que não tira os olhos de mim. Eu sorrio para ela e pisco no mesmo momento em que a morena se vira para mim e me atira um olhar semicerrado.

As duas começam a se distanciar e eu vejo o momento em que Spencer entra em um provador junto com Ally e um vestido que ela pegou no caminho. Balanço minhas pernas inquietamente, acertado subitamente com a vontade de ir atrás de Spencer.

Assim que Ally sai do provador, ela se aproxima de onde eu estou com as crianças. Christian é o primeiro a estender os braços para ela quando ela se senta ao meu lado.

— Então, você é o noivo da Spencer? — ela questiona, segurando Christian.

— Não, boneca. Eu sou o melhor amigo dela — digo e seus olhos brilham mais que antes.

— Eu posso jurar que já te vi antes... — ela comenta assim que outra

atendente se aproxima de nós.

— Provavelmente na televisão durante o Super Bowl, eu diria. Sou jogador profissional de futebol americano — informo e seu rosto é banhado por surpresa.

— Eu sabia! — a outra mulher exclama e eu dou uma risada.

— Vocês se importariam em cuidar dos meus sobrinhos por poucos minutos? Eu preciso fazer uma ligação rápida — peço e elas duas afirmam imediatamente.

Entrego Ryle à outra mulher e me levanto. Vejo pelo vidro do ateliê que Quinn está do lado de fora do local, me observando encostado em seu carro que está estacionado atrás do meu. Indico para ele ficar de olho nas crianças e ele apenas acena, começando seu caminho para dentro da loja.

Caminho pelo local, fazendo com que as duas me percam de vista e foquem nos dois bebês e entro no provador de Spencer. Bato a porta e ela dá um pulo, parando de se fitar no espelho. Respiro fundo, irritado pela forma como ela parece bonita em seu vestido de noiva. Absolutamente estonteante. Não aguento ficar longe dela, dessa forma eu me aproximo rapidamente. Seguro os braços de Spencer de cada lado da parede coberta por um espelho e espreito meu olhar sobre o decote simples de seu vestido de noiva.

Noivas são meu mais novo fetiche.

Eu quero uma na minha cama e, de preferência, quero que ela seja Spencer. Eu quero a noiva imaculada, certinha e pseudo-apaixonada, Spencer-Fucking-Carter na minha cama.

— O que você está fazendo aqui? — ela pergunta, confusa.

Tenho certeza que meu olhar sobre ela não é um dos melhores.

— Vim vê-la — atiro sincero.

Ela sorri.

— O que você acha do meu vestido? — questiona, arqueando uma sobrancelha para mim.

— Você sabe o que eu acho desse vestido? — pergunto, fitando os lábios avermelhados dela e controlando-me sobre a borda para não beijá-la. — Acho que você parece divina pra caralho e acho que nunca fiquei tão

NACIONAIS-ACHERON

excitado em toda a minha vida de merda.

Observo-a engolir a seco e isso me deixa mais satisfeito do que nunca. Spencer está nervosa e Spencer quase nunca fica nervosa. Ela é segura de si e inflexível, isso não faz parte da sua personalidade e eu absolutamente amo vê-la nervosa por minha causa, como nos velhos tempos.

— Saia daqui — ela sussurra, tentando me empurrar, mas eu apenas seguro seus pulsos com mais força e a empurro de volta contra a parede. — Simon, pare... — pede.

— Suas lembranças não serão boas quando vestir esse vestido e caminhar até o altar para se casar com seu noivo. Eu preciso fazer com que esse vestido tenha lembranças inesquecíveis para quando você for se casar com outro homem, Cherry... — murmuro, segurando suas mãos em cima de sua cabeça. — E para que se lembre que, quando ele estiver tirando esse vestido do seu corpo na noite de núpcias, eu já o fiz antes — completo.

As pupilas dos seus olhos dilatam e ela respira fundo. Spencer está com as bochechas vermelhas e eu posso sentir seu calor se misturar com o meu.

— O que você acha que seria uma boa lembrança? — ela indaga.

Sorrio de lado, passeando com minha mão direita, livre, por seu corpo. Alcanço o zíper lateral e começo a arrastá-lo para baixo. Com o vestido pendurado em seus ombros, mas solto por sua cintura e quadril, começo a puxar a saia folgada para cima enquanto escuto os suspiros de Spencer e sinto suas respirações em minha pele.

— Você não vai se esquecer do que eu vou fazer com você nesse vestido e quando seu noivo e futuro marido for te levar para a cama, você vai desejar que eu estivesse no lugar do imbecil, porque ele nunca vai te fazer sentir metade das coisas que eu farei com que sinta nesse momento — digo, completamente seguro das palavras que eu solto.

Eu não dou muito tempo para Spencer fugir. No momento em que solto seus braços, ajoelho-me na sua frente e literalmente entro por debaixo da saia do seu vestido branco. Seguro sua coxa, empurrando-a para o meu ombro e assim que eu tenho as duas de cada lado, eu levanto-me sem dificuldade.

Eu a escuto soltar um grito completamente abafado e, em seguida, Spencer puxa a saia desesperadamente para conseguir me ver. Tento puxar

sua calcinha para fora do meu caminho e acabo rasgando um de seus lados, recebendo uma reclamação instantânea. Assim que o vestido não me cobre mais e que ela está me fitando boquiaberta, eu sorrio em sua direção e em direção da sua boceta.

— Você... me coloca no chão, Simon... — ela pede e eu balanço a cabeça negativamente, beijando seu baixo-ventre e apertando suas coxas com força, enquanto ela se equilibra segurando-se em meus cabelos e segurando o vestido com a outra mão.

— Você não faz ideia de quando foi a última vez que eu chupei uma mulher pensando no prazer dela e não no meu, Cherry... Isso faz algum tempo, eu admito, mas absolutamente quero fazer isso agora — comento, traçando um caminho com minha língua até seu clitóris, enquanto eu a empurro para cima e a deixo segura. — Será que alguém já te chupou nessa posição? — pergunto ironicamente e ela nega.

Sem falar qualquer palavra, deposito um beijo em seus lábios e começo lamber toda extensão rosada e quente. Spencer se remexe e eu sorrio contra sua pele, pois ela não tem coragem de se afastar de mim, já que tornei isso impossível.

Como um Quarterback, tenho que ter força nos meus braços para ter lançamentos potentes, mas em nenhum momento eu pensei que precisaria tanto dessa força que treino e malho durante, depois e antes de todas as temporadas. Spencer não é tão pesada, mas depois de algum tempo seu pouco peso vai se multiplicar, então tenho que me apressar por esse e outros motivos.

Spencer continua me olhando, enquanto eu a tomo em minha boca. É uma pena que eu não possa usar minhas mãos nesse momento, porque eu realmente gostaria de sentir sua pele depois de anos. Enquanto isso, eu me dou por satisfeito em apertar apenas suas coxas cada vez com mais força.

Ela está a minha mercê.

Eu sou o único, nesse momento, que pode fazê-la sentir prazer e eu vou prolongá-lo e levá-la até o céu, para que ela possa lidar com o inferno depois disso.

A cada minuto que passa, Spencer parece queimar em brasa e a cada

movimento que faço com minha boca, ela se contorce mais ainda.

Eu já tive a chance de ver Spencer bêbada e ela está agindo como se estivesse bêbada. Eu gosto dela assim, uma vez que ela parece esquecer a realidade. Eu gosto de levá-la para outro mundo; o meu mundo — *talvez*.

— Simon... — sussurra, pendendo a cabeça para o lado e finalmente quebrando nosso contato visual, enquanto espreme os olhos com bastante força. Seus dedos se enrolam com mais força em meu cabelo e ela puxa. — Você não v... vai conseguir fazer isso... — Ela puxa com ainda mais força, tirando-me do meu posto favorito.

Esfrego meu queixo sobre seu clitóris, enquanto a observo morder o lábio inferior com força. Meus braços começam a doer e vejo que não há mais chance de deixá-la suspensa depois de quase dez minutos. Habilmente, puxo Spencer para colocá-la de pé e volto a me ajoelhar entre suas pernas. Em algum momento ela solta meu cabelo, mas não demora tanto até ela enrolá-los outra vez entre os dedos.

Tão de perto quanto estou, posso ver as suas pernas tremerem, então puxo uma delas para o meu ombro.

— Pode me dizer o que eu não vou conseguir fazer? — pergunto, assoprando em seguida sua carne molhada e levemente inchada.

Ela continua me puxando para longe do meu lugar favorito, então eu volto a esfregar meu queixo sobre seu clitóris.

— *Spencer, precisa de ajuda?* — alguém pergunta do lado de fora e eu posso ver o horror que está nos olhos de Spencer assim que ela os arregala.

Seu punho libera meu cabelo e eu volto a sugar seu clitóris entre meus lábios, sacudindo-o com minha língua.

— *Spencer?* — a pessoa volta a chamar.

— N... Não precisa! — ela exclama de volta. — E-Eu estou terminando, Lisa...

— Você é delici... — tento falar, mas Spencer me empurra de volta e me faz calar a boca.

Dou uma risada abafada, aproveitando para tomar vantagem do que ela acabou de fazer.

Seu corpo retesa-se por completo e seu quadril toma vida própria. Os espasmos que passam pelo corpo de Spencer e como ela reage à eles, é a melhor coisa que eu tive o prazer de ver em anos. Eu continuo assaltando-a por sua própria vontade e meu deleite, agora podendo tocá-la com minha mão direita. Ela volta a abrir os olhos e me fita. Tudo nela está queimando. Sem aviso, a penetro com dois dos meus dedos, estupidamente amando o calor com o qual ela me cerca. Enquanto eu não posso usar meu pau, que está latejando nesse exato momento, vou usar meus dedos.

— Pare... — sua voz treme do início ao fim, assim como seu corpo.

O vaivém lento está torturando-a e eu gosto de vê-la tremer por mim. Os espasmos do seu orgasmo anterior ainda estão fazendo seu corpo reagir a cada toque que lhe ofereço com minha língua. Nada poderia encher mais o meu ego do que esse momento.

Retiro meus dedos e empurro sua perna para longe no meu ombro. Levanto-me e fico cara a cara com ela. Parece que ela fumou maconha, de tão ligada que está. As pupilas continuam dilatas, enquanto seus lábios estão inchados e vermelhos, assim como suas bochechas. Sugo meus dedos molhados rapidamente e ela não perde um movimento sequer, deixando-me escutar o engate de sua respiração.

— Eu sinto falta delas também, Cherry — afirmo, observando as pontas de seus seios completamente salientes sob o tecido do seu vestido branco. Infilto minha mão pela lateral aberta do seu vestido e seguro o primeiro deles com força, esfregando meu dedão no pequeno botão. — Esse vestido agora é inesquecível para nós dois e eu aposto que seu noivo não fará melhor que eu, mas você pode me manter informado depois da sua noite de núpcias, tudo bem?

Antes que ela possa me responder, eu não consigo evitar e acabo empurrando o vestido mais ainda para tomar seu mamilo em minha boca. Escuto ela me xingar entre dentes e eu raspo a ponta com meus dentes.

— *Santo... D... Simon...*

Dou uma risada e me afasto total e completamente dela. Suas mãos estão de cada lado da parede, enquanto ela parece estar se esforçando para continuar de pé.

— É exatamente isso que eu sou: um santo, uma pessoa boa. Eu nunca comeria a minha melhor amiga comprometida em seu vestido de casamento. Você sabe o que aconteceu aqui? Eu não sei, acabei de esquecer-me de tudo — jogo e ela continua me fitando da mesma forma. — Eu acho que você tem que arrumar esse vestido, Cherry. — completo e dou-lhe as costas.

Passo minhas mãos pelo meu cabelo e ajusto meu jeans, incomodado com minha ereção. Pego meu celular, enquanto saio e vou direto ao banheiro digitando “pornô de velhos”. Essa é a única coisa que vai fazer eu me acalmar e talvez vomitar depois de ter visto Spencer completamente gloriosa.

Capítulo 14

PARTE I

Spencer Carter

“Arrependimento...”

FECHO OS MEUS OLHOS, ENQUANTO LEVANTO-ME COM CERTA DIFICULDADE DO CHÃO ONDE ESTIVE PELOS ÚLTIMOS DOIS MINUTOS DESDE QUE SIMON SAIU DO PROVADOR. Minha respiração está ofegante e eu sinto minhas pernas formigarem de forma absurda. Esse é o efeito que Simon tem sobre mim. Ele me deixa fraca e tonta a partir de certa distância e ele estava muito perto de mim nos poucos minutos que passamos dentro desse cubículo. É como se eu estivesse prestes a morrer e ele fosse a adrenalina que me traria a vida no último momento. Os suspiros, as palavras sem sentidos e a respiração entrecortada.

Simon me tocou como nos velhos tempos e isso trouxe uma enxurrada de sentimentos que serviram para me deixar tão confusa quanto eu era antes.

Lágrimas enchem meus olhos e minha garganta fecha quando me dou conta de que eu ainda o amo, mas isso claramente não deve interessá-lo em nada. Esse é um sentimento que ainda existe dentro de mim que eu tenho que matar de uma vez por todas. Eu tenho que expulsá-lo do meu coração assim como ele me expulsou de seu carro e me deixou voltar andando e sozinha para casa.

Simon não merece nada do que eu sinto por ele, disso eu estou certa. A única pessoa que merece meu amor, é Tyler, mas ao invés disso, eu apenas sinto uma gratidão e amizade enorme por ele.

Enxugo minhas lágrimas, enquanto novas banham meu rosto. O que eu vou fazer? Eu deixei Simon me tocar e eu estupidamente gostei. Contudo, arrependo-me por ter traído Tyler. Céus, como eu consegui ser tão estúpida? Uma verdadeira vadia.

Eu traí Tyler com Simon.

Tyler não merece isso. Eu não o mereço. Eu sou uma péssima noiva.

Simon arruinou o meu vestido de noiva. Como vou ter a coragem de me casar com Tyler com o mesmo vestido em que Simon me... em que Simon...

Respira, Spencer.

Não posso deixá-lo me afetar.

Se ele acha que vai conseguir me enlouquecer e ficar sob minha pele, Simon está enganado.

Enxugo minhas lágrimas e engulo meu choro, como já estou acostumada a fazer. Arranco o vestido do meu corpo e o deixo jogado no chão, enquanto começo a me vestir com meu próprio vestido. Para completar, o bastardo rasgou minha calcinha.

Puxo uma respiração profunda.

Tiro minha calcinha e enrolo o pouco material para escondê-lo na palma da minha mão. Checo minha aparência no espelho e me dou por satisfeita. Nada aconteceu. Estou exatamente como antes de Simon aparecer aqui.

Saio do provador e dou de cara com Ally.

— Tudo bem? — ela indaga.

— Sim, claro! — digo, dando-lhe meu melhor sorriso. — Eu apenas... — Pigarreio, enquanto procuro Simon pelo local. — Eu mudei de ideia sobre o vestido, Ally. Eu não quero mais aquele, mas não se preocupe, entrarei em contato com a costureira para falar sobre outro modelo — digo, recordando-me do vestido da mamãe.

— Oh, tudo bem... — retruca, confusa.

Finalmente avisto Simon saindo do banheiro masculino. Sorrio para Ally e aceno com uma das mãos para ela, enquanto me afasto e caminho em direção ao loiro sujo. Seu cabelo está jogado para o lado de forma sexy e eu acabo fazendo o mesmo com meus sentimentos. Jogo tudo que eu sinto para o lado e paro em sua frente, fitando-o com frieza.

— Aqui está o seu prêmio — digo, puxando uma das mãos de Simon e o encarando com firmeza enquanto coloco minha calcinha ali em sua palma

áspera. Ele me encara, neutro, como se eu nem mesmo estivesse falando com ele. — Você é a pessoa mais desprezível que eu conheço, Simon. Um estúpido, mesquinho e que absolutamente não merece nada que eu sinto por você. Eu quero que as coisas fiquem claras entre nós dois: nunca mais faça aquilo outra vez comigo, senão terá meu nome tatuado em sua bunda — cuspo. — Somos amigos, certo? Todo mundo tem um amigo que simplesmente não presta e você é esse meu amigo. Agora, cai fora daqui, eu não quero mais te ver pelo resto do dia — concluo e dou-lhe as costas.

Caminho até as crianças, que estão brincando juntas no chão sob o olhar atento de Quinn e ele logo se aproxima para me ajudar.

— Para onde estamos indo agora, senhorita? — Quinn pergunta, carregando Christian e pegando a bolsa das crianças.

— Eu preciso pegar meu pai no hospital, se isso não for um problema. Ele vai ficar conosco na casa de Seth e Pearl, eu já os avisei sobre isso — falo, tentando controlar o tremor em minha voz.

— Sem problemas — Quinn sentencia.

De soslaio, percebo que Simon sai da loja pisando duro enquanto remexe em seu cabelo. Eu tento evitar encará-lo, mas infelizmente não consigo. Pelo vidro consigo vê-lo entrar em seu carro e arrancar com tanta rapidez que de repente temo que algo possa acontecer com ele.

“Pare de pensar nesse idiota, Spencer”, digo para mim e sigo meu próprio conselho. Eu tenho coisas mais importantes para me preocupar, como por exemplo: meu pai e o fato de que eu tenho que correr para pegá-lo no hospital.



PARTE II

Simon Wyatt

“Desprezo é como uma vadia...”

TOCAR EM SPENCER FOI BOM. Especial, eu diria. Contudo, seu desprezo é como uma porra de uma vadia. Queima tudo de mim e praticamente me enlouquece. Eu odeio quando ela faz isso: entrega-se para mim e depois recua. Depois de tanto tempo, pensei que ela tinha crescido, mas parece que isso realmente não aconteceu.

Talvez isso não deva acontecer. Talvez eu e ela simplesmente não fomos feitos para ficarmos juntos nem por um segundo, pelo menos sobriamente dizendo. Eu sei que quando eu estou perto dela, ela sente como se estivesse bêbada. É o mesmo que acontece comigo. É como se tivéssemos tomado muitas doses de tequila e depois de algum tempo, nenhum pensamento passasse corretamente por nossas mentes.

Jogo meu carro para o lado, estacionando de qualquer jeito em frente àquela casa e soco o volante repetidas vezes.

O que eu fiz de errado, afinal?

Por que ela simplesmente não sai da minha cabeça?

Observo Seth sair com Pearl da casa de Cassie e Sculler. Os dois sorriem um para o outro e ali eu tenho o retrato de um casal perfeito. É isso que Spencer quer, afinal? Ela fala tanto de Seth e Pearl, joga o relacionamento dos dois na minha cara... É isso que ela quer?

Se sim ou se não, nesse momento eu não ligo tanto.

Eu vim atrás desses dois apenas para fazer algo que já deveria ter sido feito há muito tempo. Saio do carro e caminho até eles, que me percebem no meio do caminho. Pearl vai perdendo seu sorriso gradativamente e encara-me preocupada.

— Tudo bem? — ela indaga. — Pensei que você estivesse ido ficar com Spencer e as crianças...

— É exatamente sobre isso que eu vim falar — atiro e ela levanta uma sobrancelha como um sinal para me fazer continuar. — Spencer está levando Christian e Ryle ao hospital...

— O que aconteceu com ele? O que...

Seth toma a frente, tentando me puxar pela camisa, mas eu o empurro.

— Olhe com seus próprios olhos. Se eu fosse vocês, não demoraria tanto... apenas não cite meu nome quando chegar lá. Eu absolutamente acho que você precisa ver o que está acontecendo.

Dou as costas para os dois, enquanto escuto Seth xingar copiosamente e Pearl me chamar. Não demora dez segundos para os dois estarem dentro do seu carro e partirem para longe. Volto para o meu carro e entro, tentando esfriar minha cabeça aos poucos.

Não.

Não vou e nem quero mais tentar qualquer coisa com Spencer.

Se ela quer jogar o jogo da “negação”, ela mal sabe onde se meteu.

Capítulo 15

Spencer Carter

“Família não é apenas de sangue...”

DEIXO AS CRIANÇAS COM QUINN, ENQUANTO CORRO PARA DENTRO DO HOSPITAL EXTREMAMENTE ATRASADA PARA PEGAR O PAPAI. Isso me irrita um pouco, pois eu odeio faltar com minhas responsabilidades e o fato de Simon estar ligado ao meu atraso me deixa mais irritada que o normal. Eu tenho responsabilidades e não posso desviar delas.

Assim que chego à sala de espera e o encontro sentado conversando com um senhor já de idade, solto minha respiração aliviada. Aproximo-me deles e logo que meu pai me nota, ele tenta ficar de pé, mas acaba falhando.

— Pai! — exclamo, fechando a distância entre nós nervosamente.

— Está tudo bem, Spencer — diz, mas sua aparência denuncia o contrário.

As quimioterapias estão deixando-o debilitado a cada dia que passa e eu odeio ver isso acontecer com meu pai.

— Eu vou pegar uma cadeira de rodas, espere aqui — afirmo, mas ele me para.

— Eu não quero uma cadeira de rodas, filha. Apenas me ajude a ficar de pé, por favor — murmura, abaixando a cabeça e eu assinto.

— Está tudo bem, vamos conseguir. — Eu tento animá-lo. Endireito meu corpo e ofereço minhas mãos para meu pai segurar. Com impulso, ele se levanta e eu o ajudo a firmar-se de pé, passando um de seus braços por meu ombro para apoiá-lo em mim. — Conseguimos, está vendo? Agora vamos, as crianças estão nos esperando...

— Eu acho que não apenas elas — meu pai diz, apontando com a cabeça para a entrada do hospital.

Viro meu rosto e engulo a seco ao ver Pearl vir em minha direção com confusão estampada no rosto. Logo atrás, Seth a segue com Christian e Ryle

NACIONAIS-ACHERON

nos braços.

— E agora, pai? — sussurro.

— Não temos como esconder mais nada da família Wyatt, filha. Se ela perguntar, conte a verdade — murmura de volta.

Pearl para em nossa frente, olhando fixamente para o meu pai. Ela respira fundo várias vezes até me fitar com os olhos brilhando e voltar sua atenção novamente para o papai.

— Oi, Mario... — Pearl sussurra.

— Garota Pearl, é bom vê-la — meu pai a saúda.

— Eu falo o mesmo. — Ela sorri fraco. — Você precisa de ajuda? — indaga. — Amor, ajuda o Mario, por favor...

Seth deixa os dois no chão e se aproxima de nós, fitando-me com um olhar acusatório.

— Então é isso que estava escondendo, Spencer? — murmura.

— Não comece — resmungo.

— Ei, Mario, tudo bem com você cara? — Ele me ignora, tirando-me do meu lugar e ajudando meu pai a ficar de pé.

— Na medida do possível, rapaz — papai responde.

Abaixo minha cabeça, envergonhada. Seguro a mão de Christian e Riley, observando Seth seguir com meu pai em passos calmos até a entrada do hospital. Pearl fica ao meu lado e nós nos encaramos.

— Você vai me dizer o que está acontecendo quando chegarmos em casa? — ela pergunta e eu aceno positivamente com a cabeça. — Obrigada — completa.

Começamos a seguir para a saída em um silêncio que é cortado apenas por Chris e Riley e assim que estamos do lado de fora, vejo Seth e Quinn ajudarem meu pai a entrar no carro. Seth volta até nós e pega as crianças de mim.

— Quinn vai levar você e Mario até nossa casa, apenas vá, as crianças irão conosco — Seth comanda e eu reviro meus olhos com seu tom mandão, mas não falo nada.

Caminho em passos largos até o carro e entro, batendo a porta e afundando no banco de couro. Espero que Pearl não fique tão chateada comigo por não ter contado nada a ela sobre o que está acontecendo com o papai. Ao mesmo tempo que acho que ela pode não entender o motivo pelo qual fizemos isso, preciso que Pearl compreenda que eu preciso de seu apoio, não de seu julgamento.

— Você está melhor agora, pai? — pergunto, forçando-me a soar confiante.

— Estou bem, Spencer — murmura.

O resto do caminho até a casa de Seth e Pearl se passa em silêncio. Durante todo o percurso, eu tento colocar meus pensamentos no lugar e organizar tudo que tenho para falar para Pearl. Não vai ser fácil explicar a ela algo que nem mesmo eu entendo, mas eu pretendo tentar ao máximo expressar-me de forma uma que ela entenda.

Depois da curta estrada até a mansão do casal, Quinn estaciona o carro e eu posso ver Seth estacionar o seu carro logo em seguida ao nosso lado. Saio do carro ao mesmo tempo que ele e Pearl o fazem e minha amiga vem em minha direção, segura minha mão e começa a liderar o caminho à nossa frente.

— As crianças e o pap...

— Não se preocupe, Seth vai ajudar seu pai a entrar e Quinn vai trazer as crianças para dentro — ela me corta e vira o rosto para me encarar. — Eu e você temos que conversar agora — afirma.

— Tudo bem...

Pearl solta minha mão e abre a porta, dando-me espaço para entrar e fazendo o mesmo logo em seguida. Ela volta a segurar minha mão e me puxa por todo caminho até a cozinha.

— Você quer beber alguma coisa? — indaga, soltando minha mão outra vez e apontando para eu me sentar em uma das cadeiras em frente a uma mesa pequena e redonda.

— Não, obrigada — recuso, certa de que não conseguirei empurrar nada para dentro.

Pearl abre a geladeira e puxa uma garrafa de água, voltando de lá e sentando-se ao meu lado. O silêncio entre nós duas incomoda mais do que algum dia eu pensei que incomodaria. Segundo longos e torturantes se passam até Pearl pigarrear.

— Você começa ou eu começo? — ela pergunta e eu dou de ombros. — Vai ser sincera e me dizer o que está acontecendo com Mario ou...

— Eu vou ser sincera — afirmo, puxando uma respiração profunda. — Eu sinto muito que nós não contamos nada a vocês é só que... é só que o papai ele pediu para eu não falar nada sobre o que está acontecendo com ele — começo, nervosamente.

— O que está acontecendo com ele, Spencer? — ela sussurra.

— Ele está muito doente. — Fecho meus olhos, afirmando tanto para Pearl quanto para mim algo que está mais do que na minha cara. Meu pai está muito doente, muito mais do que esteve quando tudo começou. — Ele está com câncer nos pulmões — sentencio.

— Quando vocês descobriram? Quando ele...

— Um pouco depois do aniversário de dezenove anos de Seth — sussurro e lágrimas começam a queimar em meus olhos, forçando-me a abri-los apenas para encontrar Pearl com uma mão em cima de sua boca. — Eu sinto muito por não termos contado a vocês, mas foi tudo tão rápido naquele momento. A doença veio e nós gastamos todo dinheiro guardado para minha faculdade no seu tratamento que foi um sucesso a princípio, mas depois de um tempo tudo voltou, dessa vez com mais força.

— Vocês deveriam ter nos falado... Spencer, nós poderíamos ter ajudado você e o Mario. Vocês são parte da nossa família também — Pearl diz, deixando lágrimas caírem por suas bochechas e o mesmo acontece comigo.

— Eu sei, eu falei para o papai que nós deveríamos pedir a ajuda de vocês, mas ele não quis e agora nós estamos assim... Eu sinto muito por não ter te contado, não ter contado para os seus pais, mas nós pensamos que seríamos capazes de lidar com tudo sozinhos — eu me desculpo copiosamente, enxugando minhas lágrimas apenas para outras tomarem lugar em meu rosto. — Eu estou com muito medo... — confesso-lhe algo que

nunca cheguei a falar em voz alta.

Pearl sai de seu lugar e me puxa para ficar de pé, abraçando-me com força. Um soluço escapa por minha boca, enquanto meu choro se intensifica de forma absurda.

— Shhh... Agora vai ficar tudo bem, amiga. Nós vamos ajudar você e o Mario. Ele vai se curar, você pode acreditar nisso. Não fique com medo, por favor, eu odeio vê-la triste, Spencer. — Pearl tenta me tranquilizar e me apoiar, confortando-me aos poucos.

— Eu não quero perdê-lo. Meu pai é minha única família — sussurro. — Eu já perdi a minha mãe e não vou suportar perdê-lo também. Eu não quero ficar sozinha...

— Você nunca estará sozinha, Spencer. Eu sempre vou estar do seu lado, assim como o Seth e toda nossa família. Você não tem apenas ao Mario, mas tem também a todos nós. — Ela afasta o rosto e nós nos encaramos. — Vai tudo entrar nos trilhos de hoje em diante, tudo bem? Mario vai ter o melhor tratamento que o dinheiro pode comprar e tudo será feito para que ele consiga se curar e recuperar sua saúde.

Aceno positivamente, enquanto Pearl enxuga minhas lágrimas.

— Eu não sei como te agradecer por isso. — Sinto minhas bochechas esquentarem.

— Não precisa agradecer. — Pearl sorri para mim.

Preciso contar para Tyler o que aconteceu, dessa forma ele não precisará mais enviar dinheiro para nós. Além disso, preciso que ele volte para Long Beach para que conversemos pessoalmente sobre muitas coisas, inclusive o que ocorreu entre Simon e eu.

Capítulo 16

Simon Wyatt

“E se?!”

PASSEIO MEU OLHAR PELO LOCAL, CONSTATANDO A DECORAÇÃO BONITA QUE FOI FEITA PARA A FESTA DE ANIVERSÁRIO DE CHRISTIAN. Pearl realmente fez um bom trabalho com tudo, pois mesmo que eu nunca tenha ido a muitas festas de crianças, essa parece uma daquelas perfeitas. Depois que passei ontem à noite por aqui, não pensei que tudo estaria tão bonito desse jeito. Pearl provavelmente deixou Seth maluco, o que me dá vontade de rir, uma vez que eu sei como Pearl fica quando quer que as coisas saiam perfeitamente bem.

— *Titi!* — Escuto Christian gritar ao mesmo tempo que corre em minha direção.

O local já tem bastante gente, muitos deles amigos de time de Seth, que trouxeram seus filhos para a festa de Christian.

— Ei, maracujá azedo. — Abaixo-me a tempo de receber seu abraço. — Parece que você está ficando velho, não é mesmo? Será que já tem cabelos brancos? — indago, mexendo em seu cabelo e provocando sua risada alta.

— *Plesentí!* — exclama, tentando alcançar o embrulho que está na minha outra mão.

— Calma, moleque. — Dou uma risada. — Esse não é o verdadeiro presente — eu informo e ele franze o cenho.

— *Plesentí, titi!* — choraminga.

— Seu verdadeiro presente eu vou te dar apenas amanhã, mas não conte aos seus pais, eu quero fazer uma surpresa a eles também, tudo bem? — pergunto e ele assente.

Entrego-lhe o embrulho e ele começa a abrir em modo de destruição em poucos segundos. É uma bola de futebol, o que faz Christian gritar animado e começar a arremessá-la para mim.

NACIONAIS-ACHERON

— Vamos jogar! — ele pede e eu reviro os olhos.

— Você tem certeza disso? Eu não quero fazê-lo chorar por perder um jogo no dia do seu aniversário — brinco e ele gargalha de volta.

— Jogar! — pede mais uma vez e eu vejo Sculler se aproximar com Ryle nos braços.

— Ei, cara, ele quer jogar — digo a Sculler, que arqueia uma sobrancelha. — Vai chamar a gangue de anões para te ajudar, Christian — eu digo a ele.

— *Gangui, gangui!* — exclama.

Sculler coloca Ryle no chão e os dois saem correndo para chamar as outras crianças para o jogo.

— Você acabou de chegar e já está fazendo Christian pirar, eu não quero ver como o garoto estará ao final da festa — Sculler diz, rindo e parando ao meu lado. — Vai ser eu e você contra as crianças? — pergunta.

— Sim — digo, segurando o riso.

Caminhamos até o campo que está logo ao lado e ficamos conversando sobre jogos até vermos as crianças aparecerem correndo em um amontoado que me lembra um filme de tampinhas amarelas que assisti certa vez com Christian. Assim que eles param na nossa frente, pego a bola do meu sobrinho e jogo para Sculler, enquanto tento organizá-los e explicar o que eles têm que fazer no jogo, mas é impossível. No final de tudo, apenas digo que eles têm que pegar a bola.

— Onde está a organização de vocês? Ataque, defesa, alinhados! — As crianças começam a correr descontroladas pelo gramado, o que me faz segurar o riso até onde eu consigo, o que não é muito. — Vermelho dezoito! Babador azul, babador azul! *Hut, hut!* — Sculler joga a bola para mim, e posso escutar daqui a sua risada alta.

As crianças se juntam e começam a gritar, todas correndo atrás de mim. Elas realmente entenderam apenas uma parte de tudo que eu disse: pegar a bola. Começo a correr para longe delas, que me tem como alvo e toda vez que olho para trás, contorço meu rosto em caretas que provocam suas risadas. Chego à última linha e viro-me para elas, que continuam a correr atrás de mim, provavelmente alheias de que eu já fiz um touchdown.

NACIONAIS-ACHERON

Arremesso a bola de volta para Sculler e logo sou atacado nas pernas. Caio no chão, rindo ao ver Christian ajudar Riley a chegar até mim. Assim que os dois estão na minha frente, eles me abraçam com força, gritando palavras aleatórias e erradas. Varro o lugar com meu olhar, notando Spencer me fitar de longe com um sorriso no rosto. Ela parece mais bonita que nunca e isso me faz esquecer completamente de todas as tolices que passam por minha cabeça toda vez que penso nela.

O vestido que escutei Pearl comentar ontem à noite que havia dado para Spencer é muito bonito e finalmente abraça seu corpo da forma certa, diferente das peças folgadas que ela esteve usando nos últimos dias. Eu arriscaria dizer que Spencer está usando essas peças folgadas por causa do tratamento de Mario, o que a deixa sem dinheiro para comprar novas roupas.

Sorrio de volta para Spencer e volto minha atenção para as crianças, que agora correm em direção a Sculler, com exceção de Christian e Riley que continuam agarrados ao meu pescoço. Levanto-me, puxando os dois comigo e eles continuam a gritar sem parar.

Como essas crianças não perdem a voz?

Por quase vinte minutos, eu e Sculler somos um time contra uma multidão de crianças. Certo, eu exagerei, mas o barulho que elas fazem é quase o de uma multidão. Seth se junta a nós dois no final do jogo e eu não perco a chance de provocá-lo.

Sento-me finalmente ao lado de Mario, amarrando meu cabelo e passando minhas mãos por meu rosto. Ele sorri para mim, mas logo leva seu lenço até a boca para tossir. Fico calado, esperando que ele se recupere enquanto eu mesmo retomo meu fôlego depois do pseudo-jogo.

— Como está indo tudo por aqui até agora? — pergunto assim que ele tira o lenço de sua boca.

— Tudo bem, rapaz. Seus pais estavam fazendo companhia para mim até alguns minutos atrás, mas eles saíram para resolver algo com a garota Pearl — explica. — De qualquer forma, Spencer vem me checar a cada cinco minutos e... *lá vem ela* — resmunga, parecendo um pouco chateado.

Viro meu rosto a tempo de ver Spencer sorrir com Christian e Ryle, enquanto os dois pequenos seguram sua mão, um de cada lado. Ela levanta o

rosto e me encara, perdendo quase todo sorriso que exhibia segundo atrás.

— Está tudo bem por aqui? — Spencer questiona, voltando a atenção para seu pai.

— Não precisa vir me olhar a cada cinco minutos, filha, eu já disse que estou bem — ele reclama. — Simon está me fazendo companhia agora — conclui.

Spencer solta a respiração, sendo um tanto exagerada.

— Eu preciso entrar para trocar o vestido da Ryle, ela acabou se sujando muito no jogo e Cassie está um pouco enjoada para fazer isso. Pode ficar de olho nele por mim? — indaga, explicando demais a situação.

— Vá em frente, eu não vou sair daqui — falo, simples.

Spencer acena de volta e se vira com as crianças.

— Ela age como se eu fosse uma criança — Mario reclama, tirando uma risada minha.

— Então somos dois, cara — reclamo de volta. — Ela sempre me tratou como se eu fosse uma criança, mas o problema é eu que não ajudo muito, então estou acostumado com isso — explico e Mario não consegue deixar de rir.

— Você vai me falar sobre vocês dois ou é como ela, que nunca me deixou saber de nada? — sua pergunta me pega de surpresa.

— Sobre nós dois? — rebato, confuso.

— É, rapaz. Antes. Você sabe, eu tenho ouvidos e não deixava de escutar o que vocês falavam anos atrás quando se provocavam dentro e fora da cozinha da pizzaria — diz. — Nunca me meti na vida da minha filha quando se tratava de garotos. É claro, dei-lhe um milhão de avisos sobre o tipo certo e errado, mas ela já tinha tido o suficiente de sua cota de infelicidade para ter que lidar com um pai que vigia todos seus passos. — Divaga, encostando-se na cadeira e subindo o rosto para fitar o céu escuro cheio de estrelas. — Eu sei que algo se passava entre vocês, era um tanto óbvio. Gostaria de saber o que houve para tudo ter acabado...

Encosto-me na cadeira e cruzo meus braços, incomodado por ter uma ferida cutucada justamente por Mario.

— Nós tivemos algo, mas não foi de muita importância. — Eu o escuto rir baixo, mas não o encaro.

— Não foi de muita importância?

— É, Mario. Spencer era alheia a tudo que eu sentia por ela. — Bufo, fechando meus olhos com força. — Ela me tratava como uma criança na maioria do tempo, onde tudo que rolou entre nós não foi nada além de um “amizade-colorida” se assim posso dizer. Eu acho que ela tinha vergonha de mim... Não sei, para ser sincero. Ela sempre alegou que não podíamos ficar juntos por conta da nossa diferença de idade e — solto uma risada em escárnio a toda situação —, olhe só para Sculler e Cassie. São quase vinte anos de diferença de idade entre eles e sua filha cortava minhas tentativas por conta de apenas um fodido ano. — Bufo.

“Paro em frente ao portão da escola de Spencer e a espero sair, como vim fazendo desde alguns dias atrás. Assim que Sculler se ofereceu para me dar uma carona hoje, eu pedi que ele me deixasse aqui e não em casa.

Enxugo minhas mãos suadas no meu jeans escuro e finalmente a avisto.

Ela está linda, mas isso não é novidade. O incômodo, que irrita tudo de mim, é o fato de um garoto estar com o braço ao redor de sua cintura, como se os dois fossem um casal. Respiro fundo, profundamente irritado com Spencer, que não faz nada para tirá-lo de perto dela. Segundos mais tarde, seu olhar cruza o meu, mas ela não perde o sorriso, apenas se despede dos amigos e se aproxima de mim.

Dou as costas para ela e começo meu caminho até o ponto de ônibus que fica no outro quarteirão.

— Ei, pirralho, você veio me buscar na escola? — ela diz em tom brincalhão, mas eu simplesmente não estou no clima para suas piadas.

— Quantos anos ele tem? — questiono.

— Ele quem? — Ri.

— O estúpido que estava te abraçando poucos segundos atrás, Spencer. Não se faça de desentendida — atiro de volta.

— Ele é um ano mais velho que eu, mas isso não te interessa.

Paro de andar e ela faz o mesmo, enquanto nos encaramos sem desvio.

— Qual o seu problema? Por que diabos não quer ficar comigo, como... como algo oficial? Por que não quer namorar comigo? Inferno, Spencer... eu não entendo você — esbravejo, chateado com tudo que ela está fazendo.

— Nós não estamos prontos para algo oficial. Estamos melhor assim, Simon. Você pode ficar com as cadelas da sua escola e eu também posso ficar com quem eu quiser, além de você. Pensei que estávamos entendidos sobre isso — esbraveja de volta.

Puxo seu corpo contra o meu, apertando sua cintura com uma mão e enrolando meus dedos nos fios de seu cabelo acastanhado.

— Eu ficaria só com você se aceitasse que o que nós temos é maior do que qualquer coisa que temos com esses estranhos — murmuro, dividido entre fitar seus olhos e sua boca. — Você tem vergonha de mim? Diga-me, qual o real problema? — completo.

— Eu não tenho vergonha de você, pirralho — sussurra, segurando meus ombros com força. — Eu não quero namorar você agora... Não há nada entre nós dois além de atração e eu espero que entenda que atração não sustenta nenhuma relação, mesmo que seja apenas um simples namoro. É preciso mais que isso, é preciso mais do que o que nós temos para dar um ao outro. — Spencer me abraça pelo pescoço com força, empurrando os lábios em cima dos meus.

— Eu não entendo você... — informo, frustrado.

— Você não precisa entender. — Começa a brincar novamente.

— Eu odeio o que você faz comigo, Spencer.

— Não, você não odeia. — Ri contra meus lábios.”

— Talvez ela não estivesse pronta para assumir uma relação mais séria naquele momento. — Mario puxa minha atenção de volta para ele e eu controlo a raiva que começa a queimar na ponta da minha língua com palavras que eu sei que são erradas.

— E ela encontrou essa certeza de assumir uma relação mais séria com o noivo dela? — indago, arqueando uma sobrancelha e Mario ri, balançando

a cabeça em ar incrédulo.

— Você está com ciúmes do que está acontecendo? Deseja que fosse com você, rapaz? — reflito, mas não respondo. — Você ama a minha filha, Simon? — Mario indaga firme.

— Não tem nada a ver com isso...

— E tem a ver com o quê? — me corta. — Spencer não vai deixar Tyler por algo incerto, isso você pode ter certeza. Eu posso te dizer, como pai, que Spencer não ama Tyler, ela apenas é grata por tudo que ele vem fazendo por mim e por ela durante todos esses anos. Por mais que eu ame Spencer com tudo de mim, eu não quero que ela se case por gratidão por algo que mais tem a ver comigo do que com ela. Eu quero a minha filha feliz, Simon. Você acha que se a amasse, poderia fazê-la feliz? — questiona.

— Eu não sei... — digo, perdido com tudo que ele está fazendo eu ver e reviver em meus próprios pensamentos.

— Eu quero viver para vê-la feliz, mas caso eu não cons...

— Não fale merda, Mario. — Eu cerro meus olhos para ele.

— Se você pretende tomar alguma atitude quanto a situação de Spencer, apenas vá pelo caminho certo. Seja mais do que já mostrou a ela e cresça. Minha filha não precisa de mais problemas, e sim de solução — sentencio.

De longe, sou capturado pela imagem de Spencer e das crianças mais uma vez.

E se eu tentasse ser melhor por ela?

E se eu parasse mais uma vez de me importar somente comigo e focasse apenas nela, apenas em ser o melhor para ela?

Capítulo 17

Spencer Carter

“Paz!”

OBSERVO MEU PAI CONVERSAR COM O SR. E A SRA. WYATT E SOLTO UM SUSPIRO, SENTINDO MEU CORPO EXTREMAMENTE MAIS LEVE DESDE O MOMENTO EM QUE CONTEI TUDO A PEARL. Eu nunca pensei que contar o que está acontecendo conosco para alguém além de Tyler me faria sentir mais confiança sobre o assunto, pois a verdade é que Tyler nunca se preocupou em me dizer que tudo daria certo no final. Ele apenas me ajuda com a parte financeira, sempre estando no mesmo impasse que eu quando se trata da cura ou não do meu pai.

É mais do que revigorante saber que eu posso contar com a minha melhor amiga, seu marido e toda sua família, incluindo o Sr. e Sra. Wyatt que agora também sabem. Mesmo que eu saiba que nunca poderei agradecê-los o suficiente por todo suporte que eles estão nos dando, eu deixo claro a cada segundo que não poderia ter uma segunda família melhor do que a deles. Por mais que Pearl fale que eu sou da família, eu acho que não é bem assim. Somos melhores amigas e esse é o único laço que nos une. Não quero parecer uma estúpida interesseira, de jeito algum.

— Ei... — Sou puxada de volta para a realidade por alguém que está logo atrás de mim, deixando-me surpresa ao virar e encontrá-lo ali. — Você costuma fugir do barulho das festas de crianças assim? — Simon pergunta, bagunçando o cabelo já solto, diferente de minutos atrás.

— Absolutamente não — respondo, arqueando uma sobrancelha com seu tom extremamente agradável e amigável. — Você costuma fazer isso? — indago, abraçando meu corpo por conta do frio.

— Esse não é meu tipo de festa, para ser sincero... — Simon sorri de lado, olhando para além de mim com um ar despreocupado. — Você está com frio? — Volta a me encarar.

— Você está com febre? — retruco, sendo mais áspera do que o
NACIONAIS-ACHERON

esperado.

— Deus, eu estava apenas perguntando, não precisa ser grossa comigo.
— Ele revira os olhos, começando a tirar sua jaqueta preta de couro.

— O que você acha que está fazendo? O que acha que vai conseguir dessa vez? — sou direta na minha pergunta e espero que ele seja direto em sua resposta.

Se tem uma coisa que Simon não dá, é ponto sem nó.

— Toma, veste isso. — Ele estende sua jaqueta para mim, mas sou relutante em pegar a sua peça. — Vamos, Spencer, vista ou você pode seriamente congelar.

— Você não está exagerando um pouco? — provoco e ele cerra os olhos em minha direção.

Simon abre e fecha a boca diversas vezes, parecendo estar procurando as palavras certas para me responder. Depois de longos segundos, ele deixa o braço cair ao lado do seu corpo e suaviza o olhar em minha direção, o que me deixa estupefata. Eu esperava tudo nesse momento, menos isso.

— Me desculpa, tudo bem? — resmunga entre dentes, mal dando para eu escutar.

— O que você disse?

— Eu disse “me desculpa, tudo bem?” — Bufo, parecendo estar chateado consigo mesmo. — Me desculpa por ter feito o que fiz ontem com você, eu não estava em meu perfeito estado mental. Eu sei que não sou muito de pedir desculpas, mas eu estou me esforçando para deixá-la saber que minha intenção não foi diminuir quem você é por nem mesmo um segundo. Eu conheço você e sei que provavelmente se martirizou depois do ocorrido entre nós dois, mas eu não quero que pense que eu acho que você é uma vadia desmerecedora de respeito e afins. Eu realmente sinto muito pelo que fiz a você — ele completa, bagunçando seu cabelo freneticamente.

— Você e-está falando sério?

Tenho certeza que pareço uma tonta nesse momento, encarando Simon de cima a baixo, mas eu sinceramente não consigo acreditar no que acabou de sair de sua boca.

— Sim e eu sinto muito também por ter te deixado sozinha anos atrás por conta de uma estupidez que nem de perto foi sua culpa. Eu era imaturo e ainda sou na maioria do tempo, mas eu precisava falar isso para você e te pedir desculpa, pedir seu perdão. — Agora eu realmente pareço mais idiota que antes. Simon, falando de antes? Quando eu pensei que ele faria isso, principalmente para se desculpar? Isso é uma novidade. — Você vai me desculpar ou eu vou ter que me ajoelhar na sua frente? — Ele revira os olhos, impaciente com minha falta de palavras, mas parece se arrepender imediatamente do que fez.

— Tudo bem — sussurro, piscando freneticamente. — Mas isso é sério ou você está apenas brincando com a minha cara? Porque eu sinceramente estou farta de suas brincade...

— Eu nunca falei tão sério em minha vida. Podemos recomeçar se quiser, como amigos é claro, uma vez que você é uma moça comprometida e eu não quero ter seu nome tatuado na minha bunda, assim como posso dizer que você também não quer ter o meu na sua... — ele brinca, estendendo a jaqueta mais uma vez em minha direção. — Vai aceitar agora? — pergunta.

— Sim — concordo, sorrindo de lado e pegando a jaqueta. — É um sim para os dois, certo? Eu não quero ter seu nome na minha bunda e prefiro que você seja um amigo. — Mordo meu lábio inferior e ele acompanha esse movimento.

Visto a jaqueta de Simon e ele pigarreja, fitando-me de cima a baixo.

— Parece que ela foi feita para você — diz e eu dou uma risada.

— Obrigada pela jaqueta. — Pisco para ele.

— Você vai me dar um abraço agora? — pergunta e eu arqueio a sobrancelha mais uma vez.

— Isso tudo foi para pedir um abraço? — retruco.

— Um pouco — diz, cinicamente. Simon fecha a distância entre nós e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, fitando-me intensamente. — Você está linda, Cherry. Como sempre... — murmura, inclinando-se para beijar minha bochecha e em seguida ele passa os braços por minha cintura e me tira do chão.

Suas ações me deixam mole, mais do que eu desejaria ficar.

Eu não sei o que está acontecendo com Simon e nem quero descobrir nesse momento, entretanto tenho que dizer que é bom. Quando ele não é um idiota comigo, ele sabe ser agradável e é isso que ele está sendo nesse momento.

— Você parece bem também — jogo de volta, tentando entrar no clima descontraído que ele trouxe consigo. Simon me coloca no chão e se afasta um passo para trás. — Ficou sabendo do papai? — pergunto e ele acena positivamente.

— Mario me contou agora há pouco sobre sua doença — ele diz, pensativo. — Ele é um cara forte, espero que não esteja preocupada quanto ao seu futuro. Mario vai sair dessa, não se preocupe. — Suas palavras me acertam de forma doce, como se ele soubesse que eu precisava escutar isso de alguém.

— Obrigada, Simon — agradeço-lhe, sinceramente.

Nós somos interrompidos por Christian e Ryle, que passam por nós dois correndo de mãos dadas. Simon arqueia uma sobrancelha e sorri.

— Eu pego o moleque e você pega a garota — indica e eu aceno positivamente. — Está pronta para correr atrás dos dois?

— Eu nasci pronta. — O empurro e saio correndo em sua frente, escutando sua risada logo atrás de mim.

Eu e Simon corremos atrás de Christian e Ryle, que não param de gritar por um só segundo. Quando consigo pegar Ryle, Simon faz o mesmo com Christian, que gargalha de forma fofa. Saímos para o gramado mais uma vez e caminhamos até a mesa onde Pearl e Cassie conversam com Seth e Sculler.

— Seus filhos realmente merecem o prêmio de “Pestes do Ano” — Simon atira, ao dar Christian para Seth e tomar Ryle de mim. — É melhor você abrir seu olho com sua filha, cara, ela realmente te trará problemas e caso não perceba, o problema está ao seu lado — Simon avisa de forma não tão polida, deixando todos confusos enquanto eu seguro o riso.

— Vocês não precisam entender o que ele diz... — eu cantarolo, fazendo-os rir.

— Um dia, vai ser tarde demais — Simon se defende.

— Sentem-se conosco — Cassie diz, com seu sorriso doce de sempre.

— Ah... Eu preciso ir ver o papai, se vocês não se importarem — digo, sentindo minhas bochechas esquentarem levemente.

— É claro que não, amiga. Aproveita e traz o Mario para cá também — Pearl fala e eu aceno positivamente.

— Se vocês nos derem licença... — Simon resmunga, segurando minha mão e me puxando pelo caminho.

Dou uma risada de sua atitude entediada.

— Você está tão agradável que até parece mentira — comento e ele me fita de soslaio.

— Se continuar repetindo isso, eu vou acabar ficando irritante de novo — diz, em tom de aviso e ameaça.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou. — Levanto minha mão livre para o alto em sinal de rendição.

Quando o dia começou hoje, eu não fazia ideia de que ele terminaria assim.

Capítulo 18

Simon Wyatt

“Limões para limonada...”

— EU APOSTO QUE VOU TER MAIS FILHOS QUE VOCÊ — atiro a Seth e ele arqueia uma sobrancelha em minha direção, enquanto Christian já dorme em cima dele e ele mantém um braço ao redor do corpo da minha irmã, que ri ao seu lado. — O quê, você quer apostar o contrário? — indago cinicamente e Pearl rola os olhos.

— A única coisa que eu aposto aqui é que o tamanho do meu p...

— Seth Sawyer, olha a linguagem — Cassie o repreende e eu dou uma risada.

— Você nem me deixou terminar, mãe — Seth reclama. — O que eu queria dizer, é que a única coisa que eu ainda aposto é com a minha mulher sobre qual vai ser o sexo do nosso próximo bebê. — Minha irmã sorri, encarando seu marido e eu reviro os meus olhos.

— Vocês são chatos — afirmo, virando meu rosto e fitando Spencer com Mario. Os dois conversam em tom baixo ao meu lado e eu observo Spencer assentir. — Vocês já querem ir para casa? — questiono e a nossa mesa fica em silêncio.

— Spencer disse que vai chamar um táxi para no...

— Eu posso levar vocês — afirmo, dando de ombros. — Eu já não quero mesmo ficar aqui no meio desses casais enjoados. — Bufo, revirando meus olhos.

— Eu e seu pai não somos um casal enjoado — minha mãe se defende e eu viro para fitá-la. — Mas você faz bem, querido. Deixe Spencer e Mario em casa com cuidado — indica.

— Eu sou um bom motorista — jogo, rolando os olhos para sua colocação. — Amanhã cedo eu apareço por aqui com mais um presente para Christian e um para Ryle também — aviso aos seus pais, que me fitam

desconfiados.

— Sem muitas surpresas, por favor — Pearl pede e eu lanço um sorriso cínico em sua direção.

Eles mal podem esperar pelo meu presente.

— Tchau para vocês — digo uma última vez, levantando-me e ajudando Mario a fazer o mesmo. — E aí, Mario — resmungo, passando seu braço por meus ombros.

Por ora, ele se nega a usar uma cadeira de rodas, mas se o tratamento continuar a enfraquecê-lo dessa forma, não demorará muito até ele concordar que precisa da cadeira de rodas. Enquanto isso, não vejo problema nenhum em ajudá-lo, já que ele também me ajuda de volta com seus conselhos sábios.

Começo nossa caminhada, enquanto escuto Spencer se despedir do pessoal. Sei que estou fazendo a coisa certa agora, indo pelo caminho certo. Agora preciso apenas controlar a vontade de beijar Spencer toda vez que ela se aproxima de mim.

Resumindo tudo que Mario me disse horas atrás: eu tenho limões, agora eu só preciso espremê-los para deixar Spencer ver que eu sei fazer uma limonada. Certo, essa foi uma comparação grosseira, mas é exatamente o que Mario quis me dizer. E eu entendi, realmente entendi. Eu, bem no fundo, não sou tão idiota quanto Spencer pensa que eu sou, agora eu só preciso mostrar isso a ela. Temos que ser amigos antes de qualquer coisa. Ela precisa ver que eu a respeito.

— Vejo que finalmente tomou uma atitude — Mario murmura, com um tom divertido em sua voz.

— Antes tarde do que nunca — retruco, rindo contra minha vontade. — Se não fosse por você, eu não teria conseguido. Obrigado por isso — eu o agradeço.

— Não fiz mais do que minha obrigação como pai. Quero ver minha filha feliz, nada mais que isso — rebate e eu aceno positivamente.

— Você sabe quando o noivo dela vai aparecer? É um pouco estranho ele não estar por perto quando ela precisa. Além do mais, o casamento dos dois não será em breve? — pergunto, tentando obter alguma informação sobre o homem.

NACIONAIS-ACHERON

— Eu não faço ideia de quando ele vai aparecer. Lembro de ter ouvido Spencer falar com ele ao telefone e eu acho que em um mês ele estará de volta, mas posso perguntar a ela para falar para você, se quiser.

— Não é preciso. — Seguro o riso. — Não quero que sua filha ache que eu estou oferecendo ajuda a vocês em troca de informações ou algo do tipo. Eu vou dar um jeito de obter algumas pistas sobre ele assim que tiver tempo livre — afirmo.

— Minha oferta continua de pé, não só para te falar sobre a vinda dele, mas como para qualquer outra coisa. Sou grato pelo que Tyler fez por mim e por minha filha, mas ele não é o certo para ela — Mario diz, antes de Spencer aparecer ao nosso lado.

— Ei, vocês não me esperaram... — ela atira, torcendo o canto dos lábios. — Sobre o que estão falando?

— Sobre o tempo — Mario se pronuncia e eu gargalho, observando a cara incrédula que Spencer faz.

— Você está mentindo para mim, papai? — questiona, desconfiada.

— Eu nunca mentiria para você, filha. Estávamos falando sobre o tempo, pode acreditar — Mario se defende.

Puxo minha chave do bolso da calça e destravo o carro, abrindo a porta traseira e ajudando Mario a entrar. Spencer fica nos observando e assim que eu bato a porta, abro a do passageiro para ela. Dou a volta no carro e entro, ligando o ar e dando partida enquanto coloco o cinto de segurança.

— Sou apenas eu, ou vocês estão com fome também? — indago assim que deixamos a propriedade de Seth e Pearl.

— Eu estou com fome também — Mario confessa e eu fito Spencer de soslaio. — Na verdade, um café seria de bom tamanho agora...

— Eu digo o mesmo. Hoje o tempo está um pouco frio, então qualquer coisa quente seria bom para nos deixar confortáveis — Spencer finalmente fala algo. — Eu vou fazer algum café para nós assim que chegarmos em ca...

— Nós poderíamos apenas comprar, Spencer. Por que se cansar, se já pode comprar pronto?

— Mas eu não trouxe dinheiro — retruca, defendendo-se.

— Eu vou fingir que não escutei isso e vou perguntar uma única vez: quem quer café?

Escuto Mario rir e observo Spencer revirar os olhos assim que paro em um sinal vermelho.

— Eu digo sim ao café! — Mario é o primeiro a concordar.

— Eu digo sim ao café! — repito, cruzando os braços e fitando Spencer.

— Eu digo sim ao café! — Finge animação, o que tira minha risada ao mesmo tempo que volto a dirigir.

Não muitos minutos depois, estaciono em frente à Starbucks. Pego minha carteira e deixo os dois dentro do carro, avisando que não vou demorar. Entro no estabelecimento e fico atrás do único cliente, esperando minha vez para ser atendido.

— O que deseja? — o atendente pergunta assim que chega a minha vez.

— Um café e chocolate expresso e um cappuccino tradicional — peço, observando o menu no balcão. — Dois croissants e um pedaço dessa torta de maçã, por favor — completo.

Eu sei que Spencer, quando tem a escolha, prefere chocolate à café. Como eu a deixei no carro com Mario e eu sei do que ela gosta, pois costumávamos vir à Starbucks quase todas as noites, acho que devo levar o que ela prefere, que é chocolate expresso e torta de maçã.

Pago por nossa comida e bebida, caminhando para o outro lado do balcão para esperar pelo meu pedido. Felizmente o movimento é pouco e logo tenho tudo que pedi nas mãos. Volto para o carro e entro sem muita dificuldade, deixando nossas bebidas com Spencer e o outro saco no painel.

— Eu trouxe algo para acompanhar — aviso, ligando o carro e dando partida, pegando meu copo que Spencer estende para mim.

Spencer entrega o copo de Mario para ele e logo estamos comendo, bebendo e conversando aleatoriamente. Spencer não diz nada sobre a escolha que eu fiz para ela, mas por um par de vezes eu a ouvi suspirar satisfeita. Eu definitivamente acertei.

Estaciono em frente à casa de Mario e saio, deixando meu copo já vazio no suporte e trazendo apenas a chave do carro comigo. Abro a porta traseira e espero que ele saia para poder passar seu braço por meu ombro outra vez.

— O café estava bom, rapaz — Mario agradece e eu aceno positivamente. — Você também vai aparecer aqui amanhã? — indaga, enquanto caminhamos até a entrada.

Posso ouvir os passos de Spencer logo atrás de nós dois, mas ela não fala nada.

— Provavelmente sim — reprimo a vontade de dar de ombros. — Acho que recebi alguma mensagem dos meus colegas de time sobre um especial da liga que vai passar na televisão, só os melhores momentos. Se quiser, podemos me assistir sendo foda nos jogos, que tal?

Mario ri e eu posso jurar que escuto Spencer rindo também, mas não posso me certificar disso.

— Sempre muito humilde, Simon... É por isso que eu gosto de você — Mario retruca, irônico.

— Impossível não gostar de mim. Se encontrar alguém por aí que me odeia, pode ter certeza que essa pessoa é cega ou surda — atiro.

— Talvez a pessoa possa ter um cérebro — Spencer diz, passando por nós para abrir a porta.

— Isso é uma indireta, Cherry? Pensei que já tivéssemos virado essa página. — Finjo-me de ofendido.

Ela abre a porta e se vira para nós.

— Estamos na mesma página, Simon... é só que sempre vai ter uma pessoa que não gosta de você e nem por isso ela vai ter alguma deficiência.

— No meu caso, sim. Você já ouviu minha voz e já viu minha cara? Foda-se, é impossível não gostar de mim. — Arqueio uma sobrancelha para ela.

— Vocês vão começar a brigar? — Mario pergunta entediado e nós rimos. Eu o deixo na porta de sua casa e ele apenas acena para mim antes de entrar. — Obrigado pelo café e pela carona — diz, antes de fazer seu

caminho sozinho para dentro.

Eu e Spencer ficamos em silêncio, observando-o desaparecer pelo seu caminho.

— Obrigada pelo chocolate e pela torta. Eu não imaginava que você ainda lembrava do que eu gosto. — Spencer finalmente chama minha atenção.

— Eu seria louco se não lembrasse do que você gosta, afinal éramos viciados em Starbucks. — Pisco para ela, que sorri sem graça. — Eu acho que seria louco se não lembrasse tudo relacionado a você.

Seu sorriso vai morrendo aos poucos, enquanto inclino-me para beijar sua bochecha.

— Obrigada também por ajudar meu pai — ela segura meu rosto e beija minha bochecha de volta. — Ele gosta da sua companhia e você não tem razão nenhuma para estar ao lado dele, mas mesmo assim está. Muito obrigada, Simon — sussurra por fim.

Afasto-me de Spencer, encontrando seus olhos verdes marejados, mas ela não deixa as lágrimas caírem, apenas sorri.

— Boa noite, Cherry.

— Boa noite, pirralho.

Balanço minha cabeça negativamente, mas não deixo de gargalhar ao ver seu sorriso outra vez. Faço meu caminho de volta para o carro e quando me sento no banco novamente, tenho o sentimento de que finalmente tudo vai dar certo.

Capítulo 19

Spencer Carter

“O convite de um amigo...”

FECHO A PORTA DO QUARTO DO MEU PAI E ABRAÇO MEU CORPO, SOLTANDO UM SUSPIRO DE ALÍVIO. Há bastante tempo eu não o vejo sorrir tanto quanto ele sorriu hoje e eu sei quem foi a causa desse sorriso: Simon. Desde ontem eu andei tendo muitas surpresas: Pearl descobrindo sobre a doença do papai, o apoio da família dela por nós... mas o principal foi Simon. Hoje mais cedo, na festa de Christian, quando ele me pediu desculpas eu não fazia ideia de que era real. O que esperar de alguém que brinca na maior parte do tempo? Suas pequenas atitudes depois disso foram me deixando cada vez mais intrigada. Ele parece se importar não só com o meu pai, mas comigo.

Eu conheço Simon e ele não é do tipo que se importa e deixa isso à vista para que todos percebam. Se ele faz algo de bom, ele prefere que isso fique apenas nos bastidores, o que é um pouco contraditório levando em consideração a sua personalidade. Eu não sei se o intuito dele é fazer com que eu perceba, pois se for, ele está tendo êxito. É impossível não ver o que ele fez hoje por meu pai. O jeito como ele o tratou, o fez rir e lhe deu atenção sem pedir nada em troca.

Isso tudo me faz lembrar de Tyler e o fato de nós dois termos assuntos pendentes a tratar. Ontem ele me disse que ligaria hoje à noite para conversarmos, pois ele estava ocupado, como sempre.

Pego meu celular e me sento na poltrona do papai, observando nossa casa velha e completamente deteriorada. Fecho meus olhos e quando eu os abro, vejo tudo como era antes. Em frente à árvore de natal eu estou sentada no chão abrindo os presentes, enquanto meus pais se abraçam, sorrindo e me encarando.

Minha mãe era tão linda.

Fecho meus olhos outra vez e quando eu os abro novamente, estou de

NACIONAIS-ACHERON

volta à realidade. Mordo meu lábio inferior, desejando que fosse eu no lugar da minha mãe ou do meu pai. Lembro-me como se fosse ontem de pedir para o “papai do céu” curar a minha mãe e passar sua doença para mim. Quando eu a perdi, confessei ao meu pai meu pedido, zangada com a vida, zangada com o “papai do céu” por ele não ter atendido minha oração e tudo que ele conseguiu me dizer foi que “o papai do céu precisa da sua mãe mais do que nós dois. Eu tenho você e você me tem. Deus acha que isso é o suficiente para nós nesse momento”.

Eu não entendia o que ele queria dizer para mim, eu só queria minha mãe de volta. Eu queria seu cheiro de volta na nossa casa, sua voz enquanto cantarolava alguma música para eu dormir e seu sorriso, que sempre me fazia sorrir com ela.

Agora eu acho que entendo o que meu pai quis dizer com aquela frase. Fomos o suficiente um para o outro depois que minha mãe morreu e eu sei que ele não teria continuado sem mim. Agora, eu o encaro da mesma forma que ele encarava minha mãe, a única diferença é que nenhuma pessoa nesse mundo é para mim o mesmo que eu fui à para o meu pai naquele momento. Se ele me deixar, eu temo não conseguir continuar. É por isso que eu penso positivo na maior parte do tempo. Não imagino a minha vida sem o meu pai, não imagino de onde eu tiraria forças para continuar minha vida sem ele ao meu lado.

Meu celular começa a vibrar na minha mão e eu observo o nome de Tyler piscar no visor arranhado. Atendo, sem muita vontade.

— Oi, Ty... — sussurro, deitando minha cabeça no encosto e fechando os olhos.

— Oi, babe! — retruca, soando animado demais para quem passou o dia trabalhando. — Acabei de finalizar mais um ensaio e já estou reservando seu espaço na minha agenda para a próxima semana...

— Meu espaço na sua agenda? — minha voz sai mais irônica que o esperado, mas não consigo evitar.

— Foi só modo de falar. — Ele ri. — Estou no metrô, voltando para o hotel. Tudo bem por aí? — questiona.

— Sim... Eu realmente queria conversar com você, mas parece que

você está sem tempo para mim na sua agenda até a próxima semana — resmungo, abrindo meus olhos apenas para revirá-los.

— Não fique chateada. — Ri mais uma vez e isso me irrita profundamente. — Eu tenho mais dois eventos para cobrir nessa semana e duas sessões privadas de fotos. Realmente tenho muito trabalho nesse momento, mas logo estarei à trabalho em Los Angeles e irei direto para você, Spencer.

— Tudo bem, Tyler. Só queria te dizer com mais urgência que não precisa mais mandar dinheiro para mim, eu já consegui dar um jeito sobre o tratamento do papai...

A ligação começa a falhar bem nessa hora. Ótimo! Escuto a voz de Tyler sendo cortada e nossa ligação cai. Deixo o celular no meu colo e espero sua ligação novamente, enquanto continuo fitando a sala à minha frente.

Longos minutos se passam e o retorno de Tyler não vem.

— Que seja... — digo a mim mesma, levantando e indo direto para o meu quarto.

Deito-me na minha cama e encaro o teto escuro, mordendo meu lábio inferior. Meu celular começa a vibrar outra vez e eu o puxo, atendendo sem nem checar o visor.

— Tyler, nós realmente...

— Da última vez que eu chequei minha ID, eu me chamava Simon — sua voz rouca me surpreende do outro lado. — Oi para você, Cherry.

— Oh, oi, Simon... — Reprimos um sorriso de se formar nos meus lábios. — Você não saiu daqui há apenas uma hora? — indago.

— Sim e eu já estou deitado pensando sobre o que tenho que fazer amanhã. Posso passar amanhã cedo para pegar você e Mario? Precisarei da ajuda de vocês dois...

— Para...?

— Para entregar o presente de Christian para ele. — Ele ri baixo.

— O que você está aprontando, Simon? — retruco.

— Nada demais, Cherry. — Eu o imagino estar dando de ombros nesse

momento. — Então, você vai me ajudar? — insiste.

— Tudo bem... — sussurro.

Ficamos em silêncio por alguns segundos até Simon voltar a falar.

— Estava falando com seu noivo? — pergunta e eu solto uma risada.
— Não ria, eu sou apenas um pouco curioso. — Bufa.

— Sim, eu estava falando com ele, mas a ligação caiu — explico.

— Estranho — Simon murmura. — Sabe... — Pigarreia. — Eu andei pensando sobre antes, sobre nós dois.

Meu estômago embrulha só com esse pensamento.

— Você disse que nós somos apenas amigos, Simon...

— E amigos não podem conversar sobre o passado? — questiona e eu reviro meus olhos. — Quer saber sobre o que eu andei pensando, quero dizer... lembrando?

— Eu diria não, mas acho que sou tão curiosa quanto você — confesso e ele ri, antes de limpar a garganta mais uma vez.

— Lembra quando eu te pedi uma foto e...

— Não! — exclamo, tampando meu rosto com uma mão, envergonhada. — Não me lembre, eu estava bêbada, Simon.

— Era minha foto favorita até dois anos atrás, quando eu fui roubado — lamenta dramaticamente. — Quando eu te pedi uma foto, eu não pensei que viria um nude... Graças a Deus eu pedi aquela foto. Foi meu papel de parede por anos.

— Eu não acredito nisso — sussurro, sentindo minhas bochechas queimarem mais e mais a cada segundo. — Você está falando sério?

— Por que eu mentiria sobre algo tão sério quanto seus seios? — indaga, cinicamente.

— Você não presta...

— Cherry, estou apenas sendo sincero. Sinto falta daquela foto. Eu deveria ter salvado aquela imagem em mais lugares... sei que nós somos apenas amigos, mas eu ouvi dizer que amigos também se olham pelados.

— Se ele for gay, tudo bem. Até onde eu sei, você não é gay e nem do mesmo sexo que eu, então isso não vai rolar entre nós. — Reviro os olhos.

— O que é uma pena — resmunga. — Mas eu estou brincando, era só para descontrair o clima entre nós. — Solto um suspiro. — Posso te fazer uma pergunta?

— Sim.

— Tem um evento que vai acontecer na próxima sexta-feira de premiação aos melhores jogadores da liga. É algo extraoficial, mas eu não tenho ninguém para levar. Sculler vai com Cassie, Seth vai levar a minha irmã e eu acho... eu acho que seria legal ter alguém ao meu lado. Uma amiga, Spencer. Você — ele fala em disparada, como se estivesse nervoso e ansioso.

— Isso é um convite? — Seguro meu riso e arqueio a sobrancelha para o nada.

— Sim, é um convite. Você quer ir comigo? — indaga.

— Como amigos?

— É claro, Spencer, afinal você está noiva. — Ele bufa.

— Tudo bem, acho que não tem problema... — Fecho os olhos. — Eu só não tenho um vestido para esse tipo de ocasião, sabe, nada com glamour.

— Posso comprar para você ou podemos marcar de irmos juntos algum dia em uma loja para você escolher algo do seu agrado — ele sugere e eu bocejo.

— Podemos ir juntos e levar as crianças conosco.

— Fechado — diz, como se estivéssemos fechando um acordo. — Boa noite, Cherry... de novo.

— Boa noite, Simon.

Capítulo 20

Simon Wyatt

“Ciúmes, Spencer?!”

BUZINO DUAS VEZES, ABRINDO A PORTA DO CARRO E SAINDO PELA MESMA. Desde ontem à noite, quando falei com Spencer pelo telefone, fiquei uma pilha de nervos sem motivo algum. É claro que estou estranhando, afinal já faz muito tempo desde a última vez que fiquei nervoso, o interessante é que agora meu nervosismo está sendo causado pela mesma pessoa que o causou anos atrás: Spencer.

Eu a observo abrir a porta antes mesmo de eu chegar lá. Spencer está abraçada em Mario, que se apoia na filha enquanto os dois sorriem de algo que provavelmente estavam conversando lá dentro.

— Bom dia, Simon — Mario é o primeiro a falar assim que me encara.

— Bom dia, Mario. — Aceno com a cabeça, fitando sua filha. — Spencer. — Pisco para ela.

— Spencer me disse que você está aprontando algo para deixar Seth e Sculler loucos — Mario diz assim que eu tomo o lugar de Spencer e o apoio em mim. — É verdade?

— Sua filha está exagerando, como sempre — retruco, fazendo-o rir. — Estou apenas cumprindo meu dever de melhor tio do mundo. Os pestinhas me adoram.

— Parece que você vai ser um bom pai — Mario diz. — Parece que ela tem muita sorte...

— Ela quem? — Spencer dispara, fitando-me como se a frase tivesse saído da minha boca.

— A garota que Simon gosta. Ele não te contou? — Mario finge surpresa e eu tenho que reprimir meu sorriso ao máximo.

— Não, ele não contou... imagina se nós não fôssemos amigos — reclama, apressando o passo até o meu carro. — Mas eu não quero saber, de

NACIONAIS-ACHERON

qualquer forma.

— O que você está fazendo? — murmuro para Mario, observando sua expressão satisfeita.

— Também preciso abrir os olhos da minha filha, Simon. Você acha que o único cego da situação era você? Spencer não vê um palmo à frente do seu rosto. Ela está muito preocupada comigo para observar sinais implícitos nesse momento — murmura de volta.

— Você é um gênio, Mario. — Não consigo mais conter minha risada e isso chama a atenção de Spencer, que já está parada em frente ao carro com uma carranca no rosto.

— Só não me faça besteiras, Simon. Eu não tenho tempo para te ajudar a reconstruir tudo isso entre vocês outra vez — pede e eu reviro os olhos.

— Eu não vou fazer besteira, não se preocupe com isso — afirmo.

Chegamos ao carro e Spencer abre a porta de trás, ajudando-me a colocar Mario dentro do carro. Assim que ele está confortável, saímos do carro e batemos a porta juntos. Tento abrir a porta do carro para Spencer e ela empurra de volta, fazendo-me arquear a sobancelha em sua direção.

— Por que me chamou para um evento se já tem alguém, Simon?

— Quem disse que eu tenho alguém? — rebato, observando-a respirar fundo. — Se eu tivesse alguém, acha mesmo que eu chamaria você para ir comigo?

— Não. — Bufa.

— Exatamente, Cherry. Estou tentando descobrir se o sentimento que eu sinto por essa pessoa é platônico, entende? Não quero me arriscar outra vez sem ter certeza do que ela sente por mim também. — Spencer abre a boca para falar, mas acaba fechando sem dizer nada. — Por que ficou assim? — indago.

— É estranho ver você dessa forma, eu me assustei — confessa e eu a fito desconfiado.

— De que forma? — retruco.

— Apaixonado.

— Não estou apaixonado, ainda. Pelo menos eu acho que não — digo entre risos. — Não se preocupe, você vai sempre ter seu espaço no meu coração como a minha primeira — “e única”, eu diria, mas paro de falar.

— Muito engraçado. Você é podre, Simon Wyatt — ela bufa, tentando me tirar do caminho para entrar no carro, mas dessa vez eu que a impeço de abrir a porta.

— E o seu noivo? Quando ele vai chegar em Long Beach? — é minha vez de interrogá-la, a única diferença é que seu parceiro é real.

— Ele disse alguns dias atrás que voltaria em dois meses, mas ele conseguiu me encaixar em sua agenda e vai vir mais cedo, na próxima semana — ela diz, toda irônica e eu mordo meu lábio inferior para não rir novamente, porque posso sentir sua raiva de longe.

— Finalmente vou conhecer seu digníssimo, Cherry. Mal posso esperar por esse dia. — Abro a porta para ela. — Entre. Tem café para Mario e chocolate para você, podem se alimentar. — Espero ela entrar.

— Eu vou pensar duas vezes antes de apresentar você ao Tyler — ela atira e eu sorrio, inocente.

— Vou ser um bom garoto, Cherry, eu prometo. — Bato a porta, finalizando essa questão.

Então na próxima semana eu finalmente vou conhecer esse filho da puta do caralho.

Estou ansioso e não é pouco.



FINALMENTE, DEPOIS DE LONGOS MINUTOS NÓS CHEGAMOS AO NOSSO DESTINO. Tive Spencer e Mario no meu ouvido por quase trinta minutos, perguntando qual era o presente e quando finalmente entreguei a eles, os dois se dividiram entre rir e ficar preocupados. Agora que chegamos

NACIONAIS-ACHERON

à casa de Seth, os dois me fitam como se me perguntassem se eu realmente estava fazendo aquilo de verdade.

— Você não quer ir chamar as crianças para mim, Spencer? — pergunto e ela dá de ombros, dando um beijo na bola peluda e entregando à mim.

— Seth vai querer te matar e Sculler também — resmunga antes de sair do carro e eu apenas dou ombros.

— Você acha que eu vou sair morto daqui? — pergunto à Mario e ele ri.

— Só se for de abraço e beijo. As crianças vão amar os cachorros... talvez os seus pais não, mas não há o que ser feito quando um filho quer e tem algo — Mario diz e eu assinto, pois ele tem toda razão.

Vou para o banco de trás e fico conversando com Mario enquanto as duas bolas de pelos se lambem sem parar. Qual seria a graça de dar um cachorro apenas? Dois é muito melhor.

— Eles estão vindo — Mario diz e eu observo de longe Seth trazer Christian em seu braço e Sculler ao seu lado, trazendo Ryle da mesma forma. — Prepare os ouvidos.

Minha irmã vem logo atrás, com Cassie, Spencer e meus pais. Parece que todos acabaram dormindo por aqui depois da festa. É bom que ninguém ficará de fora da apresentação dos novos membros da família.

Deixo o cachorro e a cadela no chão do carro e saio com cuidado para não deixar que eles escapem e estraguem a surpresa. Sorte que eles são filhotes, então o latido virá só daqui algumas semanas, segundo o que a veterinária me disse.

— Ei, família! — Sorrio de lado, encostado na porta do carro.

— *Titi!* — Christian e Ryle exclamam sonolentos, mas acordando aos poucos.

— Vocês estão prontos para receber o melhor presente de todos os tempos? — pergunto e os olhos dos dois expandem.

Eu sei como acordar crianças.

Eles gritam em uníssono que “sim” e são colocados no chão pelos seus

NACIONAIS-ACHERON

pais, que me lançam olhares desconfiados. Observo que tenho a atenção de todos e seguro o riso. Christian e Ryle dão as mãos, provavelmente ansiosos para o que eu tenho para eles dois.

Sem contagem regressiva ou aviso, abro a porta do carro e as bolas de pelos saem de lá. Dois cachorros, um para Christian e outro para Ryle. Husky Siberiano é uma boa raça, eu não sei por que todo mundo arregalou os olhos como se eles fossem horrendos monstros.

Christian e Ryle gritam sem parar e começam a correr atrás dos filhotes ao redor do campo. Eu não consigo deixar de rir. Se Seth e Sculler já tinham uma grande cota de merda para limpar todo dia, agora eu dupliquei o trabalho deles.

— Eu não acredito que você fez isso... — Sculler é o primeiro a quebrar o silêncio.

Ajudo Mario a sair do carro e nós nos encostamos ali na máquina.

— Dois fodid...

— Amor! — Pearl corta Seth, abraçando-o por trás.

— Amor, Girassol? Olha o que seu irmão deu de presente para o nosso filho... *um cachorro*. Sabe quanta merda esse animal tem dentro dele? Uma tonelada que ele parcela de dia em dia — Seth reclama e eu gargalho, ouvindo Spencer fazer o mesmo.

Minha irmã reprime o riso, escondendo-se atrás do marido.

— De nada, Seth. — Pisco para ele, que respira fundo, observando Christian finalmente agarrar o filhote. — Eles não são fofos? — indago.

— Poderia ter comprado apenas um que as crianças dividiriam o presente — Sculler reclama de sua forma mais controla que Seth, mas reclama.

— Dividir um cachorro? Isso soa horrível, cara. Eu não queria ser a razão pela qual Ryle choraria o dia inteiro desejando ter um cachorrinho apenas seu. — Reviro os olhos.

— Boa sorte aos pais — minha mãe diz e todos nós rimos, menos Seth e Sculler, que continuam encarando os cachorros como se fossem dois quebra-cabeças.

Christian e Ryle se aproximam de nós, sujos de terra e com sorrisos enormes, enquanto os filhotes lambem seus rostos. Puxo meu celular do bolso e tiro uma foto deles. Mais uma para a minha coleção interminável.

— *Chorrinho!* — Ryle diz, sentando-se aos pés de Sculler, que finalmente deixa sua expressão suavizar.

— *Papa!* — Christian chama Seth, que revira os olhos, mas não deixa de atender o filho.

— Você gostou do presente? — pergunto a Pearl assim que ela se encosta ao meu lado.

— Seth vai enlouquecer, mas eu amei — sussurra, rindo de forma contida.

— Quem mandou querer ter tantos filhos? Agora vai ter que aguentar os adereços que vêm com eles — digo alto, chamando a atenção de um Seth carrancudo que recebe uma lambida do filhote bem na boca.

Pelo resto do dia, a atenção principal foram as crianças e seus presentes. Seth não parou de reclamar por um segundo e eu não parei de rir da cara dele e de Sculler também por nem um segundo.

Se todos os dias fossem como esse, a vida seria muito fácil de lidar.

Capítulo 21

Spencer Carter

“Oh, o ciúme...”

ENCHO UM COPO DE ÁGUA, ENQUANTO FECHO A TORNEIRA DA PIA E ME ENCOSTO NO BALCÃO. Minha atenção é puxada por Simon e meu pai, que estão sentados do outro lado diante da mesa de jantar da sala ampla e bonita do apartamento do loiro. Depois de ter deixado Seth e Sculler loucos, Simon combinou comigo e com meu pai de nos juntarmos a ele no fim de semana para um jantar simples entre amigos. É claro que eles dois estão se divertindo bastante falando sobre a temporada de futebol, diferentemente de mim que apenas os observo.

Durante os dois dias que se passaram, esperei por algum sinal de Tyler, mas nada veio. Estou ansiosa para falar com ele, porque de alguma forma não acho que as coisas estão mais dando certo entre nós. De fato, eu ainda gosto dele, mas é o gostar de sempre: como amigos. Eu não sei qual será a reação dele quando eu tentar explicar o que ocorreu entre Simon e eu, mas se ele quiser terminar, não vai ser eu a implorar que ele não o faça. Eu sempre deixei claro minha gratidão por ele e eu apenas reforçarei isso caso cheguemos a um fim nessa próxima semana.

— Ei, filha! — papai me chama e eu tomo minha água de uma vez, voltando até eles. — Simon disse que pode me levar ao estádio MetLife em Jersey para assistir a algum treino no próximo mês. Será que o médico vai me deixar viajar só por dois dias, no máximo? — questiona, como se nós tivéssemos trocado de lugar na hierarquia familiar.

Sorrio de lado, passando minha mão por seu cabelo ralo e alguns fios vêm entre meus dedos, deixando-me alarmada. Meu sorriso morre aos poucos quando meu pai percebe o que acabou de acontecer. Consigo escutar meus batimentos bem ao pé do meu ouvido, enquanto engulo o caroço que se formou na minha garganta.

— Eu acho que posso ligar para ele, apenas preciso pegar meu celular

e... e... eu já volto — digo, saindo em disparada até a sala de estar.

Sento-me no sofá, levando uma mão até minha boca enquanto observo o cabelo do meu pai, mesclado entre preto e grisalho, em minha outra mão. É claro que eu sabia que isso viria a acontecer, mas não pensei que seria tão impactante — pelo menos para mim. Isso é mais um indício do que está por vir e meu pai nem mesmo está na metade do seu tratamento.

Esfrego minha mão por meu rosto, chutando minhas sapatilhas dos pés e juntando minhas pernas ao meu peito, abraçando-as com força. Encaro diretamente aqueles fios, sentindo meus olhos encherem-se de lágrimas que eu não me atrevo a deixar cair.

— Eu levei Mario para um dos quartos, assim ele pode descansar um pouco. — Simon chega sorrateiramente, sentando-se ao meu lado e pigarreando. — Não faça isso com você e nem com ele, Spencer — resmunga, segurando minha mão e tentando puxá-la para si.

— Eu só fiquei... eu não sei, Simon. Eu acho que não estava preparada para ver meu pai começar a ficar debilitado por causa do seu tratamento. Eu fico amedrontada com isso, porque a minha mãe, ela...

— Não precisa lembrar-se disso. Sei da sua mãe, mas eu não quero que você fique triste, Cherry. — Ele me faz abrir a mão e tira os fios de lá. — Minha mãe costuma dizer que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Acredite em mim, ele está bem e feliz.

Balanço minha cabeça positivamente, observando ele sorrir para mim. Meu coração acelera e meu corpo reage sem minha permissão. É claro que meu corpo reagiria. Simon está sendo gentil, atencioso e paciente. Além disso, ele está sem camisa e eu preciso pontuar que ele fica muito bem sem camisa.

— Você quer tomar alguma bebida? — pergunta, levantando-se. Acompanho-o com o olhar e ele acaba me pegando fazendo isso quando vira para me olhar sobre o ombro. — Vinho ou cerveja?

— Cerveja — digo, endireitando-me no sofá.

Simon some de vista e eu aproveito para me levantar, enquanto observo o local mais atentamente. Desde que ele chegou, percebo que veio colocando coisas aqui e ali pela sala, dando seu toque particular na decoração. Não é

nada demais, mas eu posso perceber o que ele vem fazendo. Observo os porta-retratos espalhados, achando internamente um pouco de graça ao ver a quantidade de fotos que Simon tem com Christian e Ryle.

Pego um troféu que está na mesa de centro, lendo o nome cravado de Simon como melhor Quarterback da temporada passada do seu time, Giants. Dessa vez é inevitável não sorrir ao ver sua conquista. Esse sempre foi o seu maior amor e seu escape do mundo normal.

— “Eu vou ser o melhor, você vai ver. O topo é onde eu quero chegar — Simon repete, pegando uma fatia de pizza, enquanto estamos estacionados na parte de trás da pizzeria.

Acabamos de chegar das entregas e ele veio falando isso durante todo caminho, pois finalmente está sendo notado no time da sua escola.

— Você vai ser o melhor, pirralho, agora dá para trocar o disco?

Ele segura meu rosto, com os dedos engordurados e eu reclamo, tentando afastá-lo, mas é impossível.

— Você vai ter que me aguentar, é melhor treinarmos logo, Cherry. Em breve vamos morar juntos, que tal? — Arregalo os olhos, assustada e acabo rindo completamente nervosa.

— Você é realmente louco se acha que eu estou indo morar com você — digo, ainda tentando afastá-lo. — Consegue se ouvir? Isso parece um pedido de casamento.

— Não é um pedido de casamento. Eu não quero me casar tão cedo... — Ele sorri. — No entanto, é um pedido para juntarmos nossas trouxas e irmos para um lugar só nosso em breve, claro, mas é um pedido que fica de pé até que eu consiga dinheiro suficiente para sustentar nós dois.

— Olha bem para minha cara e me diz se eu tenho cara de quem vai ser sustentada por homem...

— Se esse homem se chama Simon Wyatt, é claro que tem, Cherry. — Ele finalmente solta meu rosto.

— Você me sujou, Simon — cuspo, chateada por não saber e não ter o que responder a ele.

— Você parece linda, garota da pizza — caçoa, irritando-me ainda

mais. Atiro minha pizza no meio da sua cara e ele me fita incrédulo atrás do molho de tomate. — Você é completamente malcriada, Spencer Carter — diz entre dentes.

— Se meu pai escutar isso, você vai voltar para casa sem suas bolas loiras. — Sorrio de lado, observando ele tentar segurar seu próprio sorriso.

— Andou examinando muito minhas bolas, não é mesmo? — Ele joga a pizza que eu joguei em sua cara dentro da caixa.

— É sempre bom saber qual o estado das coisas que eu coloco na boca. — Dou de ombros, finalmente fazendo-o gargalhar.

— É por isso que eu absolutamente adoro você, Cherry. Quem mais teria tanto humor para me aguentar? — diz, deixando a cabeça relaxada no encosto do banco, nunca deixando de rir.

— Remédio para doido, é doido e meio — assobio, deixando a caixa de pizza no chão do carro e movendo-me para sentar nas pernas de Simon.”

— Aqui a sua cerveja. — Simon me puxa de volta das lembranças. — Gosta do troféu? — indaga assim que eu o encaro.

— Obrigada — agradeço, pegando a garrafa verde de sua mão. — É bem legal, para ser sincera — confesso, ainda com o objeto na minha mão. — Você gosta de ser o melhor? — pergunto o óbvio, pois já sei sua resposta.

— Quem não gosta? — retruca, aproximando-se mais um pouco de mim. — Eu gosto de ser o melhor, afinal eu trabalho duro para isso. — Balança os ombros.

Ficamos em silêncio por longos segundos. Simon pega o troféu da minha mão e o coloca em seu local de origem. Ele segura minha mão e me puxa pelo caminho até a sacada enorme do seu apartamento.

— Essa é a melhor parte de todo lugar e eu quero compartilhar com você — ele diz no momento em que passamos pela porta de vidro.

Assim que o vento frio bate em meus braços descobertos, acabo tremendo e tentando me esconder atrás de Simon. Observo tudo à minha frente e suspiro. É realmente lindo. A praia pode ser vista mesmo de longe, assim como as luzes que iluminam a cidade, sejam quais elas forem. O céu também é outro ponto magnífico, já que tem tantas estrelas que eu mal

consigo contá-las.

— É lindo... — sussurro.

De longe, escuto uma música baixa, mas que consegue ser o suficiente para deixar o momento estranhamente romântico.

— Parece que seu vizinho está apaixonado... — brinco e Simon deixa sua cerveja na mesa ao nosso lado.

— Meu vizinho? — indaga, soltando minha mão repentinamente.

— É... essa música e a letra... está escutando? — pergunto, com medo de isso ser coisa da minha cabeça.

— Não é meu vizinho, sou eu, Cherry. — Ele saca o celular do bolso do seu jeans, mostrando que é de lá que o som vem.

Levo a garrafa até minha boca e tomo dois goles grandes, tentando expulsar o nervosismo do meu corpo. Eu quase esqueci que Simon agora está apaixonado por uma garota que eu não faço ideia de quem seja, mas já secretamente desgosto dela.

— Está pensando sobre a sua garota? — questiono, assim que ele puxa a garrafa da minha mão e a coloca ao lado da sua.

Simon aumenta o volume e deixa o celular também em cima da mesa, virando-se para mim. Ele se curva, oferecendo a mão para mim e eu sorrio idiotamente, ainda não esquecendo do que eu lhe perguntei. Seguro sua mão e ele me puxa bruscamente, chocando nossos corpos e nos embalando ao ritmo da música.

— Ela não sai da minha cabeça, Cherry — ele finalmente responde, enquanto nos fitamos sem desvio. — Eu não consigo parar de pensar nela e, acredite, eu tento...

— Você vai me contar sobre ela? — pergunto, sendo uma completa masoquista sobre esse assunto. Tudo dentro de mim balança e dói, bem lá no fundo, ao escutar Simon falar de outra mulher. Mas ainda assim eu quero saber. — Quer dizer, só se você quiser...

— Primeiramente, ela é linda. Não qualquer “linda”, mas realmente linda pra caralho. Nos conhecemos há algum tempo, mas ela é certamente mais bonita agora do que antes — começa, esfregando os dedos um pouco

acima do meu cóccix. — Ela também é teimosa, mas isso deixou de me irritar tanto, já que suas qualidades são tantas que não tem do que reclamar...

— Quando vocês se conheceram? — indago, cada vez mais curiosa e incomodada.

— Há alguns anos — responde evasivamente.

— Você já se relacionava com ela quando nós... nós...

— Sim. — Dá de ombros, girando-me e puxando-me de volta.

— Por que não me deixou para ficar com ela? — continuo com minhas incontáveis perguntas.

— Perguntas difíceis requerem respostas difíceis, Cherry e eu não estou no clima para pensar em uma boa resposta para você. — Me puxa para mais perto, encostando a testa na minha.

— Você vai chamá-la para sair? Tipo, um encontro... — indago, torcendo para que ele diga que não. Meu Deus, eu sou uma tonta.

— Eu já chamei — retruca.

Solto sua mão e aperto seus ombros, desviando nossos olhares e abraçando-o com força. Simon está em outra e eu que pensei que ele nunca tomaria jeito por mulher alguma...

— Ela tem sorte... você está finalmente se tornando alguém com valores e sério, direito. Estou feliz por você — ele me abraça de volta pela cintura.

— Eu acho que sou o único sortudo aqui, agora só preciso fazê-la ver que eu sempre a esperei e sempre a quis, mesmo depois de tanto tempo — sentencio, fazendo mais inveja infiltrar-se para dentro de mim.

“Você, você se sente da mesma forma? Oh, me diga, babe...”

Capítulo 22

Simon Wyatt

“Fique...”

— VOCÊ QUER MESMO ACORDÁ-LO? — indago ao pé do ouvido de Spencer, que está comigo na porta do quarto onde deixei Mario. Ele está dormindo, parecendo confortável demais para seu próprio bem e mesmo eu, não tenho vontade de fazê-lo acordar. — Vocês podem ficar, eu não tenho problema com isso.

Spencer sobe seu olhar para mim, virando-se completamente para me encarar e fazendo nossos narizes se esbarrarem. Posso sentir seu hálito doce, por conta do sorvete que tomamos há pouco minutos atrás, controlando-me ao máximo para não a empurrar contra parede e tomar sua boca. É muito autocontrole para pouco Simon. Mas se eu quero fazer isso funcionar, eu tenho que me controlar até o último fio de cabelo.

— Você tem certeza? Ele realmente parece confortável, mais do que em sua própria cama... mas se quiser, posso chamar um táxi e...

— Não há problema algum e agora eu não vou deixá-los sair daqui — digo, puxando a porta e fechando-a outra vez com cuidado. — Você quer se trocar? Dormir de jeans é uma merda...

— Você vai me emprestar alguma coisa? — pergunta, finalmente afastando-se de mim com apenas um passo para trás.

— Eu tenho algo perfeito para você — afirmo, lembrando-me de um dos meus maiores sonhos. Eu seria burro se não realizá-lo agora. — Você vem comigo? — pergunto e ela assente.

Lidero o caminho até meu quarto e abro a porta, deixando Spencer entrar primeiro enquanto ligo a luz. Ela observa o local atentamente, diferente da última vez em que estive aqui.

— Da última vez que eu estive aqui, nós quase nos matamos... — comenta, parecendo divertida, o que acaba por me divertir também.

— Foi você que quase me matou com aquele abajur — atiro, indo atrás de algo dentro da cômoda que fica ao lado da minha cama. Eu guardo nela apenas coisas muito especiais para mim, então não há muito lá dentro, mas ainda assim tem um presente para Spencer. — Eu espero que goste do que eu tenho para você... — digo, puxando o tecido acinzentado de lá e virando-me para ela.

Spencer se aproxima de mim e eu estendo a camisa para ela. Eu a tenho guardada há bastante tempo. Quando entrei para o time da escola, não pude deixar de mandar fazer uma para ela, só não tive a oportunidade de entregar. Desde então, levo essa camisa para todo lado que eu vou, às vezes só para encará-la. A verdade é que eu não sei como ela vai reagir e isso corrói meu interior, pois estou ansioso para ver a sua reação.

— É da sua escola? — ela indaga, sorrindo e fitando a parte da frente. Assinto e ela continua a examinar a camisa, finalmente virando-a para a parte que interessa. Spencer morde o lábio, perdendo o seu sorriso e deixando um brilho incrédulo cintilar em seus olhos verdes. — “Cherry do Simon”? — murmura.

Ela volta a me encarar e eu acabo sorrindo, um pouco sem graça.

— Eu fiz essa para você, sete anos atrás. Era um presente, mas acabei nunca tendo tempo e chance para te entregar da forma certa. Seria algo para... Mmm... selar nosso relacionamento, mas não tivemos um. — Enfio minhas mãos nos bolsos do meu jeans.

— Por minha culpa — pontua e eu balanço meus ombros.

— Por nossa culpa. Mas isso já não importa, já que somos amigos e você continua sendo a minha Cherry, de outra forma, mas continua. — Pisco para ela, que finalmente sorri novamente. Melhor assim. — E então, gostou do presente?

— Sim, a camisa é bonita... posso usar seu banheiro? Para me trocar... você sabe...

— Claro — eu a corto, indicando para ela o caminho do banheiro, mas Spencer já sabe qual é.

Assim que Spencer entra no banheiro, eu sento em minha cama, sentindo o seu cheiro tomar conta do cômodo aos poucos. Seu cheiro ainda é

o mesmo de anos atrás, o mesmo que sempre foi meu favorito. Para ser sincero, seu cheiro ainda é o meu favorito, sem espaço para outro.

Levanto-me e pego uma calça de moletom para mim, aproveitando que ela ainda está lá dentro para me trocar. Jogo meu jeans para qualquer lugar ao mesmo tempo que Spencer sai do banheiro apenas vestindo a camisa que eu lhe dei. As suas longas pernas estão cobertas até a metade e, mesmo que ela use muitos vestidos, nada se compara a vê-la usando o meu presente.

— Parece uma camisola — diz, girando sobre os pés e sorrindo. — Mas é bastante confortável. Obrigada pelo presente atrasado.

— Você parece muito bem. — Pisco para ela. — Vamos? — indago, aproximando-me vagarosamente dela.

— *Vamos?* — retruca, confusa.

— Sim, vou mostrar o quarto que você vai ficar — explico, arqueando uma sobrancelha.

— *Ah, eu...*

Spencer pigarreia, parando de falar assim que eu paro em sua frente. Levanto seu rosto com meu indicador, notando o tom avermelhado de suas bochechas.

— *Você?* — Eu a incito a continuar falando.

— Eu pensei em... eu só pensei que poderia ficar aqui... com você...

Eu estou surpreso, muito surpreso, mas ao mesmo tempo fico extremamente satisfeito.

Spencer quer ficar.

— Tem certeza? — indago, tentando lhe dar mais uma chance para mudar de ideia.

— Se você não quiser, tudo bem, é seu quarto e eu...

— Eu quero — interrompo sua fala, percebendo que ela já está ficando muito nervosa. — Eu quero que fique. Eu quero dormir com você — murmuro cada palavra, dando sentido duplo a elas, mas Spencer ainda não recua. — Eu sinto sua falta, Cherry.

— Eu sinto sua falta também. — Spencer morde o lábio inferior e eu

respiro fundo, perdido naquele simples movimento de sua boca.

— Vamos deitar, então — digo depois de longos segundos.

Spencer se afasta de mim e faz seu caminho até minha cama. Eu assisto todos os seus passos atentamente, adorando a forma como ela se mexe. Ela é impecável como uma deusa. Absolutamente uma deusa.

Desligo a luz e me junto a Spencer na minha cama. Estamos deitados lado a lado com apenas um dos braços se tocando. Escuto sua respiração rápida e temo estar da mesma forma.

— Você não vai me achar louco se eu te propor algo? — quebro o silêncio e ela se remexe na cama, deitando-se de lado.

— Depende do que você vai me propor — retruca.

— Eu quero cuidar de você e do Mario — começo, virando-me da mesma forma. Encaramo-nos na penumbra do quarto, que me deixa ver os olhos assustados de Spencer. — Eu gostaria de tê-los aqui na minha casa. Sei que pode parecer estranho, mas seu pai precisa de conforto e você também. Posso mandar fazerem uma reforma na casa de voc...

— Simon — ela me corta. — Eu acho que isso é um pouco demais.

— Quando eu tive a ideia, eu pensei o mesmo, mas vocês precisam...

— Não precisamos de sua pena.

Franzo o cenho, passando meu braço por sua cintura e puxando-a para perto. Spencer planta sua mão em meu peitoral e eu posso sentir a palma gelada um pouco trêmula. Nossas respirações se embolam outra vez, mas eu estou estável.

— Não é pena — respondo, fitando seus lábios entreabertos. — Mario é um amigo e você é minha amiga. Amigos fazem isso, se ajudam. Eu realmente quero ajudá-los enquanto puder.

— Mas isso já é um pouco demais...

— Não para mim — afirmo. — Me deixe te ajudar, por favor. Eu fiz muita merda na minha vida, as principais foram com você e eu estou tentando melhorar. Quero ajudar as pessoas e...

— Por que justo eu? — sussurra.

Sinto como se isso fosse um ultimato: fala ou não fala.

— Porque eu aprecio você — resmungo, encostando minha testa na sua. — Eu aprecio você como um amigo aprecia uma amiga e eu gosto de apreciá-la. Você é uma mulher incrível e eu estou fazendo isso para te dar um pouco de ar para respirar. Preciso que viva, Spencer e eu sei que Mario pensa o mesmo.

Spencer desliza a sua mão lentamente por minha pele, até chegar ao meu pescoço, onde ela esfrega o local com leveza.

— E a sua nova garota?

— Nesse momento eu estou pensando além dela — murmuro, tentado demais com nossa proximidade.

— Precisa perguntar isso ao papai, Simon. Estivemos vivendo por toda vida na nossa casa e eu não sei se vai ser tão fácil convencê-lo.

— Isso é um “sim” seu? — questiono e ela assente com a cabeça colada na minha.

— Eu vejo que não está brincando e que realmente se importa com meu pai e até um pouquinho comigo, mas lembre-se que não é sua obrigacã...

— Eu sei, eu sei — corto seu discurso. — Você não sabe o quão feliz me faz ao aceitar meu pedido — confesso, sabendo que convencer Mario é mais fácil do que Spencer, afinal ele está no meu time.

— Obrigada mais uma vez por tudo. — Spencer tenta beijar minha bochecha, mas ela acerta meus lábios.

Nós não nos movemos.

Eu sinto a maciez de seus lábios por curtos segundos até ela separar sua boca da minha. Esse acabou de se tornar um dos melhores dias de toda a minha vida.

— Durma — murmuro, endireitando-me na minha cama e puxando Spencer para o mais próximo possível de mim.

— Boa noite, Simon.

— Boa noite, Cherry. — Beijo o topo de sua cabeça, sentindo seu corpo relaxar gradativamente até ela adormecer em meus braços.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 23

Spencer Carter

“Perdida...”

SINTO MEU CORPO BALANÇAR, AO MESMO TEMPO QUE TENHO A IMPRESSÃO DE QUE NUNCA DORMI TÃO BEM EM TODA MINHA VIDA. Abro meus olhos, incomodada com a claridade e volto a fechá-los de forma imediata. Tento pegar um travesseiro, mas parece que tudo sumiu da cama, só não o lençol que está em cima de mim.

— Acorda, vadia — a voz de Simon me presenteia com sua bela frase e me faz rir instantaneamente.

— Você soa gay, pirralho — resmungo e sou puxada com força por meu pé esquerdo.

Simon puxa o lençol de cima de mim e eu abro meus olhos novamente, encontrando o sorriso que ele tem nos lábios.

— Talvez eu seja — ele brinca, segurando meu outro pé.

— Ah, é mesmo? — Arqueio a sobrancelha. — Ativo ou passivo?

— Ativo, com certeza. Na minha bunda não passa nada, linda.

Gargalho, mal acreditando no que acabei de ouvir.

— Nem um dedinho? — continuo e ele me puxa bruscamente, ficando no meio das minhas pernas e soltando meus calcanhares.

Simon inclina o corpo sobre o meu, fechando a pouca distância entre nós.

— Nem uma linha de costura.

Faço bico e ele acompanha esse movimento meu.

— É uma pena, pirralho — sussurro, jogando com ele. — Eu tenho colegas que certamente se interessariam por sua bunda. — Ele sorri abertamente. Tenho que suspirar, porque nunca vi Simon tão contagiante quanto nesse exato momento. — Você parece... feliz...

NACIONAIS-ACHERON

— Eu estou feliz — sentencia, antes de beijar minha testa e endireitar-se de pé.

Simon oferece sua mão para mim e eu seguro, aceitando sua ajuda. Levanto-me ainda um pouco sonolenta e deixo ele me guiar até seu banheiro. Assim que estamos dentro do cômodo, Simon solta minha mão e pega uma escova de dente nova de dentro do seu armário acoplado à pia e entrega na minha mão.

— Você está pronta para ir encontrar seu pai? — pergunta, encostando-se na parede atrás de mim para nos fitarmos pelo espelho amplo.

Franzo meu cenho, um pouco desconfiada com seu tom, enquanto aplico um pouco de creme dental na escova.

— O que quer dizer com isso? — pergunto, sentindo-me confusa ao começar a escovar meus dentes.

— Temos uma surpresa para você, Cherry. — Ele cruza os braços em frente ao seu corpo e eu finalmente noto que Simon não está com a cara amassada e nem de calça de moletom. Ele está usando um par de jeans e camisa preta de manga. — Acabamos de voltar de um lugar e acho que vai gostar do que você está prestes a ver.

Fico em silêncio, encarando Simon afim de perceber alguma dica do que ele está falando, mas nada aparece em minha mente. Termino de escovar meus dentes e deixo a escova em cima da pia, inclinando-me para lavar meu rosto.

— O que você estava aprontando com ele? — indago, fechando a torneira e pegando a toalha branca que Simon estende para mim.

— Pouca confiança para muita amizade, Cherry. — Ele revira os olhos. — Confie em mim — fala simplesmente.

Enxugo meu rosto, virando-me para ele e encostando-me na pia.

— Eu confio, apenas estou... com um pouco de medo — confesso.

— Então não fique. — Volta a atirar e segura minha mão, puxando-me da mesma forma que fez minutos atrás. — Você estava falando sério sobre aceitar ficar aqui comigo? — pergunta, soando nervoso.

— Sim, apenas pelo papai. Ele é quem vai decidir isso — retruco,

mexendo minha mão sob a sua.

— Certo — resmunga.

Finalmente chegamos à sala de estar de Simon e eu quase não acredito no que estou vendo. Meu pai está sentado em um dos sofás assistindo televisão calmamente, mas isso não é o que me assusta, para ser sincera. O fato de sua cabeça estar raspada me faz estremecer em meu lugar.

— Ele acordou dizendo que não queria mais ter cabelo, porque isso te deixa triste, então eu o levei para raspar a cabeça, fazer a barba e dei-lhe algumas roupas novas — Simon explica em tom baixo para não chamar a atenção do meu pai. Ele aperta minha mão e entra no meu campo de visão. — Vai lá cumprimentá-lo, Cherry. E sem lágrimas, por favor.

Assinto, engolindo a vontade de chorar aos poucos. Solto a mão de Simon e ele sai da minha frente. Caminho devagar, nervosa em fitar meu pai face a face. Assim que estou na metade do caminho, ele percebe que eu estou me aproximando e vira-se para mim.

Meu pai não parece tão doente quanto antes, mesmo com a cabeça raspada. Na verdade, sinto como se ele tivesse tomado um bom ar. Mesmo com o semblante cansado, consigo vê-lo mais forte e isso me deixa extremamente feliz. Saber que Simon fez isso por e com ele secretamente derrete meu coração e eu não posso ter o coração derretido por Simon Wyatt.

— Pai... — sussurro, sentando-me ao seu lado e segurando suas mãos.

— Filha. — Ele sorri de lado. — Gostou do meu novo visual? — pergunta e eu acabo não cumprindo o que Simon me pediu.

Lágrimas tomam lugar em meus olhos e minha visão embaça, enquanto sorrio junto com ele.

— Você não precisava ter feito isso por minha causa, pai... — digo, mordendo meu lábio inferior para não começar a chorar como um bebê.

— Eu fiz por nós dois, querida. Eu sei que você ficou triste e assustada ontem e eu não gosto de vê-la assim. Eu estou doente e estou me tratando, mas ainda espero que você viva durante a jornada que está passando comigo. Não se preocupe tanto, eu vou te deixar saber se algo estiver indo errado, mas enquanto isso eu quero vê-la feliz, quero ver seu sorriso bonito porque isso me dá forças para ir além do que eu posso suportar — enuncia, soltando uma

NACIONAIS-ACHERON

das minhas mãos para enxugar algumas das minhas muitas lágrimas.

— Sinto m-muito por ontem...

Meu pai sorri e me puxa para um abraço.

— Está tudo bem, você não precisa se preocupar em se desculpar — diz, beijando minha bochecha.

Afasto-me dele para continuar ao seu lado, encarando o homem maravilhoso que ele é. Abano meu rosto, tentando controlar minhas lágrimas, o que acontece aos poucos enquanto Simon finalmente se aproxima de nós.

— Simon me ajudou com isso, deveria agradecê-lo — meu pai diz assim que o loiro se senta no sofá que fica na nossa frente.

— Obrigada, Simon — sussurro e ele acena positivamente com a cabeça.

— Foi divertido... — Dá de ombros, despreocupado.

— Acredita que ele também queria raspar a cabeça? — meu pai diz e eu arqueio a sobrancelha para Simon, surpresa. — Eu disse que não era para ele fazer isso, porque um de nós certamente já seria o suficiente para deixá-la emotiva.

— Absolutamente sim — defendo-me. — Eu não consigo imaginar você careca... — Eu analiso Simon, chegando à conclusão de que ele não ficaria tão bem careca quanto parece bem agora. Eu me rendo ao seu cabelo loiro e longo. — Eu gostaria menos de você — brinco.

Ele sorri maliciosamente e eu agradeço por meu pai estar aqui, pois tenho certeza que elealaria alguma besteira feia se estivéssemos sozinhos.

— Então você gosta de mim assim?

Reviro meus olhos.

— Eu me acostumei com você assim — resmungo, tentando não encher seu ego.

— Tudo bem, Cherry, eu sei que no fundo você tem inveja do meu cabelo — diz, jogando os fios dramaticamente para o lado. Eu e o papai começamos a rir do que Simon fez e até ele mesmo ri. — Ah, eu não te disse, mas Mario já disse sim...

Franzo o cenho, fitando meu pai e depois voltando a encarar Simon.

— Sim...?

— É, para o nosso casamento, babe... Mario e eu vamos nos...

Pego a almofada e arremesso em Simon, que começa a rir mais ainda com meu pai.

— Você é ridículo — digo, reprimindo meu riso.

— Eu disse sim para a proposta dele, filha. Simon quer nos ajudar e eu aceito a ajuda que ele está nos oferecendo — meu pai explica e eu finalmente recordo-me.

— Parece que estamos de mudança, então... — assobio.

— Agora eu sou o pai do seu pai... e seu avô — Simon sentencia, levantando-se do sofá e fazendo seu caminho até a cozinha.

— O humor dele é implacável — meu pai diz rindo e eu faço o mesmo. — Mas eu estou começando a me irritar — gargalho, sabendo que ele está brincando.

— Eu também me irrita com Simon, mas é impossível não...

Paro de falar imediatamente.

Quando Simon chegou em Long Beach, semanas atrás, eu tinha certeza que ainda o amava, mas prometi a mim mesma que o expulsaria do meu coração. Agora é diferente... Não que eu tenha deixado de amá-lo, porque eu ainda o amo, mas o sentimento que eu sinto por ele está se misturando com muitos outros e enraizando-se em meu peito.

Amor, admiração e respeito são três dos sentimentos que mais estão me rodeando quando Simon se aproxima de mim ou mesmo quando eu apenas penso nele.

Estou perdida.

— Amá-lo? — Meu pai me puxa de volta dos meus pensamentos. — É isso? É impossível não amá-lo? Porque se for...

— Aturá-lo, pai. Aturá-lo — minto tanto para mim, quanto para ele.

Simon aparece na sala e sua expressão denuncia que ele ouviu tudo. Alerta da estúpida e burra Spencer Carter soltando merda pela boca. Eu

realmente sou muito mais idiota do que pensava.

— Eu preparei o seu café — ele diz, encarando-me brevemente e desviando o olhar para longe. — Está tudo em cima da mesa.

Simon sai da sala outra vez, agora tomando o caminho para seu quarto.

— Até quando vai continuar mentindo para si mesma? — meu pai pergunta e eu o encaro.

— Eu... Eu não...

Encosto minha cabeça no sofá e fecho os olhos.

Eu não sei o que fazer.

Capítulo 24

Simon Wyatt

“Adore you...”

ARRANCO A CAMISA PRETA QUE ESTOU USANDO E ME DEIXO CAIR NA MINHA CAMA. Não posso dizer que fiquei com raiva em escutar Spencer falar que apenas me atura, senão estaria mentindo. Mas posso dizer que fiquei irritado e chateado com seu comentário. Eu poderia ter dado um ponto final entre nós em algo que ainda nem começou e eu nem sei se vai começar, mas eu não fiz esse caminho grande para nada.

Ela quer me menosprezar? Vá em frente, eu não vou deixar de fazer o que estou fazendo pelo simples comentário infeliz que ela soltou. Spencer ainda não percebeu, mas eu não vou parar de lutar por ela; eu não vou parar de lutar até consegui-la em meus braços.

— Porra... — resmungo, irritado demais para o meu próprio bem.

Puxo meu celular do bolso da minha calça e ligo para Quinn.

— Simon? — ele diz do outro lado assim que atende no segundo toque.

— Eu vou precisar da sua ajuda mais tarde — começo, fechando meus olhos com força. — Spencer e Mario estão de mudança para o meu apartamento e eu vou pegar as coisas deles, mas é óbvio que eu não dou conta de tudo sozinho.

— Que horas? — pergunta.

— Quatro, porque tenho que ir à pizzeria para encontrar meus pais às seis.

— Certo. Eu vou arrumar um veículo grande para usarmos — avisa e eu assinto.

Desligo a chamada, deixando o celular cair ao meu lado e escuto um pigarro. Abro os meus olhos e encontro Spencer encostada na parede perto da porta.

— O quê? — Bufo, levantando e indo até a sacada.

— Me desculpa — pede, colocando-se apressadamente na minha frente. — Eu sinto muito que me ouviu sendo uma idiota um tanto ingrata. Eu não quis dizer o que eu disse, tudo bem? Sim, antes eu tinha que aturá-lo porque você era extremamente irritante, mas eu o fazia com gosto. Agora é diferente e isso me assusta um pouco. Você mudou e eu consigo ver isso, então eu só não sabia e nem sei o que falar ao certo...

— Não se preocupe comigo. — Tento passar por ela, mas Spencer não deixa.

— Mas eu realmente não quis dizer aquilo...

— O que você quis dizer, Spencer? — Arqueio a sobrancelha e ela dá de ombros, nervosa.

— Eu...

— Vai precisar mais do que o que você disse para quebrar meu coração, Cherry — jogo, tentando deixar o clima estável entre nós.

— Eu adoro você, Simon. Foi isso que eu quis dizer: adorá-lo. — Ela suspira, me dando um abraço rápido. — Eu tenho que pegar as crianças na casa de Pearl e Seth...

— Eu te dou uma carona... vou ficar um pouco com as crianças também — ofereço e ela assente. — Mais tarde vou sair com Mario para irmos pegar as coisas que vocês mais precisam junto com Quinn.

— Eu escutei você falando com Quinn — ela se entrega. — Eu vou também, já que nenhum de vocês vai entender a minha bagunça.

— Você ainda é a mesma bagunceira de sempre? — questiono, reprimindo meu riso.

— Não... — Arqueio a sobrancelha e ela revira os olhos. — Eu sou muito pior agora — conclui e eu tenho que sorrir da careta que ela faz.

— Só acredito vendo — resmungo, passando por Spencer e pegando minha camisa de cima da cama. — Você não vai tomar banho? — pergunto.

Abro o guarda-roupas e começo a procurar algo para Spencer vestir.

— Eu não tenho roupa aqui — indica o óbvio para mim.

Pego uma boxer, calça de moletom e camisa unissex. Viro-me para Spencer e estendo as peças para ela, que me fita surpresa, mas aceita sem dizer nenhuma palavra.

— Tem toalha no armário do banheiro, é só pegar uma — explico, indo até a porta do quarto depois de apanhar meu celular no caminho. — Vou esperar você lá fora. — Dou uma última olhada em Spencer e saio do quarto com minhas mãos coçando para tocá-la e minhas pernas formigando para voltar lá para dentro.

Chego à sala de estar e caio no sofá em frente ao que Mario está sentado e ele ri, provavelmente de mim.

— Como foram as coisas por lá? — pergunta e eu reviro meus olhos.

— Eu prefiro ficar sem mãos do que continuar perto de Spencer sem poder tocá-la — cuspo, chateado e frustrado com minha atual situação.

— Poupe-me dos detalhes, Simon — pede e eu o encaro.

— Amigos contam as coisas um para o outro, Mario. A culpa é sua por ser meu único amigo — acuso e ele balança a cabeça negativamente.

— A culpa é **sua** por não ser agradável e amigável com os outros... Já tem vinte e quatro anos e seu único amigo está à beira da morte com câncer. — Ele ri e eu cerro meus olhos em sua direção. — Parece que alguém aqui precisa ser adestrado e esse alguém não sou eu.

— Adestrado? — indago indignado.

— Sim, algo desse tipo — Mario continua rindo. — Tem que trabalhar nas suas maneiras, Simon. O ser humano precisa de amigos, sabia? A amizade é uma grande coisa na vida das pessoas.

— Mas eu estou me esforçando, só não quero qualquer filho da puta querendo se aproveitar de mim apenas por que eu tenho um nome. Eu já tentei ter amigos e já até considereei alguns caras do time como meus amigos, mas a amizade deles tem um prazo de validade. Eles só eram meus amigos nas festas, nas bebedeiras e até nas orgias...

— Orgia? — Mario arregala os olhos e eu tenho que rir da cara que ele faz para mim. — Terei que repensar na sua relação e de Spencer...

— Não se atreva — retruco, fazendo uma careta. — Eu estou apenas

sendo sincero. O velho eu era um pouco podre demais, admito, mas posso assegurá-lo que mudei. — Bocejo. — Minha família já é o suficiente para mim. Tenho o Sculler também como amigo. Ele está afastado esses tempos por causa da gravidez de Cassie, mas costumávamos conversar muito sobre muitas coisas. Bom, sobrou para você ter que me aturar também — finalizo ironicamente.

— Ela não disse por mal — defende a filha, mas acabamos por rir juntos. — Spencer está confusa e, ao mesmo tempo que a jogada da “garota imaginária” que criamos para você esteja dando certo e deixando-a com ciúmes, também acabamos por deixá-la temerosa de se aproximar de você até que ela finalize a relação com Tyler e descubra que *ela é ela*.

— Você tem razão — comento, pensativo. — Ela está cega demais no momento para perceber que esse tempo todo estivemos falando dela. Eventualmente ela vai perceber isso. Se ela terminar com o noivo e ainda não tiver percebido, vou ter que contar. — Faço uma careta. — Espero que não seja embaraçoso ter que explicar para ela que a minha garota na verdade sempre foi ela.

— Você vai se sair bem com isso — ele me encoraja e eu assinto. — A propósito, vocês dormiram juntos noite passada? — Me fita desconfiado.

— Sim, mas ela que quis. — Dou de ombros. — Claro, eu também queria, mas não falaria nada para pressioná-la. Felizmente Spencer pediu por isso.

— Ok — ele resmunga e pigarreia em seguida.

Spencer reaparece, cheirando a mim e usando minhas roupas, enquanto traz com ela a bandeja que preparei com comida para seu café-da-manhã.

A verdade é que eu estou não só preocupado com a saúde de Mario, mas com a saúde de Spencer também. Desde o primeiro momento do nosso reencontro eu percebi o quanto ela havia emagrecido. Não gosto de vê-la dessa forma, como se estivesse passando fome. Em qualquer oportunidade que tiver, vou enchê-la com qualquer coisa comestível.

— Eu ainda estou com tanto sono — Spencer murmura, sentando-se ao lado de Mario, que sorri ao fitar a filha.

— Não seria você se não estivesse com sono — digo e ela faz uma

NACIONAIS-ACHERON

careta para mim.

— Isso é verdade, pai? — Procura por sua defesa, mas Mario fica em silêncio. — Pai? — ela chama a atenção dele. — Não acredito que vai ficar do lado dele...

— Mas você é uma dorminhoca, filha — ele se defende e eu gargalho. — De uns anos para cá você lutou bravamente contra isso, mas quando ainda estava na escola era sempre uma guerra sua com a cama.

— Qualquer adolescente tem problemas com a cama. — Ela dá de ombros e eu tenho que concordar com ela. — É que a cama dele é muito confortável. — Spencer aponta para mim, começando sua refeição.

— Ela está ao seu dispor — retruco, piscando para Spencer.

— Você está flertando com a minha filha quando vocês dois estão comprometidos? — Mario pergunta comicadamente.

Spencer engasga com um pedaço de torrada e Mario segura o riso, ajudando a filha a se recuperar.

— Simon só disse que tem uma garota em vista, pai, não é como se ele já estivesse... sei lá... namorando? — a última palavra soa como uma pergunta, enquanto Spencer me fita com um olhar duro.

— Ela está certa — digo, fingindo chateação. — Eu só tenho em vista uma garota, Mario, ainda não dei um passo adiante.

— Viu? — Spencer resmunga, como se estivesse falando o óbvio.

— Tudo bem, tudo bem. Desculpe-me por acusá-lo de flerte — Mario se rende.

Esse cara merece um Oscar. A Academia está perdendo um dos melhores atores que já vi.

— Preciso me apressar — Spencer diz, colocando um monte de comida na boca.

— Vai devagar — falo, observado as bochechas magras dela expandirem com o tanto de comida que tem em sua boca. — Minha irmã não vai te despedir por conta de um atraso e eu tenho certeza que ela compreenderá que você precisava de um pouco mais de descanso.

— E se ela não compreender?

Reviro meus olhos.

— Estamos falando de Pearl Wyatt. Ela compreendeu que seu marido apostou a virgindade dela e depois se arrependeu. Quer um exemplo melhor de alguém que é a compreensão em pessoa?

Spencer começa a gargalhar, colocando a mão em cima da boca enquanto ri e mastiga ao mesmo tempo. Ela parece muito divertida e isso me satisfaz.

— Você tem o humor tão agradável — diz assim que termina de mastigar, mas não de rir. — Se Seth escutasse isso ele com certeza te mataria.

— Então lembre-me de falar isso quando ele estiver por perto.

— Coitada da minha anjinho, Simon — Spencer reclama, sem deixar de rir. — Essa foi uma péssima, porém cômica, comparação sobre compreensão.

— É por isso que ele não tem amigos — Mario volta a falar.

Aceno positivamente e nós três rimos. Essa é a mais pura verdade, mas eu não consigo controlar meus comentários não tão bem-humorados.

O que posso fazer?

Eu sou uma pessoa sincera.

Capítulo 25

Spencer Carter

“Oh, Pearl...”

DEPOIS QUE EU E SIMON DEIXAMOS MEU PAI NA CASA DOS PAIS DELE, QUE COMBINARAM DE PASSAR O RESTO DO DIA JUNTOS E IREM PARA A PIZZARIA NO FINAL DA TARDE, ELE SEGUIU PARA A CASA DE PEARL E SETH. Simon acaba de estacionar o carro ao lado do carro de sua irmã e não demoramos para sairmos de dentro do veículo.

Nós vamos até a porta e, antes mesmo de tocarmos a campainha, escutamos gritos de Pearl lá de dentro. O loiro me fita, meio desconfiado e toca a campainha. Os gritos da minha amiga cessam e a porta é aberta em seguida por uma Pearl com o cabelo completamente... estragado? Certo, eu não diria estragado no sentido real, mas é que...

— O que diabos aconteceu com o seu cabelo? — Simon pergunta, passando por Pearl e eu faço o mesmo.

Seguro a mão de Pearl, que está cheia dos seus impecáveis e brilhantes cachos. Ela me fita com os olhos marejados, parecendo estar dividida entre chorar e sorrir. Assim que chegamos à sala de estar, encontro Seth e Christian com mais do cabelo de Pearl e um monte de cola nas mãos. Christian vê sua mãe e vem correndo ao seu encontro, segurando um cacho longo com muita cola escolar nele.

— *Mama, mama!* — Ele pula freneticamente.

— O que aconteceu com você? — pergunto a Pearl, desviando meu olhar para Seth.

Ele está quase sem expressão.

— É uma longa história — Seth diz.

Christian puxa os outros cachos da mão de Pearl e corre até o pai.

— Eu acho que enlouqueci — Pearl sussurra, fungando baixo. Nos sentamos no sofá e ela me fita, respirando fundo e mordendo o lábio inferior.

NACIONAIS-ACHERON

— Eu acordei hoje com um desejo meio louco...

— Meio não — Seth a corta, meio desesperado. — Olha só como você está! — exclama.

— Ei, cala sua boca — Simon grunhe em resposta, acenando para irmã continuar sua história.

— Então... — Pearl pigarreia. — Quando eu acordei essa manhã, eu estava desejando... — Ela ri baixo e faz um bico em seguida. — Eu estava desejando que Seth cortasse meu cabelo.

— Oh, meu Deus! Você não fez isso... — sussurro incrédula, dividida entre olhar para Pearl e olhar para Seth.

— Eu tentei fugir, mas ela simplesmente...

— Eu mandei você calar a boca! — Simon corta Seth mais uma vez.

— Ele tentou me convencer de que era uma má ideia, mas... mas eu realmente queria que ele cortasse meu cabelo — ela explica. — Então eu achei uma tesoura e obriguei Seth a cortar meu cabelo... — Não consigo evitar minha risada. — No final eu odiei e comecei a chorar. Christian acordou e começou a tentar me ajudar a consertar a besteira que Seth fez e desde então estamos tentando colar meu cabelo de volta. — Pearl começa a chorar e eu a puxo para um abraço, mas não consigo parar de rir.

— Meu Deus, anjinho. Você ficou louca... — sussurro entre risos.

Observo o cabelo de Pearl, percebendo que há mesmo um pouco de cola nas pontas dele. Minha risada se intensifica e quando Simon se junta a mim, eu simplesmente não consigo parar de rir. Pearl não demora a parar de chorar e se juntar a nós. O próximo é Christian, que se joga ao meu lado e nos abraça, acariciando o rosto de sua mãe. Seth é o único que não ri.

— Eu não sei mais o que faço com você — Seth reclama, levantando-se do chão e saindo da sala.

Pearl chama por ele, mas ele não para de andar até sumir da nossa vista. Enxugo minhas lágrimas e solto Pearl, segurando Christian no meu colo.

— Ele ficou chateado demais — Pearl explica a irritação do marido. — Quando eu comecei a chorar e dizer que ele tinha estragado tudo, Seth ficou muito irritado. Ele continuou dizendo que eu não deveria tê-lo obrigado a

cortar meu cabelo, mas só que desejo é desejo. — Ela dá de ombros. — Eu estou uma pilha de hormônios loucos e eu acho que estou deixando-o louco também.

— Vá falar ele — sugiro e ela assente.

— Vou acabar sendo arrastada para um salão de beleza — Pearl resmunga ao levantar. — Christian, eu vou falar com o papai. Nós voltamos daqui a poucos minutos. — Pearl se dirige ao filho e beija o topo de sua cabeça.

Christian assente e Pearl sai da sala, tomando o mesmo caminho que Seth fez ainda pouco. Encaro Simon, que segura um punhado do cabelo de sua irmã e o examina.

— Mulheres grávidas são loucas — ele resmunga e eu sorrio de lado. — Não acredito que Pearl fez isso...

— Desejo é desejo — repito o que Pearl disse, chamando a atenção de Simon para mim.

— Você vai ter esses desejos loucos? — pergunta, deixando-me completamente desconsertada.

— Que tipo de conversa é essa? — retruco nervosamente.

— Foi só uma pergunta, Cherry. Não precisa ficar assim. — Ele revira os olhos, brincando com cabelo de Pearl.

— Eu não sei se quero ter filhos — confesso e ele me fita incrédulo. — O quê? Eu adoro crianças, mas não me vejo tendo um bebê tão cedo... ou, talvez, nunca.

— Que pena... É realmente um desperdício de genes bons — resmunga. — Você quer ser minha barriga de aluguel?

Começo a tossir, observando a expressão séria que Simon sustenta por poucos segundos antes de irromper em risada.

— Você é completamente louco. — Bufo, observando Christian rir com o tio. O menino escapa do meu colo e vai até Simon.

— Eu estava apenas testando... vai que você aceita? Nunca se sabe quando é o meu dia de sorte com você, Cherry. — Ele pisca para mim.

— Hoje, nem de perto, é o seu dia de sorte comigo. Talvez esse dia também nunca chegue.

— Nunca diga nunca — sentencia antes de se levantar e lançar Christian para o alto. — Vai pegar sua bola de futebol, eu tenho umas jogadas novas para te mostrar hoje. — Ele coloca um Christian histérico no chão, que sai correndo pela casa atrás da bola de futebol.

Lembro-me imediatamente de Ryle.

— Sculler e Cassie vêm deixar Ryle aqui? — pergunto a Simon e ele balança os ombros, mostrando que não sabe e se joga ao meu lado.

— Acredita que eles ainda não contaram a Ryle que ela é adotada? — Simon diz e eu o fito surpresa.

— Sério?

— Sim, sim...

— Talvez não seja a hora certa. Ela vai completar dois anos em breve, Simon. Duvido muito que entenda o que "adotada" quer dizer — explico meu ponto de vista.

— Você tem razão, mas eu tenho medo deles não contarem a ela. Não se sabe o futuro, entende? As pessoas mudam de ideia constantemente e eles também são suscetíveis a erros. Hoje eles podem querer contar para deixá-la ciente de sua situação, mesmo que isso não mude nada no amor que eles sentem por ela... mas e amanhã? Amanhã eles podem querer protegê-la e não magoá-la.

— Infelizmente você está certo — concordo com ele. — O que resta para nós, é esperar que eles tomem a decisão certa.

— Principalmente pela própria Ryle e o Christian. Tenho certeza que esses dois ainda vão se apaixonar um pelo outro quando souberem o que esse sentimento significa. — Simon sorri e eu faço o mesmo.

— Você é vidente? — brinco.

— Não precisa ser vidente para ver que os dois combinam pra caralho, assim como eu e você combinávamos. Ela é a pequena Spencer e ele o pequeno Simon. — Gargalho de sua frase. — Eu vou ensiná-lo direitinho a pegar a pequena Spencer de jeito para não deixá-la escapar. Talvez a sua

aprendiz não se safe de Christian, diferente de você, que conseguiu se livrar de mim.

— Eu não me livrei de você. — Ele arqueia a sobrancelha. — Você continua muito vivo na minha vida, não vê? — digo, cutucando sua bochecha.

— Você está certa. — Simon sorri de volta. — Nós moramos juntos agora, Cherry. Vai ficar bem difícil para você se livrar de mim.

Christian chega gritando na sala novamente e se joga entre nós.

— Você está pronto para aprender novos passes? — Simon pergunta a Christian, que assente imediatamente. — Seus pais se resolveram? — indaga.

— *Papa tá proculando* alguma coisa na saia da *mama*! Ele me pediu pra *dexer*... — Christian diz, sorrindo abertamente.

Simon engasga e eu dou uma risada da cara que ele faz. Estou feliz que Seth não traumatizou tanto o filho... poderia ter sido um pouco pior, mas não foi.

— Como assim procurando alguma coisa na saia da sua mãe? — Simon semicerra os olhos.

— *Proculando* — Christian dá de ombros, não fazendo ideia. — Jogar, *titi*! Vamos! — ele pede animado, levantando-se e jogando a bola pra cima.

— Vamos logo, antes que Christian resolva ir até os pais outra vez — digo e Simon assente, fazendo uma careta de nojo.

Capítulo 26

Simon Wyatt

“Sentimentos não contados...”

FAÇO UM REVERÊNCIA PARA SPENCER, QUE ACERTOU UM BELO CHUTE NA BOLA DE FUTEBOL E MANDOU CHRISTIAN PARA O OUTRO LADO DO CAMPO PARA PEGAR A MESMA JUNTO COM SEU CACHORRO E FIEL ESCUDEIRO. Estamos jogando futebol há quase uma hora. Seth já saiu com Pearl para levar minha irmã a algum cabeleireiro da cidade e Sculler ligou dizendo que deixaria Ryle em alguns minutos por aqui, já que ele vai acompanhar Cassie em mais uma reunião com a diretoria dos hotéis de sua família.

Sento-me no gramado e Spencer se aproxima sorrateiramente de onde eu estou, tomando um lugar ao meu lado, enquanto observamos Christian pegar a bola de futebol e correr de volta para nós. Solto um pigarro, chamando a atenção de Spencer e viro o rosto para encará-la de volta. Seus olhos esverdeados brilham como antes nunca brilharam e suas bochechas estão avermelhadas por conta do nosso jogo. Ela é linda de uma forma quase que estúpida e isso me deixa estupefato.

— O quê? — pergunta, parecendo muito envergonhada.

— Não fique com vergonha, isso não faz o seu estilo — atiro, continuando a olhar apenas em seus olhos. — Para responder sua pergunta... nada. Não foi nada. Eu estava apenas te encarando. — Dou de ombros e ela rola os olhos.

— Pare de me encarar — exige e eu arqueio a sobrancelha.

Christian se joga no meu colo e a bola de pelos ataca Spencer.

— A menina Ryle já vai chegar para te fazer companhia, rapaz, mas nada de fazer besteira por aí — aviso Christian e ele sorri amplamente.

— *Besteila* — repete, puxando uma mecha do meu cabelo com força e fazendo-me quase soltar um palavrão.

NACIONAIS-ACHERON

— É, como *isso* que acabou de fazer, maracujá podre — reclamo, segurando suas mãos enquanto ele gargalha com Spencer. — Você não é mais azedo... já apodreceu. Ryle vai odiar isso.

Christian perde o sorriso e franze o cenho. Ela é o ponto fraco dele desde pequeno... meu sobrinho está completamente perdido, para não dizer fodido.

— Ele está brincando, Chris — Spencer intervém ao ver a feição de Christian. — Ryle não odeia nada que você faz, tudo bem? Eu posso garantir isso.

— Como *galante*? — exige.

As bochechas de Christian começam a ficar mais vermelhas do que antes, por conta de sua corrida e seu nariz segue esse caminho. Em menos de dois segundos, Christian começa a chorar e eu recebo um olhar bastante duro de Spencer. Eu fiz besteira.

— É brincadeira, Christian, você não é nem azedo e nem podre — tento amenizar a situação, mas ele não parece acreditar no que eu digo. — Chris... — apelo para o seu apelido e ele me fita, sem deixar de chorar.

Me sinto um pouco mal pelo que fiz com ele, mas tenho muita vontade de rir. Engulo minha risada, senão Spencer vai me matar assim que Christian se recuperar.

— *Titi...* — ele resmunga, manhoso como o inferno.

Olho de longe Sculler estacionar e solto a respiração, aliviado.

— Olha só quem chegou. — Aponto para o carro de Sculler no mesmo momento em que ele dá a volta e tira Ryle lá de dentro com o cachorro nos braços. — Ryle ama você, agora vai lá pegar a sua namoradinha e traz ela pra cá — digo, sacudindo de leve seu corpo.

Christian enxuga as lágrimas com a camisa suja de terra e isso acaba suja do todo seu rosto. Porra, eu realmente quero rir. Ele sai correndo em direção a Sculler e Ryle, passando a mão no rosto de segundo em segundo.

— Você é terrível, Simon — Spencer afirma e eu a encaro, sorrindo de lado.

— Eu sei, eu sei... Entretanto, não resisti. Viu como ele está fo... — Ela

pigarreia, semicerrando os olhos para mim. — Eu quero dizer, você viu como ele está ferrado por ela?

— Eles são crianças, Simon.

— Bom, eu era uma criança também, mentalmente falando, quando me apaixonei por você. — Dou de ombros e sua expressão suaviza, ao mesmo tempo que ela desvia nossos olhares.

— Bom, eles são mental e fisicamente falando. — Ela se levanta da grama.

— Isso é besteira — murmuro, observando-a andar até Christian, Ryle e Sculler. — Não mudou muito, Cherry. Continua fugindo quando eu falo de sentimentos — completo para mim mesmo e saio andando atrás dela.



TERMINO DE COLOCAR AS COISAS DE SPENCER E MARIO NO CAMINHÃO JUNTO COM QUINN, QUE ESTEVE ME AJUDANDO A TARDE QUASE TODA. Spencer, Ryle e Christian ficaram apenas de um lado para o outro, a mais velha dando ordens enquanto os pentelhos a imitavam. Não, eu não me irritei em receber ordens de Spencer. Ryle e Christian fizeram as ordens dela parecerem cômicas e isso foi o suficiente para eu não me irritar com seu tom mandão.

Pego a toalha pequena que ela oferece para mim e enxugo o suor da minha testa. Mesmo sendo uma casa pequena e sem exagero algum, Spencer e Mario têm muitas coisas, principalmente em seus quartos. Eu gostei de voltar ao quarto de Spencer e perceber que ela não mudou nada durante todos esses anos e continua a mesma bagunceira e desorganizada de sempre. Tentei mexer em suas gavetas de calcinhas, mas ela ameaçou cortar minha mão fora se eu me atrevesse a fazer algo do tipo. Mentalmente eu afirmei para mim que será apenas uma questão de tempo — pouco tempo — até que eu tenha acesso a tais coisas novamente.

NACIONAIS-ACHERON

A verdade é que eu não aguento mais ficar longe dela. Sinceramente, isso tem sido um inferno para mim. Posso ter sido estúpido e lento para perceber que ainda sou apaixonado por ela, mas já que percebi, nada melhor do que finalmente partir para a melhor parte disso. Mas não é tão fácil assim. Tem o noivo esquisito dela que continua atrapalhando tudo mesmo que nunca tenha aparecido durante o tempo que cheguei de férias em Long Beach.

— Você está cansado? — Spencer pergunta, encostando-se próxima de mim.

— Isso foi apenas o primeiro tempo — retruco, sabendo que eu marquei mais trabalho com minha mãe na pizzeria, claro, pois Spencer estará envolvida nisso.

Ela me fita desconfiada, mas dá de ombros, suavizando o olhar que atira na minha direção.

— Obrigada, mais uma vez — sussurra, fazendo-me assentir.

— Pare de me agradecer a todo momento, sério — digo. — Uma hora fica chato, Cherry. Estou fazendo isso e ponto final, não precisa me agradecer.

— Tudo bem, se você diz...

— Isso mesmo, o que eu digo é lei. — Desencosto do caminhão e fico na frente de Spencer. Seu olhar passeia brevemente pelo meu torso molhado por suor e eu empurro meu corpo contra o seu, numa provocação sadia. — Você pode me agradecer com abraços, Cherry. Eu gosto do seu abraço — afirmo e ela sobe o olhar para-me encarar novamente.

— Você está se aproveitando da situação — acusa e eu dou de ombros.

— Eu não vou negar, mas realmente estou me aproveitando um pouco de você — murmuro, sorrindo de lado e ela faz o mesmo.

— Bom, depois que você tomar um bom banho eu posso te dar um abraço. — Spencer cutuca meus ombros, torcendo o canto da boca e indicando obviamente para o meu suor. — Você está suado e eu vou acabar ficando grudenta. Preciso trabalhar daqui a poucas horas e não posso feder.

— Você pode tomar um banho se quiser... Eu posso cobrir você por algum tempo — brinco, pressionando mais ainda meu corpo contra o seu.

Christian e Ryle correm até nós e abraçam nossas pernas. — Costumo ser muito persuasivo com a minha mãe. Por mais que Pearl sempre tenha sido a mais ajuizada e preferida, eu sempre fui o garoto dela, então minha mãe tem uma queda por mim. — Spencer ri, nervosa.

— Você fala tanta besteira — sussurra, revirando os olhos e desviando para as crianças que continuam abraçando nossas pernas com força. — Vamos para casa, ainda dá tempo de arrumarmos algumas coisas.

— Meu abraço primeiro — peço e ela me fita com um falso olhar de irritação.

— Se eu te abraçar agora você não vai ganhar mais nenhum abraço hoje — ameaça. — E então?

— Que seja, Cherry.

Ela me dá mais alguns segundos para desistir, mas eu não o faço. Puxo Spencer para um abraço e ela logo reclama quando a faço colar o rosto em meu peito suado. Sua reclamação faz Christian e Ryle a imitarem e eu sorrio instantaneamente.

— Simon! — Spencer grita, tentando se livrar de mim, mas eu não deixo.

— Aproveite o momento — digo entre risos e não demora até que ela comece a acertar minhas costelas com força.

Capítulo 27

Spencer Carter

“A temperatura está aumentando...”

DEIXO SIMON PASSAR NA MINHA FRENTE COM AS CAIXAS DE PIZZA E EU O SIGO, SEGURANDO UMA QUANTIDADE BEM MENOR DAS MESMAS EM MEUS BRAÇOS. Não consigo evitar e acabo encarando sua bunda, que parece extremamente bonita em seu velho uniforme da pizzeria. Seria trágico, se não fosse cômico e, para ser sincera, todo esse momento é completamente inacreditável. O fato de Simon estar realmente se empenhando em me ajudar é muito bonito, mas eu nunca pensei que ele vestiria novamente o uniforme da pizzeria e dirigiria a van personalizada que ele tanto odiava, apenas por minha causa. Se eu tivesse um celular melhor, com certeza estaria tirando fotos dele nesse exato momento, mas não me dou o trabalho, já que há paparazzi do outro lado da rua clicando suas câmeras em nossa direção.

— Está de acordo em aparecer em fotos comigo, Cherry? — Simon chama minha atenção ao colocar as últimas caixas de pizza na van e virar-se para mim. — Minhas fãs vão gostar de você, eu prometo. — Ele sorri cínico e lindamente, pegando as caixas que eu estou segurando.

— Ah, claro, eu preciso ser aprovada por elas. — Reviro os meus olhos.

— É claro que sim, babe — retruca. — Você não sabe, mas elas são de minha importância também.

Balanço minha cabeça negativamente e dou a volta na van, entrando no lado do passageiro ao mesmo tempo que Simon toma seu lugar atrás do volante. Posso sentir os flashes explodirem mesmo que aqueles homens estejam longe de nós porque quando comecei a namorar Tyler, ele costumava tirar inúmeras fotos minhas alegando que eu era uma modelo perfeita. Nunca acreditei de fato em suas palavras, por mais que eu me ache uma mulher bonita e confiante quanto a isso.

NACIONAIS-ACHERON

— Você quer escutar alguma coisa? — Simon pergunta, arrancando com a van.

— Não, só gostaria de avisar que isso aqui não é o seu carro de não sei quantas cilindradas, tudo bem? — despejo, puxando o cinto de segurança para me deixar mais tranquila.

— Obrigado por isso — rebate da forma mais irônica possível.

Ficamos em silêncio por longos minutos enquanto eu checo a lista com os endereços dos pedidos que foram feitos. Parece que estaremos dentro dessa van pelo resto da noite, pois temos quase trinta pedidos para entregar. O bom disso tudo é que Simon não é uma companhia ruim, afinal ele já passou dessa fase, então eu encontro o caminho livre e limpo para puxar assunto com ele quando estamos próximos a nossa primeira parada.

— Você já pensou em fazer aquelas tranças que pegam bem da raiz, tipo, muito coladas e certinhas?

— Que diabos de conversa é essa? — Simon questiona, virando o rosto rapidamente para me dar um olhar confuso.

— Eu acho que você ficaria bem de trança. — Dou de ombros, esticando o braço para tirar o boné de sua cabeça. — Nunca pensou nisso?

— Você acha? — pergunta, enquanto bagunço levemente os fios lisos e loiros muito bem hidratados. Droga, o cabelo do Simon é melhor que o meu. — E se eu cortá-los um pouco?

— Tipo como queria fazer quando levou o papai hoje mais cedo para raspar a cabeça? — Simon assente. — Minha humilde opinião é que você não ficaria nada legal de cabeça raspada ou cabelo mais curto... acho que já me acostumei a vê-lo assim e implicar com você... sei lá, Simon, faz o que quiser... — resmungo.

— Você está louca pra puxar meu cabelo, Spencer, pode admitir, linda. — Seu tom de voz me deixa enrubescida e desconcertada, mas não deixo Simon perceber nada disso. Puxo seu cabelo com força assim que ele estaciona o carro, mas isso não o incomoda tanto quanto eu queria que acontecesse. — Não devia me provocar assim, Cherry, talvez você não aguente as consequências.

Puxo minha mão de volta e solto o cinto de segurança, saindo do carro

NACIONAIS-ACHERON

sem pensar duas vezes, mas não antes de escutar a risada de Simon. Espero que ele apareça para abrir a parte traseira da van, o que não demora para acontecer, já que ele acaba de aparecer na minha frente com o boné vermelho no topo de sua cabeça e um sorriso pervertido escorrendo pelos lábios.

— Você quer levar essa ou...

— Faremos isso juntos, Simon — replico de forma entediada.

— Mmm... Assim que eu gosto. — Cruzo os braços, enquanto ele pega duas caixas de pizza e bate a porta ainda sem parar de sorrir. — Você precisa sorrir comigo, Cherry, nós não queremos assustar os clientes da mamãe, certo? — provoca.

— Certo. — Semicerro os meus olhos em sua direção.

— Boa garota.

Ignoro sua frase e tomo à frente do caminho até a porta da casa branca de número 73. Aperto a campainha e checo o pedido na caderneta em minha mão.

— E se alguém me reconhecer? — Simon murmura para mim e eu o encaro incrédulo.

— Não é hora para isso Simon — o repreendo.

— Mas eu estou falando...

A porta é aberta e de lá sai uma mulher jovem com pouca roupa.

— Duas pizzas tradicionais para Abigail Foster... — digo, tentando confirmar o pedido dela que mal me fita.

— Isso mesmo — diz, abrindo um sorriso largo.

— São vinte e cinco dólares — informo assim que Simon estende as caixas para a mulher.

Inspiro o ar com força, deixando de lado minha função nesse momento para deixar que meu parceiro de trabalho tome conta da situação. A mulher está hipnotizada por Simon e isso não poderia ser mais ridículo. Infelizmente, tenho que admitir que eu já fui ela um dia, mas não mais.

— Eu conheço você de algum lugar — a mulher finalmente fala com Simon e o mesmo sorri.

— Impossível, senhorita.

Arqueio a sobrancelha para o nada, uma vez que nenhum dos dois está me dando atenção, completamente surpresa com a atitude de Simon.

— São vinte e cinco dólares, assim como minha colega aqui disse — ratifica a minha fala e se aproxima de mim sorrateiramente.

Sorrio amarelo para a mulher que resolve me fitar.

— Que seja — ela resmunga de volta e estende o dinheiro em minha direção.

Observamos a mulher entrar e bater a porta com força. Simon segura minha mão e me puxa pelo caminho de volta para a van, abrindo a porta para mim e me dando espaço para entrar. Espero que ele entre do outro lado e arranque para que eu possa falar alguma coisa.

— Pensei que daria corda para ela — digo, esperando mais uma vez por sua reação.

— Por que diabos eu faria isso?

— Você sorriu todo... todo... todo bonitinho pra ela — acuso e ele sorri para mim, parando o carro no sinal vermelho.

— Eu estou sorrindo bonitinho para você também, Cherry, mas quem disse que isso significa algo? — pergunta e eu mordo meu lábio inferior. — Eu já te disse que estou gostando de outra pessoa, não vou ficar fazendo merda por aí — completa.

— Ela é sortuda — sussurro.

Simon volta a dirigir, mas percebo sua indecisão entre me encarar ou encarar a estrada.

— Ela é? — pergunta e eu dou de ombros.

— Acho que sim.

Simon não retruca e isso me deixa desconfortável, pois eu estou acostumada a tê-lo rebatendo e questionando tudo que eu falo, mesmo que seja um simples “Olá”. Nossas próximas paradas são preenchidas por um silêncio que, no final, já me agrada.

Puxo meu celular do bolso da minha calça e checo o horário. Já passa

das onze e nós estamos voltando para a pizzeria pela última vez. Fizemos viagens de idas e vindas para pegar mais pedidos e mais pizzas, então estou seriamente feliz de estarmos parando. Simon vira para mim entre um movimento e outro e eu sorrio abertamente para ele, que repete meu gesto de volta, fazendo-me sentir, de repente, como se tivéssemos voltado há anos atrás, quando éramos dois adolescentes inconsequentes.

Eu preciso ser sincera comigo mesma e devo admitir que sinto falta de antes mais do que pensei que sentiria algum dia. A minha vida era mais fácil, o meu futuro era perfeito visto de lá e de quebra eu estava com alguém que eu gostava: Simon. Não, isso não faz diferença agora, afinal Simon não é minha prioridade no momento, mas de qualquer forma era muito bom estar com alguém que você tem uma ligação, algo que por mais que eu tenha tentado, não consegui achar em Tyler.

— Que tal irmos amanhã atrás de um bom vestido para você me acompanhar? — Simon pergunta, estacionando o carro na parte de trás da pizzeria. — Podemos levar as crianças, então não há desculpas para recusar — diz, puxando a chave da ignição relaxando no banco.

— Eu posso fazer isso com Pearl, o que acabará te poupando um monte de tempo — sugiro e ele torce o nariz, claramente não gostando da ideia. — Tem medo de eu aparecer com jeans e camiseta por lá? — provoco, sorrindo de lado.

— Você pode usar até um saco de batatas que continuará linda. Esse não é o problema...

— E qual o problema? — pergunto, ainda sorrindo.

— Eu quero estar lá — Simon resmunga. — Não quero que vá com minha irmã e me deixe de fora.

— Oh, Simon. — Finjo estar comovida com o que ele me diz e vejo que isso o irrita. — Tudo bem, tudo bem. — Gargalho, parando um pouco para respirar e me recuperar. — Vamos eu, você e as crianças, não se preocupe.

— Ah, claro, você fica com essa sua cara de santa puritana depois de tirar sarro da minha pessoa... bastante inteligente, Cherry — continua resmungando.

— Não me faça mudar de ideia, Simon Alexander Wyatt — atiro, revirando meus olhos. — Eu estou morrendo de fome — reclamo ao mesmo tempo que minha barriga ronca.

— Você quer sair para comer alguma coisa? — pergunta, parecendo preocupado de repente.

— Ainda tenho que entrar para arrumar as coisas lá dentro, Simon — atiro o óbvio, rindo da cara que ele faz.

— Você está magra demais e eu não gosto disso — reclama.

— Parece que não mais por muito tempo se depender de você, certo? — provoco, endireitando-me e soltando o cinto de segurança.

— Exatamente — rebate orgulhosamente.

— Eu vou entrar para começar a arrumar as coisas o mais rápido possível...

— Eu vou trocar de roupa e conseguir alguma comida para nós — informa de volta e eu aceno positivamente.

Saio da van com Simon, mas tomamos caminhos diferentes. Entro na cozinha pela porta dos fundos e vejo a bagunça que ficou depois de tantas pizzas feitas no dia de hoje. Aceno para Elijah, que parece ter parado de fazer pizzas.

— O movimento acalmou lá fora? — questiono.

— Finalmente sim — ele agradece em um resmungo e rimos juntos.

— Pode tomar um descanso que eu dou conta da maior parte disso tudo — afirmo e ele me olha agradecido.

Começo a limpar as bancadas extensas, tomando cuidado para fechar todo material e colocá-los em seus devidos lugares para mantê-los frescos para amanhã e os dias seguintes.

Deixo minha cabeça desligar e quando percebo, estou no final de tudo com Elijah e Sra. Wyatt me ajudando.

— Eu já estou preparando novas contratações para a pizzaria, assim vocês não ficarão tão sobrecarregados com todo esse trabalho — Sra. Wyatt informa assim que me encosto na parede, aliviada por ter finalizado com a

limpeza.

— Isso soa bem — admito e ela sorri para mim.

Há algo sobre a Sra. Wyatt e Pearl que me reconforta de maneira sobrenatural. Elas, sem dúvida alguma, têm essa áurea agradável ao redor delas que me faz ficar bastante confortável.

— A coroa tem que me escutar alguma vez, huh? — Simon chega do nada e a Sra. Wyatt sorri para ele.

Ele está usando jeans escuro e camisa preta que abraça seus braços de maneira quase que ilegal.

Simon Wyatt é uma pessoa ilegal.

— Não comece, querido — Sra. Wyatt diz, olhando para o filho de maneira encantadora.

— Eu amo você, linda — ele diz sorrindo de volta para sua mãe. — Agora preciso levar a Cherry para comer — completa, beijando o topo da cabeça da Sra. Wyatt em despedida. — Vamos? — indaga.

— Até amanhã, Sra. Wyatt. — Despeço-me dela com um abraço rápido.

— Até amanhã — retruca. — Dirija com cuidado, filho. Amo você! — ela exclama por fim.

Simon me puxa por todo caminho e quando entramos no salão, percebo que só o seu pai restou ali conferindo o faturamento da noite.

— Onde o papai está? — pergunto, empurrando a porta de vidro e sentindo o vento frio me açoitar.

Escondo-me instantaneamente atrás de Simon, enquanto ele nos guia até seu carro.

— Eu levei Mario para casa — diz, abrindo a porta do carro para mim. — Eu consegui uma refeição saudável para ele e o deixei confortável no seu quarto — informa enquanto eu me sento no banco e puxo o cinto sem deixar de fitá-lo.

— Fez isso tudo nesse curto espaço de tempo? — indago, franzindo o cenho.

— Cherry, já é depois da meia-noite e meia. — Pisca para mim e bate a porta.

— Está falando sério? — exclamo de volta e logo Simon se coloca ao meu lado. — Eu mal vi o tempo passar... — confesso.

— Bom assim. Agora vamos, eu estou morrendo de fome também — diz, ligando seu carro.

— Para onde estamos indo? — indago confusa.

— Qualquer lugar, Cherry, isso não importa.

Capítulo 28

Spencer Carter

“Bromance...”

ESPREGUIÇO-ME NA CAMA E PENSO DUAS VEZES ANTES DE ME LEVANTAR DO COLCHÃO MACIO EM QUE ESTIVE DORMINDO DESDE QUE CHEGUEI COM SIMON DO NOSSO JANTAR FORA DE HORA E NADA SAUDÁVEL. Eu tenho impressão de que ele quer me engordar a qualquer custo, não que eu me incomode com isso, mas é muito interessante para ser sincera. Na madrugada passada nós fomos em algum fast-food e pedimos hambúrgueres e fritas com bastante bacon e ketchup. Admito que foi um dos melhores hambúrgueres que comi em anos e gostaria de repetir isso mais vezes, mas não farei com Simon por perto, uma vez que tenho certeza que pareci uma esfomeada louca em sua frente. Nós comemos em sua sala, sentados nos tapetes felpudos e fizemos a maior bagunça por lá, que eu fiz questão de limpar tudo quando terminamos mesmo que Simon tenha tentado me puxar para o quarto por repetidas vezes.

Bocejo preguiçosamente e amarro meu cabelo assim que me sento, estalando certas partes do meu corpo ao me esticar um pouco mais. Há tanto tempo que eu não durmo tão bem que nem acredito que isso possa ser real. Antes que eu possa me atrever a colocar os pés no chão, Simon abre a porta do “meu” quarto e entra com Ryle e Christian no seu encalço. Ele está trazendo uma bandeja cheia de comida e as crianças estão comendo frutas e compartilhando-as entre si, o que não é novidade alguma, afinal eu estou falando de Ryle e Christian.

— Você escapou do “bom dia” caloroso que eles iam te dar — Simon diz, colocando a bandeja no final da cama e cruzando os braços em seguida.

— Você estava treinando-os para me acordar? — questiono e ele sorri de lado.

— Sim, sim. Eu fui a cobaia — papai se pronuncia ao entrar no quarto em passos calmos e curtos, esbanjando um bom-humor sobrenatural.

NACIONAIS-ACHERON

— Não acredito que fez isso — atiro a Simon e ele continua sorrindo sem dizer uma palavra sequer.

— Eu não me irritei, esses dois são adoráveis — papai defende Simon ao se referir às crianças, mesmo que indiretamente. — Bom dia, filha — saúda-me e se senta na poltrona que tem ao lado da minha cama.

— Bom dia, pai. — Sopro um beijo em sua direção e Ryle faz o mesmo, correndo até o papai e instantaneamente fazendo Christian repetir sua ação.

— E eu não mereço um bom dia? — Simon volta a falar, usando um falso tom de reclamação.

— Bom dia, Simon — inclino meu corpo para frente e alcanço a bandeja.

— Sem *nem um* beijinho para mim? — questiona, aproximando-se de onde eu estou.

— Nem um, nem dois, nem nada.

Ele revira os olhos e dá a volta na cama, sentando-se ao meu lado.

— Quanto mais eu sou atencioso com você, menos regalias eu recebo — reclama, tirando um morango de dentro da taça de vidro que tem em cima da bandeja.

— Você está fazendo isso em troca de regalias? Pensei que fosse pela amizade — alfineto, mordendo um pedaço da torrada que pego.

— Que seja. — Balança os ombros despreocupadamente.

Ryle e Christian tentam subir na minha cama, mas eles encontram dificuldade nessa atividade. Simon começa a rir do meu lado e eu tenho que rir junto com ele, porque é inevitável não o fazer. Christian é o primeiro a conseguir subir na cama, também sendo o primeiro a sujá-la com suas mãos molhadas com o suco da fruta de tanto que ele as aperta. Segundos depois, ele pega o pedaço de melancia que está nas mãos de Ryle e deixa de lado, preocupando-se em ajudar a pequena a subir.

— Eles não são fofos? — Simon comenta ao meu lado e eu viro o rosto para encará-lo.

— Você é um idiota — constato e ele ri, virando para me encarar de

NACIONAIS-ACHERON

volta.

— Você não diz... — retruca cinicamente.

— Quem não te conhece provavelmente não diz, mas diferente das outras pessoas, eu te conheço muito bem. — Pego a taça de morangos e ofereço um para ele, que apanha de bom grado.

— Gosto do som disso — diz, antes de ser atacado por Christian e Ryle. — Porr...

— *Titi!* — os dois exclamam, tapando a boca de Simon em meio risadas.

A situação é tão cômica que tira minha risada e do papai. Simon está sendo lambuzado pelas crianças que parecem estar em um complô contra o tio.

— Desculpem o *titi* Simon, é que ele ainda não aprendeu que não pode falar palavras feias — digo aos dois e eles finalmente libertam Simon.

Christian e Ryle o deixam e começam a atacar meu café-da-manhã, mas eu não me importo.

— Eu alimentei vocês ainda pouco, parem de comer a comida da Sp...

Enfio um morango na boca de Simon, um pouco bruta demais, porém isso o faz calar a boca. Ele lança um olhar aguçado em minha direção e eu sorrio em resposta.

— Quietinho, Simon. Quietinho.

Ele continua lançando o olhar aguçado e eu dou de ombros, mostrando que não me importo. Junto-me às crianças e nós passamos os próximos vinte minutos comendo e rindo com os pequenos que enfiam frutas e mais frutas um na boca do outro. Em algum momento Simon e papai saem do quarto, mas eu estou tão entretida que eu só noto quando Simon aparece de roupa trocada e cabelo molhado.

— Acabou a festa da comida, vamos. — Ele estala os dedos para nós três e fazemos um bico involuntário.

— Mais um pouquinho — Christian pede juntando as mãos e Ryle repete o que o mais velho faz.

— Já chega, eu preciso banhar vocês dois e Spencer precisa banhar também — ele informa de forma impaciente. — Vocês não querem tomar sorvete a tarde toda? — questiona, cruzando os braços em frente ao seu corpo.

— Sim! — respondem em uníssono.

— Então vamos logo. Quanto mais cedo formos, mais sorvetes vocês tomarão.

Dito isso, Christian e Ryle se arrastam pela cama até descerem com dificuldade. Eles saem correndo e me deixam sozinha com Simon.

— Você não vai dar sorvete para eles a tarde toda, certo? — pergunto desconfiada.

— É claro que não. — Ele sorri. — Eu disse isso apenas para eles cederem logo, mas você precisa estar preparada para entretê-los a ponto de que não se lembrem do sorvete — Simon começa a caminhar para a porta do quarto.

— Mas foi você que disse que daria sorvete a eles... Se vira! — exclamo tentando me livrar dos lençóis sujos de fruta.

— Por sua causa, Cherry. — Ele sai e segura a porta. — Agora vai tomar banho que nós sairemos em meia hora. — Bate a porta com força.

Grande merda!



TERMINO DE SECAR MEU CABELO E PUXO AS MANGAS DO MEU SUÉTER VERDE ATÉ MEU ANTEBRAÇO, DANDO-ME POR SATISFEITA COM MINHA APARÊNCIA. Simon já bateu duas vezes na porta do meu quarto e isso foi algo que me deixou feliz, afinal ele não está invadindo minha privacidade, mesmo que essa ainda seja sua casa.

Pego minha carteira por puro hábito e saio do quarto. Faço meu
NACIONAIS-ACHERON

caminho curto até a sala e encontro Simon conversando com meu pai, enquanto Christian e Ryle brincam no sofá. Pigarreio e chamo a atenção dos dois, já que os pequenos estão entretidos demais em seus mundos para me fitarem.

— Finalmente, Cherry — Simon diz dramaticamente, levantando-se do sofá e caminhando até mim. — Se demorar tudo isso no dia do seu casamento, tenho certeza que o querido Tyler vai desistir — provoca e eu reviro os olhos.

— Deixa que com ele eu me entendo, agora sobre você. — Puxo o seu braço e checo o relógio em seu pulso, já que esqueci de pegar meu celular. — Eu estou cinco minutos atrasada, então sem reclamações.

— Que seja, babe — resmunga e eu solto seu braço. — Mario não quis ir conosco, então eu vou deixá-lo com meus pais enquanto fazemos o que precisamos...

— Eu posso ficar sozinho, sabiam? — meu pai interrompe Simon mas direciona-se a nós dois.

— Nós sabemos disso — Simon diz, virando-se para fitar o papai. — Pensei que tivéssemos combinado de você ficar com meus pais, Mario — completa.

Não duvido nada, afinal os dois são melhores amigos.

— Só estou lembrando, caso vocês tenham se esquecido que eu estou apenas doente, não inválido — papai retruca e revira os olhos.

— Nunca falamos isso — intervenho. — Você quer ficar hoje por aqui? — pergunto, tentando apaziguar a conversa.

— Tanto faz — devolve.

Respiro fundo e Simon passa por mim, deixando um aperto na minha mão esquerda e seguindo até Christian e Ryle.

— Mario vai ficar com meus pais, nós já combinamos — o loiro diz sem se importar. Ele volta e me entrega Ryle nos braços com as chaves e continua com Christian agarrado em seu braço esquerdo. — Vem, vovô — Simon provoca o papai, que o fita incrédulo.

— Vovô? — meu pai testa a palavra e começa a rir.

Simon Alexander Wyatt sabe exatamente como quebrar um gelo.

— O que foi? — retruca.

— Você é ridículo — meu pai pontua, o que me faz rir e se levanta.

— Você também, nem por isso eu saio te depreciando por aí. — Simon ajuda meu pai a se firmar de pé com mais segurança e deixa que o mesmo se apoie nele, como sempre.

— Por acaso eu te depreciei?

— Não, eu só queria fazer cena. — Nós três rimos e as crianças fazem o mesmo.

Se tem algo que é mais sincero do que a minha relação com Simon, é a relação de amizade dele com o papai. Eu nunca pensei que veria Simon com qualquer amizade sem que fosse a minha, mas felizmente ele encontrou um amigo e esse amigo é o meu pai. Estranho ou não, mas eu acredito que ele realmente se importa com nós e com a nossa situação.

Capítulo 29

Simon Wyatt

“Flirting...”

NO MOMENTO EM QUE EU E SPENCER DEIXAMOS MARIO COM MEUS PAIS, SEGUIMOS PARA LOS ANGELES COM AS CRIANÇAS GRITANDO NO BANCO DE TRÁS. A viagem foi curta e rápida, afinal Los Angeles é apenas um pulo de Long Beach, porém foi extremamente divertida. Saímos do meu carro assim que deixo o mesmo estacionado e pegamos as crianças de suas cadeirinhas.

— Vou tentar achar alguma loja boa por esse lado, tudo bem? — Spencer informa, dando-me Ryle no colo.

Sem pensar duas vezes, aceno com a cabeça para ela e deixo que ela nos guie até qualquer loja de seu gosto. Não é como se Spencer não soubesse onde estamos ou como se estivéssemos fora de seu nicho, afinal isso aqui é Los Angeles e, se tem um lugar que ela conhece, esse lugar é Los Angeles. Durante nosso período escolar, muitas vezes eu a acompanhei até essas lojas e até dava meu palpite sobre suas roupas. É claro que Spencer sempre comprava o que era do seu gosto, então minha opinião nem sempre contava e só contava quando íamos em suas lojas favoritas de lingerie. Sim, esse era meu lugar favorito para estar com Spencer, além de, obviamente, ser tentador demais.

Ryle e Christian continuam fazendo o que quer que seja que eles estão fazendo com meu cabelo e eu paro de andar assim que Spencer faz o mesmo. Ela olha de uma loja para outra, parecendo indecisa sobre em qual entrar. Estamos de um lado da avenida que há pelo menos cinco fachadas luxuosas de grifes conhecidas por seu valor exorbitante por peça. Admito que não sou muito fã dessas marcas e até me espanto com a feiura de algumas coleções delas. Afinal, se compramos uma roupa cara é por que ela deve ser bonita e de boa qualidade, certo? Errado, pelo menos na parte “bonita”. Chega a ser ridículo pagar um valor alto por uma peça de roupa escrota e sem beleza

alguma. Posso ser leigo, mas chega um momento que eu me pergunto “que tipo de moda é essa?”. De todo jeito, Spencer fica bonita até mesmo se usasse um saco de batatas, então espero que ela se decida em qual das lojas entrar primeiro e escolha algo que a deixe confortável, porque isso é que importa.

— Eu não sei se é uma boa ideia irmos nessas lojas... — resmunga, virando-se para me fitar. — Podemos ir naquela loja ali e tent...

— É um presente, Spencer. Não fique com medo de entrar em qualquer uma dessas lojas e escolher uma peça do seu gosto, por mais cara que seja. Eu estou pagando — aviso, antes de deixar que ela complete a ideia de irmos ao brechó que ela apontou do outro lado da rua.

Spencer parece pensar duas vezes antes de me responder qualquer coisa. Ela avalia a situação e acaba dando de ombros, olhando-me um pouco desconfiada.

— Você tem certeza? — testa-me.

— Sim e eu não repetirei.

— Se você diz...

Ela volta a fitar todas as fachadas de lojas e acaba escolhendo a primeira em menos de cinco segundos. Volto a seguir seus passos e entramos na loja juntos. Spencer vem ao meu lado quando estamos lá dentro, provavelmente um pouco acanhada por estar nesse tipo de lugar.

— Bom dia. — Uma atendente aparece, sorrindo abertamente para nós dois, ou quatro, depende se você levar em consideração Ryle e Christian bagunçando meu cabelo. — Posso ajudá-la?

Spencer limpa a garganta e começa.

— Eu estou procurando algo para ir a um evento com... — Ela me fita rapidamente.

— Comigo, o amigo — completo.

— E você tem algum tipo de estilo em especial? Vestidos? Calças? Saias? Tops?

Deixo que ela se resolva com a mulher e procuro um lugar para me sentar. Desabo em um sofá que encontro por perto e daqui vejo Spencer desaparecer com a mulher com a mulher para os demais cômodos e

NACIONAIS-ACHERON

corredores da loja.

Christian passa por meu colo e senta-se ao lado de Ryle. Puxo meu celular do bolso do meu jeans e checo as mensagens e ligações perdidas que piscam na tela. Há duas ligações da minha irmã e mensagens da mesma. Abro as mensagens e vejo que o conteúdo é repetido: Pearl quer fazer compras com Spencer.

Perdeu, loira.

Seu irmão, jogador de futebol e carregador oficial de sacolas da Srta. Carter, Simon Wyatt.

Dois minutos se passam até eu receber uma mensagem de volta da minha irmã.

Por favor, Simon, deixe-me fazer compras com ela. Eu sei que você ainda gosta de Spencer, mas monopolizá-la não é o caminho certo quando eu sou sua melhor amiga. Estou em Los Angeles com Seth... por favor, me diga que você já está aqui com Spencer.

Sua irmã preferida, no momento, dona de casa grávida e louca por chocolate, Pearl Wyatt-Sawyer.

Sorrio de sua resposta e digito outra de volta sem demora.

Você é minha irmã preferida, pois, claramente, eu só tenho uma, então que escolha eu tenho? E sim, já estamos em Los Angeles em uma loja meio brilhante e cara que eu não faço ideia de qual seja o nome. Se vira e nos ache.

Ainda Simon Wyatt escrevendo.

Continuo checando meu celular, mas não há nada de novo. Volto a enfiar o aparelho em minha calça e, antes de Spencer aparecer, Pearl e Seth aparecem. Observo os dois se aproximarem de onde estou sentado e não me importo em parar Christian de descer do sofá e correr até os pais. Ryle tenta fazer o mesmo, mas ela parece temerosa em acabar se machucando se pular dali como Christian o fez. Eu puxo a menina para perto de mim e espero a família feliz se aproximar de nós dois.

— Ah, nem acredito que vou ter esse tempo com ela! — Pearl exclama animada, fazendo-me revirar os olhos. — Oi, princesa — cumprimenta Ryle e a puxa para o seu colo assim que toma o lugar ao meu lado esquerdo.

— Não pense que vai passar o resto do dia com Spencer, pois temos planos — blefo, tentando espantar minha irmã e suas mil e uma ideias.

— Planos para...? — questiona, sorrindo para Seth que senta-se com Christian do meu outro lado.

— Planos para qualquer coisa que não envolva ninguém. — Dou de ombros.

— Mas eu queria...

— Eu não sou seu marido, Pearl. Não me importo com o que você quer. — Assim que paro de falar, Pearl me empurra, fazendo bico. — Não caio nessa — aviso.

— Que seja. — Revira os olhos. — Onde Spencer está?

— Procurando roupas, provavelmente...

Nesse momento eu paro de falar porque Spencer volta de onde quer que tenha ido e ela está usando um vestido branco que abraça seu corpo esguio de forma generosa. Para ser sincero, ela parece sexy e isso não é nenhuma novidade. O cabelo antes solto agora está amarrado em um coque frouxo onde alguns fios escapam do mesmo e moldam o seu rosto fino. De pés descalços e sem maquiagem ela parece incrível e, se sexy não é a palavra certa para defini-la agora e sempre, eu não sei qual mais seria.

— Ei! — Spencer exclama, aproximando-se de nós mais que o suficiente. — O que estão fazendo aqui? — pergunta.

Pearl deixa Ryle em meu colo e se levanta para abraçar sua melhor amiga.

— Você está linda! — Minha irmã a ignora deliberadamente e faz Spencer girar sobre os pés para vê-la por completo. Eu mentiria se dissesse que não foquei em seu traseiro assim que ela girou, porque indubitavelmente eu foquei no traseiro dela. — Mandeí algumas mensagens para Simon e ele me deu dicas de onde vocês estavam, então eu os achei. Foi fácil de achá-los, afinal eu estava do outro lado da rua — Pearl finalmente explica e solta uma risada.

— Ele está zangado — Spencer provoca, parando para me fitar. Semicerro meus olhos em sua direção e ela sorri. — Esse ficou bom? —

pergunta diretamente para mim.

— Se bom significa gostos...

— Simon! — Pearl exclama, avançando para tapar minha boca. — Não fale besteira perto deles, já falamos sobre isso...

— *Totosa!* — Christian exclama e Pearl respira derrotada, soltando-me enquanto eu gargalho.

— Ele vai aprender isso de uma forma ou de outra, Pearl — Seth diz ao meu lado, não se importando tanto com o que o filho acabou de tentar falar.

Conhecendo bem o marido da minha irmã, ele está orgulhoso do filho.

— Eu não estou te ouvindo... — Pearl retruca de forma ameaçadora.

— Qualquer coisa que você diga — Seth retruca sem mudar sua posição diante a situação.

— Eu agradeço pelo elogio, Christian. — Spencer tenta dar um tom cômico ao momento e acaba por funcionar de alguma forma. — Mas eu não acho que ficou tão bom assim... estou um pouco desconfortável — confessa, fitando-me outra vez.

— Então troque por algo melhor — digo, tentando mostrar que não me importo em esperar até que ela ache algo bom.

Spencer acena positivamente e sai puxando Pearl com ela para o lugar de onde veio minutos atrás. As duas me deixam sozinho com Seth e as crianças, uma combinação bem sem animação por eu não ter muito o que conversar com meu *cunhado amado*.

— Quando vai contar a ela? — Seth questiona ao meu lado e eu o fito de soslaio.

— Contar o quê e para quem? — respondo contragosto.

— Contar para Spencer que você está na dela... — replica de forma entediada.

— Não é da sua conta — atiro, começando a me irritar com ele.

— Deveria se lig...

— **Não** é da sua conta — torno a atirar, dessa vez com mais segurança.

— Vocês estão perdendo tempo... — Seth continua enchendo minha mente com suas frases motivacionais para relacionamento.

Bloqueio sua voz da minha cabeça e finjo que estou escutando o que ele está falando para mim. Eu acho que em algum momento a terapia que minha irmã certa vez disse que seu marido está fazendo, deixou esse cara louco. Se Seth já é louco sem terapia, imagine com ela. Ele está achando que é o quê? Algum expert do amor? Ou melhor dizendo, um guru do amor?

Me poupe, Seth Sawyer.

— E então? — indaga.

— E então o quê? — Bufo, confuso com sua tentativa de tentar puxar assunto comigo.

Seth respira fundo e balança os ombros, negando com a cabeça em seguida.

— Nada. Você vai ter que descobrir na hora e lidar sozinho com tudo que está por vir — retruca e volta sua atenção para Christian. — Nós tentamos não foi? — resmunga ao filho e o mesmo assente, pegando o celular do pai para jogar com o mesmo.

— Tentaram o quê? — continuo, agora curioso para saber o que ele falava segundos atrás.

— Não é mais da sua conta — Seth retruca, com um sorriso cínico no rosto.

A vontade que eu tenho é de enfiar o punho em sua boca, porém eu me controlo porque não quero fazer nenhuma cena desnecessária.

— Foda-se... — resmungo por fim.

Entrego meu celular a Ryle e deixo ela ficar mexendo para ter minha atenção atraída por qualquer pessoa que não seja Seth. Eu sei que ainda sou duro e inflexível demais com ele, mas não consigo mudar minha postura por enquanto. É claro que ele ama minha irmã, senão não teria se casado com ela e começado uma família com a mesma, mas o problema é que eu guardo rancor e ressentimento por muito tempo, até tê-los desgastados dentro de mim. De fato, eu ainda terei ranço de Seth Sawyer por um bom tempo e ninguém poderá mudar isso, apenas eu mesmo.

Cinco minutos mais tarde Spencer e Pearl aparecem sorridentes e falantes, diferente do clima que ficou desde que elas nos deixaram. Respiro aliviado e levanto, indo diretamente até Spencer, como se ela fosse minha única salvação nesse momento. O problema — ou não — é que ela é minha única salvação.

— Eu ainda não gosto do seu marido — cuspo para Pearl e ela me fita entediada. Deixo minha atenção em Spencer e nas roupas em seu braço. — Conseguiu alguma coisa que gostou? — indago, observando que ela tem dois ou três vestidos com ela.

— Na verdade eu achei esses aqui, mas não sei se estão à altura... — explica, incerta sobre as peças. Ela estende os panos para mim e eu checo os três vestidos, que parecem muito bonitos. — Eles são confortáveis, porém...

— É o que importa — eu a interrompo. — Quer ir em mais lojas? Nós apenas chegamos...

— Simon. — Spencer morde o lábio inferior e eu sorrio do seu gesto.

— Vocês querem andar um pouco por aí? Eu e Seth vamos levar as crianças para tomar sorvete — Pearl sugere sabiamente e tanto eu, quanto Spencer, percebemos sua manobra. — De nada — minha irmã completa e sai em disparada até Seth sem nem esperar uma resposta nossa.

— Parece que você não tem saída — digo e Spencer dá de ombros.

— Às vezes eu não quero uma — retruca e me dá as costas, mas não antes de inclinar sua cabeça para mim e me chamar para perto dela.

Caminhamos lado a lado até o balcão da loja e antes de chegarmos lá, passo meu braço pelos ombros de Spencer e a puxo para perto. Desço minha boca até seu ouvido e sussurro: — Se você não fosse comprometida e eu apaixonado, diria que está flertando comigo.

Ela ri alto, mas não me empurra para longe e isso só significa uma coisa: Spencer Carter está flertando comigo.

Capítulo 30

Spencer Carter

“Meu noivo...”

TUDO DEPENDE DO PONTO DE VISTA: ÀS VEZES FALTA **APENAS** UMA HORA PARA VOCÊ FAZER ALGO QUE ESTEVE ESPERANDO POR TODA VIDA, MAS ÀS VEZES **AINDA** FALTA UMA HORA PARA VOCÊ FAZER ESSE ALGO. No momento, o meu ponto de vista é o primeiro e o de Simon é o segundo. Eu sei que ele esteve se corroendo por dentro até a chegada desse dia, afinal, depois que comprei o meu vestido, ele já queria que o evento acontecesse no dia seguinte. Simon esteve animado por todo tempo e eu até mesmo me animei em alguns momentos para não o deixar agindo estranho sozinho. Mas, há algo sobre ele que me deixa com uma pulga atrás da orelha: Simon está animado demais para ser verdade.

— Vamos, Spencer! — exclama do lado de fora do meu quarto, que eu tranquei antes de começar a me arrumar por motivos mais que óbvios. — Nós vamos nos atrasar... — assobia e eu reviro meus olhos. — Não tem mais nada de novo para eu ver em você, então, por favor, aparece logo — completa.

Simon diz isso porque mais cedo eu e Pearl fomos a um salão de beleza para fazer maquiagem e um penteado com algum cabeleireiro profissional. Quando terminamos, Simon apareceu para me buscar e Seth voltou para buscar sua esposa — com Christian de tiracolo.

— Então fique calmo, eu preciso de apenas um minuto! — retruco, começando a me irritar com sua insistência e impaciência.

Termino de ajustar o vestido no meu corpo e realizo-me pela forma que eu estou parecendo bonita essa noite. Simon criou mil e uma hipóteses sobre o que eu vestiria, mas a verdade é que eu tenho um vestido guardado há dois ou três anos, que nunca usei antes. Essa é minha oportunidade para fazê-lo, sem contar que vou surpreender o Sr. Apressadinho. Pego a bolsa preta de mão que Pearl me emprestou e respiro fundo, sorrindo para mim mesma. O vestido é vermelho e combina perfeitamente com meu batom. Diferente dos

vestidos que Simon comprou para mim, esse é longo e com um decote fundo nas costas, alças finas demais, além de uma fenda que vem até quase o topo de minha coxa esquerda. Combinei a minha escolha para essa noite com um scarpin preto, também emprestado da Pearl e um colar antigo de ouro que fiquei de herança da mamãe.

— Pronto, satisfeito? — digo ao abrir a porta e me deparar com um Simon encostado do outro lado do corredor.

Ele desencosta-se imediatamente e se aproxima de mim, praticamente fechando toda distância entre nós dois. Mesmo que me pareça errado admitir, eu gosto de Simon e nunca parei de gostar dele. É claro que ele me irrita em grande parte do tempo, mas ultimamente tem sido diferente e eu sei que Simon não está forçando nada disso. Por mais que eu queira beijá-lo por parecer tão bonito usando um terno, todo engomadinho e tudo mais, eu sei que não devo — tanto por mim, quanto por ele. Desço meu olhar até sua boca e ele faz o mesmo, fitando meus lábios atentamente. Se eu bem me lembro, porque não dá para esquecer, Simon não me beijou quando entrou no meu provador e fez aquela loucura comigo. Eu gostaria que ele tivesse me beijado lá naquele dia, mas beijos sempre foram bastante pessoais em nossa relação como um casal.

— Que vestido é esse? — resmunga, olhando-me despudoradamente.

— Estava guardado para uma ocasião especial — retruco, sem deixar-me perder a pose.

— O quão especial é essa ocasião?

Nos encaramos e eu acabo sorrindo.

— O suficiente para eu usar esse vestido, Simon. — Reviro os meus olhos.

— Você está linda...

— Pensei que fosse pedir para eu trocar de vestido. — Sorrio ao confessar o mais profundo dos meus pensamentos.

— Eu não... — volta a resmungar, mas sinto como se ele ainda tivesse algo a falar, só que Simon não fala mais nada.

Ele segura minha mão e entrelaça nossos dedos de forma que nunca

fiquei tão confortável ao seu lado como agora. Fazemos nosso trajeto até a sala de estar e Simon apanha seu celular, que está na mesa de centro e seguimos até a porta.

Meu estômago embrulha e meus batimentos cardíacos se intensificam quando estamos dentro do elevador sozinhos, um de cada lado, frente a frente. Simon começa a mexer em seu celular e segundos depois ele aponta o mesmo para mim e vendo pelo vidro das paredes do elevador, percebo que ele está tirando fotos minhas.

— Pare com isso — exijo, semicerrando meus olhos para ele.

— Você vai ter que me parar, porque eu certamente não vou perder a chance de registrar esse momento...

Bufo e fecho os olhos para ignorá-lo.

— Vamos tirar um trilhão de fotos juntos daqui a poucos minutos e você gastando a memória do seu celular com essas aí — ralho, tentando fazer pará-lo.

Abro meus olhos, mas ele ainda está entretido em tirar fotos minhas. Céus...

— Nenhuma delas serão essas aqui — defende-se. — Faz alguma pose, Cherry. Dê-me um sorriso.

Ignoro seu pedido e felizmente o elevador para. Saio em disparada e Simon vem rindo logo atrás de mim, voltando a segurar minha mão enquanto andamos pelo estacionamento.

— Você não sabe o caminho, então pare de tentar tomar a frente da situação — Simon me repreende e eu aperto sua mão em uma resposta muda.

Nos aproximamos do carro de Simon e lá dentro já tem dois homens, provavelmente seguranças contratados para essa noite.

— Estrelinha — sussurro ao lado de Simon quando entramos no banco de trás. — Boa noite — saúdo os dois homens.

— Boa noite — Simon repete o que eu disse em um tom mais sério e duro.

Os dois homens engravatados apenas acenam e ligam o carro. Saímos do estacionamento e logo uma música baixa preenche o ambiente frio e

NACIONAIS-ACHERON

silencioso. Arrasto-me para perto de Simon e entrelaço meu braço no seu, aproveitando para sentir seus músculos debaixo daquele tanto de pano.

— Por que você não está dirigindo? — indago e ele vira o rosto para me fitar.

Nossos narizes se esbarram e, assim que ele abre a boca, nossas respirações se misturam.

— Essa é uma noite especial, que requer decisões especiais — diz, simplesmente.

— Se você está falando. — Dou de ombros, deixando minha bolsa em cima de suas pernas e levando minha mão até uma mecha do seu cabelo. — Por que não prendeu o cabelo? — volto a indagar e Simon revira os olhos.

— O que são todas essas perguntas, Spencer? — retruca e eu sorrio desconsertada.

— Não gosto de ficar em silêncio com você — admito, baixinho.

— Eu posso ficar gemendo no seu ouvido se quiser...

Gargalho da sugestão de Simon e me afasto dele, balançando minha cabeça negativamente, enquanto ele ri de volta. Simon levanta a mão e faz sinal para eu me aproximar dele novamente, mas não obedeco, sendo assim é ele quem se aproxima dessa vez.

— Má ideia? — pergunta e eu aceno que sim. — Então você pode gemer no meu. — Dá de ombros em um gesto visualmente inocente.

Até parece que Simon e a palavra inocente combinam...

— Eu só queria conversar e você já leva para um lado completamente diferente — reclamo.

— Tudo bem, eu retiro o que disse... *por enquanto*.

Simon cruza os braços e faz uma careta para mim.

O nosso caminho termina em meio sussurros e xingamentos, o que não é nenhuma novidade. Tive que tapar a boca de Simon por duas vezes, com medo dos dois homens à frente acharem que temos algum caso depravado. Não temos nem um caso e nem somos depravados. Pelo menos eu estou falando por mim.

Quando chegamos ao local, parece que o evento já começou. Carros e mais carros estão ao lado do nosso e pessoas pra lá e pra cá. Fico nervosa quase que instantaneamente. Esse não é meu mundo e nada aqui é familiar, o que me deixa em pânico. O carro para de se mover e eu prendo a respiração, observando um tanto de seguranças e organizadores se aproximarem do veículo.

— Tudo bem? — Simon chama minha atenção e eu balanço a cabeça negativamente.

— Acho que foi uma má ideia ter me chamado para isso — murmuro, completamente enjoada com o tanto de gente que ficará ao nosso redor em poucos segundos.

— Eu vou estar com você, Cherry, não precisa surtar — brinca, segurando e apertando minha mão em encorajamento. — Inspira e expira, babe... — diz e eu praticamente engasgo com a sua última palavra.

— O que você disse? — pergunto, sentindo minhas bochechas queimarem furiosamente.

Tenho sorte de estar com um tanto considerável de maquiagem no rosto, senão eu estaria mais vermelha que o próprio tomate.

— Não temos tempo para isso — ele diz em meio a risos.

— Muito bonito, você se divertindo às minhas custas... — retruco entredentes.

Duas batidinhas são dadas do lado de fora do vidro e um sinal de “Ok” é feito para Simon.

— É melhor você sorrir agora.

Essa é a última coisa que ele fala antes de abrir a porta do carro e me esperar pacientemente do lado de fora.

Agora ou nunca.

Now or never.

Quem está na chuva é para se molhar, certo? Certíssimo. Sorte a minha então, que nunca me importei com chuvas.

Arrasto meu corpo e apanho a minha bolsa antes de dar minha mão

para Simon. Firmo-me de pé e ele sorri para mim, motivando-me a fazer o mesmo. Flashes nos atingem de longe assim como no outro dia em que estávamos entregando pizza juntos e nos muitos outros dias andando por aí com as crianças.

— Pronta? — pergunta e eu concordo.

Começamos nosso caminho até o tapete vermelho já cheio de atletas. Durante o percurso posso ver os fãs enlouquecidos, tanto homens apaixonados pelo futebol e seus jogadores favoritos, quanto mulheres loucas para ganharem uma chance com os mesmos jogadores. Muito preconceito da minha parte, mas eu mentiria se não soubesse que é isso que acontece nesse mundo. Pearl já me ligou um tanto de vezes chateada com mulheres em cima de seu marido, que por mais que ele seja discreto e fechado — afinal é de Seth Sawyer que eu estou falando —, nenhuma delas perdoa.

Simon para de andar e eu faço o mesmo.

Agora estamos completamente expostos para tantos fotógrafos que eu não tenho ideia nenhuma do que fazer ou para quem olhar. Por dez segundos eu fico completamente cega até me acostumar com toda aquela enxurrada de cliques e mais cliques. Simon solta a minha mão e laça minha cintura, fazendo-me passar meu braço por cima do seu e plantar a minha mão esquerda em suas costas.

— É melhor você sorrir agora, porque eu vou fazer questão de procurar essas fotos na internet e mandar fazer a porra de um banner para colocar na nossa sala de estar — Simon sussurra em meu ouvido e eu não faço nada além de gargalhar.

— Você não teria coragem — atiro de volta e nos encaramos, rindo um com o outro.

— Sim, eu teria, principalmente agora, que você finalmente aceitou por osmose que aquele apartamento também é seu — diz e eu reviro meus olhos, mal percebendo que fiz isso.

— Se não estivéssemos aqui, nesse lugar, eu o faria engolir essas palavras.

Volto a minha atenção aos fotógrafos, que chamam incansavelmente o nome de Simon e praticamente mendigam por sua atenção.

— E por onde eu teria que engolir as palavras? — Simon pergunta, mas outra voz chama mais a minha atenção.

— *Spencer!*

É um único fotógrafo que me chama e eu não posso deixar de ouvi-lo, porque é *ele*. Procuro em meio àquela multidão de homens e mulheres com máquinas fotográficas e acho Tyler. Sua feição é incrédula, assim como eu devo estar no momento. Tento me desvencilhar de Simon, mas ele me segura firmemente e me mantém no lugar.

— O que foi? — questiona.

Eu volto a encarar o loiro e noto a expressão confusa em seu rosto.

— É o Tyler.

— Tyler?

— Sim, o meu noivo. Ele está aqui. Ele é um dos fotógrafos, Simon.

Dito isso, Simon segura minha mão e me puxa para longe daquele lugar.

Capítulo 31

Simon Wyatt

“Tudo que importa...”

PARA SER COMPLETAMENTE SINCERO COMIGO MESMO, DEVO DIZER: EU JÁ SABIA. Sim, desde um par de dias atrás eu estava ciente que o noivo de Spencer estaria presente no local do evento, cobrindo o mesmo e fotografando-o para alguma empresa na qual ele trabalha. Mas, nem foi eu que fui atrás dessa informação.

“A campainha do apartamento toca incessantemente e isso me irrita profundamente, pois eu acabei de voltar da casa de Pearl, onde deixei Spencer e Mario com ela. Quem diabos é, afinal?”

— Já vai, porra! — exclamo, jogando meu celular e minhas chaves em cima do sofá. Volto até a porta e abro a mesma, dando de cara com Seth. — O que foi agora?”

— Vai me convidar para entrar? — indaga e eu solto uma risada seca, dando-lhe espaço para entrar.

— Entra — retruco.

— Não quero entrar. — Bufo, semicerrando os meus olhos em sua direção. — Eu vim te dar um aviso, ou uma informação. Por mais que não tenha me escutado naquele dia, acho que precisa saber...

— Então fala logo, Seth.

— Tyler, o noivo de Spencer, vai estar no evento que vamos daqui dois dias. No caso, é só um aviso informacional. Você faz o que quiser com essa informação e, da próxima que eu estiver falando com você, escuta.

Seth me dá as costas e faz seu caminho até o elevador. Eu não sei como porras ele conseguiu essa informação, mas ela é bem-vinda demais, mesmo que eu não saiba o que fazer com isso. Escuto o barulho do elevador, abrindo e fechando, então Seth desaparece e eu resmungo: — Obrigado.”

É óbvio que eu não fiz nada com essa informação, mas foi bom para me

NACIONAIS-ACHERON

manter pelo menos um pouco preparado para os acontecimentos. Porém, no momento eu não me sinto nada preparado. Encaro Spencer, que está sentada logo ao meu lado e sinto medo. E se ela for realmente se casar com o cara que está lá fora? Tudo que eu fiz foi para nada? Isso não é justo.

— *Ele está aqui, ele está aqui...* — ela repete em choque e eu cerro os meus punhos duramente.

Eu quero vê-lo para tentar constatar se ele é melhor do que eu, mas ainda não tive a chance. A parte boa de tudo isso, é que dessa noite não passa. Meu futuro e de Spencer, como um casal ou não, será decidido hoje.

— Bom, ela também está aqui e eu não estou surtando — retruco e consigo sua atenção de volta para mim.

— Ela? A sua... a sua...

— Sim, Spencer, a porra da minha garota — digo, entredentes. Passo minhas mãos por meu rosto e meu cabelo, tentando me acalmar e não fazer nenhuma besteira. — Desculpa, eu não queria falar assim com você, é só que é irritante vê-la dessa forma por causa daquele...

— Meu noivo, Simon. Meu. Noivo.

Nos encaramos e percebo que ela está exatamente como eu: assustada, com raiva e muito irritada. E então eu nos vejo de volta aos velhos tempos.

— Seu noivo. Entendido. — Cruzo meus braços na defensiva, enquanto observo jogadores e mais jogadores entrarem com as suas acompanhantes depois de passarem pelo tapete vermelho. — Mas você veio e está comigo, eu não vou deixá-la ir sozinha atrás dele logo agora. — Trato de refrescar sua memória.

— Você não pode me impedir — rebate.

Fico calado, poupando merda de sair da minha boca. Eu não mereço isso, muito menos Spencer. “Vamos nos acalmar, somos adultos e esse não é o fim do mundo”, penso.

Acalmar o caralho!

Sou eu que quero ir atrás daquele imbecil e perguntar tudo que tenho engasgado na minha garganta depois de ter tido acesso à sua conta bancária e constatar que ele praticamente leva uma vida dupla. Se Spencer escolher ficar

com esse cara, eu não vou nem mais suportar olhar para ela.

— Oi, pessoal! — Escuto a voz animada da minha irmã e respiro aliviado por vê-la com Seth e logo atrás, ver Sculler e Cassie.

Os quatro se juntam a nós depois de alguns cumprimentos e eu agradeço a Deus por isso, porque eu não sei se eu e Spencer ficaríamos bem sozinhos.

— Quem você acha que vai ganhar o troféu de melhor jogador desse ano? — Sculler pergunta para mim e eu solto uma risada, contragosto.

— Eu, é óbvio — digo, dando de ombros. — Meu rendimento foi melhor do que o de qualquer um, não negue.

— Eu não completei apenas doze lançamentos... — Seth diz.

— Eu não completei apenas dez — retruco, cruzando os braços e arqueando a sobancelha para ele.

— Bom para você. — Seth sorri cinicamente e Pearl lhe dá uma cotovelada.

— Eu não quero vocês dois brigando essa noite — minha irmã nos repreende.

— Minha mãe está logo ali, Girassol — ele assobia irônico e ganha mais outra cotovelada. — Porra, Pearl...

— Seth Sawyer — Cassie finalmente o repreende.

Nossa mesa fica em silêncio até Pearl se pronunciar outra vez.

— Você está bem? — questiona, encarando a sua melhor amiga.

Spencer está sentada com a postura ereta e completamente tensa. Seu olhar está fixo em um ponto qualquer, enquanto eu posso sentir que sua mente está trabalhando a mil por hora. Talvez eu devesse ter lhe avisado sobre seu noivo, mas então ela me julgaria e diria que eu estava louco por ter conseguido informações como essa.

— Spencer... — Pearl toca em seu braço e ela dá um pulo da cadeira.

— O quê? — Spencer age desconsertada.

— Você está bem? Por que...

— Bem, sim! Estou bem! — ela exclama, cortando minha irmã rapidamente. — Eu só estou pensando no papai e... ah, eu fico preocupada, é inevitável.

— Uma grande mentirosa — Seth retruca simplesmente e dessa vez eu não consigo ficar sem rir.

— Seth, eu não vou falar duas vezes — Cassie sussurra com os dentes cerrados.

— Não! — digo, parando de rir gradativamente. — Spencer é realmente uma grande mentirosa. — Nós nos encaramos e eu vejo os seus olhos brilharem com raiva pura. — Não tem nada a ver com Mario, tem a ver com o noivo dela e com o fato dele estar lá fora fotografando todos que passam por aquele tapete. E, eu devo dizer, ele nos viu. É por isso que ela está preocupada.

— Spencer? — Pearl sussurra, tentando se certificar de que o que eu disse é verdade.

— Sim, ele está certo — admite. — Tyler está lá fora e eu quero falar com ele, mas tem isso aqui e eu não posso deixar de lado.

— Alguns fotógrafos entram para tirar fotos dentro do evento, você pode sair um minuto para se resolver com ele — minha irmã sugere, fazendo raiva subir por todo meu pescoço até meu rosto.

Spencer não vai sair se não for comigo e, se ela o fizer, eu vou atrás dela. Ela é tudo que importa para mim e eu não vou deixar que aquele filho da puta a engane.

— Se Simon deixar.

Ela joga a bola para mim e eu reviro os meus olhos, ainda furioso com essa ideia.

— Eu não mando em você — cuspo e volto a ficar na defensiva.



DURANTE TODO MOMENTO, EU TOMEI UM MINUTO PARA FITAR SPENCER E TER CERTEZA DE QUE ELA ESTÁ BEM. A preocupação dela foi se dissipando, enquanto Pearl gastava todo o seu tempo para fazê-la confortável outra vez. Levanto-me da cadeira e pego uma taça de champanhe com um dos garçons que passam pelo salão enorme. O clima ficou insuportável depois da grande aparição do noivo de Spencer e eu estou tentando achar alguma saída para a minha ansiedade.

— Simon, parceiro! — Jonathan, um dos meus colegas de time, se aproxima de mim com um sorriso de ponta a ponta.

— Fala aí, cara. — Nos cumprimentamos de forma rápida. — Todos estão por aí? — indago, referindo-me ao pessoal do nosso time.

— Sim, só estávamos nos perguntando onde você se meteu, já que escutamos que você saiu às pressas do tapete vermelho — retruca, curioso como sempre.

— Eu estou farto dessa baboseira. — Dou de ombros, virando o conteúdo da taça de uma só vez. — Você sabe se tem alguma bebida mais forte por aqui? É festa para jogadores ou mulherzinhas?

Eu sei que minha frase soa como a de um revoltado machista, mas é que eu estou com muita raiva reprimida. Já saí com mulheres que bebem o dobro que eu bebo, então é clara a minha irritação.

— *Vai, cara, tira foto dele!* — Escuto uma voz abafada e em seguida alguém esbarra em mim.

Viro-me imediatamente e lá acho um fotógrafo, que sorri amarelo para mim. Eu sinto que o conheço de algum lugar, mas não consigo puxar nenhuma memória para me ajudar a descobrir mais sobre isso.

— Posso tirar uma foto de vocês? — pergunta, apontando com sua câmera para Jonathan e eu.

— Claro! — Jonathan exclama, já que nunca perde a chance de tirar fotos.

O homem aponta a câmera para nós dois e eu mentiria se dissesse que olhei para a lente, uma vez que eu estou focado em tentar lembrar de onde eu

NACIONAIS-ACHERON

conheço esse cara.

“Abro a porta do vestiário e, quando vou sair, sou empurrado para dentro por um cara e uma garota. Os dois estão praticamente se comendo na minha frente. Enfio o meu celular no bolso e os empurro para o lado, preparando-me para dizer a primeira coisa que passa na minha cabeça, mas, então, o cara me fita e separa-se da mulher imediatamente.

— Simon, eu estava procurando por você. — Ele puxa a câmera que está pendurada em seu ombro. — Preciso tirar uma foto sua, é o último que falta!”

Bingo.

É de lá que eu o conheço. Esse é o homem que eu esbarrei, ou que esbarrou em mim — *tanto faz* —, depois do meu último jogo da temporada.

O flash da câmera me acerta e eu pisco, aproximando-me do cara.

— Eu conheço você...

— Não, eu acho que não — ele trata logo de me cortar e tentar passar por mim, mas coloco meu corpo em frente ao seu e bloqueio sua passagem.

— Eu conheço você e aquilo não foi uma pergunta — afirmo, fitando-o desconfiado por conta de seu nervosismo.

Deixo que ele passe por mim sem mais dificuldades e volto a conversar com Jonathan, embora meu sentido tivesse dizendo-me para voltar a abordar aquele fotógrafo.

Durante os próximos e rápidos cinco minutos, Jonathan, eu e o pessoal do time conversamos sobre futebol e mais futebol. Esqueço minha irritação por um instante, mas quando estou de volta à mesa para dar início às premiações, lembro-me de tudo outra vez. Spencer está menos tensa e eu aproveito para puxar sua cadeira para mais perto da minha. As luzes abaixam e um monte de vídeos da temporada começam a passar nos telões ali dispostos.

— Se sente melhor? — indago, passando meu braço esquerdo por sua cadeira e deixando minha mão em seu ombro.

Mesmo atrapalhado por seu cabelo, sinto sua pele na palma da minha mão e isso me faz ter certeza de que essa é a melhor sensação que tive o

prazer de sentir nos últimos anos. A pele de Spencer é macia e ela é muito cheirosa. Aliás, seu cheiro é especial porque ela tem cheiro de prazer. Sim, prazer. Spencer sabe como enlouquecer um homem apenas com um olhar e, quando se trata de mim, ela parece ser especializada nisso.

— Sim e você? — retruca, empinando o rosto para me fitar.

A única luz que nos dá chance de ver um ao outro é a do telão que está logo à frente e isso é o suficiente para eu ter um momento encarando seus olhos verdes.

— Um pouco — admito.

— E isso é por que sua garota está aqui? — pergunta inocentemente.

— Eu vou encontrá-la essa noite — jogo de volta e Spencer olha para longe.

Aproximo meu rosto do seu e deposito um beijo em seu maxilar magro.

Nós dois não falamos mais nada. Continuo com minha mão em seu ombro, agora afagando e fazendo esse gesto pelos minutos que se sucedem. As premiações começam e, como sempre, a do melhor Quarterback fica por último, o que me dá tempo de irritar Seth e ser irritado por ele.

— Se eu ganhar você vai me parabenizar? — pergunto no ouvido de Spencer, um pouco alto demais, já que Sculler acabou de ser chamado para receber seu prêmio como melhor recebedor da temporada.

— Se está esperando um “parabéns”, sim, eu vou te parabenizar — retruca no mesmo tom que eu usei.

— Não é o que eu estou esperando, mas serve.

Spencer arqueia a sobrancelha e revira os olhos. Assistimos Sculler fazer seu curto, mas suficiente discurso, agradecendo a nós, sua família, Cassie, Ryle e o garoto que está por vir. A discussão volta à mesa junto com Sculler e enquanto meu nome, de Seth e de outros Quarterbacks rola no telão, nós dois apostamos quem vai sair daqui com o troféu.

— Um mês sem Spencer como babá. — Faço minha jogada e Seth ri com Pearl.

— Um mês de você como babá no lugar da Spencer — sugere de volta e eu aceno positivamente.

NACIONAIS-ACHERON

— É melhor vocês procurarem alguém para cuidar daquela peste ambulante — aviso, sorrindo cinicamente para minha irmã, que faz uma careta para a minha escolha de palavras.

— Por que tem que ser sobre isso? — Spencer reclama ao meu lado.

— Shhh, Spencer, vamos escutar eles chamarem meu nome — digo, procurando sua mão debaixo da mesa e entrelaçando nossos dedos.

Se tudo vier a baixo daqui alguns minutos, pelo menos eu vou ter tido esse momento com ela.

— E o melhor Quarterback da temporada é... — Uma pausa dramática é feita, enquanto o careca abre o envelope com o nome de quem foi o melhor Quarterback. — Simon Wyatt!

Meu sorriso irrompe e eu fito Seth, que balança os ombros despreocupadamente e recebe um beijo da minha irmã. Spencer aperta a minha mão e eu mudo minha atenção para ela, que sorri parecendo orgulhosa. Levanto da cadeira e recebo seu abraço, mas na verdade eu gostaria de receber um beijo seu. Minha irmã me abraça também, exclamando no meu ouvido o quão orgulhosa ela está. Seth para na minha frente e oferece sua mão em cumprimento, que eu decido aceitar porque estamos em frente a um monte de pessoas e câmeras.

— Na próxima temporada você não vai ter a mesma moleza — me alerta com bom humor.

— Faça seu melhor, então — retruco.

Recebo os cumprimentos de Sculler e Cassie e sigo pelo caminho até o palco, sendo cumprimentado por meus colegas de time no percurso que tomo. Os filhos da puta praticamente sobem no palco comigo. Recebo o troféu e o último cumprimento, que vem do apresentador.

— Que honra... — resmungo no microfone, encarando o troféu em minha mão. Meu nome está cravado ali e isso não poderia me deixar mais orgulhoso de mim mesmo. — Eu não preparei um discurso porque eu gosto de falar o que vem à cabeça e o que vem à minha cabeça nesse momento é que eu gostaria de deixar meu agradecimento explícito aos meus pais por terem sempre me deixado seguir o meu caminho. Nossa vida era uma merda monótona em Wimberley e de tanto eu encher a cabeça dos meus pais, eles

NACIONAIS-ACHERON

decidiram que seria bom para nós nos mudarmos para Long Beach, onde eu finalmente comecei a traçar meu caminho como jogador com a ajuda de alguns amigos, como o melhor recebedor da temporada, Sculler Sivan e do meu rival de time no momento e cunhado, Seth Sawyer. — Palmas e gritos me interrompem e eu sorrio de lado. — Não posso deixar de citar a minha irmã e sua melhor amiga, Cherry. — Esforço minha visão para tentar encontrá-las, mas não consigo. — Elas e a minha mãe foram minhas primeiras fãs, então esse prêmio também é de vocês. Não tenho mais o que dizer. É isso, obrigado a todos.

Aceno brevemente para a plateia e desço do palco, voltando para mesa com um sorriso provavelmente maior que meu próprio rosto. Procuro Spencer ainda no meu trajeto, mas não a encontro. Franzo o cenho, deixando meu sorriso morrer aos poucos.

— Onde ela está? — pergunto assim que estou perto o suficiente para Pearl me escutar.

— O Tyler a chamou para uma conversa, mas ela disse que não vai demorar — Pearl diz com um sorriso sem graça.

Deixo meu troféu com ela e giro em cima dos meus pés, tentando achar Spencer a qualquer custo.

— Para onde eles foram? — pergunto, mas então eu a vejo.

— Simon, não faz besteira — Pearl pede assim que percebe que eu localizei Spencer seguindo um cara até uma das portas laterais do outro lado do vasto salão.

— Eu não prometo nada — murmuro e começo a andar até meu destino: Spencer.

Desvio das mesas e das pessoas que tanto tentam me parar para me parabenizar. Eu não consigo não ser grosso com algumas pessoas, mas não é como se elas importassem mais que Spencer. Eu preciso chegar até ela e eu preciso estar ao seu lado, além do fato que eu preciso conhecer o seu noivo de uma vez por todas. Nada disso pode ser adiado.

Abro a porta pela qual ela saiu há pelo menos um minuto e escuto sua voz de longe. Posso perceber o seu tom alterado e não preciso ser um gênio para saber que os dois estão discutindo. Aproximo-me calmamente, em

NACIONAIS-ACHERON

passos praticamente inaudíveis.

— Ele é meu amigo, Tyler — Spencer atira furiosamente. — Eu fico tentando te entender, mas eu não consigo. Sinceramente, você não é nada do que eu esperava!

— E você acha que eu esperava o que de você? — o tal Tyler retruca tão alto quanto Spencer. Eu conheço essa voz. — Eu não fui até você porque acabei de chegar exausto de mais trabalho e, trabalho esse que paga e pagou a porra do tratamento do seu pai por anos.

Não consigo ouvir isso calado.

Saio do escuro e acho os dois praticamente em uma batalha no meio do estacionamento. Então esse é o Tyler da Spencer? Um filho da puta traidor que esbarrou em mim meses atrás?

— Não é você quem está pagando as contas dela e muito menos o tratamento do seu pai — digo, atraindo a atenção dos dois para mim. Spencer me olha assustada, mas sua expressão furiosa ainda está ali. — Você vai contar para ela ou eu vou ter que fazer isso? — pergunto, arqueando a sobrancelha para ele.

— E-Eu... — ele gagueja miseravelmente.

— O quê? — Spencer pergunta confusa.

— Ele te trai, Spencer. — Não espero o maricas tomar coragem para falar. — Eu esbarrei nesse filho da puta meses atrás, enquanto ele ia comer uma vadia qualquer no vestiário do meu time. Aliás, a conta bancária dele é recheada com dólares e mais dólares, algo que ele provavelmente não queria dividir com você. Será que você tem uma explicação para isso, Tyler? — Cruzo meus braços, parando atrás de Spencer e olhando-o por cima da cabeça dela.

— Isso não é seu negócio — ele exclama, adquirindo um tom ofensivo. — Quer saber? Eu te traía mesmo, Spencer, mas o que eu poderia fazer se você estava mais preocupada com seu pai do que com nós dois? Te ajudei por pena e pela foda que você me proporcionava quando nos encontrávamos, não pense que foi por mais que isso. Uma foda fixa como você, é tudo que um homem precis...

Eu não percebo quando e como — parece que meu corpo tem vida
NACIONAIS-ACHERON

própria —, mas logo o meu punho encontra com a boca de Tyler. Ele vai ao chão e eu só consigo me concentrar em socar a cara daquele filho de uma puta. Ira sobe por meu corpo e nada mais faz sentido para mim depois do que ele disse sobre Spencer. Ninguém fala assim sobre ou com ela. Ninguém diz ter pena dela, porque ela não é digna de pena, mas sim de compaixão. Enquanto eu tiver ouvido para ouvir e mãos para bater, ninguém vai sair ileso se falar alguma merda sobre a minha Cherry.

Meu punho conecta em seu maxilar por repetidas vezes. Minhas mãos latejam intensamente depois de cada golpe e isso segue por uma boa quantidade de vezes. Não é como se eu nunca tivesse me metido em uma briga. Eu já o fiz e eu sei muito bem como acabar com meu adversário. Porra, quando descobri o que Seth fez com minha irmã eu quase o deixei inconsciente de tanto que eu o soquei. Esse momento aqui é diferente. O fodido Tyler está falando da mulher que me tem em suas mãos. Ele, talvez, nem mesmo saia vivo para contar sua estúpida história.

— Simon, Simon, Simon! — ela grita, tentando me puxar de cima do embuste que está jogado no chão recebendo os meus golpes. — Para com isso, Simon, solta ele!

Spencer consegue segurar meu braço e eu cesso meus movimentos por medo de acertá-la em algum momento. Sou puxado de cima do seu noivo ou ex-noivo, que se foda o que ele é e me levanto, observando-o cuspir sangue no chão e se levantar cambaleando, praticamente trocando os pés.

— Você. Não. Fala. Assim. Dela. Perto. De. Mim. — pontuo minhas palavras de forma que ele possa entender claramente.

— Eu tenho outra noiva, sabia? — Tyler me ignora e continua fitando Spencer, que segura o meu braço com força. — Ela está grávida e me ama, algo que você nunca conseguiu fazer.

— Bom para você e péssimo para ela, Tyler. E, se quer saber, Simon me chupou usando o vestido que eu iria me casar com você e eu amei, seu imbecil fodido! — Spencer grita, soltando meu braço e avançando em cima do seu ex-noivo.

Deixo que ela o acerte, enquanto absorvo as suas palavras, mas trato de me apressar para puxá-la de volta.

Eu não quero que ela se machuque.

— Dê o fora daqui antes que eu pegue contatos e acabe com sua vida profissional para sempre — digo secamente e Tyler me lança um olhar com raiva, seguindo o mesmo olhar para Spencer.

Dez segundos mais tarde ele some da nossa vista e eu afrouxo meu braço ao redor do corpo de Spencer. Escuto os seus soluços, mas não sei o que fazer. Deixo ela sentar-se no chão, enquanto ando de um lado para o outro e afrouxo o nó da minha gravata. Meu corpo está quente, muito quente. Adrenalina corre por minha pele, queimando toda parte. Eu estou elétrico, além de satisfeito. Spencer não está mais noiva e eu tenho a porra do caminho livre para consegui-la de volta, assim como eu sempre quis.

— Você está bem? — indago, tirando meu paletó e colocando-o em cima dos ombros de Spencer, o que alivia em parte o meu calor, uma vez que a noite está fria.

— Eu não tenho sorte alguma! — exclama, limpando e segurando as lágrimas. — Eu não acredito que Tyler disse que tudo que fez foi por pena... eu pensei que nós fôssemos amigos! Droga, *eu*...

— Não fique assim por causa daquele pedaço de merda, Cherry.

— Ele tem uma outra noiva, Simon. Grávida! E ainda traía nós duas. Como você acha que eu tenho que ficar? — pergunta, virando o rosto para me encarar.

Ela está linda, mesmo zangada e isso me faz sorrir. Eu não consigo segurar o meu sorriso mesmo em meio a tanta raiva e ele acaba provocando ainda mais a ira de Spencer.

— O que está fazendo aqui? Não disse que hoje iria encontrar com sua... *com sua garota*? Pare de perder seu tempo comigo e vá viver sua vida — ela começa a me atacar e joga o paletó no chão com muita raiva, levantando-se em seguida.

— Eu já encontrei com ela — digo, segurando sua mão. — Você não faz ideia do quão linda ela está hoje, Cherry.

— Deixe-me, Simon. Deixe-me e vá atrás dela — sussurra, com os olhos cada vez mais marejados e a voz cada vez mais embargada.

— Não preciso ir atrás dela, pois eu já estou na frente dela — sentencio, enquanto o silêncio preenche nosso meio por breves segundos. — Você está linda, Cherry. Não só hoje, mas todos os dias desde que nos conhecemos, o que me faz pensar se algum dia você vai ficar feia. — Sorrio, soltando sua mão e segurando-a por ambos os lados de sua cintura. — Eu estive falando de você por todo tempo, nunca houve outra mulher, nunca haverá outra mulher.

— Isso é algum tipo de brincadeira? — indaga, deixando uma lágrima após a outra escorregar por suas bochechas.

— Não, acredite em mim. Eu nunca falei tão sério em toda minha vida, Cherry. Apenas me diga o que eu devo fazer com o que eu sinto por você: seguro com força ou jogo fora? — Enxugo a lágrima que escorrega por sua bochecha, sorrindo completamente ansioso por sua resposta.

— Você me ama? — Spencer volta a perguntar.

— Eu *adoro* você, Cherry.

— Então é melhor você segurar firme o que sente por mim, porque eu também *adoro* você. — Uma tonelada de peso sai das minhas costas assim que ela para de falar e choca os lábios em cima dos meus.

Não consigo ir devagar.

É impossível ir devagar depois tanto tempo sem tocá-la dessa forma, ainda mais quando é ela quem toma o primeiro passo no nosso beijo. Puxo Spencer contra meu corpo com força, deslizando minhas mãos por suas costas até voltar pela lateral do seu corpo e segurar suas coxas para puxá-la para cima. Ela enrola os dedos no meu cabelo e as pernas ao redor do meu quadril, deixando os lábios descerem por meu queixo, enquanto finalmente acho uma parede para empurrá-la contra a superfície sólida.

— Eu acho que agora gosto do seu cabelo... — sussurra, puxando meu cabelo para me fazer encará-la. Ela tem um sorriso bonito no rosto, mas além de bonito, é extremamente malicioso. Fico duro na mesma hora, porque eu sei que a velha Spencer está voltando para mim e eu amo a velha Spencer Carter. — Eu acho que tirei alguns fios dele, mas você não se importa, certo?

— Pode puxar o quanto quiser, eu não ligo uma merda, Cherry.

Ela ri e eu aproveito para beijá-la outra vez.

Empurro minha língua entre seus lábios, provando meu sabor favorito: Cherry. Seus lábios se partem com rapidez e ela devolve o beijo com tanta intensidade que, mesmo que ela negue, deixa-me saber que ela esteve necessitada disso tanto quanto eu. Puxo seu lábio inferior entre os meus dentes, lambendo e sugando depois de separar nossas bocas outra vez.

— Eu juro que quero transar com você desde que te vi nesse vestido hoje mais cedo... — Deslizo minha mão por sua perna macia, empurrando seu vestido para cima. Spencer encosta a cabeça na parede e sorri de olhos fechados. Beijo seu pescoço e mordo, chupando sua pele até o ponto que eu sei que ela ficará marcada. — Na verdade eu quero transar com você desde sempre... desde que te vi naquela loja com aquele vestido... eu queria muito batizar mais um provador, mas da última vez você me disse coisas que realmente cortaram meu coração... — digo, ironicamente.

— Você é o maníaco do provador? — indaga, abrindo os olhos e me fitando com um brilho em suas orbes conhecido muito bem por mim.

— Sou...

Spencer continua sorrindo quando puxa minha camisa branca com tanta força que arrebenta os primeiros botões entre nós dois. Meu sorriso se abre, enquanto ela esfrega as mãos por meu peitoral, subindo pelos meus ombros até ela alcançar a parte de trás do meu pescoço.

— Eu sou a maníaca do beco, você sabe... — diz, mordendo o lábio inferior e olhando-me com um falso ar de inocência.

— Eu sei muito bem, Cherry. Diga-me, maníaca do beco, você quer relembrar nosso ato de sete anos atrás? — questiono, observando o seu sorriso se perder um pouco no momento em que ela olha para os lados.

— E se alguém nos pegar aqui? O beco daquela vez era mais reservado, Simon. Aqui qualquer um pode aparecer e eu não estou pronta para ser descoberta como a maníaca do beco por outras pessoas. Aliás, isso é um estacionamento, não beco...

Gargalho, beijando-a rapidamente antes de colocá-la segura em seus pés.

— Vamos para casa — sentencio, entrelaçando nossos dedos enquanto ela arruma seu vestido com a mão livre.

— Para a sua casa? — pergunta.

— Para *nossa* casa, ou você pode escolher onde quer fazer isso — atiro e ela aperta minha mão.

— Nós temos que checar o papai...

— Podemos ligar para ele e checá-lo pelo celular, Cherry. Ele está e vai ficar bem por essa e mais centenas de noites. — Tento tranquilizá-la e acho que funciona. — Por favor, vamos para casa e amanhã nós buscaremos Mario da casa dos meus pais — peço.

— Tudo bem, vamos logo — diz, apressadamente.

Pego meu paletó do chão e Spencer me ajuda a ficar como antes. É um pouco impossível, já que o começo da minha camisa não fecha por causa da falta de botões, mas fazemos o possível.

— Eu amo seu cabelo solto — ela diz, sorrindo de lado.

— Pensei que odiasse meu cabelo dessa forma — replico, terminando de fechar o paletó e arqueando uma sobrancelha em sua direção. — Como você chamava mesmo... cabelo de menina? — Spencer gargalha.

— Você voltou irritantemente irritante e sexy, Simon, é claro que eu não elogiaria o seu cabelo. Se eu o fizesse, seu ego provavelmente explodiria na minha cara e eu não estava nem um pouco no clima para tê-lo se achando às custas dos meus comentários — explica.

Eu a encaro, divertido com seu comportamento, mas depois que alguns segundos passam, seguro seu rosto com ambas as mãos e encosto nossas testas. Spencer esfrega a ponta do seu nariz propositadamente no meu e eu fecho meus olhos, aproveitando o momento de silêncio entre nós.

— Dessa vez é melhor você ter piedade do meu coração, Spencer. Eu não estou pronto para te deixar e muito menos para ser deixado por você... — digo, abrindo os meus olhos para fitá-la.

— Tecnicamente, você que me deixou — sussurra de volta.

— Você pode ter certeza que isso não vai acontecer de novo. Talvez você se canse de mim em algum momento ou fique irritada demais, mas só entenda que eu sou uma merda para lidar com sentimentos. A única coisa que tem que saber é que eu preciso de você e eu preciso mais do que algum dia

pensei que precisaria de uma mulher.

— Eu sei que nós vamos nos desentender bastante, isso é óbvio. Mas eu também preciso de você. Você é importante não só para mim, mas para meu pai. Eu tenho a sensação que vocês vieram armando juntos por nós dois, mas isso não me irrita. — Ela sorri de lado. — Você é a única pessoa que consegue me acalmar e confortar da forma certa em relação ao papai e eu amo isso... faz eu me sentir segura e me faz acreditar que tudo dará certo.

— É porque isso vai acontecer, Cherry. Tudo vai dar certo com Mario e eu espero que dê certo entre nós. Eu quero você na minha vida, permanentemente, como algo oficial. Vou te dar tudo que precisa e eu não quero dizer isso apenas no aspecto econômico, mas emocional. Você pode se apoiar em mim, pois eu não te deixarei cair. Nunca.

— Eu acabei de sair de um noivado, Simon... acredito que eu nem mesmo deveria estar agindo assim — sussurra.

— Não estamos ficando noivos, seremos apenas namorados, mas se quiser posso deixar isso para depois. Vamos transar como os velhos amigos com benefícios.

Nós rimos juntos e eu volto a selar nossos lábios.

— Obrigada... — diz, abraçando meu pescoço com força.

— Deixe para me agradecer mais tarde.

Capítulo 32

Spencer Carter

“Menos conversa, mais toques...”

SIMON E EU ESTAMOS A CAMINHO DO SEU APARTAMENTO, QUE ELE CONTINUA DIZENDO SER A NOSSA CASA E MAL CONSEGUIMOS MANTER AS MÃOS LONGE UM DO OUTRO. Honestamente, **eu** não consigo tirar as minhas mãos de cima dele e nem quero fazê-lo. Posso parecer uma vadia por ter terminado o meu noivado com Tyler minutos atrás e estar indo para cama com outro homem sem nem mesmo esperar ou “sofrer” sobre isso, mas eu não acho que deva esperar. Me martirizar ou sofrer por Tyler não está nos meus planos.

Por mais que ele tenha me ajudado, eu o ajudei de volta, certo?

Assim como ele disse, eu era sua foda fixa.

Não vou perder a chance ou colocar as mãos em frente aos meus olhos para me deixar cega ou ignorante. Esse é o homem que eu amo: Simon Alexander Wyatt. Se eu o quero e se ele me quer, por que esperaríamos por algo que estamos necessitados há tempos?

O calor do momento me faz ignorar todas as perguntas que eu tenho sobre os motivos escrotos de Tyler para ter criado toda essa situação e focar apenas no loiro sorridente atrás do volante. Esse sim é tudo que importa para mim.

— Como eles vão voltar para onde quer que saíram? — pergunto a Simon, referindo-me aos homens que vieram dirigindo para nós e que foram dispensados de seu serviço ainda há pouco.

— Eles se viram, Cherry — retruca, completamente despreocupado.

Escorrego a minha mão esquerda por seu antebraço e subo até seu pescoço. Em algum momento que eu não percebi, Simon prendeu o cabelo e isso secretamente me irrita. Puxo o elástico preto e jogo para qualquer lado, soltando o seu cabelo mais uma vez.

— Você acha que eles perceberam que nós estamos... meio que...

— Indo transar? — questiona e para o carro no sinal vermelho, virando o rosto para me fitar. — Absolutamente sim. Pelo menos Seth e Sculler... talvez Cassie. Bom, eu não sei se Seth já deixou a minha irmã depravada o suficiente, então há grande chance de todos eles terem percebido. — Simon sorri de lado, enquanto nos referimos ao momento em que entramos rapidamente para nos despedir do pessoal, pegar seu troféu e minha bolsa.

— Não fale assim da anjinho — o repreendo e ele inclina seu corpo em minha direção e captura meus lábios em um beijo demorado.

— Abra as pernas — murmura contra minha boca e eu o fito, confusa.

— O q-q...

— As pernas, Cherry — comanda e eu respiro fundo.

Faço o que Simon me pede com um pouco de relutância e confusão, enquanto ele volta à sua postura anterior e acelera. O ar-condicionado do carro deve estar me sabotando, já que eu sinto o clima esquentar e meu corpo segue esse mesmo caminho. Cada parte minha anseia por seu toque, mas ele demora mais que o necessário para vir. Suor desce por minha testa e eu prendo a respiração quando Simon toca meu joelho. A palma de sua mão esfrega e aperta ao redor daquela parte do meu corpo, fazendo-me encontrar dificuldade para me manter sã. Volto a respirar e parece quase impossível para eu estabelecer um ritmo constante ao puxar e soltar o ar.

— Finja estar tomando conta do câmbio, babe. Quero que sinta a adrenalina de tudo que teremos daqui para frente — diz e eu coloco a minha mão em cima do mesmo, mas minha vontade é de colocar minha mão em cima de outra coisa.

Levando seu pedido ao pé da letra, eu não posso fechar os olhos, mas a cada aperto que Simon me oferece, fica mais difícil de continuar olhando a estrada. É claro que eu deveria saber que ele não joga e nunca jogou limpo. Esse não é seu estilo, nem o meu. Lambo meus lábios e arquejo meu corpo ao senti-lo esbarrar em minha calcinha de renda. Aperto minhas pernas ao redor de sua mão e escuto sua risada baixa e profunda. Simon está achando graça da minha atitude desesperada e eu prometo a mim mesma que farei ele se sentir da mesma forma, mais cedo ou mais tarde. Espremo os meus olhos

com força, esquecendo-me de tudo e mordo o meu lábio inferior quando ele deixa seu indicador pressionar meu clitóris inchado. Meu gemido escapa engasgado e a dor em minhas pernas me faz abri-las para suplicar por um pouco de piedade de sua parte: — Dê um jeito nisso, por favor — sussurro.

Meus dentes trincam e eu volto a apertá-los sobre meu lábio inferior.

— Não tão rápido — retruca, afastando a sua mão do meu sexo.

Abro meus olhos e Simon coloca sua mão em cima do meu punho, que está apertando o câmbio com força. Solto o mesmo e deixo ele tomar conta da situação, enquanto tento voltar ao meu estado normal sem me deixar parecer tão afetada e frustrada quanto realmente estou. A verdade é que eu consigo sentir o meu sexo já molhado e meu interior comprimindo, implorando por um pouco mais de atenção de Simon. Aperto as minhas pernas uma contra a outra para aliviar a minha tensão e ajusto meu vestido, cobrindo as minhas pernas para minha própria proteção.

Os próximos cinco minutos dentro do carro com Simon não são nada tranquilos. De trinta em trinta segundos ele toca em minha perna, sempre empurrando a fenda do meu vestido para o lado e deixando minhas coxas expostas. Ele empurra, eu arrumo. Ficamos nessa briga silenciosa por todo resto de percurso e, agora que eu consigo ver o prédio, respiro aliviada — não tanto, mas pelo menos 1% aliviada. Simon entra pelo estacionamento e procura por sua vaga, finalmente parando o carro e soltando seu cinto de segurança. Continuo dentro do carro, respirando um pouco e provocando Simon assim como ele fez comigo.

— Vamos fazer isso no estacionamento, Cherry? — pergunta ao abrir a porta do meu lado e solta o cinto de segurança para mim.

— Se você quiser...

Ele ri, oferecendo sua mão para me ajudar a sair e eu aceito sem pensar duas vezes. Dou três passos para o lado e Simon bate a porta do carro, ligando o alarme do mesmo e entrelaçando os nossos dedos para me puxar consigo, enquanto nos guia até o elevador. O único barulho que escutamos é de nossos passos, principalmente dos meus, por conta do salto alto. Minha barriga revira, dá cambalhotas e tudo que consigo sentir são os meus nervos à flor da pele. Simon solta a minha mão e aperta em algum botão para chamar o

elevador. Cada segundo de espera é um tormento novo, um padecimento sem fim por algo que poderíamos ter tido antes se não fôssemos tão cabeças-duras e geniosos quando se trata de relacionamentos.

Simon e eu, entramos no elevador e ele se aproxima de mim com um sorriso que faz a minha pele arder. Estou em chamas, queimando em antecipação, desejo, necessidade e puro prazer. Seu leve toque em meu braço me faz desvanecer aos poucos e eu tenho sorte que ele laça a minha cintura com seu braço e cola os nossos corpos juntos, caso contrário, o chão seria meu destino. Passeio com minhas mãos ansiosas por seus braços, sentindo seus bíceps duros e fitando-o atenciosamente. A beleza de Simon é algo satisfatório e que me faz pensar que nenhum tempo nunca será o suficiente para que eu consiga gravar todos os seus traços firmes. Ele é muito bonito, tanto por dentro quanto por fora e talvez — apenas talvez — eu tenha muita sorte por conseguir alguém tão bom como ele.

— Espero que ninguém esteja de olho nas câmeras de segurança — murmura, segurando a alça do meu vestido em tom de brincadeira. — O que você quer fazer primeiro? — indaga, parecendo querer saber todas minhas exigências para atendê-las sem pestanejar. — Algo do tipo amor ou apenas foder?

Sorrio com a sua escolha de palavras e opções oferecidas e ele me empurra contra a parede do elevador, pressionando-me a lhe dar uma resposta rápida antes que a porta do elevador se abra, porque tenho a sensação de que quando isso acontecer, ele me levará até seu apartamento e lá dentro nos perderemos de mil e uma formas diferentes.

— Foder. — Mordo meu lábio inferior e seu sorriso vem de forma perversamente safada. — Mas eu também quero algo do tipo amor... — Aperto seus bíceps. — Podemos misturar? — questiono.

— Talvez.

O talvez de Simon me diz que ele não quer misturar, mas espero estar enganada. Agradeço mentalmente quando vejo no painel do elevador que chegamos ao nosso andar. O loiro me puxa com ele quando a porta se abre e caminhamos em passos largos até a porta do apartamento. Ele pega a chave e abre, dando-me espaço apenas para entrar e respirar fundo. Escuto Simon passar a chave duas vezes e estamos oficialmente sozinhos e trancados em

NACIONAIS-ACHERON

seu apartamento. Sinto sua presença atrás de mim e ele passa os seus braços ao redor da minha cintura, abraçando-me de forma terna. Fitamos a noite de Long Beach juntos e calados, petrificados em nossos lugares antes de deixar que o caos nos envolva juntos.

Não sei por quanto tempo ficamos nessa posição: pode ter sido um par de minutos ou quatro pares deles, mas lentamente Simon me guia para mais perto do sofá. Seus dedos longos e calejados de treino afastam meu cabelo para longe do meu pescoço, dando-lhe espaço para me tocar angustiosamente ali.

Eu não sei explicar, mas todo esse sentimento ao nosso redor está me deixando embriagada e nada são.

Sinto os lábios gelados dele sobre a pele quente do meu pescoço e o seu próximo ato me deixa com um frio na barriga gostoso. Ele segura meu cabelo em seu punho e puxa de forma leve, mas firme, inclinando minha cabeça para o lado. Simon beija meu pescoço em uma sinuosa trilha até o lóbulo da minha orelha, onde deixa leves mordidas e segue até o meu maxilar, traçando-o com a ponta da língua. Aperto minhas pernas com mais força do que fiz quando estávamos no carro. Agora a situação é diferente e suas torturas são piores, ou melhores, depende de como eu encaro a situação. Oh, sim. Melhores, muito melhores. Minhas coxas começam a formigar pela pressão insana que eu aplico nelas, mas isso não me impede de ficar de pé. Seguro a mão livre de Simon e planto a mesma em cima da minha barriga na tentativa falha de fazê-lo apressar seus movimentos.

Tudo é em vão.

Simon faz o que quer e o que me dá mais prazer, como se ele conseguisse se lembrar de tudo que vivemos no passado. Entretanto, por mais que tudo que tenhamos vivido antes tenha sido bom, nada se compara a isso: o novo Simon. Eu não sei quando ele cresceu tanto, quando ele se tornou mais firme e dominante, mas isso me agrada de uma forma inexplicável. Eu não quero mais ficar no controle, não nesse momento. Eu escolho deixar Simon me guiar e espero que essa seja a escolha mais correta que já tomei na minha vida.

Estremeço ao ser puxada de volta à realidade prazerosa na qual fui submergida desde nosso caminho até esse lugar. Os dentes de Simon forçam

em minha pele sensível mais uma vez e ali ele morde e chupa, fazendo com que eu sinta minha veia bater freneticamente debaixo de sua língua quente. Seus dedos emaranhados em meu cabelo forçam a minha cabeça para trás e eu engulo a seco, conseguindo segurar em sua cintura com dificuldade, enquanto o desejo lascivo entre nós dois vai tomando cada vez mais uma proporção maior.

— Você sabe por quanto tempo eu esperei por isso? — Simon murmura sua pergunta ao pé do meu ouvido. Sua respiração quente e controlada me brinda com uma luxúria inenarrável e sua voz rouca e entorpecida com um tom lúbrico me faz suspirar e esquecer de como usar as palavras. — Eu esperei por muito, Cherry, muito, muito tempo — continua, soltando o meu cabelo e me virando para ficarmos face a face, ao passo que me empurra contra o encosto do sofá. A luz quem vem das paredes envidraçadas deixam a sala de estar imersa em um escuro reconfortante e que completa esse momento de forma genial. É como se os céus soubessem que eu e Simon iríamos nos resolver hoje e tivessem deixando as coisas perfeitamente alinhadas para a nossa noite. — Estive cobiçando você em meus sonhos mesmo antes de voltar para essa cidade. A minha vontade sempre foi de fazer você ser minha e essa noite, você é minha. Somente minha. E eu sou seu, assim como eu sempre fui.

— Eu sou sua — admito, pois sei que isso é algo que ele sempre quis ouvir da minha boca e que eu sempre quis ter a coragem de dizer a ele. Essa noite eu estou corajosa. Simon me deixou corajosa com suas ações e suas palavras, então eu não poderia agir de forma contrária. — Eu quero que você me faça sua, Simon, por favor...

Ele segura o meu rosto e escova as maçãs das minhas bochechas com carinho, aproximando sua boca da minha e selando os nossos lábios. Respiramos um ao outro e o meu coração esquenta com esse gesto, como se ele estivesse sendo capaz de sanar todas as dores pelas quais eu passei nos últimos anos ao entregar-me seu coração inconscientemente em uma bandeja.

Somos um só.

Essa noite eu e Simon somos apenas um e isso me completa.

Coloco as minhas mãos em seu rosto, esfregando sua barba por fazer na minha palma e gostando da sensação que isso me causa. A língua de Simon

empurra para dentro da minha boca e eu parto meus lábios para receber seu beijo candente. Ele me beija como nunca o fez antes. Posso sentir sua necessidade em cada esbarrão que sua língua dá na minha. A sua excitação não é ignorada por mim, uma vez que ele tem seu corpo pressionado no meu de forma cálida para me deixar sentir a sua ereção.

Separo as nossas bocas, tirando minhas mãos de seu rosto, mas ele não faz o mesmo. Simon escorrega as mãos até o meu maxilar e me faz subir o queixo, enquanto ele procura me beijar agora de forma mais calma e demorada, como se ele estivesse querendo saborear a minha pele. Minhas mãos, com suas vidas próprias, resolvem navegar pelo corpo impecável do loiro e minha opção mais acertada é a de parar em seu volume. Seu membro rijo está apertado por sua boxer e calça de tecido fino, que é provavelmente bem cara. Início um vaivém calmo por toda extensão coberta e retesada, que parece começar a precisar de mais e mais atenção a cada movimento meu.

— Se continuar fazendo isso, eu posso não durar mais nem um pouco — Simon adverte com um tom trépido, incerto.

Ele segura meu pulso, fazendo-me parar de tocá-lo.

— Eu estava me divertindo — provoco, sorrindo e endireitando meu rosto para nos encararmos novamente.

— É a minha vez de me divertir — retruca, empurrando as alças finas do meu vestido para baixo e deixando que a peça alcance os meus pés em menos de cinco segundos.

Estou praticamente nua em sua frente. A única coisa que ainda resta em meu corpo é a minha calcinha preta de renda, enquanto mantenho-me de pé em cima dos saltos que me ajudam a ficar quase que da mesma altura que ele. Simon empurra o meu corpo levemente contra o encosto do sofá e traz a sua mão até meu cabelo. Ele segura inocentemente duas mechas longas dianteiras e enrola ambas, deixando-me confusa por ele estar brincando com meu cabelo e não com o meu corpo.

— Simon...

— Calma, babe — resmunga e eu procuro seus olhos, mas eles estão atentos em meus seios pequenos.

Seu jogo não demora a vir: Simon esfrega as pontas juntas do meu

NACIONAIS-ACHERON

cabelo em cada um dos meus mamilos intumescidos. Não controlo ou reprimo o gemido que sai da minha boca, porque simplesmente não quero. O que eu quero e necessito, é que Simon escute o quanto eu gosto do que ele faz comigo. A agonia em querer logo sentir os seus lábios em meus seios me faz ficar inquieta e irritantemente sensível. Um caroço se forma em minha garganta quando ele deixa seu jogo cruel de lado e avança sobre mim para dar fim ao suplício em que me encontro.

Simon abocanha meu seio direito sendo nada gentil, mas felizmente eu não preciso de sua gentileza nesse momento. Sua língua quente me faz praticamente engasgar em minha saliva, deixando-me à beira de um precipício com seu gesto arrebatador. Ele beija, chupa, suga, lambe, enrola sua língua sobre o botão encrespado e endurecido e faz isso por diversas e diversas vezes, enquanto acaricia o meu outro seio com a pressão correta. O calor no meio das minhas pernas torna-se insuportável quando Simon deixa sua atenção cair sobre meu seio esquerdo. Nos encaramos sem nenhum desvio, mesmo que eu esteja encontrando dificuldade para manter os meus olhos abertos.

Agarro o seu cabelo com vigor, empurrando-o cada vez mais para perto de mim. Encontro meu caminho até minha calcinha e me satisfaço juntamente com Simon. Ele percebe o que eu estou fazendo e ri do meu ato desesperado. Sua risada profunda me deixa ainda mais enlouquecida que antes, lançando ondas quentes por meu corpo de forma abrasadora. Meu clitóris está encharcado e escorregadio, facilitando meus toques e tornando-os rápidos. Meus gemidos navegam em uma crescente que sem dúvida alguma está deixando Simon orgulhoso. Ele se afasta de mim e me assiste, ao passo que começa a tirar a sua roupa. Desejo ajudá-lo com a sua roupa, mas eu não consigo parar de me tocar, enquanto ele se livra das peças inconvenientes.

— Você está muito gostosa se tocando dessa forma — murmura, como se estivesse constando um fato, mas eu não ligo. Simon finalmente está somente de boxer, esfregando sua protuberância no meio das pernas por cima do tecido preto. Ele me fita dos pés à cabeça, aproximando-se de mim de olho nos saltos altos que ainda não me atrevi a tirar. — Eu vou comprar alguns desses para você... — diz, apontando para o meu pé. — Modelos diferentes, um de cada cor, um para cada porra de foda. Eu quero a minha mulher sempre gostosa e com saltos em seus pés bonitos. — Ancora seu dedo

NACIONAIS-ACHERON

em meu queixo e eu empino meu rosto, ofegante e ligada nele e em mim mesma. — Deixa que eu termino isso para você. — Segura a minha mão e me força a tirá-la de dentro da minha calcinha.

Simon se ajoelha na minha frente, puxando minha calcinha em seu caminho até o chão e abrindo minhas pernas. Ele segura as minhas coxas e eu aceito ser controlada sem nenhuma resistência. O sorriso que ele lança em minha direção é abusado, assim como a sua personalidade e isso acaba com todos os meus neurônios de uma só vez. Sua boca vem de encontro ao meu sexo, quente, úmido, latejante e possivelmente gotejante. Simon não é tão piedoso como foi quando me tomou dessa forma no provador do ateliê, então eu não sou piedosa com ele. Seguro um punhado do seu cabelo, mordendo meu lábio inferior com força, enquanto incito-o a me beijar lá em baixo com mais avidez. Ele finalmente solta um gemido e esse é áspero e rouco, como se estivesse amando estar nessa posição.

Simon percorre as minhas pernas com as suas mãos, alcançando minha bunda e fincando os dedos na minha carne. Sua língua roda em cima do meu clitóris e eu tenho que puxar seus cabelos para aliviar a minha vontade de gritar como uma louca ensandecida. Um arrepio percorre o meu corpo e como punição por ter puxado seu cabelo com força demais, Simon aperta meu traseiro mais ainda, convocando o meu orgasmo em uma corda bamba. Meu quadril move-se para frente e para trás, enquanto eu procuro mais fricção para cair no esquecimento do desejo concupiscente que assola meus hormônios. Basta apenas uma chupada e eu parto em duas. Simon continua usando sua língua em mim, ao passo que eu perco o controle dos meus movimentos ao ter o meu orgasmo prologando até seu último fio.

Os próximos segundos são longos, mas no final de tudo eu estou menos tensa e mais faminta. Abro os meus olhos com certa dificuldade e solto o cabelo loiro de Simon, deixando-o que ele se afaste do ponto no meio das minhas pernas e suba para me encarar.

— Eu gosto de você na minha boca. — Passa a língua entre os lábios avermelhados, deixando-me levemente enrubescida. — A vida é boa, mas a sua boceta é melhor — diz, chocando os lábios nos meus.

Solto uma risada um pouco temulenta, passando os meus braços pelo pescoço de Simon e abraçando-o meio tonta. Chuto minha calcinha dos meus

pés, enquanto nos beijamos vagorosamente. Tenho um momento para respirar antes dele me carregar até me deixar sentada no sofá de couro.

— Eu vou pegar um preservativo — avisa e eu aceno positivamente.

Meu corpo não tem muito tempo para abaixar a temperatura. Assim como ele some, Simon reaparece com um preservativo na boca. Ele me oferece sua mão e me faz virar de costas, enquanto eu fico de joelhos no sofá, inclinando o meu corpo contra o mesmo e eu virando o rosto para fitá-lo sobre meu ombro. Ele tira a boxer com facilidade e veste o preservativo em um movimento quase que inconsciente, já que os seus olhos não se afastam do meu corpo exposto para si. Da mesma forma como ele faz comigo, eu admiro seu corpo definido, observando como ele se transformou durante todos esses anos em um homem viril e libidinoso, o que condiz diretamente à sua forma física. Seus músculos levemente saltados são um presente para minha visão e, pontuo o mesmo sobre seu bronzeado poderoso e peitoral largo, com pelos curtos e loiros salpicados por sua pele majestosa.

Ele é lindo e ele é meu.

— Agora sim você vai ser minha — afirma com veemência.

Simon toca o meu corpo e se posiciona sem deixar de me fitar nos olhos. Esse é o nosso momento, essa é a nossa noite. Ele volta a abrir um sorriso que me dilacera completamente por dentro e eu amo o quão pervertido Simon parece, enquanto esfrega a cabeça de seu pênis em cima do meu clitóris sem vergonha alguma. Quando menos espero, ele vem de uma só vez, enchendo-me, esticando-me e acomodando-se em meu sexo. Choramingo baixo ao senti-lo obscenamente duro, achando difícil ficar confortável com ele dentro de mim, mesmo que eu não seja virgem há anos.

— Tudo bem? — Sua pergunta é difícil, como se ele estivesse lutando contra o instinto de continuar seu caminho apenas para checar a minha integridade física.

— S-Sim — gaguejo, engolindo a seco a saliva que enche minha boca. Por mais que esteja doendo e seja incômodo, isso não passa perto de ser ruim. Simon torna essa dor suportável ao afagar minha cintura com carinho e preocupação. — Pode continuar, eu só preciso me acostumar...

Ele toma minha resposta e continua sem mesmo pensar duas vezes ou

voltar a questionar-me. Afundo minhas unhas no couro do sofá, deixando que Simon construa nosso caminho mais uma vez com toda sua experiência, que eu não fazia ideia que ele tinha. Cada ida e vinda é uma nova sensação que eu descubro entre o limiar da dor e do prazer. Sua respiração acelerada é a melhor música que eu poderia escutar nesse momento e, junto aos meus gemidos incontrolláveis, somos como uma canção de melodia impecável e arranjos musicais invejáveis.

Simon volta a segurar um punhado do meu cabelo e sem perder o ritmo, ele puxa minha cabeça para trás e devora minha boca em um beijo que só serve para me deixar mais excitada do que antes. Ele puxa meu lábio inferior entre os dentes e chupa, fazendo-me lembrar de seu ato de minutos atrás, porém em meu clitóris. Tremo. Vibro. Meu corpo sacode, enquanto gememos um na boca do outro. Ele abafa o meu gemido com a sua língua e eu faço o mesmo com a minha. Separando a boca da minha dois segundos mais tarde e endireitando seu corpo, Simon solta meu cabelo e desfere um tapa na poupa da minha bunda. A ardência em minha pele é boa e eu sinto como se estivesse no meu paraíso particular.

Ele me toma com pujança e eu o recebo necessidade e prazer.

— *Muito... boa...*

Seus resmungos me fazem sorrir em meio ao caos em que estamos. Palavras sem nexos saem da minha boca, mas eu não consigo nem mesmo perceber o que eu estou falando. Cada estocada é mais profunda, mas também é rápida em seu insano ritmo que me lembra que estamos fodendo e não fazendo amor. Não me incomodo em pedir para ele ir devagar, porque eu gosto do que ele está fazendo. Eu gosto de foder com Simon. Eu gosto de me sentir desinibida, liberta e completamente carnal.

— Você está...

— Eu vou... não consigo mais segurar... — ele me interrompe, respondendo a minha dúvida. Suas mãos apertam mais ainda meu traseiro e eu arquejo as costas, gemendo e xingando, tudo ao mesmo tempo, provavelmente soando depravada e indecente. — Eu preciso que você goze outra vez, Cherry. Posso sentir sua boceta apertando ao redor do meu pau. Vamos... eu quero sentir você apertando mais... e mais...

Um simples toque que ele dá em meu clitóris túmido e eu volto a partir em duas. Spencer Carter está completamente estilhaçada. Faço meu quadril ir de encontro à pélvis de Simon, obrigando-o a me penetrar com mais força. Posso escutar o seu grunhido gutural ao gozar dentro do preservativo, enchendo-o de seu alívio de meses — provavelmente. Seu corpo cai em cima do meu e ele beija o meu ombro, mesmo por cima do meu cabelo grudado ali por conta do suor que me banha.

— Você quer tomar banho? — pergunta, retirando-se de cima de mim e me deixando cair deitada no sofá.

Meu corpo parece ter sido pisoteado por um milhão de touros. Mas, de alguma forma, a sensação é relaxante. Eu nunca estive tão relaxada em toda minha vida e tudo isso graças a Simon Alexander Wyatt.

— Eu não quero sair daqui... ainda.

Ele sorri. Simples. Galanteador. Completamente safado.

— Eu adoro você — repete o que me disse mais cedo e eu sorrio de volta.

— Eu também adoro você.

Simon inclina seu corpo e eu assisto seus músculos suados tonificarem-se e duplicarem de tamanho. Ele beija meus lábios de forma doce e deliciosa, deixando-me derretida.

— Vamos tomar banho e fazer algo do tipo amor — avisa e eu aceno positivamente.

— Algo do tipo amor, por favor.

Capítulo 33

Spencer Carter

“A manhã seguinte...”

POR MAIS QUE EU TENHA FICADO ESGOTADA MUITAS VEZES NA NOITE PASSADA, PARAR DE TOCAR EM SIMON E SER TOCADA POR ELE NÃO FOI UMA OPÇÃO. Consigo me lembrar da nossa aventura ensaboada no banheiro e depois como nós nos enrolamos em sua cama e ficamos acordados até perto das cinco da manhã.

Se fodemos?

Sim.

Fizemos “algo do tipo amor”?

Também.

Depois de tudo, conversamos embriagados um do outro.

De todas as vezes que ficamos juntos, essa com toda certeza foi a melhor delas. Levanto-me da cama de Simon, completamente dolorida e sentindo músculos no meu corpo que eu nem mesmo sabia que existiam. Encaro sua bunda, redonda e branca, diferente do seu corpo bronzeado e abro um meio-sorriso.

Por que diabos nos prendemos tanto ao passado e perdemos tanto tempo brigando por coisas insignificantes? Não vou me perdoar por ter deixado isso acontecer, mas vou matar toda saudade que eu senti de Simon durante esses anos.

Sigo para o seu banheiro com um pouco de pesar em deixá-lo para trás e encaro minha situação caótica no espelho extenso que está pregado à parede. Pareço destruída. Sim, muito e bastante destruída. Mas não é assim que eu me sinto por dentro e esse é o ponto importante em tudo que aconteceu noite passada. Simon me completou e eu o completei. Juntos fomos um só e eu espero que seja assim por muito tempo. Nunca me senti tão feliz em toda minha vida, mesmo passando pelo que estou passando com o

NACIONAIS-ACHERON

papai. Simon me disse que ele vai ficar bem e que ele vai se curar, então eu acredito. Espero que essa parte ruim da nossa vida passe logo e que o papai possa voltar a ser cheio de saúde.

Procuro por uma escova de dentes e assim que acho uma embalada, lavo e aplico creme dental. Escovo meus dentes sem pressa, observando Simon aparecer na porta do banheiro completamente nu, exatamente como eu estou, a diferença é que ele tem uma ereção matinal muito bem armada. Simon coça os olhos e espreguiça-se de forma desajeitada, flexionando os músculos, esticando-os e estalando o pescoço. Faço uma careta ao ouvir aquele som, mas continuo observando-o se aproximar de mim. Ele tem arranhões pelo corpo e algumas manchas escuras decorrentes ao tratamento que ganhou de mim. Sorrio entre a escovação de dentes e cuspo o creme dental da minha boca, enxaguando e limpando-a. Eu também tenho minhas marcas pelo corpo, a maioria delas provavelmente está em minha bunda, mas ainda tenho umas em meu pescoço e seios.

— Bom dia — eu o saúdo, deixando a escova em cima da pia, enquanto ele pega a sua e coloca creme dental na mesma.

De repente, eu não sei como agir perto de Simon.

Estamos ficando?

Somos amigos com benefícios?

Namorados?

Será que eu posso me aproximar e abraçá-lo ou ele vai me repelir para bem longe?

Todas essas perguntas são respondidas quando ele planta sua mão livre em minha cintura e me puxa para perto. Simon afaga minha pele, causando inúmeros arrepios por todo meu corpo e eu respiro profundamente, enquanto espero ele terminar de escovar os dentes.

— Bom dia — diz, alguns minutos mais tarde. Sua voz está mais grossa do que de costume, já que ele acabou de acordar; seu cabelo liso está um pouco bagunçado, mas nada que desintegre sua beleza. Para ser sincera, Simon parece mais bonito assim: selvagem. — Dormiu bem? — indaga, inclinando o rosto para bem perto do meu.

— O pouco que dormi foi bom, mas enquanto estive acordada foi

NACIONAIS-ACHERON

melhor ainda — brinco, mordendo meu lábio inferior e ele sorri satisfeito. — E você?

— Eu digo o mesmo — concorda. Nossa respiração se mistura de um jeito provocador, assim como na noite passada. — Temos que pegar Mario... — murmura em meio a um gemido frustrado. — Eu tenho que ir à Los Angeles... você pode ficar no hospital com ele enquanto eu procuro por algo?

— É importante? — questiono, tendo minha curiosidade atizada por seu pedido. — E, sim, é claro que eu posso ficar com o papai... mas têm as crianças...

— Eu fiz uma aposta com Seth. — Franze o cenho. — Bom, vamos tomar banho agora, depois falamos mais sobre isso — diz, beijando os meus lábios e segurando minha mão como já está acostumado a fazer.

Simon e eu realmente apenas tomamos banho. O cansaço em nossos corpos foi respeitado por ambas as partes e eu o agradeço mentalmente por não ter forçado um movimento sobre o outro. Meu corpo está praticamente morto do tanto que foi usado — com minha permissão, é claro — então nada mais justo do que um bom banho com direito a massagem debaixo do chuveiro.

— Você é linda... — sussurra ao pé do meu ouvido.

Simon agora está enxugando o meu cabelo com uma toalha, enquanto eu enxugo o meu corpo com outra. Tem sido muito tempo desde que fui tratada como ele está me tratando e isso obviamente me faz derreter aos seus pés. Eu seguro a toalha de sua mão e viro para fitá-lo, encontrando-o com um sorriso de canto de boca. Deixo a outra toalha ao redor do meu quadril, assim como ele está e fico na ponta dos pés para enxugar seu cabelo em gratidão. Eu não sabia que um dia chegaríamos a esse patamar dentro de uma relação, mesmo que ela não seja assumida. Tivemos poucos momentos carinhosos até hoje, afinal, carinho nunca foi bem a nossa praia. Mas eu gosto de carinho, especialmente agora. Eu amo Simon carinhoso.

Deixo Simon se vestir e vou até o meu quarto debaixo do olhar dele, o que torna as coisas mais divertidas. Bato a porta do cômodo e procuro por uma roupa que deixe minha aparência discreta. Infelizmente o calor de Long Beach não me permite usar roupas de frio, dessa forma eu esqueço a

vergonha momentânea e pego um vestido branco envelhecido, mas que é tão confortável e macio que esqueço de sua aparência. Visto-me com a peça e com uma calcinha também branca e nos pés eu calço uma bota creme.

Simon entra no meu quarto já completamente arrumado e senta-se na cama para me esperar. Penteio meu cabelo, enquanto nos encaramos sem desvio. Simon não precisa de muito para parecer bonito. Ele está usando uma bermuda jeans, tênis branco e regata também branca. Ainda tenho que aceitar o fato dele ter sido premiado com um cabelo tão bonito, mas, enquanto isso não acontece, eu vou invejá-lo.

— É o suficiente — diz assim que eu jogo a escova em cima da cômoda branca. — Você está bonita. Podemos ir? — pergunta.

— Por que está tão apressado? — questiono, arqueando a sobrancelha e segurando sua mão, que ele oferece quando fica de pé.

— Mario deve estar irritado com a nossa demora. — Ele tenta sair pela tangente, mas eu aperto sua mão com força.

— Isso não é sobre o meu pai, Simon.

Ele me fita brevemente antes de acenar em concordância e dar de ombros.

— Não é sobre Mario, mas eu não posso te contar... *ainda* — confessa.

— Eu nem queria saber mesmo. — Reviro os meus olhos ao escutar sua gargalhada provocada por mim. É claro que eu gostaria de saber, mas não darei a ele esse gostinho. — Vou pegar uma muda de roupa para o papai e te encontro na sala — completo, levemente chateada.

Solto a mão de Simon e saio do meu quarto em passos largos. Posso escutá-lo vir atrás de mim, mas finjo que nada está acontecendo.

— É bom que não esteja irritada comigo — Simon diz no momento em que entramos no quarto do meu pai.

— Eu não estou — minto.

— E eu não acredito em você.

Vasculho o guarda-roupas extremamente arrumado e acho algo bom para o meu pai, pegando as peças e virando-me para Simon.

— E **eu** não espero que acredite em mim. — Deixo as roupas em cima da cama arrumada e começo a dobrá-las.

Ficamos em um silêncio estranho e desconfortável até Simon se levantar e me abraçar por trás. Ele afasta meu cabelo úmido para o lado e beija meu pescoço, subindo seu carinho até minha bochecha esquerda. Tento não transparecer o quão afetada estou, mas é impossível e eu já cansei de segurar e esconder os meus sentimentos em relação a ele.

— Você confia em mim? — indaga, usando um tom sério que me faz pensar imediatamente se ele não está levando essa conversa para um lado pessoal demais.

— Eu não mudaria com meu pai para casa de um homem que eu não confio... É claro que eu confio em você, Simon — resmungo, maneando minha cabeça para fitá-lo.

— Então confie no que eu estou fazendo e não se preocupe — pede, mais firme que nunca, me deixando apenas com a opção de aceitar o que ele diz. — Confie em mim de olhos fechados, pois quando eles estiverem abertos eu farei questão de me certificar que você não vai se arrepender de nada. Absolutamente nada.

— Tudo bem...

Ele sela nossos lábios e me solta lentamente, esperando eu terminar de dobrar o casaco que peguei para o papai, ainda tonta com a situação.

Pouco tempo mais tarde estamos em seu carro.

Saímos do apartamento depois de fecharmos o mesmo e pegar tudo que precisamos para passarmos o resto dessa manhã sem grandes problemas. Simon para em frente à Starbucks e sai sem dizer uma só palavra. Bato meus dedos sobre minhas pernas e balanço meu pé no chão do carro, impaciente e ansiosa. Quando ele volta, é segurando dois sacos de papel e dois copos em uma bandeja para suporte. Eu o ajudo a entrar e logo continuamos nosso caminho até a casa dos seus pais em meio a nosso rápido, porém delicioso, café-da-manhã.

Simon finalmente estaciona o carro em frente à casa dos seus pais. Tomo um último gole do meu chocolate e deixo o copo ali para jogar fora depois. Saímos do veículo e caminhamos até a entrada, onde a porta se abre

antes mesmo de subirmos os degraus da escada.

— Eu estou tão orgulhosa de você! — Sra. Wyatt ataca Simon com um abraço caloroso e maternal, coisa que só mães conseguem fazer. Encaro a situação e observo o quão sem jeito e desconfortável Simon está. Diria que ele beira a frieza com sua mãe, algo que ela percebe quando ele lhe abraça de volta em um gesto desengonçado e forçado. — Você ganhou... — ela sussurra acanhada, beijando a bochecha do filho e se afastando de forma lenta.

Sr. Wyatt se encosta no batente da porta e encara a situação da mesma forma que eu estou fazendo.

— Mais uma vez — Simon murmura.

Sinto-me mal por ele estar tratando sua mãe dessa forma, mas eu sei que isso não se restringe apenas a ela. Simon é da mesma forma com seu pai. Poucas pessoas conseguem ter acesso ao seu lado espontaneamente carinhoso e eu gostaria que seus pais fizessem parte desta pequena lista.

— Parabéns, filho. — Sr. Wyatt o trata de igual para igual.

— Obrigado. — Ele dá de ombros e ambos apertam a mão um do outro. Simon se aproxima de mim e pega a roupa do papai da minha mão, fitando-me com certo desespero. Ele odeia esse tipo de situação e eu consigo ver isso em seus olhos. Simon odeia ser congratulado por seus pais. — Eu vou entrar para ajudar Mario a se arrumar — avisa a nós três e se retira sem esperar por uma resposta.

Sra. Wyatt me fita com um sorriso triste e eu me aproximo dela, abraçando-a com cuidado. Se Simon ao menos soubesse o quão frágil a vida é, ele daria mais amor aos seus pais. Eu sei que por muito tempo ele tentou chamar a atenção do casal apenas para si e eles tiveram mais preocupados com Pearl, mas isso não é desculpa para tratá-los dessa forma quando estão felizes por seu sucesso. No meio de muita gente ele até é um pouco mais carinhoso, mas cara a cara Simon realmente parece ter algum problema dentro dele.

— Ele ama vocês, só é um pouco idiota para falar isso ou mostrar... Sinto muito pelas atitudes dele. — Tento reconfortá-la, mas quando escuto seu soluço, sei que é impossível.

— Eu não sei mais o que fazer... ele sempre age assim quando estamos sozinhos — Sra. Wyatt queixa-se em um sussurro. — Eu o amo tanto...

Afasto-me um pouco para fitá-la e enxugo suas lágrimas.

Ela é igual a Pearl. Tal mãe, tal filha.

— Ele ama você, Sra. Wyatt. Simon ainda vai precisar de vocês de uma forma que ali ele perceberá que pais são, provavelmente, as pessoas que mais precisamos em nossas vidas. Ele vai perceber a importância da família e se desculpará por seus erros... eu vou estar feliz demais quando isso acontecer. — Sorrio de lado e ela acena positivamente, sorrindo em meio as lágrimas e segurando nossas mãos juntas.

— Obrigada, querida. — Ela beija o dorso das minhas mãos e eu faço o mesmo com as dela.

— Vamos entrar? — Sr. Wyatt sugere, não tão afetado quanto sua mulher, mas comovido com a dor da mesma. Eles se abraçam e entram em sua casa, fazendo-me segui-los. — Mario esteve falando a manhã toda sobre como você o abandonou para ficar com o meu filho — o pai de Simon diz e eu tenho que rir.

Papai às vezes consegue ser dramático demais.

— Não tem nada a ver com Simon — defendo-me em meio a uma mentira. Não é como se eu fosse contar para Deus e o mundo que nós dois transamos. — Nós saímos de lá cansados, era um pouco tarde também. Pensamos que seria melhor deixá-lo, pois achávamos que ele já estaria dormindo. — Dou de ombros.

— Mario estava dramatizando, eu sei — Sra. Wyatt diz e nós rimos. — Vocês são tão unidos que ele estava dramatizando para se sentir mais perto de você — constata.

— Eu faria o mesmo, mas, nesse caso, Simon viria buscá-lo na mesma hora — digo, rindo junto com a Sra. Wyatt.

Fico conversando com os pais de Simon por longos minutos até ele descer com o papai, um resmungando com o outro. Quando eles descem o último degrau, eu levanto e me aproximo com um sorriso largo.

— Fiquei sabendo que andou falando que eu o abandonei. Que feio,

papai. — Semicerro os meus olhos e balanço a cabeça negativamente, segurando sua mão que ele está oferecendo para mim. — Você dormiu bem?

— Claro que sim — responde prontamente. — Eles me trataram melhor do que Simon — provoca o loiro, que o encara cinicamente.

— Você quer entrar na minha lista negra, Mario? — Simon provoca de volta.

— Muito cedo para vocês começarem com isso — aviso aos dois e eles se calam na mesma hora.

Me afasto deles, mas não antes de ver papai dando uma cotovelada em Simon.

— O que você fez com ela? — murmura.

Sorrio tanto pelo que o meu pai diz, quanto para me despedir dos pais de Simon. Nós saímos da casa do casal, que ficam da varanda nos encarando e voltamos para o carro. Quando Simon parte para o hospital, observo ele fitar meu pai pelo retrovisor e sorrir em provocação.

Eles realmente não têm jeito.

Capítulo 34

Simon Wyatt

“Antes e depois da tempestade...”

OBSERVO A CAIXA QUADRADA DE VELUDO EM MINHAS MÃOS E VEJO SPENCER DO OUTRO LADO DA SALA, ARRUMANDO A MESA DE JANTAR PARA NÓS TRÊS. Mario pigarreia, arqueando sua sobrancelha em minha direção em uma muda pergunta sobre o que é isso que eu tenho na mão.

Uma semana se passou desde que eu e Spencer nos acertamos.

No dia seguinte à noite em que ela terminou com o noivo estúpido, eu fui até uma joalheria em Los Angeles, a melhor delas e encomendei uma peça especial e feita especialmente para Spencer. Fui atendido com prontidão no momento em que deixei claro que não queria perder tempo e tinha dinheiro o suficiente para pagar pela atenção de todos os funcionários da loja. Um designer de joias estava no local e, depois de escutar tudo que eu queria em um mesmo conjunto, ele desenhou algo perfeito e que nenhuma outra pessoa tem.

— *Titi*, vem, vem! — Christian segura minha mão livre e tenta me puxar do lugar.

Ele e Ryle vieram passar o dia conosco, mas resolveram ficar pelo resto da noite. Como sempre, eu sou o tio mais foda desse mundo, vou deixar os dois dormindo juntos. De qualquer forma não adianta separá-los, já que Christian sempre encontra um caminho até Ryle.

— Busca Ryle para mim, Christian. Vai chamar ela para o jantar — dou-lhe um comando simples, mas que sempre funciona.

Christian solta minha mão e sai correndo atrás de Ryle. Caminho até a freezer e pego uma cerveja lá de dentro, deixando a caixa de veludo em cima da geladeira e virando no momento em que Spencer entra na cozinha.

— O que você disse para Christian? Ele saiu correndo em um

desespero único.

— Disse para ele buscar a garota dele. — Dou de ombros, abrindo a cerveja com a toalha que está na mão de Spencer. — Era a única forma de fazê-lo me soltar — continuo assim que ela me fita como um ar repreendedor.

— Eles vão dar trabalho e você está fazendo isso ficar mais difícil ainda — diz, jogando a toalha em cima do balcão. Seguro sua mão e puxo ela em minha direção, abraçando seu corpo e bebendo um gole, enquanto continuamos a nos encarar. — Vai continuar com seu interminável mistério? — indaga, tão chateada quanto vem ficando por conta do meu “mistério” sobre o que fui fazer em Los Angeles na semana passada.

— Talvez... — provoco, oferecendo um pouco da minha cerveja para ela. — Você deveria ser menos curiosa, Cherry — digo, observando-a tomar um belo gole e passar a língua na ponta da garrafa gelada.

— Eu só queria saber o que você foi fazer — explica inocentemente.

Empurro seu corpo até encostá-la na parede da cozinha. Aproximo meu rosto do seu e beijo seus lábios avermelhados por conta do conteúdo gelado que ela acabou de colocar na boca, seguindo por sua bochecha até parar ao pé do seu ouvido.

— Você está me provocando? — questiono, baixo e calmo.

Spencer ri, plantando as mãos em minha cintura e puxando minha camiseta preta para cima. Suas mãos geladas em minha pele quente são como um choque para mim, mas esse choque é muito bom.

— Sim — sussurra de volta, da mesma forma que eu fiz com ela. — Você vai fazer o que, pirralho? — Spencer sorri, arranhando minha pele levemente.

— Você sabe muito bem o que eu vou fazer — acuso, sentindo Spencer afundar levemente as unhas em minhas costas.

Se ninguém estivesse aqui conosco, transariamos nesse exato momento, contra a parede, enquanto ela me chama de pirralho por quantas vezes quiser. É uma pena ter outras pessoas no apartamento logo agora.

— Eu gostaria que me contasse — continua, mas somos interrompidos por Christian e Ryle.

Merda.

— *Titi, titi!* O vovô! — diz, apontando para a sala e Ryle repete o que o Christian faz.

Spencer e eu nos afastamos e ela vai direto até seu pai. Deixo minha cerveja no balcão e sigo a minha mulher, andando em passos largos até um Mario quieto no sofá.

— Pai? — Spencer o chama e ele abre os olhos, sorrindo travesso.

Puta que pariu, Mario.

— Céus, vocês me assustaram! — Spencer exclama, passando as mãos pelo cabelo enquanto seu pai e as crianças começam a rir. Seguro sua cintura e abraço seu corpo por trás, esperando que ela se acalme do seu quase ataque. — Isso não é brincadeira que se faça — reclama, chateada com a situação.

— Fica calma, babe. Está tudo bem... — resmungo em seu ouvido e ela vira para me fitar. — Eles estão brincando. — Dou-lhe um sorriso e ela me dá uma cotovelada.

— Não gostei da brincadeira — diz, me empurrando e saindo do abraço. — Vou ver se a lasanha já está boa. — Ela nos deixa e volta para a cozinha.

Desisto de tentar ser mais doce com ela e apenas pego minha cerveja, esperando que ela volte enquanto eu falo com Mario.

— Sua filha é realmente um doce — digo, jogando-me ao lado dele.

— Era só uma brincadeira. — Ele ri e eu acabo rindo junto.

— Até ela entender que era apenas uma brincadeira vai passar anos e anos...

— O que você tinha na mão ainda pouco? — pergunta e eu bebo um pouco, fitando Christian e Ryle assistindo televisão juntos no sofá da frente.

— Eu vou pedir a sua filha em namoro quando formos dormir — informo usando um tom baixo para não deixar que Spencer escute.

— Tipo com um anel e tudo mais? — pergunta animado e eu dou uma risada.

— Talvez... ela vai saber na hora e você vai ver amanhã... — Viro para

fitá-lo e pigarreio. — Tudo bem para você?

— Depois de tudo que fizemos você acha que não está tudo bem para mim? — Mario pergunta como se eu tivesse batido a cabeça em algum lugar e ficado com amnésia.

— Só queria me certificar. — Balanço meus ombros, agora completamente despreocupado.

— Coloque um sorriso no rosto dela e ficará tudo bem entre nós.

Nos encaramos e eu aceno positivamente.

— O jantar está pronto! — Spencer exclama, entrando na sala com uma travessa fumegante.

— Vou pegar chocolate para esses dois e já volto — aviso a Mario e ele assente, levantando-se e seguindo para a mesa sozinho em passos lentos.



NOSSO JANTAR FOI CALMO, CHEIO DE CONVERSAS E PLANOS. Eu ainda quero levar Mario em um estádio para assistir a algum jogo de futebol, porém Spencer é relutante demais sobre isso. Eu sei que ela está certa e que ele vai se desgastar muito, mas é o sonho dele. Eu vou ter que dar um jeito e tentar agradar a ambos. Não vai ser fácil, mas eu não cheguei tão longe para desapontar nenhum deles.

Termino de enxugar os pratos que Spencer lavou e deixo o pano em cima do balcão, aproximando-me dela que está sentada em cima do mesmo com uma cerveja nas mãos. Afasto suas pernas e coloco-me no meio delas.

— Você vai tomar banho comigo? — pergunta e eu concordo prontamente. — É melhor nós irmos colocar os dois na cama... — diz, apontando para o sofá com a cerveja.

— Completamente nocauteados depois de tanto chocolate e leite — constato e Spencer ri. — Pode deixar que eu vou colocá-los na cama. Você já
NACIONAIS-ACHERON

pode ir para o quarto, eu já chego lá.

Puxo Spencer de cima do balcão e ela termina de tomar sua bebida, empurrando a garrafa em minha mão e beijando minha boca antes de fazer seu caminho até nosso quarto sem questionar. Deixo a garrafa no balcão e vou até as crianças, pegando os dois com dificuldade para lidar com seus corpos moles e sonolentos. Sigo até o quarto deles e empurro a porta entreaberta, entrando no local e deixando-os deitados na cama. Tiro a roupa de ambos e cubro seus corpos pequenos, arrumando as almofadas ao redor deles para que não caiam.

Saio do quarto e fecho a porta, voltando para a cozinha e pegando a caixa de veludo de cima da geladeira. Abro-a e encontro ali as peças que eu paguei caro para obter, mas valeu à pena.

Um colar, um anel e brincos.

As peças são de ouro, todas cravejadas com diamantes e pequenas cerejas. Tudo para a minha Cherry. Eu não poderia deixar de arrumar algo desse tipo para presenteá-la e provocá-la, tudo ao mesmo tempo. Spencer merece tudo e isso não é nem a metade do que eu estou disposto a proporcionar a ela.

Fecho a caixa e me preparo mentalmente para escutar sua resposta. Pode ser um sim, mas também pode ser um não e isso é o que mais me deixa nervoso. Balanço minha cabeça negativamente e começo a pensar positivo.

Ela vai dizer sim.

Ela vai ser a minha namorada, assim como deveria ter sido desde o começo.



COM MINHA RESPIRAÇÃO ACELERADA E CORAÇÃO A MIL POR HORA, ENTRO NO QUARTO SEGURANDO A CAIXA ATRÁS DO

NACIONAIS-ACHERON

MEU CORPO E ACHO SPENCER TROCANDO DE ROUPA. Devido à minha insistência e persistência, ela já ganhou algum — pouco — peso e eu finalmente posso começar a ver suas curvas outra vez. Ela termina de vestir uma camiseta minha e vira-se para mim, sorrindo simples e aproximando-se. Vou ao seu encontro e seguro seu rosto com minha mão livre, colando nossas bocas e deslocando-nos até a cama. Não fechamos os olhos, afinal, isso não é um beijo normal, eu estou apenas empurrando Spencer para se sentar.

— Tudo bem? — pergunta, separando a boca da minha e sentando-se na beirada da cama, assim como eu esperei que ela fizesse.

Abaixo meu corpo e me apoio no chão com apenas um dos joelhos, tirando a caixa de trás de mim e trazendo ela para nosso meio. Sinto o corpo de Spencer tremer e ela fica congelada em seu lugar. Minhas mãos começam a suar, enquanto eu lembro-me do nosso passado. Todas as vezes que eu pedi para Spencer ser a minha namorada, nós estávamos no meio de brigas por conta de ciúmes. Há grande probabilidade de ela nunca ter aceitado meu pedido por conta dessa circunstância, mas também há a probabilidade de ela não aceitar simplesmente por não querer estar junto a mim oficialmente como um casal.

— Simon? — ela chama minha atenção e eu seguro uma de suas mãos, entrelaçando nossos dedos para tentar manter a minha calma.

— Eu não sei o que falar para você nesse momento. Eu não treinei ou ensaiei a fala perfeita para te fazer ficar derretida como uma garotinha, porque sei que você não é uma garotinha, mas uma mulher. Uma linda mulher. E eu quero que você seja a minha linda mulher, Cherry — cuspo tudo que tenho engasgado na minha garganta. — Eu tenho plena consciência que, desde o início, mais da metade do nosso relacionamento foi construído em meio a xingamentos e muitas provocações. Entenda, eu não quero mudar isso entre nós. — Spencer sorri para mim, seus olhos verdes brilhando com lágrimas que começam a brotar em cada fresta puxada. — Eu gosto quando você me xinga, eu gosto quando você me provoca, mas eu também gosto quando você se diz ser minha, apenas minha. Você nunca gostou de colocar rótulos em nosso envolvimento e eu odeio isso. Não que eu queira te colocar ao meu lado como um prêmio e marcar todos os passos que você dá a qualquer minuto, te prender ou mandar em você. Eu só desejo que nós

possamos sair juntos a qualquer lugar e, quando eu encontrar algum conhecido, eu possa te apresentar como a minha namorada. Não é sobre te diminuir, mas sim sobre comprometimento de ambas as partes. Eu quero te ter como a minha namorada, Cherry. Você aceita?

Uma lágrima solitária desliza sobre sua bochecha e eu levo isso como algo bom.

Eu não vou entrar em pânico.

— Eu gosto de te xingar... e gosto de discutir com você... gosto de provocar... — Ela aproxima o rosto do meu e com sua mão livre, mexe em meu cabelo e desliza até meu maxilar. — E eu gosto de ser sua mais do que deveria.

Meus ombros relaxam por completo ao receber seu beijo de bom grado. Spencer puxa a mão da minha e me abraça, juntando-se a mim no chão do nosso quarto. Não nos alongamos no beijo porque eu quero colocar nela a joia que encomendei especialmente para esse momento.

— Então você está finalmente me dizendo sim? — pergunto, querendo ouvir essa palavra saindo de sua boca.

— Sim, eu quero ser sua namorada.

— Vamos foder a noite toda, Cherry — aviso, fitando seu sorriso provocador crescer nos lábios. Volto a colocar a caixa entre nós dois e ela encara as joias, aos poucos suavizando o sorriso. — Isso é o que eu fui fazer em Los Angeles sozinho. Espero que esteja satisfeita em finalmente saber.

— É de verdade? — indaga em um sussurro.

— Sim e único, desenhado especialmente para você.

— Você quer dizer, diamantes de verdade? — Arregala os olhos e eu puxo o colar, deixando a caixa em cima da cama.

— Parece que sim... pode fazer o teste indo em alguma joalheria e tentando vender. Você pode comprar a mim com o dinheiro que paguei nisso — digo, empurrando seu cabelo para fora do meu caminho e Spencer me ajuda, segurando-o para cima. — Não vai brigar? Negar o presente? — Estou sinceramente desconfiado.

— Por que eu negaria? Agora só estou um pouco tentada em vendê-lo

para comprar você — Spencer joga e solta o cabelo assim que prendo o cordão em seu fecho. Eu a encaro e arqueio a sobrancelha. — Espero que sobre algum dinheiro, então eu posso comprar uma coleira e mordança, assim vou ter todo controle sobre você e suas ações impulsivas.

Solto uma risada, pegando os brincos e entregando-os na mão de Spencer para ela mesma colocar.

— Você quer mesmo me comprar? Qual o sentido disso? Eu sou seu, Cherry. — Ela coloca um brinco e em seguida coloca o outro.

— Eu prefiro me garantir. — Dá de ombros.

Por fim, tiro o anel de dentro da caixa e seguro sua mão, esfregando meu dedão sobre o seu dorso magro.

— Tudo bem, babe. Tudo que você quiser. — Encaixo a última peça em seu dedo anelar e beijo sua mão. — Agora você já pode tirar sua roupa para mim — completo.

— E o seu anel? — Ela franze a testa e eu faço o mesmo. — Eu não tenho dinheiro, mas posso dar um jeito nisso agora mesmo.

Spencer pisca para mim e se levanta do chão. A observo sair do quarto e eu finalmente me levanto, tentado a ir atrás, mas espero e me sento na nossa cama. Fecho a caixa e empurro a mesma para o chão, tirando minha camiseta e deixando que ela tome o mesmo caminho da caixa. Spencer volta para o quarto segurando alguma coisa atrás do seu corpo.

— Onde está o meu anel? — questiono.

— Você tem que estender a mão para mim, babe — provoca e eu faço exatamente o que ela pede. — Simon, você não pode tirar isso do seu dedo até eu comprar um anel de verdade para você. Promete que vai obedecer?

— Sim, é claro.

— Tudo bem...

Spencer finalmente mostra o que ela tem para mim: um pedaço de fio de barbante. Levanto a cabeça e fito o sorriso que ela tem estampado nos lábios. Esse é o melhor sorriso que eu poderia pedir nesse momento. Spencer dá dois nós com o barbante ao redor do meu dedo anelar e levanta o rosto para me fitar.

— Você gostou? — indaga, puxando minha mão e colocando-a em sua cintura.

— Eu acho que esse é o melhor presente que eu já recebi em toda minha vida, mesmo que eu não esteja fazendo aniversário ou nada do tipo. Você é o meu maior presente, Cherry.

— Você é meu namorado agora...

— E você é a minha namorada...

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Saboreio esse momento que é certamente o melhor que eu já tive em muito tempo. Spencer e futebol são as únicas coisas que fazem eu me sentir dessa forma: como se eu fosse o dono do mundo. Passo meu braço direito pela cintura da minha namorada e troco de lugar com ela, deixando-a sentada na beirada da cama e levantando para terminar de tirar minha roupa.

— Você deve ser silencioso essa noite, pirralho — sussurra, dando-me as costas e engatinhando pela cama com a porra do traseiro todo a mostra. — Temos o papai, Ryle e Christian em casa. Sem escândalos.

Deslizo o zíper da minha calça para baixo e a desabotoo, levando-a para baixo enquanto continuo fitando Spencer sem cerimônia.

— Eu acho que deveria escutar ao seu próprio conselho, babe. Não sou eu quem grita pedindo por mais ou geme meu nome completamente embriagada por sexo.

Spencer sorri, completamente desinibida e sem vergonha. É difícil deixá-la envergonhada, eu sei, principalmente quando conversamos sobre sexo e sobre o que ela faz durante o sexo. Poucas foram as vezes que eu a deixei envergonhada por falar algo com alusão a sexo e essas poucas vezes devem-se ao fato de eu tê-la pegado desprevenida ou por causa da minha linguagem escrota. Fora isso, Spencer é confiante sobre si e, principalmente, sabe que é bonita e ama seu corpo da forma que ele é. Nada em nenhuma mulher é mais bonito do que a confiança que ela tem sobre si mesma.

— Se você não fizer o favor de me beijar enquanto transamos, as crianças vão bater na porta perguntando se a “Titi Pence” está passando mal...

— Spencer dá de ombros e eu não consigo deixar de rir da sua provocação.

— O papai já é bem difícil, pois ele tomou remédio para dormir e

provavelmente vai estar em um sono profundo por toda madrugada...

— Sorte a minha — retruco.

— Eu não diria que é sorte, mas uma recompensa por ser um bom garoto — constata, mexendo na barra da camisa como quem não quer nada.

— Você é o diabo de saia quando quer, Cherry. — Balanço minha cabeça incredulamente para ela. — Vai continuar me provocando ou...?

— Vem aqui, pirralho. — Bate na cama, como se estivesse chamando um cachorro.

Spencer vai me pagar por me fazer de otário.

Faço o que ela pede e não demoro até estar no meio de suas pernas, cobrindo seu corpo com o meu, enquanto seguro-me firme para não a esmagar com o meu peso.

— Bom garoto... — Passa a mão por meu cabelo e ri em seguida.

— Você sabe que a noite vai acabar com você implorando por meu pau, certo? E tudo isso por conta das suas estúpidas provocações — informo e ela puxa meu cabelo levemente.

— Da mesma forma que eu posso implorar por seu pau, você pode implorar por minha boceta, babe. Direitos completamente iguais. — Ela beija meu queixo e aproxima a boca da minha. — Posso fazer uma trança no seu cabelo?

Franzo o cenho, confuso com sua mudança brusca de assunto.

— Faça.

Spencer me empurra para o lado e eu me sento na cama, esperando ela começar a fazer a trança que tanto deseja. Ela se remexe atrás de mim e em seguida começa a mexer em meu cabelo como bem seja. Em alguns momentos Spencer puxa os fios ainda em tom de provocação e eu fico concentrado para não perder a paciência com ela e jogá-la outra vez para debaixo de mim.

— Onde está seu celular? — Spencer pergunta, provavelmente finalizando com a trança e prendendo a ponta da mesma.

— Na mesa de cabeceira — informo.

Ela se move e eu olho por cima do meu ombro o que ela está fazendo. Spencer já está completamente nua, procurando meu celular na mesa de cabeceira com a bunda empinada e praticamente oferecida a mim em um convite pervertido. Assim que ela coloca a mão em meu celular, viro-me e seguro suas pernas, puxando-a pela cama e escutando sua risada.

— Qual o motivo de toda essa pressa? — questiona entre risos, mexendo no aparelho e colocando na câmera.

— Se você acha que está fugindo de mim essa noite, está completamente enganada, babe.

Empurro meu corpo contra o dela, espremendo-a entre mim e a cama, mostrando a Spencer com a minha dureza o quão necessitado eu estou nesse exato momento.

— Eu não estou fugindo... só quero eternizar esse momento com uma foto. — Ela me encara sobre o ombro com um sorriso brincalhão.

— Você está nua — constato, sendo o mais óbvio possível com ela sobre a foto que ela está planejando.

— Até parece que você nunca recebeu uma foto minha assim — ralha, revirando os olhos para mim.

— Já recebi e espero receber outras novamente, mas não agora. Eu tenho você ao vivo e a cores, completamente tocável, então sem fotos por enquanto — explico, enquanto Spencer mói a bunda contra minha ereção na intenção de tirar minha atenção do que estamos pseudo-discutindo. — Você não vai conseguir o que quer, babe — murmuro e volto a inclinar meu corpo sobre o seu, alcançando meu celular de sua mão e tirando-o dela calmamente. — Pode fazer isso depois — completo.

— Que sem graça, pirralho...

Saio de cima de Spencer e coloco meu celular de volta na mesa de cabeceira. Aproveito e abro a gaveta, tirando de lá um preservativo.

— Você pode me agradecer depois por estarmos indo logo ao que interessa — digo, voltando para a cama e deixando o pacote pequeno de lado. Seguro os tornozelos de Spencer e puxo seu corpo de uma só vez para mais perto de mim. — O que quer que eu faça hoje? — pergunto e ela se remexe sob meu olhar indagador e avaliativo.

NACIONAIS-ACHERON

— Eu quero que você me surpreenda mais do que já me surpreendeu algum dia — pede.

— Então você vai me obedecer hoje? — continuo e ela assente prontamente. — Boa garota... — repito o que ela fez comigo a poucos minutos atrás e passo minha mão direita por seu cabelo, pegando um punhado dele e enrolando em meus dedos.

Spencer sorri e as suas pupilas dilatam de forma estupidamente bonita.

— Me faça querer gritar, Simon.

— Eu vou — afirmo, convicto das minhas palavras. — Você sabe o que eu quero de você nesse momento?

— N-Não... — gagueja, encarando minha boca sem nenhuma preocupação.

— Você vai saber agora. — Deixo o meu sorriso crescer e selo os nossos lábios rudemente.

Spencer geme e ofega, tudo ao mesmo tempo, no momento em que eu invisto minha língua entre seus lábios. Com meus dedos enrolados em seu cabelo, a puxo mais para mim e ela se agarra em meu corpo como se sua vida dependesse disso. Nossas línguas se encontram em uma ardilosa briga para saber quem manda mais e, ao sentir o corpo de Spencer derretendo-se debaixo de mim, sei que pelo menos essa briga eu venci. Na verdade, é como se ambos tivéssemos vencido. Ela está completamente entregue a mim e isso é mais doce do que eu esperava. Spencer é a minha mulher doce, porém estupidamente forte.

— Você vai me torturar com isso? — ela pergunta, separando a boca da minha e abrindo os olhos lentamente.

— Eu vou te torturar com mais que apenas isso. — Beijo o seu pescoço, descendo minha boca até seus maravilhosos seios. Sua pele fria e macia ao encontro da minha boca é como a melhor coisa do mundo. Eu senti falta disso. — Eu senti falta disso, de você e de nós dois — admito em alto e bom som para Spencer saber que se ela sentiu a minha falta, eu senti a dela também.

— Eu também.

Tiro minha mão do seu cabelo e ela sobe o rosto para me fitar.

— Isso é bom — murmuro, beijando cada ponta rosada de seus mamilos e subindo meu corpo para me levantar da cama.

Ofereço minha mão a Spencer e ela segura sem hesitar. Pego o pacote do preservativo e meu celular, caminhando com ela até a porta da sacada do nosso quarto e saindo para observar a noite estrelada e brilhante de Long Beach. Por mais que eu ame Los Angeles, New York e todas as outras cidades e estados em que já fui, sinto como se essa fosse a minha casa. E, realmente, essa é a minha casa: Long Beach.

— O que estamos fazendo aqui? Nós não íamos...

Empurro Spencer suavemente contra o parapeito de ferro e vidro, ouvindo seu gemido baixo ao pegá-la de surpresa e desprevenida.

— E quem disse que não vamos mais? — questiono, fazendo-me de desentendido.

Baixo, bem baixo, escolho alguma música para começar a tocar no aleatório do meu celular e deixo o aparelho em cima da mesa. Está frio, eu admito, mas isso é questão de tempo até as coisas começarem a esquentar entre eu e Spencer. Ela me pediu para surpreendê-la e essa foi a única ideia que eu tive para nós dois.

— Está frio... — reclama assim como eu esperei que fizesse.

Coloco-me atrás dela e, acolhendo-a em um abraço com meu braço esquerdo, deslizo minha mão direita por sua barriga e finalmente encontro seu clitóris intumescido. Spencer praticamente engasga, enquanto eu uso dois dos meus dedos para provocá-la até seu limite. O vento frio não é mais um problema para mim e eu percebo que ele deixa de ser um problema para ela também. Spencer joga sua cabeça para trás, espremendo os olhos com força e mordendo o lábio inferior para conter sua vontade de exclamar algum bom palavrão.

— Você está molhada? — indago em seu ouvido e ela assente, fechando as pernas em minha mão como quem me obriga a continuar com o meu serviço.

Aumento o ritmo e solto o seu corpo, abaixando-me atrás dela e puxando seu quadril para minha direção. Spencer segura a barra de ferro do

NACIONAIS-ACHERON

parapeito e encosta a testa na mesma, enquanto abro suas pernas amplamente e uso minha boca para lhe dar mais prazer que antes.

— Eu adoraria ouvir tudo que você tem para dizer para mim nesse momento, Spencer. Que se foda os vizinhos, você pode falar o que bem quiser. — Aperto suas nádegas e beijo seus lábios molhados como se fosse a primeira vez. — E então? — pergunto, usando minha língua em seu favor.

— Foda-me. — Seus dentes trincam ao mesmo tempo que suas pernas tremem e eu sorrio com minha boca em sua boceta. Ela parece magnífica tentando se sustentar de pé. — Eu quero dizer isso... foda-me, pirralho.

Aperto suas nádegas ainda mais forte e chupo mais duro seu clitóris, movimentando minha língua sobre o ponto e ao redor dele. Sinto meu pau crescer dentro da minha boxer e fazer Spencer estar pronta para mim é tudo que eu preciso antes de fodê-la por trás. Levanto-me do chão ao senti-la perto do seu momento e escuto seu rosnado de frustração e reclamação. Abaixo minha boxer e visto o preservativo assim que o tiro de dentro do pacote brilhante. Spencer endireita seu corpo, mas não por muito tempo. Volto ao meu lugar e abro suas pernas outra vez, sentindo seu calor e ansiedade abraçarem meu corpo.

Seguro minha ereção com uma mão e com a outra eu seguro o quadril de Spencer, trazendo-a para mais perto e penetrando lentamente sua boceta ensopada. Não é exagero, ela está realmente ensopada, o que torna mais fácil e cômodo o vaivém que em breve começarei entre nós dois. Deslizo minhas mãos por seu corpo, achando seus seios e apertando-os com força enquanto nos fundimos em um só. Ela cola as costas em meu peito e inclina o rosto para me fitar. Choco nossos lábios outra vez, enquanto Spencer se segura unicamente em mim. Esse é o único momento em que eu desejo que ela dependa de mim: na hora do sexo. Eu quero ser o único a satisfazê-la de todas as formas possíveis.

Nosso beijo é quente, voraz. Eu dou a ela tudo que eu tenho e nós nos embolamos em uma explosão de sentimentos e necessidades. Eu sinto na sua língua o gosto de cerveja quase completamente apagado pela hortelã do creme dental, que ela deve ter escovado os dentes ao pensar que nossa noite seria calma. Mordisco seu lábio inferior e tiro proveito dela com sua concordância. Sua boceta aperta ao redor do meu pau e é a minha vez de

gemer contra sua boca, sendo forçado por Spencer a um beijo mais profundo, onde ela toma meu gemido para si. É incrível como essa mulher me tem na palma de sua mão mesmo em pequenas atitudes. Estou muito fodido.

Separo nossas bocas e nos fitamos sem desvio, ambos embriagados um do outro. Tiro minhas mãos dos seus seios e faço a morena se inclinar devagar sobre o parapeito. O vento frio volta a bater em nós dois, mas ele não é capaz de acabar com nosso calor mútuo. Beijo o ombro de Spencer e mordo sua pele, distribuindo chupões por todo local que a minha boca alcança.

Seguro seu quadril com meus dedos afundando em sua pele de forma nada gentil. Spencer treme e geme, dessa vez não sendo nada controlada. Deslizo para fora e volto de uma só vez: rápido e duro, indo o mais profundo possível e batendo com minhas bolas em sua bunda redonda. Alívio percorre por meu corpo e eu refaço meu movimento anterior, cada vez mais aliviado e mais focado em um caminho sem volta. O atrito dos nossos sexos, mesmo que interrompido pelo necessário preservativo, é a melhor coisa que eu já senti. As batidas do meu coração espancam violentamente em cada parte do meu corpo, como se fosse possível. É um truque da minha cabeça por conta de toda minha excitação e por conta do meu ritmo que só cresce.

Ofego contra o ombro da minha namorada, escutando-a choramingar e empurrar sua bunda em encontro para tornar nosso momento mais rápido. Ela está desesperada e nada diferente de mim. Meu pau endurece ainda mais, latejando dolorosamente com os movimentos duros que ofereço tanto a mim, quanto a Spencer.

Não consigo dizer com palavras, mas espero que ela esteja entendendo o quanto eu a amo. Estou mais do que apaixonado por Spencer. Ela tem meu coração e a minha alma. Eu sou completamente louco por essa mulher e isso não vai mudar nem em mil anos. Ela é a minha dona e eu não me arrependo de dizer isso a mim mesmo. Eu nunca vou me cansar de foder com ela, ou mesmo de fazer amor com ela. Espero conseguir cuidar de Spencer com minha própria vida, porque ela não merece menos que isso.

As gotas de suor começam a descer por meu pescoço e eu vejo a pele da minha mulher brilhar, mostrando-me que ela está tão sufocada no ar quente ao nosso redor quanto eu estou. Spencer joga a cabeça para trás, enlouquecida e vira o rosto para me fitar sobre o ombro. Seus olhos verdes

me deixam sobre a borda e seu sorriso me empurra sobre ela. Encho o preservativo com meu prazer, mas continuo até levar Spencer comigo. Solto seu quadril e desfiro um tapa em cada lado de sua bunda, levando uma das mãos até seu clitóris. Seu sorriso morre e ela geme meu nome alto demais. O tremor que passa por seu corpo me deixa saber que agora foi a sua vez de cair do penhasco. Lentamente diminuo a velocidade dos meus movimentos e tiro minha mão do seu sexo, fazendo-a parar de ter espasmos por conta de seu orgasmo.

Por fim, deslizo para fora de Spencer e tiro o preservativo, amarrando a ponta habilidosamente, já que estou acostumado a fazer isso e seguro em uma das mãos dela.

— Vamos banhar e ir para cama — informo, entrando no nosso quarto e indo direto para o banheiro.

Ligo a luz do cômodo e jogo o preservativo usado na lixeira. Ficamos debaixo do chuveiro e Spencer abre a torneira, ajustando a temperatura da água e juntando seu corpo ao meu em um abraço abrupto.

— Tudo bem? — pergunto, esfregando suas costas com minhas mãos e levando-as até seu cabelo molhado.

Spencer levanta o rosto e apoia o queixo em meu peitoral, fitando-me com dificuldade por conta da água.

— Eu não pensei que conseguiria ser realmente feliz... — sussurra, pensativa.

Eu chamaria esse momento de “limbo pós-sexo”: aquele momento em que você pensa em nada depois de transar, mas que esse nada acaba por ser tudo. É por isso que Spencer está passando nesse momento, enquanto as fichas caem em sua cabeça.

— E você é feliz agora?

— Sim, muito — retruca prontamente.

Nos fitamos por longos minutos com o “eu amo você” piscando em nossos olhos, mas não se atrevendo a sair por nossos lábios.

— Vamos terminar de banhar, babe... — Beijo o topo de sua cabeça e pego o sabonete.

Forço Spencer a me soltar e fecho o chuveiro para esfregar o sabonete por seu corpo. Passo minhas mãos ensaboadas por sua frente e fico atrás dela, fazendo-lhe uma breve massagem e esfregando suas costas antes de receber seu chamado.

— Simon...

Spencer me fita sobre o ombro. Ela abre e fecha a boca por repetidas vezes, mas acaba em silêncio. Eu sei o que ela quis dizer, então eu me limito a retrucá-la com um simples: — Eu também, Cherry.

Capítulo 35

Simon Wyatt

“Minha namorada...”

DEPOIS DA NOITE QUE TIVE COM SPENCER, PELA MANHÃ ACORDAMOS E TOMAMOS OUTRO BANHO, AGORA COM SEGUNDAS INTENÇÕES, MAS NÃO TÃO DEMORADO QUANTO EU QUERIA QUE FOSSE. Já estamos banhados e arrumados esperando Mario aparecer, enquanto assistimos Christian e Ryle se lambuzarem comendo frutas e bebendo leite como café-da-manhã. Eu e Spencer já comemos e, no momento, estamos encostados, eu na parede da sala e ela em mim, enquanto abraço seu corpo por trás e deixo minha mão sobre sua barriga plana. Mexo em meu dedo anelar, sentindo o fio de barbante nele trazer boas lembranças e eu acabo sorrindo involuntariamente.

Quando que eu poderia imaginar que ficaria mais feliz do que pinto no lixo por ter um pedaço de barbante amarrado em meu dedo?

Isso é absolutamente outro nível.

Se eu pudesse explicar o que estou sentindo desde que Spencer disse “sim”, eu explicaria, mas eu não me atreveria a limitar esse tipo de sentimento em meras palavras que somem com o tempo. Meu coração ainda não parou de martelar furiosamente em meu peito. É como estar chapado vinte e quatro horas por dia e eu só sei disso porque experimentei maconha no meu último ano escolar.

Solto uma risada, chamando a atenção de Spencer involuntariamente. Ela me fita sobre o ombro e eu beijo sua bochecha.

— O que foi? Agora deu para rir sozinho? — ela provoca e eu aceno positivamente.

Se meus pais ou Spencer soubessem que eu já experimentei qualquer droga que seja, eles provavelmente me matariam. Inevitavelmente eu vou contar para a minha Cherry, mas não é como se isso importasse no momento. O que aconteceu foi apenas uma vez e para nunca mais.

NACIONAIS-ACHERON

— Eu estava lembrando de algumas coisas e acabei rindo. Algum problema, Cherry?

— Nenhum, mon chéri...

Inclino minha cabeça, observando seus lábios curvarem em um sorriso.

— O que disse? — pergunto.

— É francês, Simon. — Spencer revira os olhos.

— Desde quando você fala francês?

— Eu tive aulas de francês na escola. Não foi grande coisa, mas eu ainda me lembro de algumas expressões.

Troco de lugar com Spencer e empurro seu corpo contra a parede.

— Agora repete.

Encaro sua boca, hipnotizado nos movimentos feitos por conta da frase em língua estrangeira.

— Mon chéri.

— Porra, você é quente. — Solto um grunhido e pisco rapidamente tentando pensar em tudo, menos em Spencer falando francês uma hora dessa manhã. — Infelizmente não temos tempo para transar, mas se tivéssemos, eu me certificaria de fazer você gemer em francês para mim...

Ela solta uma risada e me abraça pelo pescoço, descansando seu rosto em meu peito.

— Você é tão ridiculamente adorável, pirralho.

Esfrego minhas mãos pela lateral do corpo dela e descanso meu queixo no topo de sua cabeça.

— Não foi isso que você disse ontem quando...

— Vovô! — Christian e Ryle começam a gritar, interrompendo a minha linha de pensamento.

Viro-me a tempo de ver Mario aparecer na sala e eu solto Spencer, que se remexe em meus braços, deixando-a ir de encontro ao pai. Ela abraça o mais velho e ele me encara com o cenho franzido, mas eu apenas dou de ombros. Os dois se aproximam devagar e eu o ajudo a tomar um lugar à

mesa.

— Funcionou? — resmunga para mim.

— Funcionou? — retruco, fingindo confusão.

— É, o que quer que você tenha armado para a noite passada... — Ele revira os olhos.

Sento-me à mesa e puxo Spencer para o meu colo. Mario nos encara juntos e eu sorrio abertamente, movendo minha boca em uma frase sem nenhum som: — Ela disse sim.

Spencer se vira para mim e lança um olhar desconfiado na minha direção.

— O que está fazendo? — indaga, colocando as mãos em cima das minhas.

— Nada. — Dou de ombros.

— Filha. — Mario chama sua atenção. — O que é isso? — pergunta, apontando para as joias que ela está usando e que prometeu não tirar em nenhuma hipótese.

— Bom, eu... — gagueja, batucando os dedos na mesa e segurando uma faca para começar a servir seu pai. — Simon, ele disse... quero dizer, ele pediu... então eu disse sim.

Mario franze o cenho, fingindo confusão assim como eu fiz com ele segundos atrás.

— Simon pediu o quê? — ele pergunta, viajando o olhar entre nós dois.

— Eu pedi para ela ser a minha namorada e ela disse sim. Isso que ela quis dizer, mas gaguejou toda frase. — Assim que calo a boca, Spencer me dá uma cotovelada.

Solto uma risada e começo a tossir, esfregando minha mão em meu peito.

— Assim esse namoro não vai para frente — ameaça e eu aperto meus braços ao redor de sua cintura.

— Você não tem mais saída, babe — afirmo o óbvio.

— Finalmente — Mario nos interrompe, soltando o ar em puro alívio e

NACIONAIS-ACHERON

sorrindo em seguida. — Eu já estava cansado de fingir que não sabia de nada.

Spencer empurra um prato com torradas e waffles para Mario, levantando o braço em seguida para me fitar. Dou-lhe um sorriso cínico e ela semicerra os olhos.

— Seu pai é meu fã número um, Cherry...

— Vocês estiveram armando juntos durante todo esse tempo? — Exige uma resposta.

— Desde o aniversário de Christian — informa, animado. — Teria sido mais fácil se você não estivesse sofrendo de cegueira amorosa, querida. Algo precisava ser feito.

— Eu não acredito... — Spencer resmunga incrédula.

— Éramos como Bonnie e Clyde, sem a parte amorosa no meio, apenas dois Clyde's tentando mostrar para Bonnie que ela está apaixonada pelo Clyde bonitão número um, ou seja, eu. Ao invés de roubarmos coisas materiais, roubamos seu coração para mim. Aliás, você é a Bonnie, uma tonta Bonnie Parker, não loira, mas morena, muito linda e que vale à pena. — Pisco para Spencer. — Eu rimei para você, babe. Freestyle é aqui mesmo.

— Esse garoto é bom. — Mario ri.

Spencer pisca repetidas vezes e sorri, virando o corpo para mim e selando nossos lábios.

— Você sabe convencer alguém e se safar de situações comprometedoras, huh?

— Eu não sou Clyde Barrow à toa...

— Eu prefiro Simon Alexander Wyatt.

— Você soa como a minha mãe toda vez que me repreende por alguma merda feia. — Faço uma careta.

— Falando em sua mãe, acho que quero conversar com você um pouco sobre isso. Mais tarde, tudo bem? — pede, fazendo-me estranhar e desconfiar sobre o que ela quer falar da minha mãe.

— Tudo bem — inevitavelmente, concordo.

Eu, Spencer e Mario ficamos conversando enquanto ele toma seu café e

come tudo que Spencer lhe oferece. Christian e Ryle foram correr pelo apartamento com as frutas nas mãos e com toda certeza eu teria que limpá-los antes de sairmos de casa mais uma vez.

E foi exatamente isso que aconteceu.



AJUDO MARIO A MANTER-SE DE PÉ, ENQUANTO NÓS CAMINHAMOS ATRÁS DE SPENCER E AS CRIANÇAS ATÉ A PORTA DA CASA DOS MEUS PAIS. O carro de Seth está estacionado ali, já que Spencer ligou para ele e decidiu qual seria nosso ponto de encontro nessa manhã. Temos vinte minutos antes de sairmos novamente para o hospital com Mario. Acho que isso é o suficiente para dizer aos meus pais e Pearl que eu e Spencer estamos oficialmente juntos.

Antes de chegarmos à porta, uma Pearl saltitante sai de lá com um sorriso enorme no rosto. Observo Christian e Ryle se soltarem do domínio de Spencer e correrem até minha irmã. Seguro o riso, percebendo que em alguns aspectos minha irmã mais velha nunca vai mudar, principalmente quando se trata de Christian.

— Oh meu Deus, como eu senti a falta dos meus bebês favoritos... por enquanto... — Pearl diz, abaixando e recebendo os abraços e beijos molhados do pequeno casal de amigos.

— *Mama!* — Christian exclama, apertando os braços ao redor do pescoço de Pearl.

Seth aparece e encosta-se na parede, logo tomando a atenção de Christian e Ryle para ele. Esses dois trocam facilmente de foco, é incrível. Meu cunhado pega as crianças do chão e entra com eles nos braços.

Pearl e Spencer se abraçam, sorrindo uma com a outra. Spencer está completamente entretida com a barriga de grávida da minha irmã e isso não a faz ver quando Mario tropeça e quase cai. Eu o seguro mais firmemente,

NACIONAIS-ACHERON

virando para encará-lo. Sua tosse aparece e ele puxa o lenço do bolso o mais rápido possível até a boca.

Paro, deixando-o se recuperar e respiro fundo quando vejo sangue no lenço. Mario me lança um olhar como quem diz: “não conte a ela”.

— Você está bem? — murmuro.

— Sim, eu só estou me sentindo fraco, mas não é nada que vá me abater.

Arqueio a sobrancelha.

— Eu acho que é hora de conseguir uma cadeira de rodas para você — sugiro e ele apesar de fazer uma careta, concorda.

— Temo que Spencer se preocupará mais ainda ao me ver em uma cadeira de rodas — alerta.

— Eventualmente ela vai perceber que você não pode fazer certos esforços até o tratamento acabar. Precisamos poupar seus esforços ao máximo, Mario — explico, sabendo que Spencer vai concordar. — E eu quero ter uma conversa com seu médico ainda hoje.

Mario assente e seu olhar denuncia que ele tem algo a esconder, mas eu não o empurro para conseguir uma resposta agora. Eu vou falar com seu médico e lá eu terei as minhas respostas.

Continuamos nosso caminho e entramos na casa dos meus pais, ouvindo Pearl e Spencer virem logo atrás de nós dois. Deixo Mario sentado em um dos sofás e o observo tomar uma respiração longa, mexendo-se inquieto como se estivesse procurando uma posição confortável para ficar.

Meus pais aparecem no momento em que Pearl fecha a porta e eu me encosto na parede, observando Spencer se aproximar de mim. Ela sorri durante o caminho e não demora a colocar-se ao meu lado e segurar minha mão.

— Você vai contar para eles? — pergunta e eu a fito, relaxando ao ver o brilho em seus olhos verdes.

— Se você não gaguejar, pode fazer isso se quiser...

Spencer tenta me dar uma cotovelada, mas eu a imobilizo. Seguro suas duas mãos e puxo seu corpo para ficar na frente do meu. Deixo meu olhar

NACIONAIS-ACHERON

passar sobre a sala e encontro minha mãe me fitando com um sorriso bonito.

— Bom dia. — Aceno com a cabeça e ela sorri ainda mais.

— Bom dia, filho — retruca.

Sua atenção cai para Christian e Ryle e é nesse momento que Spencer vira o rosto e me fita.

— Você deveria ser menos robótico com sua mãe — diz.

Franzo o cenho, soltando as suas mãos e segurando em seu quadril.

— O que quer dizer?

— Exatamente o que eu disse, Simon. Acho que deveria demonstrar mais afeto e ser mais espontâneo com seus pais. Eu mal vejo você abraçar um deles ou, sei lá, sorrir e se importar como um filho se importa com os pais.

Bufo.

— Eu não sei do que está falando...

— Você sabe sim e sabe que eu estou certa. Dê valor aos pais que você tem, babe. Não é todo mundo que têm pais e você é muito sortudo por tê-los vivos, saudáveis, ativos e extremamente amorosos.

— Eles não se importam com isso, Spencer. Pearl é o suficiente para receber o carinho deles e dar carinho a eles. Aliás, eu não acredito que vamos discutir esse assunto logo agora — replico, completamente contrariado e começando a me irritar.

— Não vamos. Assunto encerrado. Um dia você vai precisar deles e vai ver que tudo que acabou de dizer é uma estúpida baboseira. — Spencer sela os nossos lábios e beija minha boca com rápidos e curtos selinhos, nunca desviando o olhar do meu. — Agora conte a eles sobre nós, eu não quero gaguejar outra vez. — Sorri.

Deixo que a minha irritação se dissolva aos poucos, enquanto encaro Spencer e depois de alguns minutos limpo a garganta e tomo a atenção de todos para mim.

— Eu gostaria de fazer um anúncio — comento e Pearl junta as mãos, sorrindo boba como sempre. — Spencer e eu estamos juntos, oficialmente. Ela finalmente disse sim e agora é a minha namorada.

— Eu sabia! — Pearl exclama e corre para abraçar a minha mãe.

As duas começam a pular e eu não consigo deixar de rir porque elas são idênticas. Solto Spencer e nós nos aproximamos do meio da sala. Ali eu recebo um aperto de mão do meu pai e outro de Seth. Quando estou quase me sentando no sofá, Pearl e minha mãe me cercam em um abraço. Rubor cobre meu rosto e eu deixo meus braços caídos, enquanto elas me abraçam com força e beijam minhas bochechas.

— Eu sabia que isso aconteceria algum dia — minha mãe diz, parecendo orgulhosa.

— Não aconteceu antes porque os dois eram bobos demais para se assumirem — Pearl retruca e eu arqueio a sobrancelha. — Eu amo você, maninho, mas tem que admitir que eu estou certa...

— Se tem uma coisa que eu aprendi com Spencer, é que as mulheres sempre estão certas, mesmo quando a verdade é apenas delas — digo e as três gargalham.

— Ele aprendeu rápido — Spencer diz de longe e eu a procuro. Acho minha namorada sentada no sofá com um sorriso perverso no rosto.

— Eu tenho que concordar sempre se quiser ganhar algo de você...

Sou acertado por minha mãe e ela exclama por fim: — Simon Alexander Wyatt!

Reviro os olhos e todos caem na gargalhada.

Capítulo 36

Spencer Carter

“De cima para baixo...”

MINHA VIDA ESTAVA MUITO BOA PARA SER VERDADE. Acredito que o que se planta, se colhe, mas eu não entendo em qual momento da minha vida eu plantei tantas coisas ruins. No instante em que meu pai entrou em colapso nos meus braços e de Simon, eu praticamente entrei em colapso junto dele. Estávamos voltando para o carro para irmos ao hospital. Eu e Simon ríamos da reação de Pearl minutos atrás e o papai manteve-se calado, mas não era nada fora do normal. Quando chegamos no meio de nosso caminho, seu corpo começou a tremer e eu acabei caindo no chão por conta de seu peso. Simon começou a xingar copiosamente, enquanto eu fitava meu pai, em choque. O loiro conseguiu carregá-lo até o carro e foi quando eu corri para abrir a porta traseira e entrar com ele. Tenho o sentimento de que diante daquela cena o meu coração parou por longos segundos.

Eu continuo em choque.

Consigo sentir a mão de Simon esfregando minhas costas, enquanto eu olho para o corredor do hospital. Estamos na sala de espera há algumas horas. Pearl, Seth, Sculler, Cassie, Sr. e Sra. Wyatt e as crianças chegaram alguns minutos atrás. Christian e Ryle tentaram falar comigo e com Simon, ambos querendo brincar, mas Simon pediu para os dois voltarem até seus pais porque “hospital não é lugar de brincadeira”.

— Ele vai ficar bem, Cherry. — Finalmente escuto algo e é a voz de Simon.

Subo meu rosto para fitá-lo, sentindo meus olhos encherem-se de lágrimas.

— Você promete? — sussurro, sentindo as lágrimas começarem a banhar a minha face.

Simon planta as mãos de cada lado do meu rosto, enxugando minhas lágrimas com seus dedos e beijando meus lábios delicadamente, diferente de

NACIONAIS-ACHERON

qualquer outro beijo. Eu posso sentir meu coração acelerar com seu carinho inesperado e isso me conforta.

— Eu prometo.

Meus ombros relaxam e eu respiro. Eu realmente respiro e eu respiro Simon. Passo meus braços por seu pescoço, apertando meu corpo contra o dele e deixando minha cabeça no espaço aconchegante e cheiroso que é o seu pescoço. Fecho os olhos, deixando que um pouco da minha dor seja substituído pelo conforto de seus braços.

— O que será que aconteceu? — sussurro, enquanto ele me puxa para o seu colo e eu estico as minhas pernas para o banco em que estava sentada.

— Eu não sei, não faço ideia, mas faremos o possível para levá-lo para casa hoje mesmo.

— E se ele estiver piorando, Simon?

Escuto sua respiração pesada, apertando mais forte contra ele, como se ele fosse a minha única salvação nesse momento. E, de fato, ele é. Simon Wyatt é a única coisa que pode me deixar de pé nesse exato momento.

— Eu vou pagar os melhores médicos, eu vou trazer quem quer que seja necessário para ver seu pai, Cherry. Nenhum esforço e nenhum dinheiro vai ser poupado — certifica-me e eu acredito.

Afasto meu rosto de seu pescoço e inclino para cima, fitando-o de volta. Seus olhos castanhos, exatamente iguais aos da minha melhor amiga, brilham especialmente para mim e eu me sinto a pessoa mais sortuda do mundo por tê-lo comigo.

— Você tem certeza que vai passar por isso comigo? — questiono.

— Você é minha namorada, porém, mais do que isso, você é a minha mulher. Eu passaria pelo inferno mais fodido por e com você, Spencer. Mario não é apenas seu pai, ele é meu melhor amigo e eu me importo com ele.

— Eu absolutamente a...

— Spencer Carter? — O doutor interrompe a minha fala e eu pulo de cima de Simon, segurando sua mão e puxando-o comigo.

— Sou eu — digo. — Como ele está? O que aconteceu? — continuo e Simon aperta minha mão.

NACIONAIS-ACHERON

— Calma, babe — murmura.

— Ele está acordado e sob observação. — O homem mexe em sua prancheta. — Eu devo ser direto com você, Srta. Carter. Mario está piorando. O estágio em que ele se encontra é avançado, algo que você já deve saber. A quimioterapia não surte mais nenhum efeito e o câncer já se espalhou para vasos sanguíneos entre o coração e o pulmão. O estágio III, que é o que Mario está, é dividido em duas fases. Como eu disse, o câncer já está se espalhando pelos órgãos vizinhos e essa é a segunda fase, chamada de 3B. É impossível uma intervenção cirúrgica e como a quimioterapia parou de funcionar, o tratamento que ainda poderia ser testado seria a radioterapia, mas isso depende do estado de saúde dele, o que não é nada bom. Seu pai está caindo no estágio IV do câncer, Srta. Carter. Esse estágio é irreversível, sem cura. Pura metástase.

O chão debaixo dos meus pés parece estar derretendo e se não fosse por Simon, eu já estaria de joelhos no chão. Minha respiração fica difícil e a única coisa que eu necessito nesse momento, é de ver meu pai e ficar colada junto a ele, para que ele nunca possa se separar de mim.

— Ele está sentindo muita dor. A tosse está mais intensa e o catarro está vindo acompanhado de mais e mais sangue. Eu os aconselharia a deixá-lo internado e aqui...

— Remédios? — Simon pergunta. — Não há nenhum remédio que possa fazê-lo sentir menos dor? Não há nada que possa fazer ele se sentir melhor? — exige, segurando minha cintura com força para não me deixar cair.

— Sim, mas apenas nós médicos temos acesso a esse tipo de medicamento. É de restrito uso para pacientes em estado terminal e que permanecem internados. — Minha cabeça gira mesmo que eu não tenha movido um só músculo.

O silêncio vence nesse momento. Simon não diz nada, eu também não e nós ficamos encarando o doutor como se ele fosse tirar uma carta do bolso e mostrar a nossa saída para esse problema. Porém, nada acontece.

Eu espero, espero, espero, espero.

Nada acontece.

Espero mais um pouco.

Nenhum mísero movimento.

— Podemos vê-lo? — sussurro.

— Claro. Acompanhem-me — retruca simplesmente.

Viro minha cabeça para o lado e vejo todos ali me fitando. Simon começa a me puxar pelo caminho e seguimos o doutor. Um bolo impede minha voz sair. Eu quero chamar Simon e pedir para ele repetir para mim que tudo vai ficar bem, mas a minha voz não sai. Aperto sua mão, piscando como uma louca alucinada. Estou me sentindo sufocada.

— Vai ficar tudo bem — Simon murmura e nós nos encaramos brevemente.

Eu sei que talvez isso não aconteça, mas eu prefiro acreditar no que ele diz e agarrar suas palavras como se fossem a minha exclusiva tábua da salvação. As pessoas acreditam no que querem acreditar e eu acredito em Simon e acredito que meu pai vai se curar.

O corredor branco em que entramos me assusta.

Coisas calmas sempre me assustaram desde que eu perdi a minha mãe. Eu me lembro do silêncio no quarto de hospital quando minha mãe me deixou com o papai. Ele me tirou lentamente lá de dentro e toda equipe médica entrou para tentar reanimá-la, o que é parte do procedimento. Lembro-me que eu me enrolei na sua perna e fiquei sentada no chão, chorando mais do que algum dia eu chorei. Minutos depois, papai me colocou em seus braços e nós choramos juntos, então eu o fiz jurar que nunca me deixaria. Ele jurou. Jurou por mim e jurou pela minha mãe. Jurou por nossa pequena família. Jurou por ele mesmo.

Desde então nós nunca nos separamos e eu espero que seja assim para sempre.

O doutor para em frente a uma porta e abre, dando espaço para Simon e eu passarmos. E é isso que acontece. A primeira imagem que eu tenho é a do meu pai deitado na cama de hospital e uma enfermeira checando-o. Ela se retira assim que nos fita, com a promessa de que voltará daqui meia-hora.

Papai sorri para mim, mas eu não tento fazer o mesmo porque é

impossível fingir qualquer emoção que não seja real. Solto a mão de Simon e escapo dos seus braços, caminhando em passos largos até meu pai. Seu sorriso não morre enquanto eu me aproximo, muito pelo contrário. Ele sorri mais amplamente, como se nada estivesse errado.

Caio no final da cama e abraço suas pernas cobertas pelo lençol branco e fino de hospital. Começo a chorar, assim como chorei quando perdi a minha mãe. Não tenho qualquer controle sobre meu corpo. É intenso demais. A dor é dilacerante e devastadora. Os pensamentos que passam por minha cabeça são os piores e pensar no pior acaba sendo inevitável. Eu não posso perder a minha família. O que vai ser de mim?

O afago em meu cabelo me acalma aos poucos e o pânico que antes tomava conta de mim, agora começa a cessar. Meus soluços são constantes. Eu fico parada, chorando silenciosamente, olhando para a parede branca antes de Simon aparecer na minha frente. Ele enxuga minhas lágrimas e oferece sua mão para mim. Eu balanço minha cabeça negativamente. Levanto meu corpo apenas o suficiente para subir em cima da cama e me deitar ao lado do meu pai. Não me apoio ou faço qualquer força contra ele, mas ele me puxa e beija meus cabelos.

— Eu estou bem. — Tenta me confortar.

— Não precisa mentir para mim, pai. Não sou mais uma garotinha... — sussurro.

— Você nunca vai deixar de ser a minha garotinha, Spencer — afirma.

Meu coração acelera e eu inclino meu rosto para fitá-lo. Ele enxuga as lágrimas que continuam escapando dos meus olhos.

— Não chore, querida. É ruim ver você triste — pede, calmo demais para ser verdade.

— É impossível não chorar, pai. Eu estou triste e eu estou com muito medo.

Ele sorri para mim e eu tenho vontade de pedi-lo para parar de sorrir, mas não o faço.

— Você é a minha garotinha forte, Spencer, não me decepcione.

Respiro profundamente, soluçando outra vez.

— Eu não sou forte. Eu preciso de você para ser forte, pai e você está me deixando sozinha. — Desespero escorre por minhas palavras rápidas e esganiçadas.

— Eu ainda estou aqui, Spencer — lembra. — Além do mais, você tem Simon. Acha que eu o ajudei sem propósito nenhum? — brinca, mas eu ainda não consigo sorrir com ele. — Preciso que veja que não está sozinha. Tem um monte de gente que te ama e que nunca te deixaria sozinha e eu sou um deles. Nunca vou deixá-la, querida. Nunca.

Passo meu braço por cima dele e o abraço.

— Por favor, pai... — suplico.

— Shhh, vai ficar tudo bem. Não há razão para qualquer tipo de desespero.

— Está machucando você? O câncer está fazendo você sentir dor? — indago, precisando saber o que ele está sentindo.

— Sim, mas é suportável.

— Você tem certeza? — Simon pergunta, entrando em nossa conversa.

— Absoluta certeza.

— O doutor disse a Simon que você precisaria ficar internado no hospital caso estivesse sentindo muita dor e precisasse de remédios para diminuir seu sofrimento...

— Não preciso de remédios e não preciso ficar internado. A dor é suportável, eu posso garanti-los disso. Só preciso ficar quieto e sem fazer muito esforço. Acho que agora seria um bom momento para ter uma cadeira de rodas — sugere e eu aceno positivamente.

Qualquer esforço poupado é lucro para ele.

— Eu já providenciei isso. Quinn deve aparecer aqui em uma hora com seu novo brinquedo — Simon informa, sorrindo de lado.

Papai sorri de volta.

— Finalmente eu tenho um brinquedo à minha altura.

— Eu não acredito que vocês dois estão achando graça disso. — Sento na cama, concentrando-me para não perder a cabeça.

Simon se aproxima e inclina o corpo para baixo, abraçando-me pelos ombros e beijando minha bochecha por repetidas vezes.

— Corta-me te ver chorando, babe. Mario está dizendo que ele aguenta e que ele está bem, então vamos focar nisso por enquanto — ele murmura no pé do meu ouvido, beijando o lugar de leve.

— Quando você vai parar com isso? — papai pergunta e Simon beija meu rosto outra vez, antes de endireitar-se e plantar as mãos em meus ombros.

— Estava apenas dizendo para ela que você é como o homem de ferro. A versão vintage, mas claramente o homem de ferro — Simon provoca e eu lhe acerto no estômago com uma cotovelada.

Meu pai ri do que o idiota do meu namorado disse e logo os dois estão rindo como se nada tivesse acontecendo. Desço da cama e os deixo conversando, enquanto me sento na poltrona de couro e os observo.

Se eu pensasse meses atrás que Simon significaria tanto para mim, eu provavelmente encontraria uma clínica para pessoas com problemas mentais e me internaria. Ele sempre significou muita coisa para mim, isso é inegável, mas agora isso ultrapassa uma grande barreira. Simon não mentiu quando disse que se importa com meu pai e eu consigo ver isso diante dos meus olhos.

Eu só espero que as coisas melhorem.

Capítulo 37

Simon Wyatt

“Dois meses...”

O CÂNCER DE MARIO ESTÁ TOMANDO CONTA DO SEU CORPO. Foi isso que o doutor me disse quando deixei o quarto para falar com ele e ver se Quinn já havia chegado com a cadeira de rodas. Consigo sentir meu coração no topo da minha garganta, enquanto a minha cabeça dói e meu estômago remexe como se eu estivesse prestes a vomitar. É incrivelmente doloroso saber que eu vou perder Mario e com isso, perder uma parte de Spencer. Minha preocupação é redobrada. Eu sei o quão dependente ela é do pai. Tem sido os dois desde que Spencer perdeu sua mãe para a mesma doença maldita.

— Quanto tempo? — pergunto, antes do doutor se afastar completamente.

— Dois meses, no máximo.

— Ele já sabe disso?

— Sim, há meses — dito isso, o doutor se afasta e eu passo minhas mãos freneticamente por meu cabelo.

Por que Mario não contou isso para Spencer?

Por que ele não contou para mim?

Merda.

Observo Quinn aparecer no corredor com Seth, os dois conversam entre resmungos, enquanto o marido da minha irmã traz a cadeira de rodas motorizada que eu pedi para Quinn comprar.

— Como ele está? — Seth pergunta, deixando a cadeira no chão e cruzando os braços.

— Mal. Estágio III, avançado. Está se espalhando pelo corpo dele e o médico disse que ele aguenta provavelmente apenas mais dois meses. —

Respiro fundo, reprimindo a vontade de enfiar o punho na primeira coisa sólida que eu encontrar na minha frente. — Mario provavelmente está entrando no último estágio do câncer...

— Está se espalhando? — Seth pergunta depois de longos segundos.

— Sim, a porra do câncer está tomando conta de todo corpo do Mario e ele já sabia disso. — Meus dentes trincam, porque estou inconformado dele não ter falado isso antes para mim ou para Spencer.

Claro que ele não falaria para sua filha, mas, porra e para mim? Poderíamos ter começado outro procedimento bem antes ou sei lá, ter viajado para buscar ajuda de mais especialistas, de mais respostas, de mais soluções.

— Se precisar de alguma coisa, qualquer que seja, é só entrar em contato — Seth informa.

Eu não assinto e nem me esforço para lhe dar uma resposta.

— Eu vou deixar o dinheiro pela cadeira de rodas com a minha irmã amanhã — digo a Quinn e ele apenas acena positivamente.

Fito Seth uma última vez, tentando perceber se ele está falando sério ou não e entro no quarto novamente, agora empurrando a cadeira de rodas. Quando fecho a porta, os olhares de Spencer e Mario estão em minha direção.

— Isso foi rápido — Mario brinca, mas dessa vez eu não sorrio com ele.

Estou irritado pelo fato dele saber de tudo há meses e não ter contado para nós.

— Quinn sempre consegue as coisas com rapidez — retruco, deixando a cadeira de lado e me aproximando de Spencer. — Babe, você pode nos deixar por alguns minutos? — pergunto em seu ouvido assim que paro atrás dela.

Spencer me fita sobre o ombro, franzindo o cenho e adquirindo uma expressão confusa.

— Está tudo bem? — retruca e eu concordo.

— Eu só queria trocar umas palavras com Mario, não é nada demais. Aliás, você poderia aproveitar para falar com o médico e a enfermeira sobre a alta dele — sugiro.

NACIONAIS-ACHERON

— Isso é verdade. — Ela se vira para Mario. — Papai já está reclamando sobre o hospital...

— Eu não gosto desse lugar — defende-se.

— Eu vou deixar vocês conversando, enquanto resolvo o que tem que ser resolvido para voltarmos para casa — Spencer enuncia e inclina o corpo para beijar a bochecha do pai.

Ela desce da cama e me beija rapidamente, seguindo para fora do quarto. No momento em que a porta fecha, jogo-me na poltrona e cruzo as pernas, fitando Mario intrigado.

— O que houve? — pergunta.

— Você já sabia de tudo isso?

Posso escutar sua respiração pesada quando começo a confrontá-lo.

— Sabia de tudo isso e não nos disse nada, Mario? Por que diabos manteve isso para si mesmo? Você tem noção da situação que poderíamos ter evitado? Você tem noção que poderíamos ter achado uma saída?

Minha voz é baixa, porém cheia de ressentimento. Estou ressentido como nunca fiquei, mas não é apenas por mim, é por Spencer também. Eu sei como ela ficaria louca se soubesse disso. Eu a conheço como ninguém e, saber que tínhamos a chance de evitar o que acontecerá daqui pouco mais de dois meses, me deixa irritado pra caralho.

— Era inevitável, Simon — responde, como se estivesse lendo meus pensamentos. — Meu câncer é recorrente. Quando você deixou Long Beach, foi a primeira vez que ele deu sinal, apareceu. Depois do tratamento, Spencer e eu pensamos que eu estava curado da doença, mas anos depois a doença veio mais forte. Câncer recorrente é quase uma sentença de morte. Eu venho sentindo dor há muito tempo, mas focar na minha dor é algo que eu não faço. Sei que isso faz parte da morte para algumas pessoas. Algumas pessoas morrem dormindo, sem sentir qualquer dor, outras sofrem até seu último suspiro. Eu estou nesse grupo de pessoas que vão sofrer até o último suspiro, mas não pense que eu me importo, porque apesar de tudo, eu sou feliz e aceito a minha morte da forma que for. A única coisa que peço, é para não ficar na porcaria do hospital, sendo monitorado por essas máquinas estúpidas e recebendo remédio para fazer a minha dor menor. Eu vi a mulher que eu

amo morrer de câncer em um leito como esse, sofrendo das piores dores possíveis, enquanto esses remédios não faziam qualquer efeito nela. Eu quero passar meus últimos dias, semanas, meses, com aqueles que eu amo. Quero passar o resto da minha vida com a minha filha, tentando mostrar a ela que o que termina aqui, não *acaba* aqui. Spencer vai quebrar, Simon, mas quero que ela veja que eu estou indo para um lado melhor e algum dia todos nós vamos nos encontrar lá.

— Deveria falar para ela sobre o seu tempo, Mario. Dois meses. Duas porras de meses.

— O tempo é o que você faz dele. Você deve estar pensando: “Mario tem apenas mais dois meses de vida”, mas o que eu penso é diferente. Eu *ainda* tenho dois meses de vida. Eu não *apenas* tenho dois meses de vida. Eu ainda tenho tempo e eu vou vivê-lo ao máximo, com dor ou sem dor. Eu vou amar ao máximo, eu vou me divertir ao máximo e eu nunca vou me lamentar por isso, garoto, porque eu *ainda tenho dois meses de vida*. Boa ou não, é a minha vida, é a minha história e é o meu legado.

Sinto um nó sendo amarrado em minha garganta. Sei que meus olhos estão cheios de lágrimas que eu evito deixar que caiam, mas não é por medo de parecer um idiota, muito pelo contrário. Sinto vergonha por ter julgado Mario antes de ter ouvido o que ele tem a dizer. É sua vida e ele ainda tem dois meses de vida. É um tempo finito que com ações pode se tornar infinito em aprendizados e lições, mas principalmente em amor.

Eu consigo entendê-lo.

Agora sim eu consigo entendê-lo.

— O que eu vou fazer com ela? — resmungo.

— Você vai ter que amá-la mais do que nunca, mas isso não é difícil. Eventualmente Spencer vai se dar conta de que as coisas acontecem porque tem que acontecer. Ela vai entender, Simon, só não desista.

Aceno positivamente, passando minhas mãos por meu rosto e meu cabelo em um ato frenético.

— Eu não desisti antes, não vai ser agora que eu vou fazê-lo.

Mario sorri e começa a tossir em seguida.

Ele leva um lenço até a boca e quando se recupera, volta a me fitar e diz: — Aquela cadeira de rodas é motorizada?

Começo a rir junto dele e vou pegar a cadeira de rodas, mostrando para ele seu novo brinquedo. Mario fica animado e eu tenho que segurá-lo na cama para não sentar e testar a cadeira, coisa que eu faço em seu lugar. Nós ficamos rindo até Spencer voltar com o doutor e a enfermeira, enquanto eu faço manobras nada perigosas.



SÃO QUASE DEZ DA NOITE QUANDO EU, SPENCER, MARIO, PEARL E MEUS PAIS DEIXAMOS O HOSPITAL. Seth, Sculler e Cassie tiveram que ir para casa com as crianças por motivos óbvios, mas a minha irmã e os meus pais não deixaram o local até nos verem ir embora. Recebi um abraço dos meus pais e da minha irmã no momento em que aparecemos na sala de espera. Spencer e Mario também receberam um abraço, principalmente a minha namorada. Combinamos que amanhã nos reuniremos em família para um almoço no nosso apartamento em forma de “agradecimento”. Na verdade, quem combinou isso foi Spencer, pois ela simplesmente está grata demais por todo apoio recebido por minha família. Tentei convencê-la de que nada disso era necessário, mas apenas ganhei um olhar feio dela.

No momento, eu estou dirigindo de volta para o nosso apartamento, enquanto peço comida de algum bom restaurante da cidade. Mario me disse que gostaria de comer algo bem salgado, pois estava se sentindo enjoado e completamente nauseado pelo dia inteiro que passou no hospital. Estive pesquisando sobre e descobri que pessoas com esse tipo de doença sempre estão se sentindo assim: enjoadas e nauseadas. Admito que até eu fiquei enjoado depois de tanto olhar aquelas paredes brancas e ter uma enfermeira monitorando Mario de trinta em trinta minutos para liberá-lo só à noite. Essa era nossa única opção, então o jeito foi ter que aguentar.

Coloco meu celular de volta em um dos suportes no carro e essa é a segunda coisa que tenho planejado para a próxima semana: comprar um carro novo, mais acessível e maior, bem maior. Eu sei que talvez eu possa estar exagerando, mas não é exagero quando se quer proporcionar o melhor para os últimos meses de vida de uma pessoa que você ama.

O topo da minha lista é: levar Mario a um estádio de futebol americano. Talvez isso não seja possível, mas eu vou dar meu jeito. Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé. Simples, mas trabalhoso. O bom é que eu nunca gostei de nada fácil, caso contrário, a minha namorada não se chamaria Spencer Carter. Seth disse que qualquer coisa, eu poderia chamá-lo ou pedir sua ajuda. Daqui um mês eu vou realmente pedir sua ajuda para o que eu tenho em mente como plano B, então verei se ele está disposto a ajudar.

De minuto a minuto eu checo os dois que estão no banco de trás, cochichando sem parar. Spencer parece mais aliviada, por mais que esteja ciente de uma vez por todas de qual é a real situação de Mario. Eu não contei a ela sobre o tempo de vida de Mario, pois ele disse que colocar um limite de tempo para Spencer seria a pior coisa no momento. Respeitei a sua vontade e concordei com ele sem pensar duas vezes. Se Spencer souber, ela ficará paranoica as vinte e quatro horas do dia.

Entro no estacionamento do prédio e procuro por minha vaga, parando o carro no instante em que acho. Aperto um dos botões do painel e abro o porta-malas. Pego minhas coisas e saio, caminhando rapidamente afim de pegar a cadeira de rodas de Mario. Quando coloco a mesma no chão, Spencer aparece. Fecho o porta-malas e ela fica na ponta dos pés para me abraçar.

— Você está melhor? — pergunto e ela sorri, concordando e colando a boca na minha. — Isso é bom, babe.

— O que é bom? — retruca.

— Você me beijando e você estar melhor.

Spencer sorri mais abertamente para mim e eu entendo os motivos de Mario ter escolhido não contar nada para sua filha.

Quando Spencer sorri, ela brilha. Não importa se o sorriso é forçado ou não. Todos os seus sorrisos são brilhantes e ela brilha junto com eles.

Porra, eu faria loucuras por causa deste simples sorriso.

— Muito obrigada, Simon — sussurra.

— Você não precisa me agradecer por nada. Estamos juntos nessa até o fim, seja qual for ele. — Beijo os seus lábios e o topo de sua cabeça uma última vez.

Entrego minhas coisas para ela e seguro sua mão, pegando a cadeira com minha mão livre e levando-nos até Mario.

— Pensei que demorariam uma vida. — Ele revira os olhos assim que eu abro a porta.

Mario sai do carro com calma e senta no que ele chama de cadeira-robô. Bato a porta do veículo e Spencer trava o mesmo, enquanto observamos Mario ir na frente até o elevador.

— Não acha que está independente demais, cara? — pergunto a ele e escuto sua risada.

Spencer aperta minha mão e eu viro meu rosto em sua direção para vê-la sorrir também.

— Eu estou doente, mas nem tanto. Sou independente, ainda mais agora com essa cadeira-robô.

Balanço minha cabeça negativamente e nós três rimos por todo caminho até o elevador. Lá dentro Spencer me abraça e descansa o rosto no meu peito. Afago as suas costas e nos afundamos no confortável silêncio que voltou a reinar entre nós três.

Os piores dias ainda estão por vir, mas o que eu puder fazer para torná-los suportáveis para a minha Cherry, eu farei.



OBSERVO SPENCER DESLIGAR A LUZ DO NOSSO QUARTO E CORRER PARA A CAMA. Ela se joga em cima de mim e nós dois rimos.
NACIONAIS-ACHERON

Lentamente ela cai do seu lado preferido para dormir e enrola as pernas nas minhas, descansando a cabeça em meu peito e deixando sua mão encontrar a minha para que nossos dedos entrelacem. Sua respiração bate em minha pele calmamente, enquanto nosso riso cessa e nos acalmamos. O dia de hoje foi algo fora do normal. Todas as coisas que aconteceram, toda a apreensão que passamos foi algo que eu nunca passei em toda a minha vida. Finalmente estamos juntos no final desse dia estressante e eu creio que só aguentei todas essas coisas pela certeza desse exato momento: nós dois juntos em nossa cama, assim como deve ser.

Dedilho a pele desnuda de Spencer e ela se aconchega para mais perto, inclinando a cabeça para cima e me fitando na penumbra do quarto. Seus olhos esverdeados, que são o meu maior porto-seguro, brilham. Droga. Ela é tão linda. Sou sortudo pra caralho por ter Spencer comigo, disso eu não tenho dúvida. Meu coração descompassa sempre que estamos em momentos como esse, de intimidade sentimental. Puxo Spencer mais para cima e selo nossos lábios com força. Meu coração pula uma batida. Minha Cherry é de tirar o fôlego e de deixar qualquer um louco. Mas o único que quer ficar louco por sua causa, sou eu. E, sinceramente, eu já estou nesse estado: louco por ela. Minha vida gira em torno de Spencer e eu tenho certeza que não seria a mesma coisa com a sua ausência. Ela é necessária. Ela se faz necessária na minha existência assim como eu preciso de ar todos os dias para continue vivendo.

Sua língua empurra para dentro em um beijo, agora, doce. Ela me acalma e faz eu retroceder duas casas. Seus lábios macios e molhados são o encaixe perfeito para os meus. Spencer sempre foi meu encaixe perfeito, mesmo quando eu mentia para mim mesmo. As mãos de Spencer sobem para o meu cabelo, enquanto ela se posiciona em cima de mim. Sua língua continua com as leves carícias calmas, porém quentes e extremamente molhadas, do jeito que nós dois gostamos. O beijo foi torna-se mais profundo, como se fôssemos um só. E nós somos um só nesse momento. Dois corações apaixonados colidindo e transformando-se em um. Eu gosto de ser um quando a minha outra metade se chama Spencer Carter.

Com a respiração pesada, Spencer afasta a boca da minha e sorri, pressionando um beijo simples na minha boca por fim. Levanto minhas mãos, segurando seu rosto e tocando seus lábios inchados. Abro meus olhos

NACIONAIS-ACHERON

preguiçosamente e vejo a bela mulher na minha frente. Ela é tudo e mais um pouco. Spencer beija meus dedões, ainda com um sorriso fraco adornando seus belos lábios e eu navego as minhas mãos para tirar seu cabelo escuro de frente do seu rosto. Assim como aconteceu comigo, ela abre os olhos com demasiada lentidão, focando em mim alguns segundos depois. Seu olhar é intenso, o mais intenso que eu já recebi vindo dela. Spencer volta ao meu encontro e encosta a testa na minha antes de falar: — Eu não tenho palavras para descrever o que eu estou sentindo por você, Simon — seu sussurro me acerta como um duro e seco soco na boca do estômago. Deslizo minhas mãos por suas costas e as deixo plantadas em sua cintura. — Eu sei que nossa história não é uma das melhores e mais bonitas. Começamos errados e eu sei que grande parte disso foi minha culpa. Eu tinha aquele medo estúpido de me envolver com pessoas mais novas, então apareceu você, apenas um ano mais novo que eu e completamente decidido.

Ela para, sorrindo de lado e abrindo os olhos que se fecharam em algum momento. Nos fitamos de tão perto que o foco fica ruim, mas sua voz é o meu guia.

— Quando você deixou Long Beach, eu sofri — confessa algo que nunca me disse antes e eu estou surpreso com as palavras que saem de sua boca. — Naquele momento eu soube que estava perdidamente apaixonada por você, só que a forma como tudo acabou e a sua relutância para falar comigo acabaram me calando. Uma aposta que nem era nossa nos separou, mas foi por uma aposta que estamos juntos agora. Você mudou tanto, Simon. Eu não tenho palavras para explicar o sentimento que eu tenho toda vez que você demonstra uma nova mudança, uma nova ação mais pensada. Dessa vez eu tenho certeza que o que estamos criando desde que você começou a mudar, não será perdido. Eu preciso te dizer que você se tornou o meu pilar, a base mais forte para me deixar de pé. A minha vida estaria uma bagunça se não fosse por você. Simon, eu vejo que você está sempre olhando mais à frente e trazendo as melhores soluções para os piores problemas...

— Mas você merece — eu a interrompo.

— Você também merece, babe — sussurra, segurando meu rosto com as mãos trêmulas. — O papai está piorando, eu sei, mas você continua me ajudando a ficar de pé e me fazendo nunca perder a esperança. Ele é a única

pessoa que me resta, meu único familiar ainda vivo. Eu não quero perdê-lo, a minha vida vai ficar de cabeça para baixo, assim como estava antes de você voltar.

— Eu vou estar aqui para te ajudar quando qualquer coisa sair do lugar — volto a interrompê-la, com o intuito de deixá-la saber que eu não estou indo a lugar algum.

— Olhe só para você — diz, esfregando os dedos em minha barba. — Mudou tanto.

Uma lágrima de Spencer cai em meu rosto e eu fecho os braços ao redor da sua cintura. Sua respiração inconstante sopra contra o meu rosto, deixando claro o quão desestabilizada ela se encontra.

— Eu estou com medo, aterrorizada.

— Tudo bem ter medo. Você tem medo de perder o seu pai e eu tenho medo de perdê-lo também, mas não apenas ele, babe. Eu tenho medo de perder você, então eu preciso que escute o que eu vou te dizer: você é forte. Você é a mulher mais forte e independente que eu já tive o prazer de conhecer. Eu acredito na sua força e eu sei que você só vai cair se for da sua própria vontade. Eu só te peço que tente ficar de pé e manter a cabeça erguida. As coisas podem ficar ruim, babe, mas você vai ser a única a escolher se quer cair ou ficar de pé. Se você cair, eu vou cair também, mas vai ser para te levantar, porque em hipótese nenhuma eu vou te deixar no chão.

Mais uma lágrima sua cai em meu rosto, então outras tomam o mesmo caminho. Spencer me abraça com força e eu beijo seu ombro quando ela enfia o rosto meu pescoço. Deixo que ela desabafe a sua dor comigo e espero que a calma volte para o seu corpo.

— Tudo bem chorar. Tudo bem mostrar a sua dor para mim. Eu não quero que se feche. Eu quero que compartilhe tudo comigo, porque eu sempre vou tentar aliviar as coisas para você. Então, comunique-se comigo.

Seus soluços e os tremores por seu corpo se intensificam. Continuo beijando seu ombro e o espaço livre em seu pescoço. Fecho meus olhos e espero ela se acalmar, o que logo acontece.

— Eu já... — Ela respira profundamente e limpa a garganta. — Eu já

NACIONAIS-ACHERON

teria perdido todas as minhas esperanças se não fosse por você.

Ficamos calados e aos poucos a respiração de Spencer regulariza por completo. Ela volta a deitar ao meu lado e eu viro o rosto para fitá-la. Seu rosto parece avermelhado, as bochechas molhadas e os cílios longos encharcados. Sua respiração torna-se mais lenta e eu percebo que ela está caindo no sono, como uma criança que chora muito por ter perdido algo e depois dorme para esquecer dos “problemas”. Não foi forçado, mas completamente natural. Agarrada a mim, Spencer cai no sono como uma criança assustada e cheia de dor. Mexo em seu cabelo, observando-a se aconchegar para mais perto e apertar mais forte contra mim. Não dói e nem incomoda, então eu deixo ela se satisfazer mesmo que inconscientemente.

Meu pensamento viaja entre Spencer e Mario. Eu sei que prometi a Mario que o levaria para assistir um jogo de futebol, mas o próximo que acontecerá será em meses e, segundo seu médico e sua expectativa de vida, ele não estará vivo até lá. Tenho uma grande ideia para fazer com que isso se realize, mas conseguir jogadores em seu período de férias não será nada fácil, ainda mais quando eu sempre fui um idiota com eles. Solto uma risada fraca, porque eu não me arrependo de ter sido um idiota com meus colegas de time, para ser sincero, acho que eles gostam desse meu lado idiota. Além de tudo isso, precisamos voltar ao hospital em breve para mais exames. Também preciso falar com meus pais sobre o afastamento de Spencer da pizzaria, porque de jeito nenhum eu vou deixá-la trabalhar durante os próximos meses. Eu tenho tantas coisas para fazer, tantos objetivos para alcançar que peço aos céus para mandar alguma ajuda para mim.

Volto a fitar o rosto calmo e sereno de Spencer e percebo que ela é toda ajuda que eu preciso. Sei que Spencer estava falando minutos atrás sobre eu ser o seu pilar, mas o que ela não sabe, é que ela é tudo para mim. A rocha mais dura, a base mais forte. Meu tudo. A pessoa por quem eu daria a minha própria vida para ver feliz.

Se ela está feliz, então eu também estou feliz.

Essa é a regra de um casal.

Essa é a nossa regra.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 38

Spencer Carter

“Simon...”

SOU ACORDADA COM UM MONTE DE BEIJOS NO PESCOÇO. Tento me proteger, mas é inútil. Simon segura meus braços e continua seu relaxante e engraçado, porém delicioso, ataque. Minha barriga esquenta e eu solto uma risada, remexendo-me debaixo dele. Abro meus olhos com muita dificuldade e encontro na minha frente o seu rosto nem um pouco amassado. O cabelo loiro está preso em uma trança, o que me faz estreitar os olhos para ele e me perguntar “quem diabos fez essa trança?” mentalmente. Ele inclina e aproxima o rosto do meu, beijando a ponta do meu nariz e do meu queixo.

— Boa tarde — enuncia e finalmente me solta, saindo de cima de mim e cruzando os braços em frente ao corpo quando fica de pé.

Pisco uma, duas, três vezes.

— Você disse... tarde?

Estou confusa e um pouco perdida.

— Sim, babe. Tarde. Você sabe, depois da manhã...

— Eu sei, Simon Alexander Wyatt. — Solto entre dentes. — Por que não me acordou antes? Aliás, que horas são? Onde está meu pai? Ele está bem? Droga... — Empurro o lençol para o lado, preocupando-me instantaneamente. — Eu preciso vê-lo agora mesm...

— Ei. — Simon se apressa em me segurar. — Ele está bem e muito animado conversando com o meu pai, Seth e Sculler sobre futebol na nossa sala de estar — informa, me puxando para si. — Você parecia confortável, então resolvi deixar que descansasse mais. Minha mãe, Pearl e Cassie estão na cozinha preparando nosso almoço. Vim te chamar para tomar um banho e se juntar a nós.

Solto um gemido e puxo minha mão da sua, agarrando o corpo na minha frente e me apertando contra ele. Passo os braços pela cintura de

Simon e descanso meu rosto em cima da camiseta branca que ele está usando.

— Deveria ter me chamado mais cedo, Simon. Eu que planejei o almoço ontem e elas estão fazendo tudo em meu lugar — reclamo, mas para ser sincera, não é bem uma reclamação que eu faço.

— Está falando de Alexa Wyatt, Pearl Wyatt-Sawyer e Cassandra Sivan, babe. Elas discutem o tempo todo sobre receitas e, devo te informar, deixei as três discutindo calorosamente o cardápio para o almoço. Elas amam isso e não é nenhum sacrifício.

Deixo-me rir e endireitar o rosto para fitar o loiro esperto.

— Eu sei que elas amam isso, por isso que não é uma genuína reclamação. Só queria ter recebido todos e estar ajudando-as...

— Deixa elas pra lá. — Ele revira os olhos.

Simon tira meus braços de sua cintura e segura minha mão, puxando-me para o banheiro. Observo a trança em seu cabelo e sinto meu corpo esquentar. Eu acho que tenho uma coisa sobre Simon e tranças. Essa é uma combinação muito tentadora e sem nenhuma dúvida, me excita.

— Quem fez essa trança em você? — a curiosidade fala mais alto.

— Pearl. — Ele me fita sobre o ombro no momento em que entramos no banheiro. — Por quê?

— Nada...

Solto sua mão e pego minha escova de dentes, aplicando creme dental nela e começando a escovar meus dentes sob o olhar avaliativo de Simon. A cada segundo que passa, seu olhar se intensifica mais e mais. Ele se aproxima de mim e para bem atrás do meu corpo, segurando os dois lados da minha calcinha e começando a arrastá-la para baixo. Dou uma risada um pouco nervosa e cheia de antecipação.

— Quer refazer minha trança, babe? — murmura com a boca colada na minha nádega esquerda.

— É... óbvio... que... sim... — digo com certa dificuldade.

Cuspo o creme dental da minha boca e me limpo completamente, inclinando meu corpo para frente e empinando a bunda para trás. Escuto a risada cínica do loiro, enquanto ele endireita o corpo para voltar a me fitar

pelo espelho grande e limpo. Simon começa a soltar a trança feita por sua irmã e eu abro um sorriso. Viro-me em sua direção, chutando minha calcinha para longe e levantando a camiseta regata de Simon que eu estou usando. Não falamos nada, apenas continuamos com o nosso intenso jogo de olhares.

— Quer refazer agora? — pergunta em pura provocação.

Uma onda quente passa por todo meu corpo quando Simon me coloca sentada no granito molhado da pia. Ignoro o frio, focando apenas no quão quente meu corpo começa a ficar. Ele afasta minhas pernas e coloca-se no meio delas, virando lentamente de costas para mim.

Passo minhas mãos ansiosas pelos fios loiros de seu cabelo macio e no minuto seguinte a trança escorre por meus dedos e toma forma. Pego o elástico que Simon me oferece e prendo a ponta de sua trança nova. Ele volta a ficar de frente para mim e me tira de cima da pia, carregando-me até o chuveiro.

— Você vai banhar também? — sussurro, focada em fitar seus lábios.

— Isso não estava em meus planos um segundo atrás, mas agora está — ele diz antes de ligar o chuveiro e entrar debaixo da água fria comigo em seus braços.

Simon encaixa os lábios nos meus e nos beijamos em meio ao meu desespero de arrancar as peças de roupa que ele ainda está vestindo. Seria muito feio mentir e falar que ficamos apenas nos beijando debaixo do chuveiro, mas os detalhes dessa aventura pertencem apenas a nós dois.



DEPOIS DE VESTIDOS E ARRUMADOS, EU E SIMON DEIXAMOS NOSSO QUARTO E VAMOS PARA A COZINHA. Entramos no cômodo de mãos dadas, enquanto ele tenta me provocar com suas inúmeras piadas sem graça. Sorrio para ele, mas somente pelo fato de que ultimamente Simon está muito gentil e maduro. Assim que Pearl percebe nossa presença, ela sorri

NACIONAIS-ACHERON

abertamente e corre até nós, recebendo uma reclamação da Sra. Wyatt pelo caminho por ter jogando uma colher de pau para cima.

Tinha que ser a Pearl.

— Spencer! — exclama, jogando os braços ao redor do meu pescoço. Solto a mão de Simon e correspondo ao seu abraço, rindo baixo da sua barriga, que nos atrapalha um pouco. — Senti sua falta.

— Anjinho... — retruco.

— Como você está? — Pearl se afasta e me observa cautelosamente.

— Bem melhor — confesso, procurando por Simon e percebendo que ele já sumiu da cozinha. — E como está meu novo anjinho aí dentro? — Aponto para a sua barriga e ela sorri.

— Bagunçando tudo e dando a maior dor de cabeça para o Seth. Eu tenho quase certeza que ele vai ficar louco com meus desejos...

Gargalho, concordando com Pearl. É óbvio que Seth vai ficar louco com os desejos da minha amiga. Seth sempre comenta que os desejos de Pearl vão de mal a pior, mas ele não pode fazer nada, além de saciá-los. Ele está certo. Mexer com mulher grávida é um perigo, por mais que eu nunca tenha experimentado esse momento.

— Vocês duas podem arrumar a mesa? Eu e Cassie vamos terminar aqui — Sra. Wyatt pede e nós assentimos prontamente.

Pearl entrelaça seu braço no meu e me puxa para fora da cozinha. Quando tenho um olhar geral da sala de estar, respiro aliviada por achar meu pai sentado em sua cadeira de rodas, com um sorriso enorme no rosto e aparência bem melhor do que ontem. Escuto Simon provocá-lo, como sempre, enquanto coloca Ryle sentada em seus ombros largos. Sorrio com a imagem, porque ele parece admiravelmente lindo.

— Ele mudou muito... — Pearl diz, soltando meu braço e começando a organizar a mesa extensa o suficiente para caber toda a família grande dos Wyatt-Sawyer. — Fico muito feliz em ver o Simon ao seu lado, Spencer. Você não faz ideia do quanto esperei para ver esse momento.

Fito a minha amiga e arqueio a sobancelha.

— Você esperou? — Dou uma risada.

— Sim, claro. — Pearl revira os olhos. — Eu me sentia um pouco culpada pela separação de vocês, ainda mais por que tinha plena convicção de que vocês ainda se gostavam muito. Então é claro que eu esperei muito para que esse dia finalmente acontecesse. E aconteceu! — Seu sorriso aparece e cresce por todo rosto.

— Eu também esperei muito por isso — retruco cinicamente e Pearl balança a cabeça em pura incredulidade, rindo novamente.

— Eu vou levar isso à sério — ameaça e eu dou de ombros.

— Pode levar, só não conta para o Simon. — Pisco e do nada a minha cintura é laçada.

— O que a Pearl não pode contar para mim? — Simon pergunta a nós duas, enquanto recupero-me do susto que ele me deu ao chegar sorrateiramente atrás de mim.

— Que ela esperou muito tempo pelo dia em que vocês dois estariam juntos — Pearl enuncia orgulhosa.

— Eu te disse para não falar, Pearl Wyatt...

Ela tapa a boca e arregala os olhos, tirando as mãos de cima dos lábios para sorrir amarelo.

— Eu sinto muito — diz, as bochechas queimando intensamente.

— Está tudo bem. Isso não é uma surpresa para mim. — Simon desliza as mãos por debaixo da minha camiseta branca e um arrepio delicioso sobe por minha espinha, enquanto um frio se instala no meu estômago. — Eu sei tudo que Spencer quer me dizer, até mesmo quando ela não fala absolutamente nada.

— Você é tipo um... medium, adivinha? — provoco, fitando-o por cima do meu ombro.

— Chame como quiser, babe.

— Pode adivinhar o que eu estou pensando nesse exato momento?

Simon sorri e aproxima o rosto do meu.

— Você está pensando “nossa, eu não acredito que esse cara lindo é o amor da minha vida!” — sussurra em cima da minha boca e eu não faço

nada, além de gargalhar.

Simon e Pearl começam a rir também, mas eu acabo caindo em uma sincera crise de riso, onde esse meu riso significa três coisas.

Um: Simon está certo.

Dois: Eu estou nervosa.

Três: Eu não consigo negar a sua verdade, que acaba por ser a minha verdade, mesmo que a verdade seja relativa.

— Ela está rindo, mas é verdade. Toda vez que Spencer me olha ela tem esse olhar de "nossa, ele é realmente o amor da minha vida" — Simon continua, ficando um pouco embaraçado por não ter recebido uma resposta minha.

Respiro profundamente e paro de rir, sentindo lágrimas escorregarem por minhas bochechas.

— Você meio que está certo...

— Será que eu já disse que shippo vocês? — Pearl indaga e nós dois viramos para fitá-la.

Mesmo não o encarando, tenho certeza de que Simon está com uma interrogação imaginária no meio da testa, assim como eu.

— Você... o quê... a gente? — Simon se apressa e pergunta de uma vez.

— Shippar, Simon. Quer dizer que eu torço pelo amor de vocês dois, sabe...

— Onde aprendeu isso? — retruco.

— No Instagram do Seth. Tinha um monte de pessoas comentando nas fotos dele comigo e com o Christian, dizendo que nos “shippavam”. Eu também fiquei confusa, mas procurei no Google e entendi o significado. — Pearl dá dois pulinhos, juntando as mãos e sorrindo. — Não é fofo?

— Seth andou sabendo que as pessoas “shippam” vocês? — Simon indaga maliciosamente, fazendo-me segurar o riso.

— Não. — Ela revira os olhos. — E é melhor ele não saber, uma vez que Seth fica tão sensível quanto eu quando engravidado. — Franzo o cenho, ainda segurando o riso. — É, é... ele disse que tem medo de que eu acabe

fugindo com as crianças... vai saber...

— Seu marido é louco, irmãzinha — Simon afirma e nós dois rimos da careta que Pearl faz.

— Ele é um tipo bom de louco, Simon. — Ela faz um bico, segurando o pano de prato que pegou de cima da mesa, como um travesseiro.

— Eu não conheço nenhum tipo bom de louco, Pearl — acusa.

— Eu conheço, você! — exclamo, levantando uma mão para o alto e Simon puxa de volta.

Pearl sorri para mim e eu pisco para ela, que nos deixa sozinhos ao ouvir o chamado de Christian. Simon me imobiliza em seus braços para eu não me separar dele, mas não é como se eu fosse tentar fazer isso.

— Você está fodida, Spencer Carter.

— Literalmente ou...?

— Literalmente — grunhe de volta ao me interromper. — Onde já se viu me chamar de louco em frente à minha irmã? Esse era o nosso segredo, babe — reclama, fazendo um pseudo-drama para mim.

— Eu sinto muito por isso, mas prometo te recompensar pelos danos — sussurro, rindo baixo com ele.

— É melhor você me recompensar mesmo...

Simon e eu continuamos com uma conversa nada pura, enquanto eu e ele colocamos os pratos em cima da mesa. A cada chance que temos, esbarramos um no outro, como se nada estivesse acontecendo ao nosso redor. É engraçado e eu me divirto o tempo todo, esquecendo por um momento de todos os nossos problemas e relaxando ao redor do cara que está me mantendo de pé e esperançosa.



O ALMOÇO EM FAMÍLIA FOI UMA GRAÇA, DE VERDADE. Simon não perdeu uma chance de implicar com Seth, mas dessa vez a implicância toda era por conta dos times rivais deles. Sculler olhava de um para o outro, rindo e balançando a cabeça negativamente, como se não ligasse para aquele tipo de discussão. E, obviamente, ele não estava dando a mínima para isso.

Além da implicância de Seth e Simon, pude ver mais de perto a relação de Pearl e Seth. Eles são de outro mundo, ainda mais quando estão com Christian entre os dois. Seth alimentava-se, alimentava o pequeno Chris e ainda passava a maior parte do tempo se certificando de que Pearl estava bem e saciada. Essa foi a parte mais bonita desse momento em família que nós passamos.

Depois do prato principal, fui à cozinha com Cassie e Sra. Wyatt para pegarmos sorvete como sobremesa. Entrego, nesse exato momento, uma taça para o meu pai e sento-me na ponta do sofá para ficar mais perto dele. Simon chega para mais perto de mim, enquanto conversa com Sculler sobre a próxima temporada de jogos.

— Você se sente bem? — pergunto ao papai e ele me encara.

— Sim, muito melhor do que ontem — diz, mas não encontro sinceridade em suas palavras.

— Se quiser descansar, é só me falar que eu fico com você, pai. — Ele revira os olhos.

— Eu estou bem, querida e estou falando sério. Não se preocupe, apenas aproveite esse tempo em família — instrui.

Aceno positivamente, levando uma colher cheia de sorvete até a minha boca.

Melhor eu ficar calada para não falar besteira.

A conversa sobre futebol flui com facilidade demais entre todos que estão na sala de estar. Perto das três da tarde todos resolvem ir embora. Um de cada vez se despede do papai e eu e Simon os levamos até a porta. Sra. Wyatt olha ansiosa para o filho, que não se move para despedir-se mais intimamente com nenhum deles.

— Foi um almoço maravilhoso — digo, abraçando Pearl e distribuindo abraços até parar na mãe de Simon. — Espero repetir isso mais vezes. —
NACIONAIS-ACHERON

Sorrio para Sra. Wyatt e ela me devolve um sorriso.

— Por mim, nós almoçaríamos juntos todos os dias — brinca.

Dou três passos para trás e fito Simon.

— Despeça-se deles, babe — sussurro e ele torce uma careta no rosto, mas segue para fazer o que eu lhe disse.

Simon se despede de um a um, fazendo graça para Christian e Ryle e travando quando para em frente aos seus pais. Ele se despede do Sr. Wyatt com um aperto de mão forte e, quando tenta fazer o mesmo com sua mãe, ela o agarra em um abraço caloroso e tocante. Sorrio de lado, satisfeita com o que eu vejo e acabo percebendo não ser a única, uma vez que Pearl sorri cúmplice comigo.

— Até amanhã, filho — Sra. Wyatt diz ao se separar de Simon.

— Até amanhã, mãe...

Coloco-me atrás de Simon, abraçando-o pela cintura e acenando com a cabeça para o pessoal. Todos eles saem e caminham para o elevador. Simon fecha a porta e me coloca encostada contra a mesma. Papai já não está na sala, ele provavelmente foi para o seu quarto, então só resta eu e Simon no cômodo.

— Por que continua insistindo com essa coisa entre eu e meus pais? — questiona e eu o abraço, beijando seus lábios para acalmá-lo.

Simon está ofegante, como se tivesse acabado de passar por algo muito difícil.

— Porque são seus pais e eu me importo tanto com você, quanto com eles — digo, passando minhas mãos por seu cabelo. — Me leva para cama? Eu quero descansar um pouco — peço.

Aos poucos Simon se estabiliza e, quando isso acontece, ele me pega no colo e me leva de volta para o nosso quarto.

Capítulo 39

Simon Wyatt

“A vida está seguindo...”

TEM SIDO UMA LONGA E DIFÍCIL SEMANA DESDE QUE MARIO CAIU MAIS DOENTE COM SEU TEMPO CONTADO DE VIDA. Eu e Spencer o levamos ao hospital todos os dias, mas Mario disseme que não gostaria mais de voltar até aquele lugar, caso não fosse hora de sua partida. Spencer insistiu com ele sobre a radioterapia, só que Mario realmente não deu o braço a torcer. Eu consigo entendê-lo desde que me deu aquele sermão no quarto do hospital, mas com Spencer é diferente. Ela fica andando de um lado para o outro, roendo as unhas, mexendo no cabelo e observando Mario como se ele fosse cair duro no chão a qualquer segundo. Passo a maior parte do meu tempo tentando aliviar tanto a tensão de Spencer, quanto a tensão de Mario por ver sua filha agindo nervosa, mas quase sempre se torna impossível ficar dos dois lados.

Hoje cedo, antes de sair de casa, combinei com os dois de que nós sairíamos a tarde para uma surpresa. É o parque perto de Los Angeles que Quinn descobriu e me indicou. O local é muito bem cuidado, perto de um lago e com a grama mais verde e bonita que já vi na vida. Estive checando o local algumas horas atrás e esse é realmente um bom programa. É bom para Mario sair de casa, tomar um pouco de sol e ar fresco. É bom para Spencer também por conta do seu estado mental. Ela mal vê a si mesma, então é minha obrigação ficar preocupado com a minha mulher.

Meu celular começa a tocar e o nome de Mario pisca no visor da tela. Um par de dias atrás eu providenciei um celular para Mario e para Spencer. Eu tenho algumas reuniões em New York na próxima semana, algo que ainda preciso falar para eles, então eu preciso de comunicação para funcionar no outro estado.

— Mario — digo, atendendo a sua chamada.

— Será que você pode dar um jeito na minha filha? — pergunta em

meio a um sussurro. Seguro meu riso e espero ele continuar. — Nós sentamos para assistir reprises dos seus jogos e ela não para de me encarar, garoto. Nem por um segundo.

— Por que você está sussurrando? — indago.

— Precisei vir ao banheiro para me esconder dela — confessa, fazendo-me gargalhar.

— Se Spencer souber que você está no banheiro falando comigo e fugindo dela, sua filha vai virar uma fera.

— Ela não quer aproveitar comigo, Simon. Ela só fica preocupada de um lado para o outro...

— Estou chegando agora e vou dar um jeito nela — digo, entrando no estacionamento e finalizando a chamada com Mario.

Procuo e paro o carro na minha vaga. Saio do veículo, pegando meus pertences e caminhando até a traseira do carro. Acho o número de celular de Spencer e aperto no botão verde. Chama, chama, chama e quando vou desligar, ela atende.

— Oi, Simon...

— Babe — retruco. — Pode descer e me encontrar no estacionamento? Fiz algumas compras e preciso de você aqui...

Escuto seu suspiro do outro lado da linha.

— Precisa mesmo?

— Sim. Você vem? — indago.

— Tudo bem, eu já vou descer...

Dito isso, finalizo a chamada.

Encosto-me no porta-malas do carro e espero por Spencer. Falar com ela aqui é melhor do que falar lá em cima. Sei que quando Spencer escutar meus questionamentos, ela irá diretamente questionar Mario se ele está ou não dedurando as atitudes dela para mim. Ela tem essa coisa explosiva e eu também, então é melhor que estejamos longe de Mario para que eu possa ganhar tempo e convencê-la a relaxar ao redor do seu pai.

Escuto passos apressados e, quando viro o rosto para o lado, avisto

Spencer. Ela olha para todos os lados, como se estivesse se escondendo e visivelmente, entendo sua preocupação. Seu cabelo está bagunçado em um monte no topo da cabeça e a única peça de roupa que ela está usando é uma camisa grande minha do meu time e com meu nome.

— Cadê as compras e... isso é um carro novo? — Franze o cenho, avaliando minha nova “aquisição”.

— Sim, babe. Mas, primeiro, quero que se aproxime e diga que sentiu minha falta durante toda manhã. — Spencer ri, revirando os olhos em seguida, como se não quisesse ter rido. — E então?

— Quer que eu minta? — provoca, dando um passo para perto.

— Você não sentiu minha falta? — Semicerrou os olhos em sua direção e puxo ela completamente para mim no momento em que consigo colocar minhas mãos em sua cintura.

— Eu não tive tempo — confessa. — Estava preocupada com o papai... ele...

— Chegou onde eu queria — retruco, selando nossos lábios e encostando minha testa na dela. — Dê espaço para ele, babe. Mario odeia te ver preocupada. Você está como uma mãe-coruja ao redor dele e isso não é nada bom, nem para ele e nem para você.

— Ele me entregou para você?

— Algo desse tipo — afirmo.

— Eu só estou preocupada...

Escuto derrota em sua voz, então volto a colar minha boca na dela.

— Mario quer aproveitar a vida dele, babe. Aproveitar com você, comigo, com minha família, com a *nossa* família. Seria muito bom se você parasse de se preocupar um pouco e aproveitasse com ele.

— Você está falando como se ele fosse morrer, Simon — reclama, mas ainda não se afasta de mim.

— E quem não vai morrer? E quem sabe o dia de amanhã, Cherry? Eu posso morrer daqui uma hora, mas também posso morrer daqui muitos e longos anos. Não faço a mínima ideia do futuro, mas sei que todos vamos morrer, então, não só eu, como seu pai, queremos aproveitar tudo que temos

para aproveitar e queremos você despreocupada conosco, aproveitando os melhores momentos da vida. Entende? — Deslizo as minhas mãos pelo corpo de Spencer até chegar em seu rosto.

Deixo que ela afaste um pouco o rosto do meu para nos fitarmos. Spencer pensa no que acabei de lhe dizer e assente lentamente, um pouco incerta do que está fazendo.

— Estamos na mesma página agora? — indago.

— Sim. — Spencer torce o lábio inferior, fazendo um bico adorável.

— Agora vamos pegar as compras que eu fiz para o almoço. — Beijo o topo de sua cabeça e desencosto do carro.

Aperto um botão e a mala abre automaticamente. Dou os dois sacos mais leves para Spencer, que maneja e segura-os em apenas um dos braços e entrego-lhe a minha chave. Puxo os quatro restantes sacos com mantimentos e Spencer fecha o porta-malas. Nós dois caminhamos em silêncio até o elevador e entramos. Agradeço por ninguém ter entrado conosco. Não sou muito de ter ciúmes, mas não quero ninguém olhando Spencer nesse tipo de roupa. Acredito que nem ela mesma queira, mas deixo isso quieto. Ela que decide o que vestir, não eu.

— Você consegue ser bem persuasivo, sabia? — Spencer nos tira do silêncio.

— Não, mas me conte sobre isso — provoco.

— Você, Simon Alexander Wyatt, usou de todo seu charme como arma de persuasão. Como eu poderia ter dito não a você? — reclama, visivelmente irritada por ter concordado comigo minutos atrás.

— Eu estou certo e você sabe disso, babe.

— Ainda aposto que foi a sua beleza...

Solto uma risada e isso parece irritá-la um pouco mais.

— Aposto?

Spencer abaixa a cabeça e esconde o rosto atrás dos sacos de papel. Ela levanta segundos depois com um sorriso cínico.

— Será que a nossa aposta ainda está rolando e em jogo? — pergunta.

— Não sei, mas você pode admitir que quer meu lindo nome em sua linda bunda. Eu não vou julgá-la — atiro, fazendo-a revirar os olhos, mas em seguida volta a rir comigo.

— Tenho o pressentimento que meu pai armou a favor de nós dois com essa aposta. Você não acha?

A porta do elevador abre e nós dois saímos.

— Tenho o mesmo pressentimento e devemos admitir, Mario é um bom estrategista.

— Você também, Simon. Sei que vocês dois estiveram juntos nisso — acusa, como se esperasse por minha negação.

— Correto, Cherry. Não poderia perder a chance de ouro de ter Mario como aliado para me ajudar a conseguir você. — Pisco para ela.

A porta do nosso apartamento abre e Mario aparece.

— Finalmente você chegou — diz, fazendo-se de surpreso.

— Eu sei que você esteve me dedurando para o seu preferido, papai — Spencer avisa, como quem fala para ele poupar seu discurso e entra em casa pelo espaço livre que Mario deixa para passarmos. — Muito feio esse complô dos dois, sem mas.

Entro em casa e escuto Mario fechar a porta.

— Eu só estava preocupado com sua sanidade mental — ele se defende entre risos.

— Você não quis dizer insanidade? — Viro-me para Mario e acabo rindo com ele.

Sou acertado nas costas por uma almofada e vejo por cima do ombro Spencer com outra, pronta para jogar em mim outra vez.

— Está me chamando de louca, Simon? — Escuto a ameaça em seu tom de voz.

— Se você negar a sua loucura, serei obrigado a apresentá-la a você, Cherry...

— Você beira a estupidez, idiota — resmunga, antes de jogar a almofada no sofá e seguir para a cozinha.

Fito Mario e o vejo fazer uma careta. Dou de ombros e tomo o mesmo caminho que Spencer, deixando as compras no balcão e entrando na cozinha. Observo-a pegar uma frigideira e colocar em cima do fogão, preparando-se para cozinhar nosso almoço.

— Cansaram de fazer graça com a minha cara? — pergunta, colocando as mãos de cada lado do quadril e virando para me encarar.

— Você não está muito sensível? — retruco, enquanto nós dois nos aproximamos da geladeira.

Coloco minha mão na porta do congelador e Spencer faz o mesmo. Sinto como se estivéssemos viajado ao Faroeste. É um bang-bang, uma tempestade em um copo d'água sem nenhum motivo, mas é cômico.

— Dá licença? — cospe, tão irritada quanto antes.

— Babe, você está entrando no seu período pré-menstrual? — indago, fazendo sua carranca intensificar. — É sério, eu só...

— Sim e fique sabendo que não irá acontecer nada entre nós dois durante e depois desse período. Esse é o seu castigo, Simon.

— Um tiro doeria menos, Cherry. Por que tão má? — dramatizo para irritá-la ainda mais.

Spencer abre um sorriso de lado, dando dois passos para frente e colocando sua mão livre em cima da minha barriga.

— Eu nem sou tão má... — Seu sorriso cresce. Acho que ela está bipolar. Foi de oito a oitenta em segundos. E, então, volta para o oito. — Ou sou? — Spencer soca minha virilha com força e eu solto a porta do congelador, inclinando meu corpo para frente.

Começo a tossir em meio uma risada de dor.

— Você é uma porra de uma cadela impossível de se lidar, Spencer Carter — digo entre dentes.

Spencer segura meu cabelo e puxa minha cabeça para cima.

— Achou pouco? — pergunta com um grande sorriso.

— Você acabou de matar nossos bebês, Cherry. O que vamos fazer sem as crianças? — Solto um gemido, sentindo aquela dor atravessar minha

espinha.

— Você os matou com sua língua de cobra venenosa que não cabe na boca. — Ela inclina o corpo para frente e me beija. — Boa sorte tentando consertar suas bolas loiras, pirralho.

Spencer me empurra e eu caio no chão. Fico ali, sentado com uma puta fodida dor nas minhas bolas, enquanto encaro a minha namorada passear com um sorriso pela cozinha.

Como diabos ela consegue sorrir em um momento como esse?

Nossos bebês podem nunca mais nascerem por culpa do seu soco impiedoso.

— Você tem uma coisa com bolas, não é mesmo? — Solto um grunhido.

— Talvez eu te ajude a consertá-las mais tarde e sim, eu tenho uma coisa com acertar as bolas de caras que me irritam.

— Eu não sou um cara qualquer. Somos quase casados, babe... deveria cuidar melhor de mim. — Spencer puxa uma faca da gaveta e eu engulo a seco.

— É exatamente por isso que eu tenho que te dar algumas lições... frequentemente...

— Seu período pré-menstrual te deixa um pouco psicopat... — Paro de falar no momento em que ela semicerra os olhos para mim. — Eu vou conseguir chocolate, flores e um dia no SPA. *Talvez* você fique melhor com isso — reformulo minha frase.

— Eu aceito o chocolate e as flores. Muitos chocolates e muitas flores. *Talvez* eu te perdoe com isso — replica cinicamente.

Mario entra na cozinha e franze o cenho.

— O que está fazendo no chão?

— O motivo é doloroso e você não vai querer saber — digo, escutando a risada de Spencer no momento em que me calo.



DEPOIS DA DOR, QUE SPENCER ME CAUSOU, TER PASSADO, A AJUDEI A PREPARAR O ALMOÇO, ENQUANTO MARIO ASSISTIA AOS MEUS JOGOS. No final de tudo, a comida ficou muito boa. Spencer é algo a ser estudado. Ela tem um talento inato para a cozinha e, não, isso não deve ser levado como subjugação ou algo do tipo apenas por ela ser mulher. Tenho certeza que tudo que Spencer aprendeu nesse ambiente, veio do seu pai. Os dois são cozinheiros naturais e sem nenhum artifício ou jogos para fazer deles melhores. É algo que vem do coração, assim como acontece com a minha mãe e a minha irmã.

Depois do almoço, Mario seguiu para o seu quarto com um aviso para estar pronto às quatro e eu e Spencer seguimos nosso caminho. Seu humor já estava bem melhor e, aos poucos, percebi que ela estava se esforçando para se permitir rir e aproveitar os momentos divertidos com seu pai. Foi muito, muito bom esse pequeno progresso que só alguém tão observador como eu, perceberia.

Sáímos do banho alguns minutos atrás e caímos na cama, nus, um enrolado no outro. Spencer parece mais calma. Sua mão esquerda segura a minha direita, enquanto passo meus dedos por seu cabelo úmido e cheiroso. Estamos em silêncio, aproveitando o momento de paz. Minha cabeça vagueia por muitos lugares, mas todos eles me levam para a mesma pessoa: Spencer. Debaixo do chuveiro ela reclamou sobre enjoos. Fiquei alarmado imediatamente e até esse exato momento, uma ideia louca passa por minha cabeça, que é mais louca ainda.

— Babe... — a chamo, recebendo um resmungo como resposta. — Você já ficou enjoada antes? — indago.

Segundos curtos se passam até Spencer inclinar o rosto para cima e me fitar.

— Sim — afirma, parecendo entender onde eu quero chegar.

— E se você estiver grávida? — Sou direto, enquanto uma ponta de

esperança vem revestindo toda a minha voz e palavras.

Spencer sorri de lado e empurra seu corpo um pouco mais para cima, no intuito de ficar cara a cara comigo.

— Você quer um bebê, Simon? — questiona, encostando a testa na minha e deixando sua boca roçar lentamente em cima dos meus lábios, em pura provocação.

— Eu estaria mentindo se dissesse que não...

Sou o mais sincero que consigo ser.

— Você ama crianças, não é mesmo?

— Sim — confirmo.

— Mas eu não estou grávida, babe. — Spencer ri, beijando a minha boca e puxando meu lábio inferior entre os dentes.

— Como você sabe? — Meu entusiasmo murcha em uma constante dolorosa, talvez mais dolorosa do que algum dia eu chegaria a pensar que me sentiria.

— Eu fiz dois testes quando comecei a me sentir enjoada — informa.

— Por que não me disse nada sobre sua suspeita? — Spencer afasta o rosto do meu e eu franzo o cenho.

— Não queria te dar falsa esperança. Sabe qual a chance de isso ter acontecido? Quase nenhuma. Não transamos sem proteção e você nunca relatou nenhum caso de camisinha estourada para mim. — Coloca os fatos entre nós dois. — Eu só fiz o teste porque sou um pouco paranoica. — Sorri por fim.

— Às vezes eu não me ligo em checar se a camisinha estourou ou não — sugiro antes do último fio de esperança desaparecer completamente.

— Sem chances, Simon — retruca, agora adquirindo um tom mais sério. — Sem bebês por um tempo, tudo bem?

— Tudo bem...

— Não fique triste, essa é nossa realidade por enquanto e ela é boa dessa forma. Eu e você.

— Poderia ser eu, você e um mini-eu, mas você só quer transar com

NACIONAIS-ACHERON

camisinha — ralho e Spencer gargalha, mas não me junto a ela em sua diversão particular.

— É mais seguro para nós, pirralho, mas se você quer tentar... — Com a língua passando e umedecendo os lábios, Spencer se coloca em cima de mim.

Minhas mãos têm sua vida própria e logo acham caminho por cima da pele macia e imaculada da minha Cherry. Seu cheiro é incrível, seu corpo é incomparável, mas a sua alma é uma dádiva. Eu amo o fato dela mostrar tudo para mim. Sua pior e melhor parte, assim como eu não mantenho nenhum segredo perto dela. Éramos bons separados, pelo menos ela era muito boa, mas com certeza somos melhores juntos e isso eu falo por mim. Ela faz de mim um cara melhor.

— Me avise quando estiver vindo, eu não quero que goze dentro de mim, mas podemos tentar do seu jeito. Sem camisinha, que tal?

Suas palavras são como um soco no estômago, que causa minha antecipação imediata. Minha cabeça gira e eu finalmente entendo que ela quer fazer sexo sem camisinha depois de eu ter deixado minha reclamação.

Eu deveria reclamar mais.

— Estamos entendidos, Simon? — pergunta e eu aceno positivamente, trocando de lugar com ela em um giro.

— Prometo, babe.

As palavras saem da minha boca, mas na prática eu não sei se terei força de vontade o suficiente para cumprir a promessa.

E, certamente, quinze minutos mais tarde, eu falhei, mas Spencer não percebeu. Foi meio dentro e meio fora. Agora, as chances que ela alegou serem poucas, estão rachadas em duas partes. Ela pode engravidar, mas também pode continuar tão normal quanto antes.

Não atrevo a abrir minha boca depois do ocorrido entre nós, senão ela não será tão piedosa como alegou ser quando me acertou na cozinha. Spencer vai arrancar meu pau e me dar para comer. Quanto mais quieto eu ficar, mais chances tenho de continuar vivo.



EU E SPENCER TERMINAMOS DE NOS ARRUMAR NESTE EXATO MOMENTO. Depois dela cair no sono e cochilar por um par de horas, eu a acordei e nós fomos nos banhar outra vez. Sem segundas intenções, nos lavamos e nos vestimos um em frente ao outro. Ela está usando um vestido amarelo floral, que me lembra muito a minha irmã e, só não lembra mais, porque não é vermelho. O vestido de Spencer é um dos que eu comprei para ela e que acabou caindo perfeitamente bem em seu corpo.

Ela parece fantástica sem maquiagem ou adornos, além das joias que lhe presenteei e a pedi em namoro.

Um belo vestido amarelo acima dos joelhos, sandália de dedo da cor preta, cabelo preso em um coque firme e, o mais importante, lingerie branca. Eu deveria proibi-la de usar lingerie branca e só não faço isso porque vai contra o que eu acredito. Porém, sinceramente, Spencer de calcinha e sutiã de renda branca é desafiador para minha sanidade mental. Parece com um anjo de alma demoníaca. Um anjo caído, eu diria. É feia a comparação, mas é como eu consigo descrevê-la ao usar algo tão angelical e ainda assim parecer sexy e tão quente como o próprio inferno.

Religiosamente, por outro lado, eu estou usando uma calça jeans escura e camisa branca, trocando apenas o meu tênis branco por uma chinela preta. Entrego minha carteira e celular para Spencer, deixando que ela os guarde para mim. Seguro sua mão e saímos do quarto. Cruzando o corredor, encontramos Mario já arrumado na sala de estar. Ele está em frente a parede de vidro, olhando a cidade por ali.

— E aí, podemos ir? — pergunto, chamando sua atenção.

— Com certeza.

Spencer aperta minha mão e eu aperto a sua em resposta.

Mario sorri para nós dois e ela finalmente afrouxa o aperto, relaxando novamente.

— Você pode colocar as compras daquele saco dentro da cesta em cima da geladeira, babe? — pergunto a Spencer, quase esquecendo-me das coisas que comprei para essa tarde.

— Eu já volto — diz, entregando-me sua bolsa e seguindo para fazer o que eu lhe pedi.

Sento no sofá próximo de Mario.

— Está animado?

— Absolutamente. — Ele ri, assentindo. — Eu odeio ficar trancado aqui, por mais que esse seja um ótimo lugar para viver.

— Eu vou planejar mais alguns lugares para visitarmos, então você não morre de tédio — brinco e nós dois rimos.

Continuamos com nossa conversa, enquanto Spencer não retorna da cozinha. Minutos mais tarde ela reaparece nos chamando com a cesta pendurada no braço. Deixo Mario sair com Spencer, ao passo que tranco nosso apartamento e os sigo. No elevador permanecemos em silêncio. Pego a cesta do braço de Spencer e seguro juntamente com sua bolsa.

No momento em que estamos no estacionamento, apresento meu novo brinquedo para Mario, que o adora tanto quanto eu. Spencer reclama da nossa infantilidade, mas ela não entende que isso é realmente divertido para pelo menos uma boa parte da população masculina mundial. Destro as portas e abro a do passageiro para Spencer e a traseira para ajudar seu pai a entrar.

— Ela está irritadinha demais hoje — Mario diz assim que Spencer bate a porta.

— Ela está sempre irritadinha, cara. — Dou de ombros, empurrando as coisas de Spencer sobre o banco até a outra extremidade. Ajudo Mario a entrar no carro e acomodá-lo. — É a sensibilidade daqueles dias, você sabe...

— Vocês estão falando de mim? — Spencer indaga, fitando-nos pelo retrovisor.

— Não — respondo em um tiro.

— Pensei... — Semicerra os olhos, desconfiada.

Faço uma careta discreta e bato a porta, deixando Mario rindo lá

NACIONAIS-ACHERON

dentro. Pego sua cadeira de rodas e abro o porta-malas, deixando-a ali dentro com facilidade por conta do espaço. Era exatamente disso que estávamos precisando: mais espaço.



AJUDO MARIO A SAIR DO CARRO, ENQUANTO SPENCER PEGA A CESTA DE COMIDA QUE A MESMA ENCHEU ANTES DE SAIRMOS DE CASA PARA PASSARMOS A TARDE FORA. Pelo menos metade dessa comida vai parar na minha barriga, porque de um jeito ou de outro, já me encontro faminto desde agora. Bato a porta do carro e viro-me para empurrar a cadeira de Mario para não o cansar tanto, observando o quão diferente esse lugar parece agora. Talvez seja pelo fato de ter famílias espalhadas pela grama, curtindo seu momento junto com seus pequenos filhos. Talvez seja pela companhia de Mario e Spencer. Eu não sei, mas o que quer que isso seja, faz desse lugar um ponto de paz e tranquilidade.

Uma menina loira e dois garotos passam por nós, rindo e correndo atrás de uma bola de futebol de campo. A lembrança de hoje mais cedo vem imediatamente e, notando Spencer mais adiantada que nós dois, inclino meu corpo para frente, não parando de empurrar a cadeira de Mario.

— Sua filha andou enjoada... você ficou sabendo disso? — indago, tendo a atenção de Mario instantaneamente.

— Enjoada? — retruca, desconfiado. — Não, ela não me disse nada sobre isso. O que há de errado com ela?

— Talvez ela só esteja enjoada por nada, mas eu queria mesmo é que ela estivesse grávida — confesso.

— Devagar, garoto... — Mario ri de mim. — Não seria uma péssima ideia, mas não acho que minha filha esteja procurando isso no momento. — Dá de ombros.

— Poderíamos dar um jeito e você seria avô... eu só vejo prós nessa

NACIONAIS-ACHERON

ideia. — Torço o canto da minha boca. Não entendo qual o medo das pessoas quando se trata de gravidez. — Ela tem vinte e cinco, talvez já seja hora...

— Adoraria ser avô, mas você tem que escutar o que eu digo. Spencer não está pronta. Ela é minha filha e eu a conheço como ninguém.

— Talvez seja tarde demais agora...

— Ei, vocês vão ficar de mais segredinhos? — Spencer me interrompe, parando na nossa frente.

— Você é curiosa demais, Cherry. — Reviro os olhos.

— E vocês são lentos demais. — Bufo. — Ali tem um lugar ótimo em frente ao lago, vamos — pede, parecendo animada.

Continuamos nosso caminho até o ponto em que Spencer para e aponta como o melhor lugar para ficarmos. Ela tem razão. Mesmo um pouco afastado da correria e barulho das crianças, esse é o ponto perfeito para observamos tanto a paisagem, quanto as pessoas que aqui estão. Spencer tira uma manta que está dentro da cesta e, provavelmente, foi por isso que ela demorou um pouco mais quando lhe pedi para arrumar a comida. Com a manta estendida sobre a grama, ajudo Mario a se sentar ali e empurro a cadeira de rodas para o lado. Sento-me, fazendo um ângulo de noventa graus com Mario e puxo Spencer para o meio das minhas pernas assim que ela tenta se sentar entre nós dois.

Os primeiros minutos são gastos silenciosamente por nós três.

Quando pigarreio para falar alguma coisa, lembro-me da notícia que tenho para dar para os dois. Aperto meus braços em torno da cintura de Spencer, sabendo que vou sentir muita falta de fazer isso pelos dias que ficarei em New York.

— Tenho algo para contar para vocês — anuncio, esfregando minhas mãos em cima da barriga da minha Cherry. Ela vira, fitando-me sobre o ombro esquerdo com o cenho franzido. Mario também vira para me encarar, então tento dividir minha atenção para os dois, mesmo que a minha vontade seja de ficar com os olhos vidrados em Spencer. — Na próxima semana eu tenho algumas reuniões em New York. Renovação anual de contrato com meu time, marcas e coisa do tipo. Vou ficar fora por alguns dias, então preciso que me mantenham informados de qualquer coisa.

— Quando você viaja? — Mario pergunta.

— Segunda-feira ao meio-dia — digo e ele assente.

— Por que não me disse isso antes? — Spencer pergunta, soando chateada.

— Fiquei sabendo recentemente, babe. Serão quatro dias lá e, se eu puder torná-los mais rápidos e agilizar com meus encontros, assim eu farei — explico, mas ela somente bufa.

— O que eu vou fazer aqui sem você? — sussurra baixíssimo, eu diria que para Mario não escutar.

— O que você sempre faz: manda em todo mundo — retruco, tentando provocar seu sorriso, mas ela reluta.

— Mas você é a única pessoa que me obedece, pirralho...

Aproximo meu rosto do seu e beijo seu maxilar.

— Então me ligue e, sempre que der, eu atenderei. Pode mandar em mim daqui e eu vou obedecer de lá. — Ela finalmente sorri. — Ainda temos chamadas de vídeo, Cherry. Estaremos separados, não mortos. Vamos voltar aos velhos tempos em que você me presenteava com belas fot...

Spencer vira de uma só vez e tapa a minha boca, gargalhando das lembranças que tento puxar para nós.

— Você nunca vai esquecer disso, não é mesmo? — pergunta, tirando as mãos de cima da minha boca para me deixar responder.

— Como eu poderia? — murmuro, passando minha língua entre os lábios com a lembrança das fotos de Spencer no auge de seus dezessete anos. Felizmente ela parece muito melhor agora. — Você precisa treinar belas poses para mim, eu imploro.

— Você me faz querer vomitar, Simon — dramatiza.

— Onde eu estou errando? Eu deveria fazer você ter vontade de pagar um b... — Ela volta a tapar minha boca, dessa vez com mais força.

— Cala a boca, meu pai está praticamente do nosso lado. — Suas bochechas queimam, enquanto tenta segurar o riso.

Nossa tarde não poderia ser melhor.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 40

Spencer Carter

“Simon, eu a...”

ROLO NA CAMA DE UM LADO PARA O OUTRO, ENQUANTO OBSERVO SIMON SAIR DO BANHO COM UMA TOALHA AO REDOR DE SEU QUADRIL. O final de semana foi tão calmo quanto o resto dos dias da semana. Nós ficamos o tempo todo ao lado do papai, entretendo-o e fazendo seus dias mais divertidos e menos monótonos. É óbvio que Simon foi quem mais divertiu meu pai, mas eu ao menos tentei. Ontem, domingo, eu fiz a sua mala reclamando como nunca reclamei antes. Ele ria de mim, me provocando incessantemente e me tirando do sério. Atirei roupas nele por muitas vezes, mas acabei tendo que arrumar tudo contragosto. De fato, não quero que Simon viaje. Pensei em sabotar sua viagem, mas ele tem obrigações a cumprir e eu tenho que entender que seu mundo não gira ao redor do meu.

De qualquer forma, estou inquieta e um pouco irritada.

— Vai ficar aí me encarando? — pergunta, puxando a toalha da cintura e enxugando o cabelo molhado.

Eu fico mais irritada ainda.

— Você quer que eu faça o quê?

— Venha me ajudar a ficar pronto...

Um sorriso cínico se espalha pelos lábios dele.

— Eu vou te enforcar com essa gravata e depois te amarrar nessa cama — ameaço, sabendo a roupa que separei para ele ir.

Simon vai sair do aeroporto e ir diretamente para um encontro com seu time, então tive que escolher algo mais social por seu próprio pedido.

— Você está muito agressiva, babe.

— Eu não quero mais saber de você. Vá embora de uma vez por todas,

Simon! — exclamo, ficando uma bagunça.

Eu não fazia ideia de que precisava tanto assim dele e estou me dando conta desse fato em um péssimo momento. Tento me cobrir com nosso lençol, que tem muito do seu cheiro, mas Simon me puxa pelo tornozelo esquerdo até ficar cara a cara comigo.

— Se eu pudesse, levaria você e Mario comigo, mas não é recomendado viagens desse tipo para ele. Então, ou você me dá um belo sorriso e para com esse humor afetado, ou eu cancelo e falto a todas as reuniões. Ficarei pobre, mas ficarei com você. — Algumas gotas de água caem do seu cabelo, fazendo um arrepio subir pela minha espinha tanto por conta da temperatura daquelas gotas idiotas, quanto pelas palavras de Simon. — Cinco segundos para escolher... — continua. — Um... dois... três... quatro... cinc...

— Tudo bem! — exclamo. — Você pode ir, eu não quero ser a sua ruína profissional.

— Que merda de escolha, Cherry. — Sela os nossos lábios, mordiscando meu lábio inferior como se estivesse me degustando. — Eu vou, mas vou com muito pesar.

— É melhor você se comportar por lá... — semicerro os olhos.

— Meu nome não é Tyler — assobia e sai de perto de mim antes que eu o acerte com um tapa no braço. Simon veste sua boxer preta, sorrindo abertamente. — Eu não resisti. Sinto muito, linda.

— Você não sente nada realmente — acuso.

— Não mesmo, mas estou fingindo por você. — Pisca um dos olhos para mim.

Reviro meus olhos e atiro sua calça social preta para ele. Simon pega a mesma no ar e continua se arrumando. É quase onze da manhã. Eu e o papai vamos levá-lo para o aeroporto em Los Angeles, o que soma vinte minutos de viagem. Gostaria que Simon fosse apenas à noite, assim passaríamos mais algumas horas juntos, mas, obviamente, como eu já disse, é impossível.

Quando Simon termina de se vestir por completo, com gravata e tudo, ele se senta na beirada da cama e eu me aproximo para secar mais um pouco seu cabelo e fazer uma trança. Me divirto penteando os fios loiros que

NACIONAIS-ACHERON

começam a passar da altura de seu ombro. Preciso ser sincera comigo mesma: além de transar com Simon, essa é a segunda melhor coisa que gosto de fazer com ele. Depois de pentear e prender seu cabelo, pondero se isso foi ou não uma boa ideia. Ele fica irresistível assim e eu não quero parecer uma cadela louca à distância. Não faz sentido e não combina comigo.

— Vamos? — indaga, levantando-se e oferecendo sua mão para mim.

Assinto, expulsando os pensamentos ruins da minha mente e me colocando de pé. Pego um casaco no guarda-roupas, terminando meu look “não-ligo-porra-nenhuma-para-o-que-você-pensa”. Meu cabelo está uma merda no topo da minha cabeça, meu jeans é dois números maior e o casaco é de Simon, ou seja, muito mais do que dois números maior. Calço uma sapatilha preta e pego minha carteira de cima da mesinha branca que fica ali do lado. Simon me espera na porta e eu logo me junto a ele. Saímos do quarto e achamos meu pai assistindo televisão. Ele também está abatido por Simon estar indo para New York pelos próximos dias, mas deixa isso menos explícito que eu.

— Vamos, Mario? — Simon pergunta e meu pai vira para nos fitar, assentindo prontamente. — Vocês precisam se cuidar enquanto não estou aqui. Só tenho vinte e quatro anos e não estou pronto para ficar louco. Estamos entendidos?

— Está ficando emocional, babe? — provoco Simon em um sussurro.

— Não como você — retruca e nós rimos.

— Vamos ou você vai se atrasar — papai entra na conversa, nos alertando da hora.

Meu pai toma a frente da situação e abre o caminho. Simon segura sua mala, arrastando-a e dando dois passos antes de virar-se para mim e estender sua mão. Reprimos meu sorriso e aceito, é claro, dessa forma nós seguimos atrás do papai e só paramos para eu trancar a porta do apartamento. Esse momento entre nós três é como um ritual. Todas as vezes que vamos sair, meu pai sempre vai na frente abrindo o caminho independentemente, enquanto Simon fala besteiras no meu ouvido e insinua um monte de sacanagem. Hoje ele não está tão falante como sempre fica, provavelmente por causa de sua viagem e eu acho que é melhor assim.

Três minutos mais tarde, depois de pegarmos o elevador, chegamos ao carro. Simon ajuda o papai a entrar no banco traseiro e eu arrasto a cadeira de rodas para colocá-la no porta-malas, voltando e pegando a mala de Simon para dar-lhe o mesmo destino. Assim que fecho o porta-malas, Simon fecha a porta e me encara. Passo por ele e pego a chave do carro da sua mão, assumindo a posição de motorista dessa vez.



SIMON SE DESPEDE DO MEU PAI COM UM ABRAÇO, ONDE OS DOIS TROCAM ALGUMAS PALAVRAS ANTES DO LOIRO VIRAR-SE PARA MIM. Endireitando seu corpo, Simon me encara e eu me aproximo inevitavelmente por fim. Ele me recebe em seus braços e me tira do chão, enquanto aperto ao redor do seu pescoço e enfio meu rosto naquele vão cheiroso. Ficamos dessa forma até eu afastar um pouco para selar nossos lábios. Despejo curtos e rápidos beijos, provocando sua risada e fazendo Simon apertar ainda mais os braços em minha cintura. Descanso a testa na sua e respiro fundo, me sentindo levemente cansada.

— Boa sorte por lá... — digo.

— Vou precisar. Ficar tanto tempo longe de você é desafiador.

— Você ficou sete anos fora, alguns dias vai ser brincadeira de criança para você. — Simon recua e eu lhe envio um sorriso.

— Eu era um idiota e você não era minha namorada. Agora temos um caso sério aqui, babe — orgulhosamente afirma.

— Você soa terrivelmente fofo falando do nosso “caso”. — Meu sorriso alarga, assustando-me com a facilidade que ele está me fazendo sorrir sem fazer quase nada.

— Espere até hoje à noite, quando vou ligar para você e murmurar coisas que você nunca imaginaria...

Arqueio a sobancelha e ele me beija rapidamente.

— Eu vou esperar ansiosa por sua ligação.

— É melhor esperar m... — A voz da mulher anunciando a última chamada para os passageiros do voo para New York interrompe Simon. — Preciso ir. — Bufo.

— Melhor ir antes que eu realmente te obrigue a ficar. — Seguro seus braços, forçando-o a me soltar.

— E é melhor você se divertir com Mario enquanto eu estiver fora. Não quero receber nenhuma reclamação do seu pai — alerta e eu não consigo segurar a gargalhada que coça em minha garganta.

— Onde escutou isso, Simon? — indago.

— Minha mãe e meu pai. Quando eles iam me deixar na escola com Pearl, os dois costumavam paparicar a bonequinha favorita e falar para mim que não queriam receber nenhuma ligação ou reclamação de mal comportamento. Eu era o próprio pequeno diabo. — Sorri de volta.

Na ponta dos pés, dou um último beijo em Simon e o empurro para que ele possa seguir seu caminho.

— Boa viagem, grande diabo.

Simon sorri sobre o ombro e acena uma última vez para mim e para o papai. Vou calmamente até meu pai e coloco-me atrás dele. Nós dois observamos Simon sumir no meio da multidão de pessoas tão apressadas quanto ele e finalmente, estamos sozinhos, assim como no início de tudo.

— Eu e você, agora — digo, começando a empurrar sua cadeira para nos dirigir até a saída. Papai me olha por cima do ombro e sorri de lado. — Vai me dedurar para o Simon? — provoco.

Nós dois rimos.

— Se me encarar daquele jeito estranho, sim — replica, sincero.

Solto um gemido, frustrada com sua resposta.

— Eu devo ser cuidadosa então...

— Você não consegue ser cuidadosa quando está preocupada.

— Meu erro, perdoe-me. — Sorrio.

— Não precisa pedir perdão, eu a entendo, apesar de tudo. Só vamos nos divertir um pouco e esquecer dos problemas. Eu estou bem e quero um tempo em paz com você, certo?

— Certo, pai.



MEU CELULAR TREME LOGO AO MEU LADO E EU O AGARRO EM QUESTÃO DE SEGUNDOS. Parece desespero, mas é isso mesmo, exatamente isso que estou sentindo: desespero. O nome de Simon brilha na tela e meu coração acelera, rasgando em meu peito de forma desgovernada, mas que condiz com meu estado de excitação por tê-lo me ligando.

Depois que eu e o papai deixamos o aeroporto, voltamos para o apartamento e ficamos horas na sala de estar. Assistimos a muitos e muitos jogos de Simon e, dessa vez, navegamos por sua primeira temporada na NFL. Foi muito interessante e engraçado vê-lo logo no começo de sua carreira profissional como jogador de futebol americano. Vi naquela tela o garoto ambicioso que me deixou para trás por causa de uma coisa um tanto estúpida e o comparei imediatamente com o homem que agora possui minha alma, no sentido quase que literal da palavra. São duas pessoas diferentes: uma que eu amei em meio a raiva e desejo cru e carnal e outra que eu amo ainda um pouco em meio a raiva, já que até hoje ele não para de me irritar e muito mais do que apenas em desejo cru e carnal.

— Ei, babe — resmunga no momento em que eu atendo. Sua voz está arrastada e a língua pesada. Simon bebeu, mas isso não me irrita de verdade... pelo menos eu digo para mim que não. — Porra... — Escuto ele praguejar e o som de uma garrafa caindo me faz rir.

— Onde você está? — pergunto de volta.

— Em um lugar que eu queria que você estivesse também — grunhe.
— O que você está fazendo, Cherry?

— Estou sentada na cama, fazendo nada.

— Gostaria que estivesse sentada aqui...

— Aí? — indago com o cenho franzido.

— Sim... aqui... na minha cara...

Uma gargalhada escapa com força e eu tenho que me deitar na cama para segurar minha barriga, enquanto não consigo parar de rir do que Simon acabou de falar. Escuto sua risada bêbada do outro lado e ele não tarda para me interromper.

— Eu estava falando sério, babe.

Recupero meu fôlego e limpo a garganta para respondê-lo sobriamente.

— Você está bêbado, Simon. Às vezes o avião não sobe por conta da bebida...

— Espera aí — ele me interrompe.

— O quê?

— Você chamou o meu pau de avião ou eu passei dos limites com a porra da bebida?

Solto uma risada fraca, arrastando meu corpo pela cama até me enrolar completamente no lado que ele dorme.

— Infelizmente eu chamei...

— Porra, Spencer — pragueja. — Quando eu pensei em ligar para você, imaginava que fôssemos falar muita, mas muita putaria. Porém você me broxou de uma forma espetacular.

— Eu devo me desculpar ou posso rir da sua cara? — provoco.

— Você vai se desculpar quando eu voltar, não se preocupe com isso — provoca de volta, assim como o esperado, afinal, é Simon e eu, se não ficarmos nesse jogo de gato e rato, perderemos nossa essência.

Nos calamos por breves segundos até eu voltar a falar.

— Você bebeu?

É claro que eu sei a resposta.

— Um pouco — retruca, divertido. — Me convenceram a ir

comemorar com os caras depois do nosso encontro e acabei bebendo uma ou duas...

— Talvez vinte?

Simon ri do outro lado e eu o acompanho.

— Talvez mais que vinte, só que não foi o suficiente para fazer eu esquecer o seu número.

— Isso soa bem, Simon Wyatt.

Escuto sua respiração pesada do outro lado da linha.

— Eu já sinto sua falta — resmunga.

— Eu sinto sua falta desde que falou que teria que viajar.

— Você só fala isso quando eu estou longe... — comenta. — Tem algo a mais para me dizer?

Mesmo ele não estando aqui, minhas bochechas queimam e eu afundo ainda mais na cama como uma tola forma de proteção.

— Simon, eu a...

A chamada cai.

Eu não acredito.

Afasto o celular da minha orelha e começo a ligar para Simon sem parar. Caio na caixa-postal de Simon, mas não deixo nenhum recado.

Das duas umas: ele capotou na cama ou o celular descarregou.

Desisto de tentar entrar em contato com ele e acabo caindo no sono. Algum dia as estrelas vão se alinhar e finalmente o “Eu te amo” será ouvido tanto por ele, quanto por mim.

Até lá, a porcaria o Universo pode conspirar contra nós.

Capítulo 41

Simon Wyatt

“O meu tudo...”

LEVANTO MINHA CABEÇA E ESFREGO OS MEUS OLHOS, SENTINDO O MEU CORPO PESAR COMO CHUMBO. Eu definitivamente não deveria ter bebido tanto assim na noite passada. Tem sido um longo, longo tempo que não tenho uma ressaca e acho que acabei me acostumando a parte “saudável” da vida. Empurro meu corpo para cima com dificuldade de sentar na cama da forma correta. Porra, eu sou muito burro. Praguejo todos os nomes de santos que passam por minha mente e isso me alivia. Infelizmente, estando longe de Mario e Spencer, eu finalmente senti o peso da situação que estamos passando. É muito. É intenso. Eu não sei se suportaria algo desse tipo se não fosse por Spencer. Não sou capaz de deixá-la quebrar sozinha. Merda, isso é impossível para mim. De jeito nenhum e em nenhuma circunstância eu a deixarei.

Observo meu celular caído no chão em meio ao líquido transparente da bebida que eu deixei cair. Pego o aparelho e enxugo na minha calça, apertando o botão solitário e percebendo que ele ainda funciona. Um pouco de bebida não faz mal a ninguém, meu celular é um bom iniciante nesse meio. O nome de Spencer está ali, indicando as duas ligações perdidas e uma mensagem não lida. Abro sua mensagem e solto um sorriso ladino, porque eu sei que esse é o seu lado carinhoso falando mais alto.

“O que diabos aconteceu?

Você capotou, Simon? Eu definitivamente te odeio.

Spencer.”

Coloco meus dedos para funcionar e preparo minha resposta.

“Língua inteligente demais, eu vou me lembrar de colocá-la para trabalhar quando estiver de volta para você. Eu capotei... apenas um pouco. Foi o efeito da bebida e da saudade de você. Aliás, coloque de uma vez por todas em sua cabeça que

você não me odeia. Você me adora, babe.

Seu Simon.”

Não espero por sua resposta. Deixo meu corpo cair de volta na cama enquanto levo o celular até minha orelha. Em quatro toques Spencer atende, soando mal-humorada como nunca.

— O que você quer? — atira sem nem me deixar abrir a boca.

— Dizer bom dia — jogo, ainda esfregando os meus olhos.

— Você sabe que horas são?

Afasto o celular para fitar o horário e retorno para lhe responder.

— Nove da manhã. Hora de acordar, Cherry.

— Nove da manhã para você! — exclama e eu volto a afastar o celular, dessa vez para me proteger da sua fúria. — São seis horas da manhã para mim, seu imbecil! — continua.

Porra. Eu esqueci desse detalhe.

— Eu sinto muito — murmuro, segurando o riso que ameaça escapar por minha boca.

— Eu odeio você. Eu odeio mesmo.

— Não, você não me odeia.

Escuto seu suspiro do outro lado.

— Por que está tão longe? Eu desejo poder bater em você e depois te beijar. Isso não é normal e você, para piorar, está longe demais para eu satisfazer meu desejo raivoso — reclama.

— Mais quatro dias e eu estarei de volta para você. Paciência é uma virtude para poucos — digo e Spencer repete, zombando de mim.

— Fala, fala, fala e no final ficará pior do que eu. Eu aposto que você vai pedir uma foto minha em menos de dois dias e eu estarei pronta para negar — ralha.

— Você aposta? Tem certeza?

— Absoluta.

— Eu tenho muita força de vontade quando quero — digo. Afasto o

celular e aperto para começarmos uma chamada de vídeo. Escuto a reclamação de Spencer, mas, eventualmente, ela aceita. — Olhe essa beleza... — resmungo assim que bato meus olhos em cima dela.

— Eu estou horripilante — cospe, remexendo-se na nossa cama.

Spencer está enrolada nos nossos lençóis e deixa o celular de forma que apareça apenas o seu rosto um pouco inchado por conta dela ter acabado de acordar. Seus lábios estão avermelhados demais, fazendo-me pensar que eu daria tudo para ter acesso a esses lindos lábios neste exato momento.

— Como foi sua noite? — questiono.

— Depois de você ter capotado? — provoca e eu reviro os olhos. — Eu dormi, o que mais eu poderia fazer?

— Sinto muito — volto a repetir sem segurar o meu riso.

— Você tem alguma reunião agora? — pergunta.

— Infelizmente sim... — falo, contrariado. — Patrocinadores me deixarão fora do ar por todo resto de manhã e tarde...

— É melhor você ir, então. Quero cochilar antes de levantar de vez. — Suspira.

— Estou indo — digo, mas sem nenhuma vontade de realmente deixar Spencer. Ela está tão bonita, mesmo que esteja longe. — Adoro você, babe.

— Adoro você, Simon.

Spencer sorri de lado, fechando os olhos e parecendo relaxar de vez na nossa cama. Ela desliga a chamada e eu encaro a tela preta do meu celular. Merda de distância.

Eu vou fazer tudo que tenho que fazer e tentar voltar mais cedo para casa.



JOGADO NO SOFÁ DO MEU APARTAMENTO, DISCUTO COM JONATHAN E LOWELL SOBRE NOSSOS PASSES MALFEITOS QUE PASSAM DIANTE DE NÓS. Eu e o time ficamos na reunião por horas, depois cada um teve seu momento particular com os representantes das marcas que nos patrocinam. Fechei mais contratos, ainda mais do que na temporada passada. Dinheiro parece que vai inundar a minha conta bancária e eu fico demasiadamente feliz por isso, pois foi apenas por esse motivo que eu deixei Spencer e Mario por conta própria em Long Beach. Encaro os meus colegas de time ao pensar na minha cidade e tenho uma ideia. Talvez nada brilhante, mas ela precisa ser discutida.

— Caras... — digo, chamando a atenção deles. Ambos assentem e eu tomo isso como uma deixa para continuar. — O pai da minha namorada está doente e...

— Aquela gostosa da premiação era sua namorada? — Jonathan me interrompe e eu semicerro os olhos em sua direção.

— Sim, aquela gostosa é minha namorada. — Um grunhido escapa da minha boca sem permissão.

Jonathan e Lowell começam a rir da minha reação e eu respiro fundo para não perder a cabeça.

— Calma, cara. Eu estava só comentando...

— Não comente — cuspo. — Continuando... O pai da minha namorada está doente e ele é muito fã de futebol. Ele está impossibilitado de viajar para assistir jogos em outros lugares e coisa do tipo, mesmo assim, ele não vai ter tempo para isso. Vou organizar um jogo no próximo mês e conto com a ajuda de vocês. Vamos jogar entre amigos, mas vamos levar a ele um verdadeiro jogo de futebol americano.

— O que ele tem? — Lowell pergunta tomando um gole de sua cerveja.

— Câncer, último estágio.

A resposta queima minha língua.

Observo os dois engolirem a seco e respiro fundo. O que eu fiz não foi bem um pedido, pois nem sei como fazer um pedido, mas espero que eles aceitem o que eu praticamente inquiri.

— Pode contar comigo para o jogo, eu nem vou estar fazendo nada mês que vem — Jonathan afirma de cara.

— Comigo também. Preciso conhecer esse cara e a sua namorada — provoca, fazendo-me revirar os olhos. — Você vai chamar os outros caras também? — questiona.

— Sim, preciso de dois times completos. — Bebo um pouco da minha cerveja e limpo a garganta com um pigarro. — Estou achando o lugar para que o jogo aconteça. Tem que ser algo em Los Angeles ou Long Beach, nada muito distante.

— Você não estudou em Long Beach? — Lowell pergunta e eu assinto. — Pode ver se sua escola libera um espaço. É mais fácil do que tentar conseguir um estádio em Los Angeles.

Ele está certo.

— Vou deixar isso em mente para organizar quando voltar para a minha cidade.

Meu celular começa a tocar e eu o agarro na mesma hora, vendo o nome de Spencer piscar na tela com uma foto sua que tirei nos últimos dias sem que ela percebesse. Spencer estava fazendo uma torta de chocolate, aliás, foi uma das melhores que eu já comi, então ela pegou algumas cerejas e começou a enfeitar sua obra de arte comestível. Ela sorria sozinha olhando para as cerejas e eu quis sorrir junto dela, mas ao invés disso, apenas puxei meu celular e tirei a foto perfeita no momento perfeito.

— Eu já volto. — Levanto-me e sigo para a sacada.

Deslizo o dedo sobre a tela e atendo a chamada de Spencer.

— Ei, babe.

— Babe... — sussurra de volta.

— Tudo bem? — Minha testa franze instantaneamente.

— Não sei — retruca. — Meu corpo está doendo e o papai cuidou de mim o dia todo, não o contrário — lamenta, deixando-me preocupado.

— O que está havendo? Você foi ao médico?

— Não... — informa. — Eu só fiquei deitada. Pearl apareceu com Seth

e Christian, então eles nos fizeram companhia na maior parte do dia e conseguiram me entreter o suficiente para eu não ligar para você, mesmo eu sabendo que isso iria acontecer alguma hora. Acho que estou ficando resfriada. Nada para quieto no meu estômago.

— Você já tomou algum remédio?

Spencer bufa.

— Eu não gosto de remédios.

— Mas você está se sentindo doente, Spencer — digo, soando mais duro que o esperado, mas o que diabos eu posso fazer? Estamos muito longe um do outro e ela está doente. Não tem como eu não me preocupar. — Tome alguma coisa — peço.

— Não. — Suspira. — Não acho que vá melhorar de qualquer forma, apenas continue falando comigo. Me conte sobre o seu dia, por favor.

Deixo a minha garrafa em cima da mesa ao lado e respiro fundo, passando a mão livre por meu cabelo e tentando parecer normal.

— Fechei contratos como o esperado, alguns a mais do que temporada passada, provavelmente por mais um título de melhor quarterback — começo, escutando sua risada do outro lado.

— Estou orgulhosa de você.

Contragosto, acabo sorrindo.

— Se eu falar que venci meus demônios por todos esses anos apenas por sua causa ficará forçado demais? — indago e a risada de Spencer vem mais forte.

— Muito, mas eu vou achar bonitinho. Você realmente fez isso? — questiona, divertida.

Dou de ombros, como se ela pudesse me ver.

— Mesmo com raiva, não teve um dia sequer que eu não pensei “eu ainda vou ser o melhor para Spencer e vou dar do melhor para ela”.

— Babe — ronrona. — Por que você sempre fala coisas fofas quando está longe de mim?

— Porque você nunca me pergunta isso quando estamos cara a cara.

Fica intimidada, Cherry?

— Bom, você me intimida às vezes, mas não até esse ponto.

— E eu a intimido até que ponto? — indago.

— Até o ponto de me fazer abrir as pernas com apenas um olhar...

Dois segundos se passam até nós dois rirmos.

— Vou intimidar você ainda mais a partir de hoje — concluo.

— Eu nem sei por que ainda te digo minhas fraquezas. Você sempre as usa contra mim, Simon. Isso não é nada justo.

— Eu apenas te incito a falar comigo, isso não tem nada a ver, babe.

— Mostre-me suas fraquezas também...

— Olhe-se no espelho e verá — digo.

Spencer fica calada e respira abruptamente, como se tivesse acabado de descobrir o mundo.

— Eu sou a sua fraqueza, Simon? — indaga.

— A única e a maior delas. — Coço meu queixo, observando a noite movimentada de New York daqui de cima. — Não sei realmente o que faria sem você e eu digo isso no sentido mais extremo da palavra. Parece doente, mas eu tenho essa coisa forte por você. Te perder fisicamente seria a pior dor do mundo. Te perder mentalmente não seria menos massacrante. — Engulo a seco o caroço que se forma em minha garganta. — Talvez as coisas compliquem, Spencer, mas nunca deixe de se comunicar comigo. Isso só funciona quando os dois ouvem e eu quero escutar cada sussurro seu direcionado a mim. Quero que me diga o que está sentindo, mesmo que seja a coisa mais boba do mundo.

— Eu tenho algo para te dizer, Simon.

— Então diga.

— Também tenho essa coisa forte por você. Me sinto de maneira cada vez mais semelhante com tudo que você me diz. Eu não gostaria de me atrever a colocar em apenas uma palavra o que eu sinto por você. Se algum dia eu tiver coragem de fazer isso, quero fazer olhando nos seus olhos, pois eles são o meu porto mais seguro nessa Terra.

NACIONAIS-ACHERON

— Você é o meu porto-seguro, Cherry. Meu sopro de vida, o alicerce que me faz levantar e ficar de pé cada dia. Você é tudo.

— Você é tudo, também. Mal posso esperar para te ter de volta aqui — diz, mesmo com a voz embargada como o inferno.

— Descanse mais um pouco, babe. Pode me ligar assim que acordar — instruo.

— Tudo bem, eu vou dormir mais um pouco.

— Boa noite, Cherry.

— Boa noite, pirralho.

Finalizo nossa chamada e fico encarando o celular assim como fiquei hoje pela manhã. Eu amo Spencer e mal posso esperar até ter a chance perfeita de dizer isso a ela.

Capítulo 42

Spencer Carter

“Boas-vindas...”

DOU UM PULO DA MINHA CAMA, MAIS ANIMADA DO QUE QUALQUER DIA QUE TIVE A CHANCE DE VIVER. Hoje Simon estará de volta para casa. Segundo o próprio, as reuniões foram adiantadas e ele conseguiu encaixar-se no primeiro voo com destino à Los Angeles. Pearl e sua mãe inventaram de fazer uma “festa de boas-vindas” para Simon, dessa forma eu estou impossibilitada de recebê-lo no aeroporto. Quem vai receber Simon, é Seth. Eu daria de tudo para ver sua reação ao perceber que é Seth que estará no aeroporto para buscá-lo, mas vou ter que deixar essa passar. Simon pode ficar um pouco irritado, ainda mais por não gostar tanto assim de todo esse carinho gratuito, mas ele vai ter que se acostumar, principalmente quando o carinho que ele recebe vem de sua família.

Encaminho-me para o nosso banheiro e não demoro nem dez minutos ali dentro. Tudo que eu faço é em tempo recorde. De dentes escovados, corpo e cabelo lavado, volto para o quarto enrolada em uma toalha. Quando Simon me disse ontem que ele estaria de volta hoje, saí com o papai e parei no primeiro brechó para comprar um vestido novo — ou quase isso. Tem grande chance de Simon surtar quando descobrir que eu fiz isso, mas eu não pude evitar. São anos e anos comprando roupas usadas, mas isso nunca me incomodou de verdade, tanto que eu amei o vestido verde que comprei para essa ocasião especial. É simples, desce até metade das minhas pernas e é livre de alças. O corte definitivamente favorece o meu corpo.

Sem mais delongas, visto uma lingerie preta e o meu vestido verde, revendo a beleza da peça em frente ao espelho. Termino de me arrumar e penteio o meu cabelo, calçando uma sandália de dedo antes de sair do quarto. Quando entro na sala de estar, acho o papai sentado e falando com alguém ao celular. Assim que bota os olhos em cima de mim, ele acena para eu me aproximar e desliga a chamada.

— Estava falando com quem? — pergunto, curiosa demais para o meu próprio bem.

— Seth. Ele disse que Cassie, Pearl e Alexa estão vindo para cá com as crianças. Ele e Sculler vão sair e de lá buscarão Simon no aeroporto às seis.

— Ah, sim... — resmungo, mexendo inquietamente no meu cabelo.

— Você está bem? — questiona.

Solto um sorriso meio nervoso, torcendo as pontas molhadas do meu cabelo e dando de ombros.

— Eu estou ansiosa. — Papai ri. — É sério, pai. Eu estou realmente ansiosa. Parece que não nos vemos há meses... isso é absurdamente estranho.

— Eu também estou ansioso, mas é óbvio que não se compara com a sua ansiedade — diz, estreitando o olhar para mim e eu acabo sorrindo ainda mais nervosa que antes. — Simon é família, então é normal sentir saudade.

— Eu sei... — Suspiro.

— Não fique nervosa — Papai pede e eu apenas dou de ombros.

— Tenho que ocupar minha mente nas próximas duas horas. Farei nosso café-da-manhã agora... quer me ajudar? — Sorrio em sua direção.

Estou fazendo exatamente o que meu pai quer: agir normalmente ao seu redor e tratá-lo sem nenhuma restrição.

— Será que eu posso ficar por aqui mesmo?

— Não sei não... — brinco. — Tudo bem, eu volto daqui a pouco.

Papai acena e eu me levanto, tomando isso como uma deixa e seguindo para começar a fazer tudo que eu preciso fazer.



O CAFÉ-DA-MANHÃ FOI BEM CALMO.

NACIONAIS-ACHERON

Eu e o papai conversamos sobre muitas e diversas coisas, enquanto assistíamos ao canal de esporte que falava de algum jogo de basquete que ocorreu na noite passada. Pearl, Cassie e a Sra. Wyatt chegaram uma hora mais tarde. As duas mulheres grávidas mais lindas do mundo ficaram preguiçosas no sofá até a hora do almoço, ambas reclamando de dores na coluna e pés inchados. Sem dúvida nenhuma, os pés de Pearl e Cassie estavam inchados. Sra. Wyatt e eu fizemos o almoço juntas e ela me ensinou até mesmo alguns truques, enquanto conversávamos sobre Simon.

No momento são quase três horas da tarde. Terminamos de comer a sobremesa nesse instante, diferente de Christian e Ryle, que desabaram abraçados sobre a mesa de centro e estão dormindo lá há pelo menos cinco minutos.

— Isso aqui estava muito bom — Pearl exclama, soltando um gemido de satisfação.

— Eu concordo com você. Quero o passo-a-passo dessa receita para fazer sempre. Mousse de limão é a melhor coisa do mundo. — Imito o som que Pearl soltou e nós duas acabamos rindo.

— Simon ama mousse de limão — Sra. Wyatt pontua.

Eu a fito com um olhar cheio de compaixão, enquanto ela mexe no fundo de sua taça com os olhos fixos ali dentro.

— Não comece a chorar, mamãe. Eu estou grávida, vou acabar chorando também — Pearl pede e nós rimos.

Observo meu pai, que parece estar se divertindo tanto quanto eu.

— Eu não vou chorar — Sra. Wyatt diz, sorrindo de lado. — Só sinto falta de Simon, você sabe que sim.

— Bom, Simon estará de volta mais tarde, então fique tranquila quanto a isso. Em breve todas nós sufocaremos ele com um milhão de abraços e beijos.

— Isso pode não ser uma boa ideia. — Não prendo o riso que faz cócegas em minha garganta.

— Eu vou ameaçá-lo com essa coisa de desejos de grávida. Sempre funciona. Até mesmo com Seth funciona... — Pearl balança os ombros, como

se tivesse achado a solução perfeita para a situação.

— Seth é seu marido, anjinho. Tenho certeza que ele prefere raspar a cabeça do que ter um filho nascendo com cara de algum desejo louco que você tem. — Seguro um dos cachos curtos de Pearl, chamando sua atenção completamente. — E, você sabe que isso é só superstição, não é mesmo?

— Eu sei... — sussurra. — Mas é bom não deixar os homens saberem disso. É maravilhoso tê-los em nossas mãos por pelo menos nove meses.

— Seth está sempre nas suas mãos, querida... — Cassie diz entre risos e eu aceno positivamente, concordando com ela.

— Com Sculler não é diferente... — Pearl faz um bico e eu reviro os olhos.

— É melhor deixarmos essa conversa um pouco de lado e começarmos a arrumar as coisas por aqui, não acham? — indago e as três concordam.

— Você e Pearl vão buscar a torta que eu encomendei em Los Angeles. Eu, Cassie e Mario ficaremos por aqui e colocaremos os dois na cama. — Sra. Wyatt aponta para Christian e Ryle. — Temos três horas para deixar isso aqui com cara de festa de boas-vindas.

— Ah, não se preocupe, mamãe. Christian e Ryle fizeram um monte de desenhos hoje mais cedo e nós colamos em forma de cartaz. Quando o papai chegar ele disse que vai nos ajudar a arrumar junto da faixa — Pearl informa e eu mexo-me inquieta, ansiosa para ver o cartaz que as crianças fizeram. Sem dúvida alguma, Simon vai amar.

— Então vamos! — Sra. Wyatt exclama, dando um choque de adrenalina em nós.



PEARL E EU ACABAMOS DE CHEGAR EM LOS ANGELES E POR
COINCIDÊNCIA NENHUMA, SETH E SCULLER ESTÃO EM FRENTE
NACIONAIS-ACHERON

A LOJA QUE SRA. WYATT NOS INDICOU COMO SENDO O LUGAR QUE ELA HAVIA ENCOMENDADO A TORTA. Estaciono o carro atrás do carro de Seth e saio com Pearl. O casal se cumprimenta com um beijo e apenas aceno para Seth e Sculler com a cabeça.

— E então, animada para rever o seu pirralho? — Seth provoca, fazendo-me revirar os olhos e cruzar os braços.

— Você tem muita sorte que eu passei a gostar de você, caso contrário falaria isso para Simon e ele ficaria uma fera — ameaço abertamente, fazendo os três rirem. — Ele ainda não te engole muito bem e você deveria me agradecer por pintar sua imagem nova para ele.

Finjo olhar minhas unhas malfeitas, enquanto escuto Sculler ralar Seth.

— Devo gravar a cara do seu namorado quando ele perceber que quem foi buscá-lo foi eu e não você? — Seth continua.

— Se você tem um aparelho extra, sim. — Solto uma risada nada discreta.

— Eu sei, eu sei. Ele acabaria com meu celular. — Revira os olhos.

— Parece que alguém aqui aprende rápido — afirmo, ironicamente.

— Vamos entrar? Eu acho que vou querer um pouco de bolo e sorvete antes de voltarmos... — Pearl interrompe nossa pseudo-discussão com um desejo disfarçado.

— Chocolate ou baunilha? — Seth pergunta, como se estivessem discutindo um assunto interno.

Pearl sorri para ele, os olhos brilhando como nunca.

— Eu sou uma mulher de baunilha, não se faça de desentendido.

— Eu sou um homem de chocolate, mas você sempre pode provar um pouco do meu — retruca.

— Eu vou vomitar em cima de vocês se não saírem da minha frente — anuncio, realmente sentindo minha barriga revirar.

Um par de dias antes de Simon viajar eu comecei a sentir essas coisas estranhas. Não estou ligando tanto, só espero que passe logo, senão ele com

certeza vai me levar ao hospital e eu simplesmente odeio hospitais.

— Você quer um pedaço de torta também, Spencer? — Seth pergunta, acordando-me do meu curto devaneio e só então percebo que já estamos dentro da loja.

— Sim, com cobertura de cereja.

Ele acena para mim e eu solto um sorriso involuntário.

Cereja.

— Tudo bem? — Sculler pergunta e meu sorriso cresce um pouco mais.

— Tudo ótimo e com você?

Tenho certeza que Sculler deve achar que eu estou muito louca nesse momento, mas o que eu posso fazer se tudo que me lembra Simon me faz sorrir?

— Bem... — Fita-me desconfiado.

— Você gosta de ser pai? Como você e Cassie chegaram a decisão de adotar uma criança? — Disparo e em seguida tapo minha boca. — Me desculpa, eu não quis... eu só...

— Tudo bem... — Sculler ri, enquanto nós caminhamos até a mesa mais próxima e Seth e Pearl continuam em frente ao balcão para fazer nosso pedido. — Eu sempre quis ser pai — começa. — Quando eu e Cassie nos casamos e resolvemos que gostaríamos de deixar descendentes — Sculler puxa a cadeira e espera eu me sentar para tomar um lugar ao meu lado —, ela disse que seria difícil de engravidar em sua idade. Concordamos em tentar e tentamos muito. Foi realmente difícil, estávamos perdendo a nossa esperança, mas então apareceu Ryle. Fizemos uma visita somente para ver como era o espaço desse orfanato que há em Long Beach para, caso algo não saísse como nossos planos, tivéssemos o plano B. De qualquer forma, Ryle estava lá. Recém-nascida, pequena, frágil. Eu a amei desde o momento em que coloquei os olhos nela, o mesmo foi com Cassie. Depois que adotamos Ryle, continuamos tentando e felizmente recebi a notícia meses atrás de que Cassie estava grávida.

— Vocês já conversaram com ela... sei lá... sobre isso?

Sculler engole a seco e nega.

— Não é a hora certa e para ser sincero, eu não sei se vai ter uma hora certa. Ryle é parte de mim e de Cassie. Ela pode não ter o nosso sangue, mas ela tem o nosso coração e isso não tem preço, isso sempre fala mais alto. Eu amo Ryle e ela é minha filha. Não terá diferenças entre ela e o meu menino, nunca haverá diferenças.

Suspiro, observando-o atentamente.

Sculler está certo.

Ryle é sua filha e de Cassie nada nunca vai mudar isso. Esse é um assunto delicado que precisa ser abordado no momento certo e particularmente eu não acho que esse é o momento certo para uma criança com quase dois anos saber de algo com tamanha carga emocional. Posso estar errada e, provavelmente, estou errada, mas essa é a minha opinião.

— Vocês vão se sair bem, eu sei que sim. — Envio-lhe um sorriso e ele acena, sorrindo de lado.

Pearl e Seth chegam, cada um com uma bandeja e não demora muito para começarmos a comer e conversar sobre um assunto mais leve antes de voltarmos aos nossos afazeres.



PERDEMOS A HORA, LITERALMENTE. Depois de tanta conversa com Seth e Sculler, eu e Pearl perdemos a hora de voltar para casa. Eu dirigi feito uma louca às quatro e meia, enquanto Pearl gritava para eu ir mais devagar, senão a torta cairia. Bom, infelizmente a torta caiu. Realmente caiu. Mas não dentro do carro. Quando eu e Pearl saímos do carro, fui pegar a torta dos seus braços e simplesmente a deixei cair. Sim, simples assim. Depois disso tudo começou a dar errado. Saí sozinha para comprar outra torta, dessa vez uma torta qualquer e não encomendada, mas parece que Long Beach toda resolveu se alimentar disso nesse dia. Nenhuma loja tinha tortas preparadas e eu

NACIONAIS-ACHERON

comecei a ficar desesperada. Estraguei a festa de boas-vindas de Simon de forma estúpida e burra. Sem mais nenhuma saída, recorri ao meu último plano: fazer eu mesma uma torta.

Dirigi até o supermercado mais próximo e comprei tudo que seria necessário para uma torta e segui de volta para o apartamento. Quando cheguei, já passava das cinco e meia. Simon provavelmente chegaria em mais uma hora e com muita sorte, mas muita sorte mesmo, a massa assaria a tempo. Entrei no apartamento e tudo já estava pronto, todos a postos e eu com dois sacos nos braços e um sorriso amarelo na boca. Sra. Wyatt, Cassie e Pearl se ofereceram para me ajudar, mas orgulhosa e educadamente neguei sua ajuda. Esse trabalho vai ser meu. Os primeiros minutos que se sucederam eu tive que parar e respirar fundo. Amarrei o cabelo e comecei a trabalhar assim que consegui controlar meu impulso de jogar tudo para o alto.

Bati a massa e segui todos os passos para a torta perfeita, mas agora, no último momento, desandou. Como eu serviria algo daquele tipo para Simon ou seus pais? A massa caiu toda em cima de mim num surto de raiva e nem mesmo o barulho na sala de estar me tirou o foco do que acaba de acontecer: fracassei.

— Inferno... — rosno entre dentes, tão cansada que começo a escorregar até o chão.

Na metade do caminho, sou parada. Meu corpo reage imediatamente e a minha respiração acelera, deixando-me ofegante em questão de segundos.

— Cherry.

Meu coração derrete e o meu corpo amolece sem minha permissão. Tento criar coragem para levantar o rosto e fitar Simon, mas estou atacada e seriamente envergonhada. Sinto a ponta do seu nariz desenhar a pele do meu pescoço, enquanto ele inspira meu cheiro e lança milhares de borboletas por meu estômago. O frio na barriga some, dando lugar ao calor que começa a nos cercar.

— Pirralho... — miseravelmente choramingo.

— O que há? Por que você está na cozinha? — indaga, salpicando beijos por toda extensão do meu pescoço até parar no lóbulo da minha orelha. — Que merda está havendo? — murmura.

Com as bochechas em chamas, viro-me para ele com dificuldade e o encaro. Fôlego escapa de meus pulmões, porque Simon parece tão bem. É injusto alguém exibir tal aparência depois de uma cansativa viagem. Seu cabelo loiro está jogado despretentiosamente para o lado, completamente desgrenhado e bagunçado, como se ele tivesse corrido os dedos por ali diversas vezes antes de chegar aqui. Curiosamente, Simon está exatamente como saiu daqui, o que me faz cogitar a ideia de que ele saiu direto de uma reunião para o aeroporto. Sorte a minha, porque Simon de terno é mais ilegal do que toda sua aparência.

— O gato comeu sua língua? — continua.

Coloco as minhas mãos sobre os seus ombros, alisando-os por cima da camisa e descendo por seus braços.

— Spencer, fala comigo...

— Eu estraguei a sua torta — interrompo-o, suspirando seguidamente ao lembrar de tudo que aconteceu até eu chegar a esse ponto. — Fui buscar com Pearl e apenas deixei cair. Depois procurei por todos os lugares, mas não consegui achar nada. Então, resolvi eu mesma fazer uma torta para você, mas ela desandou. Assim não funciona, Simon... eu estraguei a sua...

Colando a boca em cima da minha, Simon desliza sua língua entre meus lábios sem muito rodeio. Ele está necessitado e eu também, dessa forma, não penso duas vezes antes de abraçá-lo com força e laçar sua cintura com minhas pernas. Em nenhum momento o nosso beijo é calmo, tampouco devagar. É como se tivéssemos devorando um ao outro. Assustador para quem vê, mas entre nós dois sabemos que essa é exatamente nossa essência. Simon me irrita, mas ele também me faz sentir coisas muito boas. E assim nós nos entendemos, porque eu tenho plena consciência que às vezes eu o deixo louco e isso não é no bom sentido.

— Está tudo bem — tranquiliza-me no momento em que separa nossas bocas. Respiro junto dele, esbarrando nossos narizes e sorrindo de lado. — Está tudo bem. Eu não preciso de uma estúpida torta, babe. Eu preciso de você.

— Mas era para ter a torta... isso aqui era para ser uma festa surpresa de boas-vindas. Sua mãe gastou dinheiro para eu simplesmente deixar a torta

cair. — Suspiro.

— Minha mãe não deve estar realmente se importando com isso. Estou aqui e eu vou sorrir para todo mundo, mas isso só vai acontecer se parar de se importar com essa torta que eu não dou a mínima, Spencer. Estamos na mesma página agora?

Dou de ombros, mordendo meu lábio inferior.

Eu ainda queria que tivéssemos uma torta.

— Concorde comigo de uma vez por todas e vamos para a sala — pede.

— Eu não posso ir para a sala assim. — Pulo de cima de Simon, mostrando o quão suja eu estou e agora, ele também. — Preciso de um banho. Aliás, eu estava usando esse vestido especialmente para você.

Afasto-me e giro sobre meus pés, mostrando o meu novo vestido, porém completamente sujo. Uma vez que estou novamente frente a frente com Simon, vejo um sorriso bonito desenhar seus lábios avermelhados. O meu sorriso preferido no mundo topo.

— Combina com seus olhos e combina com o seu corpo. Eu gosto desse vestido, mas você sempre parece melhor sem nada...

— Simon — o repreendo, pois sei exatamente onde vamos parar se continuarmos com isso.

— Eu só estava comentando... — Levanta as mãos para cima.

Completamente sonso, Simon Wyatt.

— Vou tomar um banho e volto para limpar isso aqui em...

— Porra, Spencer — pragueja, olhando-me incrédulo. — Para de tentar consertar as coisas ou de tentar limpar. Eu estou de volta e quando tivermos algum tempo, limparemos isso, juntos. Fim. Agora vai se limpar e venha direto para a sala de estar.

Observo Simon mover-se pela cozinha despreocupadamente, como se não tivesse acabado de me dar um sermão sobre minha teimosia. Ele pega um pano e limpa a sujeira que eu deixei por sua roupa. Por fim, Simon abre a geladeira e tira uma cerveja lá de dentro. Encarando-me firme, como se estivesse esperando para eu falar qualquer coisa, ele abra a cerveja habilidosamente e toma um gole.

NACIONAIS-ACHERON

— Precisa de ajuda para ir até o banheiro? — indaga.

— Não. Eu tenho pernas.

Reviro meus olhos, movendo-me e passando por ele. Sinto um tapa arder de um dos lados da minha bunda e viro, lançando um olhar atravessado para ele.

— Se fizer isso novamente, eu vou cortar a sua mão.

Simon sorri amplamente.

— Você não teria nenhuma chance de fazer isso comigo, babe. Agora vá.

Bufo, deixando-o sozinho e indo direto para o nosso quarto.



— E ENTÃO ELES DOIS COMEÇARAM A DISCUTIR NO MEIO DO AEROPORTO E DOS INÚMEROS PAPARAZZIS...

Sculler conta para nós sobre como foi a cara de Simon quando ele percebeu que eu não estava no aeroporto para buscá-lo com o papai. Depois que voltei para a sala, fui diretamente até o loiro, que me recebeu de braços abertos e me colocou sentada no seu colo. Em nenhum momento eu reclamei, afinal saudade é tudo que eu ainda estou sentindo dele, dessa forma ficamos por incontáveis minutos desse jeito. Comemos pizza e hambúrguer que a Sra. Wyatt fez enquanto estive fora com Pearl. Estou no meu quinto pedaço de pizza e segundo hambúrguer.

— Eu aposto que amanhã a discussão estará nas revistas — Sculler conclui.

— Que coisa feia, Simon — resmungo de boca cheia.

— Olha só quem está falando, a mulher que quer conversar de boca cheia...

Respiro fundo e o espero dar um gole em sua terceira cerveja. Deslizo meu cotovelo, como se tivesse sido um acidente e acerto suas costelas. Simon cospe, tossindo pelo que eu fiz e todos começam a rir.

— Oh, meu Deus, me desculpe! Foi um acidente, Simon...

— Você é uma cadela vingativa da porra — rosna.

— Mmm... Conte-me um pouco mais sobre isso, *babe* — o provoco.

Simon pragueja, enquanto eu me junto na risada com os outros.

O clima está tão agradável que nem mesmo parece que ele fica desconfortável no meio de sua família. Fico feliz por Simon estar se permitindo sorrir e fazer mais piadas com Pearl, Sr. e Sra. Wyatt. Ele tem esse mal humor chato, mas aos poucos ele mudará. Pelo menos esse é o meu plano para ele e principalmente seus pais.

— Conte-me mais sobre esse reencontro lindo, Seth — peço, pois tudo que Sculler contou foi realmente engraçado, agora só preciso escutar outra vez, só que na versão dos envolvidos.

— Eu fui um bom cara, só fiz o que a minha mulher mandou, enquanto ele — Seth aponta para Simon. —, apenas negou todo o meu esforço. Eu até levei rosas...

Arregalo os olhos, olhando de Seth para Sculler e depois para Simon.

— Mentira sua — sussurro incrédula.

Mordo mais um pedaço da minha pizza, ansiosa por mais.

— Ele fez, babe — Simon confessa e eu não faço nada além de gargalhar com Pearl.

— Seth, você levou muito a sério — Pearl reclama entre risos.

— Bom, você deveria saber que eu levo as coisas muito a sério. — Coça a nuca de forma envergonhada.

— Foi incrível, porra. Você perdeu essa, Spencer. — Sculler ri, embalando uma Ryle sonolenta nos braços.

— E depois? Onde estão as rosas? — questiono, procurando pela sala e não encontrando nenhum sinal ou prova do acontecido.

— Eu joguei fora, Cherry. Para que diabos eu aceitaria rosas de Seth?

Balanço minha cabeça negativamente sem parar de rir.

— Poxa, Simon, foi um gesto bonito — reclamo.

Simon bufa, completamente contrariado.

— Isso é ridículo — retruca.

— Pelo menos eu fiz a minha parte — Seth intromete-se, parecendo se divertir com o tópico discutido. Tenho certeza que ele quis tirar uma com a cara de Simon. — Desperdicei um pouco de dinheiro com as flores, mas o que vale sempre é a intenção.

— Quem não te conhece que te compre... — Simon resmunga para ele mesmo, mas eu escuto por estar tão perto. — Ainda vamos discutir sobre isso. Eu queria você lá, não o Seth.

— É bom para vocês passarem um tempo juntos e...

— Não comece — diz, duramente. — Não somos melhores amigos e também não estaremos nos tornando nada próximo disso.

— Veremos... — Dou de ombros.

— Você está me desafiando? — pergunta.

Viro o rosto, fitando-o diretamente.

— Longe de mim — retruco cinicamente.

— Spencer, Spencer, Spencer...

— Simon, Simon, Simon... — Eu o imito.

— Você precisa aprender algumas lições e elas serão ensinadas essa noite.

Com um sorriso travesso, concordo, empurrando minha pizza para ele e esperando-o dar uma mordida.

— Eu sempre gostei de estudar... espero que me ensine coisas novas.

— Eu já sei exatamente o que vou fazer com você, não se preocupe com isso — afirma, depois de mastigar e engolir o pedaço que mordeu.

— Bom, professor, eu vou esperar ansiosamente para o início da aula.

Remexo em cima de seu colo, esbarrando com sua ereção escondida por mim. Simon puxa uma grande quantidade de ar, apertando o braço

esquerdo ao redor da minha cintura como quem diz “pare de se mexer”.

— Você está em maus lençóis.

— Contanto que eles sejam os *seus* lençóis.

— Foda-se — murmura. — Eu te ensinei a ser tão má assim?

— Não, isso já vem naturalmente. Não se culpe por minha devassidão e maldade velada.

Nós dois rimos.

— Tenho sorte de ter você, porque eu quero foder a noite toda e eu sei que você também quer.

— Pelo menos nós concordamos em um ponto, babe. Parabéns — brinco, beijando sua boca superficialmente. — Mal posso esperar para colocar esses lábios em outros lugares...

Com os olhos injetados, ele separa a boca da minha, balançando a cabeça negativamente.

— Você está me matando, Spencer. Me matando lenta e suavemente.

Dou-lhe um sorriso, beijando-o uma última vez, porque sinto que estou exatamente como ele: morrendo lenta e suavemente.

Precisamos de mais, muito mais.

Capítulo 43

Simon Wyatt

“Tock-tock...”

ABRO OS MEUS OLHOS COM DIFICULDADE, SORRINDO AO SENTIR OS BEIJOS MOLHADOS DE SPENCER SOBRE MEU OMBRO ESQUERDO. Escuto a sua risada baixa e ela me contagia inevitavelmente, fazendo-me rir e anunciar de forma simultânea que eu estou acordado. Spencer deita em cima de mim, trazendo seu rosto para perto do meu e beijando a minha bochecha sem parar. Ela desce os beijos por meu maxilar e faz uma trilha até o meu pescoço.

— Devo te lembrar que homens têm ereção matinal? — resmungo com o rosto quase todo enfiado em um travesseiro.

— Bom dia, pirralho... — sussurra ao pé do meu ouvido.

Um grunhido escapa da minha boca por tanta provocação de sua parte.

— Você dificulta a minha vida em níveis catastróficos, Spencer.

— Eu sei, mas tenho certeza que gosta disso — continua da mesma forma que antes.

Com nem tanto cuidado assim, troco de lugar com Spencer e fico no meio de suas pernas, enquanto ela sorri desinibida em minha direção.

— Você está muito brincalhona... — aponto, estreitando os olhos em sua direção. — Se sente melhor?

— Sim. — Sorri amarelo e eu arqueio a sobrancelha. — Realmente estou melhor, eu juro.

— Você já ouviu falar que quem jura, mente?

Spencer arqueia a sobrancelha de volta, sorrindo incrédula.

— Está me chamando de mentirosa, Simon Wyatt? — indaga.

— Nunca em mil anos. — Sorrio de volta. — Só não jure nada.

Spencer revira os olhos e me empurra para o lado.

— Tudo bem, eu te dou a minha palavra — afirma, levantando e plantando as mãos de cada lado do seu quadril magro. — Vamos tomar banho? Papai já deve estar perambulando pela casa e eu tenho certeza que você preparou algum plano para o dia de hoje.

Flexiono os braços e coloco-os para apoiar a minha cabeça no momento em que volto a me deitar.

— Como pode ter tanta certeza assim, babe? — questiono, sorrindo de lado.

Ela está certa, eu realmente tenho planos.

— Você sempre tem planos, Simon, isso não é mais nenhuma novidade ou surpresa para mim. Agora vamos, por favor...

— Está preparada para gastar um tempo extra no banho? — pergunto, sentando e arrastando-me até ficar na beirada da nossa cama.

— Ultimamente você está... Mmm... como eu posso dizer, Simon... precoce demais. — Aponta o dedo para mim. — Não sei se o tempo realmente vai ser *extra*. — Sorri, provocando-me sobre a borda.

— Você não disse isso. — Fico de pé, dando o primeiro passo em sua direção.

— Eu sinto muito se você...

— Nem mais uma palavra, Spencer — a interrompo. — Eu vou fazer você engolir essas palavras. Vamos ver quem é o mais precoce entre nós dois.

Apressando-se, Spencer corre para o banheiro e tranca a porta antes que eu possa impedir a sua ação. Bufo, batendo duas vezes na porta.

— Tock, tock...

— Não, Spencer. Apenas. Não.

— Responde, Simon. — Ri do outro lado.

— Eu não vou responder.

— Então eu não vou abrir — replica.

— Abra a porta, por favor.

Spencer fica em silêncio e, segundos mais tarde, volta a falar: — Tock, tock...

— Foda-se o tock, tock.

— Ei, não fale assim, eu brinquei muito de "tock, tock" com os meus pais.

Reviro os olhos.

— Essa é uma situação completamente diferente. Você está usando de artifícios para fugir de mim e não admitir que você está sempre “à frente”.

— Que baboseira mentirosa, Simon Alexander Wyatt...

— Então abra a porta — retruco.

— Tock, tock...

Respiro fundo.

— Eu não vou responder isso. Bom banho, Spencer. Apenas não use tanto as mãos para se aliviar, babe.

— Você é ridículo — exclama.

— É por isso que fazemos um belo casal. — Não posso deixar de rir, porque eu sei que o feitiço virou contra o feiticeiro, nesse caso, feiticeira.

Encosto na parede e cruzo os braços, escutando o próximo barulho de Spencer. O chuveiro liga e isso mostra que ela não vai ceder essa manhã. Dou de ombros e passo as mãos em meu cabelo, tomando meu caminho para fora do quarto. Passo pelo corredor, sendo irritado imediatamente pelo silêncio. De verdade, esse é um dos motivos que me fazem querer ter Christian e Ryle sempre por perto. Às vezes estou de mau-humor, mas eu nunca gosto de ficar em silêncio.

Isso é outro nível para mim.

Silêncio é algo que eu abomino.

— Ei, garoto. — Escuto a voz de Mario quando entro na sala de estar e ele acena para mim da sacada.

Junto-me a ele e me sento em uma cadeira ao lado da sua.

— Tudo bem?

Ele assente positivamente, mas começa a tossir em seguida.

Eu sei que não está tudo bem.

— Você sabe que não precisa mentir para mim, certo, Mario?

— No momento está tudo bem... — diz, abaixando o lenço que levou até a sua boca. — Spencer já acordou?

— Sim, ela me acordou também. — Reviro os olhos. — Mas já estava na hora.

Mario ri, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— Você quer ir ao doutor? Sabe, para tomar algum remédio ou...

— Eu disse que estou bem, Simon. — Franze o cenho e perde o sorriso.

— Mas eu sei que não está tudo bem, Mario.

Ele bufa. Não é difícil de identificar para quem Spencer puxou pelo menos metade de sua personalidade. Os dois são teimosos pra caralho.

— Consigo aguentar isso, não se preocupe.

Penso duas vezes antes de abrir a boca para falar novamente. Não quero sair do sério ou tirar Mario do sério. Tenho planos para a nossa tarde e nós dois irritados não faz parte deles. Dessa forma, concordo com o que ele disse e me levanto.

— Quer beber alguma coisa? Eu vou fazer café.

— Café está bom — enuncia.

— Eu já volto.

Deixo a sacada e vou diretamente para a cozinha. Pego o pote de café e quando já estou pronto para começar a prepará-lo, Spencer aparece e toma meu lugar. Ela puxa o pote da minha mão, abraçando-o contra o seu corpo e me lança um olhar atravessado. Seguro o riso. Posso sentir a sua irritação de longe, assim como o seu cheiro magnífico pós-banho.

— Como foi usar o chuveiro mais uma vez sozinha? — provoco.

— Melhor do que tendo um encosto como você ao meu lado — cantarola, empurrando-me do seu caminho. — Se você me der licença...

Faço Spencer calar a boca e puxo seu corpo contra o meu. Suas costas

cobertas por uma blusa de alças finas e tecido de seda, lhe deixa irresistível. A cor clara da peça combina com sua pele, combina muito e isso me tira do eixo.

— Não seja tão má, Cherry...

— Você é o único aprendiz de diabo nesse apartamento — sussurra e eu escuto seus dentes trincarem quando eu navego com minhas mãos até a barra do short de tecido muito, muito fino, que ela está usando.

— Pode me chamar do que você quiser. — Mais uma vez, sorrio. Enfio minha mão direita dentro de seu short e, em seguida, dentro da sua calcinha. É bom Mario não vir para a cozinha nesse momento, porque se ele ver o que está prestes a acontecer, Spencer vai morrer na nossa frente. — Conseguiu se satisfazer no banheiro, babe?

Ela arfa, fazendo-me levar a minha mão esquerda até seu cabelo molhado e segurá-lo com força, inclinando sua cabeça para que eu possa fitar sua expressão de perto. Spencer parece linda. Suas bochechas magras estão enrubescidas, enquanto ela prende o lábio inferior molhado entre os dentes. Sua expressão se situa entre uma linha tênue entre a dor e o prazer, mas de qualquer forma eu posso afirmar que ela está gostando.

— Eu consegui... — sussurra, deixando um riso escapar.

Solto uma risada baixa em seu ouvido, porque ambos sabemos que ela está mentindo.

— Então foi rápido, certo? O que me deixa saber que você é precoce...

— Você também é, pirralho — cospe.

— Vamos ver o quão precoce você é. Eu só acredito vendo, ou melhor dizendo, sentindo.

— Não, você n...

Ela se cala e solta um gemido baixo, sôfrego, no instante em que eu deslizo meu indicador sobre seu clitóris. Spencer treme como se tivesse acabado de ter um calafrio atravessando o seu corpo de cima a baixo. Isso me deixa feliz. Eu sei que estou acertando e, quando se trata de Spencer, é muito difícil eu cometer algum erro. Escorrego meu dedo entre seus lábios, encontrando muita facilidade em meus movimentos porque ela está molhada.

Muito molhada.

— Isso não é boceta de quem gozou minutos atrás, Cherry.

Ela ri, trêmula e vacilante.

— Eu fico molhada rapidamente — mente a seu favor.

— Huh... — concordo, correndo minha língua sobre a pele sensível de seu pescoço.

Escuto-a soluçar e logo depois empurra sua bunda redonda contra a minha ereção, friccionando deliciosamente sobre mim. Eu poderia ter um orgasmo em minhas calças, mas isso não está acontecendo por que eu sou dono dessa situação. Spencer não quer sair por baixo, mas ela é a única recompensada aqui.

Curvo-me um pouco mais sobre o corpo da minha Cherry, beijando sua pele sem nenhuma restrição e levando o som de sua respiração irregular como o melhor dos incentivos. Com dois dos meus dedos em sua entrada, mergulho sem pedir licença. O vaivém devagar e firme faz com que parte da minha mão esbarre de instante em instante no clitóris de Spencer. Ela age como uma boneca em minhas mãos, mas a sua versão pervertida aparece quando claramente não se dá por satisfeita. Ela está vibrante e de uma ferocidade que eu provavelmente nunca vi igual.

— Você vai continuar tão devagar? — grunhe, fazendo-me rir com minha boca ainda colada em seu pescoço.

— Eu vou fazer do jeito que eu quiser, Spencer.

— Não mesmo...

Estreito a visão para ela, finalmente recebendo o seu olhar de volta.

Suas pupilas dilatadas me deixam ainda mais animado para tê-la curvada sob mim.

— Coloque esse pote de café em cima do balcão, babe.

— Mas...

— Vai deixar cair? — eu a corto. — Você vai precisar das suas mãos — informo.

— O que quer dizer com isso?

NACIONAIS-ACHERON

Spencer deixa o pote em cima do balcão, assim como eu lhe disse para fazer. Em seguida, retiro minha mão de dentro da sua calcinha e começo a empurrá-la juntamente com o seu short para baixo.

— Simon, o papai...

— Você pode começar a rezar para fazer disso bem rápido — retruco, abaixando meu corpo e, de leve, empurrando Spencer para encostar-se no balcão da pia. Seguro suas coxas, olhando para cima e sorrindo. — Posso?

Ela olha para os dois lados e não me dá nenhuma resposta.

Em algumas situações, quem cala consente.

Sem relutância, afasto as pernas de Spencer e não demoro para me aproximar do ponto que eu anseio me deleitar. Beijo suas coxas, enquanto retorno outra vez com meus dedos para dentro dela. Sinto como se ela estivesse derretendo sobre mim. Espalho seus lábios avermelhados e beijo apenas seu clitóris inchado. Spencer arqueja, segurando no balcão com tanta força que os nós de seus dedos começam a perder a cor. Ao menos eu lhe avisei que ela precisaria das mãos.

— *Oh... Simon...* — sussurra com um fio de voz restante.

Subo minha mão esquerda por dentro de sua blusa até achar o seu seio direito. Massageio a ponta intumescida, enquanto continuo sugando e torturando Spencer com a minha boca. A visão daqui de baixo é muito boa e eu nunca a trocaria por nada nessa vida.

Os quadris de Spencer tomam vida própria e ela começa a empurrar sobre minha língua e minha cara. Eu sorrio do seu desespero e ela treme mais uma vez. Aumento um pouco mais a velocidade dos movimentos que faço com os meus dedos, vez ou outra circulando em sua intimidade, feito que a faz revirar os olhos furiosamente. Corro minha língua por sua entrada, retirando os dedos molhados dali e tomando o que é meu. Spencer aperta as pernas e eu volto a afastá-las com a minha mão direita. No segundo seguinte, ela puxa minha mão para cima e traz a cabeça para baixo, tomando e sugando os mesmos dedos que estavam dentro dela, em sua boca, como se aquele fosse um delicioso doce.

Solto um grunhido, sentindo sua língua circular ao redor dos meus dedos e desejando que ela estivesse fazendo os mesmos movimentos em meu

pau.

Agora é arcar com as consequências da minha escolha.

— Você é muito gostosa, Cher...

— Cala a boca. — Tirando meus dedos por uma só vez de sua boca, ela exige com os olhos espremidos.

Meu pau lateja e minhas bolas doem como provavelmente nunca senti.

Se ontem foi um inferno de noite para nós dois, hoje eu mal posso esperar para o dia acabar.

Absorvo seu gosto, sorvendo-o na minha língua e começando a fazer isso mais rápido para nós dois. Meu pau não deixa de reclamar e eu posso acabar envergonhando-me aqui na frente de Spencer se não a fizer vir antes de mim. Solto seu seio e cerco seu quadril com meu braço, pousando minha mão em sua nádega e apertando o local duramente. Seu gemido me faz rosnar de volta. Seus dedos finos apertam nos meus fios de cabelo, deixando-me saber que ela está vindo.

— Venha, babe... — resmungo e eu sei que Spencer deve ter pensado nas duas palavras, a certa e a errada, assim como eu mesmo pensaria.

— Merd... — Tira os meus dedos de vez de sua boca.

O quadril de Spencer balança desgovernado, enquanto luto para mantê-la firme em apenas um local para que eu possa terminar o meu serviço da melhor forma. É como um duelo entre o touro e o toureiro. Ela tenta puxar o meu cabelo e me tirar do meu lugar, mas eu não deixo que isso aconteça, não nesse momento. Atenciosamente, chupo seu clitóris e prolongo o seu momento de prazer, mesmo que isso sufoque o meu. Ela vibra avidamente e para de sacudir quando deslizo minha língua para sua entrada e deixo o seu clitóris em paz.

Spencer solta o meu cabelo e abre os olhos como se tivesse acabado de acordar de um sonho. Um sorriso preguiçoso se forma em seus lábios, enquanto termino meu serviço e esbarro em seu clitóris pulsante uma última vez apenas para vê-la tremer novamente. Levanto-me sem pressa, subindo sua calcinha e seu shorts para o lugar de origem. Quando estamos face a face, envio-lhe um sorriso, mesmo que agora o meu desconforto fale mais alto.

— Tenho certeza que o prazer que você proporcionou a si mesma no banheiro nem chega perto do que eu fiz agora — afirmo.

— Você não estava lá, então não tem como saber.

Beijo os seus lábios rapidamente e murmuro: — Eu não estava lá, mas estava aqui e o que ocorreu aqui certamente não ocorreu lá.

Dou-lhe as costas e saio da cozinha em passos largos. Eu vou ser o único que vai usar as mãos agora.

Karma é uma vadia malcomida.



NO INSTANTE EM QUE ENTRO NA SALA DE ESTAR OUTRA VEZ, AGORA ALIVIADO E DE BANHO TOMADO, SINTO A PAZ QUE ESSE MOMENTO ME TRAZ EM TER SPENCER E MARIO ALI, SENTADO LOGO À MINHA FRENTE. Aproximo-me deles, ambos de costas para mim e rindo sem parar de alguma coisa que estão conversando. É incrível lembrar que, quando eu pensei em voltar para Long Beach para essas férias, tudo passou em minha cabeça: ir para festas e baladas constantemente, beber e fumar sem parar, foder com pessoas desconhecidas e fazer o que desse na telha. Eu deveria saber que a presença de Spencer é como um choque para mim e mudaria todos os meus planos.

Ela realmente me deu um choque desde o primeiro instante. Pode ter parecido o contrário, já que eu a assustei no nosso reencontro no meio da pizzeria dos meus pais, mas a verdade é que o único mais chocado, era eu. Chocado com a sua beleza, com a sua forma mais madura, com sua personalidade ainda tempestuosa. Tudo nela é tão diferente que acaba sendo a melhor coisa que eu procuraria mesmo sem saber em uma mulher. Ter pessoas iguais e robotizadas ao seu lado, fingindo diariamente não ter nenhum defeito de "fábrica", é algo que eu não tenho mais estômago para lidar. Spencer é real, ela tem a sua parte boa e a parte ruim e ela nunca

escondeu nenhuma de mim.

É por isso que eu a amo.

Exato.

Eu amo Spencer Waters Carter, a minha Spencer Carter, a minha Cherry.

Eu amo cada pedaço dela, a parte conhecida e a parte desconhecida por mim. Sei que ela ainda tem muitas camadas que nem deve saber que existe, tampouco eu, mas estou pronto para amá-las e abraçá-las da melhor forma que conseguir. Eu vou amar cada camada da minha Cherry, eu vou desvendar cada segredo guardado em seu coração e eu vou tocar em cada parte de seu corpo. Eu vou lutar para entrar o mais profundo dentro dela. Vou me instalar em seu peito como um parasita, assim como ela instalou-se no meu. É impossível retirá-la de dentro de mim e, mesmo que eu quisesse, eu não cometeria tamanha burrice. Se eu pelo menos pudesse dizer que a amo e não a assustar com isso.

Se eu tenho medo?

Bem, porra... Por que não teria?

Quando mais jovens, Spencer relutou para aceitar o meu amor e é claro que isso me apavora mesmo depois de anos. Mudamos, amadurecemos, mas sempre há aquele velho medo de ser rejeitado outra vez. Eu tenho esse medo. Qualquer pessoa que já amou verdadeiramente sem dúvidas já passou por essa fase, mesmo que por poucos instantes.

— Finalmente você voltou! — Spencer exclama, tirando-me dos meus profundos devaneios.

Ela me encara sobre o ombro, um sorriso malicioso escapa de sua boca e eu tenho que sorrir de volta.

— Demorei um tempo lavando meu cabelo — minto, mas nem tanto assim. Realmente lavei o meu cabelo. — Começaram sem mim? — provoco.

— Eu estava com muita fome — Mario lamenta, mas eu balanço minha mão para ele, mostrando-lhe que não tem problema.

Spencer me disse ontem à noite, enquanto ficamos assistindo televisão com Mario, que ele não está se alimentando direito. Ele vomita

frequentemente e as náuseas e enjoos então o assolando sem piedade. Sei que esse é um dos efeitos do câncer, ainda mais para ele, que estava em um tratamento sem sucesso que apenas o deixou mais fraco do que antes. Me alivia ouvir do próprio que ele estava com fome e se alimentou bem.

— Não tem problema, contanto que você tenha deixado um pouco para mim. — Dou de ombros e nós dois rimos, enquanto Spencer apenas revira os olhos. Sento-me na frente deles e pego uma caneca, porém Spencer é mais rápida e a puxa de volta. Ela se levanta e dá a volta na mesa, surpreendentemente vindo me servir. — Tudo bem? — Franzo o cenho.

— Sim — afirma, simples.

Não tento entendê-la, apenas deixo que faça o que quer fazer.

— Vamos ir para algum lugar em especial hoje? — Mario puxa assunto.

— Para a sua felicidade, sim. Vou te levar para tomar um banho de sol e sair um pouco dessa prisão que tanto odeia — respondo, sem dar muitos detalhes.

— Eu já lhe disse, não odeio o apartamento, só gosto de sair e pegar sol. Faz eu me sentir mais vivo do que ficar aqui dentro o dia todo...

— Reclamação acatada com sucesso, Mario. Você vai ter o que quer. — Pego a caneca que Spencer encheu do líquido escuro e quente e tomo um longo gole.

— O que você aprontou? — ela pergunta.

— Aprontei? — Solto uma risada, voltando a fitar Spencer. — Apenas planejei outro passeio para nós.

— Mmm... sei...

— Você anda desconfiada demais de mim, Cherry.

Depois que ela coloca um tanto considerável de comida no meu prato, afasto minha cadeira, puxando-a para o meu colo. Nós três conversamos sobre assuntos extremamente aleatórios e sem muita importância, apenas para passar o tempo mais rápido, enquanto eu tomo meu desjejum. Em um momento e outro, Spencer aperta minha mão que está plantada em sua perna. Em seguida, ela faz um carinho que me deixa intrigado para saber qual o seu

problema. Quando eu já estou perto de terminar de comer o que ela preparou, Spencer pede licença para Mario e eu, e sai da sala, provavelmente indo para o nosso quarto.

Encaro Mario, franzindo o cenho.

— Você entendeu alguma coisa? — questiono e ele ri, balançando a cabeça negativamente.

— Não, mas se você entender, me diga. Ela está agindo estranhamente desde a sua viagem.

Disso eu já sei.

— Você se importa de me perder por uns minutos só para eu ir checá-la?

Mario nega imediatamente.

— Isso é um favor que você faz para nós dois.

Tomo o último gole do meu café e me levanto, seguindo para achar Spencer onde quer que seja que ela tenha se metido. Quando entro em nosso quarto, escuto seu barulho vindo do banheiro. Não demoro para abrir a porta e achá-la ajoelhada em frente ao vaso sanitário, enquanto vomita copiosamente. Abaixo-me ao lado de Spencer e seguro seu cabelo ainda úmido com uma das minhas mãos, enquanto esfrego suas costas com a outra. Ela não para de vomitar e isso me preocupa mais do que eu gostaria. Os segundos que se passam até Spencer parar são agonizantes como o inferno. Levanto do chão, puxando-a para cima comigo e encaminhando-nos até a pia.

Spencer respira fundo, enquanto seu corpo treme contra o meu e dessa vez essa não é uma boa tremedeira. Ela parece ainda mais fraca do que sempre. Sua magreza chega a me assustar certas horas, assim como me assusta agora mesmo.

— Eu só... — Spencer tosse.

Não lhe faço qualquer pergunta, apenas seguro seu corpo firmemente e espero ela se recompor aos poucos. Abrindo a torneira, ela deixa as mãos em formato de concha e pega um pouco de água, passando por todo seu rosto pálido e quase mais branco que uma folha de papel. Puxando sua escova do suporte, Spencer aplica creme dental e começa a escovar os dentes. Quando

ela me empurra levemente, percebo que já consegue ficar de pé sozinha, então eu a deixo, encostando-me na parede e cruzando os braços em frente ao meu corpo.

— Você está bem? — indago, quando ela finalmente vira-se para mim e deixa a escova na pia.

— Agora sim...

— O que foi isso? — Aponto para o vaso e então me aproximo para dar descarga no mesmo.

— Eu me senti um pouco mal.

— De novo, Spencer?

Ela respira fundo e sai do banheiro, fazendo-me segui-la para o nosso quarto.

— Não é como se eu pudesse controlar o meu corpo, Simon — diz, soando irritada.

— Não adianta você ficar assim, eu só estou pensando na sua saúde, uma vez que está fazendo descaso com a mesma. — Spencer vira para mim e nós nos encaramos, inflexíveis. — Você pode estar doente, Spencer. Vamos procurar um médico, por favor? — Coloco uma mecha do seu cabelo solto atrás de sua orelha.

— Isso foi só a comida de ontem, Simon, não tem nada a ver com doença. Eu comi muito, algum efeito isso teria no meu corpo. — Segura minha mão e beija a palma. — Não me faça ir ao hospital, por favor.

— Isso não é questão de “por favor”, nós precisamos saber se algo está errado ou não...

— Eu não sinto dor, te dou minha palavra sobre isso. Se eu sentir qualquer dor, nós vamos ao hospital — sugere.

— Qualquer dor? — tento me certificar.

— Qualquer dor.

Beijo sua testa e puxo ela para bem perto, abraçando seu corpo magro e sentindo seu calor junto ao meu.

— Vamos nos arrumar agora — digo. — Estamos indo para o píer de

Santa Mônica. Almoçar fora, pegar uma praia, esse tipo de coisa...

— A praia de Pearl e Seth? — Spencer ri contra a minha camisa e em seguida levanta o rosto para me fitar.

— Por algum acaso ela tem o nome deles? — indago.

— Não, mas Pearl vive me dizendo que esse é o lugar deles dois.

— Esse é o lugar de muita gente, Cherry. Minha irmã é só um pouco ruim das ideias.

Nós rimos mais uma vez, antes de seguirmos para trocar de roupa e sairmos para avisar Mario do nosso destino.

Capítulo 44

Spencer Carter

“O jogo...”

DURANTE OS ÚLTIMOS DOIS DIAS, ASSISTI FILMES E MAIS FILMES COM O SIMON E O PAPAI. Em algum momento me vi reclamando por conta dessa rotina, mas parei de fazê-lo e acatei os planos de Simon. Ele tem nos prendido na sala de estar em uma sessão interminável de cinema, com vários e vários gêneros para assistirmos. Eu tento entender Simon, enquanto ele apenas me diz para seguir o fluxo e é isso que eu faço. Antes de ontem, depois que Seth e Pearl deixaram o apartamento, Simon começou com esse seu plano maluco e desde então estamos nessa situação.

Papai pede licença para Simon e eu e nós apenas assentimos. Assim que estamos sozinhos na sala de estar, Simon sobe seu corpo e vira para mim, sorrindo maliciosamente. Ele me empurra para o sofá, com um sorriso ladino estampado no rosto e eu acabo rindo de seu mini-ataque.

— Vamos sair hoje — simplesmente afirma.

Franzo o cenho, cercando seu pescoço com seus braços e puxando-o para mais perto.

— Nós vamos? — retruco. — Cansou de fazer eu e o papai de reféns no seu cativeiro?

— Mmm... cansei.

Rimos juntos.

Simon sela nossas bocas de uma só vez, empurrando sua língua entre meus lábios de forma lenta e torturante. De toda forma, acompanho seu ritmo sem reclamar. Ele me beija com paixão e cuidado e eu sinto tudo isso, me apaixonando cada vez mais forte por ele. Eu nunca imaginei que seria capaz de amar tanto alguém como eu amo Simon. Para ser sincera, eu nunca imaginei que seria capaz de amar Simon tanto assim.

— Vamos, babe. Você precisa tomar banho e ficar pronta. Eu vou

avisar Mario para fazer o mesmo — geme, como se estivesse em uma luta interna para parar com nosso carinho.

— Você vai vir para o banho comigo? — questiono.

— Essa é uma boa pergunta. — Sorri de lado. — Vou me atrasar um pouco, mas, sim, vou para o banho com você. Quando eu chegar lá, espero que já esteja molhadinha...

Gargalho junto com Simon.

— Você não vale uma nota falsa de cinco dólares — acuso, entre risos.



O CAMINHO TODO, PAPAI E EU TENTAMOS CONVENCER SIMON A NOS REVELAR QUAL SERIA O NOSSO DESTINO. Não me surpreendo quando passamos pela placa de Los Angeles, no claro anúncio de que estamos indo para algum lugar dentro dessa cidade que não para. Quanto mais Simon dirige, mais eu percebo uma movimentação estranha pelas ruas da cidade. Há pessoas com camisas de times passando e comemorando e eu localizo principalmente camisas do time de Simon. Bato meus dedos em cima da minha perna, impaciente por estar em uma posição em que eu não faço nenhuma ideia do que está acontecendo, mas é sempre assim quando se trata de Simon e suas mirabolantes surpresas.

— Estamos chegando? — papai pergunta, parecendo tão inquieto quanto eu estou.

— Quase, cara. Mais um pouco de paciência para esse momento — Simon pede e eu solto uma risada, atraindo sua atenção para mim. — O quê? — questiona.

— Por que não nos conta de uma vez por todas? — replico, revirando os olhos.

Simon planta sua mão em cima da minha e aperta.

— Mais cinco minutos, Cherry. Eu sei que você pode aguentar isso. Aliás, você não é um peru.

O que ele disse?

— Um peru? — Semicerro os olhos.

Simon puxa sua mão de volta e para no sinal vermelho. Ele vira o rosto para mim e sorri de lado, tão cinicamente quanto pode.

— É, babe. Peru que morre de véspera.

Papai começa a rir junto com Simon e eu só fico o encarando, atônita com sua piadinha sem graça.

— Procure um curso ou, sei lá, um profissional da área, pois esse tipo de piada não funciona comigo. Idiota — digo, cruzando os braços e muito tentada a rir da infame piada de Simon.

— Até que essa foi boa, filha... — papai o defende.

— É claro que foi, pai, você é o fã número um de Simon. Não me espantaria se ele falasse “rabanada” e você tivesse uma crise de risos.

— Parece que alguém aqui está irritada... — Simon cantarola, batucando os dedos no volante.

Tenho vontade de acertá-lo forte na cabeça para parar de me irritar, entretanto, reprimo meu instinto agressivo e viro o rosto para continuar encarando o dia bonito e ensolarado do lado de fora do carro. Los Angeles sempre é bonita, viva e ensolarada. Uma das melhores cidades em que já fui, mas Long Beach sempre vai ser a minha casa, sem mas.

A todo momento, mais pessoas com camisas de times de futebol aparecem. Observo pelo retrovisor o papai remexer-se um lado para o outro, provavelmente também notando esse fato.

— Isso é um estádio? — papai questiona.

Sua pergunta é óbvia, porque é claro que Simon acabou de parar, um pouco longe, mas ainda assim próximo o suficiente de um estádio gigantesco. Porém, eu levantaria a mesma questão se papai tivesse demorado mais dois segundos.

Simon continua em seu mundo particular, apenas sacando o celular do bolso e discando algum número.

— Estamos no lugar combinado... sim... pode vir, ficaremos no carro...

— Essa é a única coisa que Simon fala antes de desligar a chamada.

Papai e eu nos entreolhamos e ele acena para mim, dando-me a deixa para falar dessa vez.

— O que está acontecendo?

Simon me encara e sorri.

— Vamos assistir a um jogo de Baseball! — retruca, animado.

Observo meu pai outra vez, observando a careta que ele faz.

— Baseball? Não poderia ser pelo menos... basquete?

Tenho muita vontade de rir da pergunta do papai. Ele não é um dos maiores fãs de Baseball e até Simon sabe disso. Pode colocar ou levá-lo para assistir qualquer coisa, menos Baseball.

— Mas é do meu time, cara... — Simon pontua.

— Eu continuo não gostando.

— Você vai ter que engolir o Baseball hoje, Mario — Simon anuncia sem remorso e puxa duas camisas de algum lugar. — Essa é sua. — Entrega para mim. — E essa é a sua. — Entrega para meu pai.

Observo a camisa que ele me deu e sorrio com a nova versão de sua ideia antiga. “Cherry do Simon” está muito bem estampado ali atrás e logo debaixo o número três reside. Visto a camisa sem mais delongas, sendo ela o par perfeito para o meu vestido branco. Olho para o lado e vejo Simon sorrir ao me encarar. Acabo rindo junto de sua cara idiota.

— Você está linda pra caralho — afirma.

— E eu? — papai pergunta, fazendo-me rir alto com Simon, enquanto nos viramos para ele.

Papai já colocou a camisa que Simon também preparou para ele.

— Você já esteve melhor, cara... — o loiro provoca.

— Posso dizer o mesmo de você.

Reviro os olhos e seguro o rosto de Simon, forçando-o a me encarar.

— Cadê a sua camisa e quem está vindo nos buscar? — indago.

— Paciência, Spencer. Paciência.



SIMON SE SEPAROU DE NÓS.

Quando Quinn apareceu, sendo ele a pessoa com quem Simon falava no telefone, o loiro ajudou papai a entrar no outro carro e me beijou rapidamente, despedindo-se de nós dois sem mais nem menos e entrando em seu carro outra vez. Admito que até o momento eu não estou entendendo absolutamente nada. Quinn deu uma volta no estádio até parar em uma área reservada. Ele pediu para eu esperar com o papai e foi isso que fizemos até ele voltar vinte minutos depois com Pearl ao seu lado. Minha melhor amiga, gravidíssima e sorridente, nos acompanhou estádio à dentro. Quinn foi nos guiando, enquanto eu empurrava a cadeira do papai e conversava com Pearl. Nesse exato momento, é quando paramos no meio de um corredor.

— Por que estamos aqui dentro? Aliás, o que todo mundo está fazendo aqui? Pensei que isso era um jogo de baseball... — pergunto, tentando entender o que está acontecendo a mais que nem eu e nem o papai sabemos.

— Nada está acontecendo — Pearl diz, rindo nervosa e deixando-me saber que é uma mentira de sua parte. Ela nunca soube mentir. — Simon também combinou com todos nós para irmos assistir ao jogo de baseball.

— E o que estamos fazendo aqui dentro e não lá fora? — papai tira as palavras da minha boca.

— Estamos indo para lá nesse exato momento, eu, Cassie, as crianças e meus pais estávamos apenas esperando vocês.

— E Simon? Por que ele se separou de nós? Onde está Seth e Sculler?

Eu faço muitas perguntas, mas é porque está tudo muito suspeito. Não consigo segurar a boca.

— Para de perguntar, Spencer, eu não estou escondendo nada — Pearl resmunga, entrando na defensiva.

— Alguém disse que você está escondendo algo? — Ela sorri amarelo.
— Agora eu sei que sim. — Reviro os olhos.

Quinn aparece outra vez e faz um sinal para nós.

— Vamos para nossos lugares! O jogo vai ser incrível! — Pearl exclama animada e trocando de assunto, já que é mais conveniente para ela.

Fito o papai e ele me lança um olhar perdido.

É isso aí, amigão, estamos de fora do que está acontecendo.

Recomeçamos nosso caminho, eu e papai atrás, seguindo a família Wyatt e Cassie. A cada instante que passa, escuto a ovação que vem de dentro do estádio parecer mais próxima e alta. O jogo já deve ter começado e nós passamos vários minutos aqui dentro, além de Quinn ter nos feito esperar dentro do carro. Pego meu celular que deixei com o papai em algum momento e peço para ele se guiar rapidamente, enquanto envio uma mensagem para Simon.

“Dessa vez eu estou falando sério, Simon Alexander Wyatt. Vou fazer suco das suas bolas e te dar para beber por ter me deixado sozinha com o papai.

Spencer Carter.”

Volto a empurrar a cadeira do papai, irritada por Simon não estar aqui. Por que diabos ele arrumou essa saída se ele não se dispôs a ficar conosco como ele sempre faz? Não era mais um dos muitos programas em família que ele inventa para nos tirar de casa? Por que ele não está conosco e por que ele chamou mais pessoas para isso? Não que eu esteja incomodada, mas eu sei que Simon evita nos "dividir" com sua família a todo momento, por mais estranho que isso seja. Talvez seja apenas o meu nervosismo falando mais alto, mas que culpa eu tenho se me acostumei com a presença dele ao meu lado a todo tempo?

Deixo que minha confusão e irritação cesse a cada passo que eu dou. Pearl sorri para mim e eu franzo o cenho. A ovação no estádio é cada vez

mais intensa, instalando um frio na minha barriga e trazendo a imediata vontade de vomitar. Eu não sei por onde vamos entrar e qual passagem iremos usar para irmos para os nossos lugares na arquibancada, mas isso parece estanho ao extremo. Toda a família com camisas de Seth, Sculler ou Simon, sorridentes, se entreolhando.

O que Simon está aprontando?

— Para onde estamos indo, Pearl? — grito a minha melhor amiga.

— Você vai ver — retruca, sorrindo mais que antes, como se isso fosse possível de alguma maneira.

Nós finalmente estamos parados em frente a um túnel entre seus cem e duzentos metros. Falando da forma mais clichê possível, há uma luz no fim do túnel e eu posso ver o tanto de pessoas ali fora. As arquibancadas estão entupidas de torcedores e nós devíamos estar ali, não aqui. Cassie, Pearl e seus pais recomeçam o caminho e eu faço o mesmo, sentindo as minhas pernas bambas. Quanto mais nos aproximamos do fim desse túnel, mais pessoas eu capto no meu campo de vista. Insano. Completamente coisa de outro mundo.

Meu coração pula, acelera, tropeça, cai e levanta.

Nada pagaria o sentimento que atravessa por mim quando eu finalmente paro à beira do gramado. Esse estádio não está preparado e nem é para um jogo de Baseball. Em uma longa linha, que eu não conto a quantidade, meu subconsciente diz que tem vinte e dois jogadores ali, a quantidade perfeita de jogadores para uma partida de futebol americano. Uma faixa surge do meio deles e estica-se até cada uma das pontas. "Bem-vindo, Mario", é o que diz.

Eu não consigo acreditar no que estou vendo.

Os torcedores estão em silêncio desde o momento em que eu apareci com o papai. Um dos jogadores sai dali e caminha em nossa direção e eu não preciso ser a melhor das adivinhas para deduzir quem é. Simon tira o seu capacete, mantendo sua expressão fechada, mas eu o conheço tão bem que sei que ele está prestes a abrir um sorriso. Ele se aproxima de nós sem tirar os olhos de mim e apenas o faz, quando se abaixa em frente ao papai e sorri de lado.

— E aí, treinador. Tudo pronto? — pergunta.

Meus olhos enchem-se de lágrimas e eu mal consigo respirar. Nada pagaria esse momento. Nenhuma atitude minha, nenhum gesto meu, nada, absolutamente nada nesse mundo me deixaria mostrar com ações ou palavras a preciosidade de tudo que Simon acabou de fazer pelo meu pai e até mesmo por mim. Cubro o meu rosto com as minhas mãos, envergonhada por estar chorando em frente milhares de pessoas. Me sinto estranha da cabeça aos pés, como se eu não merecesse Simon. Eu nunca fiz nada desse jeito para ele. Não é sobre um jogo de futebol e todas essas pessoas, é sobre o sentimento atrás de tudo isso. Ele estava certo. Simon é o que mais sente toda a nossa relação e isso faz eu me sentir a mulher mais sortuda desse mundo e a mais estúpida por não me esforçar para lhe dar mais.

— Eu estou pronto para o que quer que seja isso aqui — papai retruca, parecendo divertido e animado, algo que nesses dias ele não tem estado mesmo que Simon ficasse de cabeça para baixo.

— É essa atitude que eu estava esperando. Temos que chutar a bunda de Seth e Sculler e eu só vou conseguir fazer isso com você — Simon volta a falar. — Agora deixe-me falar com a sua filha, ela está uma pilha de emoções, cara.

Os dois dão risada e eu sou obrigada a fazer o mesmo. Cinco segundos mais tarde sinto os braços de Simon ao redor da minha cintura, enquanto seu capacete cai ao nosso lado. Ele leva uma das mãos até as minhas e me faz descobrir o meu rosto. Olhar dentro dos seus olhos castanhos claro é um desafio.

— Pare de chorar, babe. Você é a minha assistente nesse jogo, preciso da minha mulher equilibrada para me dar minha garrafa de água no momento certo. — Cada palavra sua tira um soluço de mim, enquanto eu me obrigo a parar de chorar pelo bem da minha imagem nacional. — Boa garota — provoca, sabendo que isso irrita a merda fora de mim. — Você está bem?

— Eu não sei... — sussurro.

— Apenas aproveite isso aqui comigo e com o seu pai. Eu levei muito trabalho para organizar esse momento e ele só vai sair da forma perfeita se você estiver conosco. Estamos combinados?

Enxugo minhas lágrimas e engulo o choro de uma vez por todas. Aceno positivamente para Simon, respirando fundo e abrindo um sorriso torto.

Ele é bom demais para mim.

Simon sela nossos lábios e a multidão o ovaciona. Sinto minhas bochechas esquentarem, envergonhada com tamanha exposição, mas nos braços de Simon eu me sinto segura, então eu não deixo que nada me incomode.

— Melhor você realmente chutar a bunda de Seth Sawyer, assim poderemos tirar sarro da cara dele juntos — brinco, afastando nossas bocas e ele sorri de volta.

— Um casal que tira sarro juntos, permanece juntos.

— Você está certo, babe. Vá fazer o seu trabalho.

— É melhor você torcer por mim do jeito que eu sempre imaginei — diz, enquanto eu passo minhas mãos por seu rosto.

— Como você sempre imaginou? — Simon aproxima o rosto e murmura ao pé do meu ouvido.

— Como a líder de torcida mais gostosa do mundo.

Solto uma gargalhada e o abraço forte, beijando-o por livre e espontânea vontade antes de me afastar completamente.

É hora do jogo.

Capítulo 45

Simon Wyatt

“O melhor dia de nossas vidas...”

COM MARIO EM MINHA VISÃO PERIFÉRICA E SPENCER LOGO ATRÁS DELE, DOU UM SORRISO LADINO, SENTINDO O MEU PEITO CHEIO DE AMOR. Eu amo o futebol, eu amo o meu trabalho, eu sonhei com tudo isso por muitos e muitos anos e essa é a minha casa. Mas, com Spencer e Mario aqui, duplica todo esse sentimento dentro de mim. Esse momento é especial. Vou dar o melhor de mim para fazer de tudo isso aqui o melhor jogo de futebol de todo o mundo. Mario merece por tudo que ele fez por mim. Mario merece por tudo que ele fez pela minha Cherry. Eu lhe devo muito e eu sei, isso é o mínimo que posso lhe oferecer, mas com toda certeza é o suficiente para ele.

O jogo vai começar.

Entro no círculo feito pelos meus colegas de time, olhando rapidamente e notando que Seth faz o mesmo do outro lado do campo.

Vai ser divertido.

— Isso aqui é um jogo de verdade — digo. — Assim como jogamos pela Liga Nacional e damos a nossa bunda a chute de nossos adversários, quero que façam tudo isso aqui, hoje. Somos um time e eu não posso vencer sem vocês, então eu preciso que deem o seu melhor e deixem tudo que puderem para esse show — pontuo, controlando a minha ansiedade. — Quero os meus interceptadores de olho em Seth e Sculler. Eles jogam juntos desde sempre. Meu cunhado tem um arremesso certo e Sculler é um dos maiores recebedores que eu conheço. Façam essa merda funcionar.

— Vamos chutar a bunda de todo mundo — Jonathan exclama e todos repetem o seu ato.

Começo a rir e junto-me a todos eles.

Assim que todos dispersam e entram em formação, adrenalina perpassa

todo o meu corpo e atíça cada um dos meus poros. Da minha posição, vejo o time adversário fazer o mesmo e logo Seth acena para mim, tão divertido quanto eu. Finalmente jogaremos um contra o outro.

Ao som do apito e início do primeiro período de quatro, Jonathan recua a bola diretamente em minhas mãos e a batalha finalmente começa.

Que vença o melhor.



EU PODERIA DIZER QUE O JOGO FOI UMA BATALHA DAQUELAS BEM RUINS. Porém, não me atreveria a classificar dessa forma estúpida o show que nós demos dentro do campo. Esse foi o melhor e mais disputado jogo de todos os tempos, o que tornou as coisas dez vezes mais divertidas. A cada pausa para um novo período, reuni o meu time ao redor de Mario e recebemos as suas indicações sobre o time de Seth e Sculler. Não tão surpreendentemente, Mario fez as melhores colocações e foi justamente por causa dele que conseguimos vantagem.

Por conta desse pé na frente e olhar de Mario, nós vencemos.

Esse é um dos dias mais felizes da minha vida.

Ao apito final, comemoramos tudo que tínhamos que comemorar. Agradei a cada um dos jogadores, tanto do meu time, quanto do time de Seth, por terem vindo fazer parte de tudo que eu planejei para Mario. Agradei o próprio Seth, uma vez que ele foi uma das peças chaves para fazer isso funcionar. Finalmente, de coração, sinto e posso dizer que superei todas as suas burradas com a minha irmã. Como diz Spencer, "não é mais meu negócio". Em briga de marido e mulher, não se mete a colher. Eu meti a minha e fodi a minha relação com Spencer anos atrás. Nada disso é mais o meu negócio. Nada que me separe de Spencer é algo que valha qualquer risco para mim.

“O passado fica no passado”, é exatamente isso que eu penso quando
NACIONAIS-ACHERON

vejo Kirsty cruzar seu caminho dentro do vestiário em minha direção.

Como ela entrou aqui?

Não faço nenhuma ideia.

Como ela vai sair daqui?

Bom, eu espero que seja pelo mesmo lugar que entrou, já que Spencer entra logo atrás dela com uma expressão de poucos amigos.

— Então é aqui que tem se escondido por todo esse tempo, Simon? — Kirsty atira, cruzando os braços em frente ao seu corpo.

— Escondido? — Solto uma risada, achando graça da sua atitude. — Eu não me escondi de nada e nem de ninguém, Kirsty. Estive o tempo todo onde eu disse que estaria da última vez que nos vimos. Você se lembra? — questiono cinicamente.

É claro que ela se lembra, afinal, foi quando eu acabei o nosso relacionamento de merda. Visto minha camiseta branca e passo a minha toalha pelo meu cabelo molhado. Fito Spencer, que me encara de olhos semicerrados.

Ela parece adorável.

Eu poderia fazê-la se sentir dessa forma o dia todo apenas para ter a visão de sua carranca, mas, pensando melhor, tanto ciúmes assim não faz bem para ninguém e eu não quero Spencer irritada comigo.

— Eu lembro, só não imaginava que você estava realmente falando sério — Kirsty diz, sorrindo amarelo. Ela se mexe inquieta, visivelmente querendo dizer mais. — Eu sinto sua falta.

Tenho a plena consciência de que em certos momentos eu sou um cara muito escroto. Por exemplo, em momentos como esses, que pessoas insignificantes para mim aparecem e falam que sentem a minha falta ou qualquer coisa desse tipo, me dá muita vontade de rir. Eu não sou conhecido por mentiras ou bajulação do ego do próximo, se esse próximo não for Spencer, então não há nenhuma chance nesse mundo de eu deixar a minha risada presa.

— É mesmo? — indago, rindo de sua cara cínica.

Que Deus me perdoe.

NACIONAIS-ACHERON

— Eu estou falando sério, Simon. Realmente sinto a sua falta. — Kirsty dá o primeiro passo em minha direção, mas quando ela faz isso, Spencer dá cinco a mais e toma a frente da situação.

— Eu também sinto falta do meu namorado. Eu sei como ele pode ser bom, às vezes e sei muito da falta que ele faz quando fica longe. Tipo, agora. — Spencer sorri para Kirsty, que está atônita com a presença súbita da minha mulher. — Foram apenas vinte minutos longe dele e eu já estou morrendo de saudade desse imbecil. Sinto como se pudéssemos transar aqui mesmo... — Ela vira e sorri para mim, tirando meu sorriso para si mesma. — Você vai ficar aqui? Sabe, para ver e tudo mais...

— Eu... — Kirsty começa a gaguejar e balbuciar qualquer coisa que vem à mente.

— Eu não me importo. Você se importa, babe?

Dou de ombros.

— Se você quiser, Cherry.

Em menos de cinco segundos Kirsty corre para fora do banheiro. Começo a rir, puxando Spencer para perto de mim e selando nossos lábios.

— Porra, babe, você sabe como aterrorizar alguém. Eu gostei daquilo — digo, encarando seus olhos esverdeados completamente irritados.

— Primeiro o ataque mental, depois o físico. Felizmente ela foi derrotada por minha inteligência da psicologia reversa, caso contrário, eu teria que partir para a agressão e tirá-la pela peruca.

— Peruca? — Franco o cenho.

— Sim. — Spencer revira os olhos. — Tenho certeza de que aquela mulher usa peruca. O cabelo dela não pode ser tão bonito assim.

Nós dois começamos a rir e paramos apenas quando ela me abraça forte pela cintura.

— Vamos sair? O pessoal já deve estar indo para o restaurante em que fiz todas as reservas para essa noite. Temos que comemorar tudo que pudermos até quando aguentarmos. — Beijo o topo de sua cabeça e Spencer inclina o rosto para cima.

— Sim, eu vim atrás de você para isso. O papai está quase saindo

NACIONAIS-ACHERON

pulando da cadeira de rodas. Ele continua repetindo que ele foi o melhor treinador e estrategista do jogo. Você sabe, coisas que o Senhor Marioalaria depois de ter o maior sonho realizado. — Ela sorri de lado, subindo uma das mãos pelo meu cabelo e enrolando-o em seu punho. Spencer puxa os fios levemente e eu dou uma risada de seu ato. — Você está comprando o meu pai de todas as formas. Fale agora ou cale-se para sempre, Simon. Qual o seu plano?

— Quando imaginei esse momento, pensei que seria eu a pedir a sua mão em casamento, não o contrário — provooco e ela bufa, como se eu estivesse ficando louco. — Eu não tenho nenhum plano. Estou apenas fazendo de tudo para te deixar feliz e deixar Mario feliz faz parte da sua e da minha felicidade. Vamos levar tudo com calma. Não precisa de pressa.

— Certo. — Balança a cabeça positivamente.

— Podemos ir agora? — pergunto uma última vez e Spencer acena positivamente com a cabeça.



ENCARO SPENCER E MARIO, AMBOS RINDO E SE DIVERTINDO DE FORMA QUE EU POSSO JURAR QUE NUNCA VI ANTES. Depois de deixarmos o estádio, fomos levados — com a minha família — para o restaurante que eu disse ter feito as reservas para essa noite. Talvez eu tenha mentido um pouco, mas não foi nada demais. Eu tinha plena consciência de que teríamos que fechar o restaurante apenas para nós, já que são quase cem pessoas convidadas, então foi isso que eu fiz. Dinheiro é um bom aliado quando se tem planos que dependem dele.

Com cinco chefs na casa, pedi que eles estivessem prontos para cozinhar o que qualquer um quisesse. Ainda bem que me lembrei disso, já que Spencer apareceu com dois loucos pedidos na cabeça. Ela realmente quis comer Spaghetti à bolonhesa com sorvete de abacaxi em cima e, logo depois,

pediu um hambúrguer só de bacon. Posso entendê-la no último pedido, mas onde já se viu misturar Spaghetti com molho de tomate, carne e sorvete?

Balanço minha cabeça negativamente, dando uma risada e virando minha cabeça a tempo de ver a minha irmã se aproximar de mim com uma mão em cima da barriga e outra nas costas.

Mesmo com o cabelo bagunçado, ela parece linda. Pearl é muito bonita. Ela tem essa luz ao redor do seu corpo que, aliado ao seu sorriso, faz qualquer homem se curvar para ela. Admito, eu sou um dos que me curvo para ela, eu sempre fui. A sorte é que Pearl não sabe, mas, se ela me pedisse qualquer coisa, eu faria no mesmo instante. Mostro o que eu sinto de uma forma estranha, até mesmo irritante, mas eu amo a minha irmã. Amo pra caralho.

— Ei! — exclama, animada como sempre. Ela senta ao meu lado e sorri abertamente. — E então? — pergunta, balançando as sobrancelhas grossas e bem feitas para cima e para baixo.

— E então o quê? — Dou uma risada, confuso.

— Você está satisfeito? Feliz? Tudo saiu como você planejou para Mario...

— Eu provavelmente nunca estive tão feliz em toda a minha vida. — Pearl traz uma das mãos até meu ombro e segura uma mecha do meu cabelo, fitando-me atentamente. — Mario e Spencer estão muito felizes e isso é o suficiente para mim. — Aponto com a minha cabeça para os dois, que estão do outro lado da nossa mesa, rindo e conversando sem parar. — Eu nunca o vi tão radiante assim. Desde o primeiro momento, quando o reencontrei, Mario já estava com o semblante cansado e doente. Ele parece diferente agora, parece com “luz”.

— Eu vejo isso — Pearl sussurra de volta. — Foi incrível, Simon. Nunca vi nada parecido com o que você fez hoje e eu estou tão orgulhosa de todas as suas atitudes. — Nós dois nos encaramos. Os olhos da minha irmã estão marejados e eu sei que são os hormônios da gravidez falando mais alto. — Você me enche de orgulho. — Sua mão pousa em cima da minha bochecha esquerda e ela esfrega os dedos lentamente por ali. — Você enche a nossa família de orgulho e eu tenho muita sorte de ter um irmão tão bom

como você.

Engulo a seco, assentindo com a cabeça sem saber o que devo fazer.

— Você também me enche de orgulho — retruco, colocando minha mão em cima de sua barriga inchada de grávida e sorrindo de lado para descontraír esse momento estranho. — É o segundo bebê, Pearl. Isso é mais do que eu esperaria de você.

Pearl gargalha e se inclina abruptamente para me abraçar apertado. Retribuo o abraço com cuidado para não a machucar e recebo seu beijo na bochecha quando ela se afasta.

— Um dia você também vai fazer um grande feito como esse — diz, sentando-se outra vez.

— O quê? Ficar grávido? — Arqueio a sobrancelha e ela revira os olhos.

— Não, Simon. Ser pai. Se tem uma pessoa que está pronta para isso, essa pessoa é e sempre foi você.

— Você acha que eu vou ser um bom pai? — pergunto, com incerteza socando na boca do meu estômago.

— Eu tenho convicção disso e devo dizer que estou louca para ser tia. — Pearl pisca para mim e nós dois rimos.

— Spencer não quer um bebê agora e provavelmente, nem tão cedo. Eu a respeito, afinal, o corpo que vai mudar é o dela, mas confesso que a minha maior vontade nesse momento era de ter um filho com ela. Dar um neto para Mario antes que o seu tempo chegue. Eu não sei, pelo menos se ele tivesse a notícia antes de par...

— Não vamos falar sobre isso — Pearl pede, respirando profundamente. — Eu ainda tenho a esperança de que Mario se recupere, ainda mais por ele estar tão radiante hoje. Não vamos perder a fé, por favor.

Aceno positivamente, mesmo que a minha mente diga que "não". Contudo, olhando para Mario nesse exato momento, tenho sim a esperança de que ele possa estar melhorando.

Fé precisa ser a palavra do momento.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Por Mario

A vida só é boa quando vivida intensamente até o último suspiro.

O meu último suspiro foi intenso e, antes de cair no esquecimento e alívio de não ter mais que sofrer dores por todo o meu corpo, soube que a minha filha não estaria mais sozinha.

Agora, o que resta é que ela perceba isso.

A vida só é boa quando vivida intensamente até o último suspiro.

Minha vida foi incrível e agora eu estou indo de volta para os braços da minha amada esposa.

A vida só é boa quando vivida intensamente até o último suspiro.

Com o vento fresco frio de Long Beach beijando a minha pele envelhecida pelo tempo e desgastada pela doença, inclino minha cabeça para cima e fito Simon, a pessoa que eu mais tenho apreço nessa Terra depois da minha Spencer.

Ele é um bom homem.

Ele vai ser o melhor para ela.

Eles suportarão tudo isso, eu sei que sim.

Eu me sinto pronto para parar de sentir dor.

Eu me sinto pronto para partir.

A vida só é boa quando vivida intensamente até o último suspiro.

Capítulo 46

Simon Wyatt

“Caída...”

CINCO DIAS.

Esse foi o espaço de tempo entre o ápice de felicidade e o fundo do vale de escuridão, medo, dor e desespero. Quando o dia amanheceu hoje, eu não fazia ideia de que seria tão escuro quanto as nuvens carregadas acima de nós.

Logo cedo, me sentei no sofá, piscando copiosamente ao ver Mario se aproximar de mim em sua cadeira de rodas como um fantasma. Ele veio devagar, maneando a sua locomoção no guia com uma mão e levando a outra com um lenço até a sua boca, enquanto tossia sem parar. Faz dias desde o jogo de futebol onde tudo foi um mar de rosas para todos nós. Não posso falar pelos outros, mas, sem dúvidas, aquele dia está no top 5 de melhores dias da minha vida. Na manhã seguinte à tarde do jogo, Mario me agradeceu por tudo, ainda radiante como nunca, mas as coisas não seguiram esse rumo depois de um par de dias.

Hoje ele está assim: cansado, doente, fraco, franzino.

Saí para caminhar e, como sempre, Mario me acompanhou. Empurrei a cadeira dele por dois quarteirões e planejava empurrar por mais alguns pares de quarteirões antes de voltarmos, mas não foi bem isso que aconteceu.

Ele entrou em puro e cru colapso.

Mario murmurava consigo mesmo em um segundo e no próximo estava tremendo.

Eu nunca vi algo tão assustador em toda minha vida.

Baba começou a sair por sua boca e seus olhos começaram a virar, ao mesmo tempo que percebi que sua língua enrolava de forma agonizante. Ele parecia tentar respirar e algo me levou a arrancar minha camisa do corpo, enrolar a barra no meu indicador e enfiar dentro de sua boca.

Foi tudo muito rápido, chocante.

NACIONAIS-ACHERON

Enquanto tentava ajudar Mario, eu gritava para as pessoas chamarem uma ambulância e fomos socorridos pelos desconhecidos que passavam por ali. Porém, não esperei por uma ambulância. Um homem com uma mulher, provavelmente sua esposa, nos levaram para o hospital.

Nada mais passava em minha mente.

Mario estava morrendo em meus braços. Ele não parava de tremer e babar. Seus dentes fechavam em torno do meu indicador, mas eu não o retirei de sua boca, caso contrário ele sufocaria por completo.

O mais cedo que chegamos ao hospital, socorristas vieram ao nosso encontro. Mario foi colocado em uma maca, convulsionando em cima da mesma e desde então eu não tenho notícia dele. Quero dizer, nós não temos. Meu celular, que esteve por todo momento no bolso da minha bermuda, começou a tocar por volta de uma hora mais tarde. Era Spencer. Eu não poderia dar essa notícia por telefone para ela, então recusei a sua chamada e liguei imediatamente para a minha irmã. Quem atendeu foi Seth, como sempre, mas foi melhor assim. Expliquei o que havia acontecido e pedi para ele ir com Pearl até meu apartamento e trazerem a minha Cherry para o hospital.

Assim foi feito e aqui estamos nós.

Spencer está abraçada em mim desde o momento em que ela entrou na sala de espera e me agarrou com força, desabando em meus braços entre soluços compulsivos. Sua dor finca-se em meus ossos e eu desejo ter o poder de conseguir tirá-la de tamanha agonia, de fazê-la se sentir melhor e livre de todos os pensamentos ruins. Infelizmente, não consigo fazer ela se sentir mais leve, até por que o momento não oferece isso para nenhum de nós dois. Estou tentando ao máximo não quebrar, pois eu preciso estar nesse momento para Spencer.

Dois meses e uma semana se passaram desde o dia em que o doutor me disse sobre o tempo limitado de vida de Mario. Tivemos uma semana a mais e agora eu sinto a dor de desejar ter mais tempo com ele, mas é impossível. A vida torna isso impossível, o destino torna isso impossível e o mais importante de todos: o fodido câncer torna isso impossível.

Meu coração está espancando meu peito.

Spencer não para de soluçar.

Inferno.

Isso está me partindo em dois.

— Babe, por favor... — sussurro ao pé do seu ouvido.

As lágrimas de Spencer não pararam de banhar meu ombro por nem mesmo um segundo desde que ela congelou nessa posição.

— Diga... para mim... que ele... vai... ficar bem... — Sua voz rouca e entrecortada dilacera meu coração.

Eu não posso dizer isso porque eu sei o que está vindo em nossa direção. Não é bom, mas eu não posso mais mentir para a minha mulher.

— Sinto muito, babe. — Deslizo minhas mãos até seu rosto e ela o afasta do meu ombro. Spencer está quebrando diante dos meus olhos e eu sinto que não posso fazer nada para ajudá-la. — Mario está lutando pela vida dele e eu sei que ele não vai nos desapontar e partir sem dizer um mísero adeus...

— Ele não pode morrer, Simon — continua, em meio uma avalanche de sentimentos ruins que a pisoteiam duramente.

— Eu não posso lhe prometer algo fora do controle, Cherry. Espero que isso seja apenas um susto e, se não for, eu desejo com todo meu coração poder pacificar essa tempestade forte que está dentro de você. Se eu pudesse, tomaria sua dor para mim.

— Mas você não pode... — Seus olhos verdes fecham e abrem, derramando lágrimas sobre o rosto mais bonito que já vi. — Dói muito, babe. Eu não sei se...

Spencer fecha os olhos mais uma vez, esticando o pescoço e esforçando-se para segurar seu choro. A força que ela faz é insana. Eu consigo ver o quão machucada ela está ficando. As feridas estão abrindo sob sua pele e devastando sua alma e sua esperança. Retiro o que disse quando vi Mario se contorcendo e sem consciência em sua cadeira de rodas, beirando a morte. Isso aqui, a minha Cherry afundando, é a coisa mais assustadora que eu já presenciei.

Seguro seu rosto com avidez e deixo meus lábios caírem em cima dos
NACIONAIS-ACHERON

dela. De primeira, ela não reage ao meu beijo. Spencer continua em sua agonia, que causa a minha de forma instantânea. Passados longos segundos, ela finalmente corresponde a minha tentativa de sanar seu desespero. As batidas do meu coração revestem a ponta dos meus lábios, fazendo-me ter a certeza de que de todos os beijos que nós dois já trocamos, nenhum teve tanto significado quanto esse. É tão calmo, tão preciso, tão doloroso de continuar seu percurso, mas essa é a dor que eu escolho sentir. Isso torna tudo único, mesmo que seja quase insuportável.

Com as mãos trêmulas, Spencer agarra meu cabelo, puxando o mesmo como forma de me manter mais perto. Não me importo se estamos causando uma cena na sala de espera, eu nunca me importei em causar uma cena em qualquer lugar. Seus lábios partem e nossas línguas esbarram, tornando o beijo mais lento do que antes. Pelo menos nesse momento não há desespero. Eu respiro Spencer da forma que sempre desejei ter a chance de fazer. Ela é fora do normal e do convencional. De alguma forma, saber que ela se denomina minha, me conforta. Eu vou ser quem vai estar ao seu lado e quem vai ajudá-la a voltar aos trilhos. Temo não ser o suficiente ou falhar, mas não será por falta de tentativa.

Separo nossas bocas quando o ar é necessário para ambos.

— Você precisa ficar calma — enuncio, tentando fazer com que ela assimile as palavras que lhe digo. — Estou com você e ficarei com você sem nem mesmo me pedir. Eu estou aqui para te segurar e eu vou fazer isso. — Spencer abre olhos e me fita intensamente. — Você está me entendendo?

— Sim...

Sua cabeça cai sobre meu ombro mais uma vez, mas agora Spencer não derrama nenhuma lágrima. Ela se acalma e, tranquilamente, entrelaça os dedos nos meus e puxa minha mão até seus lábios, depositando um beijo no dorso e pegando-me desprevenido com seu gesto de gratidão.

Os minutos que passamos dessa forma, nessa posição, são preciosos. Afago a cintura de Spencer, enquanto sonolentemente ela brinca com nossos dedos juntos. Quase não tiro os meus olhos dela e isso só acontece quando meus pais chegam ao hospital. Minha mãe tem uma mochila nos braços, enquanto meu pai a abraça pelos ombros.

— Sua mãe está aqui... — Spencer sussurra.

— Sim, babe. Quer falar um pouco com ela?

Ela inclina o rosto para mim e sorri, triste.

— Não, eu quero que você fale com ela.

— Não vou deixar você sozinha para ir falar com ela, Spencer.

— Por favor... eu quero ficar um pouco com Pearl... — pede.

Respiro fundo, completamente contrariado, mas acabo concordando. Ela se levanta de cima de mim e eu faço o mesmo. Meus pais se aproximam de nós e, antes que Spencer escape, os dois a envolvem em um abraço sem dizer nenhuma palavra. Quando o abraço chega ao seu fim, minha namorada se afasta e sorri triste mais uma vez.

A cada sorriso triste que Spencer dá, sinto como se alguém tivesse segurando meu coração na mão e apertando com brutalidade.

Minha mãe vem em minha direção e me abraça com força pela cintura. Não mais sem jeito, devolvo seu abraço, pois ele tem o poder de me fazer sentir algo bom no momento, como, por exemplo: o seu amor.

— Eu espero que você e Spencer estejam bem — sussurra, afastando o rosto do meu peito e me fitando. — Eu trouxe roupas para você se trocar. Sua irmã me disse o que você estava usando, então achei melhor...

— Obrigado, mãe — interrompo seu discurso e inclino-me para beijar sua bochecha. — Realmente, obrigado.

Seus olhos brilham e ela empurra a mochila em minha direção.

— Vá se trocar, enquanto compro café para nós... — diz, puxando-me pelo braço e retribuindo o beijo que lhe dei. — Eu amo você, filho. — Sua voz torna-se embargada, como se ela estivesse prestes a chorar.

Passo por meu pai e paro para lhe dar um abraço. Recebo dois tapinhas nas costas antes de seguir o caminho até o banheiro, o que não demora para acontecer. De longe eu vejo o olhar de Spencer e da minha irmã colado em mim e no que acabou de acontecer, mas isso não me surpreende. É claro que elas estariam olhando.

Viro e entro em outro corredor, achando o banheiro masculino e

entrando no mesmo. No momento em que entro em uma das poucas cabines por ali, chuto meu tênis de corrida para fora dos pés e começo a me trocar. Não sei onde minha mãe achou essas roupas, mas são do meu exato tamanho. O jeans parece com um dos meus e a camisa branca cai perfeitamente no meu corpo. Enfio meu short de corrida dentro da mochila e fecho a mesma, sentando-me na tampa do vaso sanitário e voltando a me calçar com meu tênis de corrida.

Deixo a cabine com a mochila sobre meu ombro e vou até a pia. Abro a torneira, aproveitando para passar um pouco de água no meu rosto antes de voltar para a sala de espera.

Sei que devo mudar minha atitude com meus pais, mas às vezes é difícil pensar e fazer isso, tudo ao mesmo tempo. Tenho a mania de me machucar ou ficar irritado rápido demais. Qualquer palavra ou atitude errada vindo de pessoas que eu amo, acabam me ofendendo. E foi isso que aconteceu entre meus pais e eu. Prefiro deixar isso guardado em mim por ora, eu não quero ficar me lembrando de nada que me deixe instável.

Depois de esfregar o meu rosto e lavar as mãos, enxugo-os e volto para a sala de espera. Quando chego, deparo-me com Spencer abraçada em Pearl. Minha irmã está sussurrando algumas palavras para ela, como eu posso perceber de longe, então eu não me atrevo a atrapalhá-las. Encontro minha mãe me esperando com dois copos na mão e vou até ela.

— Puro e forte, do jeito que você gosta — informa ao me entregar o copo branco.

— Obrigado — agradeço-lhe, caindo na cadeira livre ao seu lado esquerdo, já que meu pai ocupa a do lado direito.

Levo o copo até minha boca e tomo um gole do líquido escuro. Não está tão quente, então felizmente eu não queimo toda a minha boca. De soslaio, observo minha mãe bebericar seu café, enquanto me fita nada discreta. Finjo que não percebo o que ela está fazendo e a espero falar, o que não demora a acontecer, exatamente como eu previa.

— Mario estava muito ruim? O que realmente aconteceu? — indaga.

— Eu estava caminhando e levando-o comigo para tomar um ar, então ele... ele entrou em colapso. Eu não sei ao certo, parecia que Mario estava

convulsionando. O mais rápido que consegui ajuda de um casal, chegamos ao hospital e ele foi levado para a emergência.

— Você tem alguma ideia do que pode ter acontecido? — continua.

Bebo outro longo gole e aceno positivamente.

— Ele está morrendo. — Por mais cruel que seja, essa é a verdade. — Mario reclamou para mim sobre dores nas últimas semanas, tentei convencê-lo a vir para o hospital, mas nada funcionou. O doutor que está cuidando do seu caso nos disse dois meses atrás que o tempo de vida dele era curto. E aqui estamos: o tempo de Mario está chegando ao fim. Câncer provavelmente tomou conta de todo ele. — Sinto um leve tremor tomar conta das minhas mãos, pois isso é agonizante de jogar para fora.

— Spencer sabe disso? — Fito minha mãe, encarando seus olhos marejados.

— Não, Mario preferiu que ela não ficasse sabendo. Ela estava cheia de preocupação e ele queria apenas passar seus últimos dias em paz com a filha. Eu o entendo, mas, por mais que a vida seja esse sopro, ora longo, ora curto, é revoltante ver uma pessoa tão nova ir tão cedo. Mario ainda tinha tanto para viver...

— Nossos planos nem sempre são os melhores. Mario perdeu a mulher para essa doença. A doença que os separou, agora está levando-os a ficarem juntos outra vez. — Ela coloca a mão em cima do meu ombro.

— Isso soa mórbido e feio.

— Sim, pode até ser, mas eu não acredito em acaso. Tudo tem um propósito. — Minha mãe toca a ponta do meu cabelo, enrolando uma mecha em seu indicador fino.

— Uma aposta me separou de Spencer... e uma aposta está nos juntando, só que em vida. — Divago.

— Uma aposta? — meu pai pergunta.

— Longa história que não merece nosso tempo — resmungo, pigarreando em seguida ao ver Spencer se aproximar de nós em passos lentos.

— Vou conversar um pouco com a sua irmã. Qualquer coisa que

precisarem, é só me chamar — minha mãe diz, antes de se levantar e levar meu pai consigo.

Spencer finalmente para em minha frente e eu a puxo para o meu colo. Ela senta em cima das minhas pernas e fica ali, quieta.

— Você quer um pouco de café? — pergunto, empurrando meu copo em sua direção.

— Não. — Torce o nariz, fazendo cara feia e empurrando minha mão para longe. — Esse cheiro é enjoativo.

— Quer comer alguma coisa?

— Não, Simon, quero ficar aqui com você. Só isso. Por favor.

— Não precisa falar duas vezes — retruco, deixando meu copo de lado e abraçando-a com força pela cintura.

Respiro fundo, sentindo o cheiro do cabelo úmido de Spencer.

Ela sempre cheira bem.

— Você está com medo? — pergunta, segurando minha mão.

— Sim — confesso.

— Eu estou definhando de medo...

Beijo o topo de sua cabeça, apertando-a mais forte.

— Descanse um pouco — peço, pois essa é a única coisa que vai tirar a cabeça de Spencer da realidade nesse momento.



PERTO DAS CINCO HORAS DA TARDE, FINALMENTE AVISTAMOS A SEGUNDA PESSOA MAIS ESPERADA DO MOMENTO. Durante todo esse tempo, Spencer cochilou duas vezes e deu algumas mordidas em um sanduíche que comprei para ela. No instante em que ela está quase adormecendo pela terceira vez, o doutor aparece. Sua feição não é nada boa, NACIONAIS-ACHERON

mas isso já era esperado por mim. Spencer pula do meu colo e eu a sigo, segurando sua mão ao pararmos em frente ao homem de jaleco tão branco quanto o piso e as paredes desse lugar aterrorizante.

— Como ele está, doutor? — Spencer atira sem nem mesmo esperá-lo abrir a boca.

Ele levanta o olhar da sua prancheta de sempre e limpa a garganta com um pigarro.

— Mario está inconsciente, Srta. Carter. O quadro que ele apresenta é grave, muito mais grave do que o quadro que ele apresentou dois meses atrás. Infelizmente o corpo do seu pai está tomado por câncer e esse foi um dos motivos agravantes e que piorou a situação dele essa manhã. É muita generosidade falar que ele apenas passou mal, eu admito. O que aconteceu mais cedo foi ruim. O cérebro foi atingido e o sistema nervoso também. O que ocorreu, de fato, foi um acidente vascular cerebral, ou derrame cerebral, que acontece quando há entupimento ou o rompimento dos vasos que levam sangue ao cérebro provocando a paralisia da área cerebral que ficou sem circulação sanguínea adequada. Não foram convulsões, foi algo mais sério. — Antes que Spencer chegue ao chão, solto a sua mão e agarro o seu corpo com força. — Eu sinto muito, Srta. Carter. Seu pai não recobrará aos sentidos e agora ele está respirando apenas por aparelhos.

Spencer explode em choro.

Ela esperneia e se debate contra mim.

Seu choro destroça os meus ouvidos.

Seus golpes em meu corpo fazem toda a força que eu estava tentando canalizar para nos manter de pé, esvair. Eu não sei para onde vai tudo que eu guardei para nos sustentar. Eu não sei como vou conseguir lidar com a minha dor e a dor da minha Cherry.

Nós caímos no chão e nos abraçamos ali mesmo, sem ninguém se atrever a fazer nenhum movimento em nossa direção.

Lágrimas descem por minhas bochechas, mas isso não alivia nada do que está acontecendo. Tudo que eu consigo escutar são os soluços de Spencer misturados com meus batimentos cardíacos.

Se pelo menos a vida fosse justa...

NACIONAIS-ACHERON

Se pelo menos pudéssemos mudar o percurso das coisas...

Minhas mãos tremem, enquanto tento tomar a atenção de Spencer para mim ao segurar o seu rosto. Ela reluta e luta como nunca vi antes. A angústia que nos cerca faz todos que passam por ali, nos olharem com pura consternação. É um purgatório na Terra para a minha Cherry. A tortura pela qual ela está passando ao perder sua mãe e seu pai para a mesma maldita doença me faz amaldiçoar o precioso nome do criador desta porra de Terra.

Por que Ele insiste em fazê-la sofrer tanto assim?

Não foi o suficiente?

Por que ela precisa passar por tanta tribulação?

Seu coração está fragmentado, fraturado, despedaçado, partido.

Meu coração não se encontra de modo diferente.

Compartilhamos a mesma dor, obviamente, ela mais do que eu.

— Não o meu pai, por favor! — Spencer grita.

— Babe, por...

— Simon, faça ele voltar! — continua, segurando o meu rosto desesperadamente.

— Impossível...

Spencer desliza as mãos e me acerta impiedosamente no peito. Eu não a impeço. Ela precisa disso e, talvez, eu também precise.

— Ele está nos... está nos... nos deixando... e não... n-não vai se despedir, Simon — Spencer não para de gritar.

Ela está inconsolável.

Seguro os seus punhos, amassando seu corpo contra o meu. Forço um abraço entre nós dois, xingando com todos os palavrões existentes e inexistentes.

Eu não sei como lidar com isso.

Seus gemidos e grunhidos de dor continuam, enquanto eu beijo o topo de sua cabeça. Tento acalmá-la, mas eu sei que isso não está funcionando da forma que eu desejo. Ninguém teria tamanha capacidade de acalmar Spencer,

se não Mario.

Os minutos passam dolorosamente devagar até que Spencer controle o seu choro. Posso jurar que vou escutar o barulho de sua dor quando fechar os olhos para tentar dormir ou apenas descansar. Nada nunca foi tão assustador para mim como esse momento.

— Você quer vê-lo, Srta. Carter? — o doutor pergunta, deixando-nos saber que ele não saiu do seu lugar em nenhum momento.

Afrouxo os braços ao redor do corpo de Spencer e ela respira fundo, passando suas mãos pelo rosto e levantando a face para me encarar.

— Nós podem... podemos? — gagueja, olhando do doutor para mim e vice-versa.

Ele parece ponderar a pergunta, talvez por que não possa entrar duas pessoas ao mesmo tempo, mas no final de tudo ele acena positivamente. Eu não tenho coragem de negar isso para Spencer, por mais que eu esteja morrendo de medo do que estamos indo ver. Meu coração acelera como um louco quando me coloco de pé e ofereço ajuda para Spencer se levantar. Assim que ela se firma em suas pernas, entrelaço nossos dedos e aperto nossas mãos juntas.

O doutor acena com a cabeça, indicando para que nós o sigamos e é exatamente a iniciativa que eu tomo, já que Spencer parece fincada no chão. Ela começa a andar ao meu lado, seus passos incertos e devagar.

Não sei de onde estou tirando tanta força para continuar de pé. Posso parecer um garoto por pensar isso, mas gostaria apenas de sentar no canto de uma sala e chorar até que os problemas desapareçam. Eu nunca pensei que algum dia ficaria tão vulnerável às ciladas da vida. Eu nunca pensei que, mesmo sabendo que esse dia chegaria, a dor fosse tão insuportável assim. Eu nunca pensei que desejaria voltar aos meus cinco anos de idade, para fingir alguma dor e dormir ao lado da minha irmã, abraçados.

A cada passo que damos pelos corredores assustadores de paredes e chão branco, penso em sair correndo para fora desse lugar. Maneando minha cabeça para o lado, fito Spencer, que parece ainda mais perdida do que eu, lembro-me que ela é quem mais precisa de mim, então engulo metade da minha dor para deixá-la saber que fugir nunca será uma opção para mim

quando se trata de nós dois.

O doutor para em frente a uma porta branca e abre a mesma, dando-nos espaço para entrar.

— Eu estarei aqui fora. Qualquer coisa, há um controle em cima da mesa de cabeceira. Aperte o botão vermelho e chegaremos em segundos.

Eu escuto, mas não assimilo as duas palavras, já que Spencer me puxa para dentro do quarto e o homem atrás de nós fecha a porta.

A minha visão embaça de forma estúpida no instante em que coloco os olhos em cima de Mario. Spencer solta a minha mão e eu continuo parado como uma estátua quebrada, sustentada por apenas um dos pés e pronta para cair ao simples sopro do ar. Observo a minha Cherry se aproximar apressada do seu pai, caindo na beira da cama e abraçando-o pela cintura.

A minha respiração fica tão difícil de controlar, que eu engasgo em minhas lágrimas e soluços.

Mario está entubado. Vários fios estão ligados ao seu corpo franzino e magro. Se pela manhã ele já parecia franzino e abatido, agora eu mal consigo reconhecer o homem que me fez abrir os olhos para a preciosidade da vida.

Eu não reconheço o meu melhor amigo.

Eu não disse tudo que deveria ter dito a ele e talvez seja tarde demais para isso.

— Pai... — Spencer sussurra entre um soluço e outro. — Papai... — Eu não consigo vê-la tão destruída assim. — Pai, p-por favor...

Me aproximo de Spencer, tomando lugar do outro lado da cama e inclinando-me para fitá-la de perto. Os seus olhos estão espremidos, deixando apenas que as lágrimas escapem com dificuldade deles. Planto uma das minhas mãos em cima da dela e Spencer abre os olhos devagar, olhando-me como quem pede para eu dar um jeito na situação.

É impossível.

Nossos barulhos se misturam apenas com o som frequente e espaçoso dos batimentos de Mario.

— Babe, você precisa... — Recolho toda a minha força e limpo a garganta em um pigarro. — Você precisa se despedir do seu pai.

NACIONAIS-ACHERON

Fazer isso foi mais difícil do que eu pensei.

— Não, Simon — sussurra, relutante. — Ele e-está vivo. — Ela sorri, levantando o seu corpo e eu faço o mesmo. Spencer segura o corpo de Mario e começa a balançá-lo. — Pai, por favor, pai, mostra para o Simon que isso... que isso é apenas uma brincadeira... igual àquela que você fez com as crianças lá no apartamento — pede, sorrindo em meio a lágrimas. Dou a volta na cama e posiciono-me atrás de Spencer. Tento tirar as suas mãos de cima de Mario, mas ela solta apenas para me empurrar para longe. — Ele está vivo! — grita, virando para mim. — Ele está vivo, não diga para eu me despedir de uma pessoa que está viva! — continua e eu balanço a cabeça negativamente.

— Ele está vivo, Cherry, mas, por favor, entenda que talvez essa seja última vez que ele possa realmente nos escutar. — Seguro seu rosto ao me aproximar outra vez dela. — Por favor, babe... não deixe essa chance passar. Mario está vivo e ele precisa te escutar — completo.

Spencer respira profundamente e me abraça de forma inesperada. Ela chora e me aperta com força, sussurrando coisas que eu mal consigo escutar. Afago o seu cabelo levemente, um pouco mais controlado comigo mesmo e tentando passar isso para ela.

— Eu não quero me despedir — ela confessa com a voz embargada.

Spencer nunca esteve tão instável em toda a sua vida, eu posso sentir.

— Nem eu, mas precisamos fazer isso. Eu confio em você para fazer o que tem que ser feito. Tenho certeza que Mario também confia em você e ele mal pode esperar para escutar sua voz bonita, Cherry. — Esfrego meus dedos sobre suas bochechas, enxugando as suas lágrimas com cuidado e fitando os seus olhos com reconhecimento de sua dor.

Ela se afasta de mim de forma devagar, como se estivéssemos em uma cena de filme onde o movimento usado é da câmera lenta. Spencer consegue ficar em cima da cama, de joelhos, praticamente reproduzindo a foto que Mario mostrou-me dela com sua mãe.

Ela parece tão pequena e frágil. Destroçada, exatamente como a garotinha que perdeu a mãe e fora deixada apenas com o pai. A diferença é que Spencer está comigo dessa vez. Eu não faço a mínima ideia se o nosso

amor é capaz de suportar tamanho choque de realidade. Eu não sei se Spencer é capaz de suportar isso tudo.

— Pai... — sussurra, como se Mario estivesse ali, nos fitando de volta e acenando com sua cabeça para que sua filha continue a falar. Coloco-me atrás de Spencer e deixo minhas mãos sobre os seus ombros, pronto para lhe dar apoio. — Eu sei que você deve estar sofrendo muito, com muita dor e agonia por conta do câncer. Eu sei, pois estivemos juntos nessa por tanto tempo, apenas eu e você. Contudo, mesmo sabendo disso, eu não posso deixar de ser egoísta e te pedir para ficar aqui, para ficar comigo. — Remexo minhas mãos em seus ombros, tentando relaxá-la um pouco. — Quando a mamãe nos deixou, você prometeu que nunca faria o mesmo comigo. Eu e você, pai, lembra? Como eu vou seguir em frente sem te ter ao meu lado? Como eu vou preencher o buraco que está se abrindo em meu peito com a sua partida? — Spencer soluça, enquanto os batimentos cardíacos de Mario começam a acelerar em resposta. — Eu não posso, pai. Eu não consigo sem você, eu nunca vou conseguir. Por favor...

— Babe... — murmuro.

Os batimentos de Mario continuam na subida constante.

— Eu sinto muito se eu não sou forte o suficiente para superar isso, mas eu sou uma estúpida humana de carne e osso, com as mesmas dificuldades e egoísmos que todos têm. Você pode ir, pai, mas eu não... eu não vou conseguir continuar de verdade depois disso.

Dita a última palavra, o doutor entra no quarto com mais cinco outras pessoas.

— Preciso que saiam do quarto, agora — sentencia em um piscar de olhos.

Os batimentos de Mario soam descompassados por todo o quarto, deixando-me alarmado do que pode estar acontecendo. Puxo Spencer pela cintura, ela não esboçando mais nenhuma relutância e saímos do quarto antes de ver qualquer procedimento que eles estejam tomando.

Eu não sei.

Provavelmente esse é o fim de Mario.



QUANTO MAIS OS SEGUNDOS PASSAM, MENOS EU SEI O QUE FALAR.

Depois que eu tirei Spencer do quarto e os médicos tomaram conta da situação, o doutor de Mario voltou cerca de duas horas mais tarde para dizer que tudo estava sob controle outra vez, porém, ele disse mais: “Mario não passará dessa semana”. Eu e Spencer não falamos mais nada e todos repetiram nosso ato.

Não há o que falar.

Palavras nunca seriam suficiente para descrever nada do que estamos passando.

Spencer me abraçou forte naquele momento e só nos soltamos quando fomos liberados novamente para voltar ao quarto de Mario. Estamos em seu quarto há pelo menos cinco horas. Sentei na poltrona ao lado da sua cama e trouxe Spencer para o meu colo e assim passamos as últimas horas: calados, juntos, quebrados, encarando Mario praticamente sem piscar.

Duas batidas soam através da porta e minha irmã abre, entrando e fechando a porta. Ela nos fita triste e se aproxima de nós dois.

— Se vocês quiserem sair um pouco, eu e Seth nos oferecemos para ficar aqui com Mario — sussurra, doce como sempre.

Fito Spencer, que continua calada e beijo o seu maxilar.

— Eu vou ficar — afirmo. — Leve Spencer com você. Ela precisa descansar um pouco.

— Eu não preciso — Spencer retruca.

Seguro o rosto dela, forçando-a a me encarar.

— Você precisa. Não vamos discutir sobre isso. Por favor, descanse por mim, por Mario e por si mesma, Cherry. Essa é a única coisa que eu te

peço. — Esfrego meus dedos sobre a pele avermelhada de suas bochechas magras. — Eu estarei aqui por nós dois e vou cuidar dele como vim cuidando desde que se tornaram a minha família. Por favor, babe.

Ela parece estar dividida entre dizer “sim” ou “não”.

— Tudo bem... Eu vou descansar um pouco.

Respiro aliviado e assinto, selando nossos lábios rapidamente e deixando-a se levantar do meu colo. Spencer lança um último olhar em direção a Mario, recebendo o abraço da minha irmã e saindo do quarto com ela.

Abaixo minha cabeça entre as mãos e deixo-me relaxar por apenas alguns instantes. O barulho espaçado dos batimentos de Mario ainda me assusta e me lembra que essa é a minha chance. Ele está indo embora agora, não daqui uma semana. A melhor coisa que Pearl poderia ter feito por mim, ela fez, que foi me ajudar a tirar Spencer desse quarto.

Essa é a hora.

Levanto-me e paro ao lado da cama de Mario, colocando a minha mão em cima da dele.

As lágrimas ameaçam escapar dos meus olhos, mas eu seguro a vontade de chorar e prossigo com o que devo fazer.

— Mario... — resmungo, minha voz saindo mais fraca do que eu pensei que sairia. Sento-me na beirada da cama, fitando o seu corpo inerte em minha frente. — Eu não sei se você pode me escutar e eu acho que, provavelmente, você não pode, mas de qualquer forma eu preciso te dizer algumas coisas. — Puxo o ar pesado com força.

Deixo que alguns segundos passem para que eu possa retomar ao controle das coisas.

— Eu nunca fui bom com essas coisas de sentimentos, você sabe, cara. Sempre fui reservado e, às vezes, quase frio. Contudo, eu sei que você está partindo e eu não posso deixar de expressar a minha gratidão por ter me ajudado a ser realmente um homem desde o primeiro momento. — Pigarreio. — Gratidão é a palavra. Gratidão por ter sido o cara incrível que criou a mulher que tem o meu coração nas mãos, gratidão por ter torcido por mim, gratidão por ter me dado a chance de te ajudar o quanto eu pude, gratidão por

NACIONAIS-ACHERON

ter me feito rir e gratidão por ter rido comigo. Gratidão, Mario, gratidão por ter sido o melhor amigo que eu nunca tive. Poucas pessoas conseguiram fazer isso comigo, Mario e você conseguiu. Você me cativou e eu amo você por isso, amigo. — Uma lágrima cai sem minha permissão. — Muito obrigada por todos os momentos que escolheu compartilhar comigo. Muito obrigada por todas as lições que deixou marcadas para sempre na minha vida. Muito obrigada por me mostrar que a vida vai além de tudo isso aqui. Mesmo de longe, espero que esteja olhando por nós, juntamente com a minha sogra. — Solto uma risada baixa, bufando em frustração ao ouvir os batimentos dele acelerarem da mesma forma que aconteceu quando Spencer estava se despedindo dele hoje mais cedo. — Eu nunca vou deixar a sua filha sozinha, eu já prometi isso a você. Enquanto eu tiver a chance de fazê-la se sentir melhor, eu farei. O meu coração bate por Spencer, Mario. Você está nos deixando em corpo, mas ficará em nós para sempre. Eu não estive com você no momento em que descobriu sua doença, mas eu estarei aqui quando for a sua hora de ir. É a minha palavra que eu quero que fique na sua cabeça, amigo. Spencer vai ser feliz, Spencer vai voltar a sorrir e Spencer vai se lembrar de você com um sorriso no rosto e não lágrimas nos olhos.

Puxo a poltrona para perto da cama e me sento nela, ainda segurando a mão de Mario, enquanto respiro fundo e encaro o aparelho desregulado de seus batimentos.

Em um segundo a sala está numa corrida e no outro ela para.

A vida é um suspiro e esse foi o suspiro de Mario.

Balanço a minha cabeça negativamente, enxugando as lágrimas que eu nem notei que estava deixando escapar.

Os médicos entram na sala com um aparelho familiar nas mãos e o doutor pede para que eu deixe o local. Aperto uma última vez a mão de Mario e me levanto, fazendo o meu caminho até a porta. Aquelas pessoas começam a falar entre si e então eu os vejo usando o aparelho em Mario, lembrando-me do seu nome: desfibrilador.

Agora não há mais volta.

Bato a porta e deixo que eles tentem tudo dentro do possível.

Desfiro um soco na parede. A minha mão lateja, mas nada seria mais

forte que a dor em meu peito.

Meu melhor amigo se foi.

O pai da minha namorada morreu.

Mario nos deixou.

Capítulo 47

Simon Wyatt

“Vazio...”

POR MAIS QUE EU TENTASSE EXPLICAR O MOMENTO EM QUE OLHEI PARA SPENCER E SOUBE QUE ELA JÁ SABIA O QUE HAVIA ACONTECIDO, EU NÃO CONSEGUIRIA. Não precisei dizer uma palavra sequer, pois provavelmente tudo estava estampado na minha cara quando entrei na sala de espera e a encontrei com minha irmã. Elas nem mesmo tiveram tempo de ir para casa e fazer tudo que havíamos planejado quando lhe pedi para descansar. Sentamo-nos juntos em uma das cadeiras e eu abracei o seu corpo, embalando-a em meus braços para lhe passar calma e tentar conseguir alguma para mim mesmo. Nenhum dos outros alarmes foi tão oficial quanto esse.

Uma hora mais tarde, o doutor chegou com a notícia que eu já tinha e preparei Spencer para receber: Mario faleceu às onze horas e cinquenta e cinco minutos de uma quinta-feira sombria. Não mais tão abalada quanto antes, Spencer me abraçou mais forte, sendo essa a única reação que ela esboçou ao receber a notícia do assustador homem de jaleco branco.

Por fora eu estava completamente controlado, mas por dentro as coisas explodiam sem controle. Deixei Spencer com Pearl mais uma vez e segui com Seth para falar com o doutor, onde ele me explicou todos os procedimentos que faria a partir daquele momento. As minhas mãos não pararam de tremer nem por um só segundo. Depois de falar com o doutor, virei-me para Seth e o encarei, talvez parecendo um pouco perdido com as coisas e então recebi sua oferta de ajuda. Ele disse que poderia cuidar de todo os “preparativos” para o enterro e que, se eu quisesse, o mesmo poderia acontecer no campo de sua casa.

Eu aceitei a sua ajuda.

Por que eu não aceitaria?

Minha cabeça estava cansada e o meu corpo esgotado.

NACIONAIS-ACHERON

Assim como o doutor disse, o corpo de Mario estaria pronto para sair às seis e meia da manhã, então ao menos eu poderia passar um tempo com Spencer antes disso, no nosso apartamento.

E foi isso que eu fiz. Aceitei a ajuda de Seth e, posteriormente, a de Sculler, que se ofereceu quando se aproximou de mim com Cassie. Voltei até Spencer e estendi minha mão para ela, que segurou sem pestanejar — e, eu diria, segurou até mesmo com certo desespero.

Sem mais delongas, me despedi da minha irmã e dos meus pais apenas com simples acenos e saí do hospital com Spencer, entrando no carro de Quinn, que já nos esperava do lado de fora.

Neste exato momento, são uma da manhã e eu ainda não consegui fechar os meus olhos. As lembranças de tudo que aconteceu depois da partida de Mario há pouco mais de uma hora atrás me deixa assombrado.

Cheguei em casa com Spencer e fomos direto para o nosso quarto. Tiramos as nossas roupas de forma desengonçada e seguimos para o banheiro, onde ficamos debaixo do chuveiro por longos minutos. Esfreguei sua pele com cuidado, lavando o seu corpo fraco e cheio de necessidade. Fui paciente e deixei que ela chorasse por quanto tempo desejasse, enquanto as lágrimas se misturavam com as gotas de água que caíam sobre nós. Spencer também esfregou a minha pele com a esponja que estava em minhas mãos, soluçando baixo, ao passo que as suas mãos trêmulas encontravam o percurso incerto por ali.

Eu a deixei fazer o que bem desejasse e foi depois que ela fez e parou de chorar, que saímos do banheiro e caímos na nossa cama.

Spencer está quieta, mas não está dormindo.

A sua respiração está um tanto alterada, enquanto bate no meu pescoço e me diz que ela está reagindo da mesma forma que eu. A vontade que eu tenho é de sair do nosso quarto e procurar por Mario, mas eu sei que ele não está mais aqui, então tudo seria em vão.

— Simon... — Spencer finalmente fala alguma coisa.

Continuo mexendo em seu cabelo úmido e apenas inclino um pouco a minha cabeça para fitá-la. Acho o seu rosto, para a minha surpresa, um tanto sereno. As bochechas estão avermelhadas, assim como o seu nariz, por conta

NACIONAIS-ACHERON

do choro de antes e os olhos esverdeados estão entreabertos, como se ela estivesse grogue ou com muito sono.

— Sim, babe? — murmuro de volta, esperando que ela volte a falar.

— Será que você poderia falar de coisas boas para mim?

Coisas boas?

— O que você quer escutar? — pergunto.

— Futebol. Me fale sobre o seu time, sobre os jogos, sobre a sua felicidade.

Puxo o ar com força, pois nem mesmo sei por onde começar. Eu poderia parecer um babaca por dizer que o futebol não passa nem perto da real felicidade que eu tive o prazer de sentir ao lado de Spencer e Mario nos últimos meses, mas posso tentar mostrar para ela um pouco do prazer que eu tenho ao jogar futebol.

— É um bom time... — digo, tentando achar mais palavras para tentar explicar. — Eu não tenho amigos por lá, apenas colegas, mas me divirto bastante. Nos treinos sempre tem algum que sofre na minha mão. Eu sou conhecido por pregar peças e toda essa merda de sempre, então ninguém nunca consegue me pegar, eu sempre penso mais rápido e de fato sou mais rápido.

— Deve ser divertido — diz, segurando a minha mão livre e entrelaçando os nossos dedos.

— É divertido na maior parte do tempo, até quando as coisas ficam mais sérias e essa é sempre a melhor parte dos treinos. Minha rotina está parada por conta desse tempo que estou passando fora, mas em breve voltarei a fazer todos os exercícios que são necessários para me manter tão bom quanto na temporada passada.

— E as fãs?

— Sempre calorosas demais. — Dou de ombros. — Quando eu estava com Kirsty, não tínhamos nada dessa ligação que nós dois temos, então eu sempre estava transando com uma fã ou outra. Era a mesma coisa que não ter namorada nenhuma.

Spencer segura no barbante em meu dedo — que eu venho trocando

periodicamente — e arqueia a sobancelha.

— E isso foi antes de você.

— Ou depois de mim, afinal, nós já nos conhecíamos — replica.

— Mas você não era minha — afirmo.

Spencer acena positivamente e eu selo os nossos lábios levemente.

— Eu não sei se pareci feliz falando sobre futebol para você, mas espero que saiba que isso não é nada perto do que sinto quando estamos juntos. Você é a minha verdadeira felicidade, as outras coisas são apenas meros complementos.

— Eu acredito em você — sussurra contra a minha boca.

— Você não tem outra saída, a não ser acreditar em mim. Eu estou sendo completamente sincero com você, babe. — Afasto o cabelo castanho para fora do seu rosto. — Você pode negar a minha ajuda ou negar que precisa do que faço para você, mas eu estou do seu lado para cuidar de ti, Cherry, da mesma forma que você cuida de mim nas pequenas coisas que faz. Eu e você, babe. Eu e você.

Seus olhos enchem-se de lágrimas e ela joga o seu corpo sobre o meu.

— Eu preciso de você mais do que qualquer coisa, Simon. O papai me deixou e você é a única pessoa que ainda me faz pensar em um “amanhã” melhor. Você é o único que ainda me dá esperança de viver... Se você não estivesse aqui ou ao meu lado hoje mais cedo, eu não estou certa se suportaria passar por tudo que passei.

— Não fale ou pense nisso, babe. Preciso que descanse um pouco, pois quando acordarmos teremos um dia longo pela frente. Vamos nos despedir do seu pai e vamos tentar levar as coisas com calma e aos poucos. Eu não sairei do seu lado nem que me peça. Estamos juntos daqui até o fim de nós dois. — Beijo o topo de sua cabeça, afagando sua cintura desnuda e deixando que ela deslize novamente para o meu lado. — Descanse, Cherry. Descanse.

Spencer acena, aconchegando-se outra vez contra mim, ainda com nossos dedos entrelaçados. Ela beija minha bochecha e se acalma aos poucos, relaxando de uma vez ao obedecer ao meu comando.

Os minutos se passam até que a respiração de Spencer se estabiliza. Ela

adormeceu em meus braços, exatamente como um anjo machucado que finalmente encontrou o seu lugar de paz e descanso. Fico observando-a por algum tempo, sentindo meu peito apertar com um sentimento ruim de aflição. Eu me sinto sufocado, como se nada que eu estivesse fazendo fosse ficar sob o meu controle. De fato, a vida é incontrolável. Nem os melhores médicos conseguiram salvar o meu melhor amigo. Se é a sua hora, não há para onde fugir.

Solto os meus dedos dos dedos de Spencer e agarro o meu celular, que treme na mesa de cabeceira ao lado. Uma mensagem da minha irmã pisca na tela, fazendo-me deslizar o ícone para o lado e abri-la.

“Seth me pediu para avisá-lo que tudo está sob controle. Assim que amanhecer nós vamos ligar para a funerária e terminaremos de organizar todas as coisas. Espero que esteja descansando com Spencer. Eu amo muito vocês dois e estou preocupada. Qualquer coisa a mais, por favor, nos avise.

Pearl Wyatt-Sawyer.”

Saio do aplicativo de mensagens, deixando para respondê-la apenas seis horas.

Clico na galeria de foto e sinto o mesmo sentimento ruim de aflição voltar no momento em que eu bato os olhos em uma das muitas fotos de Spencer e Mario que estão no meu celular.

Apesar de tudo, fomos muito felizes como família.

Deslizo para fora da cama, ficando de pé e observando Spencer se remexer, mas continuar dormindo. Visto-me com uma calça de moletom e saio do nosso quarto, deixando a porta aberta e seguindo para a cozinha com o meu celular nas mãos. Abro a geladeira e puxo uma cerveja lá de dentro, abrindo a tampa da garrafa com uma toalha e continuando o meu percurso até a sala de estar.

O apartamento está calmo e o único ruído que pode ser escutado é dos meus passos no piso liso de madeira. Sento-me no sofá, em meio a penumbra

NACIONAIS-ACHERON

produzida pelas luzes da cidade que entram no cômodo pela parede vidro. Tomo um gole longo da bebida e olho para o lado, exatamente para o lugar onde Mario costumava se sentar para vermos os meus jogos de futebol nas reprises dos canais de esporte.

Foi uma curta jornada, talvez um pouco desgastante, mas se eu pudesse escolher mudar alguma coisa do que passamos, eu nunca teria a audácia de fazê-lo. As coisas são o que são. Boa ou ruim, a vida foi feita para ser vivida independente dos desafios e circunstâncias que nos são imposto Não sei o quanto eu ainda vou ter que passar, mas Mario fez a parte dele ao me ensinar que desistir não faz parte do cotidiano das pessoas que batalham por uma realidade melhor. Há aqueles que desistem por falta de esperança, mas, enquanto eu tiver Spencer comigo, eu terei esperança para o nosso futuro como um casal.

Pego o controle da televisão e ligo a mesma, colocando no canal de esportes a assistindo a qualquer reprise aleatória. Posso não o ter fisicamente ao meu lado, mas ele estará presente hoje e sempre no meu coração.

Foi uma curta jornada, mas foi o suficiente.

Dessa forma eu passo o resto da madrugada na sala de estar, sozinho, apenas eu e a televisão à frente. Perto das cinco da manhã, levanto-me e volto para o quarto, enfiando-me debaixo do lençol e puxando Spencer para perto de mim.

Esse é o meu lugar de paz em meio a tormenta.



ABRO OS OLHOS AO SER CUTUCADO LEVEMENTE POR SPENCER. Sinto ela inclinar o corpo sobre o meu e beijar minha bochecha, deitando sobre mim e me abraçando com carinho. Sua respiração irregular bate em meu pescoço, deixando-me saber que ela já está um tanto instável. Eu não a julgo por isso. Levo meus braços ao redor de sua cintura e correspondo o seu

NACIONAIS-ACHERON

abraço, confortando-a em silêncio.

Não dormi nem um pouco.

Depois que caí na cama, fiquei olhando para o teto, enquanto mexia no cabelo de Spencer e afagava sua cintura levemente. Os pensamentos foram tantos que me deixaram ligado por uma longa hora. Tentei achar saídas para nossa situação, mas nada me veio à mente, apenas mais dor e problema. Às vezes é bom ficar em silêncio e deixar as coisas seguirem seu curso natural. É o que eu planejo e vou fazer.

— Dia... — sussurra ao pé do meu ouvido.

Sua voz fraca e rouca faz a minha respiração difícil.

— Dia, babe. — Agarro toda a minha força e finco as unhas nela, obrigando minha voz a ficar segura e confiante, esperando passar um pouco disso para Spencer.

Ela afasta o rosto e nós nos fitamos intensamente, todas as barreiras e guardas no chão.

Não há motivo para orgulho em um momento como esse.

— Você está pronta? — indago, levando uma mão até seu cabelo castanho e afastando-o da frente de seu rosto.

Spencer morde o lábio inferior e balança a cabeça negativamente.

— Não... — continua, falando tão baixo quanto antes. — Mas precisamos... precisamos fazer isso...

Aceno positivamente.

— Precisamos — afirmo.

Selo nossos lábios e levanto-me com Spencer nos braços, caminhando com calma até o banheiro. Deixo ela de pé em frente ao espelho, inclinandome e pegando sua escova de dentes e creme dental. Aplico o conteúdo branco no objeto e entrego a Spencer, fazendo o mesmo para mim. Fazemos nossa higiene matinal nos encarando pelo espelho vasto.

Olhando-a completamente nua, ainda me irrita com a sua magreza. Ela parece mais doente do que nunca e eu sei que é por causa de sua alimentação furada. Por mais que eu me esforce para fazê-la comer, principalmente nos

últimos dias, que Spencer andou tendo uma série e enjoos e vômitos, eu não consigo empurrar muito para ela se alimentar da forma correta. Isso me deixa louco, obviamente, mas o que eu posso fazer?

Estou me planejando levá-la ao médico no próximo mês, com a esperança de que as coisas já estejam melhores para nós dois até lá.

Terminamos de escovar os dentes e seguimos para o chuveiro. Empurro minha calça de moletom para baixo e chuto para longe, entrando debaixo da água quente com Spencer. Isso alivia metade da tensão e pressão em meu corpo, tanto pelo momento, quanto por eu não ter descansado nada. Repito o gesto do nosso último banho, nessa madrugada e lavo o seu corpo com cuidado. Eu e Spencer trocamos alguns beijos debaixo do chuveiro, eles me fazem sentir um estranho embrulho no estômago, mas eu sigo com tudo que temos que fazer e logo estamos saindo do banheiro.

Enrolados em dois roupões, procuramos por algo para vestir no guarda-roupas. Observo Spencer puxar lá de dentro um vestido preto, calcinha e short curto e colado também da mesma cor, seguindo para a nossa cama. Apanho uma calça jeans e camiseta preta simples, sendo isso o suficiente para mim.

Visto-me ainda de pé, observando os movimentos lentos de Spencer, enquanto ela faz o mesmo.

Ela precisa reagir mais.

Eu preciso que ela faça isso por nós dois.



NO MEU CAMINHO PARA O HOSPITAL COM SPENCER, RECEBEMOS A LIGAÇÃO DE SETH, AVISANDO-NOS QUE O CORPO DE MARIO JÁ ESTAVA NO CAMPO DA CASA DELE. Mudei de percurso e chegamos lá em poucos minutos. Surpreendentemente, quando chegamos, notei vários carros estavam estacionados ao redor da casa de Seth

NACIONAIS-ACHERON

e pelo próprio local, afinal, estou falando de uma mansão. Estacionei meu carro e saí com Spencer, puxando um casaco que joguei no banco de trás e colocando em cima dos ombros magros da minha mulher.

Ela segurou minha mão durante todo o nosso trajeto até o campo.

Uma tenda foi colocada no meio do local, enquanto cadeiras foram espalhadas para que as pessoas se acomodem por ali.

Nos aproximando do caixão, vejo minha irmã com Christian nos braços, meu sobrinho dormindo serenamente, como se nada estivesse acontecendo ao seu redor. Estou falando de uma criança. Ele não tem noção nenhuma do que deve estar se passando.

Devido ao câncer, antes de terminar de falar com o doutor, ele me avisou que o caixão de Mario deveria manter-se fechado e que não poderia ser aberto em qualquer hipótese. Explicou ele que é por conta do câncer e do mal cheiro produzido pela metástase.

De fato, a metástase apodreceu todo o seu corpo.

No momento, eu e Spencer estamos à beira do caixão de Mario, fitando-o pelo pequeno vidro do caixão. Esse é o mais perto que chegaremos dele e, de qualquer forma, parece ser perfeito para nossa sanidade mental. Abraço Spencer pela cintura, dando-lhe a força necessária para encarar esse momento como algo natural da espécie humana.

Isso é natural.

Vida e morte, por mais que nos cheguemos a nos sentir injustiçados por perder as pessoas que amamos, é essa a natureza da vida.

Tudo tem um começo e um fim.

— Poderíamos ter tido mais tempo — Spencer fala, provavelmente sozinha, então eu não me atrevo a interrompê-la. — Eu sei, pai, você tinha a mania de repetir que as coisas não podem ser controladas, que a vida não está em um controle remoto e que tudo tem um propósito, mas... mas eu não entendo para quê tanta dor?

Respiro profundamente, absorvendo suas palavras.

— Eu estou tentando ficar de pé por você... por Simon... tenho esperança de que eu ainda posso ser feliz e posso fazê-lo feliz. Mesmo assim,

eu gostaria de te ter aqui. *Nós gostaríamos.*

Beijo o topo da cabeça de Spencer, apertando seu corpo contra o meu.

— Você me faz feliz desde o dia que entrou na minha vida, nunca duvide disso. — Sinto a necessidade de certifi-cá-la de tal fato.

Spencer inclina o rosto sobre o ombro, levantando o queixo e me encarando de olhos marejados.

— Eu faço?

Ela está tão insegura, vulnerável e fraca.

Coisas ruins estão acontecendo em sua cabeça e isso está me ferindo de forma amarga.

— Você faz.

O lábio inferior de Spencer treme e ela captura-o entre os dentes, engolindo seu choro que ameaça escapar. Encosto minha testa na dela e lhe envio um sorriso.

— Você sempre faz, babe.

Ela sorri de volta e vira-se bruscamente para me abraçar pelo pescoço como quem procura consolo.

— Não sei o que faria sem você, Simon — resmunga.

— Estamos no mesmo patamar.

Devagar, faço Spencer se afastar e nos guio até as duas cadeiras mais próximas ao caixão, justamente as que estão ao lado da minha irmã. Spencer se senta ao lado de Pearl, que lança um sorriso fraco para a minha Cherry. As duas conversam em tom baixo, praticamente inaudível. Spencer segura a minha mão e aperta uma vez ou outra, atraindo o meu olhar para si, enquanto responde a minha irmã de maneira monossílaba.

Olho pelo local, finalmente notando que todas as pessoas presentes são do meu time, do time de Seth e Sculler e poucos amigos e frequentadores da pizzeria que conheceram Mario. Encontro Sculler conversando com Seth e, quando eles percebem que eu estou os encarando, me chamam em um aceno.

Tento soltar a minha mão da mão de Spencer, mas ela não cede, apenas vira e me fita confusa.

— Eu vou falar com Seth e Sculler, babe. Volto em alguns minutos.

— Não demora — pede e eu assinto.

Levanto e faço o meu caminho pelo campo, acenando para todos os meus colegas, mas não parando para falar com qualquer um deles. Eu sei que, em parte, eles vieram para me dar apoio nesse momento, contudo, prefiro não falar com ninguém ainda.

Paro em frente a Seth e Sculler, que estão na porta dos fundos da cozinha.

— E aí, cara... — Sculler resmunga, embalando Ryle nos braços, que também está tão nocauteada quanto Christian.

— Tudo bem? — retruco, olhando de um para o outro.

Eles acenam positivamente.

— Quinn conseguiu as informações necessárias e descobriu o cemitério onde a mãe de Spencer foi enterrada. Falamos com quem foi preciso e marcamos o enterro para às quatro da tarde, não muito cedo, mas também não muito tarde. Está tudo pronto, como eu disse que faria — Seth informa.

Escuto Cassie chamar Sculler, mas não dou tanta atenção, só percebo que ele se afasta de nós dois.

— Tudo bem... — replico, esfregando minhas têmporas em agonia. — Obrigado pelo que vem fazendo por Mario e por Spencer.

— E por você, cara.

Solto uma risada, achando isso um pouco cômico.

— Nunca nos demos bem — digo, fazendo questão de lembrá-lo disso.

— Não é hora e nem momento para isso, mas preciso te dizer que é apenas porque você não quer, Simon. Nós somos uma família, você querendo ou não. Tudo que é importante para Pearl, automaticamente é importante para mim. Eu não suporto ver a minha mulher machucada e tudo que está acontecendo está deixando ela abalada de forma quase que inacreditável. Mesmo Pearl não te dizendo nada, a nossa relação arisca também a deixa triste. Eu estou me esforçando e fazendo a minha parte para que isso funcione. Sem ressentimentos, sem passado. O que passou, passou. Eu repito, nós somos uma família.

NACIONAIS-ACHERON

— O que passou, passou — repito.

Nós dois assentimos e consolidamos esse momento de forma silenciosa.

— Tem café aí dentro? Eu sinto como se minha cabeça estivesse para explodir — troco de assunto, mas é por uma boa causa.

Eu estou com fome e preciso pegar algo para alimentar Spencer.

— Sua mãe está aí dentro com o seu pai. — Dá de ombros. — Pegue algo, enquanto eu fico de olho em Pearl e Spencer.

Abro a porta da cozinha e entro, confiando em Seth para fazer o que disse.

Acho os meus pais caminhando pelo local. Minha mãe mexe em algo nas panelas, enquanto o meu pai corta algo em cima de uma tábua de madeira.

— Bom dia — os saúdo, chamando a atenção dos dois.

Minha mãe sorri para mim, parecendo contente por me ver, mas sua expressão logo muda.

— Bom dia, filho... — retruca, afastando-se do fogão e se aproximando de mim. — Você está bem? Parece que não conseguiu descansar tanto.

— Normal, mãe. Só estou cansado — tento tranquilizá-la.

— E eu estou preocupada com você — diz. Sento-me em um dos bancos em frente ao balcão e ela passa a mão pelo meu cabelo. Eu estranho, obviamente, afinal, apenas Spencer faz isso comigo, mas eu não me afasto. — Como Spencer está?

— Triste, perdida e tão cansada quanto eu. Apesar de tudo, ela parece ficar bem ao meu lado. Precisamos apenas de um pouco de tempo, ela principalmente — confesso.

— Espero que vocês dois consigam se ajudar durante esse período. Quando perdi seus avós, eu também fiquei assim, então sei do que estou falando. É preciso ser forte e saber que a vida continua, mesmo com tantas dificuldades emocionais.

— Você está certa, mãe... — murmuro.

Ela sorri mais uma vez e eu dou-lhe um sorriso de volta em agradecimento por suas palavras.

— Você está com fome? — indaga. — Fiz bastante café e Seth encomendou comida para alimentar as pessoas que sentirem fome. Eu devo dizer, nunca entendo como ele consegue fazer e resolver as coisas com tanta rapidez. — Minha mãe revira os olhos, fazendo-me achar graça de sua atitude.

— Ele é um dos caras mais ricos do país, mãe, você sabe disso, certo? Seth manda em quem quiser e compra o que bem desejar. O cara é diretor da maior rede de hotéis da América e de quebra, é um dos jogadores de futebol americano mais bem-sucedidos da década. Aproveite um pouco, coroa e explore o seu genro — brinco com ela.

Sua risada contida, enquanto se afasta, me faz sentir a familiaridade de ter uma mãe. Faz um longo tempo que não passamos por um momento como esse e, encontrar leveza nessa situação justamente nela, é algo que me surpreende.

— Eu não ligo para o dinheiro dele. — Dá de ombros. — Gosto da pessoa que ele é e isso é o que mais conta para mim. Sua irmã teve muita sorte de encontrar alguém como Seth e eu digo o mesmo sobre Spencer. Você se tornou o porto-seguro dela, Simon e eu não tenho dúvidas de que você aguentaria qualquer coisa por *sua Cherry*.

— Todos somos sortudos. Eu por ter Spencer e ela por me ter. Com Pearl e Seth é a mesma coisa e com todas as pessoas que se amam segue a mesma regra. Somos todos sortudos por termos pessoas que nos completam junto de nós.

Minha mãe se aproxima com uma caneca cheia de café e um prato com três croissants.

— Você está certo — sussurra e beija a minha bochecha, afastando-se e voltando a fazer o que estava fazendo antes de eu chegar e atrapalhá-la.

Tomo um gole do café preto, subindo o olhar e encontrando meu pai me encarando.

— Pai. — Aceno para ele com a cabeça e ele devolve o gesto.

— Filho.

Continuo fazendo a minha refeição, não demorando mais que o necessário. Quando termino de comer os croissants e tomar o meu café, pego a garrafa de café e encho novamente para levar para Spencer. Ela não é a maior fã de café, mas não posso me virar com nada melhor do que isso no momento e ela precisa tomar algo para ter forças.

Saio da cozinha sem dizer nada e fazendo o percurso de volta até minha irmã e minha namorada. Seth já está com elas, sentado ao lado de Pearl e inclinado para Spencer, como se estivesse falando alguma coisa para ela.

Ignoro o vento frio sobre minha pele, notando que até mesmo o tempo mudou drasticamente no dia de hoje. Estou falando de Long Beach, uma pequena cidade de clima litorâneo localizada na Califórnia. O clima é sempre agradável, às vezes quente, mas não é nada que deixe ninguém louco de calor. A diferença de todos os dias para hoje e ontem, é que o tempo não está nada bonito. As nuvens estão cinzentas e o vento está frio, como prenúncio de uma tempestade que pode estar por vir.

Eu não gosto nem um pouco disso.

Wimberley não era assim e Long Beach tampouco.

Fecho a distância entre Spencer e eu, sentando-me ao lado dela e atraindo sua atenção para mim.

— Tome — comando, colocando a caneca de café em suas mãos.

Ela torce o canto da boca, não gostando nada disso.

— O cheiro me faz...

— Te faz? — questiono, indagando-a a continuar.

— Eu fico enjoada com isso, Simon...

Respiro fundo.

— Precisamos ir ao hospital. Ultimamente quase tudo tem te feito ficar enjoada e sua pouca preocupação com alimentação está começando a me deixar louco — murmuro, mantendo o tom apenas para que ela escute a minha reclamação.

É claro que eu vou reclamar.

Eu sou o único que vê o quão magra ela parece.

Eu sou o único que está tentando lidar com sua falta de comprometimento com a própria saúde.

É claro que eu vou reclamar.

— Sinto muito — lamenta, colocando a caneca de volta em minha mão.

— Spencer.

— Se eu tomar isso, eu vou vomitar. Não quero passar mal, Simon. Apenas não insista.

Balanço minha cabeça negativamente e me levanto.

Eu vou insistir.

Não digo nada. Caminho de volta para a cozinha e deixo a caneca de café em cima do balcão. Aproximo-me da minha mãe, que sorri para algo que o meu pai diz e chamo sua atenção.

— Tudo bem, querido? Precisa de algo? — pergunta, parando de sorrir.

— Spencer não quis tomar o café que eu levei para ela. Eu não sei mais o que fazer para que ambos fiquemos satisfeitos com a situação. Ela diz estar enjoada e que se tomar, vai vomitar, mas é sempre isso: ou ela não come nada, ou ela come muito e depois passa mal. Preciso de um meio-termo, mas eu não sei mais o que fazer, mãe.

— O que ela gosta de comer pela manhã? — pergunta e depois balança a cabeça, como quem acabou de ter uma ideia. — Quando eu fiquei grávida de você e de Pearl, eu costumava ter muitos enjoos — diz, indo até a geladeira e tirando de lá algumas frutas. — Frutas sempre melhoravam o meu estado e elas são cheias de benefícios para saúde. Você pode levar isso para ela. O que acha?

— Spencer não está grávida, mãe. — FRANZO O CENHO.

— Mas ela está enjoada, então podemos tratá-la como grávida somente por essa refeição. Eu vou cortar as frutas e você chama ela para cá.

Concordo com o seu plano.

— Você vai mesmo fazer isso? — questiono, incerto.

— É claro, filho. Chame Spencer e vamos tentar algo.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 48

Simon Wyatt

“Vazio...”

SÃO QUATRO HORAS E TRINTA E CINCO MINUTOS DA TARDE. Depois da minha quase discussão com Spencer, eu fiz exatamente o que a minha mãe me pediu. Vi estampado no rosto dela a sua insatisfação, mas quando Sra. Wyatt a chamou para conversar, enquanto comiam frutas, Spencer relaxou um pouco mais e se alimentou de tudo que a minha mãe colocou para ela comer. Isso me aliviou em níveis extremos, principalmente por ela não ter vomitado nada.

Quando voltamos para os nossos lugares, muitos começaram a se aproximar para falar conosco e prestar as suas condolências por Mario. Spencer recebeu carinho de pessoas que talvez nem mesmo ela conheça, como por exemplo os caras dos times. Agradei a presença deles, que com certeza foram avisados por Seth, tentando mostrar que foi importante tê-los comigo e com Spencer.

Meia hora atrás, nós saímos da casa de Seth e Pearl e seguimos por um cortejo até o cemitério. Foi difícil dirigir com o coração praticamente saindo pela boca, mas eu fiquei o tempo todo segurando a mão de Spencer, que não tirou os olhos do carro que levou o corpo de Mario até o local. Nesse exato instante, abraço Spencer pelos ombros, trazendo-a para bem perto, enquanto escutamos as palavras de conforto que o padre profere na última despedida de Mario.

A caminhada de poucos minutos atrás, onde eu, Spencer, Seth, Sculler, meu pai e minha irmã trouxemos o caixão de Mario até esse lugar, foi provavelmente uma das caminhadas mais difíceis que eu já fiz em toda a minha vida. Saber que Mario está nos deixando fisicamente de forma oficial, rasga o meu coração de todas as mais agonizantes formas.

Inclino minha cabeça para fitar Spencer, que está agarrada em minha camiseta preta olhando diretamente para o caixão de Mario, que começa a

NACIONAIS-ACHERON

descer na cova aberta.

Seu corpo treme a cada centímetro percorrido, enquanto eu a observo sofrer calada.

Não fazemos um movimento sequer, assistimos a tudo inertes.

A chuva que se prepara para cair acima de nós ainda não deu o ar da graça, apenas deixa o tempo mais frio e sombrio que antes. Puxo Spencer para mais perto de mim e beijo o topo de sua cabeça, tentando protegê-la do frio irritante.

— Diga-me quando tudo acabar — pede, enfiando o rosto em meu peito e dando as costas para a cena.

Eu não posso julgá-la por não querer ver o seu pai sendo enterrado.

É apenas uma escolha. É apenas a sua forma de se defender e aliviar as feridas que abrem sob sua pele, despedaçando e destroçando a sua alma boa.

Eu nunca me atreveria a julgá-la.

Ninguém faz nenhum barulho.

A terra escura começa a ser jogada sobre o caixão de forma que apenas esse som é escutado por todos os presentes. É abafado, seco e real, assim como eu relacionaria a morte.

Tudo que está acontecendo é real.

Não consigo evitar uma solitária lágrima de descer por minha bochecha esquerda.

Eu me sinto tão machucado quanto poderia estar.

É como estar se afogando cada vez mais em mais dor.

Um par de minutos depois, a terra escura cobre todo o retângulo onde Mario foi colocado. O padre faz o sinal da cruz e se afasta, levando a sua Bíblia debaixo do braço.

— Acabou, babe — resmungo, minha voz inconstante e embargada.

Spencer levanta o rosto para mim e eu o seguro de cada lado, limpando as lágrimas que começam a descer de seus olhos verdes e avermelhados.

— Vamos para casa — continuo.

Ela balança a cabeça negativamente.

As pessoas começam a se afastar, dando tudo por encerrado e aos poucos nós vamos ficando sozinhos. Spencer segura as minhas mãos e me puxa até o túmulo, agachando-se em frente à lápide cravada com o nome de Iris e Mario. As lágrimas de Spencer caem sobre a peça de mármore e ela esfrega uma das mãos ali, contornando os nomes de seus pais.

— Eles se foram... — sussurra, completamente instável. — E me deixaram para trás.

— Eles te deixaram comigo, Cherry. Eu vou cuidar de você e nós vamos ser felizes, vamos construir a nossa própria família.

Ela vira o rosto e me encara.

— Família...

— Sim, família. A nossa família.

Spencer respira fundo e concorda.

Nos levantamos devagar. Volto a limpar suas lágrimas, afastando seu cabelo castanho para fora do meu lugar preferido de se olhar e deixando que ela se recomponha aos poucos.

Minha família está nos fitando de longe, provavelmente nos esperando para irmos juntos até o carro. Passo o meu braço sobre os ombros de Spencer mais uma vez e começamos a nos afastar lentamente, juntando-nos aos outros. Somos os últimos do grupo, deixando-os murmurarem qualquer coisa à frente em meio a uma conversa baixa.

Quando estamos perto dos nossos carros, seguro em uma das mãos da minha Cherry, tentando puxá-la para mais perto, porém ela resiste.

Sinto sua tristeza de tão perto que quase me enlouquece.

Eu nunca me senti tão instável ao me sustentar e sustentar outra pessoa, que nesse caso é Spencer. O pesar em deixar Mario ir — fisicamente falando — para longe de nós, faz a minha cabeça girar em trezentos e sessenta graus.

Se tem uma coisa que eu aprendi, é que a vida não é fácil.

Depois de tanto confortar Spencer e tentar colocar em sua mente que esse lugar é só uma passagem para outro lugar melhor, forço-me a acreditar

ainda mais em minhas próprias palavras. Toda preparação para momentos como esses é feita em vão.

Nada nunca vai te preparar o suficiente para deixar um ente querido ir sem lutar.

Em minha cabeça eu estou e continuo lutando.

Mario... porra, eu o amava pra caralho.

— Babe... — murmuro, tentando novamente puxar Spencer para mais perto.

— Eu posso ficar um tempo sozinha? — replica.

Respiro fundo, sendo pego de surpresa.

Eu não quero deixá-la sozinha de jeito algum, mas também não quero prendê-la debaixo da minha necessidade de fazer com que ela se sinta melhor a qualquer custo.

— Tem certeza que precisa disso? — retruco e nós paramos de andar.

Spencer puxa sua mão da minha e me fita convicta, assentindo positivamente logo em seguida. Inclino meu rosto e selo nossos lábios em um beijo superficial e doloroso. Ela me beija de volta vagorosamente, mostrando-me que, apesar de tudo, estamos bem.

— Você vai ficar bem? — pergunto uma última vez, encostando a minha testa na sua.

— Sim — sussurra.

Respiro fundo, empurrando a minha merda para dentro e cedendo de uma vez.

— Vou esperá-la em casa.

Puxo minha carteira do bolso da calça e lhe dou duas notas de cinquenta dólares. Ela se agasalha com o meu casaco, enquanto um trovão ruge acima de nós.

Começando a se afastar, Spencer me dá um último olhar, esse carregado de muita dor e vazio.

Ah, Cherry...

Se eu ao menos pudesse roubar a sua dor para mim.

Observo seu corpo demasiadamente magro terminar o caminho até a saída. Spencer passa por minha família e apenas acena de forma breve com a cabeça. Tomo o mesmo caminho que ela, só que com mais pressa. Pearl coloca a mão em cima do meu braço, tentando me puxar para um abraço, mas ainda não consigo tirar os olhos de Spencer.

— Simon... — minha irmã sussurra, fraca.

Spencer está parada à beira da calçada.

Ela está perdida.

— Spencer pediu um tempo sozinha e... eu não sei se isso é o melhor a ser feito no momento — respondo a pergunta silenciosa da minha irmã. — Eu vou chamá-la de volta.

— Deixe-a um pouco — Pearl sugere.

Spencer finalmente coloca o pé na pista e eu viro para fitar minha irmã.

— Isso não está certo — rebato.

Volto a olhar Spencer, que em um segundo está ereta e em outro está inclinando-se para frente com a mão na barriga. Ela cambaleia para todos os lados, entrando na avenida de uma só vez e fazendo meu coração subir até o topo da minha garganta.

Eu puxo o meu braço para longe de Pearl e saio correndo na direção da minha Cherry.

— Porra!

Não sei de onde vem a exclamação, mas essa é a última coisa que escuto antes de...

Antes de um ônibus acertá-la em cheio.



VOCÊ CONHECE AQUELA FAMOSA LEI DE MURPHY, ONDE ELE DIZ QUE SE ALGO PODE DAR ERRADO, DARÁ? Eu nunca acreditei nisso, afinal, nada nunca deu tão errado em minha vida que eu parei e pensei: "agora não pode piorar".

Murphy estava certo.

Tudo piora.

A vida é frágil.

No momento em que você dá o seu primeiro suspiro, você já está sujeito à fragilidade da vida humana. A morte deveria ser mais valorizada por nós, mera espécie ignorante e cega, que muitas das vezes ignoramos as pessoas boas que estão ao nosso lado.

Tem um momento em que tudo muda para você, aquele instante em que entra alguém novo em sua vida e você percebe que nada jamais será como antes. Isso aconteceu comigo há quase oito anos atrás, quando coloquei os olhos em cima da ajudante de cozinha mais bonita que tive o prazer de conhecer.

Minha Spencer, minha Cherry.

No momento em que coloquei os olhos nela, soube que nada jamais seria o mesmo. Eu estava fodido só em olhar dentro dos seus olhos verdes, que ainda eram vivos e felizes de volta naquele tempo.

E, então, ela falou. Sim, ela falou. Se apresentou, disse que era um prazer me conhecer e eu ferrei tudo, atirando uma piada qualquer para chamar a sua atenção. Felizmente, eu tive a sua atenção. E ali eu já estava em pura queda-livre.

Ah, se eu soubesse que momentos como aquele fariam tanta falta no presente ameaçado, nunca teria feito pouco caso ou vivido rápido demais. E essa é a pior parte da vida: querer consertar e apagar erros que não podem ser alcançados novamente.

Você vive apenas uma vez.

E então...

Booom.

A pancada.

Nem mesmo eu sei de onde aquele ônibus em alta velocidade saiu. Nem mesmo eu sei de onde tive forças para correr até o corpo da minha Cherry.

Ah, se eu ao menos pudesse voltar atrás...

Ela quase voou, sem exagero.

O impacto do ônibus no corpo de Spencer foi brutal. Meus olhos viram e acompanharam tudo, enquanto a minha vida descia pelo ralo. Eu repito, Murphy estava certo. Desespero veio e corroeu minha pele. Eu corri de encontro à Spencer, achando-a no chão com pouca pulsação e desacordada. Nocauteada. Minhas mãos tremeram como nunca antes. Eu gritei coisas que não me lembro e, quando a ambulância chegou, tiraram o corpo mole e praticamente sem vida da minha Cherry de perto de mim.

Não sei quando e como, mas agora estou no hospital.

Sangue seco de Spencer está espalhado por meus braços e por minha calça jeans. A imagem da minha vida quebrada em meus braços nunca sairá da minha cabeça. Sua cabeça com um corte que desce até metade da lateral esquerda do seu rosto, seus braços moles e a posição estranha em que ela estava estirada no chão. Eu não sei explicar e se eu tentasse, não conseguiria.

Dói lembrar da cena e eu não posso fazer nada, além de deixar doer.

Lágrimas escapam por meus olhos e eu respiro fundo.

Dores não são lavadas com lágrimas, mas elas são inevitáveis e demonstram as nossas fraquezas. Ontem foi Mario e hoje é a minha Cherry?

Quando eu disse que o mundo e que a vida era injusta, eu não quis dizer até tal ponto. Porra, é o amor da minha vida, a mulher que eu amo e que nunca tive coragem de dizer isso a ela. O que diabos eu vou fazer se ela me deixar? Isso não está acontecendo. Eu não vou... Eu não posso... Spencer não pode me deixar assim, sem uma luta digna.

Ela precisa lutar por si mesma e por nós dois.

Ando de um lado para o outro, pronto para perder a minha razão. Eu não suporto essa demora. Eu não suporto a dúvida que ronda a minha mente, o pensamento que nubla os meus sentidos. Eu não suporto ter que esperar para ver Spencer. Já faz quase quatro horas que chegamos ao hospital e

nenhum médico veio nos falar qualquer coisa, nos dar qualquer notícia. Essa angústia vai me matar.

— Simon... — Escuto a minha irmã me chamar, mas não lhe dou nenhuma atenção. — Simon...

— O quê, Pearl? O que você quer? — Paro de andar, virando para encará-la. — Será que vocês não podem me deixar em paz pelo menos agora?

Eu sei que estou agindo como um filho da puta, mas não quero escutar ninguém. Não quero que ninguém venha falar coisas bonitas para mim, eu só necessito que algum médico venha me falar do estado de saúde da minha Cherry.

— Sente-se um pouco, você só vai ficar mais nervoso...

Solto uma risada frouxa, inacreditável.

— Sentar não vai me fazer melhorar.

Pearl encolhe os ombros, tentando se aproximar de mim, mas eu recuo.

— Vá se sentar você, que está grávida e precisa de descanso. Eu vou lidar sozinho com isso, não preciso da sua preocupação ou de ninguém. Eu sempre fui sozinho, eu sempre lidei com a minha dor, não vai ser agora que você vai mudar isso. Não vai ser agora que os nossos pais vão mudar isso.

Meus pais se aproximam de nós dois, colocando-se atrás de Pearl.

— Eu não preciso da pena de vocês — cuspo, completamente transtornado.

Demorei muito para jogar isso para fora, mas não me arrependo de tê-lo feito logo agora. Eu não aguentava mais fingir que está tudo bem, quando na verdade não está; quando na verdade eu não sinto que me encaixo nessa família, por mais que saiba que faço parte dela.

— Nós sempre te amamos, Simon. Falhamos em algum momento como pais, mas você não pode jogar isso fora. Você é meu filho e eu o amo tanto quanto amo a sua irmã. Eu estou aqui para apoiá-lo e confortá-lo, você não precisa guardar tudo para si. Eu sinto muito se nós fizemos você sentir como se devesse guardar os seus sentimentos e ser genérico conosco. — Minha mãe se aproxima de mim, tentando tocar o meu rosto, mas eu seguro as suas mãos no caminho. — Eu peço perdão pelos meus erros, filho. Não aguento

mais essa relação cheia de pedregulhos pela qual caminhamos há anos. Você é parte de mim e dói vê-lo sofrer desse jeito, dói não poder te ajudar e aliviar, mas, o que dói mais, é saber que você não recorre a nós quando precisa. Eu estive, eu estou e eu sempre estarei aqui, não importa qual seja a circunstância.

Meu coração quebra.

Eu nunca escutei algo assim vindo da minha mãe.

Ela sempre foi carinhosa, mas depois de um tempo, eu repeli tanto o seu carinho, quanto as brincadeiras e interações do meu pai.

A minha mente faz uma tortura demorada, enquanto eu pondero se devo ou não soltar as suas mãos. Padeço por longos dez segundos até soltá-la. Quando ela se aproxima um pouco mais, com cuidado e me abraça pela cintura, eu choro. Por ela, por nós, mas principalmente por Spencer. Pearl e o meu pai se aproximam e também nos abraçam. Ter o apoio deles me deixa fraco, porque isso nunca aconteceu antes — pelo menos não dessa forma.

A mágoa se dissipa aos poucos, dando lugar a necessidade de tê-los junto de mim. Eu sei que Spencer ficaria orgulhosa por eu finalmente ter desabafado com os meus pais e começado a seguir em frente com essa situação. Eu não faço isso apenas por mim, mas também por ela. O que eu mais preciso é vê-la, falar com ela e contar tudo que aconteceu. Preciso segurar sua mão e certificá-la que não sairei do seu lado de jeito nenhum, independentemente das circunstâncias.

Nos afastamos aos poucos um do outro. Minha mãe passa as mãos por meu rosto, empurrando as lágrimas para longe e sorrindo para mim. Enxugo suas lágrimas, retribuindo o seu ato e beijo sua bochecha.

— Eu também sinto muito. — Encaro o meu pai, que está logo atrás dela. — Sinto muito, pai.

— Todos sentimos, todos erramos. O melhor que podemos fazer agora, é deixar tudo para trás e nos reconstruirmos como família, inserindo Spencer nela, pois a sua namorada vai precisar de todo apoio possível. Estamos aqui para apoiá-lo em tudo que fizer.

Minha mãe me puxa para uma das filas de cadeiras e nos sentamos.

— Você precisa se limpar e trocar de roupa — diz, esfregando as mãos

NACIONAIS-ACHERON

na minhas. — Quando o médico aparecer e nos informar sobre o quadro de Spencer, eu vou com seu pai pegar algo melhor para você se vestir. Tudo bem? — indaga e eu apenas assinto.

Puxo o ar com força, encostando a cabeça no ombro da minha mãe e pedindo mentalmente para Deus fazer Spencer ficar bem.



LEVANTO-ME DA CADEIRA EM UM PULO AO SENTIR MINHA MÃE ME CUTUCAR NO BRAÇO. O médico que acompanhou Spencer desde o primeiro momento em que demos entrada no hospital para em minha frente com uma mulher logo atrás dele. Ela toma um lugar ao seu lado e desce o olhar para uma prancheta que tem nas mãos, rabiscando sem parar.

— Me desculpem pela demora...

Meu coração parece querer pular para fora da boca.

— Como ela está? Por favor, me diga que Spencer está bem — imploro sem nenhuma vergonha de parece um idiota na frente das pessoas.

— Pode ficar calmo, Simon, sua namorada está passando bem e se encontra estável.

Um peso sai dos meus ombros e eu sinto vontade de gritar bem alto para libertar esse sentimento horrível que estava me sufocando pela demasiada espera por notícias.

— Quando eu posso vê-la? Será que...

— Apenas um momento — pede, pigarreando em seguida. — Essa é a Doutora Johnson. Ela é obstetra e teve que ser chamada com urgência para ver a Srta. Carter.

— M-Mas ela não está bem? — indago, gaguejando como um estúpido miserável.

Obstetra é o médico que cuida de mulheres grávidas.

NACIONAIS-ACHERON

Ele não pode estar...

Ele não pode estar falando sério.

— O enfermeiro que ouviu os seus relatos sobre como tudo aconteceu foi me contar detalhe por detalhe, o que apenas confirmou a minha suspeita ao analisar a Srta. Carter ao chegar aqui. Bom, primeiro eu devo dizer a vocês. — Ele passeia o olhar por toda minha família até parar em mim novamente. — A pancada do ônibus foi muito forte, mas não foi ela que apagou a sua namorada. Ela provavelmente já estava passando mal durante o seu caminho devido a todos os acontecimentos que é melhor não citarmos agora. A Srta. Carter quebrou duas costelas flutuantes, a ulna e torceu o pé esquerdo e vai precisar de todo o cuidado possível durante os próximos dois meses.

— Ela o quê?

Porra.

— Quebrou duas costelas, o braço esquerdo e torceu o pé. Repouso absoluto.

O que eu vou fazer?

Por que temos que passar por tudo isso?

— E você? — direciono-me a mulher também toda vestida de branco.

Eu já estou completamente desestabilizado, então nem noto que fui rude até minha mãe colocar a mão em cima do meu ombro e apertar a região.

— O bebê infelizmente não resistiu — diz ela.

Pisco uma, duas, três vezes.

Sinto minhas pernas fracas e a minha visão fica turva.

Bebê?

— Não... ela não estava... nós não estávamos...

Os médicos se entreolham e um bolo se forma em minha garganta, emaranhando nas minhas paredes internas e me impossibilitando de falar qualquer coisa.

Spencer estava grávida.

Spencer estava grávida.

Spencer estava grávida.

— Eu não sabia que você não estava ciente da situação dela, mas a Dra. Johnson vai explicar para você tudo o que aconteceu.

A mulher me fita com certa pena, mas eu ainda não esboço nenhuma reação. Ela desce o olhar para sua fiel prancheta e começa a despejar tudo para mim.

— A paciente Spencer Waters Carter estava com aproximadamente treze semanas de gestação e sofre de uma síndrome de abreviação S.A.F., conhecida como Síndrome Antifosfolipídica. Essa síndrome caracteriza-se por uma doença que ataca diretamente o sistema imunológico, o que poderia ser facilmente visto na Srta. Carter, uma vez que ela está abaixo do peso. Essa síndrome acomete mais o sexo feminino, podendo se manifestar de forma primária ou também podendo associar com outras condições clínicas, que, como já disse anteriormente e de fato é o caso da paciente, condições clínicas essas que estejam ligadas à sua autoimunidade. Baixo peso, alimentação desregular, não acompanhamento médico periódico são agravantes para o quadro, principalmente na gravidez. — Pisco repetitivamente, tentando absorver tudo que a Dra. Johnson me diz. Ela levanta o rosto e me encara. — A paciente já estava passando mal ao sair do cemitério. O que aconteceu quando você a viu cambalear foi um aborto espontâneo. Querendo ou não, o externo atingiu o interno.

— Essa síndrome, na gravidez, traz muitas complicações obstétricas, tais como: pré-eclâmpsia; restrição do crescimento fetal, o que causaria deformação; parto prematuro e óbito fetal. — O médico toma a vez e continua a explicar. — Caso queiram tentar ter filhos, o acompanhamento terá que ser feito com muita cautela e cuidado. Já tratamos de uma outra paciente, aqui nesse hospital, que sofria da mesma síndrome. Todas as suas gestações não passaram da décima semana. Abortos são recorrentes. Ela teve três seguidos, até que desistiu. Sabemos da dor que é um perder um filho para uma mãe, então, caso queiram tentar, temos um prognóstico, mas primeiramente gostaríamos de conversar com a paciente e deixá-la ciente de tudo que pode acontecer se quiser ficar grávida.

— Spencer acabou de perder o pai. Como você vai contar isso para ela?

Eu não posso deixar...

Eu estou desesperado.

Um filho, porra. Eu tinha um filho na barriga da minha Cherry. Ela tem uma síndrome de não-sei-o-quê, que pode nunca a deixar prosseguir com uma gravidez normal.

Como eu posso permitir que esse homem vá e termine de tirar todas as esperanças dela?

— É nosso dever, Sr. Wyatt. Estamos aqui para fazer o nosso trabalho e ele inclui deixar o paciente dentro de sua situação, dando-lhe um prognóstico que possa vir a ajudar em sua recuperação e nesse caso, tentativas futuras para uma gestação saudável e segura. Não iremos dar nenhum antídoto para a Srta. Carter, não iremos certificá-la de que tudo dará certo, nós não podemos fazer isso, mas o que podemos e iremos fazer, é mostrar que se ela se sentir confortável para pensar nisso no futuro, ela tem chances de conseguir seguir com a gravidez ao cuidar de seu próprio corpo e alimentação.

— Eu não posso acreditar nisso...

As coisas continuam piorando, as coisas continuam saindo do meu controle. Como eu devo reagir a algo desse tipo?

— Pela manhã as visitas serão liberadas a partir das oito horas da manhã. Ela ainda precisa de certos cuidados e monitoramento de perto. Srta. Carter teve um corte no rosto, nada muito profundo, mas que requer atenção. — Eu lembro disso, eu vi com os meus próprios olhos. — Aconselho que descansem um pouco, ela está sedada e sob controle, mas quando acordar precisará da força de vocês.

Tento internalizar todas as coisas que o médico me diz, mas fica difícil de digerir todas essas informações. Do momento em que minha mãe me acompanha até o carro dela e do meu pai, eu faço tudo, absolutamente tudo, no automático. Na minha cabeça apenas duas coisas passeiam por lá: 1 — Eu estou aliviado por Spencer estar estável, apesar de ter suas complicações por vir; 2 — Com quem de nós dois o nosso bebê se pareceria?

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 49

Spencer Carter

“E a gravidade quer me colocar para baixo...”

BIP, BIP, BIP...

Abro os meus olhos com dificuldade, praticamente não conseguindo completar essa ação. Sinto como se o mundo tivesse caído em minha cabeça, mas essa sensação se apascenta dentro de mim quando Simon entra no meu campo de visão. Ele me traz a sensação de estar em casa só por se mostrar presente para mim nessa situação que eu não faço a mínima ideia de qual seja.

Bip, bip, bip...

A última coisa que consigo lembrar é de ter sentido uma forte dor no meu abdômen, seguida pela sensação de algo escorrendo por minhas pernas. Fui perdendo minhas percepções rapidamente até que apaguei completamente com uma pancada.

Papai...

Ele se foi.

Um bolo se forma em minha garganta e eu tento me mover na cama, mas isso acaba tirando um grito de dor bem mais alto do que eu pensei que pudesse soltar. Minha garganta seca arranha e os meus olhos lacrimejam. É como ter uma faca enfiada no meu diafragma. Minha respiração se torna rasa pelo fato de eu encontrar dificuldade para puxar e soltar o ar e o meu corpo parece ter sido pisoteado por cem robustos elefantes furiosos.

Simon continua no meu campo de visão, mas eu não o escuto.

Ele fala ou grita, parecendo desesperado para obter uma resposta minha, mas a única coisa que sai de mim são os gritos que eu não seguro e nem pretendo segurar.

Quanto mais os segundos passam, mais dores eu começo a sentir. Movo minha cabeça lentamente, sentindo algo em sua lateral, talvez um

NACIONAIS-ACHERON

curativo. Tiro os olhos de cima de Simon e encaro um dos meus braços, que está engessado e a uma das minhas pernas, que está com uma bota ortopédica.

Mais uma vez tento me mover, mas não consigo, pelo menos não sem sentir dor.

Uma equipe de médicos entra no quarto, juntando-se ao meu namorado, que não sai do meu lado em hipótese alguma. Um dos homens se aproxima de mim e começa a falar. Pisco em meio lágrimas, engolindo a minha dor e mordendo o meu lábio para não deixar um ruído sair por minha boca.

— Srta. Carter? — O médico coloca a mão em cima do meu ombro, puxando uma lanterna do seu jaleco impecável. — Você consegue me ouvir? — pergunta.

— Sim — sussurro.

Ele guarda a lanterna e endireita o corpo.

— O que aconteceu? — pergunto.

Todos ficam quietos. Simon chama a minha atenção e eu tombo minha cabeça para o lado, encarando-o ansiosa.

— Você sofreu um acidente, babe — murmura, tocando com cuidado o lado do meu rosto que não dói.

— Acidente? — Arregalo os olhos.

— O médico vai explicar para você, mas, antes de tudo, preciso que saiba que eu estou aqui e não vou sair do seu lado. *Nunca*.

Tento assentir com a cabeça, mas não consigo, sendo assim, apenas pisco demoradamente para Simon e ele sela nossos lábios.

— Srta. Carter. — Volto minha atenção para o médico. A dor em meu corpo se intensifica a cada novo milésimo de segundo, mas eu aguento firme e deixo que o homem continue a falar. — Você deve estar se perguntando o que aconteceu, mas antes de explicar qualquer coisa, preciso fazer algumas perguntas a você.

— Pode perguntar — digo, rouca e fraca.

— Você se lembra dos momentos que antecederam o acidente?

— Sim...

Ele assente e pigarreia.

— Pode me falar o que você se lembra?

— Eu... Bom, eu pedi ao Simon para ficar um tempo sozinha e fiz o meu caminho para fora do cemitério. — Respiro fundo, controlando a minha vontade de chorar e seguindo em frente. — Quando parei na calçada para atravessar a rua, comecei a sentir fortes dores no abdômen, assim como tonturas e, por fim, senti algo escorrendo por minhas pernas. Isso aconteceu em um curto espaço de tempo e então eu não lembro mais de nada. Eu apaguei.

O médico assente.

Simon segura a minha mão e eu o encaro.

Ele parece nervoso.

Qual o problema? Apesar de tudo, eu estou bem e vou me recuperar.

Volto a fitar o médico e uma mulher se aproxima dele com uma prancheta nas mãos. Ela me encara com cautela, fazendo um frio subir por minha espinha.

— É um fato. Você sofreu um acidente e foi por isso que parou aqui, Srta. Carter. Você quebrou duas costelas, o braço e torceu o pé esquerdo. Fizemos um curativo na lateral do seu rosto, pois com a pancada do ônibus, uma ferida se abriu, mas ela não é profunda e não deve deixar uma marca tão grande em sua face. — Ele dá dois passos para trás. — Essa aqui é a Dra. Johnson, Srta. Carter. Ela é obstetra.

Franzo o cenho, quase dando uma risada do que ele diz.

O que diabos uma obstetra está fazendo aqui?

— Me desculpe? — digo.

— Babe — Simon resmunga.

Viro para encará-lo.

— O que ele quis dizer com obstetra, Simon? — retruco, confusa.

— E-Eu... — Simon gagueja.

Sem controlar, começo a ficar nervosa ao vê-lo dessa forma: inseguro.

— Spencer? — A Dra. Johnson me chama e retorno a minha posição inicial. — Eu sou a obstetra que cuidou de você assim que deu entrada no hospital, juntamente com toda equipe médica. — Ela engole a seco. — Você disse que antes de apagar, sentiu dores no abdômen, tontura e algo descer por sua perna, certo?

— Sim, foi isso que aconteceu.

— Eu vou tentar explicar para você da forma mais simples possível tudo que aconteceu, tudo bem? — indaga e eu pisco demoradamente em concordância. — Quando você entrou na sala de cirurgia, o médico Ian. — Aponta para o homem ao seu lado, o que começou falando. — Notou que você apresentava um sangramento vaginal. — A sensação que eu tenho nesse exato momento é a do meu sangue congelando e o meu coração parando. — Ele mandou me chamar imediatamente e, baseado nos relatos do seu namorado, foi o mais certo a ser feito naquele momento. — Ela olha de Simon para mim e vice-versa. — Demoramos tanto na sala de cirurgia porque tivemos que investigar a causa desse sangramento vaginal.

— E vocês... O que vocês...

Tento falar, mas não consigo completar nada que passa em minha mente.

— Descobrimos que você tem uma síndrome, Srta. Carter, que é chamada de Síndrome Antifosfolipídica. Ela ataca diretamente o seu sistema imunológico, o que acaba deixando-a mais fraca e abaixo do peso, o que condiz com o seu caso clínico. Ao conversar com o seu namorado mais cedo e ficar sabendo um pouco mais de sua rotina, posso concluir que esse foi o fator mais agravante do seu quadro.

— Meu quadro? — sussurro.

— Quando em uma gravidez, a gestante que apresenta essa síndrome precisa ter cuidado redobrado para que tudo ocorra bem, caso contrário, se passar de suas dez ou doze semanas, a paciente pode ter complicações no parto ou o feto nascer deformado ou vir a óbito ainda na barriga da mãe.

— Do que você está falando?

— Eu já tive uma paciente com essa síndrome, Srta. Carter. Ela

NACIONAIS-ACHERON

engravidou por três vezes, mas mesmo com todos os cuidados, abortos espontâneos ocorreram.

— Eu não estou grávida — cuspo.

— Eu sinto muito, mas a dor que você diz ter sentido no abdômen, na verdade foi em seu ventre, Srta. Carter. Você teve um aborto espontâneo com treze semanas de gestação por conta do seu quadro clínico de imunidade baixa e baixo peso. Eu realmente sinto muito...

— Pare — exijo.

Ela não pode estar falando sério.

Isso não pode estar acontecendo comigo.

— Srta. Carter, eu preciso dizer, explicar...

— Eu não quero ouvir! — grito.

Minha cabeça começa a girar e nada mais faz sentido em minha mente. Nego-me a escutar qualquer coisa que saia da boca da obstetra. Eu estava grávida. Esse tempo todo eu estava grávida de um bebê de Simon.

Quando isso aconteceu?

Não faço ideia, mas isso não importa.

Eu estava grávida.

Levo minha mão até a minha barriga, sentindo agonia me deixar quase sem ar. Eu ofego em um chiado por conta da dor em minhas costelas.

Nada disso se compara ao vazio em meu peito.

Eu estou enlouquecendo.

Nunca vou poder dar um bebê a Simon.

Nunca vou ser capaz de fazê-lo feliz.

Nunca vou ser capaz de ser feliz.

Nunca seremos felizes juntos.

Tudo que eu lhe dou é dor e eu não quero isso para a pessoa que eu mais amo nessa vida.

Ignoro todos que tentam falar comigo, deixando-me ser levada ao lado mais obscuro da minha mente.

NACIONAIS-ACHERON

Nada mais faz sentido.

Eu não tenho mais nenhum propósito.

Eu nunca poderei dar o maior presente que Simon poderia me pedir: um filho. Eu nunca vou ser capaz de conviver com essa dor, tanto a minha, quanto a dele.

Primeiro o papai, agora um bebê.

Como encarar isso?

Eu sinto muito, Simon... eu sinto muito.

Capítulo 50

Simon Wyatt

“Hiato...”

Cinco dias mais tarde...

SABE QUANDO VOCÊ OUVI, MAS NÃO ESCUTA?

Deixe-me tentar explicar: isso acontece quando você está tão concentrado em alguma coisa ou com a mente tão longe, que ouve, mas não escuta ou assimila a mensagem que estão tentando te passar. Geralmente você esboça alguma reação, como por exemplo: assente no automático para tentar enganar a pessoa que fala com você. Mas, no meu caso, não ganho reação nenhuma, por mais que eu ache que é assim que Spencer está reagindo depois da notícia da perda do nosso bebê-surpresa.

Depois que a equipe médica falou com ela, tive que sair para que eles fizessem alguns exames e, quando entrei outra vez, tentei falar com Spencer de todas as maneiras possíveis, mas nada funcionou entre nós dois. Com calma, segurei o seu rosto suavemente para não a machucar e forcei nosso contato visual.

Spencer me viu, mas não me enxergou.

Spencer me ouviu, mas não me escutou.

E tem sido assim há quase seis dias.

Daquele instante em diante, ela nunca mais falou qualquer coisa, nem comigo, nem com nenhum membro da minha família. Recorri aos meus pais e a minha irmã, mas nenhum deles também sabe o que fazer ao certo. Estamos todos tristes por ter perdido Mario e em seguida, o meu bebê-surpresa e da minha Cherry, mas estamos felizes por ela estar viva. Eu estou feliz pra caralho por Spencer estar viva. Ela podia ter morrido também e esse seria o pior baque que eu poderia ter sofrido no final de tudo.

Coloquei a cabeça no lugar e comecei a pensar em como devo agir com Spencer de hoje em diante. Minha mãe sugeriu que eu não forçasse tanto em

cima da minha Cherry, então é o que eu vou fazer, mas não sei se vou aguentar por muito tempo. Spencer tem que reagir, assim como eu estou reagindo. O sofrimento é majoritariamente dela, óbvio, eu não sou burro para pensar que não é, mas também é meu.

Ela perdeu o pai.

Eu perdi o melhor amigo.

Ela perdeu um filho.

Eu perdi um filho.

Ela não me perdeu.

Eu estou com o sentimento de que estou prestes a perdê-la.

Como vamos continuar um relacionamento onde uma das partes está desligada, em hiato? Certa vez eu disse a Spencer que para funcionarmos juntos, teríamos que falar, conversar, nos comunicar. Vou deixá-la pensar por enquanto, contudo, a minha paciência tem limite. Eu tenho um limite.

Deixo Spencer sentada na nossa cama com extremo cuidado e a encaro, encontrando o seu rosto completamente desprovido de emoções.

Um arrepio sobe por minha espinha, fazendo os meus pés grudarem no chão. Vê-la tão sem reação é algo assombroso.

Ao sairmos hoje do hospital com tudo prescrito: medicamentos e procedimentos a serem tomados pelas próximas semanas; segui direto para casa, com Seth e Pearl atrás de mim, juntamente com os meus pais. Coloquei tudo em uma agenda, que provavelmente será a minha melhor amiga enquanto eu tiver que cuidar minuciosamente da saúde de Spencer para que ela possa se recuperar fisicamente.

O trabalho psicológico é comigo.

Bom, não literalmente psicológico.

Não sei se ela ficaria feliz se eu trouxesse um psicólogo ou terapeuta para vir conversar com ela. Há apenas duas saídas para essa minha ideia: Spencer se abrir e conversar ou Spencer se fechar mais ainda e ficar com raiva de mim. De todo modo, não vou me arriscar agora. Se ela precisa conversar com alguém, esse alguém sou eu, não um desconhecido.

— Babe — resmungo, abaixando-me para ficar na sua altura. — Você precisa de alguma coisa? — pergunto.

Spencer me encara, mas continua em silêncio.

Conto de um até dez.

Um, dois, três, quatro, cinco...

Seis, sete, oito, nove, dez...

Sem respostas.

— Tudo bem — finalizo o meu monólogo. Arrumo o seu corpo um pouco mais na cama e sinto a sua respiração acelerar por conta da dor que deve estar sentindo. — Eu vou pegar água e você vai tomar os analgésicos que precisa assim que eu voltar. Estamos de acordo? — volto a perguntar por força do hábito.

Tudo bem, tudo bem...

Dando-lhe uma última olhada, a deixo no quarto e vou em direção à cozinha. Encontro minha mãe e Pearl conversando em tom baixo, enquanto cozinham algo no fogão. Assim que elas percebem a minha presença, ambas param de falar e a minha irmã se aproxima.

— Como ela está? Já falou alguma coisa? — dispara.

Balanço a cabeça negativamente.

— Nada. Absolutamente nada.

Pearl suspira, passando as mãos pelos cachos curtos.

— Eu estava conversando com a mamãe e acho que... bom, nós tivemos algumas ideias... — Dá de ombros.

— Ideias? — indago, querendo saber mais disso.

Talvez isso possa nos ajudar.

Qualquer coisa pode nos ajudar.

— Bom, para que você não fique falando sozinho o tempo todo, seria uma boa ideia colocar filmes para vocês assistirem. Tem uma grande quantidade deles na Netflix, assim como séries e afins... qualquer coisa. Pode parecer bobo, mas tentar distraí-la para fora dos seus pensamentos é uma boa

ideia.

— Eu gostei disso — confesso.

— Também há livros. Você pode ler para Spencer. Não sei se já fizeram isso antes, mas andei pesquisando e soube que serve como uma boa terapia.

— Eu odeio ler.

Pearl sorri fraco e segura uma das minhas mãos.

— Eu sei, Simon, mas você precisa. Talvez isso sirva para vocês dois e não apenas para ela. E mais: pense na surpresa dela ao te ouvir lendo romances contemporâneos ou até mesmo os clássicos da literatura mundial? Pode ser algo a mais entre vocês. — Tenta me animar.

— Pode ser, mas eu prefiro assistir filmes.

— Livros são tão bons quanto — escuto Seth falar ao entrar na cozinha com Christian nos braços.

— E você lê muito? — provoco.

— Para a sua surpresa, Seth é um grande fã de Shakespeare — minha irmã responde pelo marido.

— Que seja. — Corro as minhas mãos por meu cabelo, prendendo-o e analisando mentalmente todas as minhas opções. — Talvez isso seja bom mesmo, mas eu não vou ler Romeu e Julieta. De mórbido já basta tudo que aconteceu em nossa vida na última semana.

— Tudo bem, não precisa ser Romeu e Julieta — Pearl se apressa em dizer. — Eu tenho um dispositivo e uma conta em uma plataforma de livros que vai facilitar isso para você. Amanhã eu trago comigo, então hoje você pode investir nos filmes ou séries.

— Fechado. — Levo sua mão até meus lábios e deposito um beijo no dorso. — Eu vou levar um copo de água para Spencer, está na hora do remédio.

Pearl sorri fraco.

— E eu vou me despedir dela, assim ela pode descansar.

Assinto, deixando minha irmã sair da cozinha com Seth em seu

encalço.

Viro-me para pegar um copo e minha mãe já me espera com um nas mãos, oferecendo-o para mim. Sorrio em agradecimento e seguro o copo.

— Talvez pareça difícil de lidar com ela, mas você é capaz e vai conseguir — minha mãe diz, surpreendendo-me com suas palavras.

Não que eu estivesse pensando não ser capaz de fazer isso, mas também não estava tão certo da minha capacidade de passar por cima das minhas próprias barreiras para fazer Spencer perceber que ainda temos uma saída. Força de vontade eu tenho de sobra, mas força de vontade nem sempre é tudo que nós precisamos para seguir em frente em algo que precisamos realizar.

— Obrigado, mãe.

— Eu vou deixar o jantar pronto e vou guardar dois potes na geladeira, assim você pode apenas esquentar amanhã para o seu almoço com Spencer, tudo bem? — Assinto, ainda mais grato do que antes. Por mais que eu tenha crescido em uma família que passa o hábito de cozinhar dos pais para os filhos, cozinhar não é algo que eu faço até não ter mais nenhuma opção a recorrer. — Eu e Pearl vamos vir à tarde. Ela tem uma consulta no obstetra e eu vou acompanhá-la, já que Seth terá uma reunião com os outros membros da diretoria dos hotéis. Viremos todos os dias, até que você diga que não é mais preciso.

Minha mãe está me salvando de mais uma preocupação. Minha comida é comestível, mas não é a melhor delas e eu não tenho um grande repertório. Sei fazer uma boa pizza, fritar carne, ovo, bacon e merdas nada saudáveis. Spencer não vai se recuperar se comer isso todo dia.

— É um favor que vocês duas fazem para mim — digo, abrindo a geladeira e tirando uma garrafa de água lá de dentro. Despejo o conteúdo no copo e a deixo em cima do balcão. — Eu vou dar o remédio de Spencer, mas volto para me despedir de vocês — aviso.

Saio da cozinha, recebendo um sorriso da minha mãe e sigo para o quarto. Entro sorrateiramente no cômodo, escutando a minha irmã falar sozinha em tom baixo com a minha namorada. Seth está carregando Christian perto da porta, ambos calados e apenas escutando minha irmã em seu

monólogo encorajador e cheio de emoção.

Se fosse diferente, não seria Pearl.

Observo como Spencer encara Pearl, o que me deixa alarmado. Ela não está realmente encarando a minha irmã, mas sim a sua barriga grande de não sei mais quantos meses. Os olhos da minha Cherry estão cheios de lágrimas que ela não deixa escapar. Isso não é bom. O contato entre elas duas não está sendo bom. Não com Spencer nessa situação. De jeito nenhum isso vai ajudá-la a se recuperar. Primeiro andar, depois correr.

Aproximo-me de Pearl, pousando a minha mão em cima de seu ombro e pressionando para chamar a sua atenção. Minha irmã para de falar e vira a cabeça para me fitar de volta com os olhos tão marejados quanto os de Spencer.

— Chega, Pearl — murmuro. — Vá ficar com a mamãe, por favor.

Ela se encolhe, mas assente.

— Eu amo você, Spencer. Nós todos amamos e mal podemos esperar para tê-la de volta conosco — dito isso, Pearl sai do quarto com Seth e Christian.

Respiro profundamente, fechando a distância entre eu e Spencer. Deixo o copo em cima da mesa de cabeceira do seu lado da cama e sento-me na beirada da cama, levando minha mão até o seu rosto.

— Você não precisa ficar assim, Spencer. É só a Pearl, a sua melhor amiga, a minha irmã. Ela não é um monstro, você não precisa olhar para ela daquela maneira, muito menos para a barriga dela daquele jeito.

Spencer fecha os olhos com força e as lágrimas escapam.

Eu sei que ela não quer estar assim, mas também entendo que nesse momento é a única coisa que ela consegue fazer.

Pego as caixas de remédio em cima da mesa e tiro um de cada.

— Vamos, babe — continuo. Spencer abre os olhos e a boca simultaneamente. Lhe dou todas as cápsulas e levo o copo de água até os seus lábios. Ela toma, sem deixar de quebrar o nosso contato visual e quando a água acaba, deixo o copo em cima da mesa. — Você precisa me ajudar a te ajudar.

NACIONAIS-ACHERON

Enxugo as lágrimas que caíram e a ajudo a deitar-se.

Tomo cuidado ao cobrir seu corpo com o nosso lençol, principalmente o seu pé machucado. Quando Spencer fica confortável, paro de mexer com ela, deixando-a relaxar aos poucos.

Os minutos passam e eu continuo a observando. Seus olhos vão pesando por conta do efeito do remédio, mas antes que ela perca total consciência, aproximo os meus lábios dos seus e murmuro sobre a sua boca: — Eu te amo, Cherry.

Seus olhos lutam para continuarem abertos, mas Spencer apaga.

É melhor assim, por mais que eu queira gritar por todos os cantos da Terra o quanto eu amo a minha Spencer. Eu disse e ela ouviu, agora ela precisa acreditar nisso. Acreditar que o meu amor pode ajudá-la a voltar aos trilhos, acreditar que o *nosso* amor pode reconstruir a nossa relação como um casal.

A minha Cherry precisa acreditar nas minhas palavras.



DEPOIS QUE SPENCER ADORMECEU, SAÍ DO QUARTO E ME JUNTEI AO RESTO DA MINHA FAMÍLIA. Minha irmã ainda estava levemente abalada, mas aos poucos foi melhorando e após isso nós passamos um par de horas conversando. Perto das seis da tarde despedi-me de cada um e minha mãe lembrou-me que amanhã ela voltará com Pearl. Assenti, pois preciso delas. Meu pai também disse que viria, sugerindo passar um tempo comigo e eu voltei a concordar, por mais que o meu foco seja estar perto de Spencer o tempo todo.

Por fim, apenas eu e Spencer ficamos em casa.

Levanto-me do sofá, depois de passar mais de meia hora procurando algum filme bom para assistir com Spencer e vou em direção ao quarto.

Chegando lá, encontro a minha Cherry despertando aos poucos.

Ela sobe a mão boa até os olhos e os esfrega, bocejando em seguida. Eu sinto meu peito aquecer com a sua imagem, mesmo que ela esteja com o aspecto de doente. Sua pele está ralada em muitos lugares, fora todo o resto que o médico nos informou. A única coisa que me acalma em momentos como esse, é a certeza de que ela vai se recuperar.

Spencer continua se remexendo na cama, parecendo ter despertado por estar desconfortável ou com dor. Eu aposto na segunda opção. Aproximo-me dela, que finalmente parece me notar, mas imediatamente afasta o olhar de cima de mim. Respiro fundo, não me deixando ficar abalado por sua ação.

“Está tudo bem”, repito mentalmente.

— Spencer — murmuro, sentando-me na beirada da cama com cuidado. Ela me ignora, como se eu nem mesmo estivesse lhe chamando. — Eu acho que está na hora do seu banho — continuo, lembrando-me de tudo que o médico me disse para fazer na hora do banho. — Você acha que aguenta?

Silêncio.

Um pouco mais de silêncio.

Silêncio.

— Eu vou levar isso como um “não” — retruco para mim mesmo.

Fico de pé e saio do quarto com a cabeça correndo a mil por hora. Encontro uma bacia de plástico, a mesma que eu usava para aparar água quando ajudava Mario no banheiro e volto para o quarto. Passo por Spencer, que ainda está na mesma posição que antes, só que de olhos fechados. Sigo para o banheiro e ligo o chuveiro, regulando a temperatura da água e deixando a bacia de plástico encher. Saio atrás de uma cadeira e volto para o banheiro, desligando o chuveiro e pegando uma esponja.

Estico o meu pescoço e estalo os dedos, tomando coragem para voltar até Spencer. Dois minutos mais tarde eu estou novamente em frente a ela. Se ela não quer falar, eu não vou forçá-la tanto. Puxo o lençol de cima do seu corpo e levanto Spencer nos meus braços, escutando a sua respiração difícil acelerar por conta do movimento.

Nos encaminho para o banheiro e eu deixo Spencer sentada na cadeira. Apresso-me para tirar a sua roupa, percebendo que de agora em diante não será preciso que ela fique tão vestida assim. Livro-me de todas as peças, sempre a observando e pronto para atender qualquer pedido seu caso ela se proponha a falar comigo. Mas isso não acontece.

Consigo um banco e deixo a perna de Spencer apoiada para não molhar a bota ortopédica. Ela está com a cabeça encostada na cadeira e agarrando a mesma com sua mão que não está ferida. Molho a esponja e começo a fazer algo que nunca pensei que faria: dar banho em uma pessoa. Literalmente. É óbvio que eu ajudei Mario por incontáveis vezes, mas não é a mesma coisa que está acontecendo com Spencer. Ela está parada, petrificada, praticamente não se movendo enquanto eu limpo o seu corpo com cuidado. Isso faz um nó surgir em minha garganta.

Como viemos parar aqui?

Em silêncio, quebrados, praticamente sem chance de remendo?

Eu não estou me dando por vencido, mas em imaginar que quando vim para Long Beach eu só pensava em curtir mais do mesmo...

Os minutos se passam e eu finalmente termino de banhar Spencer.

Entrei no automático durante os dez minutos passados, afinal, algum de nós dois tem que se manter na linha mesmo com tanta dor assim.

Enrolo Spencer em uma toalha e levanto o seu corpo mais uma vez, caminhando com rapidez até o quarto. Com esforço, ela fica de pé por pouco menos de um minuto, enquanto enxugo o seu corpo e a coloco deitada mais uma vez.

Minha cabeça lateja de dor.

Pego uma camiseta minha de dentro do guarda-roupa e uma calcinha dela, ajudando-a a se vestir.

Sento-me outra vez na beirada da cama e enfio a minha cabeça entre as minhas mãos.

Eu consigo fazer isso.

Eu vou conseguir levar isso por nós dois, Spencer.



ACONCHEGO-ME AO LADO DE SPENCER, ENQUANTO O FILME COMEÇA A PASSAR NA TELEVISÃO PREGADA À PAREDE. Depois que tomei o meu próprio banho e fui esquentar a sopa de frango e legumes que a minha mãe fez, voltei para o quarto com uma bandeja.

Spencer está meio sentada e meio deitada. Ao menos eu acho que fiz de tudo para deixá-la o mais confortável possível e bom, ela não reclamou de nada — *eu até me assustaria se reclamasse*. Chegou a hora de fazer ela comer alguma coisa e mesmo que não tenhamos trocado mais palavras, não deixarei isso de lado.

Sem conversa, começo a alimentar Spencer, que nem mesmo se dá ao trabalho de relutar. Ela come tudo que eu lhe ofereço, mas nunca me olha. Eu deixo isso passar, assim como deixo passar o sentimento de necessidade em tê-la conectada comigo. Deixo o prato ao lado do meu, que provavelmente já esfriou e pego o copo de água. Pressiono o objeto nos lábios de Spencer e ela bebe até a última gota sem parar.

Os minutos passam e, enquanto eu me alimento, observo a minha Cherry de olhos vidrados no filme que escolhi para nós dois.

É um filme de animação, provavelmente um dos que Christian assistiria com Ryle, mas, foda-se, não consegui pensar em nada melhor do que isso.

O filme é sobre um dinossauro, nesse caso, um “bom dinossauro”.

Nos primeiros momentos, o dinossauro perde o pai.

Acho que a minha escolha acabou sendo uma merda, entretanto não movi um músculo sequer; Spencer também não. Quando percebi que ela continuou de olhos grudados na tela, respirei outra vez.

Cerca de quinze minutos depois, saio do quarto sorrateiramente e levo a nossa bandeja para a cozinha. Tiro uma garrafa de água da geladeira e retorno para o quarto. Desligo a luz e sigo para o meu lugar, mas não antes de endireitar Spencer em seu próprio espaço.

— Assim está bom? — pergunto.

Um...

NACIONAIS-ACHERON

Dois...

Três...

Nada.

Dou a volta em nossa cama e deito, deixando a garrafa de água na minha mesa de cabeceira.

O filme continua e nós dois assistimos sem falar nenhuma palavra. Devo admitir que apesar de tudo, o filme não é de todo ruim. A história contada é bastante real se você souber como relacionar e maleá-la para outras situações. Por exemplo: o personagem principal perde o pai, Spencer perdeu o pai; o personagem principal tem um amigo para tentar fazer com que ele vença os seus medos; Spencer tem a mim para tentar fazê-la superar tudo que aconteceu aos poucos. É tudo uma questão de adaptação da narrativa contada. Eu consegui relacionar muito bem, porém não sei se isso sequer passou pela cabeça de Spencer.

— Foi um bom filme, huh? — comento, pegando o controle remoto e desligando todos os aparelhos assim que o filme chega ao fim.

Estamos imersos na penumbra e quietude do nosso quarto.

Apoio a minha cabeça em minhas mãos, flexionando os meus braços e respirando profundamente.

Eu odeio esse silêncio pra caralho.

Pego o meu celular, que está jogado entre Spencer e eu e destravo a tela com a minha digital. De soslaio, percebo que a minha Cherry já está de olhos fechados, mas não está dormindo.

Fico vagando por minha galeria de foto e vídeos até escolher um dos muitos vídeos, que fiz durante os últimos meses, para assistir. A imagem é irregular e tremida, afinal, esse era apenas mais um momento normal da minha vida, de Spencer e de Mario.

As imagens que eu gravei me confortam. A voz de Spencer me conforta, traz ela de volta para mim, algo que o seu corpo inerte ao meu lado não é capaz de fazer. Essa sensação é incomparável.

Eu vejo o mesmo vídeo por três vezes seguidas, sempre prestando atenção para o seu tom de voz e o seu gestual ao se dirigir a mim, que estava

atrás da câmera. Sorrio de suas palavras irritadas, porém, era algo entre nós dois: a nossa essência.

— Eu sinto sua falta, Cherry — resmungo, depois que o vídeo termina pela terceira vez.

Deixo que a tela apague sozinha e que o celular volte para o seu lugar inicial.

Escuto o soluço baixo de Spencer.

Isso continua quebrando o meu coração.

Sem sua permissão, puxo o seu corpo um pouco mais para perto de mim. Spencer deixa sua cabeça cair sobre o meu ombro, enquanto suas lágrimas banham a minha pele. Ela parece confortável comigo a acalentando. Mais uma vez empurro minha dor para baixo, enquanto tento sugar a sua para mim.

— Se quiser chorar, pode chorar. Se quiser gritar, pode gritar. Eu só peço que fale comigo e que me deixe entrar, Spencer... — suplico.

Ela me ouve, mas não me escuta. Novamente.

Em algum momento Spencer se acalma e cai no sono com sua mão não machucada colada ao meu peitoral. Eu beijo o topo de sua cabeça por repetidas vezes, satisfeito apenas por esse contato.

Temo não estarmos perto de algo melhor.

Temo que ela não fale comigo.

Temo, acima de tudo, não ter estômago para aguentar essa situação.

Capítulo 51

Simon Wyatt

“Pai...”

VOLTO PARA O QUARTO AINDA SONOLENTO.

Sabe quando você está com sono, mas por algum motivo a sua cabeça não consegue parar de funcionar? Bom, eu tenho os meus motivos, então completamente entendo o fato da minha mente estar me boicotando. Não consigo pensar em outra coisa além do silêncio de Spencer e da falta que Mario me faz. No instante em que saí do quarto, fui em direção a sala de estar à procura inconsciente de Mario.

Ele sempre tinha algo bom para falar na maioria dos momentos em que eu me encontrava confuso. De fato, Mario era, o meu maior conselheiro. Eu sei que o perdi, mas o meu inconsciente me leva pelo mesmo caminho que fiz por meses. Nós sempre acordávamos cedo e ficávamos na sala de estar conversando sobre o assunto preferido de Mario: a vida. Era um dos tantos rituais que nós adquirimos ao nos tornarmos tão próximos e ligados nas necessidades um do outro.

Sento-me na poltrona que está encostada à parede que fica de frente para minha cama e de Spencer. Ela ainda dorme, afinal, são apenas quatro da manhã. Eu sou o único fora do normal aqui. Encaro o seu rosto sereno, mas ainda muito machucado. Estou aliviado por ter Spencer bem na medida do possível e comigo. Tê-la ao meu lado é o que me faz continuar, mesmo que o seu silêncio seja assombroso.

Eu tento pensar em uma saída para ajudá-la a entender o que ela está sentindo, mas tudo que consigo pensar é sobre psicólogos ou terapeutas. Essa é a coisa certa a ser feita tanto para Spencer, quanto para mim. Porém, eu tenho medo de que ela se feche ainda mais em seu mundo. Quero dizer, tem como isso ser possível? Apesar de tudo isso, Spencer ao menos me deixa cuidar dela.

Tem sido tempos difíceis de lidar. Situações extremas e sentimentos
NACIONAIS-ACHERON

intensos demais para nós dois.

Perdemos um bebê.

Sinto-me mal por ter feito isso acontecer. De um jeito ou de outro, fiz Spencer transar comigo sem camisinha e mesmo que ela tenha aceitado, é uma culpa que começo a carregar por ter feito isso acontecer de fato. Se eu não tivesse sido idiota demais, teria mantido o pau na camisinha e aceitado sem pestanejar a sua escolha acertada de não ter bebês no momento. Mas, não, eu tive que estragar as coisas com a minha vontade de ter um filho seu.

Como se pareceria o nosso bebê?

Depois de Spencer, essa é a única coisa que passa em minha cabeça. Me faz doente e deixa a minha mente nublada, mas, como eu disse, foi minha culpa.

Corro os dedos entre os fios do meu cabelo e levanto da poltrona, voltando para a cama. Enfio meu corpo debaixo do lençol e Spencer vem para perto de mim como um ímã. Isso me faz feliz. Ao menos dormindo ela reconhece que o que há entre nós é além do explicável.

Beijo o topo de sua cabeça, aconchegando-a em meus braços e caindo no sono sem aviso prévio.



COLOCO O CORPO RETESADO DE SPENCER EM CIMA DA CAMA E A AJUDO A FICAR CONFORTÁVEL OUTRA VEZ. Acordamos há quase duas horas e devo pontuar que o que ocorreu foi estranho demais. Quando Spencer notou que estava em meus braços, ela ficou muito envergonhada, como se estivesse falhado em algo muito importante. Eu a deixei, antes que causasse mais estranhamento entre nós dois e fui preparar o seu banho.

Mais uma vez eu lhe dei banho e escovei os seus dentes. Por mais que Spencer esteja aceitando a minha ajuda, me sinto esquisito, pois ela está

omitindo muitas coisas de mim ao não se comunicar. Cada nova tarefa que eu faço para ajudá-la, é como se ela estivesse se afastando mais e mais. Soa muito estranho, mas é o que eu consigo sentir vindo dela.

Eu a deixo confortável na cama e vou tomar o meu próprio banho, aproveitando para guardar toda a bagunça que fiz e não demorando muito para não a deixar por conta própria.

O mais cedo que saio do banheiro e me visto, vou esquentar a nossa comida, pois já está tarde e não é mais hora de café-da-manhã. Pego a bandeja e coloco em cima do balcão, deixando dois pratos fundos ali e voltando para o fogão.

Puxo o meu celular do bolso e navego até parar na minha agenda telefônica.

Minha mãe está com Pearl no hospital, então não posso ligar para nenhuma delas. Sculler está com as crianças, então seria um passo errado chamá-lo com Christian e Ryle quando Spencer acabou de passar por tudo o que passou. Cassie e Seth estão na reunião dos hotéis Kassid. E eu realmente cogitei por um segundo chamar Seth para trocar uma ideia comigo. O último a ter a minha atenção é meu pai. Disco o seu número, antes que eu pense demais e acabe descartando a ideia.

No terceiro toque ele atende.

— Ei, filho — diz, parecendo surpreso por receber a minha ligação. Então somos dois... — Tudo bem?

— Pai — o saúdo. — Tudo indo do jeito que dá e com você? — pergunto.

Desligo o fogo da panela e me encosto no mármore da pia.

— Da mesma forma — confessa.

Ficamos em silêncio, talvez um pouco desconfortável para ambos, o que me faz pigarrear o mais rápido possível.

— Eu estava pensando se você não quer vir aqui — sugiro, um tanto envergonhado com a situação na qual eu estou me metendo. — Eu vou alimentar Spencer e lhe dar os seus remédios, o que a fará dormir logo em seguida. A mãe e Pearl estão no hospital e virão apenas mais tarde. Se você

estiver livre, poderia passar aqui para conversarmos um pouco ou assistir algum jogo na televisão?

Meu pai fica em silêncio.

“Péssima ideia, Simon. Passo muito estúpido a ser dado”, penso.

— Claro! — exclama, de repente. — Eu vou levar pizza e suco para nós. Chegarei em uma hora no máximo, estou apenas terminando de fechar algumas contas e logo estarei aí — informa.

— Tudo bem, pai. Estarei te esperando — retruco, sentindo um peso deixar os meus ombros.

— Te vejo daqui a pouco — finaliza.

Desligo a chamada e enfio o meu celular de volta no bolso da minha calça.

Pego a panela e começo a servir o meu prato e de Spencer. Quando temos o suficiente da sopa de frango e legumes que a minha mãe fez, pego duas fatias de pão de alho e as deixo do lado de cada um dos pratos. Abro a geladeira e pego o suco de laranja lá de dentro, enchendo nossos copos e me dando por satisfeito com todo o meu esforço.

Ficou ótimo e o cheiro está divino, assim como ontem.

Faço o meu caminho para o quarto e encontro Spencer da mesma forma que a deixei antes de sair do cômodo. Deixo a bandeja em cima da minha mesa de cabeceira e ligo a televisão, dessa forma teremos alguma coisa preenchendo o ambiente além de nossas respirações e suspiros recorrentes. Pego o prato de Spencer e começo a alimentá-la e assim como ontem, ela não nega a minha ajuda de jeito algum.

Molho o seu pedaço de pão na sopa e lhe dou. Ela morde o pedaço úmido de caldo e mastiga com calma. Contato visual nunca é feito entre nós dois, ela age como se fosse um robô.

Dez minutos depois eu lhe dou o copo de suco e ela o segura, bebendo enquanto eu começo a fazer a minha refeição ao seu lado.

O programa de culinária passa na televisão à frente, entretendo a mim o suficiente para esquecer Spencer por alguns poucos segundos. Ela me entrega o seu copo de suco agora vazio e eu o coloco ao lado do meu. Continuo

assistindo o programa e quando percebo já estou terminando de comer o meu prato de sopa.

“Assistir televisão enquanto se realiza uma refeição é algo muito idiota a ser feito, Simon”, minha mente me repreende. Agora eu estou com mais fome do que antes, porém, felizmente o meu pai está vindo com pizza para nós dois.

Tomo o meu suco e me levanto, deixando tudo em cima da bandeja e saindo do quarto. Entro na cozinha e deixo as coisas na pia, seguindo até a geladeira para pegar uma garrafa de água. Faço o caminho de volta para o quarto, entrando no mesmo e observando Spencer assistir ao programa que está passando na televisão. Aproximo-me dela e lhe dou a garrafa de água depois de abri-la, pegando todos os remédios que ela precisa e colocando em sua boca.

Ela toma tudo sem reclamar e eu pego a garrafa de água de volta, tampando e deixando em cima da sua mesa de cabeceira.

Sento-me ao seu lado e continuamos de olhos grudados na televisão, mas gradativamente Spencer cai no sono sem nem mesmo perceber. Cubro o seu corpo com o lençol e diminuo o volume da televisão, desligando-a e me levantando. Pego o outro controle remoto e fecho as cortinas. Por fim, dou uma última olhada em Spencer e desligo a luz, deixando-a descansar em paz.



ABRO A PORTA DO MEU APARTAMENTO E CUMPRIMENTO O MEU PAI COM UM ACENO BREVE. Ele entra com duas caixas de pizza no braço e segue para o sofá, deixando-as em cima da mesa de centro. Tranco a porta e caminho até o outro sofá, assim podemos ficar frente a frente.

— Como você está? — pergunta e eu dou de ombros.

Puxo uma das caixas para o meu colo e abro, tirando uma fatia da pizza que ele provavelmente fez e enfiando de uma só vez na minha boca.

NACIONAIS-ACHERON

— Eu estou levando as coisas com toda calma possível — digo um minuto mais tarde.

Ligo a televisão e deixo que o canal esportivo fique de som de fundo para nós dois. Se alguma coisa ficar estranha, podemos fingir que nada aconteceu e assistir televisão até a mamãe chegar com Pearl.

— E Spencer? — continua.

— Ainda no mesmo ritmo — informo.

— Ela não fala? — Concordo com a cabeça. — Já pensou em chamar um psicólogo? — questiona.

Eu o encaro, inclinando a minha cabeça para o lado.

— Tenho medo de que isso acabe sendo um passo errado para a recuperação dela — resmungo.

— Você não deveria ter medo, filho. Às vezes ela precisa de alguém que não a conheça para finalmente se abrir e derramar os seus problemas e receios — explica. — Você nos contou como os médicos informaram para Spencer tudo que tinha acontecido. Foi errado, mas eles estavam fazendo o trabalho deles de dar a verdade nua e crua para ela.

Isso é verdade.

Quando eu lembro da cena, recordo-me exatamente o que eu senti. As coisas que a mulher falou para Spencer e como ela começou a definhir em frente a mim depois de cada palavra proferida por aquelas pessoas. Não só eles erraram, como eu errei também, conseguindo ver isso apenas agora. Eu deveria ter pedido mais tempo com ela, deveria ter levado as coisas com calma e preparado Spencer para o momento de saber que nosso bebê não havia suportado o acidente.

No final de tudo, todos erramos.

Os médicos, eu e agora Spencer.

Ela está errando em guardar tudo para si mesma, quando o que mais precisa fazer é deixar tudo sair e se aliviar de tamanha dor. Ela está errando por ignorar o meu sofrimento, quando o que eu mais prezo nesse momento é abafá-lo para tentar lhe dar conforto. Apesar de todos os seus erros, eu entendo. Parece contraditório, mas eu entendo Spencer e é por isso que eu

não desisto dela e muito menos de nós dois.

Essa fase vai passar.

— Você acha que eu devo trazer um profissional para tentar se comunicar com ela? — questiono o meu pai.

— Eu tenho certeza disso. Ela já não fala mais com você e com ninguém, Simon, não tem como piorar. Spencer precisa perceber que estamos ao lado dela e que ela tem uma família, por mais que acredite que não tenha. Ela precisa perceber e acreditar nisso, senão ela vai se perder completamente.

Pego outra fatia e mordo um pedaço.

Meu pai está certo.

Eu não tenho mais nada a perder.

— Eu vou pedir para Pearl conseguir contato com algum psicólogo ou terapeuta e o teremos aqui o mais rápido possível para ver Spencer — sentencio.

— Assim que se fala — retruca, aliviado. Meu pai pega a outra caixa de pizza e abre em cima do seu colo, agindo exatamente como eu, ou seria o contrário? — Ela vai voltar a ser quem era antes e vocês vão superar isso juntos. Aliás, vocês podem sim ter bebês — diz. — Estive pesquisando sobre casos e mais casos de pessoas com a síndrome de Spencer e vi que muitas mulheres engravidaram por mais de três vezes e levaram a gravidez até o fim.

Assinto e me sinto abraçado, mesmo que meu pai não tenha me tocado. Saber que ele pesquisou sobre isso e está preocupado com Spencer é mais do que reconfortante, pois ao menos eu não serei o único que passa todo tempo livre procurando na internet sobre relatos e casos clínicos de pacientes com a síndrome que a minha Cherry tem. Já perdi a conta de quantos artigos eu li e creio que ainda vou ler muito mais.

— Estou fazendo a minha parte para sairmos dessa e se caso ela quiser engravidar algum dia, teremos muitas chances de levar isso até o fim. Eu perderia os cabelos de tanta preocupação, mas faria até mesmo o impossível para Spencer ter o nosso bebê.

— Isso vai acontecer e eu vou ser o avô mais babão da face da Terra.

Solto uma risada fraca, pois eu sei como o meu pai é com Christian e

ele é além de babão.

— Eu não vou deixar você estragar meu filho — digo em tom brincalhão. — Se alguém aqui vai estragar essa futura criança, esse alguém sou eu.

Papai revira os olhos, mas acabamos rindo.

Pelo resto da tarde nós dois assistimos a reprises de jogos e a um jogo de basquete que estava passando ao vivo. Minha mãe e Pearl chegaram em algum momento da nossa tarde, mas não lhes demos muita atenção. Continuamos assistindo e interagindo um com o outro enquanto criticávamos jogadas e jogadores sem parar.

Esse foi um momento inesquecível para mim.

Finalmente senti a conexão de pai e filho que tanto ansiei.

Finalmente senti o meu pai sendo realmente um pai para mim.

Capítulo 52

Simon Wyatt

“Desenhos...”

ANDO DE UM LADO PARA O OUTRO NA SALA DE ESTAR, SENTINDO AS MINHAS MÃOS SUADAS E O MEU CORAÇÃO ACELERADO. Meus pais, Pearl, Seth e Christian estão aqui comigo, enquanto eu espero o psicólogo voltar da sala que preparei para Spencer e ele conversarem. Uma semana atrás falei com a minha irmã para conseguir um profissional bom e competente da área, ressaltando que ele deveria ser bastante paciente para lidar com Spencer e seu interminável silêncio. Já faz quase uma hora e meia que eles estão na sala e o homem ainda não voltou de lá. Eu não sei se me sinto esperançoso ou se declaro guerra perdida, tudo que sei é que os meus nervos estão me matando.

Spencer continua tão silenciosa quanto antes.

Ela consegue se mexer um pouco melhor quando tem que levantar para banhar, o que me diz que os remédios estão funcionando e que ela está se recuperando aos poucos, mesmo que ainda seja muito cedo para tomar uma conclusão como essa.

— Para de andar de um lado para o outro, Simon — Pearl pede, segurando a minha mão e me puxando para o sofá. Caio ao seu lado e inclino meu rosto para fitá-la. — Você está me deixando mais nervosa que o necessário.

— Talvez seja por que eu também estou nervoso. — Reviro os olhos, mas em seguida me arrependo de falar assim com ela. — Sinto muito — resmungo. — Eu estou uma pilha de nervos. Não aguento mais essa demora e a expectativa em saber se Spencer falou ou não com o psicólogo.

— Eu também estou assim e tenho o sentimento de que talvez eu tenha esse bebê antes da hora — brinca e Seth grunhe do seu outro lado.

— Controle-se, Pearl. Eu ainda não estou pronto para ter um ataque cardíaco — Seth retruca.

NACIONAIS-ACHERON

— É melhor você se controlar mesmo — concordo. — Falta pouco para esse garoto sair de dentro de você, então respire fundo e deixe que apenas eu perca a cabeça com as coisas que estão acontecendo com Spencer.

Pearl suspira, entrelaçando os nossos dedos e tentando confortar-me. Por parte isso funciona, me deixando menos nervoso, mas a ansiedade continua indo e vindo no meu corpo.

— Você já escolheu um nome para o garoto? — pergunto, ainda tentando me manter entretido com outra coisa.

— Seth pensou em Adolf... — minha irmã diz e eu seguro o riso ao perceber que Seth faz o mesmo.

Eu não duvido nada que ele falou isso para irritar a minha irmã.

— Tipo Hitler?

— Sim! — Pearl exclama exasperada. — Seth está perdendo a noção das coisas. — Revira os olhos e balance a cabeça negativamente. — Nosso filho nunca terá esse nome, eu já escolhi o nome dele.

— Já? — eu e Seth perguntamos ao mesmo tempo, ele soando mais surpreso do que eu, como se estivesse sabendo da notícia nesse exato momento.

— Escolhi — Pearl repete, olhando para nós dois. — O nome dele vai ser Andrew.

— Andrew? — Seth questiona, como se tivesse testando o nome.

— Sim, Andrew Wyatt-Sawyer.

Devo admitir, isso soa muito bem.

— Eu gostei — digo. — Christian e Andrew Wyatt-Sawyer.

— Tudo bem, esse é um bom nome — Seth concorda e Pearl sorri animada.

Ela ganhou a competição de nomes.

Os dois ficam conversando e eu apenas observo. Christian vem para o meu colo e eu lhe dou o meu celular, deixando-o se entreter com os jogos baixados especialmente para ele.

De minuto a minuto eu encaro o corredor, ansioso com a aparição do

NACIONAIS-ACHERON

psicólogo, mas ele demora e eu me conformo com a sua demora.

O que me resta é esperar e tentar manter a minha ansiedade um pouco menos visível para todos os meus familiares.



DEIXO CHRISTIAN SENTADO NO MEU LUGAR E CAMINHO ATÉ O HOMEM QUE ESTAVA FALANDO COM A MINHA CHERRY. Eu sou o mais rápido de todos, mas segundos depois sinto mais pessoas atrás de mim.

— Como foi? Ela falou alguma coisa? — pergunto.

— Não — ele retruca, suspirando por fim, como se estivesse cansado.
— A paciente Spencer Carter está muito ruim e observando-a de perto, comparando com tudo que aconteceu, devo acrescentar que ela está em um brando estado de choque desde que recebeu a notícia do aborto — continua.
— Eu tentei falar com ela de todas as formas e usei das mais diversas dinâmicas, até mesmo algumas que eu usava quando estava no início da carreira e tinha que tratar de crianças com déficits de atenção e até mesmo depressão por conta de bullying sofrido entre os colegas da escola.

— Mas ela não disse nada? Não fez nenhum gesto?

Porra, Spencer.

— Ela não falou comigo, mas fez outra coisa.

— Outra coisa? — indago.

— Eu lhe dei um papel e uma caneta preta desde o primeiro momento em que fizemos primeiro contato. Apresentei-me a ela, disselhe os motivos pelos quais eu fui chamado para vê-la e expliquei que seria seu amigo, assim ela poderia ficar mais à vontade para me contar o que está se passando por sua cabeça. — Finalmente percebo que o homem está segurando um papel na mão, enquanto carrega a sua maleta de couro na outra. — Dentre tudo que lhe falei sobre mim e lhe pedi para falar sobre ela, nada funcionou. Então

comecei a lhe fazer perguntas...

— E ela desenhou? — Essa é a única coisa em que consigo pensar.

— Sim — afirma. Eu me sinto animado para ver o que ela desenhou, pois esse é o seu primeiro contato depois de quase duas semanas inteiras. — Spencer fez vários desenhos conforme eu ia lhe fazendo perguntas. Alguns ela ignora, então percebia que era quando ela não queria falar sobre algum assunto — explica para mim. — Podemos nos sentar um pouco? — pede.

— É claro — digo rapidamente.

Guio o homem até o sofá e ele deixa a sua maleta em cima da mesa de centro, colocando logo em cima dela o papel que contém os desenhos de Spencer.

— Eu perguntei como ela estava se sentindo e ela desenhou isso — vira o papel e aponta para o desenho pequeno de uma gota —, o que nos diz que não. Isso é uma gota e essa gota, no estado em que ela se encontra, nos remete a lágrimas. Não é uma surpresa para vocês saber disso, mas ela me contou, então isso já é um passo a mais. Spencer não está se sentindo bem ou nada perto disso.

Respiro fundo, sentindo um caroço tomar conta da minha garganta.

— Eu perguntei a ela se queria me dizer mais sobre isso, adicionar mais alguma imagem sobre a primeira pergunta, mas ela não desenhou nada. — Isso é assustador. — Eu perguntei o motivo pelo qual ela não está falando e Spencer não fez nenhum desenho. Ela parou de desenhar e ficou sem reação por cinco minutos. Continuei lhe fazendo perguntas e mais perguntas, ela não chegou a desenhar tanto assim, apenas fez alguns rabiscos que são indecifráveis e não fazem sentido com os meus questionamentos. — Observo os rabiscos que realmente não formam nenhuma imagem. — Por fim temos essa imagem — diz, em tom mais baixo.

Meus olhos estão grudados na imagem há segundos.

— O que você perguntou? — indago.

— Eu perguntei para ela como ela está se vendo nesse momento e como ela gostaria de estar daqui a algum tempo, indagando ainda se você está ou não nos planos dela.

Spencer não fez isso.

O desenho é malfeito, mas não precisa de muito para entender o que está se passando dentro dela. Tem uma gaiola e dentro dessa gaiola, uma mulher está sentada, fazendo-me ter certeza de que é Spencer. Um pouco mais longe da gaiola há um homem — eu —, um bebê improvisado nos braços dele e outra mulher ao lado do homem. Em cima está escrito “outra mulher”.

— Eu vou falar com ela — digo, sentindo o desenho dela despertar o meu lado mais estúpido.

Como diabos Spencer pode pensar que eu vou querer outra mulher? Como ela pode pensar que eu vou querer carregar bebê de outra pessoa que não seja ela? Será que ela não escuta nada que eu digo? Será que ela ainda não entendeu que eu a amo e que essa situação está passando dos limites?

— Você não vai — Seth fala, colocando-se na minha frente.

— Acalme-se, Simon — o homem diz, controlado demais. — Spencer está se sentindo presa e insuficiente para você. Ela está traumatizada, depressiva e pensando que tudo é melhor para você, menos ela. Perder um bebê na situação em que ela estava a fez se sentir um pouco menos mulher, o que não é verdade e sabendo que você sempre quis uma criança, a deixou ainda mais afetada.

— Isso não faz sentido para mim. Eu a amo e Spencer precisa entender que nada disso vai mudar, mesmo que ela tenha perdido o bebê. Não foi sua culpa. Ela não sabia que estava grávida e se soubesse nunca desejaria que a criança fosse tirada de nós de forma alguma. Ela não precisa carregar um peso nas costas, não precisa se sentir presa e não precisa se diminuir como mulher por causa disso, pois para mim ela ainda é a mesma de sempre. Me diz como eu posso manter a calma quando ela não reage e sai desse buraco?

— Eu sei que é difícil, mas tenha paciência. Foram perdas importante em curtíssimo espaço de tempo. Spencer não precisa ser empurrada para algo pior do que já está ocorrendo em sua mente — explica. — Eu vou te dar o contato de um psiquiatra muito competente e amigo meu, assim ele pode receitar remédios para depressão dela. Explique para ele a situação dela e ele provavelmente poderá achar um momento na agenda para vir vê-la, se quiser,

eu mesmo posso trazê-lo. Além disso, se assim desejar, voltarei para tentar me comunicar um pouco mais com Spencer.

Respiro profundamente e penso duas vezes antes de lhe responder.

— Tudo bem — forço a minha fala. Eu não quero dar mais merda para Spencer, então vou manter a minha calma até certo ponto. — Eu quero que venha, por favor e que traga o seu amigo psiquiatra. Se ela não fala comigo, ao menos ela terá com quem “falar” agora — zombo como um idiota, mas eu estou desestabilizado com o que acabou de acontecer.

— Eu voltarei daqui uma semana — diz, puxando um bloco de notas do seu jaleco e pegando uma caneta da sua maleta. Ele escreve algo no papel, provavelmente a receita de Spencer e se levanta. — Aqui está o contato do meu amigo, algumas observações e todas as indicações do caso dela. A sua namorada é uma mulher forte e jovem, você também. Não perca a cabeça, Simon, um de vocês precisa pensar para fazer isso funcionar outra vez.

Assinto e o acompanho até a porta, despedindo-me com um aperto de mão. Viro-me para a minha família, achando Pearl e minha mãe tão desnorteadas quanto eu.

— Ela vai ficar bem — minha irmã é a primeira a falar alguma coisa.

— É o que eu espero — resmungo. — Eu vou levá-la para o nosso quarto e volto em alguns minutos — aviso, antes de deixar a sala e seguir em passos incertos para o quarto que Spencer está.

Entro no corredor e paro em frente a porta, correndo os dedos por meu cabelo e me acalmando aos poucos. Adentro ao local, encontrando a minha Cherry na poltrona em que lhe deixei há horas. Ela está olhando para o tempo lá fora através da parede de vidro. Se Spencer percebe ou não que eu estou aqui, ela não demonstra. Me aproximo dela e a tomo em meus braços.

Saio do quarto e vou para o nosso sem dizer uma só palavra.

Coloco-a deitada na cama e a ajudo a encontrar uma posição confortável. Spencer parece esperar eu me afastar dela, assim como faço sempre que lhe coloco deitada na cama, mas ao invés disso, eu selo os nossos lábios.

— Esse é o lembrete de que nenhuma outra mulher vai me ter, mesmo você desejando que isso aconteça. — Roço os meus lábios sobre os dela,
NACIONAIS-ACHERON

encarando os seus olhos verdes e opacos. — Eu amo você, Spencer. Finja não estar me escutando o quanto quiser, mas eu te amo e isso não vai mudar nem se vivêssemos mil anos nessa mesma situação.

Endireito o meu corpo e saio do quarto, deixando-a sozinha e escolhendo ficar sozinho também. Tenho muita coisa entalada na minha garganta e ficar perto de Spencer seria um gatilho para eu soltar tudo que penso sobre ela, eu e nossa situação.

Posso fazer tudo por ela, menos desistir.

Capítulo 53

Simon Wyatt

“Uma conversa estranha...”

Algumas semanas mais tarde...

COLOCO SPENCER DE PÉ E ESPERO QUE ELA VOLTE A DAR OS SEUS PRIMEIROS PASSOS SOZINHA OUTRA VEZ. Acabamos de chegar do hospital, onde o ortopedista deu alta para Spencer sobre a torção do seu pé e sobre o seu braço quebrado. Como o esperado, ela vai precisar de mais repouso para a fratura nas costelas, mas tudo está se encaminhando da melhor possível em sua recuperação física. Seu rosto está bem melhor, os ferimentos estão sarando aos poucos e ela está voltando a ser quem era antes, ao menos a casca sim. Spencer sente menos dor e consegue ficar de pé sozinha, não por muito tempo, mas consegue.

Ela anda devagar até a nossa cama, mexendo-se nada graciosa.

Cogito a ideia de pegá-la no colo e terminar o caminho, mas eu deixo que ela continue sozinha. Não muitos segundos depois, Spencer se senta na cama, parecendo aliviada por ter conseguido completar a sua missão.

Já se passou um mês e uma semana desde o seu acidente e nós ainda não nos falamos. Não posso mentir, por mais que o silêncio chegue a me enlouquecer em certas horas, acho que ele é bem-vindo em alguns momentos e eu estou passando a preferi-lo. Temo ouvir as palavras de Spencer quando ela decidir que é hora de se comunicar comigo. Ela vai querer acabar com o nosso relacionamento e eu não aceito isso, nesse assunto eu sou inflexível.

Por outro lado, o psicólogo vem para cá dois dias da semana desde o primeiro encontro deles. Spencer tem desenhado mais, algumas coisas nós não entendemos, outras são tão melancólicas que me dão vontade de sacudir seu corpo e repetir mil vezes que estou ao seu lado e nunca vou sair. Tenho todos os desenhos de Spencer guardados em uma pasta e toda vez que eu perco o sono, vou para sala de estar e fico a observá-los.

Aproximo-me dela e sento ao seu lado. Seguro a sua mão, as unhas

NACIONAIS-ACHERON

longas, mas limpas, nada parecido com as unhas um pouco mais curtas que ela usava. Sim, até mesmo nas unhas de Spencer eu reparo. Entrelaço os nossos dedos, sentindo falta de quando ela fazia isso por livre e espontânea vontade, às vezes até mesmo para se sentir protegida e segura.

Foram os pequenos detalhes em Spencer que me cativaram e eu odeio vê-la apagar cada um deles apenas para me afastar de perto dela.

— Você quer fazer alguma coisa hoje? — pergunto.

Spencer não responde, aliás, eu nem esperava que ela respondesse. Até mesmo me surpreendi com minha pergunta, pois tem dias que eu também não falo nada.

Respiro fundo, pronto para me levantar, quando sinto o carinho que o seu dedão faz ao esfregar levemente sobre a pele do dorso da minha mão. Deixo-me sentir isso, agindo quase que como um mendigo por sua atenção. Spencer para subitamente e eu inclino meu rosto para perto do dela, pressionando um beijo em seu maxilar.

— Eu vou colocar a nossa comida — murmuro.

Solto a sua mão e me levanto, saindo do quarto em disparada. Balanço a minha cabeça negativamente, puxando o meu celular do bolso e ligando para Seth.

— Simon — ele diz assim que atende a minha chamada.

— Ei, cara — resmungo, encostando no balcão da cozinha de olhando para a ampla sala de estar. — Eu estava pensando se você, Pearl e Christian não querem vir hoje para cá.

— Eu vou falar com Pearl, não sei se ela fez algum plano com a mãe de vocês, se fez, eu passo aí com Christian — retruca e eu respiro aliviado.

Ultimamente eu não tenho gostado de ficar sozinho com Spencer por muito tempo, só quando estamos dormindo, que é quando ela vem inconscientemente para os meus braços e se aconchega para mais perto. Esse é o meu momento favorito, sem dúvidas.

— Eu vou esperar vocês — afirmo, finalizando a chamada sem mais delongas.

Deixo o celular em cima do balcão e encaro as minhas mãos, mais

NACIONAIS-ACHERON

precisamente o local em que Spencer afagou minutos atrás. Sigo até o meu dedo anelar, onde um fio de barbante está amarrado, como se ainda fosse o mesmo que Spencer me deu meses atrás. Depois daquele dia, em algum momento de algum dia da semana, eu comprei um rolo de barbante, assim eu poderia trocá-lo diariamente, coisa que eu sempre faço. Guardei o que Spencer me deu em uma caixinha, que fica escondida no fundo de uma das gavetas da minha mesa de cabeceira.

É incrível como coisas pequenas e simples podem passar a ter um significado tão grande na vida de alguém. Um simples fio de barbante foi o maior presente que Spencer me deu até hoje, foi a maior prova de amor que ela já me ofereceu e eu fico muito feliz por ter sido como foi. Podemos não estar felizes agora, mas algum dia nós fomos felizes mesmo imersos um emaranhado de sentimentos que sempre estavam no limiar do melhor e pior que a vida pode oferecer para alguém.

Não estou infeliz, mas também não estou feliz.



ABRO A PORTA DO APARTAMENTO E DOU ESPAÇO PARA SETH ENTRAR COM CHRISTIAN. O meu sobrinho agarra em minha perna e eu bagunço os seus cachos loiros. Ultimamente Christian tem se comportado muito ao vir para cá, provavelmente a pedido de Pearl e Seth por conta da situação de Spencer. Aceno para Seth com a cabeça e ele passa por mim, dando um tapinha no meu ombro.

Fecho a porta e vamos os três até o sofá.

Almocei com Spencer há duas horas e a coloquei na cama há apenas uma. Lhe dei todos os seus remédios e como sempre, ela caiu no sono. É melhor para ela, afinal, Spencer ainda tem que ficar de repouso para continuar se recuperando bem e com rapidez.

— E aí? — Seth diz, jogando-se no sofá e batendo do seu lado para

Christian se juntar a ele. — O que nós vamos fazer? — pergunta.

Dou de ombros.

Eu nunca fiz nada com Seth.

Confesso que na escola ele costumava ser a pessoa para quem eu olhava à frente. Seth era o astro, querendo ou não. Eu não vou confessar isso para ninguém, já é o suficiente eu confessar para mim mesmo, mas eu me inspirei nele. Se isso fazia parte do teatro na época, eu não sei, mas Seth me ajudou bastante com o futebol e se hoje eu sou tão bom quanto ele, foi graças a sua ajuda.

— Eu não tenho planos. De qualquer forma, não podemos sair do apartamento e deixar Spencer sozinha — informo.

— Então vamos conversar ou assistir alguma merda na televisão — retruca e Christian ri, subindo no sofá e se jogando em cima de Seth.

— *Medá* — Christian repete.

Eu e Seth rimos.

Esse garoto...

— Você não tem idade para falar merda, filho. Não deixe a sua mãe escutar isso, senão ela vai fazer coisas ruins para o papai — Seth o repreende, passando os dedos pelos cachos de Christian, enquanto o mesmo assente.

— *Ok, papa* — concorda.

— Agora pegue isso aqui e tente passar da fase em que você parou. — Seth entrega o celular na mão do meu sobrinho, na clara intenção de fazê-lo se entreter em outra coisa. Christian desce do sofá e se deita no tapete, começando a jogar assim como o seu pai instruiu. — Como Spencer está? — pergunta.

— Melhor — digo. — Hoje cedo fomos ao hospital e ela se livrou da bota ortopédica e gesso. Fez alguns raios X e confirmou que estava tudo bem. Ela precisa continuar repousando por causa das costelas, mas daqui três semanas provavelmente Spencer também já estará noventa por cento boa — explico, pois, o tempo mínimo de recuperação é de dois meses. — Dentro do possível, está indo tudo bem.

— E as consultas com o psicólogo?

NACIONAIS-ACHERON

— Uma mais instigante que a outra. Spencer continua desenhando, ela também não pronuncia nenhuma palavra com ele, apenas desenha, desenha e desenha.

Seth coça o queixo, parecendo pensar em algo além do que estamos conversando.

— Ela precisa falar, reagir — diz.

— Eu sei, mas eu estou sendo paciente assim como todos me pediram. — Bufo.

— Você é muito paciente. — Solta uma risada sem muita graça. — Sendo do jeito que sou, eu já teria surtado com algo desse tipo — afirma.

— Eu estou nesse caminho.

— É aquela frase, certo? “Ame-a ou deixe-a” — sentencia e eu assinto.

— Sim, essa é a frase do momento para definir a minha situação.

Seth passa as mãos pelo rosto, parecendo incomodado.

— Eu posso falar com Spencer? — pergunta.

Franzo o cenho.

Por mais que sejamos uma família, Seth nunca foi muito de falar, principalmente comigo e com Spencer. Não quando Pearl não está ao lado dele, como se ele precisasse da minha irmã como ponte de ligação.

— Ela está dormindo — digo.

— Ah — murmura, desapontado. — Eu ainda vou querer falar com ela — me certifica.

— Talvez na próxima vez que vier, quem sabe. Eu não acho que é uma boa ideia, Spencer ainda não gosta de ver a minha irmã, então não sabemos se isso vai se estender a você também.

— Eu não sou Pearl. — Revira os olhos. — E mais, eu tenho coisas para falar. Às vezes eu sou bom com as palavras e isso pode ajudar Spencer, acho que posso ajudá-la.

Por um segundo eu quase ri do que Seth disse.

— Você acha mesmo?

— Eu tenho certeza absoluta.

Dou de ombros.

— Se você diz, da próxima vez eu a deixarei acordada para falar com você — afirmo.

— Isso aí, cara. Talvez eu seja a solução dos problemas de vocês.

Agora sim eu sorrio.

— Você fala muita merda, Seth Sawyer.

— Geralmente você não fica atrás, Simon Wyatt.

— *Medá!* — Christian exclama do chão e Seth solta um gemido de dor.

— Pearl vai cortar a minha cabeça se Christian falar isso perto dela.

Nós dois ficamos conversando pelo resto da tarde e perto das seis horas, minha mãe apareceu com o meu pai. Seth foi para casa com Christian para encontrar com a minha irmã e deixou avisado que da próxima vez ele vai querer falar com Spencer e não vai receber um não como resposta.

Capítulo 54

Spencer Carter

“Eu acho que desisto...”

EU SEI QUE EU DEVERIA ESTAR FALANDO, MAS EU NÃO CONSIGO.

Sempre me considerei uma mulher muito forte, apesar de todas as adversidades que passei durante o meu período de vida. Sim, durante o meu período de vida, porque isso que estou fazendo não é viver. Eu não sinto vontade de sair da cama, não sinto vontade de abrir os olhos, não sinto vontade de me alimentar e muito menos de conversar. Eu não sinto vontade de levantar do escuro em que me encontro, não sinto vontade de sorrir, não sinto vontade de fazer planos e nem mesmo de continuar levando essa vida.

Não sei o que fazer comigo mesma e não consigo entender como Simon consegue ficar ao meu lado mesmo com todas as minhas atitudes, ou falta delas. Quero dizer, saber eu sei. Ele disse que me ama. Toda vez que ele diz isso, sinto vontade de chorar, pois não acredito ser merecedora de um amor tão forte quanto o que ele afirma sentir por mim. Toda vez que Simon diz que me ama, tenho vontade de puxá-lo para perto e lhe beijar com fervor, porque eu também o amo. Eu sempre o amei, mas é por causa desse amor que eu não posso deixar que ele acredite que vai ter um futuro ao meu lado.

Estou quebrada de tantas maneiras, que acho impossível reparo.

A minha alma está perdida e o meu coração despedaçado. Tudo que consigo pedir e orar mentalmente para o Deus que levou o papai de mim e o meu bebê-surpresa, é que eles livrem Simon de mim. Eu nunca poderei dar-lhe o maior presente que eu sei que ele deseja receber. Eu sinto como se a minha dignidade como mulher estivesse sido arrancada de mim pelo simples fato da dúvida e das grandes probabilidades de nunca dar um bebê para o meu Simon.

Toda vez que ele fala comigo, eu respondo mentalmente.

Ele me pergunta se eu estou bem e eu lhe digo que não.

NACIONAIS-ACHERON

Ele me pergunta se eu quero comer sanduíche ou cereal e eu lhe digo que não quero comer nenhum dos dois.

Ele me pergunta se eu quero assistir a algum programa de televisão específico e eu lhe digo que não quero assistir à nada.

Ele me pergunta se eu gostaria de almoçar na sala de estar, olhando pela parede de vidro a cidade de Long Beach e eu lhe respondo que eu quero continuar deitada na nossa cama.

Eu não sinto vontade de fazer absolutamente nada e isso não é um exagero.

Forço-me a não manter contato visual com Simon, forço-me a não abrir a boca e conversar com ele, pois eu não quero lhe dar esperança. Ele precisa se afastar sozinho, ele precisa desistir, porque eu não seria capaz de fazer isso por nós dois. Simon sempre foi mais forte que eu e ele precisa ser mais forte que eu para desistir desse amor que ele diz tanto sentir por mim.

Se Simon me ama, ele vai seguir em frente sozinho, ele vai construir a sua família e me deixar para trás.

Estou presa dentro de mim mesma, feita refém dos meus próprios pensamentos e sofrendo da pior dor possível: a mental.

Eu sinto muito por nosso amor e sinto muito que ele não tenha sido suficiente nesse momento.

Capítulo 55

Simon Wyatt

“Ruptura...”

Três semanas mais tarde...

LEVANTO-ME DA CAMA E OLHO IMEDIATAMENTE PARA O LADO, NOTANDO QUE SPENCER NÃO ESTÁ MAIS AQUI. Saio apressado pela porta e começo a procurá-la por todo lado, revirando o apartamento para não a achar em cômodo algum.

Não consigo deixar de me preocupar com ela. Spencer praticamente não fala comigo, nem com ninguém, então como vou saber o que ela esteve pensando durante os dois últimos meses? Sim, tive os seus desenhos como pistas, mas isso não é o suficiente para me dar certeza do que se passou em sua cabeça. Estive dando meu melhor para ela, aceitando seu silêncio em algumas horas e incitando-a a se comunicar comigo, mas ela não está reagindo emocionalmente.

Mario foi uma perda grande para ela, mas também foi para o resto da nossa família. Eu entendo a dor de Spencer, mas ela não entende a minha. Perdi não só um conhecido, mas um amigo, o meu melhor amigo e logo em seguida quase perdi a mulher da minha vida. Spencer quase me deixou e eu praticamente enlouqueci. Então veio a notícia do nosso bebê. Como ela acha que eu venho me sentindo desde que tudo isso aconteceu?

Nas últimas semanas Spencer começou a se levantar sozinha e fazer um monte de atividades por conta própria. Assim como o esperado, ela não sente mais dor em suas costelas fraturadas. A levei novamente para o hospital e depois de mais raios X, o médico declarou que os seus ossos estão em perfeito estado novamente, Spencer precisa apenas tomar mais alguns medicamentos e não fazer movimentos tão bruscos. A recuperação completa pode durar até mesmo por um ano completo.

O som da chave girando dentro a maçaneta enche o apartamento e eu observo Spencer entrar calmamente. Ela está usando um casaco preto, com

NACIONAIS-ACHERON

jeans e camiseta da mesma cor.

— Onde você esteve, Spencer? — pergunto, inspirando profundamente e no meu limite por conta do seu silêncio. Ela me fita sem emoção e se joga no sofá, fechando os olhos e me ignorando. — Onde diabos você esteve? — esbravejo, caminhando em passos largos até ela. — Eu estou te fazendo uma pergunta e espero por uma merda de resposta, Spencer.

Ela abre os olhos e se endireita no sofá.

— Não é da sua conta — replica, arisca e gélida.

Ela falou. Ela acabou de falar, porra.

Eu estou enfurecido.

— Então não é da minha conta? O que está fazendo com você mesma? — pergunto, ajoelhando-me na sua frente para conseguir sua atenção.

— Isso também não é da sua conta — repete e eu fecho meus olhos.

Se ela abriu a boca para falar isso para mim, seria melhor se continuasse em sua greve interminável de silêncio.

— Porra, Spencer, eu estou tent...

— Eu não ligo, Simon! — grita na minha cara, finalmente me mostrando algo além de suas ações robotizadas. — Eu não ligo para o que você está fazendo ou não. — Spencer segura o meu rosto com suas mãos trêmulas. — Eu não sei se você percebeu, mas você está insuportável. Você não me deixa sozinha, você não me deixa sentir a minha dor...

— Então é tudo sobre isso? — Seguro a sua mão, empurrando-a para longe. — É sobre a *sua* dor? Você é realmente uma cadela egoísta, Spencer. E a minha dor? E a porra da minha dor? Você quer que eu faça o que com isso?

— Eu ainda não ligo, seu imbecil! — exclama, levantando-se e seguindo para o quarto. Aperto o passo e vou atrás dela, segurando o seu braço e puxando-a para me enfrentar. — Tira a sua mão de mim.

— Você quer se matar? Porque parece que é isso que está acontecendo desde a morte de Ma...

Sou acertado com um tapa forte na bochecha esquerda e fecho os meus

olhos.

— Não se atreva a falar o nome do meu pai — sussurra em meio um turbilhão de raiva.

— Tínhamos um filho dentro de você, Spencer. Perdemos o nosso filho. Um bebê, uma criança, que nós nunca saberemos com quem se pareceria, qual a cor dos olhos ou a cor do cabelo. Você está ciente disso?

Spencer me acerta outra vez.

Abro os meus olhos e a encaro.

— Eu não sei mais o que fazer — murmuro, desistindo de continuar tentando. — Se você quer pensar apenas na sua dor, vá em frente. Pensei que fosse uma mulher crescida, uma mulher forte que supera as adversidades, mas parece que você me enganou durante todo esse tempo. — Os olhos de Spencer enchem-se de lágrimas, mas eu não recuarei.

— Você não sabe nada sobre mim — diz com a voz embargada.

— Eu estive ao seu lado durante todo esse tempo. Eu fui um idiota no começo, mas eu mudei durante o percurso. Eu mudei por você — começo a cuspir tudo que sempre esteve engasgado em minha garganta. — Eu a amei desde o primeiro momento, Spencer. Eu quis você só para mim e eu quis ser só seu, mas você sempre ignorou isso. Quando você sofreu aquele maldito acidente, eu vi por um momento a mulher da minha vida me deixando sozinho, mas eu não desisti de você. Quando o médico me disse que você estava viva, mas o bebê-surpresa não resistiu, eu ignorei minha dor por um momento para respirar aliviado por sua vida, porque poderíamos continuar a viver e reconstruir nossa família. Quando você entrou na fase do silêncio, eu a respeitei. Eu tentei, Spencer, eu *sempre* tentei, mas agora eu estou cansado, estou farto disso tudo. Eu não vou mais tentar.

Ela enxuga suas lágrimas e me dá as costas.

— Eu não quero que continue tentando — sentencia.

— Bom, é realmente bom saber. Eu ainda amo você, mas preferia que tivesse morrido dois meses atrás e não agora — retruco por fim, passando por ela e entrando em nosso quarto.

Visto-me com um jeans e camisa preta, calçando-me com um coturno e

enfiando algumas roupas em minha mochila. Pego as minhas chaves, celular e carteira e saio do quarto, passando por Spencer que continua no mesmo lugar em que a deixei.

Assim que bato a porta do nosso apartamento e caminho para o elevador, sinto como se agora eu realmente a tivesse perdido. Acerto a parede de concreto por muitas e muitas vezes, consumido pela raiva, mágoa e dor. Se Spencer tivesse ido antes seria mais fácil de lidar com tudo, pois eu não teria seu desprezo em vida mais uma vez.

Os nós dos meus dedos começam a abrir e a parede começa a ficar manchada de sangue. Contudo, isso ainda não é maior do que a dor que ela está me fazendo sentir desde que acordou no hospital e não proferiu uma palavra para mim depois da notícia que recebeu dos médicos. Isso ainda não é maior do que a dor que ela me fez sentir quando me repeliu por incontáveis vezes quando tentei ajudá-la. Nenhuma dor é maior do que a dor que Spencer está me fazendo sentir no mais profundo e sombrio lugar dentro de mim.

Entro no elevador, jogando minha mochila no chão e puxando meu celular do bolso da minha calça. Acho o número de Pearl sem dificuldade e aperto no ícone do telefone.

— O que você quer, Simon? — Seth resmunga do outro lado e eu soco mais uma vez a parede, só que agora é a parede do elevador que está coberta por um espelho.

— Onde está a minha irmã? — pergunto entre dentes, acertando a parede com mais e mais força.

— Ela está dormindo, porra. Esse foi um inferno de noite, ela não passou nada bem e só conseguiu dormir a poucos minutos atrás — ele retruca, irritado.

— Eu vou deixar a chave do meu apartamento com o recepcionista. Venham ver Spencer assim que possível — indico, fitando o vidro quebrado diante dos meus olhos. — Se quiserem, podem tentar ajudá-la. Eu estou fora. Não consigo mais lidar com ela.

Seth xinga do outro lado.

— O que quer dizer com essa merda? — pergunta e a porta do elevador abre.

— Eu. Estou. Fora. — Desligo a chamada e pego minha mochila.

Saio do elevador, ignorando a dor que lateja em minha mão direita e caminho até o recepcionista, que me encara com um olhar apavorado. Ele provavelmente viu pelas câmeras de segurança o estrago que fiz durante meu percurso.

— Você tem uma caneta? — pergunto, puxando minha carteira e ele assente, colocando uma caneta logo em cima do balcão.

Puxo meu talão de cheques e arranco um de lá, assinando e preenchendo-o com uma quantia que dê para consertar a merda que eu fiz.

— Isso é pelo estrago. — Empurro o cheque para ele e faço o mesmo com a minha chave. — E isso é para a minha irmã.

Saio do meu prédio e vou até o meu carro, entrando e partindo sem demora. Eu fiz tudo que eu consegui por Spencer, mas ela infelizmente não conseguiu fazer o mesmo por mim.

Se ela quiser afundar em auto piedade, que faça isso longe de mim.

Isso não soa nada como alguém que está falando sobre seu amor, mas é exatamente por isso que estou deixando-a por conta própria.

Vê-la definhar é insuportável.

Meu celular toca e eu jogo o aparelho pela janela diretamente no asfalto, observando-o quebrar no chão em segundos. Dirijo para um lugar onde sei que vou ter paz por alguns dias até ser achado: hotéis Kassid.

Como eu disse à Pearl anos atrás: *o coração do ser humano é burro demais*. Amar é bom apenas quando se é amado de volta, algo que provavelmente nunca aconteceu comigo.



LIGO A LUZ DA SUÍTE QUE PAGUEI PARA MIM E TRANCO A PORTA, JOGANDO MINHA MOCHILA PARA QUALQUER CANTO E NACIONAIS-ACHERON

SEGUINDO PARA O QUARTO COM MINHAS DUAS GARRAFAS DE VODCA QUE CONSEGUI NO MEU CAMINHO PARA ESSE LUGAR. Caio no chão da sacada do cômodo e tiro minha camiseta, inspirando o ar frio dessa infernal noite e deixando a minha cabeça cair para trás. As lágrimas, que eu tanto segurei na frente de qualquer um, agora caem. Eu não me forço a não chorar, porque sei que preciso disso para conseguir ao menos algum alívio real. Abro a garrafa de vodca e bebo um longo gole, deixando o líquido queimar por todo caminho que passa.

Meu coração está calmo, apesar de toda a situação que acabei de viver. Minha respiração é curta e a minha visão é embaçada. Eu estou muito fodido. Não pensei que teria a porra do coração quebrado por Spencer outra vez. Eu a remendei quando ela precisou e ela fez o mesmo comigo, mas agora consigo ver que, no final de tudo, acabamos mais quebrados do que antes.

Fecho os meus olhos, engolindo um soluço com mais um gole da minha bebida. Vejo uma pequena criança loira surgir na minha mente. Os olhos verdes são intensos, assim como os olhos de Spencer. Ela sorri para mim e acena. Balanço minha cabeça negativamente, sentindo essa dor excruciante se apoderar do meu corpo. Eu sei que Spencer não teve culpa da morte do nosso bebê, mas infelizmente ela o perdeu. Tenho vontade de achar o motorista do ônibus e espancá-lo até a sua própria morte, mas também sei que isso tampouco foi sua culpa. Mario sempre me disse que o que tiver que acontecer, acontecerá. E, aconteceu.

Eu não tenho mais o meu melhor amigo.

Eu não tenho mais a minha mulher.

Eu não tenho mais o bebê-surpresa que seria a criança mais amada dessa porra de mundo.

Tudo aconteceu. Tudo foi levado de mim.

Eu só gostaria de saber como seria uma mistura minha e de Spencer, mas isso é algo que foi cancelado pelos céus.

Se eu soubesse que voltar a Long Beach me traria tanta dor, eu teria ficado em New York.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Capítulo 56

Spencer Carter

“O caminho de volta...”

MINHAS MÃOS TREMEM, ENQUANTO EU CONTINUO OLHANDO PARA A PORTA POR ONDE SIMON SAIU HÁ QUASE MEIA HORA. O meu coração está se partindo e esfacelando-se dolorosamente com esse último golpe que eu mesma provoquei e procurei.

Saí hoje cedo para achar ajuda.

Sim, isso mesmo. Ajuda de qualquer pessoa que tenha a capacidade de me ajudar: psicólogo, terapeuta, psiquiatra... Fui atrás do meu psicólogo para lhe pedir o contato do psiquiatra que receitou os remédios para a minha depressão, pois eu preciso de alguns mais fortes que aquele.

Semanas atrás eu desejava afundar em mim mesma, mas isso não é o que eu quero de verdade. Eu não sei, apenas não aguento mais estar debaixo da minha pele e viver em minha mente. Eu não aguento mais não ter esperança de que as coisas darão certo no final para mim ou mesmo para Simon, porque tudo diz que não. Todas as coisas cooperam para que nós nos afundemos mais nessa areia movediça estúpida.

Simplesmente dói.

Dói desejar ser como antes, mas não ter nenhuma esperança ou perspectiva para isso.

Eu e Simon não nos falávamos há dois meses.

Eu não conseguia falar com ele, não conseguia lhe dizer o quanto dói em mim estar certa de que eu nunca serei o que ele precisa para ser feliz por completo.

Me machuca saber que tudo que eu trouxe para a sua vida desde o primeiro momento foi dor e apenas dor. Ele sofreu por mim e sofreu comigo. Esteve ao meu lado, segurou minha mão, suportou os meus espinhos e fez isso até quando conseguiu. Fez isso até minutos atrás.

NACIONAIS-ACHERON

Nunca teria capacidade de julgá-lo por me deixar, pois isso foi o que eu mais pedi nos últimos dois meses.

É isso que ainda passa em minha cabeça.

Ele vai achar alguém melhor, ele vai se reerguer e ele vai olhar para trás como se nós não tivéssemos passado de um borrão em sua trajetória. Talvez ele se lembre com carinho, talvez ele se lembre com raiva, porém, eu nem mesmo desejo que ele venha a recordar de tudo que vivemos.

A porta da frente se abre e por um momento eu tenho esperança de que seja ele, voltando, tentando falar comigo, mas fico aliviada por ver Pearl, uma vez que eu não saberia o que mais falar para Simon.

Minha melhor amiga se aproxima de mim com pressa.

— Spencer, o que... — Pearl tenta falar, mas eu viro de costas para ela.

Eu nunca pensei que ver a minha melhor amiga seria tão doloroso quanto está sendo. Eu nunca pensei que acabaria dessa forma tão deplorável.

— Você pode escolher não me ouvir, não me explicar, não falar comigo, mas não pode ignorar a mensagem de Mario — diz, voltando a se colocar em minha frente. Pearl estende um envelope para mim. — Seu pai deixou isso com Seth, foi como um segredo entre os dois. Mario deu as coordenadas ao meu marido e lhe disse qual seria o melhor momento para lhe entregar essa carta. Não abrimos, não mexemos em nada. Essa é a última mensagem que o seu pai deixou para você, então não ignore, Spencer. Por favor...

Estou atônita, surpresa, mas completamente temerosa.

Temo ler o conteúdo que ele deixou escrito para mim.

Talvez eu nem seja digna dessas últimas palavras...

— Por favor... — Pearl insiste.

Recebo o envelope e passo por ela, ainda sem dizer nada. Sigo para o meu quarto e de Simon, batendo a porta com força e caminhando até a cama. As minhas pernas tremem, as minhas mãos tremem. O meu coração saltita e a minha respiração fica difícil de ser controlada. Lembrar do meu pai é ruim. Essa ainda é uma ferida aberta e, se cutucada, pode causar muito estrago em minha reação.

Tento me acalmar, mas desisto quando percebo que é impossível ficar calma nesse momento.

Abro o envelope e puxo o pedaço de papel lá de dentro.

Um bolo de forma em minha garganta ao fitar o simples pedaço de papel. Meu pai escreveu para mim e eu tenho que ler, por mais que eu me negue tal agrado.

Tragando uma respiração longa, começo a leitura com os olhos já cheios de lágrimas.

“Minha querida Spencer, Eu poderia começar essa carta de muitas formas diferentes, mas a melhor delas inicia-se com um convite.

Você está preparada para viajar comigo?

Espero que sim, você sempre esteve pronta para tudo, não é mesmo, garota de ferro?

Sente-se e leia com atenção, ao final você verá que essa viagem vale à pena.

Essa viagem começa aos meus dezenove anos, lá pelos anos oitenta, exatamente quando eu conheci a razão da minha vida, a sua mãe, Iris. Você sabe de uma coisa? Sempre fui fã de romances e costumava assisti-los com a sua mãe, porque eles estavam certos de uma coisa: foi amor à primeira vista. Ah, minha filha, eu mal poderia acreditar na beleza natural daquela jovem cheia de luz e vida. Porém, diferente do que você deve estar pensando, quem tomou a iniciativa foi ela. Talvez tudo fosse diferente se eu tivesse tomado a iniciativa, então eu só agradeço pelo que eu e Iris vivemos no nosso breve tempo juntos.

Contudo, não é sobre isso que eu quero falar.

Iris veio e desapareceu como um cometa, um daqueles raros cometas que aparecem periodicamente de cem em cem anos.

Se você está lendo essa carta, é por que certamente eu não tive a chance de te falar com as minhas palavras tudo isso, mas acredito que você não será a mesma ao terminar de ler essa mensagem.

Quando a sua mãe adoeceu, senti como se o mundo todo tivesse desabado em minha cabeça. Você foi o nosso pequeno e brilhante presente,

ela estava tão feliz por te ter, Spencer. Então, a doença abateu e levou a minha mulher, a sua mãe.

O câncer a levou.

Se você gritou por minha partida, se você chorou por me perder, se você amaldiçoou o Céu e a Terra, você está errada. Se você fingiu que estava tudo bem para o Simon, se você achou que nada tem uma saída, se você desistiu de continuar, você está errada. Se você não reagiu, se você não tem perspectiva ou planos, você está errada.

Você está errada, Spencer e eu entendo o seu erro.

Eu fui um homem valente ao tomar sua mão e te guiar por toda a sua vida até o presente momento, mas eu também fui humano.

O amor tem o poder de destruir uma pessoa, mas ele também tem o poder de curá-la.

Eu pensei em desistir. Eu pensei em desistir tantas vezes que eu não consigo contar nos dedos. A minha vida não era a mesma sem Iris, mesmo que eu te tivesse ao meu lado. Doía te ver, pois você era a cópia fiel de sua mãe, porém, as duas são de personalidades diferentes. Doía continuar nesse mundo sem o maior amor da minha vida ao meu lado.

Mas se eu desistisse?

O que eu deixaria para trás?

Eu perdi um amor, mas ganhei e fortifiquei outro. Acima da dor de perder Iris, tinha você, a minha pequena garotinha, a minha menina de ferro.

Eu sempre tive tanto orgulho de você, Spencer. Decidida, brava, forte como um touro espanhol e praticamente inabalável, seguindo tudo que te ensinei durante nossa caminhada juntos.

Eu tenho orgulho de você.

Faça-me orgulhoso e ande com suas próprias pernas.

Sabe a viagem que eu te convidei a embarcar no começo desta carta? Aquela foi a minha viagem e de Iris, onde tivemos e deixamos você aqui.

Eu te convido a outra viagem: amor.

Viaje no amor. Viaje com Simon.

Ame.

Viva.

Seja feliz.

E se você desistisse de tudo nesse momento?

O que deixaria para trás?

A vida é cheia de obstáculos e buracos. Você decide se passa pelos obstáculos ou afunda e cai no primeiro buraco que aparecer em sua frente. Contudo, estou aqui para falar como o seu pai e alguém que tem o dever de te aconselhar.

Se você desistir, você estará deixando Simon para trás. Você estará deixando o homem que te amou e te suportou no bom e no ruim. Você está deixando alguém que tomou o seu fardo e carregou para te dar alívio. Spencer, há coisas que apenas eu e Simon sabemos. Te poupei da minha dor, mas ele estava lá, ao meu lado, sempre me perguntando e buscando formas de melhorar a minha reta final nesse mundo.

Você está desistindo disso?

Está desistindo dele?

Se você está desistindo dele, você está errada.

Não se desiste de um amor que te faz bem. Eu fiquei ao lado de Iris e não desisti dela quando as coisas ficaram ruins para nós. Simon sempre esteve com você e eu sei que ele nunca quebraria a promessa que me fez se não tivesse uma razão.

Diga-me, você deu razão a ele?

Eu reconheço a sua dor, mas ela vai passar. Reconheço as coisas que devem estar passando por sua cabeça, mas sempre há uma saída. A minha saída foi você, a sua saída é o Simon.

Viaje no amor, minha querida.

Eu tive a minha viagem com Iris e com você, mas a minha hora chegou e eu não estaria mais satisfeito em partir depois de ver que você se transformou em uma mulher incrível.

Não faça planos, não pense no passado.

É o aqui e o agora que importa.

Eu nunca vou te deixar. Me procure nas pequenas coisas e achará o que precisa, achará o amor que sinto por você dentro do seu coração.

Se algo está errado, conserte.

A vida só é boa quando vivida intensamente até o último suspiro.

Levante a cabeça e enfrente os seus medos, enfrente a sua dor. O alívio só virá quando se libertar de tudo isso.

Eu amo você, Spencer Waters Carter.

Eu amo você, minha filha.

A vida só é boa quando vivida intensamente até o último suspiro.

De seu pai, Mario, sempre em seu coração.”

No instante em que leio a última palavra, agarro a carta contra o meu peito e escorrego pela cama até cair de joelhos no chão gelado. É irritantemente tocante e verdadeiro tudo que eu li, parecendo ter sido preparado exatamente para a circunstância que eu estou vivendo de pura confusão mental, vontade de morrer, desejo de afundar em meu interior e de me fazer ser sombra de tudo que eu era.

Meu pai sempre esteve para me aconselhar nos meus piores momentos, por isso eu ininterruptamente o tratei como a minha âncora, o meu alívio. E ele continua sendo, mas, além dele, tem Simon.

Eu não posso deixá-lo se afastar dessa forma.

Enxugo as minhas lágrimas, mas novas brotam e encontram caminho por onde as outras passaram. Fico de pé, não me importando se as minhas pernas tremem ou não. Saio do meu quarto e corro até a sala de estar, aliviada por Pearl ainda estar ali.

— Leve-me até ele, por favor — peço em um sussurro.

Tem sido realmente um longo tempo desde que abri a boca para falar com qualquer pessoa, principalmente Pearl. Vê-la feliz com o novo bebê que está vindo me faz pensar no que eu perdi e isso faz um nó em minha mente. Tento estar feliz, tento aceitar, mas o meu desgaste mental só me faz ficar cada vez mais deprimida. Por isso eu tanto afastei dela, da minha melhor

amiga. Saber que, mesmo não planejado, eu perdi um filho por quem inevitavelmente eu amaria com tudo de mim, destrói com a minha alma e confiança como mulher. Se eu tentasse explicar como me sinto para alguém, mesmo que esse alguém seja Simon, eu não conseguiria.

— Agora mesmo. — Pearl sorri, mas eu não me incomodo em sorrir de volta.

Ela continua sendo a minha melhor amiga de todo o mundo, mas tem tanta coisa nublando os meus pensamentos que eu apenas peço-lhe pelo olhar para me perdoar por tamanha falta de, se assim posso dizer, empatia.

Nós duas saímos do apartamento rapidamente. Eu troco os pés diversas vezes, ansiosa, nervosa e temerosa para ver Simon depois da primeira e última troca de palavras que tivemos. Não trocamos nenhuma palavra até estarmos dentro do carro de Pearl.

— Eu vou ligar para Seth — diz, atenta na estrada e diminuindo a velocidade apenas para telefonar para o marido.

Pearl coloca o celular em um suporte e deixa no alto-falante. No quinto toque Seth atende.

— Girassol.

— Amor, você falou com Quinn? — pergunta, parecendo tão ansiosa quanto eu.

— Eu estou com ele, babe. Estamos no hotel pegando informações e descobrindo o número do quarto de Simon.

Mordo o meu lábio inferior.

Ele está lá.

— Spencer está indo para ele. Por favor, apenas consiga o número do quarto e uma chave reserva, se tiver. Estamos chegando em quinze minutos no máximo. Tudo bem?

— Dirija com cuidado. Estarei esperando vocês no saguão.

— Amo você — Pearl se despede.

— Eu amo você.

Fecho os olhos, enquanto caímos no silêncio outra vez.

Pearl não tenta falar mais nada e nem eu. Continuamos caladas pelo resto do caminho, enquanto eu fico tentando pensar em algo para falar para Simon.



NO MOMENTO EM QUE PEARL ESTACIONA O SEU CARRO, NÓS DUAS SAÍMOS EM DISPARADA PARA DENTRO DO HOTEL, EU SENDO BEM MAIS RÁPIDA DO QUE ELA. Seth vem a nosso encontro com um Christian sonolento nos braços. Eu o fito, ansiosa, enquanto ele segura um cartão na mão.

— Você conseguiu? — pergunto.

— Aqui está — diz, entregando-me o cartão.

— Último andar. Tudo que precisa fazer é passar esse cartão e quando a porta do elevador abrir novamente, você já estará dentro do quarto — instrui e eu seguro o objeto como se a minha vida dependesse dele. — O caminho é por aquele elevador — completa, apontado para o elevador menos movimentado do local.

— Obrigada — sussurro, fitando o casal à minha frente.

— Boa sorte, Spencer. — Pearl sorri, encorajadora.

Assinto, respirando fundo e tomando o meu caminho até o elevador.

Entro no cubículo e aperto o botão do último andar, passando o cartão em seguida. Encaro o painel, torcendo os meus dedos e praticamente entrando em um ataque de pânico. Minha ansiedade dispara e, quando o elevador abre, meu coração praticamente para em meu peito.

Saio com calma e silenciosa.

O lugar é estranho, sombrio.

Eu me sinto mais nervosa que antes.

— Simon? — chamo por ele, mas não obtenho nenhuma resposta.

Ando pelo ambiente, notando o quão grande a suíte é. O último lugar que eu visito, é o quarto e é lá que eu encontro Simon. Ele está deitado no chão do cômodo, de olhos fechados e com uma garrafa de vodka ao seu lado. Ele parece tão doente quanto eu. Com certeza suguei muito de sua força nos últimos meses, só não tinha percebido antes.

Aproximo-me do seu corpo e quando estou próxima o suficiente, ele abre os olhos e senta-se. Seu cabelo loiro cai em frente ao seu rosto, mas Simon não se incomoda em retirá-lo de lá.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta.

Não, ele não é áspero ou grosso. Ele indaga de forma neutra, quase que sem vontade. É como um tapa na minha cara.

— Eu vim atrás de você — retruco, colocando-me de joelhos na sua frente.

Levo minha mão até o seu cabelo, tentando tirá-lo do seu rosto, mas Simon me impede. Ele segura o meu pulso e afasta o seu cabelo, fitando-me indignado.

— O que você está fazendo aqui? — repete.

— Simon, eu...

— Por que veio atrás de mim? Aquilo não foi o suficiente?

— Não, não foi — replico com os dentes trincando.

— Por que insiste em nos machucar? — grunhe.

Respiro fundo, sentindo-o afrouxar o aperto ao redor do meu pulso. Continuo o meu caminho, reencontrando o seu cabelo com os meus dedos.

Eu senti falta disso.

— Por que está aqui? — pergunta uma última vez.

— Porque eu fui egoísta com a pessoa que mais me ama — confesso.

— E você só se deu conta disso agora? Que foi egoísta e que eu te amo? Eu te amo há muito tempo, Spencer, apenas não tive coragem de te falar isso. Você sempre esteve cravada em meu peito, impregnada em minha pele, enraizada no meu coração. Nem se eu quisesse te arrancar de dentro de

mim, eu conseguiria. E é isso que mais dói. Ter o meu amor ignorado, ter que aguentar isso e aquilo da mulher que eu amo. Dói não ter o seu amor de volta, porque eu suportei tudo por você.

— Mas eu... — gaguejo e paro de falar.

Abaixo minha cabeça e recolho a minha mão.

— Foi o que eu pensei — resmunga de volta, pronto para se levantar.

Seguro a mão de Simon, impedindo-o de fazer isso.

— Eu amo você, Simon. Meu Deus, eu o amo tanto que eu nunca imaginei ser capaz de sentir algo desse tipo por um homem. Eu amo, adoro e quero você. Sei que talvez esteja com muita raiva de mim, porque em nenhum momento eu parei para lidar com o nosso relacionamento da forma certa, mesmo depois que engatamos em um namoro. Você disse isso antes e eu tenho a plena certeza de que é verdade: você é o que sente mais intensamente tudo que vivemos, mas eu vou mudar isso porque eu te amo. Amo cada palavra que você cospe quando está irritado, amo cada elogio que me dá, amo cada sorriso que esquenta meu coração, amo cada toque que eletriza o meu corpo. Amo você por ter sido quem foi desde o começo e nunca ter mudado uma vírgula comigo. — Mordo o meu lábio inferior, completamente insegura. — O papai... o papai te ajudou a melhorar, eu sei, ele me contou e agora eu vejo que lá atrás você melhorou para ser o que eu precisava no momento, mas a sua essência continua a mesma. Diferentemente, eu preciso mudar. Estou muito machucada, você já sabe disso. Têm dias que quero ficar deitada na cama sem fazer nada. Eu sinto muita dor. Perdi os meus pais e ainda perdi o nosso bebê. — Levo as minhas mãos até meu cabelo, controlando-me para não os puxar da forma que acontece quando entro num colapso mental. Simon me encara atentamente, mas não move um músculo. — Perdoe-me por ter te ignorado e ter ignorado a sua dor. Eu estava cega, uma morta-viva. Eu sei que você sofreu com a morte do meu pai, eu sei que você sofreu quando me viu ser atropelada por um ônibus e eu sei que você sofreu quando descobriu a notícia do nosso filho e que ele estava morto. Perdoe-me, eu imploro, Simon. — Um soluço rebelde escapa por minha boca e as lágrimas de desespero escorregam por minhas bochechas. — Eu amo você. Eu amo, amo, amo, amo, amo, amo, amo, amo...

Aproximando-se abruptamente e me calando com um beijo, Simon

NACIONAIS-ACHERON

empurra seu corpo sobre o meu, nada gentil, mas isso não me incomoda. Isso é o que somos e eu não mudaria por nada nesse mundo. Seguro em seus braços, fincando as minhas unhas em sua pele quente e abro a minha boca, sedenta por mais dele. Meu coração descompassa com a ideia de ele estar vindo de volta para mim. Felicidade enche o meu peito e percorre por meu corpo inteiro até me fazer chorar ainda mais, dessa vez, de genuíno alívio.

Com o coração no topo da garganta, correspondo ao seu beijo, enquanto os nossos corpos se debatem e enrolam-se de forma que nunca ocorreu antes. Estamos no chão do quarto de um hotel, um arrancando a roupa do corpo do outro em desespero e necessidade de mais contato. Simon não precisa me dizer nada para mostrar que nós estamos bem novamente na medida do possível. Eu o quero e ele me quer, nada pode mudar isso, nem mesmo se desejássemos mudar.

— Eu senti sua falta, Cherry — resmunga, separando nossas bocas para tirar a minha camiseta rapidamente.

— Eu também senti sua falta, pirralho. — Sorrio de lado, um pouco envergonhada. — Você me perdoa pelo que me tornei? — questiono, segurando suas mãos e impedindo-o de me tocar.

— Você não tem que pedir perdão por ter adquirido uma doença e eu não estou falando de nada relacionado ao que os médicos lhe disseram quando você acordou na cama daquele maldito hospital. Estou falando do que se passou na sua cabeça depois disso e estou falando da sua vontade de não sair da cama em certos dias. Eu sei o que é isso e eu não vou sair do seu lado até você voltar a ser quem era antes, voltar a sorrir, voltar a se divertir, voltar a viver. Eu quero você viva e viva sempre ao meu lado, Spencer Carter. Foda-se a medicina. Vamos ter a nossa família e eu não vou desistir de ter isso com você. Serei paciente e você também. Podemos ter bebês, você pode engravidar e, ainda que não consigamos, há milhares de orfanatos por aí, babe. Assim como Sculler adotou Ryle, podemos adotar quantos filhos desejarmos. — Solto as mãos de Simon e ele posiciona seu corpo sobre o meu, sempre sendo o encaixe perfeito para mim. — Você quer se casar comigo?

Arregalo os olhos, quase que sem fala.

— O quê? — gaguejo.

— Não hoje, não amanhã, não daqui a um ano ou dois. Quer se casar comigo quando você estiver pronta para isso? Quer se casar comigo quando tudo estiver alinhado em nossa vida? Eu só preciso que me diga se você me vê ao seu lado até a nossa velhice, babe...

— Eu vejo você ao meu lado hoje e sempre. Eu sou absolutamente nada sem você, Simon. Nada.

— Não quero que você pense dessa forma, mas nós teremos tempo para trabalhar nisso. Spencer, você é tudo para mim e eu amo você daqui até a lua e então de volta. Repita esse percurso trezentas vezes e coloque trilhões de porras de anos-luz para somar. Ainda assim nada será possível de se comparar ao amor que eu tenho por ti. — Meus olhos enchem-se de lágrimas.

— Eu aceito me casar e envelhecer com você — digo, simples e direta para não lhe deixar nenhuma dúvida.

— Merda, sim. — Simon sorri de volta, beijando a lateral do meu rosto por todo caminho da fina cicatriz que agora o marca. — Eu vou amar você até o meu coração explodir e, se algum dia ele realmente explodir, estarei feliz por ter morrido de amores por você. Essa é uma das únicas coisas que eu sei fazer certo: te amar e te adorar.

Porra.

Eu amo muito esse homem e eu sei que ele vai me dar mais força do que eu cheguei a imaginar.

— Eu vou amar você até quando eu não me amar, então eu vou aprender com você a fazer isso por mim mesma novamente. Não quero estar longe de você, não quero me sentir sozinha ou perdida e não quero me sentir um fardo na sua vida. Quero me fazer útil para nós dois e eu vou aprender a ser quem eu era antes. Nós merecemos isso, você principalmente.

— Diga o que quiser, eu vou concordar com tudo. — Simon se livra da minha e da sua calça jeans, tirando uma camisinha de dentro da sua carteira. — Vai ser como você se sentir confortável, sempre. Basta dizer não e eu vou parar.

— Eu preciso de você, não me torture dessa forma — suplico.

Ele respira pesadamente, puxando a minha calcinha por minhas pernas, enquanto eu tiro o meu sutiã.

NACIONAIS-ACHERON

— Nunca fiz sexo no chão. — Simon estreita os olhos em minha direção. — Sexo no chão da van da pizzeria não conta. — Pisco para ele, que revira os olhos em seguida.

Ele joga sua boxer para o lado e cobre o seu membro habilidosamente sem tirar os olhos de mim. No instante em que Simon está pronto, ele volta a se posicionar sobre mim. Sem nenhum aviso ou preliminares, sou penetrada de forma incrível, que alivia toda a minha angústia e solidão. Não precisamos fazer jogos nesse momento para estarmos prontos para nos reencontrarmos. Preliminares atrapalhariam o nível de conexão que está sendo estabelecida entre nós dois.

— Isso não é sexo — diz, amassando sua boca contra a minha e saindo de dentro de mim. — Isso é amor — pontua, vindo outra vez e me fazendo morder seu lábio inferior entre os meus dentes. — Puro e cru, exatamente como imagino que os nossos primitivos ancestrais faziam depois de chegarem de uma árdua caçada pela selva. — Simon repete o seu movimento.

Abraço-o pelo pescoço, empurrando meu dorso contra o seu e gemendo com o contato.

Eu começo a chorar.

Não por que dói ou me machuca física ou psicologicamente.

Eu começo a chorar por sentir o seu amor se infiltrar no meu ser. Meu coração queima dentro de mim, dando-me a certeza de que eu nunca fui amada com tamanha intensidade. Simon desliza sua língua entre os meus lábios, ao passo que os meus soluços se tornam mais difíceis. Ele toma o meu choro para si e eu não reclamo. Nosso beijo tem um caminho desesperado e que me mostra que eu não fazia ideia do quanto senti falta disso: de nós dois.

Substituo aos poucos os meus soluços por necessidade e desejo.

Ele continua indo e vindo, na velocidade certa e com a precisão exata para me fazer tremer.

Minhas unhas percorrem sua pele e eu agarro nele como se a minha vida dependesse disso.

Sim, eu admito, a minha vida depende disso.

— Eu adoro você, Simon Alexander Wyatt — digo e repito até ele

voltar a me beijar.

— Eu adoro você, Spencer Waters Carter.

Em poucos minutos, encontro o meu alívio e ajudo Simon a fazer o caminho para o seu próprio alívio. Ele se levanta e me ajuda a ficar de pé, carregando-me até a cama e me deixando deitada em meio aos lençóis negros. Simon volta, depois de ir ao banheiro e junta-se a mim debaixo da coberta. Ele me abraça por trás, enfiando o rosto em meu cabelo úmido e descansando a face na curva do meu pescoço.

— Eu quero ir para casa — sussurro.

Meus olhos pesam e eu bocejo, sentindo-me sonolenta.

— Estamos em casa — Simon retruca antes de eu apagar.

Realmente...

Estamos em casa.

Capítulo 57

Spencer Carter

“Nosso dia perfeito...”

Dois anos mais tarde...

ENQUANTO EU CAMINHO PELO CORREDOR ENTRE AS CADEIRAS ONDE MEUS CONVIDADOS E DE SIMON ESTÃO DE PÉ, NÃO CONTROLO O SORRISO QUE PERCORRE POR CADA EXTREMO DA MINHA BOCA. Ao meu lado não tem ninguém, uma vez que eu escolhi deixar o espaço que seria do meu pai completamente livre. Acredito que ele está aqui, comigo, da mesma forma que acredito que a minha mãe também está o acompanhando, mas onde quer que eles estejam, aqui ou em outro lugar, outra dimensão ou plano, sei que estão vendo por mim. Não faria nenhum sentido eu colocar alguém do meu lado, pelo menos não para mim. Simon entendeu, Pearl também. Todos entenderam que é a minha escolha e eu fiquei aliviada por ter sido compreendida.

Caminhar sozinha até o altar onde Simon me espera é uma das coisas mais desafiantes que eu já fiz em toda minha vida. Tenho a sensação de que depois disso, nada, literalmente nada, será capaz de nos separar. Não é assustador. Eu estou muito feliz com a minha vida. Vou construir uma linda família com o homem que eu amo e preciso ter ao meu lado. Porém, o mais importante de tudo isso é que eu passei a me entender melhor e precisar de mim mesma. É bom quando você é confiante e consegue se fazer feliz. Depois de perder meu pai e de perder meu bebê e de Simon, ele me ensinou tudo isso. Eu nunca seria feliz se não voltasse a confiar em mim mesma. A vida pode ser muito difícil quando você perde o controle nos piores momentos de sua existência. Eu perdi o controle, mas fui colocada nos trilhos e é por isso que estou me casando com esse homem. Estar nos trilhos me fez perceber que ele é a única pessoa capaz de me amar mesmo com todos os meus defeitos, que não são poucos.

Simon é o homem da minha vida e o meu grande amor. Desde o

primeiro instante resisti à entrega, pois pensava que iria me perder nele. Nunca me senti tão feliz por estar errada. Eu me achei em Simon e em todo seu incondicional amor por mim.

Nós nos completamos e, como diria a minha anjinho, ele é a minha metade perdida.

Respiro fundo, reprimindo todo o meu choro de felicidade para não parecer instável nesse momento. O cheiro salgado da praia me traz uma calma inexplicável. Quando disse a Simon que gostaria de me casar na praia, ele retrucou com um “até no meio da avenida, babe”. Claro que eu ri dele e de sua frase perolada, mas sabia que estava falando sério. Viemos nos organizando desde que ele me pediu em casamento, até esse exato dia, dois anos mais tarde, dia 28 de junho. Esse é o dia que ficará marcado para sempre em minha memória como: “O dia em que Spencer Carter e Simon Wyatt se tornaram um, diante de Deus e de todos”.

Sinto-me renovada e a pessoa mais amada desse planeta. Ao olhar para o meu Simon, que veste uma bermuda branca e camisa social aberta da mesma cor, deixando suas tatuagens à mostra, tenho plena certeza que sou muito sortuda. Meus olhos caem em seu peitoral, que tem uma espécie de adesivo no lado esquerdo, fazendo-me cogitar a ideia de uma tatuagem nova.

Não posso acreditar que ele fez uma nova tatuagem hoje, no dia do nosso casamento.

Simon desce os quatro degraus do palco feito para nosso momento e sorri de volta para mim. Entrego o buquê para Pearl e volto minha atenção outra vez para o meu pirralho.

— O que é isso? — sussurro, recebendo um doce e simples beijo nos lábios.

— Não é hora, Cherry — retruca, segurando minha mão e me ajudando a subir os degraus do palco modesto.

A cerimônia começa e a cada palavra proferida pelo padre que celebra nosso casamento, eu aperto a mão de Simon. Nenhum de nós é religioso, mas depois de tantas perdas, passei a ter essa necessidade de acreditar em algo que vá além dessa vida terrena. Acredito em Deus e acredito que é com Ele que os meus pais e o meu bebê-surpresa estão.

Isso me conforta.

Isso me fortalece.

Isso me faz acreditar que eu e Simon iremos levar uma boa vida em nosso futuro e que talvez possamos tentar criar nossa própria família quando nos sentirmos confortáveis para isso.

— Os votos...

Assim que o padre indica, começo a tremer e temer não conseguir falar tudo que eu preciso falar nesse momento.

Simon e eu nos viramos e ficamos face a face.

Prometemos um ao outro que não escreveríamos nada para essa hora, que tudo que saísse da nossa boca, viesse diretamente do nosso coração, ainda que fosse o pior discurso de votos de casamento do planeta.

— Você primeiro — resmungo, apenas para ele escutar, mas isso não dá muito certo, já que o padre segura um microfone entre nós dois e todos os nossos convidados começam a rir.

— Eu diria “primeiro as mulheres”, mas eu nunca me atreveria a te contrariar, babe — brinca, tirando ainda mais risadas e me deixando tão envergonhada quanto uma adolescente depois de dar o seu primeiro beijo.

— Simon, por favor...

— Shhh, babe, é a minha vez. — Ele pigarreia e, ainda segurando as minhas mãos, se divide em me olhar e olhar para todos os presentes. — A maioria de vocês não sabem o quão realmente foi difícil para nós estarmos aqui nesse momento. Eu conheço essa mulher, a minha Cherry, há muito mais tempo do que qualquer um possa imaginar. — Simon me encara, fazendo um bolo se formar em minha garganta por vê-lo tão bonito e feliz como agora. — Parece besteira, mas eu acredito que quando você acha o amor da sua vida, é como se ocorresse um encontro de almas. Velhas almas calejadas e que já se amavam por eras e eras, mas ficaram distantes uma da outra por obra do destino. É o que eu acredito, babe. — Ele sorri para mim, enquanto lágrimas de satisfação brotam em meus olhos. — Nosso reencontro foi abrupto, não foi? — Simon espera por minha resposta e eu me forço a assentir, absorta em tudo que ele diz. É tão precioso. — Nós nos odiamos a princípio. “Como uma garota tão bonita consegue cortar todas as minhas

NACIONAIS-ACHERON

tentativas de aproximação? Logo eu, Simon Wyatt”, era o que eu sempre pensava quando você não caía nas minhas piadas idiotas e nada humoradas.

— Elas eram muito ruins e de péssimo gosto — interrompo-o para me defender.

Simon ri com todos.

— Admito que sim, eu queria vê-la caída por mim, mas isso nunca veio. Não da forma certa. — Mordo o meu lábio inferior, assentindo. — Nós nos separamos, eu segui um caminho e você seguiu outro. Às vezes eu me pergunto que se nós não tivéssemos nos separado, será que acabaríamos aqui, nesse lugar, nos casando? Não gosto de pensar na resposta e nem de questionar o nosso passado, afinal, ele é irreparável. Nossas almas vagaram outra vez, até nosso segundo reencontro.

A vontade de entregar-me ao choro se intensifica de forma quase inacreditável. Eu mal consigo olhar Simon por meus olhos marejados.

— Eu voltei. Algum dia isso teria que acontecer, certo? Inconscientemente sei que voltei no momento certo. Quando eu te vi pela primeira vez depois de anos, encontrei uma mulher perdida e quebrada, nada parecida com a jovem de dezessete anos que esbanjava beleza e luz por onde passava. Apesar de tudo isso, você continuava sendo a mais bonita que eu já tive a chance de colocar os olhos. Quando descobri os motivos por trás de toda a sua preocupação, tomei as devidas providências. — Simon sorri, puxando a respiração com a boca, como se estivesse controlando a emoção. — Mario. — Ele para de falar abruptamente. Eu o vejo ficar desestabilizado por dez segundos, até retornar ao seu discurso. — Se não fosse por ele, eu nunca teria me tornado a pessoa que eu sou hoje em dia. Eu o devo tanto, mas tanto, que nem o meu dinheiro seria capaz de pagar.

Puxo as minhas mãos das mãos de Simon e o abraço pela cintura, incapaz de continuar sentindo tudo isso sozinha ou de deixá-lo em essa agonia sem fim.

— Ele se tornou o meu melhor amigo em tão pouco tempo. Ele era a pessoa que escutava as minhas reclamações e me dava os melhores conselhos a serem seguidos. Ele ria de mim e ria comigo. Às vezes eu nem mesmo soltava uma palavra, mas era apenas ele me olhar, que já sabia que tinha algo

de muito errado ou de muito certo. — Esfrego minhas mãos por suas costas, deixando-o saber que está tudo bem se quiser parar mais um pouco para respirar. — De início, comecei a ajudá-lo para te dar alívio, pois via em seus olhos o quanto sofria com a situação do seu pai. De repente, eu já estava dentro da bola de neve, mas não me arrependo até hoje de ter entrado nela. Eu fiquei tanto do seu lado, quanto do dele, as duas pessoas que mais importavam para mim naquela época. Tentei ser bom para ambos...

— E você foi — replico.

— Ele me fez mudar, me fez acordar e ver que você precisava mais do que eu era. E eu mudei por você, por mim e por Mario. Ele não me apoiaria se eu continuasse com o mesmo comportamento e, de certa forma, eu precisava do apoio dele. — Nós todos rimos. — Certa vez eu prometi para ele que nunca desistiria de você. Sabemos que chegou um ponto onde não era mais suportável para mim e até hoje eu sinto muito por ter quebrado a minha promessa.

— Você não precisa sentir muito por isso...

— Contudo, estamos aqui. — Simon beija minha testa, sorrindo lindamente para mim. — Eu sou o homem mais sortudo do mundo por te ter ao meu lado, Cherry. Você é o que sempre faltou em minha vida, uma peça rara e insubstituível, o meu grande e único amor. Eu fiz um acordo comigo mesmo de nunca mais te prometer nada, sendo assim, terei que decepcioná-la e a todos os presentes. — Nesse instante, a maioria dos amigos de Simon vaia e a outra metade ri junto de mim. — Eu te dou a certeza, babe. Eu te dou toda certeza do mundo que eu vou te amar incondicionalmente, que vou estar ao seu lado nos piores e melhores momentos da sua vida, nas decidas e nas subidas. Eu te dou toda certeza do mundo que nunca vou cobiçar outra mulher ou a vida de outra pessoa. Eu te dou toda certeza do mundo que vou ser fiel a você até o meu último suspiro. Eu também te dou a certeza que ainda vou te irritar muito, te fazer querer arrancar os cabelos e bater em mim até me fazer desmaiar, algo que nunca aconteceu, mas você sonha com o feito. Eu te dou a certeza que vou lutar para te fazer se sentir a mulher mais realizada, amada e desejada que já pisou na Terra. Eu te dou a certeza de que serei seu, Cherry, apenas seu, hoje e sempre até os nossos últimos dias.

Simon sela nossos lábios e os jogadores brutamontes começam a gritar

uma penca de palavrões, enquanto sinto o meu coração aquecido por receber tais palavras do meu Simon. Seus amigos recebem olhares tortos do padre, mas nenhum deles se intimida.

— Eu não vou conseguir fazer melhor que isso — sussurro, desesperada.

— Fale “prometo ser sua, pirralho” e será o suficiente — provoca e eu reviro os meus olhos.

Finalmente desvencilho-me dos seus braços e volto a dar-lhe as mãos.

Pigarreio, limpando a garganta e tentando soar segura em tudo que vou tentar falar para Simon em frente toda essa gente.

— Silêncio, por favor... — o padre pede e as pessoas começam a se conter aos poucos.

— Eu... Uh... Eu acho que para começarmos, preciso dizer que estou muito nervosa, ainda mais depois de escutar tudo isso. — Simon sorri, esfregando os dedos em minhas mãos para tentar me acalmar silenciosamente. — Da mesma forma que você iniciou seu discurso dizendo que somos como duas velhas almas se reencontrando, eu devo repetir isso: somos duas velhas e calejadas almas se reencontrando. Esse reencontro se dá dia-a-dia. Do momento em que acordamos ao momento em que dormimos, nos reencontramos, seja em um sorriso, em uma brincadeira ou em uma das muitas discussões. — Nós dois rimos. — O que a maioria de vocês não deve saber, é que Simon lutou muito para isso aqui acontecer. Na verdade, ele é o meu pai. — Respiro fundo, sentindo o meu lábio inferior tremer.

Simon faz o mesmo que fiz com ele há poucos minutos. Ele solta as minhas mãos e me abraça pela cintura, pousando as mãos em minhas costas e esfregando para me acalmar. Planto as minhas mãos sobre o tecido fino de sua camisa branca, inclinando o meu rosto para cima.

É apenas eu e ele em nosso mundo particular.

— Quando você chegou eu estava perdida, um pouco desesperada e completamente sem rumo. Estava sobrecarregada com as minhas responsabilidades, mas, acima de tudo, com as minhas dores. Você veio, irritante como sempre, empurrando-me sobre a borda da minha paciência para chamar a minha atenção. Provavelmente nunca te disse isso, Simon, mas

você não precisa de muito para chamar a minha atenção. — Seu sorriso se derrete, como se ele estivesse surpreso por tomar conhecimento desse fato. — Sempre tive medo de me entregar por conta do medo de acabar sendo deixada sozinha. Você entende do que eu estou falando, certo? — Simon assente, ciente de que estou falando dos meus pais. — Mas você sempre foi tão certo e seguro de si mesmo, que me assustava, ao mesmo tempo que chamava a minha atenção de forma quase que absurda.

— Você sempre esteve na minha, Cherry? — pergunta, surpreso.

As risadas soam, mas eu não ligo, apenas assinto.

— Sempre. — Sorrio de lado. — Eu nunca vou poder reclamar de que nunca fui amada ou apreciada. Quando o papai começou a conspirar contigo ao nosso favor, você veio e me ajudou, tomou um pouco da carga sobre os meus ombros e carregou sozinho. Você cuidou de mim e do meu pai, fez de nós a sua família e marcou aquela época em sua grande maioria por momentos bons e que merecem ser lembrados. Você esteve ao meu lado nas piores situações e compartilhou de dores que eu nunca gostaria que nós tivéssemos passado. Mas, foi isso que nos trouxe até aqui, foi isso que fez de nós dois mais fortes e fez de nós o casal que somos hoje. Não importa o que passamos, não importa o que vamos passar, a única coisa que importa é te ter ao meu lado durante tudo isso.

Posso notar no brilho dos olhos de Simon que ele está se segurando ao máximo para não me beijar. Suas pupilas dilatadas e seu rosto concentrado em cada palavra que eu direciono a ele, me dão a visão mais bonita que já tive o privilégio de presenciar...

— Eu amo você. Eu amo você com tudo de mim e esse amor é o que me faz levantar da cama, enfrentar os meus medos e procurar novos objetivos a serem alcançados. O meu maior objetivo de hoje em diante é ser a melhor companheira que você poderia desejar. Me esforçarei ao máximo para não te dar apenas problemas, mas incontáveis alegrias, pois você merece tudo isso...

— Nós merecemos — ele me interrompe.

Assinto, concordando com ele.

— Eu prefiro que não mais selemos nossos compromissos com promessas, então, assim como você fez, eu te darei as certezas que precisa

escutar para eternizarmos esse momento. — Pigarreio, engolindo o choro e seguindo em frente. — Eu te dou toda certeza do mundo que eu vou te amar incondicionalmente, que vou estar ao seu lado nos piores e melhores momentos da sua vida, nas decidas e nas subidas. Eu te dou toda certeza do mundo que nunca vou cobiçar outro homem ou a vida de outra pessoa. Eu te dou toda certeza do mundo que vou ser fiel a você até o meu último suspiro. Eu também te dou a certeza que ainda vou te irritar muito, te fazer querer arrancar os cabelos com as minhas loucuras e paranoias. Eu te dou a certeza que vou lutar para te fazer se sentir o homem mais realizado, amado e desejado que já pisou na Terra. Eu te dou a certeza de que serei sua, pirralho, apenas sua, hoje e sempre até os nossos últimos dias.

Simon e eu sorrimos, enquanto ele avança para selar os nossos lábios mesmo sem permissão do padre. Ele não precisa de uma permissão, como sempre o pirralho faz as suas próprias regras e é exatamente assim que eu gosto. Eventualmente nos separamos em meio de pigarros e reclamações majoritariamente dos amigos de Simon.

Christian se aproxima com Ryle, ambos de mãos dadas e segurando duas pequeninas almofadas com a minha aliança e de Simon. O loiro mal se afasta de mim para falar com Christian e Ryle, ambos sorridentes como nunca. Nós nos abaixamos em frente deles e pegamos nossas alianças, voltando a nossa posição inicial em segundos.

O padre faz um sinal para nós, permitindo a troca de alianças.

Simon é o primeiro a colocar a joia em meu dedo anelar. É linda, com uma pequena cereja de ouro no topo e completamente cravejada de pequenos diamantes. Extravagante, mas é Simon e eu não posso julgá-lo. De toda forma, eu amei com todo o meu coração. Ele leva a minha mão até os seus lábios e deposita um beijo, sorrindo ao separar a boca da minha pele.

Seguro a mão de Simon e encaixo a aliança que comprei para ele em seu dedo anelar. Posso ter falado da cereja cravejada de diamantes, mas eu também fiz algo especial. A aliança de Simon é extremamente masculina, uma versão também desenhada especialmente para ele, que consegui planejar juntamente com Pearl. Passei a primeira ideia que tive para simbolizar o nosso compromisso para algo mais concreto. O anel é todo de ouro, com finos fios que representam o barbante que ficou amarrado no dedo de Simon

por meses. Parece bobo, mas aquilo era a única coisa que eu podia lhe dar no momento, então eu o trouxe de volta, dessa vez, para sempre.

— O noivo *finalmente* pode beijar a noiva. Eu vos declaro marido e m...

Simon nem mesmo espera o padre terminar de falar para me beijar.

Nossos convidados começam a bater palma, assobiar e gritar. O meu coração se aquece, cheio de felicidade, enquanto um vento agradável nos abraça em meio ao nosso momento de paz.

Finalmente paz, ou apenas o suficiente dela.

Não importa o que virá pela frente, Simon sempre será meu e eu sempre serei dele. Estamos destinados e presos pelas correntes invisíveis do amor até o nosso último dia. Eu não me importo em estar acorrentada por isso. Ele me trouxe de volta à vida e eu não poderia ter ficado mais feliz por ter sido o meu Simon a fazer isso.

Às vezes as pessoas custam a aceitar os obstáculos que a vida nos dá.

Nem tudo é um mar de rosas. Eu sei, pois vivenciei isso em minha alma e em minha pele. Foi uma dor interna e externa.

Porém, é como o meu pai me escreveu: “Levante a cabeça e enfrente os seus medos, enfrente a sua dor. O alívio só virá quando se libertar de tudo isso”. O meu alívio pode ter tardado um pouco, mas ele veio e quando veio foi libertador. Deixar as coisas ruins de lado é tudo que você precisa fazer para ser feliz. Nem sempre é fácil, mas a escolha é sua: ficar no chão ou se reerguer para tentar outra vez?

Foi difícil em meio tantas perdas, doenças, desespero e problemas intermináveis, mas eu consegui.

Eu escolhi me reerguer.

Eu escolhi viver.

Eu escolhi o Simon.

— O que é isso? — indago, separando as nossas bocas e deixando o meu olhar cair novamente sobre o seu peitoral.

— Uma tatuagem nova — admite.

— E o que tem de especial nela? — continuo, mais do que curiosa.

— É uma surpresa, assim nunca esqueceremos do que passou e de onde estamos — murmura, esfregando os dedos sobre o osso saliente e alto das minhas bochechas magras.

— Me diga o que é? — peço de forma impaciente.

Simon revira os olhos.

Ele abre um pouco mais a sua camisa branca e puxa o curativo de uma só vez, revelando a sua tatuagem nova para mim. Eu sorrio, emocionada com o nome ali marcado em sua pele.

“PARA O NOSSO BEBÊ-SURPRESA

MARIO ALEXANDER CARTER-WYATT

POR TER NOS JUNTADO PELO RESTO DA VIDA.”

A letra que está marcada em sua pele é a sua própria letra, como se Simon tivesse feito um bilhete e mandado tatuar o mesmo em sua pele.

— Você deu nome para o nosso bebê? Deu o nome do meu pai? — indago surpresa e seguro as lágrimas mais uma vez.

— Sim, eu dei um nome para ele e é o nome do seu pai. Nossos Mario’s e Iris estão no céu, olhando por nós e nos protegendo. Aposto que eles estão participando da nossa festa de lá mesmo.

Simon ainda vai me fazer ter um enfarto.

— Eu amo você, Cherry — diz, selando os nossos lábios e colando as nossas testas.

— Eu amo você, pirralho.

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Epílogo

Spencer Carter

“O maior e melhor presente...”

COM OS NERVOS À FLOR DA PELE, CAMINHO DE MÃOS DADAS COM PEARL PELOS CORREDORES DOS BASTIDORES DA VOLTA DE SIMON AOS JOGOS DA LIGA NACIONAL DESSA TEMPORADA. Consigo escutar a gritaria insana das pessoas nas arquibancadas, o que me deixa mais nervosa do que o necessário.

Em toda a minha vida, nunca tive a chance de experienciar um momento como esse. Seguro a pequena caixa, na minha mão e torço para que o meu coração não pare do nada. Hoje mais cedo, antes de Simon deixar o nosso apartamento em New York para ir à concentração com o seu time, prometi-lhe que esse seria seu melhor aniversário e que eu lhe daria o melhor presente de todos. Eu não planejei, assim como ocorreu da primeira vez, mas simplesmente aconteceu.

Estou grávida.

De gêmeos.

É insano.

Fico nervosa só de lembrar de todos os testes que fiz durante os últimos três meses e meio e de quando falei para Simon que ia ao cinema com Pearl e as crianças, mas, na verdade, fomos ao médico confirmar a notícia e ter mais uma surpresa. Eu sei que a minha gravidez tem os seus riscos, porém já estou tomando as devidas providências para que tudo ocorra bem. A pior fase já passou, que é a do aborto. Óbvio, ainda posso sofrer um aborto durante a gestação, assim como muitas mulheres, mas devido à minha Síndrome as primeiras doze semanas são críticas. Fora tudo isso, foi difícil fazer Pearl não contar para Simon, mas ela acabou se conformando e me ajudou a montar um plano para revelar isso a Simon.

Meu plano está nessa caixinha.

Esse é o presente de Simon.

— Seth conversou com o treinador e técnico de Simon e está tudo pronto — Pearl grita para mim, uma vez que é quase impossível de nos escutarmos em tom normal.

Eu fito minha melhor amiga e ela me dá um sorriso encorajador. Estamos paradas quase no começo do túnel que dá acesso ao campo de futebol. A ansiedade me consome e o nervosismo faz minhas pernas bambearem.

— Agora é com você! — exclama uma última vez e me abraça forte.

Olho para o túnel e tomo uma longa e profunda respiração.

Eu posso fazer isso.

Eu consigo fazer isso.

Eu tenho que fazer isso.

Em passos lentos, faço meu caminho pelo túnel. Estou usando algo muito simples: vestido vermelho que desce até meus joelhos, botas pretas e uma camisa do time de Simon por cima, completamente personalizada para o momento. No instante em que eu colocar meus pés no gramado, provavelmente metade das pessoas já saberão o que está acontecendo.

A luz se aproxima e, segundos mais tarde, estou de frente para aquele lugar gigantesco. Um homem fala ao microfone, fazendo todos cantarem parabéns para Simon e o mesmo está sorridente como nunca.

— Spencer, venha! — O treinador do meu marido acena para mim e eu me aproximo dele. — Está quase na hora — diz, empurrando-me levemente para tomar alguma iniciativa. — Vá fazer o ego dele ainda maior, querida.

Uma salva de palmas ecoa pelo estádio e os gritos explodem ainda mais. Saio do meio das pessoas e dou o primeiro passo em cima da grama verde e bem cuidada. Meu coração erra uma batida ao ver o loiro acenar para todos os torcedores. Os colegas de time de Simon me avistam e começam a empurrá-lo até os seus olhos caírem em cima de mim. Meu coração erra outra batida. Minhas mãos começam a suar e os gritos dos torcedores se intensificam, parecendo acompanhar todo o pico de adrenalina que está ocorrendo dentro de mim.

“É a minha mulher”, leio os seus lábios.

A respiração falta e eu apresso o passo para que caso caia, eu pelo menos esteja em seus braços.

— Cherry — Simon diz, colocando as mãos de cada lado da minha cintura. — O que está fazendo, babe? — indaga.

— Eu vim te trazer o seu presente — retruco, sorrindo um tanto acanhada por estar em meio a tanta gente.

Eu nunca vou me acostumar com essa atenção.

O silêncio cai na multidão de torcedores e eu sinto como se o meu coração estivesse batendo no topo da minha garganta. Empurro a caixinha para Simon e, debaixo do seu olhar avaliativo, ele aceita. Sua mão foge da minha cintura e os dedos hábeis tiram o pequeno laço azul que enfeita o seu presente. No momento em que Simon coloca os olhos no presente, ele sorri.

— É bonito, mas eu não posso jogar com essas, você sabe... certo, babe? — diz, ao fitar as duas bolas de futebol americano em miniatura.

— Eu sei disso...

Viro de costas para ele, puxando meu cabelo para o lado e revelando a sua segunda pista. Na parte de trás da minha camisa está escrito “Papai” e o número “2” está bem colocado logo abaixo. Os colegas de Simon começam a xingar compulsivamente, enquanto fito Simon sobre o meu ombro esquerdo. Seus olhos estão indo da caixa para a minha camisa e vice-versa.

— Porra, de jeito nenhum... — escuto seu sussurro antes da torcida barulhenta levantar com seus gritos e palmas mais uma vez.

Meus olhos enchem-se de lágrimas, pois eu nunca me senti tão completa em toda a minha vida. Eu sei que por muito tempo eu sofri pela perda das pessoas mais importantes para mim, mas como meu pai disse na carta que ele deixou para mim, “você só vive uma vez”.

Simon me fez encontrar a felicidade e nunca desistiu de mim, mesmo quando eu havia desistido. Fiquei perdida, mas ele me achou em meio muita bagunça emocional e física.

O olhar que ele me dá é da mais pura e crua felicidade e isso me faz ainda mais completa que antes, beirando o entorpecimento.

Gosto de acreditar que os gêmeos vieram para, de certa forma, suprir as dores dos nossos corações por eu ter perdido o nosso primeiro bebê no acidente que sofri depois do enterro do meu pai. Eu sei que a vida de um filho jamais substitui a do outro e que nunca estarei saciada da vontade de saber com quem aquele bebê se pareceria, mas eu aceito tudo que aconteceu lá atrás. Isso fez a minha ligação e de Simon se fortificar a um ponto de que eu tenho certeza que nada nunca mais nos separará.

Eu aceito o nosso destino, que foi desenhado entrelaçado um no outro em meio tantas turbulências.

— Você está grávida? — Simon exclama e eu volto a encará-lo, frente a frente.

Tomando uma longa respiração e abrindo um sorriso, aceno positivamente.

— Parabéns, papai. Tem dois bebês na minha barriga e eles são o seu presente no dia de hoje — retruco com a voz embargada, mas ainda no mesmo tom que ele. — Eu disse que seria especial.

Simon tampa a caixinha e me puxa com cuidado, girando-me no ar e gargalhando alto. Não seguro minha própria gargalhada ao vê-lo dessa forma.

— Eu vou ser pai, porra! — exclama e os seus colegas de time festejam ao nosso redor. Simon me coloca no chão, inclinando seu rosto na minha direção e encostando sua testa na minha. — Eu vou ser o pai dos seus filhos, Cherry...

— E eu vou ser a mãe dos seus bebês, pirralho. — Subo minhas mãos para o seu rosto, acariciando suas bochechas sobre a barba por fazer.

— Esse é o melhor presente que eu ganhei em toda minha vida. Você é o melhor presente que eu ganhei e esses bebês... porra, os nossos bebês vão ser lindos pra caralho e eu vou protegê-los com a minha vida, assim como eu te protejo. — Suas palavras me acertam e me aliviam no momento em que eu as assimilo. — Eu amo você, eu amo você e eu amo você.

— Eu amo você. — Selo nossos lábios.

— Eu tenho um jogo para ganhar, babe, então depois nós vamos comemorar a vitória no nosso apartamento, enquanto discutimos os nomes dos nossos bebês.

NACIONAIS-ACHERON

— Você é adorável repetindo a palavra “bebês”...

— E você vai ficar sexy toda grávida. Finalmente a minha mulher vai estar maior. Eu esperei por muito tempo isso acontecer e vou aproveitar cada segundo da sua gravidez. Então, depois vamos esperar um tempo e você vai ficar grávida de novo e eu finalmente vou colocar meu plano de povoar o mundo em prática — gargalho, abraçando Simon com força. — Você está pronta para povoar o mundo, babe? — indaga ao pé do meu ouvido.

— Eu estou pronta para fazer qualquer coisa, contanto que você esteja comigo. — Beijo seu maxilar e afasto o rosto para fitá-lo. — Mas não vamos povoar o mundo, isso seria um pouco impossível. — Beijo sua boca uma última vez antes de me afastar completamente do loiro.

— Você vai sim! — ele exclama e eu balanço a cabeça negativamente, pegando seu presente e dando-lhe as costas.

Olho por cima do ombro Simon ser rodeado por seus colegas e felicitado por sua grande “conquista”.

Eu sei que essa vai ser uma jornada ainda mais longa, mas o meu Simon fará questão de deixar tudo sob controle. Vamos nos divertir muito e eu mal posso esperar para que essa nova fase comece.

Vida longa.

Vida boa.

Viva.

Bônus

Simon Wyatt

“Uma nota final...”

VULNERABILIDADE.

Hoje, depois das situações que eu passei com Spencer, percebo que quase tudo, desde o nosso reencontro para os dias de hoje, se tratou de um longo período de vulnerabilidade.

Ela estava vulnerável a tudo e eu não fiquei atrás.

Em algum momento isso acontecerá com você também, o mais importante é como você vai tratar essa vulnerabilidade.

Spencer estava de alma despida, machucada, perdida.

Eu estava de alma despida, confiante, mas completamente enganada.

Essa vulnerabilidade fez ela se afastar de mim, porém, a trouxe de volta para a sua casa: o nosso amor. As situações foram difíceis, os tombos foram ficando cada vez mais intensos, mas ignorá-los não faz parte de como nós dois, como um casal, estamos encarando a nossa vida atualmente.

Eu a fito, calmo, observando-a dormir com o lençol branco e fino cobrindo o seu corpo nu. É assim que temos estado desde a noite de nossa redenção e confissão final do amor um pelo outro, o dia em que Spencer disse pela primeira vez “Eu amo você”. Claro, não quero dizer nu no sentido literal da palavra. O que realmente cabe a ser dito é: nossas almas estão sem proteção e a cada dia que passa, nos tornamos cada vez mais um só.

Conversamos sobre tudo, principalmente sobre como nos sentimos. Sei que a minha mulher ainda tem dias ruins, mas eu também tenho, a diferença agora é que, acima de tudo, nós nos ajudamos a passar pelos obstáculos do caminho.

Respiro fundo.

Preciso confessar, essa é a imagem mais bonita que vejo em anos:

Spencer grávida de sete meses dos nossos gêmeos. Seu cabelo castanho escuro está mais longo do que já cheguei a presenciar, o que lhe deixa com um ar de deusa. Sim, ela se parece muito com uma deusa, aquelas maravilhosas de relatos da Grécia Antiga.

Spencer ganhou peso também, o que me alegra mais do que cheguei a algum dia imaginar. Ela parece brilhante, radiante, sempre sorrindo para mim e arrancando sorrisos meus com seus comentários ciumentos sobre mulheres ao meu redor. Esse é outro lado que veio aflorando desde que ela entrou na gestação: Spencer está ciumenta e sensível. Eu digo sempre a ela: “Se quiser chorar, chore. Se quiser gritar, grite. Apenas não guarde isso para si mesma”, por fim, ela me obedece. Esse tem sido o nosso lema desde muitos anos atrás.

Diferente do imaginado, não brigamos mais tanto assim, mas ainda nos provocamos dia e noite. Chegamos à conclusão de que brigar não faz nada bem para nós dois, então quanto mais pudermos evitar, melhor.

Caminho de volta para a nossa cama, entrando debaixo do lençol e puxando Spencer para perto de mim. Ela se remexe, inclinando a cabeça para cima e abrindo os olhos com dificuldade.

— Tudo bem? — sussurra.

Dou um sorriso, tranquilizando-a rapidamente.

— Tudo perfeitamente bem e alinhado. — Spencer sorri de volta e deixa a sua cabeça cair sobre o meu ombro. — Durma bem, Cherry.

Ela resmunga alguma coisa, voltando a cair no sono rapidamente.

Grávidas...

Beijo o topo de sua cabeça, pousando a minha mão em cima de sua barriga inchada e deixando o meu corpo relaxar totalmente.

É incrível estar em casa.

O próximo livro da série “Apostas”

O próximo livro da série Apostas se chama Ao Seu Lado e nele eu vou contar a história de Christian Wyatt-Sawyer e Ryle Diann Sivan. De forma exclusiva, venho aqui disponibilizar a sinopse e o primeiro capítulo para que fiquem por dentro do livro e se apaixonem comigo.

Previsão de lançamento na Amazon: Janeiro de 2018.

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'Lace' with a stylized flourish above it.

Obrigada pela paciência e carinho,

Sinopse

Éramos apenas crianças quando nos apaixonamos, não sabendo o que era isso, eu não vou desistir de você dessa vez. Mas, querida, apenas me beije devagar, seu coração é tudo o que eu tenho, e, em seus olhos, você está segurando o meu.

— ED SHEERAN, “Perfect”

Desde pequenos, Christian e Ryle são inseparáveis. Uma ligação que se constrói durante os primeiros anos de vida, um amor que cresce silenciosamente no coração dos dois e que quando percebem, não há mais para onde ir ou esconder.

Ryle Diann Sivan é filha adotiva de Cassie e Sculler Sivan. O casal nunca sentiu a necessidade de revelar tal fato para a filha mais velha, uma vez que conseguiram a sua guarda ainda bebê e a criaram com todo amor do mundo, pois mesmo que a menina não tivesse o sangue de nenhum deles, ela tinha seus corações.

Uma manhã, tudo muda.

Christian e Ryle notam o que sempre esteve ao lado de cada um: eles mesmos. É difícil conter os sentimentos que explodem dentro dos corações dos dois jovens.

Por que algo que parece tão errado provoca sensações tão boas?

Christian quer Ryle.

Ryle quer Christian.

Porém, eles dividem a mesma família e erroneamente acham que dividem o mesmo sangue.

Até quando as coisas serão omitidas para Ryle?

Até quando terão que esconder o seu amor?

Há dois caminhos: o certo e o errado.

Qual você escolheria?

PERIGOSAS

NACIONAIS-ACHERON

Primeiro capítulo exclusivo

Narrado por Ryle Diann Sivan

— VAMOS, VAMOS, VAMOS, CHRISTIAN! — exclamo, tentando tirá-lo da cama.

— Shhh, babe. Eu estou com uma dor de cabeça infernal — reclama, puxando um travesseiro e protegendo-se com ele dos meus gritos, como se isso adiantasse. — Vem aqui, deita comigo um pouco — indica, batendo com uma mão no espaço livre de sua cama grande e macia.

— Isso é golpe baixo, você sabe que eu amo sua cama. — Bufo. — Seth pediu para eu vir acordar você, Christian. Todos já estão prontos para o café, só falta você e, como deve saber, ninguém come antes que todos estejam à mesa. — Puxo o travesseiro e ele reclama em um grunhido irritado.

— Todos já estão lá em baixo? Até mesmo Andrew e Romeo? Ontem os dois beberam tanto quanto eu... — questiona, em seu tom explicativo de sempre.

— Sim, eles já estão lá e sua mãe já brigou bastante com eles pelo que fizeram, mas depois os abraçou e ajudou cada um a se sentir melhor da ressaca. — Sorrio de lado, sabendo que Pearl realmente é uma mulher incrivelmente doce e compreensiva, mas que se preocupa muito com os filhos. — Só falta você e eu posso dizer que ela está bem ansiosa para te dar um sermão e depois beijar sua bochecha, enquanto explica que você não pode levar seus irmãos mais novos para beber — concluo, já preparando-o para o que está vindo em sua direção assim que ele der as caras.

— Se não for assim, não é a minha mãe... — Ele ri de tudo que eu disse. — Mas você sabe que a culpa não foi minha, os dois que me obrigaram a levá-los conosco na noite passada. — Christian finalmente se vira para cima.

Seu cabelo loiro está bagunçado e cai por seu rosto, contrastando com o bronzeado poderosamente sexy que ele exhibe por todo torso firme e malhado, e... *espera*.

O que foi que eu disse?

Eu só posso estar enlouquecendo. Isso é como eu falo dos caras com quem eu eventualmente me envolvo, não de Christian, que pode ser oficialmente meu sobrinho, mas é como um irmão e para completar, um irmão mais velho.

— Terra chamando, Ryle. Acorda, babe, eu estou falando com você. — Ele estala os dedos em frente ao meu rosto, chamando minha atenção. — Por que você está me olhando como se eu fosse a coisa mais bonita que já viu em toda sua vida? — Sorri de maneira melosa, mas que cai tão bem nele que eu acabo me derretendo toda.

Deus, onde eu vou enfiar minha cara?

— Você está dando muito ouvido aos comentários cheios de si do tio Simon, Christian. Levanta logo da cama, nós não temos o dia todo e eu estou faminta — digo, tentando parecer o mais normal possível, mas falho. Começo a mexer freneticamente no meu cabelo e Christian gargalha, o que me deixa mais embaraçada que antes. — Vamos logo, Christian! — exijo.

— Você tem que se acalmar, babe...

Cerro meus olhos em sua direção e arranco o lençol de cima dele com o intuito de fazê-lo se levantar logo. Contudo, me arrependo, pois Christian... Christian está nu. Ele para de rir imediatamente e eu o encaro assustada, muito assustada para ser sincera. Desde quando ele dorme nu? E... meu Deus do céu, Christian! Desde quando ele cresceu tanto? É claro que a última vez que dividimos um banho sem nenhuma roupa atrapalhando nós apenas pensávamos em brincar de fazer bolinha de sabão e Christian tinha apenas cinco anos de idade e eu tinha quatro.

“Você está ferrada, Ryle. Apenas saia”, a voz em minha cabeça manda e eu obedeço.

Jogo o lençol para Christian e corro para fora do seu quarto. Assim que bato a porta, dou de cara com o tio Simon e Noah, sua filha mais nova. Ele levanta uma sobrancelha para mim, enquanto a menina brinca com o cabelo longo do pai.

— Está fugindo de alguma coisa, Ryle? — Ele sorri de lado e eu reviro os olhos, mas não deixo de rir nervosamente.

NACIONAIS-ACHERON

— Não estou fugindo de nada... é só que eu levei algum tempo para tirar Christian da cama. — Balanço meus ombros, tentando parecer despreocupada.

— Huh... eu sei — diz, irônico. — Eu vou falar com ele um pouco — avisa.

— Tape os olhos de Noah quando entrar no quarto — atiro e saio em disparada para o andar de baixo.

Felizmente, eu não troco os pés até alcançar o último degrau da escada, onde meu pai me espera. Ele está de braços cruzados e um sorriso pequeno de lado, que é absolutamente o meu favorito. Se tem uma coisa nesse mundo que eu acho bonita, é a relação dele com a mamãe. Mesmo que ele seja dezessete anos mais novo que minha mãe, é impossível não ver a conexão entre os dois, pois é algo que vai além do explicável.

Eles dois são meus dois maiores amores.

Minha família é meu maior amor.

— Oi, papai... — sussurro, pulando em cima dele e o abraçando com força.

— Oi, menina bonita — diz, abraçando-me de volta e beijando o topo da minha cabeça.

— Eu acordei Christian. Ele já deve estar descendo com o tio Simon e Noah — informo e ele assente.

— Vamos. — Me coloca no chão e segura minha mão. — Seu irmão me estava me contando sobre a festa da noite passada que Christian os levou... — comenta sugestivamente, provavelmente esperando que eu fale alguma coisa.

— Pai, os garotos nem estavam convidados. Eles ameaçaram contar algo de Christian para mim e deve ser algo bem embaraçoso, pois ele acabou concordando e os levou conosco. Em minha defesa, eu passei a maior parte da festa dançando e quase não bebi, já que eles fizeram Christian comprar um monte de bebidas para eles e alguém teria que trazê-los de volta para casa em segurança — falo em minha defesa tudo que ele precisa saber para não colocar culpa em mim por Bennett ter bebido todas na noite passada. — Espero que entenda que eu não posso mandar em Bennett, ele sabe o que

NACIONAIS-ACHERON

deve ou não fazer, afinal ele já tem quase dezenove anos. — Aperto sua mão.

— Com dezenove anos eu já sabia bem o que eu queria e o que era certo ou errado, então eu concordo com o que você quer dizer e espero que saiba que eu não estou culpando-a por nada que acontece com Bennett. As escolhas que ele faz são exclusivamente de sua própria responsabilidade, afinal a educação que eu e Cassie demos a você, foi a mesma que demos a ele. — Meu pai me tranquiliza e eu respiro aliviada. — Falando em educação, Christian estava conversando comigo sobre a faculdade de vocês dois no começo da semana e ele disse que você poderia ficar com ele na casa de Los Angeles para evitar sua ida e vinda de Long Beach todo dia...

— Quando vocês conversaram sobre isso? Por que não me falaram nada? — questiono, curiosa.

— Queríamos te fazer uma surpresa, filha, mas já está quase tudo certo para quando as aulas de vocês voltarem, você, seu irmão e Andrew irem morar com Christian — finalmente chegamos ao lado de fora da casa de verão do meu irmão, onde eu preparei o café hoje mais cedo com a mamãe, Pearl, tia Spencer e Noah na varanda enorme.

— Onde está o Christian? Eu estou morrendo de fome... — Romeo reclama e Seth lança um olhar aguçado para o filho.

— Pensasse nisso antes de virar todas na noite passada — meu irmão ralha e agora é a vez de Pearl lançar um olhar aguçado para o marido.

— Ele já deve estar descendo com o tio Simon e Noah — eu informo a todos, soltando a mão do papai e sentando-me ao lado de Romeo.

Encaro o mais novo e sorrio para ele, que vem para perto de mim se aconchegar em um abraço. Passo meu braço direito por seus ombros e afago seu cabelo bagunçado preto, assim como o do meu irmão.

— Você não deveria ter bebido tanto... — digo, apenas para ele ouvir.

— Diga-me isso da próxima vez, *titia* — resmunga irônico e mal-humorado, o que me faz rir involuntariamente.

— Você só tem dezesseis anos, Rome. Christian só começou a beber algumas quando completou dezoito — ralho, ainda afagando o cabelo dele.

— Papai teve a primeira ressaca aos quatorze anos, foi o que a vovó

disse — ele se defende rapidamente, como se estivesse tentando justificar o que fez.

— Bom, você é quem sabe...

— E ontem... você se divertiu? — Escuto sua risada e logo Romeo inclina o rosto para me fitar. — Você estava bonita ontem e eu tenho certeza que muitos notaram isso. É difícil ter mulheres bonitas ainda não comprometidas na família, uma vez que os paus todos estão atrás delas. Noah vai ser um problema do caralho e, eu como primo, sinto que vou ter dor de cabeça com aquela pentelha loira. — Revira os olhos.

Solto uma risada, fitando Alexander e Peter, irmãos gêmeos de Noah, que é quatro anos mais nova que eles. Os gêmeos loiros são a cara do tio Simon, assim como Noah também é. Ele vive por aí, se gabando que seu gene é mais forte que o da tia Spencer, o que faz todos nós rirmos. Desde que consigo me lembrar, tio Simon tem esse humor ácido e essa postura irônica, mas ele já melhorou bastante do que era.

— Acho que Alexander e Peter vão ser o suficiente para cuidarem da irmã — afirmo.

— Ajuda nunca é demais — Rome retruca.

— Se você diz — comento divertida, pois sei que eles vão fazer da vida de Noah um inferno e sei que eu vou ter prazer em intervi-los quando necessário.

— Finalmente a princesa apareceu... — Andrew atira do outro lado da mesa.

Minha atenção é puxada para Christian, que aparece de cabelo molhado e rosto completamente amassado, assim como eu o deixei quando saí desesperada de seu quarto. Ele está sem camisa, usando apenas uma bermuda de surfista simples que cai bem em seu quadril estreito e firme. Eu tento não encará-lo muito, mas falho.

— A única princesa aqui é você, Andrew — Christian joga, sentando-se ao lado do irmão e na minha frente. Ele me fita suave, fazendo minhas bochechas esquentarem e depois desliza o olhar para Romeo, cerrando o olhar para o mais novo. — Por que você está no meu lugar? — questiona.

— Essa cadeira tem seu nome e eu não sabia? — Romeo pergunta,
NACIONAIS-ACHERON

separando-se de mim e sentando-se despojadamente em seu lugar.

— Não tente descobrir onde colocarei meu nome se não parar de falar assim comigo e não sair do meu lugar — Christian rebate, irritado com seu irmão.

— Crianças, já chega — Pearl os interrompe. — Eu não quero mais nenhuma palavra irritada saindo da boca de vocês, estamos entendidos? Nós vamos conversar depois, Christian — ela avisa por fim.

— Não é culpa minha que esses dois moleques tenham enchido a cara, mãe — Christian trata logo de tentar se defender, mas Seth apenas levanta a mão esquerda.

— Nem mais uma palavra — sentencia.

A mesa finalmente está completa. Na cabeceira da direita, meu irmão está sentado e logo depois está Pearl na fileira da frente, os gêmeos, Noah, Christian e Andrew até chegar na outra cabeceira, onde meu pai está sentado. Mamãe está logo à minha esquerda, à minha direita está Rome e depois dele estão Bennett, tio Simon e tia Spencer. É uma grande família, mas nós nos entendemos. Ainda faltam os pais da Pearl, mas eles tão viajando para Itália, então não puderam fazer parte da nossa comemoração de fim de ano na casa de verão.

Todos começamos a nos servir e logo os garotos iniciam uma conversa animada sobre futebol americano, o que não é uma surpresa. Christian é o único que fica de fora, já que eu sei que ele prefere basquete e surfe. Não é à toa que ele joga no time de basquete da UCLA, faculdade onde estudamos e eu devo dizer que adoro vê-lo jogar.

— Você está bem? — minha mãe pergunta e eu viro o rosto para encará-la.

— Claro, mamãe. Por que eu não estaria? — Sorrio, tentando parecer relaxada, mas a cada olhar que eu recebo de Christian, meu corpo treme.

— Não sei, querida. — Ela sorri de volta e eu seguro sua mão que está em cima da mesa.

— Não se preocupe, eu estou muito bem — afirmo, apenas para tranquilizá-la. Às vezes eu sinto uma preocupação exagerada dos meus pais em relação a mim, como se eu fosse quebrar a qualquer instante, o que é

NACIONAIS-ACHERON

estranho. — Você está linda hoje — comento, puxando um assunto mais tranquilo para nós duas.

— Eu disse a mesma coisa assim que ela acordou — papai se pronuncia e eu sorrio, piscando para ele.

— São os olhos de vocês — mamãe diz, claramente envergonhada. — Meus cabelos brancos estão aparecendo mais e mais e vocês continuam a me chamar de linda...

— Eu gostaria de ficar mais velha assim como a senhora, mãe. Seus cabelos brancos são lindos, assim como você. Não fale mais esse tipo de besteira... — sussurro e ela me fita com os olhos brilhando.

— Eu tenho tanto orgulho de ter uma filha como você — ela diz, apertando minha mão levemente.

— E eu tenho sorte de ter uma mãe como você. — Sorrio abertamente, beijando sua bochecha e pegando um morango da taça à nossa frente.

Encontro Christian nos fitando com um sorriso de lado.

— Oi, Ryle — diz, arqueando uma sobrancelha em desafio.

— Oi, Chris — retruco e a imagem de Christian nu pisca nos meus olhos, deixando-me mais embaraçada do que antes. E se meus pais descobrirem que eu vi Christian pelado? Meu Deus, onde eu vou enfiar minha cara?

— Depois que minha mãe me passar sermão, eu estava planejando em ir à praia. Você quer ir comigo? — indaga, colocando um pedaço grande de melancia na boca.

— Eu acho que a mamãe me disse algo sobre nós duas irmos comprar algumas coisas no supermercado, então eu acho que...

— Seu pai vai me fazer companhia, querida, não se preocupe com isso. — Minha mãe me corta e eu solto um suspiro um pouco alto demais, que chama a atenção de Romeo e o faz rir.

— Parece que você não é mais o preferido da *titia*, irmão — Rome provoca.

— Cala boca, moleque — Christian cospe e me fita sugestivo.

— Tudo bem, mas você vai ter que esperar eu colocar um biquíni — digo, desviando nossos olhares, já que no momento eu estou impossibilitada de encará-lo nos olhos. — Se você não tiver um problema em esperar eu resolver os meus dilemas de cores... — completo, tentando fazê-lo desistir.

— Eu ajudo você, se quiser. Eu nunca tive problema em esperá-la para sair, você sabe — ele retruca seguro como sempre.

O resto do café-da-manhã se passa entre risadas, enquanto tio Simon e Noah entretém toda a mesa. A garota é como uma cópia fiel do pai, a versão feminina mais perfeita que poderia ter saído entre ele e a tia Spencer. Ela é sabe como conseguir tudo que quer e o fato dela ter apenas sete anos, ajuda mais ainda.

Ninguém resiste a nada que ela pede ou fala.

Quando termino de comer tudo que coloquei no meu prato, peço licença e me retiro antes de todos. Entro em casa e vou direto para o meu quarto. O corredor é extenso. Quando meu irmão comprou essa casa, ele disse que queria que todos tivessem um quarto e ainda sobrasse para visitas e assim foi. A casa tem tanto quartos que parece um castelo, para ser sincera. É tudo tão bonito, de bom gosto e aconchegante, que torna impossível não se sentir em casa toda vez que voltamos para esse lugar.

Abro meu guarda-roupas assim que bato a porta do meu quarto e pego alguns dos meus biquínis. Eu estou um pouco mais corada que o normal, eu diria que até um pouco queimada, então eu fico indecisa sobre qual cor de biquíni vai cair melhor em mim nesse momento. Desde criança eu sempre achei divertido escolher a cor do biquíni e isso é como uma tradição entre eu e Christian, já que eu sempre me encontrava em um dilema e ele sempre estava lá para me dizer que cor caía melhor em mim. Contudo, nesse momento eu acho que seria um pouco embaraçoso chamá-lo para me ajudar com o biquíni sendo que há alguns minutos eu o vi sem nada.

“Tudo bem, Ryle. Desencana. Não foi uma grande coisa”, obrigo-me a falar para mim mesma, mas tenho que me corrigir pois infelizmente — ou felizmente, depende de quem vai ser garota ele vai pegar essa noite — aquilo era uma *grande* coisa.

Sem me dar trabalho de pensar muito, escolho um biquíni preto

simples. É um dos meus favoritos e um dos que mais irrita Alexander, Peter, Ben, Rome e Andrew, pois eles dizem que mostra muito, mas não é como se hoje Christian fosse reclamar pela primeira vez desse biquíni. Ele nunca foi do tipo que reclama da minha roupa, somente os outros, o que momentaneamente me deixa feliz por não ter que lidar com a reclamação dos garotos hoje, afinal será apenas eu e Christian.

Tudo bem, nós já fizemos isso um milhão de vezes sozinhos.

Balanço minha cabeça e tiro meu shorts jeans e camiseta, arrancando minha calcinha e sutiã em seguida. Assim que coloco o biquíni preto e o ajusto em meu corpo, vou atrás de um vestido branco praiano simples e termino de me arrumar. Caminho até meu banheiro e escovo meus dentes, aproveitando para prender meu cabelo em um coque.

Volto para o quarto ao mesmo tempo que Christian entra sem bater.

— Vamos? Eu, na verdade, não quero ficar para ouvir minha mãe reclamar por trinta minutos seguidos. — Ele se aproxima e segura minha mão, sem me dar tempo para reclamar. — Já coloquei minhas coisas no carro com água e algumas frutas, já que estamos indo para a área mais reservada da praia — explica.

— Tudo bem... — sussurro.

Assim que eu e Christian estamos no andar de baixo, saímos pela porta dos fundos e vamos pela lateral da casa até seu carro. Eu sei que Pearl ficará bastante chateada por Christian estar saindo sem que eles ainda não tenham conversado, mas não é como se eu pudesse obrigar Christian a ficar. Sendo assim, no momento em que Christian parte, eu encosto minha cabeça na janela e fecho os olhos para relaxar um pouco. Sei que estou fechando os olhos mais por vergonha, mas digo para mim mesma que é para relaxar.

Por todo caminho, Christian e eu não trocamos uma palavra sequer.

— Vamos, babe. Chegamos — ele diz depois de alguns minutos.

Abro meus olhos e finjo um bocejo que faz Christian rir.

Ele me conhece.

Ele sabe que eu estou fingindo.

Saímos do seu carro e ele vem ao meu lado, segura minha mão e

começa a me puxar pelo caminho de pedrinhas que vai nos levar até a praia.

— Você não vai olhar na minha cara? — Christian finalmente fala alguma coisa e eu aperto sua mão. Estou tão nervosa que sinto que minhas pernas podem me deixar a qualquer momento. — Diga alguma coisa, Ryle.

— O que você quer que eu diga? — resmungo, virando meu rosto para o lado contrário de onde ele está. — Eu acho que eu não tenho nada a dizer...

— Você não vai ficar estranha comigo pelo que aconteceu, ou vai? — questiona e eu reviro os olhos. — Vamos, babe, me diga o que está se passando na sua cabeça — pede.

Christian para de andar e me força a fazer o mesmo, puxando-me para perto a uma distância que estamos acostumados a ficar, mas que agora — depois de tanto tempo — parece realmente perigosa. Ele solta minha mão e planta as duas de cada lado do meu quadril, lançando-me um olhar sério e intimidante.

— Foi estanho, tudo bem? — cuspo, chateada por ele estar me fazendo falar sobre o que aconteceu.

— Nós já tomamos banho juntos, babe, não é tão estranho assim... — Um sorriso contido escorre por seus lábios e eu bufo.

— Isso foi há quase duas décadas, Christian. As pessoas crescem e você claramente cresceu, não que eu estivesse... você sabe... encarando. É só que foi difícil não encarar também, tudo bem? — Ele inclina a cabeça para o lado, divertindo-se com meu nervosismo. — Aliás, desde quando você dorme nu? — O empurro para longe, sem esperar por uma resposta e saio andando ao escutar sua risada.

Christian me abraça por trás e me tira do chão, girando meu corpo e fazendo-me relaxar gradativamente.

— Não fique assim, Ryle. Isso vai permanecer apenas entre nós dois, afinal ninguém precisa saber que você me viu pelado...

— Cala a boca! — exclamo, tapando meu rosto com as mãos.

— Em minha defesa, é muito bom dormir pelado. Eu aconselharia você a tentar algum dia desse. — Ele beija meu maxilar. — Agora pare de fazer cara feia, pois eu sou a melhor pessoa que você poderia ter visto pelado. Não

queira imaginar Romeo ou Andrew pelados. O mais novo tem pau pequeno e o do meio tem pau mole, você tirou sorte grande comigo, babe — completa.

Eu não consigo segurar a gargalhada que escapa por meus lábios. Meu irmão e Pearl não deveriam ter deixado Christian com o tio Simon por muito tempo quando suas ideias ainda estavam sendo formadas... eu acho que ele pegou por osmose o ego grande do tio Simon, que não é tão ruim, mas hilário com certeza.

Christian me coloca no chão e me abraça com força, enquanto continuo rindo sem parar. Seguro sua camiseta branca com força, desejando que ele nunca tivesse falado das partes baixas dos seus irmãos. Se Andrew e Romeo souberem que Christian andou falando isso sobre eles, eu tenho certeza que Pearl e Seth terão que parar uma discussão feia.

— Como... Como você sabe *isso* sobre eles? — questiono depois de um longo minuto de riso.

Inclino minha cabeça para fitá-lo, apoiando meu queixo em seu peitoral e observando o sorriso bonito com que ele me presenteia.

— Semana passada eu fui à uma festa com Andrew e eu lembro que no final da noite ele apareceu com uma das bochechas vermelhas e logo após uma garota chegou gritando que “ele não tinha dado conta do serviço” e ele retrucou dizendo que “foi culpa da bebida”, eu apenas tive que ligar os pontos para perceber que meu irmão broxou. Agora, sobre Romeo, há alguns anos eu e Andrew começamos a chamar ele de pau pequeno apenas por diversão, já que você sabe o quão irritadinho aquele moleque é e desde então esse é o apelido dele entre nós três — ele discorre ainda com seu sorriso hipnotizante nos lábios.

— Você e Andrew também não dão uma folga para ele...

— Rome é um problema e ainda nem tem idade para ser tão idiota quanto ele realmente é. Eu e Andrew apenas tratamos de colocá-lo em seu lugar quando o papai e a mamãe não estão por perto — Christian se explica e eu solto um suspiro, entendendo o que ele quer dizer.

— Eu acho que ele apenas não é bem compreendido. Não culpo meu irmão e muito menos Pearl, pois eu sei que eles são pais maravilhosos para vocês três, mas talvez Rome precise de espaço para entender o que se passa

em sua cabeça. — Dou de ombros.

— O papai vive dizendo que Romeo é exatamente como ele era quando tinha essa idade, o que me faz pensar no quão chato meu pai deveria ser... — Christian me tira outra risada e acaba rindo comigo.

— Não chame seu irmão de chato e nem o meu. — Aponto meu indicador em sua cara e ele morde, fazendo-me reclamar entre meu riso. — Você vai me ajudar a surfar hoje? — pergunto, mudando de assunto.

— Você está com sorte hoje, Ryle — ele sorri malicioso e eu reviro os olhos, sentindo minhas bochechas queimarem violentamente —, eu trouxe duas pranchas — completa.

— Eu sou tão sortuda! — exclamo cinicamente, empurrando Christian e me separando dele. — Vamos pegar as coisas no carro... — Aponto para o carro com minha cabeça.

— Pega a cesta com nossa comida e deixe-me levar as pranchas — comanda e eu assinto.

Eu e Christian pegamos tudo que ele trouxe para nós dois e logo fazemos nosso caminho em meio a uma conversa agradável sobre como o dia está bonito e ensolarado hoje. De longe podemos ver como as ondas parecem especialmente grandes e barulhentas hoje, o que me deixa mais ansiosa ainda para tentar aprender a surfar com Christian mais uma vez.

Devo admitir que eu sou o tipo mais difícil de pessoa que se pode existir para aprender a surfar. Eu sou completamente desequilibrada e isso me rendeu muitas quedas e dos tipos mais diversificados possíveis. Até mesmo no meio de pubs eu já caí. Eu sou terrivelmente desastrada, mas espero me sair bem hoje. Christian é paciente, já que ele já tentou me ensinar a surfar, mas eu não conseguia permanecer de pé por nem mesmo um segundo sequer.

— Você tem certeza que quer fazer isso hoje? — Christian pergunta assim que arrumo nosso lugar na areia. Ele coloca uma prancha do lado da outra e começa a tirar sua camiseta. — Poseidon parece estar de mau-humor hoje. — Ele joga a camisa em cima da cesta e se vira para o mar. Christian estende o braço e aponta para as ondas, mas por um momento eu me perco em seu bíceps. — Está vendo o tamanho daquelas ondas? — questiona e eu olho para onde ele está apontando.

Realmente, as ondas estão insanas.

A paisagem está perfeita.

— Você está com medo? Porque eu não estou — alfineto, atraindo seu olhar quase que incrédulo para mim. Puxo meu vestido para cima e fico apenas de biquíni, olhando outra vez para o mar. — Você vai me ensinar ou não? — indago.

— É claro — diz, checando-me de cima a baixo, o que me fazer arquear uma sobrancelha em sua direção. — Mas, que biquíni é esse? — pergunta, franzindo o cenho e eu jogo meu vestido em cima dele.

— Cala a boca, Christian — digo, virando-me de costas para ele.

Estou embarçada e não é pouco.

Solto meu cabelo, deixando no meu braço o elástico que o prendia em um coque. Bagunço os fios, fechando os olhos por breves segundos até ser puxada pela mão por Christian.

— Não vá para longe, tudo bem? Eu não quero perdê-la de vista nem por um momento. Estamos entendidos? — ele pergunta, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha direita.

— Entendidos — afirmo, segurando suas mãos.

— Agora vamos, eu vou te dar algumas lições básicas na areia e depois vamos para o mar — ele comenta e eu aceno positivamente.

Christian se afasta de mim e pega as pranchas, entregando-me uma e começando o caminho para mais perto do mar. Eu o sigo e logo paramos e deixamos as pranchas uma do lado da outra no chão. Christian me ajuda a alongar e não demora muito para que ele comece com suas mil e uma lições. Essa deve ser a quinta vez que ele está me dando essas lições na areia de como se comportar no mar e, dessa vez, eu estou me saindo bem.

Depois de quase meia hora de exercícios e correções, Christian finalmente diz que podemos ir para o mar.

— Já não via a hora desse momento — digo, sorrindo de lado e vendo o sorriso de lado do loiro se formar no canto de seus lábios.

— Vamos ver se você realmente vai conseguir se sair bem dessa vez — Christian brinca. — E não adianta reclamar que está escorregando porque eu

NACIONAIS-ACHERON

passsei parafina nessas pranchas antes de sair de casa — avisa e eu reviro meus olhos.

— Eu odeio você, menino.

Entramos no mar e eu respiro fundo, sentindo a água gelada demais. Por isso eu prefiro vir à praia à noite, quando a água é quente e agradável.

— Você sabe o que fazer? — Christian pergunta, tirando-me dos meus pensamentos e eu assinto. — Então vá na frente, eu estarei te observando aqui — ele me instrui.

A cada passo que dou, a água começa a molhar mais partes do meu corpo. Quando a água está quase passando do meu joelho, faço o que já vi Christian fazer milhares de vezes: deito na prancha e começo a nadar em cima da mesma. No mar é bem mais legal do que na areia, definitivamente. Continuo a nadar e, do nada, Christian aparece ao meu lado.

— Quer tentar ficar de pé? — ele indaga e eu sorrio, acenando que sim. — Vamos pegar uma onda pequena para você tentar — conclui.

Christian me ajuda em cada movimento e me incentiva a cada nova tentativa. Depois de tanto cair e engolir um pouco de água, consigo me equilibrar em cima da prancha e pego uma curta e nada alta, onda. Assim que caio outra vez, levanto os braços e comemoro.

— Já sou profissional, está vendo? — provoco e Christian arqueia uma sobrancelha.

— Absolutamente sim, não é mesmo? Já pode começar a sair para competições — retruca, tão divertido quanto eu.

— Não exagera, Chris. — Pisco para ele. — Podemos ir mais para o fundo? — pergunto e ele faz uma careta.

— Não quero perder você de vista ou qualquer coisa do tipo. Acho melhor ficarmos por aqui, essas ondas são mais que o suficiente para você. — Reviro meus olhos, chateada com ele.

— Mas aqui é sem graça, Christian. Além do mais, eu já sei me equilibrar em cima da prancha, nada vai sair do seu controle — insisto.

— Eu estou dizendo que *não*, Ryle.

Cerro meus olhos, incomodada com seu tom de voz.

— E eu estou dizendo que *sim* — atiro.

Começo a nadar para o fundo em cima da prancha, sem deixar de escutar o protesto irritante de Christian pedindo para eu parar. Se ele quiser ficar, tudo bem, mas eu quero me divertir.

Naquelas ondas não têm diversão nenhuma.

No meio do meu caminho para o local que avisto como meu destino, meus braços pesam. Essa coisa de ficar nadando contra as ondas é realmente esgotante. Eu já me sinto cansada e ainda nem terminei.

Christian continua me chamando e quando levanto meu rosto para me virar para falar com ele, sou acertada por uma onda. A prancha foge de mim, enquanto sou empurrada para baixo pela força absurda da água. Minha visão fica turva, enquanto tento nadar para cima, mas quando eu chego à superfície e consigo puxar o fôlego, sou banhada por outra onda violenta. Meus braços começam a pesar mais ainda e nada além do que o alerta de Christian para eu não me afastar dele invade minha mente. Chego à superfície outra vez e abro minha boca, desesperada por ar, mas em seu lugar vem mais água. Sou nocauteada pela onda, enquanto engulo tanta água que só sinto a ardência em minha garganta antes de apagar.

Contato

Grupo no Facebook:

Heaven Race Livros

Twitter:

@hracewattpad

Wattpad:

@heavenrace

E-mail:

livrosheavenrace@hotmail.com